





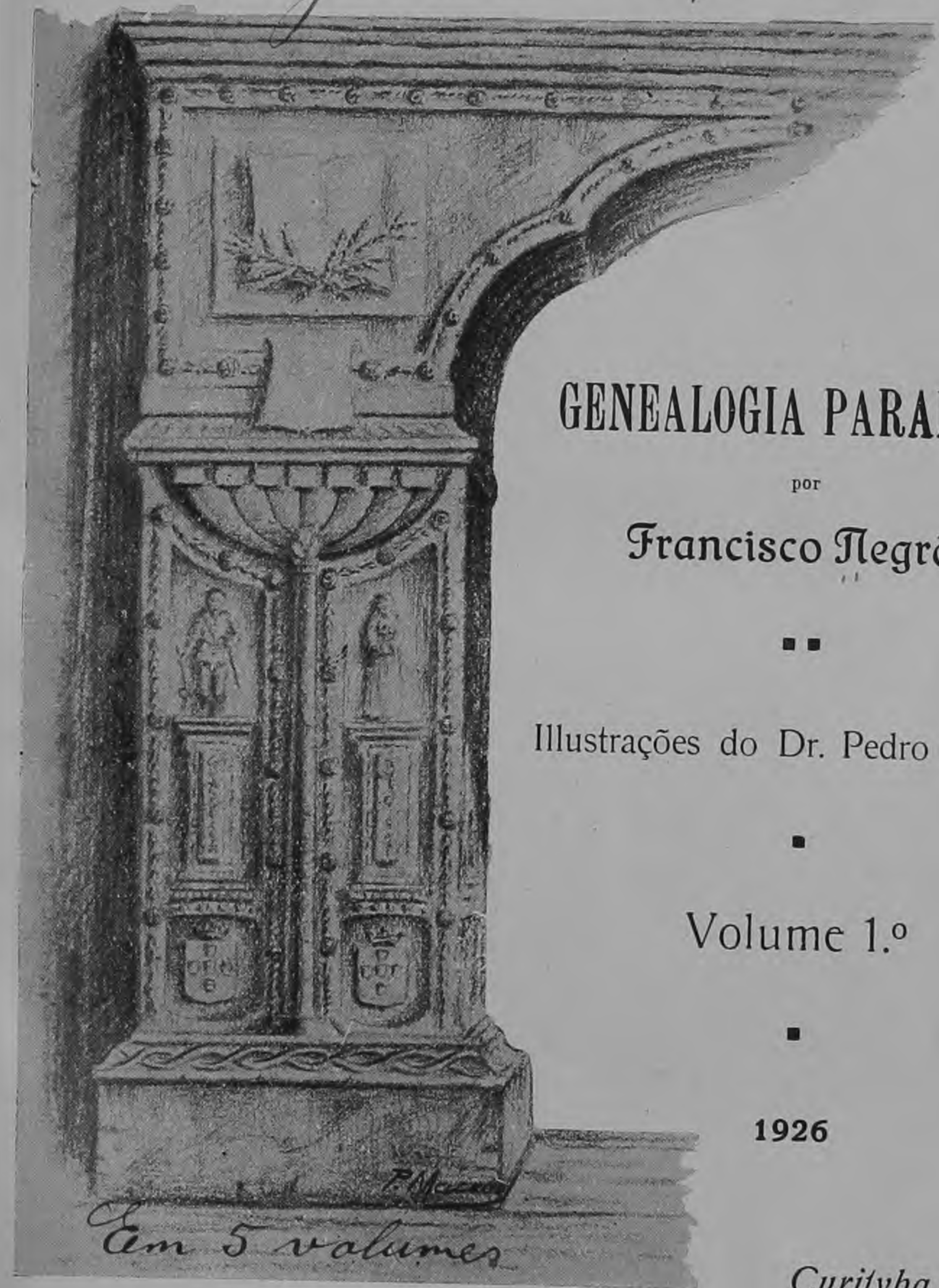








Ao illustre confrade Snr Doutor  
 Americo de Moura, tenho a honra de  
 offercer esta obra. Francisco Negrão.  
 Curitiba 6 de Março de 1928



# GENEALOGIA PARANAENSE

por

Francisco Negrão

■ ■

Ilustrações do Dr. Pedro Macedo

■

Volume 1.º

■

1926

Curitiba

Em 5 volumes

Impressora Paranaense



CS308  
P35 N4  
v.1

Ao Estado do Paraná

ENTREGO

A

GENEALOGIA PARANAENSE

*Francisco Negro*



## DEDICATORIAS

### *A meus Pais*

*Ao meu saudoso Pai, capitão João de Souza Dias Negrão, varão cheio de virtude e bondade, ha trinta e oito annos fallecido, quando a inexperiencia dos meus quinze annos mais exigia o seu exemplo e os seus conselhos;*

*A' minha santa Mãi, D. Maria Francisca da Luz Negrão, prototypo do amor e da dedicação, alma stoica, heroica e resignada, cuja vida dedicou, inteira, ao bem estar de numerosa familia e educação dos seus filhos, — o meu anjo tutelar e companheira de minha vida, cuja morte ainda choro ;*

*dedico este trabalho, fructo de tantas labutas, como tributo de infindas saudades e dolorosas recordações.*

### *A meus Tios*

*Aos meus bondosos Tios, major Ricardo de Souza Dias Negrão, que foi meu segundo Pai, e sua virtuosa Esposa, e minha Tia D. Maria Euphrasia Negrão ;*

*A's minhas saudosas Tias D. Beliza Candida Negrão, minha segunda mãe, e D. Guilhermina Negrão ;*

*o preito sincero de minha saudade.*

*Ao prezado Tio capitão Manoel Cordeiro Gomes e ás suas virtuosas Irmãs e minhas Tias DD. Amelia Gomes de Oliveira e Guilhermina da Luz Gomes ;*

*minha amisade e respeito.*



### *A' minha Esposa*

*A' Esposa dedicada, virtuosa companheira de trinta annos de felicidade e de amor, D. Astrogilda Serra de Sant' Anna Negrão, — a minha querida Gilda — cuja collaboração nesta longa empreza me foi um incentivo e um auxilio indispensaveis ;*

*o meu agradecimento e o meu coração.*

### *A' minha Irmã*

*A' minha meiga Irmã D. Esther Negrão e seu amantissimo Esposo capitão Ricardo Negrão Filho, meu dilecto Primo e Amigo, e a seu galante filhinho, o querido Ricardinho, esperanças de todos nós ;*

*o meu affecto de Irmão.*

### *A meus Amigos*

*A vós, meus Amigos, que acompanhasteis, dia a dia, a elaboração desta "Genealogia Paranaense", constatando o quanto de esforço tenho empregado, nestes 24 annos de recolhimento em que vivo, num trabalho incessante, auxiliado pela esposa amantissima, privando-nos, a ambos, das diversões, em pròl do bom desempenho do encargo a que voluntariamente nos entregamos, dedico este trabalho.*

*Ao esclarecido juizo dos dilectos Amigos Ermelino de Leão e Romario Martins e dos distinctos Amigos e doutos Snrs. Drs. José Francisco da Rocha Pombo, Affonso de Escragnolle Taunay, Doutor Moyses Marcondes e Commendador Benedicto Calixto de Jesus, affeitos a trabalhos de investigações, como insignes historiadores que são, submetto esta obra sem merito, cheia de lacunas e de imperfeições, mas que representa um esforço e uma resolução firme, sincera e desinteressada. Todo áquelle que tem percorrido os desmantelados Archivos e Cartorios, em busca de dados necessarios a seus estudos, ou que tem recorrido as diversas fontes para obter qualquer informação, bem pode avaliar a somma de difficuldades com que luta quem pretenda escrever um estudo genealogico ; difficuldades a que se veio alliar a minha incompetencia litteraria, ainda mais aggravada por uma fatal e quasi completa cegueira. Todas essas derimentes dão-me a esperança de obter a justificação das falhas que naturalmente affeiam este trabalho. Terminando direi como Augusto de Lima :*

*"Por mais que esta muza esprema  
Não posso dar-te um poema,  
Mas, eu tenho um bom systema  
Dou o que posso, não é ?  
Não posso dar-te um poema  
Dou-te então, um triolet."*



## Introdução

---

*« Posto que outros melhor que eu possam fazer, não deixarei de o que souber dizer, assim como eu melhor poder, ainda que para o bem contar e fallar, o saiba peor que todos fazer. »*

PEDRO VAZ CAMINHA, Carta a D. Manoel I.



OR vezes temos tido oportunidade de recusar generosos e espontaneos auxilios para a publicação desta obra. Queriamos ter o prazer de dal-a á publicidade com recursos proprios, que nunca conseguimos reunir. Não era um orgulho que nos movia e sim o desejo de não sermos pezados a ninguém, e muito menos ao nosso Estado natal.

Hoje, que nos vemos ameaçados de completa invalidez, resolvemos aceitar o nobre e generoso auxilio, que os Poderes Publicos nos offerecem, para levar a termo esta empreza que tomamos a hombros.

A todos agradecemos de coração o nobre gesto que tiveram para connosco, e muito principalmente aos Benemeritos Snrs. Dr. Caetano Munhoz da Rocha, dignissimo Presidente do Estado, Dr. Marins Alves de Camargo, Vice-Presidente e Dr. João Moreira Garcez, digno Prefeito Municipal de Curityba.

Não tivemos, ao escrever este desvalioso trabalho, outro intuito senão o de relembrar os feitos gloriosos desses valorosos e abnegados desbravadores das terras que formam o nosso querido — Paraná. Não nos animou o desejo de investigar purezas de sangue, de raças, nem divergencias de religiões; tão pouco a existencia ou não de retumbantes titulos nobiliarchicos ou de conselhos. O nosso fim foi todo outro. Procurando investigar quaes foram os povoadores de nossa terra, interessou-nos saber quaes os seus ascendentes e descendentes. Curiosidade natural a todo o investigador.



Entendemos que escrever um estudo genealógico, desacompanhado dos factos históricos que se prendam aos personagens a elles ligados, sem salientar a salutar influencia que cada um tenha nos acontecimentos que se desenrolaram, e dos quaes foram participantes e muitas vezes protagonistas, é escrever obra incompleta, arida e destituida de interesse.

Assim pensando, resolvemos iniciar o nosso trabalho com uma parte historica do nosso querido Paraná, por onde se possa melhor avaliar do valor da acção patriótica, civilisadora e dignificante, ao mesmo tempo que tão cheia de canceiras, tão desprovida de conforto, desses povoadores destemerosos e audazes, desses intrepidos bandeirantes, pioneiros gloriosos do nosso progredimento, que foram os nossos antepassados, aos quaes rendemos o tributo de admiração e respeito.

Não cabe nos limites deste trabalho, tratarmos dos feitos de Colombo e de seus companheiros de jornada — os irmãos Martim e Vicente Pinzon, no descobrimento da America, a 12 de Outubro de 1492; tão pouco trataremos da descoberta do Brasil, por Pedro Alvares Cabral.

A outro, que não a nós, em obra de mais folego, cabe narrar as gloriosas e brilhantes descobertas maritimas dos seculos XV e XVI, que tanto illustraram Portugal.

Tomaremos para nosso ponto de partida, a resolução de D. João III, de dar inicio á colonização e povoamento do Brazil, para cuja empresa designou, por Carta Regia de 20 de Novembro de 1530 a Martim Affonso de Souza, fidalgo de sua côrte.



## MEMORIA HISTORICA PARANAENSE

### Capitanias Hereditarias

S. AMARO

PRIMEIRA PARTE

I

#### Dos Bandeirantes aos Colonisadores



Martim Affonso de Souza confiou El-Rey o Commando da importante expedição, composta de cerca de 400 homens, em cujo numero se contavam familias inteiras, das principaes de Portugal, que embarcaram em poderosa esquadra de 5 vellas, composta das duas naus — a Capitanea e a S. Miguel —, o galeão S. Vicente e as caravellas Rosa e Princeza.

Martim Affonso, armado de poderes extraordinarios e discrecionarios, partiu com sua frota, do Tejo, no dia 3 de Dezembro de 1530.

2 — A 30 de Janeiro de 1531 defrontou a frota o cabo de S. Agostinho, onde aprisionou 3 naus francezas, uma



das quaes fez partir para Lisbôa a dar noticias do feito e da sua chegada a S. Vicente. Em seguida levantou ferros em demanda da Bahia do Rio de Janeiro, onde se demorou de Abril a Agosto, tempo preciso para reparar as embarcações e dar descanso á tripulação, exausta de penosa e afanosa viagem.

3 — Em começo de Agosto levantou ancoras e rumou ao sul, aportando em Cananéa a 12 de Agosto de 1531, depois de haver tocado em Sepitiba, Angra dos Reis, S. Sebastião e outros portos.

## II

### O encontro com homens civilizados

1 — Grande foi a surpresa e satisfação de Martim Affonso de Souza ao ver nas praias de Cananéa, homens que, logo á primeira vista, reconheceu serem civilizados, apesar de estarem semi-nús, e armados á moda dos indigenas, em cuja companhia viviam. Eram elles — Francisco de Chaves, Antonio Rodrigues, Duarte Peres — o bacharel, e João Ramalho, os quaes vieram logo ao encontro da expedição recém-chegada, portadora, nas vergas de suas embarcações, do glorioso pavilhão lusitano.

2 — A satisfação foi ainda maior quando se verificou serem todos — subditos da mesma Patria, a grande nação Portuguesa, pois que, aquelles habitantes de Cananéa eram naufragos de passadas expedições, e que viviam entre os indigenas ha muitos annos e com elles constituiram familias.

3 — Duarte Peres — o bacharel, e Francisco de Chaves informaram a Martim Affonso que no paiz havia ouro e prata em abundancia tal, que si lhes dessem alguns homens resolutos, com elles se embrenhariam pelo sertão, se compromettendo a voltar no prazo de 10 mezes, trazendo 400 indigenas escravizados, carregados desses preciosos metaes.

4 — Martim Affonso fez desembarcar em Cananéa os homens que se destinavam a formar o primeiro nucleo colonizador do Brasil, com suas respectivas familias, e, ardendo de cubiça, sedento, diante das noticias das fabulosas riquezas que lhe acenavam os moradores da terra, organizou uma expedição militar commandada por Pedro Lobo,

composta de 80 homens d'armas, sendo 40 besteiros e 40 espingardeiros, tendo por guia o proprio Francisco de Chaves. Esta expedição partiu rumo do sertão a 1.º de Setembro, ao som retumbante do clarim marcial, cheia de promissoras esperanças, sem calcular o fim desastroso e funesto que a esperava.

5 — Martim Affonso, por sua vez proseguiu em sua derrota para o sul, até Maldonado e Rio da Prata, tendo o cuidado de ir tomando posse, em nome da Côrte Lusitana, das terras onde aportava, collocando por toda parte marcos e padrões, com as Armas portuguezas, symbolos de posse e dominio.

6 — Um desses marcos foi descoberto em Cananéa, a 16 de Janeiro de 1767, pelo intrepido e valoroso soldado T.º C.º Affonso Botelho de Sampaio e Souza, quando procurava local proprio para a edificação da fortaleza.

## III

### A primeira expedição atravez do territorio Parananiano.

1 — A expedição de Pedro Lobo, guiada por Francisco de Chaves, de Cananéa tomou rumo para o sertão parananiano, passando pela Serra Negra e, provavelmente, pelas proximidades de Curityba, com rumo á Fóz do Iguassú, talvez seguindo o curso do Rio Iguassú. A intrepida comitiva levava o objectivo visivel de extrahir ouro e prata nas minas do Perú, já por essa epoca conhecidas dos indigenas. Só a fama dessas prodigiosas riquezas é que poderia leval-a a atravessar sertões inhospitos e bravios, de mais de mil kilometros de extensão, até então não palmilhados por entes civilizados.

2 — Foram os expedicionarios de Martim Affonso os primeiros exploradores do territorio paranaense e, por sua vez, as primeiras victimas que nesse territorio succumbiram á sanha dos indigenas.

Infelizmente a expedição não deixou um roteiro de sua marcha, nem jamais se communicou com os colonos de Cananéa, de forma que, ficou sempre ignorada a sua



travessia que, forçosamente, teria de ser demorada e por demais penosa.

3 — Segundo narrou o Adelantado do Prata, D. Alvaro Cabeza de Vacca, quando fez sua grandiosa travessia de S. Catharina, atravez do Paraná, em direcção ao Paraguay, passando pela Fóz do Iguassú, ali ouviu dos indigenas a narração de que nas margens do Rio Iguassú, proximo á sua barra no Rio Paraná, — «haviam succumbido os portugueses mandados por Martim Affonso aos golpes dos indigenas, no momento em que atravessavam o rio em canôas; sem que nenhum delles podesse dar noticias do succedido» —. Por essa forma se explica o mallogro da expedição, cujo insuccesso foi completo.

#### IV

##### Nos mares do sul

1 — Proseguiu Martim Affonso a sua derrota para o sul, em direcção ao Rio da Prata, com a gente de sua frota, deixando parte della em S. Vicente, ao mando de seu irmão Pedro Lopes de Souza.

2 — Na entrada do Rio da Prata forte temporal desarvorou sua esquadra, fazendo sossobrar a nau capitanea, em cujo bordo se achava Martim Affonso que, por pouco, não foi victima desse naufragio.

3 — Pedro Lopes, ao ter noticias do occorrido, partiu em soccorro do irmão com algumas embarcações de seu mando. Chegado que foi ao Rio da Prata, recebeu ordem de Martim Affonso para explorar os Rios da Prata e Paraná, em seu grande percurso até acima de sua confluencia com o Rio Uruguay e Iguassú, o que fez com felicidade, tomando posse e dominio das terras percorridas para a Corôa Lusitana.

4 — Desempenhada essa missão, de uma tão grande importancia futura, voltou a esquadra a S. Vicente, onde Martim Affonso recebeu a infausta noticia do tragico fim da gente que mezes antes tão promissoras esperanças despertara, quando partira ao mando de Pedro Lobo e guiada por Francisco de Chaves, em busca de riquezas fabulosas.

#### V

##### Passagem em Paranaguá

1 — Na volta do sul a esquadra lusitana aportou a Paranaguá, cuja bahia fora por essa forma conhecida e explorada.

Foi assim o territorio Paranaense visitado, percorrido e explorado por tres pontos diversos pela expedição de Martim Affonso de 1531 a 1532. E o que é mais de admirar é o facto de ter sido a Fóz do Iguassú o ponto visado pelas duas primeiras expedições: a de Pedro Lobo, por terra e a de Pedro Lopes de Souza por agua, subindo o Rio da Prata e Paraná até sua confluencia com o Rio Iguassú. Não cremos que tenha havido, com isso, mera casualidade.

2 — A Fóz do Iguassú foi propositadamente procurada. Não houve acaso, e tanto é assim que D. Alvaro Cabeza de Vacca, Adelantado do Paraguay, sahindo de S. Catharina, se dirigiu, por terra, via Paraná, a tomar conta de seu cargo, em 1540, e tambem ali tocou, como logo narraremos.

E' um ponto a investigar, e que talvez traga grande interesse, a descoberta das nossas riquezas mineraes. Provavelmente os indigenas carijós, que habitavam as costas de Cananéa até S. Catharina, e conheciam vastas riquezas nessa direcção, tivessem informado os colonizadores, do local dellas.

#### VI

##### Os primeiros povoadores

1 — Martim Affonso, regressando a S. Vicente, tratou de regularizar a situação dos colonos que trouxera em sua companhia, procurando legalizar-lhes a situação futura. De accordo com os discrecionarios poderes de que veio investido, concedeu cartas de sesmarias de terras a todos os que se destinavam á cultura dellas, formando assim o primeiro nucleo de colonos do Brasil, com parte da nobreza portugueza, entre a qual se contava Pedro de Góez, fidalgo e cap.<sup>m</sup> governador de Justiça; Francisco Pinto, cavalheiro



e fidalgo; Ruy Pinto, cavalheiro da Ordem de Christo; Luiz de Góez, fidalgo da casa de El-Rey, etc. Naturalmente, representantes de casas de fidalguia já arruinadas e que com suas famílias vieram procurar nas terras virgens da America á restauração das suas finanças avariadas. Nem todos os colonizadores seriam fidalgos.

2 — O que é certo, porém, é que os nossos primeiros povoadores foram homens de certa cultura intellectual e moral. Sabiam ler e escrever e os actos do conselho, de que foram membros, como todos os actos de que nos dão noticias os seus escriptos, demonstram, cabalmente, esta verdade incontestavel. Exerceram com elevação de vistas, criterio e honestidade «os cargos da Republica», e legaram a seus descendentes nomes honrados e respeitados, de que estes se orgulhavam. Muito frequentes foram as justificações produzidas em juizo, provando que «seus antepassados pertenceram ás principaes familias, de nobreza provada, sem sangue de mouro ou outra infesta nação — nem tão pouco de christão novo» — e que nunca exerceram os officios de mechanicos, e que viviam servidos por seus escravos, administrados ou jornaleiros.

3 — Os usos e costumes dos primeiros colonos demonstraram a maior moralidade e integridade de caracter. O casamento era a regra geral de cada um. Ahi estão os Livros de registros de casamentos, nascimentos e obitos, guardados carinhosamente pelos representantes da Igreja Catholica, patenteando essa verdade.

Os proprios escravos e «homens do gentio da terra», administrados pelos conquistadores, seguiam o bom exemplo de seus senhores e accorriam á igreja a contrahir seu matrimonio, entre si, afim de manter uma descendencia legitima.

4 — Os testamentos que, nessa epoca, eram feitos obrigatoriamente, por todos os que se julgavam em perigo de vida, constituem importantes repositórios historicos dos habitos e costumes dessa epoca. Nelles o testamenteiro recommendava sua alma a todos os santos de sua particular devoção; fazia seus legados pios, solicitava innumeras licções de missas por sua alma e outras pelas das pessoas fallecidas de sua amisade; declarava seu nome e filia-

ção, naturalidade e estado civil, o nome de seus filhos, etc. Nomeava seus testamenteiros, aos quaes dava suas instruções sobre os legados; declarava suas dividas e relacionava os seus devedores. Não era então adstricto unicamente aos ricos e poderosos, o uso de fazerem seus testamentos. Todos invariavelmente o faziam, homens como mulheres, por mais pobres que fossem, e quando não o faziam, na occasião do inventario commummente vinha a declaração — de que deixavam de o fazer por terem fallecido repentinamente ou por outro motivo identico.

Dahi a razão por que é possível, ainda hoje, estudar os seus habitos e costumes, com mais precisão do que se poderá realizar quanto aos nossos contemporaneos.

## VII

### Os poderes de Martim Affonso

1 — Entre os grandes poderes concedidos a Martim Affonso de Souza, pelas Cartas Regias de 20 de Novembro de 1530, nomeando-o capitão-mór d'armada enviada ao Brasil, se achavam os de administrar as terras descobertas e por descobrir, regularizando os actos da justiça, e os casos civis e crimes, com direito de dar sentenças, inclusive as de penas de morte sem appellação ou agravo de suas sentenças, salvo contra fidalgos, aos quaes só poderia remetter presos para Lisbôa. Podia tambem conceder datas de terras de sesmarias a quem dellas necessitasse.

2 — As noticias chegadas á metropole, das explorações realizadas no Brasil, e das esperanças de grandes descobertas de minas de ouro e prata, provocaram grandes alvoroços e regosijos em Portugal. Todos se propunham a emigrar para o Brasil, em busca das promettidas riquezas.

3 — El-Rey D. João III procurou estimular a Martim Affonso de Souza e a seu irmão Pedro Lopes de Souza, concedendo-lhes honras e extraordinarios privilegios e regalias jamais concedidas até então a outrem.



### VIII

#### As Capitánias de S. Vicente e S. Amaro.

1 — Por Carta Regia de 28 de Setembro de 1532, escripta de seu proprio punho, El-Rey D. João III dá sciencia a Martim Affonso, que — «depois de sua partida para o Brasil algumas pessoas lhe requereram capitánias, com o fim de povoar toda a costa, mas que não desejava fazer cousa alguma, esperando a sua volta, para com suas informações fazer o que bem parecesse, escolhendo nessa divisão, elle Martim Affonso, a melhor parte para si.»

Aconteceu porém, diz El-Rey, ter sido informado que «em alguns lugares estavam já — fazendo fundamentos — de povoar a terra do Brasil, e que considerando no trabalho que haveria em lançar fóra a gente que a povoaasse, depois de estar assentado na terra, e ter nella feito alguma força, (como já em Pernambuco começaram a fazer, segundo informação do Conde de Castanheira) determinei de mandar demarcar de Pernambuco até o Rio da Prata, 50 leguas de costa a cada Capitania e antes de se dar a alguma pessoa mandei apartar para vós 100 leguas e para Pero Lopes, vosso irmão, 50 nos melhores limites dessa costa, por parecer de pilotos e de outras pessoas de quem só o Conde por meu mandado informou; como vereis pelas doações que logo mandei fazer para vos enviar, e depois de escolhidas estas 150 leguas de costa para vós e para vosso irmão, mandei dar a algumas pessoas que requeriam, capitánias de 50 leguas cada uma; com a obrigação de levarem gente e navios á sua custa, etc.»

2 — Martim Affonso ao receber esta carta apressou sua projectada viagem a Lisbôa, por ter percebido que D. João III desejava ouvil-o na partilha territorial da costa brasileira. Em principios de 1533 partiu para Portugal, deixando no Brasil como seu lugar tenente a Gonçalo Monteiro.

3 — Só depois de sua chegada á Metropole é que foram passadas as Cartas Regias de Donatarias ou de Capitánias a que se referia a carta de D. João III.

Eis a Carta Regia, doando a Capitania de S. Vicente a Martim Affonso de Souza:

4 — Carta Regia de 6 de Outubro de 1534, fazendo doação da *Capitania de S. Vicente*.

D. João, etc.: Hei por bem e me praz de lhe fazer (a Martim Affonso) como de feito por esta presente Carta faço mercê e irrevogavel doação entre vivos, valedores deste dia para todo o sempre, de juro e herdade para elle e para todos os seus filhos, netos, herdeiros e successores que apoz elle vierem, assim descendentes como transversaes, e os lateraes, segundo adiante éra declarado, de 100 leguas de terra, na dita costa do Brasil, repartidas desta maneira: 55 leguas que começarão de 13 leguas ao norte de Cabo Frio e acabarão no Rio de Curupacé, e no dito cabo Frio começarão as ditas 13 leguas ao longo da costa para a banda do norte, e no cabo dellas se porá um padrão das minhas armas, e se lançará uma linha pelo rumo de Noroeste até a altura de 23 graus; e desta dita altura se lançará outra linha que corra directamente a sueste; e se porá outro padrão da banda do norte do dito rio Curupacé; se lançará uma linha pelo rumo do noroeste até a altura de 23 graus, e desta altura cortará a linha directamente a sueste; e as 45 leguas que fallecem começarão do Rio S. Vicente e acabarão 12 leguas ao sul da Ilha de Cananéa, e ao cabo das ditas 12 leguas se porá um padrão, e se lançará uma linha que vá directamente a leste do dito Rio de S. Vicente, e no braço da banda do Norte se porá um padrão e lançará uma linha que corra directamente a sueste.

E serão do dito Martim Affonso de Souza quaesquer ilhas que houver até 10 leguas ao mar na fronteira e demarcação das ditas 100 leguas, as quaes se estenderão e serão de largo ao longo da costa e entrarão pelo sertão e terra firme a dentro tanto quanto poderem entrar e fôr de minha conquista: da qual terra e ilha pelas sobreditas demarcações, assim lhe faço doação e mercê de juro e herdade para todo o sempre, como dito é, e quero e me praz que o dito Martim Affonso e todos os seus herdeiros successores, que a dita terra herdarem e succederem, se possam chamar e chamem Capitães e Governadores dellas.» —

5 — Carta Regia de 1.º de Setembro de 1534 fazendo doação da — *Capitania de S. Amaro*:



D. João por graça de Deus, etc.: A quantos esta minha Carta virem, faço saber, que considerando eu quanto serviço de Deus e meu proveito e bem de meus Reinos e senhorios, dos naturaes e subditos delles, é ser a minha costa e terras do Brasil mais povoada, do que até agora foi, assim para se nella haver de celebrar o culto e officios divinos, e se exaltar a nossa Santa Fé Catholica com trazer e provocar nella os naturaes da dita terra infieis e idolatras, como pelo muito proveito, que seguirá a meus Reinos e senhorios, e aos naturaes e subditos delles, em se a dita terra povoar e aproveitar:

Houve por bem de mandar repartir e ordenar em Capitánias de certas leguas, para dellas prover aquellas pessoas que me parecesse e pelo qual havendo eu respeito á criação que fiz Pedro Lopes de Souza, fidalgo da minha caza, e aos serviços que me tem feito e ao diante espero que me faça e por folgar de lhe fazer mercê, do meu Proprio-motu, certa sciencia, Poder Real e absoluto sem me elle pedir nem outrem por elle:

Hei por bem e me praz de lhe fazer mercê, como de feito por esta presente carta faço mercê e irrevogavel doação entre vivos, valedora deste dia para todo o sempre, de juro e herdade para elle e todos os seus filhos, netos, herdeiros e successores, que apóz d'elle vierem, assim descendentes, como transversaes e collateraes, segundo adiante irá declarado, de 80 leguas de terras na dita costa do Brasil, repartidos nesta maneira: — 40 leguas, que começará 12 leguas ao sul da Ilha de Cananéa, e acabarão na — terra de Sant'Anna, que está em altura de 28 graus e um terço; e na dita altura se porá padrão e se lançará uma linha que corra a leste, 10 leguas que começarão no Rio de Curupacé, e acabarão no Rio de S. Vicente; e no dito Rio Curupacé, da banda do norte se porá padrão e se lançará uma linha pelo rumo de noroeste até a altura de 23 graus; e desta dita altura se cortará a linha directamente a sueste; e no Rio de S. Vicente, da banda do norte será outro padrão; e se lançará uma linha, que corte directamente a sueste; e as 30 leguas que fallecem, começarão no rio que cerca em redondo a Ilha de Itamaracá, ao qual rio eu ora puz o nome de Rio de Santa Cruz, e acabarão na Bahia da Traição, que

está em altura de 6 graus, e isto com tal declaração que a 50 passos da casa da feitoria, que de principio fez Christovão Jacques pelo rio a dentro ao longo da praia, e porá um padrão de minhas armas e do dito padrão se lançará uma linha que cortará a sueste pela terra firme a dentro, e a dita terra da dita linha para o norte será do dito Pedro Lopes e do dito padrão pelo rio abaixo, para a barra e mar ficará assim mesmo cõ elle dito Pedro Lopes, a metade do dito rio Santa Cruz, da banda do norte, e será sua a dita ilha de Itamaracá e toda a mais parte do dito rio de Santa Cruz, que vae ao norte; e bem assim serão suas quaesquer outras ilhas, que houver, até 10 leguas ao mar na fronteira e demarcação das ditas 80 leguas. As quaes 80 leguas se estenderão e serão de largo ao longo da costa, e entrarão pelo sertão e terra firme a dentro, tanto quanto poderem entrar e forem de minha conquista, a qual terra e ilhas, pela sobredita demarcação lhe faço doação e mercê de juro e herdade para todo o sempre como dito é. E quero e me praz, que o dito Pedro Lopes e todos os seus herdeiros e successores, que a dita terra herdarem e succederem se possam chamar e chamem Capitães e Governadores dellas.» —

6 — Tanto Martim Affonso de Souza como seu irmão Pedro Lopes de Souza só receberam as Cartas de Donatarias de S. Vicente e S. Amaro quando se achavam em Lisbôa e não lograram voltar ao Brasil. Ali receberam ordens de se aprestarem a cumprirem nobilitante missão militar na Asia, onde se cobriram de novos louros que reverteram em favor de sua nobre Patria, a gloriosa nação portugueza.

Pedro Lopes que procurou em 1539 regressar ao Brasil para se por á testa de sua Capitania, falleceu nessa viagem em consequencia do naufragio da nau em que viajava.

Esse fatal acontecimento contribuiu para o retardamento do progresso da Capitania de S. Amaro, pelo menos na parte conhecida sob o nome de — Terra de Sant'Anna — que comprehendia as 40 leguas de terras que começavam 12 leguas ao sul de Cananéa e terminavam na altura de 28 graus e um terço — isto é todo o littoral dos actuaes Estados do Paraná e de Santa Catharina, regiões



estas também chamadas terras dos Carijós, pois do sul de Cananéa até a Laguna era justamente o habitat dessa nação indígena.

7 — Até 1640, ficou a Capitania de S. Amaro ao abandono, e sem ser povoada ou colonizada a não ser — pelos Carijós que algumas vezes foram atacados e escravizados, em parte, por bandeirantes ou piratas marítimos, no geral vindos da Capitania de S. Vicente. De Cananéa a Laguna não havia, até essa época, povoação alguma, de europeus.

## IX

### O Estreito de Magalhães

1 — Após a descoberta do Brasil, foi o paiz descuidado durante 30 annos, o que contribuiu para as disputas e descobertas ao sul do Rio da Prata por parte dos Castelhanos, que tanto mal nos ocasionaram no futuro. As disputas entre as Corôas Luzitana e de Castella, aguçaram as cubiças de outras nações. As incursões dos holandezes ao norte, dos francezes ao centro e dos castelhanos ao sul, foram o resultado da incuria da metropole, deixando ao abandono as suas conquistas da America. Quanto sangue se pouparia, quanto sacrificio e quanto dispendio se evitariam si Portugal tivesse feito povoar sem delongas ao menos os principaes portos marítimos do Brasil?!

2 — Deixemos o norte e tratemos do sul por se ligarem os factos a este trabalho.

A Hespanha incumbiu aos distinctos pilotos Vicente Pinzon e João Solis de dilatarem as novas descobertas portuguezas, do Rio da Prata ao sul, e de se apossarem das terras descobertas para a Corôa Castelhana.

3 — O estreito de Magalhães foi descoberto em 1520 pelo navegador portuguez Fernão de Magalhães, que com isso encontrou a passagem marítima ligando o Oceano Atlantico ao Oceano Pacifico. Portugal não deu a este feito a importancia que era de esperar; e tanto é assim que, logo depois, as terras comprehendidas entre essa passagem e o Rio da Prata passaram a pertencer á Hespanha.

O achado de Magalhães constituiu um acontecimento de grande alcance politico e commercial, e é de admirar que Portugal não tivesse tirado delle toda a vantagem possivel.

4 — Si Portugal se houvesse apossado em 1520 dessas conquistas, o Brasil se estenderia hoje até ao extremo do limite meridional da America do Sul, attingindo parte dos territorios banhados pelo Oceano Pacifico.

5 — O que Portugal não fez então, fel-o a Hespanha; conquistou o sul da America e, mais tarde, povoou com os homens de sua nobre raça os territorios que constituíram a Argentina, Chile, Perú, Bolivia, Paraguay, Uruguay, e, mais ao norte, Venezuela, Colombia e Equador, sem falar das Republicas da America Central.

6 — Não fossem os intrepidos Bandeirantes, e, teriamos sido conquistados pelos hespanhoes, das linhas divisorias do Paranapanema — Itararé — Ribeira até ao Rio da Prata. Pouco faltou para que esse empreendimento fosse conseguido.

Com o auxilio dos Jesuitas formaram o Adelantado e o Bispado do Paraguay, e, por meio de habil catechese, conseguiram attrahir os indios Guaranys ás diversas reduções que crearam, aldeando em diversos pontos dezenas e quiçá centenas de milhares de indios, que catechizavam e traziam á civilização. O que foram essas reduções diremos em outro capitulo.

7 — Era natural o contraste entre a actividade dos hespanhoes e a indecisão do governo portuguez.

8 — Portugal se contentava em conceder vastos territorios ou Capitánias, ao longo da costa, a Donatarios, sem os precisos recursos para colonizal-as. A Hespanha, pelo contrario, formava o Vice-Reinado do Prata e o Adelantado do Paraguay e fazia povoar e explorar os vastos sertões até o Perú, em toda a latitude corresponde ás suas possessões marítimas.

9 — Por tudo isso chegamos ao seguinte absurdo: Emquanto que Portugal das suas possessões na America do Sul, no seculo 19, só podia legar ao mundo uma unica Patria onde se fala o Portuguez — o Brasil; no mesmo hemispherio e na mesma época, se organizavam 8 Republicas, onde se falava o hespanhol, afóra as republicas da America Central. Dahi a preponderancia da raça hespanhola sobre a portugueza, na America do Sul.



10 — Mas, si por parte dos Governos dessas duas nações se dava esse contraste de actividade, em relação aos negocios da America, contraste em detrimento de Portugal; por felicidade, occurria justamente o inverso na actividade, no patriotismo, no espirito de ordem e de respeito dos portuguezes que vieram povoar as conquistas da America. Emquanto que os luso-brasileiros trabalhavam sem rivalidades, sem solução de continuidade pelo progresso e engrandecimento do Brasil, apesar do descuido da metropole, palmilhando — o *hinterland brasileiro*, «operando prodigios em explorações de todo o systema orographico e potamographico, os colonizadores castelhanos agitavam-se (em contraste com as deligencias de seu governo) em rivalidades, quasi sempre oriundas de falsos principios religiosos, nascidos de preconceitos theologicos ensinados e pregados pelo fanatismo implantado pelo clero ou antes pelo jesuita, cuja maxima era — dividir para governar.»

11 — A metropole, por muitos annos, impediu o desenvolvimento commercial e industrial do Brasil. As proprias industrias annexas á lavoura eram perturbadas pelas autoridades, receiosas da concurrencia que a colonia pudesse causar a Portugal.

## X

### O Adelantado do Prata

1 — D. Alvaro Nunes Cabeza de Vacca, fidalgo da côrte de Hespanha, foi, por seu Governo, nomeado a 2 de Novembro de 1540 para o elevado cargo de Adelantado do Prata, constituido pelos povos que formavam as diversas possessões hespanholas da America meridional. Fez-se a vela com sua esquadra composta de 2 náus e uma caravella, trazendo sob seu commando 400 soldados, dos quaes 50 de cavallaria, completamente equipados e montados.

2 — Depois de terriveis peripecias de viagem, aportou a esquadra na Ilha de S. Catharina, onde desembarcaram, tomando della posse para a Corôa Hespanhola, sem respeitar a posse anteriormente feita por Martim Affonso de Souza, que ali firmara os marcos com as armas lusitanas.

3 — Cabeza de Vacca ordenou a sua esquadra que, com parte dos homens de que se compunha a expedição, tomasse o rumo de Buenos Ayres; o restante, composto de 250 homens, inclusive a cavallaria, sob a sua direcção, marchou por terra com destino a Assumpção.

4 — Primeiramente fez a viagem ao longo da costa até S. Francisco, d'onde tomou a direcção dos pontos que mais tarde deveriam formar as cidades de S. Bento, Rio Negro, Lapa, Palmeira e Ponta Grossa, até as margens dos Rios Tibagy e Taquary. Durante 19 dias marchou por florestas deshabitadas, chegando a primeira aldeia Guaraní, onde encontrou roças de milho, de mandioca, batatas doces de tres qualidades, que serviram para lhe abastecer a tropa. Ahi encontraram abundância de pinhão, farinha, mel de abelhas, caças e aves diversas, que pagaram a preço generoso, captando a confiança e sympathia do gentio, por essa forma. A primeiro de Dezembro de 1541 chegou a expedição ao Rio Iguassú. A 14 se encontrou novamente nos mattos e taquaraes, que lhe difficultavam a marcha e só a 19 delles se livrou.

5 — Causou admiração a Cabeza de Vacca o extraordinario tamanho das nossas araucarias, que declara serem duas vezes mais altas que o pinheiro da Europa. Em grossura, diz elle, quatro homens não lhes abraçam o tronco.

6 — Guiados pelos indigenas, marchou ao longo do Rio Iguassú até sua Fóz, no Rio Paraná.

7 — Pelas informações dos indigenas, teve o Adelantado conhecimento do fim tragico dos homens da expedição de Pero Lobo, mandada em 1531 por Martim Affonso em busca das riquezas fabulosas promettidas por Francisco de Chaves. Todos succumbiram traiçoeiramente aos golpes desferidos pelos Guaranys, quando, despreoccupados, tripulavam frageis canoas, em aguas do Iguassú, nas suas revoltas cachoeiras.

8 — Quando pensaria Francisco de Chaves, que perto de 30 annos vivia entre os selvagens em Cananéa, que o seu primeiro encontro com os homens de sua raça, seria a causa de sua morte?! Elle que, por tantos annos viveu entre os indigenas, sempre respeitado e acatado, mal pensaria que, em vespas de regressar á Patria,



desejo que tanto anhelava, succumbiria nas mãos dos índios, em cuja companhia passara todo seu tempo! O destino tem muita força!

9 — Receioso o Adelantado de que lhe estivesse ali reservada igual sorte, resolveu dividir as suas forças em duas partes. Uma desceria o Iguassú em canoas, até o Rio Paraná, a outra marcharia por terra.

10 — Mal tinham encetado a viagem, quando sentiram que as canoas eram arrebatadas pelas correntes, e só com grandes dificuldades e riscos livraram-se de serem precipitados nas cachoeiras de S. Maria do Iguassú, onde teriam fatalmente todos perecidos. Só uma canoa não foi possível salvar-se: com seus tripulantes desapareceu, sorvida pelo abysmo.

11 — Os indígenas ao venderem as canoas aos expedicionários não os advertiram do perigo que os aguardava. Cabeza de Vacca fôra avisado que os Guaranys planejavam-lhes sorte igual á que tiveram os portuguezes de Pero Lobo. Dahi as suas precauções.

12 — Deveram a salvação ao facto de terem observado a rapidez das correntes que, em redemoinhos, parecia quererem envolver as canoas, e ao estrondo da queda das aguas nas cachoeiras.

13 — E' de admirar a insistencia de todas as expedições do primeiro quartel do seculo 16.<sup>o</sup>, quer de portuguezes, quer de hespanhoes, em se dirigirem á Fóz do Iguassú. Parece que todas traziam um mesmo roteiro, movidas por um só objectivo.

## XI

### Portugal sob o dominio da Hespanha

1 — Mal havia sido iniciada a colonização das terras da America, descoberta por Cabral, e antes mesmo que o regimen da distribuição das terras em Capitánias, a Donatários que as pudessem colonizar, tivesse produzido os seus fructos, a desastrada morte de D. Sebastião na Africa, na batalha de Alcacer-quivir, em 1578, onde se achava a frente da flôr da nobreza lusitana, vinha embaraçar o progresso do Brasil.

2 — Esse facto foi ainda aggravado com a morte de D. Henrique, em 1580, visto ficar Portugal sem successor ao throno, e sem homens capazes de dirigir a Nação em crise politica, e ás voltas com as rivalidades dos pretendentes á corôa: D. Antonio — prior de Crato e a Duqueza de Bragança.

3 — Aproveitando-se disso, D. Philippe II, da Hespanha, mandou invadir Portugal por um exercito de 25.000 homens, ás ordens do Duque d'Alba, e se fez acclamar Rei, unificando as duas corôas. De 1580 a 1640 durou a dominação hespanhola, só terminando com a Revolução de 1.<sup>o</sup> de Dezembro de 1640, que restaurou a independencia de Portugal.

4 — Os 60 annos da dominação hespanhola contribuíram ainda mais para avivar as rivalidades das duas raças, principalmente nas possessões Americanas. Os hespanhões, sustentados pelo apoio de seu Rei, procuravam dilatar as suas conquistas, alargando-as em detrimento de Portugal. Na impossibilidade de se firmarem no littoral brasileiro, habitado pelos lusitanos, embrenharam-se pelos sertões e ahi firmaram sua jurisdicção.

5 — A colonização portugueza cessou para o Brasil, ao passo que a hespanhola augmentou consideravelmente para as suas possessões da America.

## XII

### As Reducções jesuíticas

1 — Tal foi o desenvolvimento que tiveram as colonias hespanholas dos Adelantados do Rio da Prata e do Paraguay, este já elevado a Bispado, que de 1621 a 1634 puderam os colonizadores transpor o Rio Paraná e vir fundar importantes Reducções entre os Rios Iguassú e Paranapanema, alem das — missões — entre o mesmo rio Iguassú e o Uruguay, e outras no territorio que forma hoje o Estado do Rio Grande do Sul. Entre os primeiros desses rios fundaram as Reducções de S. Ignacio e Loreto, ás margens do Paranapanema e do Pirapó, que foram as mais antigas, datando de 1610; a de S. Pedro, a de Villa Rica, S. José,



S. Francisco, Jesus, Maria e José e S. Miguel, no Rio Tibagy; a de Outiveira ou Cidade Real, á margem do Rio Paraná; a de Santa Maria, junto á cachoeira de igual nome, na Fóz do Iguassú; as de Angelus e S. Thomé, no Rio Corumbatahy e a de S. Antonio, no Rio Ivahy.

Essas reduções eram povoadas por muitas dezenas de indigenas, todos aldeados, catechizados e administrados pelos jesuitas.

Eram partes componentes da Republica Theocratica do Paraguay, parte ainda integrante do Vice-Reinado do Prata.

2 — Essas Reduções reunidas constituíam o que se chamava a Provincia do Guayra, e com a sua criação teve o Governo do Paraguay a intenção de assegurar a alliança dos Guaranys e conserval-os em attitudo, si não de franca hostilidade contra os portuguezes, ao menos de activa prevenção e má vontade contra elles.

Alem disso avançaram de tal forma pelos territorios portuguezes, que as suas povoações ou conquistas sobre o littoral se achavam constantemente ameaçadas de aggressões.

3 — Por essa forma procuravam os hespanhóes manter as communicações do Paraguay com o littoral, atravez do territorio parananiano. A expedição de Cabeza de Vacca, que chegou a collocar padrões possessionaes desde Cananéa até o Rio da Prata, já não teve outro intuito. E não fosse assim, não teria elle desembarcado com metade da gente de sua expedição para marchar por terra para o Paraguay, varando sertões invios e interminos, sujeito aos ataques dos indios e animaes ferozes, quando poderia commodamente proseguir derrota embarcado em suas naus.

Si D. João III não houvesse creado em 1549 um Governo Geral do Brasil, que tudo fez por contrapôr ao sagaz intuito dos hespanhóes a sua firme deliberação de fortificar o littoral, com certeza estes teriam conseguido o seu desideratum. Mesmo assim procuraram firmar-se no sertão, formando as famosas Reduções jesuiticas, com o aldeamento e aproveitamento intelligente e systematico dos nativos.

4 — As novas Capitánias achavam-se governadas por prepostos dos Donatarios, pois que estes permaneciam na Metropole e não possuíam os recursos precisos ao

desempenho de sua missão, que, segundo o intuito de El-Rei, ao conceder-lhes as Capitánias, era — o seu prompto povoamento.

5 — Um facto imprevisto veio, porém, em soccorro das possessões portuguezas. Os moradores da Capitania de S. Vicente, avidos de grandezas, procuraram dominar e escravizar os indigenas e para isso organizaram as celebres Bandeiras, que se embrenharam pelos sertões, em guerras contra os que elles chamavam barbaros selvagens, com o fim de os reduzir á escravidão.

6 — Mas si, por um lado, praticavam os Bandeirantes um crime de que jamais se poderão lavar, por outro lado prestavam relevantissimos serviços ao Brasil, impedindo que a parte da Capitania de S. Amaro, conhecida por Terras de Sant'Anna e constituida pelas 50 leguas de costa, que começavam ao sul de Cananéa e se estendiam até o Rio Grande do Sul, cahisse em mão dos hespanhóes.

7 — Do abandono completo dessa Capitania por parte dos descendentes do Donatario Pedro Lopes de Souza e da falta de colonização de suas terras, que até 1640 não possuía uma unica povoação em sua ampla area, resultou que o «plateau» parananiano, conhecido por Campos Geraes, e os sertões do Tibagy e de Guarapuava viessem a constituir uma provincia indigena da Republica theocratica do Paraguay, sob a dominação hespanhola.

8 — Data de 1636 a systematica incursão dos Bandeirantes ao Guayra, cujos aldeamentos foram destruidos, e delles arrebatados algumas dezenas de milhares de indios aldeados, dos quaes morreram pela fome e padecimentos 12.000, que fugiram, rio Paraná abaixo, por occasião do exodo geral (Historia Geral das Bandeiras Paulistas de Affonso Taunay, vol. 2.º, pagina 263).

As demais reduções parananianas tiveram igual sorte: Villa Rica, Ciudad Real, e os aldeamentos da serra do Tape, como: Santa Thereza e Apostolos, Los Martyres, cujas populações foram captivadas ou dispersadas pelo panico.

Quando dous annos depois soffreram os Bandeirantes as formidaveis derrotas dos combates de — Caasapaguassú e Mbororé — já se achava assegurada a posse portugueza em toda a parte meridional do Brasil.



A Hespanha havia perdido a partida, graças aos formidáveis e inolvidáveis serviços prestados pelos Bandeirantes.

Arredado o perigo inimigo no interior, cuidou-se logo da defeza da costa e mares da parte do sul, já então ameaçados por novo inimigo.

9 — Pouco mais tarde teve inicio o povoamento de Paranaguá, sendo os seus primeiros moradores o capitão-povoador Gabriel de Lara, e os homens da força de seu commando, mandados para estabelecer ahi um porto de defeza militar e evitar as incursões de piratas e aventureiros hespanhoes, que costumavam infestar os mares do sul.

### XIII

#### Os Bandeirantes

Diz Saint-Hilaire, relativamente aos Bandeirantes: «A Colonia de S. Vicente ainda não estava de todo estabelecida, e já os paulistas tinham começado a reduzir os indios á escravidão, no que depois continuaram, apezar dos innumerados alvarás dos reis de Portugal, e das exhortações dos jesuitas. Mas os indios não são como os negros; tem menos vigor do que estes e não se resignam á perda da liberdade, de sorte que morriam em grande numero.

«Esgotadas as tribus mais proximas, os paulistas estenderam para longe as caçadas que faziam aos indigenas e tornaram-se os fornecedores do Rio de Janeiro na epoca em que estes foram forçados a renunciar momentaneamente ao trafico dos negros, por ter sido Angola tomada aos portuguezes.

«O interior do Brasil nem sempre foi sulcado de estradas e semeado de habitações hospitaleiras. Tempo houve em que nelle não se descobria uma cabana ou qualquer vestigio de cultura; só os animaes ferozes disputavam a sua posse.

«Foi nessa epoca que os paulistas o percorreram em todas as direcções. Esses audazes aventureiros penetraram muitas vezes no Paraguay, descobriram a provincia do Piahy, as minas de Sabará, as de Paracatú, embrenharam-

se nos vastos solidões de Cuyabá e Goyaz, percorreram a provincia do Rio Grande do Sul, chegaram para o lado norte do Brasil até o Maranhão e o Amazonas, e, tendo transposto a cordilheira do Perú, atacaram os hespanhoes no proprio centro de suas possessões. Quem sabe por experiencia propria, quantas fadigas, privações, quantos perigos ainda hoje esperam o viajante que se aventura nessas regiões longinquoas, e em seguida lê as minucias das correrias interminaveis dos antigos paulistas, fica arrebatado por uma especie de estupefação; tem a visão de que aquelles homens pertenciam a uma raça de gigantes.

«E nem se diga que S. Paulo era uma vasta cidade, que, como as antigas da Grecia, desafojava o excedente de uma população muito consideravel em outras regiões desertas. E' de presumir que na planicie de Piratininga houvesse numerosas habitações ruraes, mas, pelos fins do seculo XVII, a capital da capitania de S. Vicente não tinha mais de setecentos habitantes. Numa das suas expedições contra o Paraguay, os paulistas eram cerca de oitocentos, mas parece que em geral as suas Bandeiras não se compunham de grande numero de homens.

«Emquanto os paulistas se limitavam a dar caça aos indios, raramente se fixavam fóra da capitania, mas para o fim do seculo XVI espalhou-se que havia ouro nos sertões. Desde esse momento operou-se uma extraordinaria mudança.

«Existiam realmente muito distante do littoral preciosas minas, cuja importancia a cubiça e o amor do maravilhoso ainda augmentavam. Os paulistas não cogitaram mais em outra cousa sinão nessas fabulosas riquezas, e, resolutos como eram, trataram de ir descobri-las. Homens de todas as condições, pobres e ricos, velhos e moços, brancos e mamelucos, abandonaram em massas os seus lares, suas mulheres e seus filhos, e precipitaram-se nas vastas solidões do Brasil. Por toda a parte onde iam, analysavam a areia dos regatos e a terra das montanhas, e quando encontravam algum terreno aurifero, construíam barracas em sua visinhança, afim de o explorar. Esses Arraiaes tornavam-se aldeias, depois cidades, e foi assim que os paulistas começaram a povoar o interior das terras,



ajuntando á monarchia portugueza novas provincias, cada uma das quaes mais vasta que muitos imperios.»

O Barão do Rio Branco, estudando as expedições dos paulistas nos seculos XVI a XVIII, suas luctas contra os hespanhoes e contra os selvagens, e suas conquistas, diz no seu Esboço da Historia do Brasil:

«No tempo do dominio hespanhol (1580—1640), os paulistas que foram os operarios diligentes da civilisação do Brasil, no centro e no sul do Imperio, avançaram até muito longe pelo interior das terras, á procura de ouro e dando caça aos indios que reduziam á escravidão para fornecer de trabalhadores ás fazendas da costa.

«Atacados pelos selvagens, a principio limitaram-se á defensiva, depois tomaram a resolução de se desembaraçar dos seus inimigos.

«A primeira guerra dos paulistas, dirigida por Jeronymo Leitão, foi feita contra os Tupiniquins de Archemby, hoje Tietê; que contavam, segundo os jesuitas hespanhoes, trezentas aldeias e 30.000 combatentes.

«Essas aldeias foram quasi todas arrazadas e um grande numero de indios reduzidos á escravidão. A guerra durou seis annos. De 1592 á 1599, sob a direcção de Affonso Sardinha, depois de Jorge Correa e João do Prado, fizeram segunda guerra de exterminio, esta contra os selvagens do rio Jeticay, hoje Rio Grande, que, com o Parahyba, forma o Paraná.

«Já nos primeiros annos do seculo XVII (1601—1602), como prova o roteiro de Glimmer, os paulistas chegavam a Sabará, no interior de Minas Geraes. Uma terceira grande expedição, que parece ter sido dirigida por Nicolau Barreto, Manoel Preto e varios outros habitantes de S. Paulo, avançou mais para o Norte (1602) e assolou durante cinco annos as aldeias e os acampamentos de indios do Parou-poda, isto é, do Alto Araguaya. Julga-se que em 1592 Sebastião Marinho chegou até Goyaz.

«Em 1606, os paulistas não podiam armar, para estas expedições, mais de 1.800 homens, dos quaes 300 brancos e 1500 indios, quasi todos munidos de arma de fogo e protegidos nos combates por uma couraça de couro acolchoada de algodão.

«Augmentaram o seu numero, chamando a si aventureiros do Rio de Janeiro, do Espirito Santo e indios prisioneiros.

«Manoel Preto tinha por si 1000 combatentes indios em suas terras de Expextação, perto de S. Paulo.

«Dava-se a essas expedições ao interior o nome de Bandeira e aos individuos que os acompanhavam o de Bandeirantes.

«Pelo anno de 1620, as expedições de S. Paulo começavam a dirigir-se contra os selvagens que habitavam as costas meridionaes do Brasil.

«Muitos mil indios Patos foram a S. Vicente e ao Rio de Janeiro.

«Em 1627, os paulistas foram atacados pelo cacique Tayobá, alliado dos jesuitas hespanhoes.

«No anno seguinte para se vingarem dessa aggressão, os paulistas assolaram as fronteiras da provincia de Guayra. Os hespanhoes e os jesuitas do Paraguay davam esse nome ao territorio comprehendido entre o Paranapanema, o Itararé, o Iguassú e a margem esquerda do Paraná.

«Viam-se ahi em 1630 duas pequenas aldeias habitadas por hespanhoes: Cidade Real, á margem do Rio Piquiry, perto de sua fóz no Paraná, e Villa Rica, á margem do Ivahy, assim como varias aldeias de indios submissos aos jesuitas do Paraguay. Loreto e S. Ignacio, na margem esquerda do Paranapanema, fundados em 1610, eram as mais antigas e as mais importantes dessas missões.

«As outras eram de creação recente: Angeles, formada de indios do chefe Tayobá (1628), e S. Thomé (1628), no Curumbatahy; Conceição dos Gualachos (1628), perto dos nascentes deste rio; S. Pablo (1627) e S. Antonio (1628), na margem direita do Ivahy; S. José (1624), e S. Xavier (1623), nos dois confluentes da margem esquerda do rio Tibagy; Incarnação (1625), Jesus Maria (1630), e S. Miguel, na margem esquerda deste rio e S. Pedro (1627), á leste do Tibagy.

«Na fóz do Iguassú, os jesuitas hespanhoes possuiam a redução de Santa Maria Maior (1626); no Paraná, confluyente do Acaraig, para o sul, estavam de posse de muitas outras; porem todas formavam a provincia do Paraná.



«Desde 1620, elles tinham começado a fundar estabelecimentos ás margens do Uruguay e seus confluente; essa região era então designada pelo nome de provincia de Uruaig.

«Em 1630, os paulistas, dirigidos por Antonio Raposo Tavares, que tinha sob suas ordens Frederico Mello, Antonio Bicudo, Simão Alvares e Manoel Morato Coelho, subiram o Ribeira de Iguape, atravessaram a serra de Paranapiacaba e precipitaram-se contra a parte meridional da provincia de Guayra.

«Bicudo apoderou-se de S. Miguel; Alvares, de S. Antonio; Morato, de Jesus Maria.

«*Vimos, diziam elles, expulsar-vos deste paiz, porque nos pertence e não ao Rei da Hespanha.*»

«No anno seguinte, os paulistas apoderaram-se de S. Pablo e S. Xavier, repelliram nessa ultima aldeia um ataque de hespanhoes de Villa Rica, depois apoderaram-se de S. Pedro e de Conceição dos Galachos.

«Os jesuitas em Loreto e em S. Ignacio todos os indios que tinham conseguido escapar a estas rázzias, tomaram a resolução de abandonar a provincia de Guayra, para se irem estabelecer entre o Paraná e o Uruguay (1613), onde tinham já varias missões.

«Deste lado, conservaram as reduções de Santa Maria Maior do Iguassú e da Natividade do Acaraig, evacuadas em 1633.

«Logo depois de sua partida os paulistas se apoderaram das povoações hespanholas de Villa Rica e Cidade Real (1631), as quaes destruíram completamente.

«Graças á intervenção do bispo do Paraguay, que se achava em visita pastoral na primeira destas povoações, seus habitantes se puderam retirar sem serem incommodados e foram estabelecer-se na margem do Jejuy (Paraguay).

«Em 1632, os paulistas atravessaram o Alto Paraná e tomaram conta de tres reduções de indios Itatinos, que os jesuitas acabavam de fundar a oeste do Rio Pardo (Matto Grosso), assim como da povoação hespanhola de Santiago de Jerez, situada em um planalto da serra do Amombahy, perto das cabeceiras do Aquidanana.

«Varios hespanhoes estavam de combinação com elles, e foram estabelecer-se em S. Paulo.

«De 1621 a 1634 os jesuitas do Paraguay tinham conseguido estender seus estabelecimentos por uma grande parte do territorio que forma hoje a provincia brasileira do Rio Grande do Sul.

«No tempo da primeira invasão dos paulistas (1636) as reduções ou aldeias jesuiticas eram em numero de quinze entre o Ijuhy (Iiuii) e a Serra Gela ao norte, o Ibicuhy, então Icuity, e o Jacuhy (Igay, chamado tambem Phasido) ao sul, o Uruguay a oeste e o Taquary (então Tebiquary, ou rio do Espirito Santo) a leste. A parte oriental desse territorio foi designada pelo nome de provincia de Tape.

«As aldeias e povoações (Pueblos) dos jesuitas do Paraguay muitas vezes mudaram de local e outras aldeias do mesmo nome foram fundadas em lugares diferentes. Eis aqui as que existiam no Rio Grande do Sul em 1636 e as datas de sua fundação: — Na margem direita do rio Pardo (nessa epoca Yequi ou rio Verde), subindo esse rio, S. Christobal (1634) e Jesus Maria (1633). No Passo do Jacuhy, margem esquerda do rio desse nome, Sant'Anna (1633); margem direita do Araricá, Natividade (1632). Perto das cabeceiras do Jacuhy, não longe do lugar em que se acha hoje Cruz Alta, Santa Thereza de Ibituruna (1633); nas cabeceiras do Ijuhy Grande, S. Carlos de Caápi (1631); no Ijuhy Mirino, margem direita, Apostolos da Caázapa-quazú (1631); e, descendo esse rio, Martyres de Caaro (1628). Entre Ijuhy e Piratiny, Candelaria de Caázapamini (1617); margem esquerda do Piratiny, perto de sua confluencia com o Uruguay, S. Nicolas (1626); na margem direita do Itú (então Tibiquaci) S. Thomé (1633); na margem direita do Ibicuhy, subindo esse rio, S. José de Itaquatiá (1633); S. Miguel (1632) e S. Cosme y Damian (1634).

«Esses estabelecimentos foram destruidos como os da provincia do Guayra, logo depois de sua fundação.

«Raposo sahiu de S. Paulo com seu exercito (Setembro de 1633), a 3 de Dezembro, depois de um combate de seis horas, tomou Jesus Maria de Jequi (Rio Pardo).

«As reduções de S. Christobal, S. Joaquim e Sant'Anna, foram evacuadas, mas os paulistas fizeram grande nu



mero de prisioneiros e repelleram um ataque de índios pelo Padre Romero.

«A redução de Natividade de Araricá foi abandonada e só ficou aos jesuitas no territorio de Tape a colonia de Santa Thereza de Ibituruna. Esta foi-lhes tirada no anno seguinte (Dezembro de 1637).

«Em 1638, os paulistas completaram a destruição dos estabelecimentos hespanhóes situados ao oriente do Uruguay. Vencedores em Caaro, em Caazapamini e em S. Nicolas, obrigaram os jesuitas a emigrar com os índios que puderam escapar a esta catastrophe, e que se foram incorporar ás reduções situadas entre o Uruguay e o Paraná ou formar nessas paragens novas aldeias, algumas das quaes conservaram os nomes das que acabavam de ser destruidas.

«Em 1641 (Março), os paulistas tentaram atacar essas missões, porem foram repellidos pelos Guaranyes perto do Mbororé (margem esquerda do Uruguay).

«Suas expedições eram dirigidas nessa epoca, antes para oeste e norte que para o sul.

«Viu-se então os paulistas levarem as suas correrias até a parte septentrional do Paraguay, no districto de Santa Cruz de la Sierra, e as cordilheiras do Perú.

«Em 1636 um dos seus chefes, Francisco Pedroso Xavier, tomou e destruiu a segunda Villa Rica, sobre o Jesuy (Paraguay) assim como varias aldeias de índios das vizinhanças. Perseguido por Andino, antigo governador do Paraguay, esperou na Serra de Maracajú, e, depois de um combate, obrigou-o a tocar a retirada.»

Esse illustre diplomata, na sua exposição, offerecida ao laudo arbitral do Presidente Cleveland, baseando os direitos do Brasil sobre o territorio das missões, diz:

«Em 1630 e 1631, os paulistas, dirigidos por Antonio Raposo Tavares e pelos sub-chefes Frederico de Mello, Antonio Bicudo, Simão Alvares e Manoel Morato, atacaram e destruíram na provincia de Guayra, as missões de S. Miguel, S. Antonio, Jesus Maria, S. Pablo, S. Xavier, S. Pedro e Concepcion de los Gualachos. «Vimos, diziam elles, expulsar-vos de toda esta região, porque estas terras são nossas e, não do rei da Hespanha.»

«Reunindo então em Loreto e S. Ignacio Mini os índios fugitivos das outras missões, resolveram os jesuitas abandonar a provincia de Guayra e estabelecer esses índios no territorio comprehendido entre o Paraná e o Uruguay. A transmigração dos 12.000 catechumenos que restavam, effectuou-se em 1631 sob a direcção do padre Montoya, e como os índios Caingangs ou Coroados, senhores da margem do Iguassú e do Uruguay, acima dos Saltos Grandes desses rios, tornavam impossivel a viagem por terra, foi ella emprehendida por agua, descendo o Parana-panema e o Paraná em setecentas balsas. Com esses emigrantes foram fundadas então as missões de Loreto e S. Ignacio Mini, perto da margem esquerda do Paraná, ao sul de Corpos.

«No anno de 1632 os paulistas tomaram Villa Rica e Cidade Real, e no anno seguinte, dirigindo-se elles para a fóz do Iguassú, foram precipitadamente evacuadas as missões de Santa Maria Maior, junto ao salto grande desse rio, e a de Natividade de Acaraig.

«Desde então (1633) ficaram os paulistas senhores de todo o territorio a leste do Paraná, e ao norte do Iguassú. No anno anterior já os paulistas tinham transposto o Alto Paraná, desalojando os jesuitas das posições que occupavam a oeste do Rio Pardo, em Matto Grosso (missões de Itatines), e destruindo a cidade hespanhola de Santiago Jerez, situada entre uma chapada da Serra de Amambahy.

«Em 1631, começaram os jesuitas do Paraguay a extender os seus estabelecimentos ao oriente do Uruguay, onde possuíam, como ficou dito, tres missões.

«Em 1636 ellas já eram quinze comprehendidas entre, o Uruguay a oeste; o Ijuhy (então Ijuui) e a Serra Geral ao norte; o Ibicuhy (então Ibicuity) e o Jacuhy (Igay) ao sul; e o Taquary (nesse tempo Tebiquary) a leste. A' parte oriental desse territorio, davam os jesuitas o nome de provincia de Tape.

«Estas eram as missões, começando pelas mais orientaes: A' margem direita do Rio Pardo (nesse tempo Yequi ou Rio Verde) S. Christobal (1634) e Jesus Maria (1633); á margem esquerda, perto das cabeceiras do mesmo rio, S. Joaquim (1633). No passo do Jacuhy, margem



esquerda do rio desse nome, Sant'Anna (1633), Natividade (1632), á direita do Araricá, Santa Thereza (1633), perto das nascentes do Jacuhy, não longe do lugar em que está hoje a cidade brasileira de Cruz Alta, S. Carlos do Caápi (1631), nas cabeceiras do Ijuhy Guaçú; Apostolos de Caazapaguacú (1631), na margem direita do Ijuhy Mirim. Martyres de Caaro (1628) e Candelaria de Caaza Pamini (1627) entre o Ijuhy e o Piratiny. S. Nicolas (1626) á margem esquerda, perto da fóz do Piratiny no Uruguay. S. Thomé (1633) á margem direita do Itú (então Tibiquacy) affluente do Ibicuhy. E S. José do Itaquatiá (1633), S. Miguel (1632) e S.S. Cosme y Damion (1634), ao norte do Ibicuhy.

«Todos esses estabelecimentos foram tomados pelos paulistas, sob o commando de Raposo Tavares, ou abandonados pelos jesuitas e seus indios, depois de renhidos combates feridos em Jesus Maria e S. Christobal, em 1636, e em Cáaro, Caazapaguacú, Caazapamini e S. Nicolas, em 1638. Os jesuitas conduziram para o lado occidente do Uruguay os indios que puderam escapar á catastrophe, incorporando-os aos das antigas missões que alli mantinham ou formando outras que tomaram os nomes das que acabavam de ser destruidas. Foi então que se estabeleceram entre o Uruguay e o Paraná, as de S. Thomé, Apostolos, S. Carlos, S. José, Candelaria, Martyres, S. Cosme, Sant'Anna, S. Nicolas e S. Miguel.

«A de Assumpcion fundada em 1630 na margem direita do Uruguay e do Acaraguay ou Acarana, foi transferida em 1637 para a fóz do Mbororé, porque aquella posição pareceu aos jesuitas muito exposta aos ataques dos paulistas, que transitavam livremente pelo territorio hoje contestado, conhecido então por Ibituruna, segundo antigos roteiros dos mesmos paulistas.

«Os indios Caingangs ou Coroados, que habitavam esse territorio e os extensos bosques ao sul do Uruguay, ao oriente do Salto Grande, eram inimigos irreconciliaveis dos Guaranys, e não permittiam que estes e os jesuitas hespanhoes se approximassem, ao passo que deixavam franco o caminho para os paulistas e até os auxiliavam em seus ataques contra as missões.

«Os Guaranys do Paraguay e Tupys do Brasil falla-

vam e fallam todos a lingua Abaneenga «lingua dos homens» denominada pelos portuguezes — lingua geral dos Brasis — porem mais conhecida hoje pelo nome de Guaraní, que lhe deram os jesuitas do Paraguay.

«Os Caingangs ou Coroados, impropriamente denominados Tupys pelos jesuitas do Paraguay e hespanhoes, falam lingua muito differente do abaneenga, e estão comprehendidos nos grupos dos Crens ou Guerengs, segundo a classificação de Martins, acceita por todos os anthropologistas.

«Isso explica os nomes geographicos da região a leste do Peperí-Guassú e S. Antonio, desde o campo Erê até ao lado oriental do Chopim e Chapecó.

«Desse territorio, hoje contestado, partiu, em Março de 1641, descendo o rio Uruguay, em trezentas canoas, a expedição que, segundo os chronistas da Companhia de Jesus, se compunha de 400 paulistas e 2.700 indios alliados, e foi destroçada no ataque de Mbororé, onde os jesuitas a esperaram com um exercito de 4000 Guaranys. Apezar porem da victoria verdadeira ou supposta, os indios da missão de Assumpcion de Mbororé abandonaram immediatamente esse lugar como já haviam abandonado o Acaraguay, e foram incorporar-se aos da missão da Yapejú, a mais meridional das do Uruguay. Em 1657 deixaram Yapejú para ir fundar um pouco ao sul da fóz do Aguarapery a povoação de La Cruz.

«No mesmo anno do combate de Mbororé, os jesuitas das missões entre o Uruguay e o Paraná foram com os seus indios atacar dois fortes que os paulistas occupavam, um no Tabaty, outro no Apitereby.

«O Tabaty, onde antes esteve a missão de S. Xavier, é o affluente da margem esquerda do Uruguay a que os jesuitas davam o nome de Yguarape nos seus mappas de 1722 e 1732, e que em 1759, segundo os demarcadores portuguezes e hespanhoes, era conhecido por Itapuã. Hoje tem o nome de Camandahy.

«O rio que os jesuitas chamavam então Apitereby era, como ficou provado, o primeiro acima do Salto Grande, isto é, o que os paulistas conheciam por Pequirí ou Peperí. Os jesuitas applicavam este ultimo nome ao



Mandig-Guaçú, de 1759, hoje Soberbio, abaixo do mesmo Salto Grande.

«Estivesse, porem, o entrincheiramento de que se trata no antigo e supposto Apitereby dos jesuitas, ou no pequeno rio, a leste, que ainda conserva esse nome, o importante é que no territorio hoje em litigio já esses brasileiros occupavam em 1641 uma posição fortificada, segundo o padre Lozano, chronista da Companhia de Jesus na provincia do Paraguay. Diz elle que os Guaranys da Missão, depois de tomarem o forte do Tabaty, foram atacar o do Apitereby. «Pasaron volando a otro fuerte llamado Apitereby, y acometiendolo, obligaron a los Mamelucos á ponerse en fuga, desejando en el quanto tenian de provisiones, municiones, viveres y cautivos, y se huyeron tan ocupados del miedo, que jamas en adelante hasta el dia de hoy, se atrevieron á infestar la provincia del Uruguay. . .»

«Nesta ultima informação enganou-se o padre Lozano, pois elle proprio refere, em outro lugar de sua obra, que no dia 9 de Março de 1652 os paulistas, repartidos em quatro corpos, atacaram novamente as Missões, entre o Uruguay e o Paraná, o que é confirmado por diversos chronistas e alguns documentos ainda ineditos.

«As chronicas e relações, impressas ou manuscriptas dos jesuitas do Paraguay e as de S. Paulo, no Brasil, dão testemunho de que pouco depois de expulsos os hespanhões e seus missionarios da provincia do Guayra (1630 a 1632) ou, — para precisar mais — desde 1636 e 1638, todo o territorio limitado a leste pelo Paraná e ao sul pelo Uruguay era dominado pelos paulistas. Depois de 1638 elles percorriam livremente todas as terras que se estendiam ao sul e a leste do Uruguay onde apenas duas vezes foram atacados: a primeira em 1639, e em Caazapamini, entre o Ijuhy e o Piratiny, e a segunda em 1641, no forte de Tabaty, como já se disse.

«Um antigo roteiro paulista, conservado até hoje e citado por Varnhagem, Visconde do Porto Seguro, falla no morro ou serra de Bituruna «que vae afocinhar no Uruguay», e no campo que alli se estende. Varnhagem diz que esse roteiro é prova evidente de que os paulistas conheceram a

região modernamente chamada Campos de Palmas, mas essa prova, como acaba de ser demonstrado, não é a unica. Ibituruna era, com effeito, o nome dado no seculo XVII a região entre o Uruguay e o Iguacú e os montes Bituruna do roteiro paulista não podiam ser sinão os da divisoria das aguas que correm para aquelles dois rios.

«Essas elevações do terreno ligam-se, a oeste das nascentes do Pepery-Guaçú, com outras que começando no Salto Grande do Iguacú, vão terminar no Uruguay.

«Tendo reconquistado os territorios que entendiam pertencer-lhes, passaram os paulistas a empregar-se principalmente no descobrimento e exploração de minas de ouro no interior do Brasil (Minas Geraes e Goyaz), e no extremo oeste (Matto Grosso). Puderam assim os jesuitas voltar ao lado oriental do Uruguay, transferindo para ahi em 1687 as missões de S. Nicolas e S. Miguel e creando cinco outras: S. Luiz Gonzaga (1687), S. Borja (1691), S. João Bautista (1698) e S. Angel (1706).

«Esta ultima, ao norte do Ijuhy, era a mais proxima do actual territorio contestado, mas ficavam de permeio os extensos bosques da margem esquerda do Uruguay, habitados por selvagens.

«Desde 1706 nunca mais variaram os limites orientaes e septentrionaes da occupação hespanhola no territorio chamado de Missiones. Ao sul do Uruguay os bosques occupados pelos selvagens fechavam qualquer communicação com o territorio hoje reclamado. Ao occidente e ao norte desse rio, S. Xavier, sobre a sua margem direita, e Corpus, sobre a margem esquerda do Paraná, continuaram a ser como eram desde 1641, as posições hespanholas mais avançadas e proximas da fronteira do Brasil no Pequery ou Pepiry depois Pepiry-Guassú.

#### XIV

##### A Provincia do Guayra.

1 — O territorio das missões da Provincia do Guayra comprehendia o curso do Rio Paraná em suas duas margens, limitado ao sul pelo Rio Iguassú e ao norte pelos Rios Parapanema e Itararé.



2 — A' margem esquerda do Iguassú, até o Rio Uruguay haviam outras reduções, que faziam parte das Missões brasileiras do Rio Grande do Sul.

3 — Todas essas Missões, reunidas ás Paraguayas, formavam o Vice-Reinado Hespanhol do Prata, com uma população indígena de perto de 160.000 gentios catechizados, na sua maior parte pertencentes ás nações ou tribus dos Guarany, Tapes, Charruas, Timbues, Paraguayos e outras.

4 — Eram ao todo 30 missões, dirigidas por padres da Companhia de Jesus, em numero de 400, tendo seu provincial a sua séde em Cordova. Haviã 3 Governos subordinados á Companhia: em Tucumã, Buenos Ayres e em Assumpção.

5 — Cada uma dessas 30 missões era administrada temporal e espiritualmente por um cura e um auxiliar.

6 — O ingresso nas Reduções só se permittia aos socios da Companhia, e ninguém podia communicar-se com os gentios das aldeias. Quem quer que ahi chegasse, sacerdote ou não, era constantemente vigiado e acompanhado dia e noite.

7 — Os jesuitas correspondiam-se com os aldeados no proprio idioma da tribu, e sendo a lingua Guarany comprehendida e falada por quasi todos os gentios, dedicaram-se com especialidade ao estudo dessa lingua, que manejavam com maxima perfeição e correcção. Montaram typographias e escreveram grammaticas e dictionarios da Lingua Guarany, e sendo nesse idioma escriptos os livros didacticos das escolas que mantinham.

8 — A musica e o canto extasiavam os indigenas e foi factor importante na catechese. Grande era o numero de alumnos das diversas escolas de musica e canto, para o que muito se prestava o idioma Guarany. A dança não era descurada. O jesuita levava avante a sua acção, falando ao instincto e ao sentimento.

9 — As Reduções, alem do Governador e do Ajudante, que eram curas, tinham Corregedores, Alcaides, Fiscaes de costumes, Caciques, todos eleitos entre elles.

As autoridades residiam numa praça collocada ao centro da aldeia, da qual se irradiavam todas as ruas.

Ahi ficavam a igreja, as escolas e os edificios publicos. Os padres viam da praça tudo o que se passava na Redução.

10 — Os jesuitas mantinham seus fiscaes de rondas, noite e dia, e delles recebiam communicações de tudo o que occorria.

Havia separação nas residencias dos homens e mulheres solteiras e viúvas, das dos casados. Todos tinham ruas especiaes. Os solteiros de ambos os sexos usavam cabellos cortados, só os deixando crescer quando casados.

11 — O trabalho era em commum e em beneficio da comunidade, a alimentação e o vestuario eram fornecidos pela sociedade.

12 — Na aldeia fabricava-se todo o necessario á vida de sertão: armas brancas e de fogo, polvora, enxadas e instrumentos de lavoura e semelhantes.

A lavoura e suas industrias accessorias se achavam bem adiantadas. Fabricava-se o assucar, aguardente, fumo, beneficiava-se a herva-matte, a madeira, a cera, o mel, etc. A pecuaria estava em grande prosperidade.

13 — A exportação se fazia em balsas que desciam rio abaixo até Buenos Ayres, onde eram vendidos os productos do aldeamento. Uma parte desses productos era exportada para a Europa.

A producção annual das Reduções attingia a um valor superior a 1.000:000 de pesos, ao passo que a despesa annual não ultrapassava a 20.000 pesos.

Por ahi se podem avaliar os extraordinarios lucros auferidos pela famigerada Companhia de Jesus, nos seus 130 annos de dominio na America do Sul.

Comtudo, grandes seriam os serviços prestados por ella, si se circumscrevessem á catechese e á civilisação dos indigenas, chamados ao seio da religião de que eram pastores, embora que usufruindo esses extraordinarios proventos para sua Companhia, si não levassem os seus intuitos de dominação a fins de pura conquista territorial, em beneficio da corôa castelhana e em detrimento da lusitana, de que nos livraram a ousadia e intrepidez dos benemeritos Bandeirantes, que salvaram a integridade territorial de nossa Patria.



XV

**Litigio entre os herdeiros dos donatarios das Capitancias de S. Vicente e de S. Amaro.**

1 — Tendo fallecido em 1542 Pero Lopes de Souza, succedeu-lhe no governo da Capitania de S. Amaro seu filho primogenito Pero Lopes de Souza, que falleceu ainda na primeira infancia em 1547, succedendo-lhe seu irmão Martim Affonso de Souza Sobrinho que, fallecendo em 1577, foi substituido por sua irmã D. Jeronyma de Albuquerque, casada com D. Antonio de Lima. Este casal traspassou a Capitania a sua filha D. Izabel de Lima de Souza Miranda, já quando esta estava casada em segundas nupcias com André de Albuquerque. Tendo fallecido D. Izabel de Lima de Souza Miranda sem filhos, nomeou a seu primo Lopo de Souza, para succeder-lhe no governo da Capitania de S. Amaro, «que até o anno de 1610 não contava uma unica povoação, onde pudesse arvorar a sua sede». — Este Lopo de Souza era donatario da Capitania de S. Vicente, da doação de seu avô Martim Affonso de Souza. Por essa forma ficou elle no dominio das duas capitancias: — S. Vicente e S. Amaro, com uma — «extensão de cento e oitenta leguas de costa e immenso sertão, formando a maior área de territorio e o maior feudo contido nas mãos de um simples particular.»

2 — Estavam as cousas neste pé, quando em 1610 surgiu entre os herdeiros de Martim Affonso de Souza e os de Pero Lopes de Souza a celebre questão que mais tarde se denominaria — processo — Vimieiro-Monsanto.

D. Luiz de Castro, 2.º Conde de Monsanto, filho de D. Ignez Pimentel, e neto de Martim Affonso de Souza, iniciou a demanda, allegando que a successão neste caso não devia ser pela linha masculina, mas por parentesco e primogenitura, e que portanto a elle Conde de Monsanto, que era mais velho que seu primo Lopo de Souza, cabia a herança de sua prima Izabel de Lima, e a posse das donatarias de S. Amaro e Itamaracá. (Dr. Toledo Pisa — Processo Vimieiro-Monsanto, e Benedicto Calixto — As Capitancias Paulistas.)

Mal começára a demanda, quando falleceu Lopo de Souza sem deixar herdeiros, cabendo a successão das Capitancias a sua irmã D. Marianna de Souza da Guerra, condessa de Vimieiro, que foi respectivamente succedida por seu filho D. Sancho de Faro e Souza e seu neto D. Diogo de Faro e Souza, ambos Condes de Vimieiro. Este ultimo por não ter filhos, legou a herança e o litigio a sua irmã D. Marianna de Faro e Souza, condessa da Ilha do Principe.

D. Luiz de Castro, 2.º Conde de Monsanto, tendo fallecido, foi a demanda continuado por seu filho e successor D. Alvaro Pires de Castro e depois por seu neto D. Luiz Alvares de Castro, que reuniu ao seu titulo de Conde de Monsanto, o de Marquez de Cascaes.

A questão seguiu os seus transmites durante 5 annos, e neste periodo Martim de Sá exerceu os cargos de Capitão-mór, Governador das duas Capitancias: — da de S. Vicente e da de S. Amaro, por Provisão real, enquanto durasse o pleito.

3 — A 20 de Maio de 1615, o conde de Monsanto obteve sentença favoravel; mas somente a 10 de Abril de 1617 foi lavrada a confirmação da mesma sentença, passada por D. Phelippe. Em Junho de 1620, o conde de Monsanto delegou a Manoel Rodrigues de Moraes, os poderes necessarios para tomar posse das 80 leguas de costa, das terras doadas a Pero Lopes de Souza.

Quando Rodrigues de Moraes veio ao Brasil dar execução ao mandado, depois de tomar posse da Capitania de Itamaracá, se dirigiu á Bahia, onde conseguiu de D. Luiz de Souza, Governador Geral do Brasil, uma provisão ordenando á Camara de S. Vicente e ás demais autoridades da Capitania, que dessem posse da terra ao conde de Monsanto por intermedio de seu loco tenente.

4 — A 21 de Janeiro de 1621 apresentou-se á Camara de S. Vicente, Manoel Rodrigues de Moraes, exhibindo os poderes de que se achava investido e requerendo a posse da Capitania; no dia seguinte a Camara deferiu o pedido, cumprindo a provisão do Governador Geral. Foi pois o conde de Monsanto empossado da Capitania de S. Vicente, quando só disputava o morgadio da Capitania de S. Amaro. — Obtivera mais do que solicitára.



De nada valeram os protestos do loco-tenente da verdadeira donatária de S. Vicente — condessa de Vimieiro, D. Marianna de Souza Guerra.

5 — Mas, si por um lado ficou determinado que ao Conde de Monsanto cabia o dominio da Capitania de S. Amaro e á Condessa da Ilha do Principe cabia a donatária de S. Vicente, por outro lado surgiu a irritante questão de jurisdição, pela confusão das duas capitancias, e por ser a sentença que a julgou, por demais ambigua e omissa, a ponto de pretender o Marquez de Cascaes apossar-se, já não só da Capitania de S. Amaro, mas também da de S. Vicente, que de direito e de facto, pertencia por successão legal á Condessa de Vimieiro. Armado dessa Provisão passada pelo Governador Geral do Brasil, datada da Bahia a 5 de Novembro de 1620, conseguiu o Conde de Monsanto que as Camaras de todas as Villas da Capitania de S. Vicente reconhecessem o seu procurador e lhe dessem posse. Ainda nessa epoca se achavam inteiramente despovoadas as terras da Capitania de S. Amaro, na parte das 40 leguas ao sul de Cananéa e que se estendiam até a Laguna. Paranaguá só depois de 1640 é que foi povoada.

A Condessa de Vimieiro vendo-se esbulhada no seu direito, reclamou de S. Magestade e solicitou a confirmação da carta de doação passada em 1535 a Martim Affonso de Souza; confirmação esta que lhe foi concedida por Carta Regia de 22 de Julho de 1621.

Ficára pois firmada a existencia independente, das duas Capitancias: a de S. Vicente, pertencendo a Condessa de Vimieiro e a de S. Amaro ao Marquez de Cascaes. Si nesse ponto estava resolvida a questão, judicial e administrativamente a confusão não tinha desaparecido e se prolongou ainda por varios annos.

6 — A Condessa de Vimieiro sendo repellida e impedida da posse das villas de S. Vicente, Santos, S. Paulo e Mogy das Cruzes, fez da villa de Nossa Senhora da Conceição de Itanhaen, séde de seu governo, o qual foi installado a 7 de Fevereiro de 1624, passando a sua Capitania a denominar-se — Capitania de Itanhaen —, que se estendia até ao sul de Cananéa, e ao norte de Superaguy.

Queria a Condessa, porém, levar seus dominios ao sul até Paranaguá, que em 1640 fôra povoado pelos homens da missão militar de Gabriel de Lara que foi nomeado Capitão Povoador de Paranaguá. Esta povoação prosperara desde logo, e já em 1648 era elevada a cathegoria de villa; é que Gabriel de Lara descobrira alguns grãos de ouro em corregos proximos a povoação, e esse facto naturalmente attrahio ao povoado as pessoas avidas por faceis meios de enriquecerem.

7 — Em 1.º de Fevereiro de 1654, foi pelo Conde da Ilha do Principe, commissionado o Capitão-mór de Itanhaen, e seu loco tenente, Diogo Vaz de Escobar, para tomar posse da Villa de Paranaguá, que ficaria sob sua jurisdição. Em vista dos poderes que apresentou, a Camara da villa, em vereança de 8 de Março de 1655 lhe deu posse passiva e sem contradicção, do que se lavrou termo de posse. Pouco tempo durou Escobar nesse lugar pois falleceu em Outubro de 1655, sendo os seus bens inventariados em Paranaguá no anno seguinte. Em substituição a Diogo Vaz de Escobar foi empossado em 20 de Fevereiro de 1656 Simão Dias de Moura, no cargo de Capitão-mór da villa, nomeado pelo donatario Luiz Carneiro, conde da Ilha do Principe.

8 — O Marquez de Cascaes resolveu então, em 1656, crear uma Capitania independente, abrangendo as villas comprehendidas na demarcação das 40 leguas nas partes do sul, a que denominou de «Capitania de Paranaguá» e para Capitão-mór e seu loco-tenente sismeiro, nomeou o Capitão povoador Gabriel de Lara, homem de vasto prestigio e valor e que já era o commandante da força militar da referida villa.

Eram dous Capitães móres governando ao mesmo tempo a villa: — Simão Dias de Moura, em nome do Conde da Ilha do Principe e Gabriel de Lara, em nome do Marquez de Cascaes; ambos apresentavam documentos habeis, provando o direito de seus constituintes; ambos empossados pelo Conselho da Camara. Em 30 de Novembro de 1660 aportou a Paranaguá o General Salvador Correia de Sá e Benevides, com o encargo de verificar pessoalmente á existencia de pretendidas minas de ouro, onde demorou alguns mezes, segundo declarou a El-Rey em carta,



pois impressionava-o o pouco resultado dellas, e esperava que a sua presença podesse trazer alguma vantagem. Não quiz voltar ao Rio sem «findar o intento para com o desengano della fazer avizo a sua magestade». (Carta de 10 de Abril de 1661.)

9 — Salvador Correia de Sá vendo o prejuizo que com a dualidade de Capitães-móres estava soffrendo a villa, determinou á Camara que ella se conservasse em nome de Sua Magestade, sem reconhecer nenhum dos dois donatarios, visto a duvida em que estavam da legitimidade delles. (Provimentos de Pardino deixados em Paranaguá em 1720 — Documentos para a Historia do Paraná do Dr. Moysés Marcondes.)

Frei Gaspar, em suas Memorias para a Capitania de S. Vicente diz que Diogo Vaz de Escobar, Capitão-mór da Capitania de Itanhaem, tomou posse da Villa de Paranaguá, que pouco antes havia fundado Gabriel de Lara, em nome de D. Diogo de Faro e Souza aos 16 de Dezembro de 1653. (Capitanias Paulistas de Benedicto Calixto.) Vieira dos Santos em suas «Memorias Historicas de Paranaguá» dá essa posse como sendo a 8 de Março de 1655, conforme o auto que se lavrou em Camara. E' verdade que o proprio Vieira dos Santos menciona a nomeação de Gabriel de Lara para o cargo de Capitão-mór da villa de Paranaguá, (não da Capitania) por Patente, de 12 de Outubro de 1653, em cuja data ainda elle Escobar se declarava Capitão-mór e Ouvidor com Alçada nesta Villa, e Capitania, e Governador das minas e quintos reaes. Em 21 de Janeiro de 1654, segundo ainda Vieira dos Santos, Diogo Vaz de Escobar, como Ouvidor, fez na Villa de Paranaguá uns provimentos. O Ouvidor Pardino em seus Provimentos dá a posse de Escobar como sendo em 1.º de Fevereiro de 1654.

Não temos base para affirmar que Gabriel de Lara tivesse ou não acceito a Patente de Capitão-mór, em nome do Conde da Ilha do Principe, para o qual foi nomeado em 12 de Outubro de 1653 pelo Capitão-mór Governador de Itanhaem, com os poderes que lhe concedeu o referido conde.

Achamos mesmo que não houvesse acceito esse cargo,

tanto mais que já em 1655 o proprio Escobar veio exercer esse referido posto, e em 20 de Fevereiro de 1656 era empossado nelle Simão Dias de Moura, por morte de Escobar.

Gabriel de Lara partidario do Marques de Cascaes, naturalmente não quiz servir a casa dos seus rivaes.

A sua Patente de Capitão-mór, de 12 de Outubro de 1653, provavelmente lhe dava unicamente o encargo da Administração das Minas, que por elle foram descobertas, ou antes, que por elle fora manifestado a existencia.

A sua nomeação de Capitão-mór, Ouvidor e Alcaide mór da Capitania (já não da villa, e sim da Capitania) de Paranaguá foi passada pelo Marquez de Cascaes e a sua posse se realizou em vereança de 15 de Maio de 1660, pela Camara, que incorporada foi a caza de sua residencia onde lhe deu posse.





SEGUNDA PARTE

A Capitania de Paranaguá

I

Povoadores e Conquistadores

*Primeiras Autoridades*

1 —



S terras da Capitania de Santo Amaro, que de 12 leguas ao sul de Cananéa se estendiam até ás proximidades da Laguna, isto é, até a altura de  $23^{\circ} \frac{1}{3}$ , conhecidas tambem por — Terras de Sant'Anna — ou ainda por Terra dos Carijós, passaram em 1648 a constituir a Capitania de Paranaguá, sendo-lhe nomeado primeiro capitão-mór Gabriel de Lara.

Gabriel de Lara, capitão das gentes de infantaria, fôra em 1640 mandado a Paranaguá para ahi constituir um posto avançado da costa meridional do Brasil e impedir que os hespanhóes se apossassem do littoral e os corsarios viessem a se installar em Paranaguá. Estabeleceu a nova povoação na Ilha da Cotinga, ponto elevado, de onde se podiam avistar as embarcações que demandavam á barra e impedir-lhes o acesso no porto e na bella bahia de Paranaguá.

Alojados na Ilha da Cotinga, ficavam ainda os recém-vindos acobertos dos ataques dos indios Carijós que, em grande numero, habitavam a terra firme.

2 — Gabriel de Lara, apesar de muito moço ao vir povoar Paranaguá em 1640, tinha, ao que parece, feito



anteriormente parte de uma Bandeira, organizada para atacar e escravizar os índios Carijós do rio Taquaré, mais tarde Itiberê, a cujas margens assenta a pittoresca cidade de Paranaguá.

Foi elle a primeira autoridade militar da Capitania de Paranaguá.

Por notavel coincidência, os limites da nova capitania, desmembrada da de Santo Amaro, marcavam os do «habitat» dos Carijós, índios considerados os mais tratáveis e leaes de todas as tribus que habitavam o littoral brasileiro.

3 — Gabriel de Lara procurou logo captar as sympathias dos Carijós e firmar com elles alliança, chegando por seu intermedio á convicção da existencia de minas de ouro, que procurou logo explorar, remetendo amostras ao Governador das minas.

A descoberta do ouro, que Gabriel de Lara revelou em sua viagem a S. Paulo, em 1646, feita especialmente para registrar o precioso minerio na casa da moeda, attraheu a cobiça dos vicentistas. Estes, em grande numero, se fizeram transportar á Paranaguá, onde se atiraram resolutamente ás explorações dos rios, das serras e montes circumvisinhos, em bandos tão numerosos que pareciam cidades ambulantes.

4 — Paranaguá povoou-se como por encanto, da noite para o dia. Os homens do terço militar que com o capitão Gabriel de Lara vieram fortificar o littoral paranaiano, foram reforçados por novos aventureiros, que procuravam fazer fortuna com a extracção do ouro. Assim é que, no mesmo anno, já a população se achava de tal forma crescida que se fez sentir a necessidade da creação da justiça local.

A ambição pelo ouro lançava os aventureiros em lutas e disputas quasi sempre funestas.

O capitão Gabriel de Lara intervia com a sua autoridade, mas essa não se extendia aos civis, fóra da idade militar, e tão sómente aos homens da força de seu commando. Mesmo assim se fazia respeitar, tornando-se em pouco tempo estimado de todos os habitantes em cujo meio logrou possuir vasto prestigio.

5 — Gabriel de Lara fez ver a El-Rei a necessidade

da criação da justiça e requereu autorização para a erecção da Villa e permissão para mandar proceder a eleição dos Officiaes da Camara de Paranaguá, allegando que a povoação ficava a 14 leguas de Cananéa, a mais proxima Villa a que tinham de recorrer afim de receber justiça, e que a descoberta de minas de ouro podia instigar a cobiça de aventureiros e piratas.

Essa autorização foi concedida ao Ouvidor Geral, dr. Manoel Pereira Franco, para permittir a Gabriel de Lara e aos moradores fazerem a eleição em Camara, dos juizes, vereadores, procurador do conselho e almotacés, por Carta Regia de 29 de Julho de 1648.

6 — Segundo o termo de Vereança de 22 de Fevereiro de 1677, os homens mais antigos de Paranaguá eram o Capitão-mór Gabriel de Lara, o Capitão João Gonçalves Peneda e o Capitão João Velloso de Miranda.

## II

### Erecção de Paranaguá e de Curityba em villas.

#### a) PARANAGUA'.

1 — Carta Regia de 29 de Julho de 1648:

«Dom João por Graça de Deus, Rei de Portugal e Algarves, d'aquem e d'alem Mar em Africa, Senhor de Guiné, da Conquista, Navegação, Commercio de Ethiopia, Arabia, Persia e da India. A todos os Corregedores, Ouvidores, Provedores, Juizes e mais Justças, quem esta minha Carta for apresentada; e o reconhecimento della com direito deva, e haja de pertencer, e seu cumprimento se pedir, e requer.

«Saude — Faço saber que, a mim e do meu Ouvidor Geral, com alçada do Estado do Brasil vinha a dizer por sua petição Gabriel de Lara, capitão e povoador da Villa de Nossa Senhora do Rosario de Pernaguá, que nella havendo. . . . . os moradores. . . . . com suas cazas e familias, e nella não havia Justças, e nem Officiaes da Camara que a governassem, e porasim. . . . . barbara e confuzamente, sem tenção quem recorrer; e era que lhe fizesse Justça, na Camara que os governassem; e



a Villa que mais perto ficava, era a de Cananéa, que dista quatorze legôas; e éra nesseçario que, se lhe acudissem com o remedio competente para que se faza na dita Villa e Eleição de Juizes, Vereadores, Procurador, e Almotacés; para que governassem a terra, administrassem a Justiça, me pedia em seu nome, e dos mais moradores, lhe mandase passar Carta para que na dita Villa, os moradores della fizessem Elleição dos Officiaes da Camara; e Justiça que nella havião de servir, como se fazia nas mais Villas o que visto por mim com o dito meu Ouvidor Geral, do Estado mandei que se passase Carta como pedio, para se fazer esta Elleição, e as mais que pelo tempo em diante por bem do que se pasou a presente, indo primeiro assignada e passada pela minha Chancelaria. — Vos mando que visto as couzas alegadas pelo dito Capitão Gabriel de Lara; e a distancia, e o lugar, e senão saber com certeza os limites delle, e o districto em que ficavão deixeis ao dito capitão e moradores, da dita Villa, fazer Elleição em Camara; e os Juizes, Vereadores, e Procurador do Concelho e Almotaceis; que naquella Republica for nesseçario pera administrarem Justiça, e pera o bom governo della, o qual assim feito na forma de minhas Leis, e os Officiaes que forem Eleitos, se obedeção a estes taes, não; encontrareis sua Jurisdicção, nem vos entrometereis nellas; mas lhe deixareis exercitar seus cargos coanto á dita Villa, e seu districto, sob pena de vos mandar proceder contra vós. —

«El-Rei Nosso Senhor o mandou pelo dr. Manoel Pereira Franco de seu Desembargo e Dezembargador da caza do Porto, Ouvidor Geral, com alçada do Estado do Brazil — Audictor dos exercitos delle, e syndicante das capitancias do sul, com Ordens geraes e es-peciaes para Real serviço. — Dada nesta Villa de Sam Paulo aos 29 do mez de Julho. — Manoel Coelho da Gama a fez por Antonio Raposo da Silveira — Escrivão da Correição e Ouvidoria geral do Estado, anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1648 annos. Eu Antonio Raposo da Silveira Escrivão da Ouvidoria geral do Estado, e Correição nesta Capitancias do Sul o fez escrever e subscrevi — Manoel Pereira Franco — Sello 600 reis — Sem sello Ex-causa valerá.

2 — «Termo de ajuntamento que o — Capitão Gabriel de Lara fez, e o mais povo. — Aos 26 dias do mez de Dezembro na era de 1648 mandou o Capitão Gabriel de Lara tocar caixa na sua porta, aonde acudirão todos, e logo mandou buscar hua Provisão do Syndicante, em que manda se fasa Justiça nesta povoação onde mais largamente consta na copia que nesta vai ao todo, e depois de lida perguntou geralmente a todos se tinham alguns Embargos que alegar sobre o provimento onde todos a hua vóz diçerão que não — mas antes me requerião como Capitão deste povo, fizesse Eleição porquanto não podiam estar sem Justiça; e perecião a falta della; e visto o requerimento do povo, ordenou logo como ao diante se vê. E mandou a mim Escrivão fizesse este termo onde todos assignarão com este; junto comigo Escrivão — Gabriel de Lara — João Gonçalves Martins — João Gonçalves Peneda — Estevam Difontes — Francisco de Uzeda — Francisco Pires — João Gonçalves Silveira — Diogo de Lara — Antonio de Lara — Manoel Coelho — Pedro da Silva Dias — Gabriel de Goes — Antonio Leam — Domingos Fernandes Pinto — Domingos Fernandes, o mosso.

\* \*  
\*

3 — «Pauta da Elleição. — Termo de Elleição que o Capitão Gabriel de Lara com o povo junto em 26 de Dezembro de 1649 annos por ser precizo. Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo, o qual termo fiz eu Antonio Vianna Escrivão do Publico para onde fui mandado e logo o dito Capitão os nota por haver Eleitos como abaixo se vê aonde se assignou comigo Escrivão. Gabriel de Lara.

Domingos Pinto deu boto para Eleitor a quem o dito Capitão deu o Juramento dos Santos Evangelhos que bem e verdadeiramente desse boto, em seis homens, que lhe parecesse de sua consciencia pera Eleitor, nomeou por seu juramento.

- O Capitão João Gonçalves Peneda — 16 botos.
- Capitão João Maciel Basam com — 17 botos.
- Estevam Difontes com quinze botos.
- O Capitão Grysostomo Alvres com quatorze botos.
- João Gonçalves Martins com cinco botos.



- Domingos Pereira com quinze botos.
- Pedro de Vzeda com quinze botos.
- Pedro André com dois botos.

Sahirão por Eleitor como parece: — o Capitão Grysostomo Alvres — o Capitão João Maciel Basam — Estevam Difontes — Domingos Pereira — Pedro de Vzeda — e o Capitão João Gls. Peneda.

*Esriptos para Eleitores.*

4 — «Estevam Difontes Eleito com Pedro de Vzeda sahimos aos 26 do mez de Dezembro de 1648; pelos fins desta éra fizemos os officiaes aqui nomeados, na forma costumada e Leis de Sua Magestade pela fé de nossas consciencias e pelos juramentos que recebemos fizemos para juizes a João Gonçalves Peneda, e a Estevam Difontes dei pera o outro Juiz; a Francisco Lozada e pera Vereadores demos em Andre Magalhaz e pera o outro em Domingos Pereira; e pera Escrivão da Camara em Antonio de Lara; e pera assim ser feito nos assignamos aos 26 dias do mez de Dezembro de 1648.

Pedro de Vzeda; Estevam Difontes.

*Outro Esripto.*

«João Gonçalves Peneda Eleito com Grysostomo Alvres — nós Eleitos damos nossos botos pera os Officiaes deste anno de 1649 em Joam Gonçalves Peneda, dou meu boto pera Juiz em Pedro de Vzeda, e Joam Gonçalves Martins — Vereadores Manoel Coelho — Domingos Pereira — André Migalhaz — Procurador Diogo de Braga — e Escrivão da Camara Antonio de Lara e Eu Grysostomo Alvres dou meu boto pera Juiz a Pedro de Vzeda e Joam Gonçalves Peneda e Vereadores Domingos Pereira — Manoel Coelho, André Migalhaz — Procurador Diogo de Braga — Escrivão Antonio de Lara.

João Gonçalves Peneda — Grysostomo Alvres.

*Outro Esripto.*

«O Capitão Joam Maciel Basam com Domingos Pereira — nós Eleitos damos nossos botos pera Juiz deste

anno de 1649 — Eu o Capitão Joam Maciel Basam dou pera Juiz a Joam Gonçalves Peneda, e Pedro de Vzeda, e pera Vereadores Domingos Pereira — Manoel Coelho e André Migalhaz — e pera Procurador Diogo de Braga — e Escrivão da Camara Antonio de Lara — e Eu Domingos Pereira dou boto pera Juiz em Joam Gonçalves Peneda; e pera o outro dou boto em Pedro de Vzeda; e pera Vereadores em Manoel Coelho, e pera outro em André Migalhaz, e pera outro em Francisco de Vzeda e pera Procurador em Diogo de Braga; e em Escrivão da Camara dou em Antonio de Lara.

João Maciel Basam — Domingos Pereira.

5 — *Termo de Juramento que o Capitão Gabriel de Lara deu aos Eleitos pera fazer os Officiaes que hão de servir no anno de 1649.*

Aos vinte e seis dias do mez de Dezembro de 1648 annos, apurado os emleitos na Eleição mandou o capitão Gabriel de Lara chamar os emleitos que sahirão por botos; e a todos elles lhe deu Juramento de cada hum de persi no livro dos Santos Evangelhos, pera que bem e verdadeiramente nomeassem sete homens em sam consciencia servissem nos cargos da Republica deste anno de seiscientos e quarenta e nove annos; a saber dois Juizes; tres Vereadores e hum Procurador do Concelho e Escrivão da Camara; e todos assim o prometerão fazer; aonde se assignarão com o dito capitam, e comigo Escrivão Antonio Vianna.

Gabriel de Lara, Grysostomo Alvres, João Maciel Basam, Pedro de Vzeda, Estevam Difontes, Joam Gonçalves Peneda.

*Termo.*

6 — «Aos 27 dias do mez de Dezembro de 1648 annos feita a Eleição dos Officiaes que hande servir este anno de 1649 me veio as mãos esta pauta pera alimpar, e apurar, e visto por mim, conformando-me com os escriptos dos emleitos, apurei na verdade, sem affeição alguma, e nella achei sahir por Juiz a João Gonçalves Peneda com dois botos — pera outro Juiz a Pedro de Vzeda, com dois botos — e Domingos Pereira pera Vereador com dois



botos — e André Migalhaz pera outro Vereador com tres botos — Manoel Coelho pera outro Vereador com tres botos, e Diogo de Braga por Procurador do Concelho com tres botos, e Antonio de Lara pera Escrivão com tres botos; os quaes podem servir seus cargos, dando-lhe primeiro o juramento, como hé uzo e costume. Gabriel de Lara Capitam desta Villa alimpou conformando-se com o provimento do Ouvidor Geral e Syndicante destas Capitania, aos 27 do mez de Dezembro (1648) da éra acima declarada.

Gabriel de Lara.

Termo de Juramento que se deu a Joam Gonçalves Peneda.

*Termo de Juramento.*

7 — «Aos 9 dias do mez de Janeiro de 1649 annos, deu o Juiz mais Velho Juramento dos Santos Evangelhos a todos os Officiaes por não estarem dia de anno bom todos aqui, pera que bem e verdadeiramente servisem seus cargos; como lhes davão a entender, estes asim o prometterão fazer, onde se assignaram com o dito Juiz e Eu Antonio de Lara Escrivão que o Escrevi — João Gonçalves Peneda, Domingos Pereira, Pedro de Vzeda, Manoel Coelho, Diogo de Braga — a qual eleição com cumprimento do despacho atras a fls. 9 e 10 do Desembargador e Ouvidor Geral o dr. Raphael Pires Pardino registei neste livro de Eleições, bem e fielmente ao qual me reporto, fica no Archivo do Concelho no Masso das Leis, e vai na verdade sem couza que duvida fasa aos 29 dias do mez de Maio de 1721 e Eu Manoel Pereira do O'. Escrivam da Camara que o registei e asignei — Manoel Pereira do O'.

«Provimento que fez o dr. Ouvidor Geral Raphael Pires Pardino no livro que devia servir para as Eleições de Juizes e Officiaes da Camara dos Capp.<sup>es</sup> mores e sargentos môres rubricados pelo mesmo em 1720 do que hoje só restão fragmentos.

«O Escrivão da Camara traslade por registo neste livro das Eleições a primeira que se fez nesta Villa no anno de 1648; para os novos Juizes e Officiaes da Camara que

nella principiarão a haver e servir no anno de 1649, que ainda se achou avulsa no Archivo do Concelho de que se conserve memoria daquelles homens bons; quem então solicitarão haver Justiças nesta Villa, e se ver tambem a ordem porque se levantou em Villa que está junta á mesma Eleição — «Pardino» —.

8 — O Marquez de Cascaes, quando creou a Capitania de Nossa Senhora do Rosario de Paranaguá, fez seu loco-tenente e ouvidor ao capitão fundador Gabriel de Lara, atrahindo-o por este modo para que defendesse a sua pretensão, na esperança de que todo o povo se conformasse, por ser elle a principal personagem e o mais poderoso vulto da terra. (Vid. Memor. para a historia da Capitania de S. Vicente, Livro 2.<sup>o</sup>, nota 56, pag. 172.)

A carta Regia de D. João III, de 21 de Janeiro de 1535, que fez doação a Pedro Lopes de Souza, das 80 leguas de terra, autorisava-o e a todos os seus successores a crear villas em toda e qualquer povoação, «as quaes se chamarão Villas e terão termo e jurisdição e liberdade, e insignias de Villas segundo do fôro, e costume de meus reinos; e isto porem se entenderá que poderão fazer todas as Villas que quizerem das povoaçoens que estiverem ao longo da costa da dita terra; e dos rios que se navegarem, porque dentro da terra firme, para o Sertão não os poderão fazer, em menos espaço de 6 legoas de huma a outra para que possam ficar ao menos 5 legoas da terra do Termo; a cada huma das ditas Villas, e a cada huma dellas, lhe limitaram, ou assignaram logo Termo para ellas; e ao depois não poderam da terra que asim tiverem dado, fazer outra Villa, sem a minha licença.» — (Vid. Memor. para a historia da Capitania de S. Vicente, pag. 140.)

9 — O Pelourinho, symbolo da criação da Villa, foi em Paranaguá erigido por Gabriel de Lara, em 1646, dous annos portanto antes da Ordem Regia que mandava criar a Justiça e proceder a eleição das autoridades locais.

Naturalmente as disputas entre os herdeiros dos Donatarios foram a causa de uma tal demora, pois do contrario para essa installação não se necessitaria de Ordem Regia, por ser isso attribuição privativa dos Donatarios e seus successores.



10 — Os Capitães povoadores tinham grandes poderes no começo do século XVII. Não se limitavam ao commando e governo militares, suas attribuições eram tanto de ordem militar como civil. Administravam os povos da sua jurisdição de forma quasi absoluta.

Tanto Gabriel de Lara, no littoral, como o Capitão Matheus Martins Leme, em Curityba, exerceram funções politico-administrativa e militar, cumulativamente. Ambos tiveram grande influencia e representaram papel saliente na criação das respectivas villas de Paranaguá e de Curityba.

11 — Foi ao Capitão povoador Gabriel de Lara que o povo paranaguense recorreu, em 1646, solicitando a criação da justiça e da administração da Villa. Foi ao Capitão Gabriel de Lara que o Ouvidor Geral do Brasil, dr. Manoel Pereira Franco, escreveu, enviando a Carta Regia de 29 de Julho de 1648, autorizando-o a proceder a eleição das primeiras autoridades da villa de Paranaguá. Em virtude dessa autorização, Gabriel de Lara convocou o povo e determinou se procedesse a mesma eleição, que fez — «*alimpar e apurar*» — e com o seu resultado se conformou e deu posse aos eleitos a 7 de Janeiro de 1649.

Foi o Capitão Gabriel de Lara quem fez levantar pelourinhos — o de Paranaguá em 1646 e o de Curityba a 4 de Novembro de 1668.

12 — Foi ao Capitão povoador Matheus Martins Leme que o povo de Curityba, em 24 de Março de 1693, requereu a criação de sua justiça local, em petição por elle deferida, com determinação de que o povo se reunisse, o que se fez a 29, cinco dias após, quando se procedeu a eleição da justiça e dos membros do Conselho. Por ahi se vê que tinham os capitães povoadores attribuições muito mais vastas que as dos capitães de ordenanças de então, sendo grande a parcella de mando que exerciam sobre seus jurisdicionados.

Quanto a Curityba, mediou entre a data da elevação do Pelourinho e a eleição de suas autoridades, o periodo de 25 annos. Pensamos explicar essa longa demora pela falta da necessaria ordem regia, pois os Donatarios tinham dutorização apenas para criar villas ao longo da costa e aos rios que desaguassem nos mares, e no sertão, desde

que ellas ficassem em distancia, uma da outra, de 6 leguas, para que facilmente se soccorressem. Fóra dahi mister se fazia ordem regia.

13 — Aos mais antigos povoadores e entre elles o mais capaz e de maior prestigio e serviços, se expediu a Patente de «*Capitão-Povoador*». Naturalmente Lara e Leme mereceram-na. Dahi o titulo de Capitães Povoadores que usavam em todos os seus actos.

Ainda em 1729, se nomeava Capitão Povoador do districto de Nhanduhy-mirim a José Vieira do Rio, por Patente de 24 de Abril, passada pelo Capitão General Governador de S. Paulo Antonio da Silva Caldeira Pimentel, então na Praça e Villa de Santos. (Doc. Interessantes, Vol. XXVII, pag. 10.)

#### *Sesmaria.*

1 — A primeira sesmaria de terras concedida no Paraná, de que ha noticia, foi feita a 1.º de Junho de 1614, pelo Capitão Ouvidor de Santos, Pedro Cubas, a Diogo de Unhates, na parte chamada Paranaguá, na barra do Rio Ararapira até a do Superaguy, como se verifica do seguinte documento:

«Snr. Capitão e Ouvidor.

Diz Diogo de Unhates, morador na Villa de Santos, escrivão da Ouvidoria e Fazenda desta Capitania, que ha perto de 40 annos é morador nesta Capitania, em cujo tempo tem servido a S. M.<sup>de</sup> com muita fidelidade e verdade em tudo quanto a elle tem sido possivel, e assim ao Governador e Capitão da terra, ajudando a defendel-a dos inimigos inglezes e hollandezes, que a vieram saquear e destruir, e assim tambem dos indios rebellados contra os moradores della, e de que nos encontros e batalhas que com elles tivéra muitas vezes lhe deram muitas frechadas em seu corpo e uma no braço direito de que ficou aleijado, e porque tem muitos filhos varões e seis femeas de legitimo matrimonio, e como quem é os havia de sustentar e amparar, e não tem terras onde fazer suas roças e mantimentos onde possa trazer seus gados e criações; pede uma data de terras de sesmarias na parte que se chama



Paranaguá, a saber: começando da barra do Rio que se chama — Ararapira, correndo a rumo do norte pela costa do mar até a barra de Superaguy, cortando o rumo de sudoeste toda a terra que houver dentro destes dous Rios, e duas leguas pelo matto dentro, e se estenderá esta data desde a ponta de Itaquacutiba, correndo norte até dar no 1.º Rio grande, pelo que receberá Mercê.

(Despacho) Dou ao supplicante as terras que péde e se passe carta.

Santos, 1.º de Junho de 1614.

*Pedro Cubas.»*

Este mesmo Diogo de Unhates, allegando os seus serviços e ter 11 filhos, sendo 7 filhas, das quaes 5 solteiras, requereu uma sesmaria de terras em frente á Ilha de S. Sebastião, 15 leguas ao norte de Santos. Por despacho do Capitão mór de Santos, Gaspar Couqueira, datado de 20 de Janeiro de 1608, foi-lhe a mesma concedida.

E' evidente assim que ao solicitar essas terras, tanto as de Superaguy, como as de S. Sebastião, não pretendia Diogo Unhates habital-as ou cultural-as, mas sim deixal-as, como patrimonio, as suas filhas.

Alem disso era Diogo de Unhates homem invalidado pelos ferimentos soffridos nas guerras incessantes em que tomára parte, e vinha exercendo o cargo de Escrivão da Ouvidoria de Santos já ha 40 annos. De idade avançada, como era, não abandonaria seu commodo e rendoso emprego para vir a Paranaguá povoar terras deshabitadas, e atirar-se ás agruras da afanosa vida de lavrador.

2 — Diogo de Unhates não residia em Paranaguá, nem foi seu povoador, a despeito de possuir ahi sesmarias de terras.

3 — Gabriel de Lara, na qualidade de Capitão mór, Procurador e sismeiro do Donatario Marquez de Cascaes, concedeu innumeras cartas de sesmarias de terras na Capitania de Paranaguá. A primeira, de que temos noticia, é a que concede ao capitão Matheus Martins Leme uma sesmaria em Curityba, junto ao Rio Bariguy, nas suas duas margens. Pela sua importancia, extrahimol-a em copia do Livro de Notas, a cargo do Tabellião de Curityba, sr. Ma-

noel José Gonçalves, cujos archivos gentilmente nos foram franqueados:

«Diz o Capitão Matheus Martins Leme, morador nesta nova povoação de nossa Snr.<sup>a</sup> da Luz dos Pinhaes, que elle supp.<sup>te</sup> não tem terras para laurar e agasalhar sua familia, conforme suas posses, Pello que péde a V. m. como capitão mór, e sismeiro do donatario lhe de meya legoa de testada de huma rosa que tem defronte de seu curral, da outra banda do Rio de Marigihy Repartido da meya legoa de testada tantas Brassas de hua banda como da outra e de comprimento da vanda do norte hua legoa Resalvando Campos e Campinas e Grapaig (Igarapés), que não forem lavrarios para elle e seus herdeiros com suas entradas he sahidas, no que Recebera m.<sup>ce</sup>.

(Despacho.) Dou ao supplicante as terras que péde com todas as confrontações declaradas na sua petição, como procurador e sismeiro que sou do Sr. Marquez de Cascaes, de que se lhe passe carta na forma ordinaria.

Nossa Snr.<sup>a</sup> da Luz dos Pinhaes, a primeiro de 7br.º de 1668 annos.

Lara.»

*Carta.*

Gabriel de Lara, Capp.<sup>m</sup> mór da Capitania do snr. Marquez de Cascaes, seu Procurador Bastante e Sismeiro, em toda a sua Capitania das quarenta legoas de terras que lhe dá sua doação da Banda do sul etc.

Aos que a presente minha carta de terras de sesmaria de matos maninhos, deste dia para todo o sempre virem he conhecimento dellas com direito pertencer; faço saber que a mim fez saber por sua petição na meia folha atraz escripta, o Capitão Matheus Martins Leme, dizendo-me nella entre outras couzas, que elle estava sem terras e lhe hera necessario terras p.<sup>a</sup> lavourar e fazer suas lavouras e hera possante de pessas, me pedia lhe fizeçe m.<sup>ce</sup> dar em nome do donatario meya legoa de testada de hua rossa que tem defronte do seu curral da outra banda do Rio Barigoihy — repartindo na meya legoa de testada tantas brassas de uma Banda como da outra e de comprimento da Banda do norte hua legoa resalvando campos e



chãos que não forem lavrados para elle e seus filhos e herdeiros com suas entradas e sahidas no que recebera mercê, no qual puz por meu despacho o seguinte:

Dou ao supplicante as terras que péde com todas as confrontações declaradas na sua petição, como procurador e sysmeiro que sou do sr. Marquez de Cascaes, de que se lhe passe Carta na forma ordinaria. N. S. da Luz dos Pinhaes a 1.º de Setembro de 1668 annos. (assignado) Lara.

Esta carta que é longa, concede isenção de impostos etc., salvo os «disimos a Deus das novidades que nella colherem».

Conforme as escripturas de venda e de doação, esta sesmaria se achava dividida em 1790; pertencendo parte ao Capitão Manoel Gonçalves Guimarães, por execução feita por seu sogro Manoel Nunes de Lima a José Palhano de Azevedo e por doação do executante a sua filha Maria Magdalena, esposa do Capitão Manoel Gonçalves Guimarães.

A outra parte foi vendida por Victorino Teixeira ao Capitão Antonio José da Silva que, por sua vez a revendeu ao Capitão Manoel Gonçalves Guimarães, tornando-se este assim possuidor de toda a sesmaria primitivamente concedida a Matheus Leme.

Por escriptura de venda de 20 de Março de 1790 foi a sesmaria adquirida de seus proprietarios pelo Capitão Luiz Ribeiro da Silva.

4 — Outra carta de sesmaria, datada de 15 de Fevereiro de 1683 e assignada pelo Capitão-mór e Governador da Capitania de N. S. do Rosario de Paranaguá, Thomaz Fernandes de Oliveira, concede a Manoel Soares, que estava «povoando os campos de Curityba com sua mulher e filhos, com suas criações de gado, e por não possuir terras», uma sesmaria na paragem chamada — Botiatuva — junto ás terras do Capitão Balthasar Carrasco dos Reis a testar com a Campina onde esteve — Arraiado (sic) Dom Rodrigo da outra parada do Rio Passaúna, e pela parte do norte ou nordeste a testar com terras do defunto Domingos Rodrigues da Cunha, Luiz de Góes e o Capitão Matheus Martins Leme, no caminho que corre

para as Minas do Itambé». Esta carta de sesmaria foi datada e passada em Itambé, onde se achava o Capitão-mór em inspecção ás minas.

5 — O Capitão General Rodrigo Cezar de Menezes, em 1723, passou uma carta de sesmaria ao Capitão João Martins Leme, morador em Curityba, declarando que era elle — descendente de povoadores e conquistadores.

6 — Gabriel de Lara, em 9 de Novembro de 1674, concedeu sesmarias de terras em Paranaguá, no Rio do Guaragussú, a João da Gama e a Gregorio Pereira, por serem elles «dos primeiros que vieram povoar a terra, e no proprio lugar onde o Pai deste ultimo teve uma roça.»

O Capitão-mór Matheus Martins Leme, povoador de Curityba, expediu diversas cartas de data de sesmaria de terras em Curityba, e entre ellas uma a Aleixo Leme Cabral, «morador na povoação de N. S. da Luz e do Senhor Bom Jesus dos Pinhaes», datada de 30 de Março de 1690, com uma legua de sertão entre terras de João Tavares e as de Manoel Soares. Esta carta é iniciada com os seguintes dizeres:

«Matheus Martins Leme, Cappitam mor Desimeiro nesta Villa de Nossa Senhora da Luz etc. Aos que . . . .

. . . . . pelo que me pedia como capitam mor e povoador dellas e poderes que tinha, lhe desse em nome de Sua Magestade . . . »

7 — As sesmarias eram geralmente de superficie de uma legua de largura e tres de comprimento ou sejam 5.400 alqueires de terra; houve, porem, sesmarias de legua e meia em quadra ou sejam 4.050 alqueires de terra.

#### b) O PLANALTO CURITYBANO.

1 — Os aventureiros vicentistas que affluiram em bandos a Paranaguá, pelas noticias retumbantes da descoberta das famosas minas de ouro, espalharam-se pelos montes e serras a explorar os correjos, os riachos e os rios, avidos de fazer fortuna. Os indios Carijós, desejosos de captar-lhes a amizade, afim de evitar as suas guerras de conquististas, e assim a escravisação e muitas vezes a mortandade



em massa, serviam-lhe de guias nas incursões. Os bandos succediam-se, e a avidez redobrava. Os trabalhos de mineração não tinham treguas. Tudo foi revolvido. Os proprios rios eram desviados dos cursos primitivos, para a exploração conveniente dos seus leitos naturaes. E nesse trabalho grandes obras foram feitas, que ainda hoje demonstram a sua importancia e o numero avultado de operarios, encarregados de executal-as.

A serra da Prata foi proficuamente explorada e transposta pelos aventureiros, que seguiram o curso das aguas dos rios que alli têm suas origens.

Pelo divorcio aquario, uns têm sua foz no littoral, indo desaguar na Bahia de Paranaguá; outros, tomando rumo opposto, vêm affluir ao Rio Iguassú, que nasce no municipio de Curityba, e é um dos grandes affluentes do Rio Paraná, pertencente a bacia do Prata.

2 — Facil foi, pois, aos aventureiros vicentistas descortinarem o «plateau curitybano», cujos verdejantes prados lhes attrahiram logo a attenção, por verem quão propicio eram á criação do gado vaccum.

Ao mesmo tempo, a belleza dos — «Pinheirae interminos de uma altura tres vezes superior em tamanho aos da Europa, e de uma grossura que tres homens não lhe abarcavam o tronco», impressionou-os, mostrando a riqueza assombrosa dessa terra privilegiada e abençoada, que resumia em si thesouros naturaes demonstrativos da exuberancia do solo e da amenidade de um clima temperado e sadio.

3 — Os veios de ouro encontrados nas proximidades do rio Atuba e do rio Bariguy trouxeram os primeiros povoadores a Curityba, e em consequencia a formação de arraiaes em suas cercanias.

Em 1668 já era grande o numero de habitantes no povoado de Nossa Senhora da Luz e Bom Jesus dos Pinhães. Como previam as leis portuguezas, que nos povoados em que houvessem 30 homens se deveria criar a justiça e eleger as autoridades, os moradores aproveitando-se do momento em que o capitão mór da capitania de Paranaguá, Gabriel de Lara, viera em inspecção a Curityba, requereram-lhe a elevação do povoado a villa e a criação da justiça.

Gabriel de Lara, na qualidade de Capitão mór e procurador bastante do Marquez de Cascaes, com os poderes de que este o investira, deferiu a petição do povo e mandou levantar o pelourinho, symbolo da criação da Villa, com toda a solemnidade necessaria, lavrando-se, do acto, um termo, por tabellião «ad hoc», assignado pelos presentes.

Pouco ou quasi nada prosperou o povoado, tanto que até 1693 não se havia procedido a eleição da justiça e administração da villa, criada em 1668.

Nos 25 annos que decorreram, o numero de homens fixados na villa elevou-se apenas de 30 a 90; isto é, de um a tres «póvos».

Por uma circumstancia feliz, foram os povoadores, quer de Paranaguá, quer de Curityba, homens de certo valor moral e intellectual, o que muito influiu na formação do character dos paranaenses, seus descendentes.

Todos, ou a grande maioria, eram instruidos e capazes de exercer os cargos da Republica, com criterio, zelo, e honra, como o demonstraram.

Pertenciam, em grande parte, ás principaes familias vicentistas ou paulistas, alguns de nobreza provada, como se verifica nos innumerados autos de justificações existentes nos cartorios, e nos diversos estudos genealogicos que temos consultado.

Os filhos desses benemeritos pioneiros do nosso progresso e desbravadores dos sertões parananianos, não deixaram de seguir os exemplos de seus antepassados, os heroicos povoadores e fundadores deste abençoado solo: — O Paraná!

O capitão Balthazar Carrasco dos Reis, tronco dos Carrascos dos Reis, do Paraná, foi celebre bandeirante. Já em 1645 tinha feito sua entrada no sertão e antes de 1638, com seu pae e irmão, ajudara ao Governador de S. Vicente nas guerras da capitania. Era filho de Miguel Garcia Carrasco, natural de S. Lucas de Canna Verde e de sua primeira mulher Margarida Fernandes. Foi Miguel Garcia homem de importancia e um dos signatarios da aclamação de Amador Bueno da Ribeira, juntamente com os fidalgos hespanhóes que a promoveram. A 3 de Abril de 1641 assignou a solemne aclamação de D. João IV,



de que se fez termo e auto na Camara de S. Paulo. Por ahi se vê que pertencia ás principaes familias vicentistas, sendo, alem disso, casado com Isabel Antunes Preto, descendente do celebre bandeirante Antonio Preto, homem de nobreza provada.

Ligados aos Pretos por laços de consanguinidade e de matrimonio, se achavam os Cunha Gago, os Pires Bicudos de Mendonça, os Unhatte, Peres Calhamares, do qual descendeu o sargento mór Antonio Affonso Vidal, que fez parte da expedição de D. Rodrigo Castello Branco ás minas de Paranaguá, em 1679; ligado ainda aos Pretos se achava o capitão Matheus Luiz Grou, sogro de Manoel Antunes Preto e Miguel Sutil de Oliveira, descobridores das minas de Cuxipó e Cuyabá.

Ligados por matrimonio a filhas de Balthazar Carrasco se achavam: Manoel Soares, casado com sua filha Maria Paes, e cujas filhas Maria Soares e Isabel Soares casaram respectivamente com Antonio Rodrigues Seixas e João Ribeiro do Valle; Antonio Rodrigues Side, casado com sua filha Isabel Garcia Antunes; José Teixeira de Azevedo (filho de Luiz Palhano e sua mulher Maria Sevana), casado em Curityba a 1.º de Novembro de 1685, com sua filha Domingas Antunes, e Antonio Martins Leme, filho do capitão povoador, Matheus Martins Leme, casado com sua filha Margarida Fernandes.

O capitão povoador Matheus Martins Leme, de nobreza provada, era filho de Thomé Martins Bonilha e sua mulher, Leonor Leme, ambos pertencentes ás mais illustres e poderosas familias vicentistas. Era casado com Antonia de Góes, irmã de Luiz de Góes. Por seu filho Capitão Antonio Martins Leme, casado com Margarida Fernandes, ficou ligado aos Carrascos dos Reis; ficou tambem ligado ao capitão Antonio da Costa Velloso, por sua filha Anna Maria; e ao capitão Manoel Picam de Carvalho, por sua filha Maria Leme.

Vê-se assim que os povoadores de Curityba constituam quasi uma unica familia.

Quanto aos povoadores de Paranaguá, identico facto se verifica.

O capitão mór Gabriel de Lara, era irmão de Diogo

de Lara e primo de Matheus Martins Leme, pois que Francisco Martins Bonilha, avô deste, era casado com uma tia de Lara.

Ambos eram parentes de Matheus Luiz Grou e de Domingos Fernandes Pinto.

Manoel de Lemos Conde era casado com uma neta de Manoel Mourato Coelho que, por seu turno, era casado com uma parente de Gabriel de Lara.

Lemos Conde tinha uma filha casada com Pedro de Moraes Monforte, fundador e povoador de Curityba.

Thomaz Fernandes de Oliveira, que foi capitão mór de S. Vicente e Governador de Paranaguá, era aparentado com Gabriel de Lara, com Matheus Leme e Matheus Luiz Grou.

O capitão mór Provedor Gaspar Teixeira de Azevedo era pae ou irmão de Luiz Palhano de Azevedo, e por sua vez ligado por matrimonios de seus filhos aos Carrascos dos Reis e Manoel Soares.

Antonio de Lara, o velho, era casado com uma descendente dos Carrascos dos Reis.

#### c) CURITYBA.

##### *Fundação da villa de Curityba.*

##### *Acta do levantamento do pelourinho.*

1 — «Saibão quantos este publico instrumento de poce e levantamento de Pelourinho virem, em como aos quatro dias do mez de Novembro de mil seiscientos e sesenta e oytos annos, nesta villa de Nossa Senhora da Luz dos Pinhães, estando o capp.<sup>am</sup> mór Gabriel de Lara nesta dita villa, em presença de mim Tabellião fizerão os moradores desta dita villa requerimento perante elle dizendo todos a hua vóz que estavam povoando estes campos de Coritiba em terras e lemites da demarcação do snr. Marquez de Cascaes, e assim lhe requerião como capp.<sup>am</sup> mór e Procurador bastante do dito snr. mandase levantar Pelourinho em seu nome, por convir assim o serviço d'El-Rei e acrescentamento do donatario; e visto o requerimento dos moradores ser justo mandou logo levantar Pelourinho com



todas as solemnidades necessarias, em paragem e lugar desente nesta Praça, de que mandou paçar este termo por mim Tabelião, onde todos se assignarão com migo Antonio Martins Leme que o escrevi. — Gabriel de Lara, Matheus Martins Leme, Gaspar Carrasco dos Reis, Luiz de Góes, Ignocencio Fernandes, André Fernandes dos Reis, Amaro Pereira, Matheus Martins, o moço, João Martins Leme, Francisco da Gama Paes, Thomaz de Castanheda, João da Gama, Manoel Cardoso, Domingos Rodrigues da Cunha, Domingos André, Manoel Martins Leme, Angelo Nunes Camacho.

*Requerimento para a criação das justiças.*

2 — Snr. Capp.<sup>am</sup> Povoador. Os moradores todos assistentes nesta povoação de Nossa Senhora da Lux e Bom Jesus dos Pinhaes que atendendo ao serviço de Deus e o de Sua Magestade, que Deus Guarde, paz, quietação e bem comum deste povo, e por ser já oje mui crescido, por pasarem de noventa homens, e quanto mais crece a gente se vão fazendo mores desaforos, e ben se vio esta festa andarmos todos com armas na mão, e apeloirou-se dos outros mais e outros insultos de roubos, como he notorio e constante pelos casos que tem susidido e daqui em diante será pior, o que tudo causa o estar este dito povo tão desamparado de governo e disciplina da justiça. E atendendo nos, que adiante será pior por não aver a dita justiça na dita povoação, nos ocorreremos a Vmc. como capp.<sup>m</sup> e cabeça dela, e por ser já decrepito e não lhe obedecerem, seja servido premitir a que aja justiça nesta dita villa, pois nela a gente bastante para exerser os cargos da dita justiça que faz o numero de tres povos. E, pela ordenação ordena Sua Magestade, que avendo 30 homens se eleja justiça, e demais de que consta que Vmc. por duas vezes percurou aos cappitains-mores das capitancias debayxo lhe viesem criar justiça na dita povoação, sendo que não era nesessario por ter auido já aqui justisa em algum tempo criada pelo defunto Capp.<sup>m</sup> mor Gabriel de Lara, que levantou Pelourinho em nome do donatario o snr. Marquez de Cascaes —; Pelo que requeremos a Vmc. da parte de

Deos e d'El-Rei que visto o que alegamos e o nosso pedir ser justo e bem comum de todo este povo, o mande ajuntar e fazer eleyção e criar justiça e camara formada, pera que assim aja temor de Deos e d'El-Rei e por as cousas em caminho. E receberá mercê.

*Despacho.*

Juntesse o povo. Deferirey o que ao que pedem. — Pinhaes, 24 de Março de 1693. — Leme.

*Reunião do povo e a escolha dos eleitores.*

3 — Aos vinte e nove dias do mez de Março da era de 1693 annos, nesta Igreja de Nossa Senhora da Lux e Bom Jesus dos Pinhaes por despacho desta petição se ajuntou o povo todo desta villa e pello capp.<sup>m</sup> della lhe foi perguntado o que todos lhe responderam a voz alta lhe criasse justiça pera com isso ver si ivitavam os muitos desaforos que nella se fazião, o que vendo o dito capitão hera justo o que pedião-lhe respondeu que nomeassem seis omens de sam comsiença para fazerem ofiçiaes que aviam de servir, o que logo nomearão para com o dito capitam povoador fazerem eleição, e como assim ouverão todos por bem se assignaram com migo Antonio Rodrigues Seixas em falta do escrivão, que o escrevi. — Matheus Martins Leme, Antonio da Costa Veloso, Antonio Martins Leme, Manoel Soares, Domingos Rodrigues Seixas, José Pereira Quevedo, João Leme da Silva, João Pereira de Avelar, André Rodrigues da Silva, Miguel Delgado, Diogo da Costa, Manoel Picam de Carvalho, Manoel da Silva Bayão, Agostinho de Figueiredo, Gaspar Carrasco dos Reis, Nicolau de Miranda Franco, Antonio de Siqueira Leme, João Alvares Martins, Miguel Fernandes de Siqueira, Braz Leme de Siqueira, Francisco de Mello, Jeronimo Reis Side, Manoel Alvares Pedroso, Manoel Dias Cortes, Antonio Rodrigues Cid, Salvador Rodrigues, Amador Nunes de Bulhões, Salvador Martins, Antonio Luiz Tigre Lamim, Paulo da Costa Leme, João Leme, Matheus Martins, Luiz Rodrigues, Antonio do Couto, José Martins Leme, Pedro Gon-



calves Martins, Miguel Rodrigues, Caetano Leme Cabral, José Rodrigues Cid, Antonio dos Reis Cavalheiro, Fructuoso da Costa, João de Siqueira, Gonçalo Pires, Lourenço Pinto, Pedro Moraes de Monforte, Bartolomeu Nunes, Domingos André, Pedro Rodrigues, Balthazar Carrasco dos Reis, Luiz Leme da Silva, Antonio da Costa, João Veloso da Costa, Garcia Rodrigues, Innocencio de Medina, Roque Fernandes, Vicente de Góes, Placido de Ramos, Luiz de Siqueira, Antonio Garcia da Costa, Domingos Ribeiro de Abreu, José de Góes, Luiz de Góes, João Felix Cavalgante.

*Eleição da camara e installação da villa.*

4 — Memoria do que acordarão os seis eleitores — o Capp.<sup>m</sup> mór, Agostinho de Figueiredo, Luiz de Góes, Gracia Rodrigues Velho, João Leme da Silva, Gaspar Carrasco dos Reis, Paulo da Costa Leme, os coais de debaixo do juramento que lhes foi dado pelo reverendo padre vigario desta villa, Antonio de Alvarenga, nomeou para juizes Antonio da Costa Veloso, Manoel Soares; vereadores Gracia Rodrigues Velho, o capitão Joseph Pereira Quevedo, Antonio dos Reis Cavaleiro, e para procurador do conselho o capp.<sup>m</sup> Aleixo Leme Cabral, e para escrivão da camara João Rodrigues Seixas; este é o nosso parecer, e como tal nos assignamos aqui. — Agostinho de Figueiredo, Luiz de Góes, Gracia Rodrigues da Cunha, João Leme da Silva, Gaspar Carrasco dos Reis, Paulo da Costa Leme, Padre Antonio de Alvarenga.

*A fundação de Curityba, em face da tradição.*

5 — «Curi-tiba, ou Core e tuba, que significa — terra que dá muito pinhão — foi seu nome primitivo e que ora se chama, Coritiba.

De antiga tradição consta que, hum paulista — F. Soares do Valle, casado e com familia na cidade de S. Paulo, tendo feito certo desagrado ao Governador, que de lá fugira entranhando-se pelos Sertoens das mattas, vindo asahir nos Campos Geraes, e chegado aos Campos de Coritiba, e avistando as serras da marinha desceo pella

denominada Serrinha té Paranaguá, donde escreveu ao sogro em S. Paulo para que lhe troucesse sua mulher e filhos, que com effeito vierão; e constando ahuns colonos europeos que moravam em Cananéa, no lugar que ainda hoje se chama morro — dos Andrades —, do descobrimento feito pelo dito Soares, dos campos de Coritiba, talvez na ocasião da passagem que porali fez aquella familia vinda de S. Paulo; asentaram de mudarem-se conjuntamente com a mesma familia para os Campos de Coritiba vindo Lourenço Rodrigues de Andrade, com sua familia e hua filha cazada com hum F. Seixas; sendo por consequencia as tres familias de Soares, Seixas e Andrades — as que foram primeiros povoadores d'aquelles Campos. — A primeira povoação foi principiada na margem do rio do Atuba, que ainda hoje se chama a Villinha mas querendo os moradores mudal-a de lugar onde hoje está a cidade; convidarão ao Cacique dehua horda de indios que morava nos Campos de Tindiquera nas margens do rio Iguassú, para o consultarem e designar o lugar, este viera com sua gente; examinando o lugar onde os colonos pretendiam fazer assento de sua povoação, e trazendo na mão hua grande Vara, afincou no chão — e virando-se para os colonos, disse: — Aqui —, e nesse mesmo lugar, logo formarão hua Capelinha, para o culto Religiozo, lugar onde hoje existe a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Luz; o mesmo aconteceo amilagroza Vara que floreceu na Eleição que os Portuguezes fizeram quando acclamarão ao Rei Vamba ou Bamba pelos annos de 680 do Nascimento de Christo.»

(Memoria historica de Paranaguá — Antonio Vieira dos Santos.)

**Capitães môres da Capitania de Paranaguá.**

1 — Pela ordem chronologica foram estes os Capitães môres da Capitania de Paranaguá desde sua criação, em 1660, até sua incorporação á Corôa, em 1711:

*1.º Capitão Gabriel de Lara.*

Nomeado Alcaide mór — Capitão mór e Ouvidor e Provedor da Capitania de N. S. do Rosario de Paranaguá,



(compreendendo as 40 leguas do sul da Antiga Capitania de S. Amaro, da doação a Pedro Lopes de Souza) pelo Marquez de Cascaes, de quem foi Procurador, Lugar Tenente e Sismeiro.

Homem de vasto prestigio, valor e energia, gozou de grande popularidade e ascendencia em sua Capitania.

Natural de S. Paulo, ali casou com Brigida Gonçalves. Era filho de Diogo de Lara e de sua mulher Antonia de Oliveira.

Foi Gabriel de Lara fundador e povoador de Paranaguá e Curityba. Ali chegou em 1640, no commando de uma companhia de ordenanças que vinha defender a bahia de Paranaguá das constantes incursões de piratas hespanhóes, que pretendiam conquistar as possessões portuguezas do Brasil meridional.

Muito contribuiu para as descobertas e explorações das minas de ouro e prata de Paranaguá, nos annos proximos a 1646.

Antes de vir, em 1640, com sua companhia para Paranaguá, parece que ali já tinha estado, numa bandeira vinda em busca dos indios Carijós, para escravizal-os. Tinha então tenra idade, pois só falleceu em Dezembro de 1682, em Paranaguá, ainda no exercicio do seu cargo de Capitão mór, a que muito honrou. Em petição datada de 25 de Maio de 1628 ao Juiz de Orphãos da villa de S. Anna da Parnahyba, pediu que lhe fossem entregues — as peças — que sua irmã Maria de Oliveira declarou em seu testamento pertencerem ao requerente, pois elle Gabriel de Lara as descera do sertão.

(Ver testamento de Maria de Oliveira, nesta obra, em *Título Gabriel de Lara.*)

### 2.º Capitão Thomaz Fernandes de Oliveira.

Sentou praça como simples soldado, sendo promovido a Alferes, Tenente e Capitão da companhia de Infantaria de Ioloro-Angola. Foi armador de um navio seu de que foi capitão de Mar e Guerra e capitão mór de S. Vicente. Por morte de Gabriel de Lara foi proposto pela Camara

para substituí-lo no elevado cargo de capitão mór da Capitania de Paranaguá.

Assumiu esse cargo a 1.º de Janeiro de 1683, exercendo-o até Maio de 1689.

Passou muitas cartas de sesmarias de terras como Logar-Tenente e Sismeiro do donatario.

Na primeira parte desta Memoria a pagina 42 quando tratamos do paragrapho referente ao — «Letigio entre herdeiros dos donatarios das capitancias de S. Vicente e S. Amaro» no n.º 7 affirmamos que o Conde da Ilha do Principe em 1.º de Fevereiro de 1654 commissiõnara o Capitão mór de Itanhaen Diogo Vaz de Escobar, para tomar posse e administrar em seu nome a Villa de Paranaguá e por sua morte a Simão Dias de Moura; dissemos que em 1656 o Marquez de Cascaes creara a «Capitania de Paranaguá», nomeando para o lugar de Capitão mór e seu Logar Tenente ao Capitão Gabriel de Lara, de forma que foi Paranaguá governada simultaneamente por dous Capitães môres que a administraram, um — em nome do Conde da Ilha do Principe e outro em nome do Marquez de Cascaes; situação essa que só teve termo em 30 de Novembro de 1660, quando aportando a Paranaguá o General Salvador Correia de Sá e Benevides, ordenou a Camara que fosse a villa governada em nome de S. Magestade até que tivesse decisão o litigio de dominação dos dous donatarios, que terminou com o reconhecimento do direito do Marquez de Cascaes.

Parecerá pelo exposto que houveram dous Capitães môres anteriores a Gabriel de Lara; assim foi, mas tão somente da Villa de Paranaguá e seus districtos e não da «Capitania de Paranaguá» de que Gabriel de Lara fora o primeiro Capitão mór.

### 3.º Capitão Matheus Martins Leme.

Capitão mór e Logar-Tenente do Marquez de Cascaes, que era, passou entre os annos de 1690 á 1695 diversas cartas de sesmarias de terras. Sendo já velho e decrepito, conservou-se no Governo, em Curityba, até sua morte em 1697.



4.º *Gaspar Teixeira de Azevedo.*

Por patente de 7 de Maio de 1689, confirmada a 20 de Novembro de 1690, foi por El-Rei D. Pedro II nomeado Capitão mór das minas da Capitania de Paranaguá, exercendo esse cargo de 1689 até sua morte, ocorrida em Paranaguá em 1712.

Suas funções de Capitão mór só se extendiam ao serviço das minas que administrava. Passou diversas patentes, entre ellas a de Guarda mór das minas de Curityba, a seu filho Domingos Teixeira de Azevedo, pae de Frei Gaspar da Madre de Deus. Foi Provedor das minas. Quanto aos serviços que neste cargo prestou, mais amplamente diremos no capítulo respectivo.

Por morte do Capitão mór Thomaz Fernandes de Oliveira assumiu o lugar de Capitão mór da Capitania, que administrou de 1689 até 1692.

5.º *Capitão Francisco da Silva Magalhães.*

Por patente de 31 de Dezembro de 1692 foi nomeado Capitão mór da capitania de Paranaguá, cargo que exerceu até a sua morte, em 1707. Por provisão de Gabriel de Lara, de 2 de Junho de 1682 foi nomeado Ouvidor por Lei, da Capitania.

6.º *João Rodrigues de França.*

Nomeado Capitão mór da Capitania por patente de 6 de Dezembro de 1707, passada por D. Fernando de Mascarenhas e confirmada por El-Rei D. João a 19 de Janeiro de 1711, governou-a até a sua morte, verificada em 1715.

Foi o ultimo Capitão mór, Logar-Tenente e Sismeiro do donatario, Marquez de Cascaes, por ter este em 1711 vendido a sua Capitania á Corôa por 4000 cruzados.

Proprietario de muitas fazendas de criação de gado, nos campos de Curityba, possuía igualmente terras auríferas no Canguiry, como adiante se verá.

Desde a data da incorporação das capitanias á Corôa, os cargos de capitães móres que até então eram vitalícios, passaram a ser exercidos por 3 annos.

7.º *Sargento mór Antonio Gracia.*

Exerceu o cargo de Capitão mór de Paranaguá de 20 de Março de 1716 até Setembro de 1717, sendo nomeado por patente de D. Francisco de Tavora, Governador e Capitão-General da Capitania do Rio de Janeiro.

8.º *Mestre de Campo André Gonçalves Pinheiro.*

Foi Provedor dos Quintos reaes da Casa de Fundição de Paranaguá. Por patente de 17 de Setembro de 1717, passada por Antonio de Brito Freire de Menezes, Governador do Rio de Janeiro, foi nomeado Capitão mór de Paranaguá.

Em 1731 foi pelo governador de S. Paulo suspenso do exercicio desse cargo que, sendo de nomeação, era-o por 3 annos apenas.

Foi vulto de respeito e importancia. O posto militar de mestre de campo era equivalente ao de coronel.

9.º *Coronel Anastacio de Freitas Trancoso.*

Era Coronel-commandante do Regimento de Ordenanças da Capitania de Paranaguá e seus districtos, comprehendendo Curityba, Iguape, Cananéa, S. Francisco e Laguna.

Exerceu por algum tempo o cargo de Capitão mór e o de Governador. Prestou relevantes serviços a sua Patria. Fez aprestar diversas embarcações, remettendo nellas soccorros de alimentos e lenha á colonia do Sacramento, que se achava sitiada pelos Castelhanos. Fortificou os portos e bahia de Paranaguá, com o fim de impedir o ataque de inimigos que cruzavam a costa. Organizou seu regimento, que se tornou notavel pela disciplina, porte militar e valor de seus commandados. Em 1732 recebeu uma ordem do Conde de Sarzedas, de effectuar a prisão de toda e qualquer pessoa que passasse em Paranaguá, vinda das minas de Cuyabá, devendo confiscar-lhes todo o ouro que houvesse em seu poder.

Falleceu em 1742.



10.<sup>o</sup> *D. João Francisco Laynes.*

Nomeado Capitão mór pela Camara, tomou posse a 22 de Junho de 1743.

11.<sup>o</sup> *Capitão Antonio de Souza Pereira.*

Era casado com D. Anna Maria Laynes.

Falleceu, com testamento, em Paranaguá, a 24 de Agosto de 1779.

12.<sup>o</sup> *Capitão Antonio Ferreira Mathoso.*

Nomeado Capitão mór por patente de 5 de Setembro de 1763, tomou posse a 24 de Dezembro desse anno, exercendo o cargo até Março de 1766. Foi procurador dos bens do confisco dos padres da Companhia de Jesus.

13.<sup>o</sup> *Manoel Nunes de Lima.*

A Camara, em vereança de 16 de Novembro de 1765, indicou seu nome, conjuntamente ao de seu sogro Sargento mór Domingos Cardozo de Lima, ao cargo de Capitão mór, sendo elle o escolhido para o lugar, e nomeado por patente de 15 de Dezembro de 1765. Tomou posse a 15 de Março de 1766, fallecendo nesse mesmo anno.

14.<sup>o</sup> *José Carneiro dos Santos.*

Foi nomeado Capitão mór por patente de 3 de Setembro de 1766. Tomou posse a 8 de Outubro de 1766, exercendo o cargo durante 3 annos. Em 29 de Janeiro de 1789 obteve segunda patente de Capitão mór. Foi homem de grande prestigio.

15.<sup>o</sup> *Capitão Manoel Antonio Pereira.*

Foi nomeado Capitão mór de Paranaguá em Março de 1815, tomou posse a 22 de Abril do mesmo anno. Foi o

ultimo Capitão mór de Paranaguá, por ter sido extinto esse cargo em 1833 e creado o de Prefeito

Por portaria da Presidencia de S. Paulo, de 28 de Agosto de 1833 foi nomeado Prefeito da Villa de Paranaguá; foi assim o primeiro cidadão que exerceu esse cargo na Villa.

Pelo mesmo Decreto foi nomeado Prefeito de Curityba o Ajudante José Borges de Macedo, e da Lapa, Manoel Antonio da Cunha.

**Governadores Militares.**

1 — As primeiras autoridades militares que governaram nas terras paranaenses, foram o capitão Gabriel de Lara, no littoral, e o Capitão Matheus Martins Leme, no planalto curitybano. Ambos tiveram os títulos de Capitães Povoadores.

Provavel é que ambos tivessem vindo na mesma epoca, mandados com os homens de seus commandos, guarnecer Paranaguá e Curityba, ameaçados de cair sob o dominio hespanhol.

Eram constantes as excursões dos castelhanos no littoral e simultaneamente as reduções jesuíticas pareciam estender o seu dominio absoluto por todo o territorio parananiano. Não fossem os benemeritos bandeirantes, assim teria acontecido.

Gabriel de Lara e Matheus Martins Leme faziam parte dessas bandeiras. Ambos foram povoadores de Paranaguá e de Curityba.

1.<sup>o</sup> *Gabriel de Lara.*

Natural de S. Paulo, era filho de Diogo de Lara, da alta nobreza de sangue dos Laras, de Zamora, do reino de Castella Velha, e de sua mulher D. Antonia de Oliveira, casada em segundas nupcias.

Em 1640, sendo já commandante de uma companhia de ordenanças, foi mandado com esta a povoar Paranaguá, sendo-lhe dada a Patente de Capitão povoador. Armou o seu acampamento na Ilha da Cotinga, como acima se disse.



O novo povoado era habitado unicamente pelos índios Carijós, guerreiros e valentes, porem doces ao trato e convívio dos homens civilizados. Serra acima, foi enviado, com sua companhia de ordenanças, o

## 2.º Capitão Matheus Martins Leme.

Natural de S. Paulo, filho de Thomé Martins Bonilha e de sua mulher Leonor Leme. Descendente de Castelhanos de nobreza provada, foi vulto de prestígio, e teve benéfica influencia na criação do povoado curitybano. Seus descendentes foram homens de valor e exerceram, como elle, os honrosos cargos da governança.

Matheus Leme, em 1668, assistiu ao levantamento do pelourinho de Curityba e em 1693 fez proceder a eleição das primeiras autoridades da Villa que se criou. Falleceu com testamento em 1697. Passou diversas cartas de sesmarias de terras entre os annos de 1693 e 1695, como Logar-Tenente do Marquez de Cascaes.

2 — A designação dessas duas personagens, descendentes de castelhanos, para povoar o território paraniano, durante o ultimo periodo da dominação hespanhola nas possessões lusitanas, em epoca que ameaçada se achava a posse portugueza no Brasil meridional, vem demonstrar a politica avassaladora dos conquistadores hespanhóes.

Por outro lado, porem, os homens sobre os quaes recahiu a escolha, respeitabilissimos e dignos que eram, foram sempre leaes á sua Patria: — O Brasil, pois ambos eram Paulistas — de nascimento e pertencentes ás mais distinctas familias vicentistas. Foram elles portanto um anteparo ás ambições dos castelhanos, que viram frustrados os seus planos.

Ambos factores proeminentes que foram da historia do Paraná, possuíam muitos pontos de contacto ou affinidade entre si.

Thomé Martins Bonilha, que foi casado em primeiras nupcias com Leonor Leme, por morte desta casou em segundas nupcias com Ignez Pedroso, fallecida em S. Paulo em Julho de 1632, com testamento solemne. No inventario a que então se procedeu, verifica-se que Matheus

Martins Leme passára em Abril de 1637 a seguinte quitação a seu pai:

«Digo eu Matheus Martins Leme, morador nesta villa de S. Paulo que é verdade que eu estou pago e satisfeito de meu pai Thomé Martins da legitima que me ficou por morte e fallecimento de minha mãe Leonor Leme assim de bens como de peças do gentio da terra e outrosim estou pago tambem de meu pai do que me coube por morte e fallecimento de meu avô Matheus Leme assim dos bens como peças do gentio da terra e por tudo estou pago e livre de tudo o que montou pelos inventarios e declaro que das trocas que eu fiz com meu pai de umas peças do gentio da terra tudo hei por bem e meu pai em nenhum tempo . . . . chamarei em nenhum engano em nenhum tempo de que tudo mandaram a mim escrivão fazer esta quitação e concerto sobre a troca das peças, eu Ambrosio Pereira, escrivão o escrevi. Matheus Martins. — Thomé Martins.»

O testamento foi assignado e testemunhado por diversas pessoas, entre as quaes Pero de Lara.

Ao que parece eram os Laras parentes dos Lemes ou entrelaçados por muitos casamentos occorridos nas duas familias. Assim Gabriel de Lara e Matheus Martins Leme seriam ligados por esses vinculos de parentesco.

Antonia de Oliveira, viuva de Antonio Chaveiro, passou a segundas nupcias com Diogo de Lara (havendo desse matrimonio Gabriel de Lara), e a terceiras nupcias com o Capitão André Fernandes de Ramos. Falleceu em Abril de 1632, com testamento solemne, declarando o nome de seus filhos desses tres matrimonios.

Do respectivo inventario, por nós consultado, consta o seguinte:

Termo de requerimento que faz Gabriel de Lara ao Juiz ordinario e de orphãos João de Godoy:

«Em os vinte seis dias do mez de Maio deste presente anno de mil e seiscentos e trinta e dous (1632) annos nas pouzadas de Christovão Diniz, morador nesta dita villa (Santa Anna de Parnahyba) onde o Juiz ordinario e dos orphãos João de Godoy estava fazendo inventario da fazenda do defunto Sebastião Mendes Gordinho que



Deus haja perante elle dito Juiz appareceu Gabriel de Oliveira, morador na villa de Nossa Senhora das Neves em Iguape, e por elle lhe foi dito que elle estava nesta dita villa e viera em busca de sua herança que lhe cabia por morte e fallecimento de sua mãe que Deus haja, Antonia de Oliveira e porquanto elle dito Gabriel de Lara se tinha concertado com . . . . . André Fernandes por escusarem gastos e . . . . . fazenda em que confessava estar pago e satisfeito de tudo o que á sua parte vinha da herança da dita sua mãe de que por este o dava por quite e livre deste dia para todo sempre e que em nenhum tempo por si nem por seus herdeiros e procuradores iriam contra o teor deste concerto que entre ambos amigavelmente fizeram havendo por bem feito tudo o que constar por escripturas e papeis que a dita sua mãe tem feito como é a doação feita a Capella da Senhora Santa Anna e patrimonio de seu irmão Francisco Fernandes de Oliveira e os dotes dos filhos do dito Capitão André Fernandes a saber — a mulher de Alberto Lobo e outrosim a mulher de Salvador Soares e Pedro Alvares Moreno o que tudo elle havia por bem e requeria a elle dito Juiz lhe mandasse lançar o traslado deste concerto no livro das notas para a todo tempo constar a verdade visto estar pago e satisfeito de sua legitima e o ter em si de que mandou o dito Juiz fazer este termo de concerto e quitação em que assignaram . . . . . traslado deste concerto no livro das notas e de como assim o mandasse assignou com as partes e eu Manoel de Alvarenga, tabellião e escrivão dos orphãos o escrevi — João de Godoy — Gabriel de Lara.»

Destes dois termos de quitação, extrahidos dos respectivos inventarios, oficialmente publicados pelo Archivo do Estado de S. Paulo, verifica-se, sem mais contestação, que, residindo Gabriel de Lara em Iguape, em Maio de 1632 e Matheus Martins Leme na villa de S. Paulo, em 1637, só poderiam as villas de Paranaguá e Curityba ter sido fundadas e povoadas posteriormente áquellas datas, sabido que foram elles os seus povoadores.

Taes documentos, divulgados tão somente em 1920, vieram trazer luz sobre a data do povoamento de Paranaguá, que, conforme sempre affirmamos, se dera em epoca

posterior a 1640 e nunca em 1580, como asseveram varios historiographos, dos quaes sempre divergimos.

Não queremos com isso dizer que apenas em 1640 fosse Paranaguá descoberto ou que antes disso não tivessem havido incursões de bandeirantes, á cata de indios ou de ouro. Seria avançar demais; pois a bahia de Paranaguá talvez fosse conhecida no mesmo anno da descoberta do Brasil.

Mas como a descoberta de uma terra ou o eventual e transitorio acampamento de uma expedição não importam no seu povoamento, e igualmente a pesquisa de ouro em rios e correjos por aventureiros não equivale á exploração regular e systematica de minas de ouro com sua competente administração fiscal, segue-se que Gabriel de Lara e Matheus Martins Leme, fixando-se com seu povo respectivamente em Paranaguá e Curityba, foram os seus primeiros povoadores e colonizadores.

### 3.º Capitão mór Francisco Xavier Pizarro.

Em 1720 foi restabelecido o lugar de Capitão mór de ordenanças, extincto anteriormente e sendo para exercel-o nomeado por D. Pedro de Alm.<sup>da</sup> Conde de Assumar Governador e Capitão General de S. Paulo, o Capitão Francisco Xavier Pizarro, cuja nomeação foi confirmada por Carta Regia de D. João, de 20 de Março de 1721, sem soldo algum.

Cavalleiro professo da Ordem de Christo — exercia, em 1720, o cargo de Capitão mór das ordenanças da villa de Curityba, cargo em que permaneceu pelo espaço de 8 annos. Era portuguez, natural da villa de Chaves.

Assentou praça como soldado voluntario no regimento de Dragões de Tras-os-Montes, servindo por 3 annos.

Entrou na batalha de Campo do Godinho, onde recebeu grande cutilada na cabeça, e na tomada das praças de Pueblos de Sanabria, Caruajales e Alcanicos e na restauração de Miranda, obrando com grande valor e brio, e dispendendo muito de sua fazenda.

Fez varios descobrimentos de ouro em Curityba, Laguna e Serra Negra, por ordem de Rodrigo Cezar de Menezes,



com escravos e brancos, e a sua custa. Nessa empresa gastou tempo consideravel. Tinha grande pratica de mineração, pois havia se occupado nesse mister em Minas Geraes, com muita honra e honestidade.

Por patente de 27 de Fevereiro de 1728 foi nomeado para o posto de Coronel das ordenanças das villas de N. S. da Conceição de Itanhaen, Iguape e Cananéa, por Antonio da Silva Caldeira Pimentel.

Era casado com D. Eufemia Maria de Souza, de cujo matrimonio tiveram: Antonia, Margarida e Anna que, em 1735, obtiveram de El-Rei permissão de irem para o Reino, com destino a um convento, visto seu pai ser pobre e com empenhos que o impossibilitavam de dotar-as, conforme a sua qualidade, e possuirem apenas seu tio, o Padre José Nogueira Ferraz, vigario de S. José das Minas Geraes, que as queria conduzir ao Reino e dar-lhes dote necessario para o effeito de serem religiosas.

4.º *Sargento mór Manoel Pacheco de Amorim.*

Foi promovido a Sargento mór de Paranaguá por patente de 9 de Abril de 1697, passada pelo Capitão mór Francisco da Silva Magalhães.

5.º *Coronel D. João Matheus Pereira.*

Foi Capitão de ordenanças de Paranaguá, sendo a 1.º de Janeiro de 1698 promovido a coronel de ordenanças da Capitania, por patente passada pelo Capitão mór Francisco da Silva Magalhães.

6.º *Sargento mór Manoel Gonçalves da Costa.*

Foi por patente de 7 de Outubro de 1727, do Capitão General Governador de S. Paulo, nomeado sargento mór de Curityba. Serviu até 1730, quando se ausentou por ter de seguir para as minas de Goyaz. Em seu lugar foi nomeado Manoel Rodrigues da Motta.

7.º *Coronel Anastacio de Freitas Trancoso.*

Foi o coronel commandante do Regimento de ordenanças de Paranaguá e Curityba, promovido a esse posto por patente de 22 de Dezembro de 1732. Vulto de grande destaque, notabilizou-se pelos relevantes serviços prestados á Patria. Fortificou todo o littoral, afim de impedir a invasão castelhana. Quando a Colonia do Sacramento se achou sitiada pelos hespanhóes, organizou expedições maritimas, em embarcações que armou, soccorrendo a guarnição com lenha, farinha de mandioca e cereaes, que mandou de Paranaguá.

Auxiliou a defesa da Laguna, quando a ilha de S. Catharina cahiu em poder dos castelhanos. Era casado com Maria de Assumpção, filha do Capitão mór Provedor Gaspar Teixeira de Azevedo e sua mulher Catharina de Ramos. Falleceu com testamento em 1742. Não se deve confundil-o com seu neto de igual nome e posto militar, que, em 1823, foi membro do Governo Provisorio de S. Paulo, e prestou relevantes serviços de ordem civil e militar.

8.º *Sargento mór Antonio Rodrigues de Lara.*

Filho do Capitão mór Gabriel de Lara, casado em Curityba com Antonia Luiz Demarins, filha de Antonio da Matta e sua mulher Maria de Pinha.

Foi promovido a Sargento mór da comarca de Paranaguá, pelos seus relevantes serviços e provada capacidade, por patente de 29 de Fevereiro de 1728, passada na cidade de S. Paulo pelo Governador Antonio da Silva Caldeira Pimentel, e por já ter exercido na mesma villa os cargos de Juiz ordinario, procurador da Camara e almotaçé, havendo-se sempre com grande rectidão na administração da Justiça e grande zelo do Real serviço. Tendo aportado a Paranaguá a 9 de Fevereiro de 1718 um navio corsario francez, sob o commando de M.<sup>er</sup> Bolaret, o capitão Antonio de Lara armou uma sumaca sua e com gente de seu mando, offerecendo-se para fazer o aprisionamento do commandante e officiaes do corsario, o que realizou com intrepidez e resolução firme. O navio corsario bateu em



uma pedra e foi ao fundo, proximo á Ilha da Cotinga. Exerceu tambem os cargos da Governança de Curityba.

9.º *Tenente Coronel Manoel Rodrigues da Motta.*

Foi o Commandante militar de Curityba e seu districto na mesma epoca em que o Coronel Anastacio de Freitas Trancoso era o Commandante e Governador militar da Capitania de Paranaguá. Promovido a Sargento mór por patente de 8 de Outubro de 1732, passada pelo Conde de Sarzedas.

Em 20 de Março de 1734, por esse motivo, passou revista de mostra nas forças de seu commando.

Natural de S. Gonçalo de Amarantes, era casado com Helena Rodrigues Coutinho.

Foi vulto de destaque. Em 1719 foi nomeado ajudante do seu regimento, cargo que recusou aceitar, allegando isenção, por ser escrivão da Bulla da Santa Cruzada, sendo no entanto obrigado a aceitar-o. Em 1728 seguiu de Curityba como Capitão da bandeira encarregada de abrir a estrada para Laguna. Custeou os gastos da expedição com seus recursos e abriu o caminho que se denominou «estrada do Motta».

Por seus relevantes serviços foi nomeado a 2 de Julho de 1731, Superintendente do Registro do gado de Curityba.

Foi o fundador e protector da Capella de N. S. do Terço.

10.º *Sargento mór André Gonçalves Pinheiro.*

Exerceu os postos da escala militar até o de Mestre de Campo, da Legião Auxiliar de Paranaguá, cargo que correspondia ao de Capitão de ordenanças.

Foi vulto de alto conceito. Nomeado Capitão mór de Paranaguá por patente de 17 de Setembro de 1717, do Governador do Rio de Janeiro, confirmada por Carta Regia de 15 de Outubro de 1718, nesse cargo se manteve até 1731, a despeito do seu character triennial. Foi Provedor dos Quintos reaes de Paranaguá.

11.º *Mestre de Campo Agostinho Delgado de Arouche.*

Justificou sua nobreza em S. Paulo, a 2 de Agosto de 1793, e provou ser Mestre de Campo da Legião Auxiliar de Paranaguá.

III

**Regimen administrativo municipal.**

1 — A administração do municipio era, no começo do seculo XVII, composta de:

dous Juizes ordinarios,  
tres Vereadores,  
dous Almotacés,  
um Escrivão da Camara.

Alem disso havia officiaes de ordenanças, conforme fossem precisos.

As villas, em geral, tinham um capitão com sua companhia, e sendo ellas com mais de 100 homens em idade militar, haveria mais de uma companhia e um sargento mór. As capitancias tinham seus capitães môres com jurisdição em mais de um municipio ou villa. Esses, até 1711, data em que as capitancias de S. Vicente e S. Amaro foram incorporados á Corôa, eram Logares-Tenentes dos donatarios e pelas procurações que delles recebiam, governavam os povos, quasi que discricionariamente.

2 — De 1711 em diante os Capitães môres passaram a governar as villas com poderes muito restrictos. Militarmente havia os governadores militares, com patentes de coronel, possuindo jurisdição militar sobre muitas villas. Esses postos foram depois substituidos pelos de Mestres de Campos, que lhes eram equivalentes.

3 — Os vereadores, legitimos representantes do povo no municipio, levavam em grande conta as prerogativas inherentes a seus cargos, delles se sentiam honrados e zelosos de seus direitos e deveres.

Não admittiam que outras autoridades usurpassem os seus privilegios. Constantes eram as luctas mantidas entre os camaristas e outras autoridades civis, judiciaes, militares e ecclesiasticas, por conflictos de jurisdição, muitas vezes sobre factos de minima importancia.



Zelosos de seus melindres, mantiveram conflictos com os proprios Governadores Geraes. Assim, em S. Paulo, a 14 de Julho de 1703, tendo o Governador convidado os officiaes da Camara para, em sua casa, tratarem de assumptos publicos, foi desobedecido formalmente pela Camara, que viu o seu acto apoiado pelo Ouvidor da Comarca.

As Camaras muitas vezes queixavam-se aos Governadores contra autoridades militares, civis e ecclesiasticas e a El-Rei contra os proprios Governadores e Vice Reis. Essas queixas quasi sempre eram tomadas na devida consideração e os offensores castigados, mesmo com excesso. Si os Governadores representavam as pessoas reaes, as Republicas (senados da Camara) representavam os povos dos municipios.

Os homens da Governança julgavam-se ennobrecidos com os lugares que exerciam, e nas suas pretensões faziam valer as suas nobres qualidades.

4 — O Senado da Camara, quando incorporado assistia a alguma solemnidade religiosa, tinha na egreja direito á primazia nos ductos de incenso, ainda que presentes se achassem altas autoridades civis e militares. Se acontecia negarem-lhe essa honraria, por implicancia do clero ou lisonja ás autoridades, o Senado invariavelmente protestava e retirava-se do templo, sem assistir á solemnidade. Diversos exemplos desses existem nos annaes das Camaras Municipaes de Curityba e Paranaguá.

5 — A instalação dos municipios de Paranaguá e de Curityba, com as posses de suas primeiras autoridades respectivas, datadas, successivamente, de 7 de Janeiro de 1649 e 29 de Março de 1693, marcam o inicio de uma phase mais nitida de liberdade e de justiça para o povo do Paraná.

Estabeleceu-se, sobre estas datas historicas, o anteparo entre a prepotencia do tyranno e o soffrimento do povo indefeizo e sem tranquillidade. Dahi em diante a intervenção, sempre proficua, dos homens do Senado da Camara amaciava as asperezas do poderio despotico.

6 — Em carta regia de 21 de Maio de 1722 foram fixados os vencimentos annuaes dos Juizes ordinarios e

mais officiaes, de Paranaguá e Curityba, da forma seguinte:

#### Villa de Paranaguá:

|   |         |
|---|---------|
| Juizes ordinarios, cada um . . . . .      | 12\$000 |
| O mais velho por ser de Orphãos . . . . . | 20\$000 |
| Escrivão de <i>tudo</i> . . . . .         | 80\$000 |
| Alcaide e Carcereiro . . . . .            | 30\$000 |

#### Villa de Curityba:

|   |         |
|---|---------|
| Juizes ordinarios que serviam de inquiridores e contadores, cada um . . . . . | 8\$000  |
| Juiz mais velho por ser de Orphãos . . . . .                                  | 8\$000  |
| Escrivão de <i>tudo</i> . . . . .   | 40\$000 |
| Alcaide e Carcereiro . . . . .  | 15\$000 |

### IV

#### Organização militar.

1 — Em 1730 havia na Capitania de Paranaguá dez companhias do regimento de milicia auxiliar, composta cada qual de um Capitão, um Tenente e 60 praças. Commandava o regimento o Coronel Anastacio de Freitas Trancozo, que tinha por auxiliares quatro Sargentos môres, commandantes dos terços da milicia. Essas 10 companhias eram assim distribuidas:

Curityba e seu termo, 3 companhias, sendo uma de solteiros, esta sob o commando do Capitão Pedro Dias Cortes, commandadas pelo Sargento mór Manoel Rodrigues da Motta.

Paranaguá, 3 companhias, commandadas pelo Sargento mór das barras Antonio Rodrigues de Lara, com obrigação de fiscalizar as embarcações que demandavam o porto. Iguapec e Cananéa, duas companhias de milicia, cada qual, com seus officiaes e respectivos sargentos môres.

Mais tarde, os postos de coronel foram substituidos pelos de Mestre de Campo, que áquelles correspondiam na hierarchia militar.

Os regimentos de milicia passaram a denominar-se



Legiões ou Legiões auxiliares, denominação que pouco tempo durou.

As constantes incursões e ataques inimigos no sul, obrigavam aos paranaguenses e curitybanos a permanecerem em estado constante de guerra.

Paranaguá, com especialidade, tinha seu povo sempre mobilizado. O ataque á Colonia do Sacramento, situada nas margens do Rio da Prata, por parte dos castelhanos, obrigava a uma vigilância decisiva e efficiente aos portos do sul. O commandante militar dessa colonia, Antonio Pedro de Vasconcellos, por vezes se soccorreu do coronel Anastacio de Freitas Trancozo — o velho, solicitando-lhe farinha, cereaes e lenha para as suas forças sitiadas pelos castelhanos.

Este destacado militar, por varias vezes, entre os annos de 1730 a 1735, fez aprestar embarcações á sua custa, enviando os recursos rogados. O littoral de Paranaguá foi todo fortificado, desde a entrada da barra até Antonina, mantidos em toda a sua extensão postos de defeza militar permanente, cujos misteres afastavam os habitantes de seus encargos commerciaes e agricolas.

Pretendia-se, deste modo, evitar a reproducção de factos identicos ao occorrido em 9 de Março de 1718, quando um galeão hespanhol, vindo de Valparaizo, do Chile, com carregamento de prata, foi perseguido até dentro da bahia de Paranaguá, pelo corsario francez ao mando do Capitão Berlarot.

Narra Vieira dos Santos que o galeão hespanhol, ao sentir-se perseguido, fundeara atraz da Cotinga, livrando-se do saque geral, pois o seu perseguidor veio a bater em uma pedra, indo ao fundo. Em 1730 João de Araujo e Silva contractou retirar o cofre e mais salvados do navio pirata.

O Sargento mór Antonio Rodrigues de Lara offereceu-se ao commandante da praça para effectuar a prisão do commandante e officiaes do corsario francez, para o que, acceito o seu offerecimento, armou, a sua custa, uma sumaca, effectuando as referidas prisões, como se verifica dos motivos que serviram de fundamento a sua promoção a Sargento mór, por patente de 29 de Fevereiro de 1728.

V

**Estado economico e financeiro.**

*Os primeiros orçamentos.*

1 — A titulo de curiosidade transcrevemos do Livro de Receita e Despeza, da Camara Municipal de Curityba, o que ali se encontra desde a data de sua fundação, a 29 de Março de 1693:

*Receita de 1693 e 1694.*

Consta pelo livro dos termos das vereações a fls. 4 e da receita a fls. 2 que renderam os «sosiduos destes dois annos por tres adiçoins em que se aremataram quarenta e coatro mil e quinhentos reis.» — 44\$500.

*Despesas dos annos de 1693 a 1694.*

|  |             |
|--|-------------|
| «Por hua Resma de papel q <sup>e</sup> se comprou pa<br>estes Livros, e g <sup>tos</sup> da Cam <sup>ra</sup> . . . . .  | 2\$560      |
| Pela a Laudilha effeitio dos Los . . . . .   | 1\$140      |
| Que se gastou na Prosissão do dia de Corpo<br>Christe . . . . .  | 3\$040      |
| Pelas varas q' seffizerão pa a Cam <sup>ra</sup> e pa os Juizes<br>Por g <sup>tos</sup> q' seffizerão quando se botarão duas Li-<br>nhas da medissão deste Rossio da Villa . . . | \$520       |
| Mais des tostõis de Polvora e Chumbo q' se deu<br>a q <sup>m</sup> foi guardar o caminho do mar das be-<br>chigas. . . . .   | 2\$000      |
| Mais daffesta del Rey de dia do Corpo de D's<br>deste anno de 1694. . . . .  | 1\$000      |
| Mais que se deu ao Escrivão da Cam <sup>ra</sup> a q <sup>ta</sup> de<br>seu sellario . . . . .  | 2\$800      |
| Mais q' se deu ao Escrivão da Camara. . . . .  | 4\$000      |
| Por drro que se deu ao Alcaide de seu sellario . . .   | 2\$000      |
| Importão estes g <sup>tos</sup> . . . . .  | 3\$000      |
|  | Rs. 22\$060 |

Eu João Roiz Seixas escrivão da Camara o escrevi.»



2 — Por essa demonstração da Receita e Despesa dos primeiros annos da vida do Municipio de Curityba, verifica-se o seguinte:

|                   |         |
|-------------------|---------|
| Receita . . . . . | 44\$500 |
| Despesa . . . . . | 22\$060 |
| Saldo             | 22\$440 |

Hosanas aos primeiros legisladores, que, sem sacrificio do publico, conseguiram uma Receita duas vezes superior á Despesa.

De 1693 a 1700 temos o seguinte:

|                   |          |
|-------------------|----------|
| Receita . . . . . | 197\$540 |
| Despesa . . . . . | 129\$680 |
| Saldo             | 67\$860  |

No anno de 1724:

|                   |         |
|-------------------|---------|
| Receita . . . . . | 76\$965 |
| Despesa . . . . . | 34\$160 |
| Saldo             | 42\$805 |

Os primeiros titulos de Receita eram os seguintes:

- 1 — Subsídios da aguardente (estanque).
- 2 — Subsídios dos pannos importados.
- 3 — Fóros do Rocio, sendo este imposto orçado em 3\$400 annuaes.

O Procurador do Conselho era responsavel pela arrecadação dos impostos devidos. O fôro de terrenos do Rocio da Villa, si não era arrecadado, tinha o infeliz Procurador de suppril-o de seu bolso, para os cofres municipaes.

Nas despesas do anno de 1720 figura a de Rs. 5\$120, gastos com 5 libras de cera, para a procissão que se fez nesse anno, com o fim de se collocar na igreja a nova imagem de N. S. da Luz, padroeira da villa.

Figura tambem a importancia de 78\$662, despendida por um mandado do Dezembargador e Ouvidor Geral Pires Pardiniho, por despesas com sua aposentadoria e salarios de seu escrivão e meirinho, e mais 63\$620, gastos em cera, azeite, vinagre, sal e o mais que se despendeu com

a aposentadoria do referido Dezembargador e dos seus officiaes.

Por ahi se vê que a hospedagem, provavelmente principesca, da alta autoridade do Dezembargador em Correição e Ouvidor Geral e Provedor Raphael Pires Pardiniho, em Curityba, custou ao Municipio a importancia de Rs. 142\$282, quando o total das Despesas Geraes do Municipio era de 209\$363.

## VI

### Commercio e industria.

#### *A herva matte, o pinho e a industria pastoril.*

1 — A primeira preocupação dos povoadores foi a de obterem sesmarias de terras para a criação de gado vaccum, e disso nos dão noticias as suas petições, e as concessões que dessas terras lhes fizeram os Logares Tenentes dos Donatarios. A par da industria pastoril, e como uma consequencia natural e logica, todos trataram da lavoura para a sua subsistencia e a de suas familias.

Todos os povoadores do «plateau» curitybano eram — possantes de peças — isto é, possuíam numerosos indios ou administrados dos gentios da terra.

Esses eram *homens livres em virtude das leis de Sua Magestade, que Deus guarde*, no dizer dos seus possuidores, em cujos testamentos, a que eram obrigados a fazer em a hora da morte, por serem tementes a Deus, e por desencargo de consciencia, pediam a seus testamenteiros e herdeiros, que como livres os considerassem, podendo apenas delles se utilizarem, isso para arredal-os do convívio das infestas nações, e para trazel-os á civilização e para o seio da santa religião. . .

Ficavam muitas vezes taes razões recommendadas no testamento, porque seus testadores «não queriam complicações na outra vida», apesar do que continuavam os administrados ao serviço de seus novos amos, que ao morrerem reproduziam o gesto de seus antepassados.

Com esses homens livres, espontaneamente a elles incorporados, quando andavam pelo sertão em guerras con-



tra infestas nações (sic) conseguiam braços sufficientes para as explorações mineraes, a que todos se atiravam, a criação do gado e para a lavoura.

Todos os campos desse bello e pittoresco «plateau» se acharam desde logo povoados de gado vaccum principalmente, alem de animaes cavallares e lanigeros.

Em 1720 já havia possuidores de fazendas que contavam 300 e mais cabeças de gado vaccum, afóra outras especies, como nos mostram os inventarios.

A passagem do Ouvidor Pires Pardinho, de gloriosa memoria, pelas terras que compunham a capitania de Paranaguá, em 1720, veio rasgar novos horizontes ao Paraná.

Com a clareza privilegiada de seu espirito, percebeu desde logo o Ouvidor Pardinho, na exportação da herva matte para as villas do Rio da Prata, no aproveitamento das madeiras, principalmente das maravilhosas florestas de pinheiros gigantescos que cobriam os campos do territorio parananiano, na utilização da cal de ostras do littoral, extrahida dos sambaquis ali existentes em proporções que o assombraram, na grandeza, salubridade e pujança do territorio, o futuro soberanamente grandioso que o destino reservara ao sul do Brasil.

Nesse sentido escreveu ao governo da metropole, fazendo ver que deveria ser revogada a prohibição, que havia, de commercio com a Colonia do Sacramento e com Buenos Ayres e villas á margem do Rio da Prata, afim de que os moradores de Paranaguá, e seus districtos, pudessem ir até ali, levar em suas embarcações os fructos da terra, telhas, tijolos, madeiras, cal de ostras e a congonha, que se verificou haver em abundancia.

Demonstrou o Ouvidor Pardinho que esse commercio redundaria em proveito das possessões portuguezas, pelo consequente povoamento do sul do Brasil e pela pratica que, com a navegação, se adquiriria da costa. E de como andou acertadamente, se demonstrará em outro capitulo.

O alvitre do Ouvidor Pires Pardinho foi acceito e esse commercio autorizado por El-Rei D. João, em carta regia de 29 de Abril de 1722, nos termos da suggestão contida namissiva de 17 de Junho de 1720, do historico Ouvidor.

Em carta regia anterior, de 22 de Novembro de 1720, havia sido solicitado ao Governador e Capitão General de S. Paulo, um caixão com congonha ou herva matte, com as devidas instrucções para o seu uso, sendo, em cumprimento desse pedido, enviada herva matte em pó. Por carta regia de 14 de Junho de 1721 foi pedida nova amostra de herva, agora em folhas, visto não ter sido bem acceita em Portugal a primeira amostra.

## VII

### Estado ecclesiastico e religioso.

1 — Não ha memoria da data exacta em que foi criada a vigairaria de Paranaguá, sendo, comtudo, sabido ter sido o primeiro vigario encomendado que ali existiu o padre Dionizio de Mello Cabral, que em 1655, segundo Vieira dos Santos, ajustou com a Camara os seus serviços espirituaes, pelo ordenado annual de 60\$000, 24 alqueires de farinha e um pescador. Serviu o padre Dionizio até o anno de 1665, quando foi substituido pelo padre Jorge Gonçalves da Camara, por se achar aquelle doente e entrevado. Em 7 de Outubro de 1679, foi nomeado vigario de Paranaguá o padre João da Rocha Pedroso.

A igreja matriz da villa, já em 1725, ameaçava ruinas, pelo que se solicitou autorisação para os seus urgentes reparos.

A irmandade de N. S. do Rosario teve o seu estatuto approved por provisão de 16 de Junho de 1725, do bispo do Rio de Janeiro.

Em 1730, era vigario da Vara o rev.<sup>do</sup> Christovão da Costa Oliveira, e Juiz dos casamentos e visitador das villas do sul, desde Santos até Laguna.

2 — A Camara Municipal de Paranaguá, em sessão de 25 de Junho de 1674, concedeu o terreno preciso ao levantamento do convento da Ordem do Patriarcha de S. Francisco, a requerimento do Provincial da Ordem Frei Euzebio da Expectação, padre custodio da Provincia do Rio de Janeiro, representado pelo padre Frei João da Conceição, mandado para isso a Paranaguá.



Mas, ou o convento não foi então fundado ou teve duração ephemera. A ordem 3.<sup>a</sup> de S. Francisco das Chagas foi instituida em Paranaguá no anno de 1700, pelo provedor das minas Gaspar Teixeira de Azevedo e outros cidadãos, celebrando-se os seus exercicios na ermida de N. Senhora do Bom Successo, de quem era protector o Sargento mór Roque Dias Pereira, que cedeu para esse fim a Capella e altar dos Santos Passos.

Em 1705, a Irmandade deliberou mandar vir os Religiosos Capuchos. Em 1732 chegaram a Paranaguá os frades Pedro de Santa Rosa e José de Jesus, trazendo-os o fito de collectarem esmolas para a fundação do convento. Nesse mesmo anno a Camara de Paranaguá lembrou ao Provincial da Ordem, no Rio de Janeiro, que a viuva de José da Silva Barros, fallecido protector da Capella do Senhor Bom Jesus dos Perdões, fundada em 1700, estaria prompta a cumprir o desejo de seu esposo, de entregar a referida Capella á Seraphica Ordem de S. Francisco. A Camara promettia auxiliar a Ordem na construcção do hospicio.

Taes obras só foram iniciadas em 1769 e o hospicio existiu até o anno de 1808.

3 — A ermida de N. Senhora das Mercês, da Ilha da Cotinga, foi levantada em 1677. O Provedor das minas de prata, capitão Manoel de Lemos Conde, proprietario da metade da ilha, requereu licença ao vigario geral do Bispado do Rio de Janeiro, para edificar, á sua custa, uma ermida no outeiro da Cotinga, á vista de Paranaguá, de onde se descortinava a entrada de suas barras. Por provisão de 1.<sup>o</sup> de Junho de 1677 foi-lhe concedida a permissão.

Esta ermida foi erecta e mantida sob a protecção do mesmo provedor Lemos Conde, com a devida pompa e pia devoção, até sua morte, e depois disso, até 1699. Nesse anno, um dos seus filhos, Antonio Mourato, obteve a permissão do visitador padre João de Souza da Fonseca para demolil-a e construir outra, á sua custa, na rua da Gambôa, hoje rua da Fonte, no local onde está edificada a igreja de S. Benedicto.

A nova ermida ficou construida em fins do anno de

1700. Tinha um altar para a santa de sua evocação e um outro para o Senhor dos Passos.

Em 1782 se reedificou a antiga ermida, levantando-se em seu lugar a actual igreja, então chamada Capella de S. Benedicto, da qual era protector o sargento mór João da Silva Pinheiro.

4 — A Capella de N. Senhora do Rosario do Rocio de Paranaguá foi construida em 1813, sob a protecção do padre Frei Manoel de São Thomaz. Essa denominação lhe veio da imagem a que servia de santuario.

A imagem de Nossa Senhora do Rocio recolhe do transcurso dos annos de seu passado longinquo e milagroso as mais lindas e piedosas lendas que recreiam e exaltam a fé dos seus crentes e devotos.

Pertencera, em tempos muito remotos, a um preto, Beré ou Emberé, como o chamavam. Esse costumava solemnizar, piedosamente, o dia da santa de sua devoção, cujos milagres já eram proclamados em larga redondeza. Mais tarde, anteriormente á erecção da Capella, passou a imagem a pertencer ao altar, modesto porem decente, que em sua humilde casa de palha possuia o tenente Faustino José da Silva Borges, homem que veio a morrer com mais de 80 annos de idade.

As festas de Nossa Senhora do Rocio tornaram-se populares em toda a costa meridional do paiz, emprestando-lhe o maior tributo a devoção dos maritimos, que tinham em grande conta os seus milagres.

Hoje, no local da antiga Capella, acha-se edificada a magestosa Egreja do Rocio, inaugurada em Maio de 1924.

5 — Igreja e collegio dos Padres da Companhia de Jesus de Paranaguá.

Em 1690 o povo e a Camara de Paranaguá, reunidos, solicitaram a vinda de seis padres religiosos da Companhia de Jesus, para o mister de ministrarem o ensino primario e de latinidade á mocidade e ao mesmo tempo o ensino dos dogmas da religião, sob a promessa feita ao Provincial da Companhia, de construir-se o collegio para a sua residencia, com auxilio do povo, em dinheiro, escravos e terras, necessarios aos seus estabelecimentos agricolas.

Só em 1699 foi a solicitação attendida, chegando nesse



anno diversos religiosos a Paranaguá para tratar da edificação do collegio e convento. Antes de se dar principio a construcção, recebeu porem a Camara um officio datado de 3 de Fevereiro de 1703, do Ouvidor dr. João Saraiva de Carvalho, recommendando que não se desse inicio ás obras, sem ordem de S. Magestade. Essa só chegou em 1704, quando tiveram começo aquellas obras.

6 — Antonio Mourato em 14 de Junho de 1708 fez doação aos religiosos da Companhia de Jesus dos bens e alfaías da Capella de N. Senhora das Mercês, inclusive as imagens e da metade da Ilha da Cotinga, de quem era protector, em successão a seu pai.

Em 1714, os padres da Companhia de Jesus, em Paranaguá, requereram á Camara 100 braças de terras, na ribanceira, para ali edificarem o seu collegio. O pedido foi deferido, mas logo após o Ouvidor Pardinho recommendava ás Camaras não consentissem que os religiosos edificassem seus conventos e collegios sem ordem regia, pelo que a concessão foi revogada.

Em vereança de 2 de Dezembro de 1739 se consignara uma communicação do padre Antonio da Cruz, religioso da Companhia de Jesus, de que Sua Magestade fôra servido conceder licença para a edificação do collegio, e portanto, para dar principio á obra, eram necessarios materiaes e ajuda de custo.

Promptificaram-se os interessados a fornecer pedras e o mais que preciso fosse.

Em 1753, a Camara concedeu ao padre Christovão da Costa Rosa, superior da Casa da Missão, 100 braças de terras na rua da Gambôa, acima da fonte, no caminho do Rocio.

Em virtude do decreto pombalino contra os Jesuitas das possessões portuguezas, em 1760, foram elles expulsos de Paranaguá e seus bens confiscados pela Corôa. Em 4 de Junho de 1760 se apresentaram ali, em Camara, o dr. Dezebargador Serapião dos Anjos Pacheco de Andrade, executor commissario do confisco dos bens dos padres Jesuitas e o capitão Antonio Ferreira Mathozo, depositario geral dos bens do mesmo confisco, e por elles foi entregue á Camara um cofre de madeira com 3 chaves para

nelle serem postos os mandados e autos do inventario dos referidos bens e os livros respectivos.

7 — A igreja matriz de N. Senhora da Luz de Curityba foi construida em 1715, ignorando-se comtudo a data de sua bençam e o nome do vigario que a benzeu. Tinha 3 altares.

A imagem de N. Senhora da Luz dos Pinhaes de Curityba foi mandada vir de Portugal e solemnemente posta em altar a 16 de Novembro de 1720. A Camara, em vereança de 15 desse mez, mandou affixar um quartel convidando todos os moradores da villa e seus suburbios para que concorressem com suas pessoas a assistir á procissão para a collocação da virgem N. Senhora da Luz, padroeira da villa, no altar da igreja matriz.

No Livro de Receita e Despeza da Camara de Curityba se vê que essa dispendeu com a procissão a quantia de 5\$120, em 5 libras de cera que foram consummadas.

O primeiro vigario de Curityba foi o padre Antonio de Alvarenga, que, em 29 de Março de 1693, deu juramento aos seis eleitores que escolheram as primeiras autoridades da villa.

O padre Alvarenga em 1679 era vigario em Paranaguá. Recebia alem de um pequeno auxilio pecuniario de 50\$000 annuaes, uma casa para sua residencia, sob a condição de nada cobrar do povo — do que elles chamavam — desobriga. Como, porem, assim já não o entendesse em 1697, o referido padre, que exigia e cobrava do povo e dos mineiros importancias fóra do ajuste, propoz contra elle a Camara de Curityba uma acção no Juizo ecclesiastico da villa de Paranaguá. Em consequencia desse facto o padre Alvarenga retirou-se da vigararia, deixando Curityba sem parcho.

A Camara, em vereança de 21 de Dezembro de 1697, para mostrar o seu desprehendimento, fez doação da importancia pleiteada á confraria do Senhor Bom Jesus dos Pinhaes.

Em vereança de 7 de Abril de 1698, se constata que perante a Camara de Curityba, apresentou-se o padre Alvarenga, «e por elle foi dito que, para não ter differença — com os seus freguezes e com os officiaes da Camara sobre seus ordenados, concertava-se que cada pessoa de



confissão lhe pagasse um tostão de ordenado por anno, assistindo o dito padre como vigario que era a exercer todas as obrigações para com seus parochianos.»

«De como assim se resolveu, foi lavrado um accordo, em que assignou o padre Alvarenga e o mestre da Capella, Manoel Alves, sendo tambem combinado o preço das missas cantadas e dos mais officios religiosos.» Em primeiro de Janeiro de 1701, já se achava vago o cargo de vigario, havendo representado a Camara ao visitador, pedindo a designação de um padre.

Em 1713 era vigario o padre Gregorio Mendes Barbudo, natural do Algarve, que serviu até 1732, passando nesse anno a servir em Paranaguá. Ali falleceu com testamento a 30 de Novembro de 1739, nelle declarando que antes de receber ordens e seguir a carreira sacerdotal, fôra casado com D. Francisca Maciel Sampaio, de Paranaguá, de cujo matrimonio deixou tres filhos.

No interregno dessas duas datas, serviram de coadjutores os padres João de Souto, José Pinheiro Machado, Antonio Gomes, Antonio de Sampaio e Ignacio Lopes. Em 1732, era vigario o padre Manoel Mendes Leitão, que, segundo se verifica, soffreu muitas advertencias dos visitadores.

Costumava dar dinheiro a juros e constantemente accionava os seus devedores por impontualidade nos pagamentos dos empréstimos.

Manteve porfiada lucta com a Camara Municipal de Curityba e com pessoas do povo, por exigir quantias desarrasoadas de seus parochianos, conforme se vê em suas demandas.

Pela ordem com que fazia seus assentamentos nos livros ecclesiasticos de casamentos, nascimentos e obitos, merece, porem, que o consideremos elogiosamente. Registrava nomes, idades, filiações, naturalidades, nomes dos avós paternos e maternos de cada pessoa, de forma a se tornar hoje possivel escrever a «Genealogia Paranaense», atravez de seus assentamentos.

Infelizmente não teve continuadores na sua fecunda preocupação, por parte de seus successores.

No primeiro livro de nascimentos da igreja de Curi-

tyba, á pag. 56 v., ha um registro de nascimento, datado de 25 de Junho de 1690, de um escravo do Capitão mór Matheus Martins Leme, baptizado pelo padre Melchior de Pontes, que mais tarde tanto se notabilizou por suas virtudes e caridades christãs, e veio a morrer com cheiro de santidade.

A igreja matriz de Curityba em 1739 ainda se achava em construcção e o Ouvidor e Corregedor da Comarca dr. Manoel dos Santos Lobato em seus provimentos de 12 de Dezembro de 1739, «achou que as obras da Igreja Matriz da Villa em pouco ou mais de nada se tinha adiantado (de sua ultima visita em 1735) por descuido ou negligencia das pessoas que ficaram nomeadas em seus capitulos de correição».

O benemerito Ouvidor Raphael Pires Pardiniho, quando em correição em 1720, deixou notaveis e extraordinarios provimentos em Curityba. Entre outros assumptos proveio que «os Juizes e Officiaes da Camara assistissem incorporados as procissões de Corpus-Christi, de Nossa Senhora da Luz, de Santa Isabel, dos Anjos Custodios e a de S. Sebastião, de accordo com a Lei»; e «que todas as pessoas da Governança da Villa seriam obrigadas a assistirem-n'as e a comparecerem no Paço do Conselho, para acompanharem o estandarte até a Matriz, e desta até o Conselho apóz a procissão». E ainda que «o estandarte fosse conduzido diante da procissão pelo Juiz mais velho e em sua falta, pelo Juiz mais moço». E que «os moradores de uma legua ao redor da villa seriam obrigados a virem assistir ás procissões, e os moradores das ruas por onde ella passasse, as mandariam capinar e limpar a testada e enramar com palmas e outros ramos odoriferos, e ornatos, sob as penas da lei».






TERCEIRA PARTE

As Minas de Ouro da Capitania de  
Paranaguá

I

O Capitão de Canôas de Guerra  
Eliodoro d'Ebano.

*Inspecção as Minas.*

1 —  CHANDO-SE as minas de Paranaguá sob a administração do Provedor Matheus de Leão, e sendo Capitão-mór Gabriel de Lara, descobridor d'ellas, como já ficou dito em outro capitulo, eis que se apresenta Eliodoro d'Ebano, General da Armada das Canôas de guerra das costas do sul, (titulo que correspondia ao de Commandante) e officia ao Capitão-mór, nos termos que se seguem, em data de 4 de Março de 1649:

«Eliodoro d'Ebano, General da Armada das Canôas de Guerra, desta costa e mar do sul. De ordem do Administrador Geral das minas, o Governador Duarte Corrêa Vasquez-Annes, por Sua Magestade, que Deus guarde.

«Faço saber ao Capitão-mór desta Villa de Nossa Senhora do Rosario, e aos Officiaes da Camara d'ella que por serviço de Sua Magestade se me encarregou o exame e entabolamento das minas, que descobrirão, e das mais que se descobrirem assim neste Districto, como em qualquer outro das Capitancias do Sul, para cujo fim se me



ordenou requisitasse as necessarias diligencias, todo o cuidado e importação da Real Fazenda de Sua Magestade e augmento de seus quintos reaes, e commum para se conseguir o serviço de todos e não haver no emtanto perturbação em contas, nem desvio, antes para melhor obrar, se deve acudir a obrigação de bons ministros, e vassallos com todo o fervor e ajuda pelo que ordeno, e requeiro da parte de Sua Magestade e aos ditos Capitão-mór, e Officiaes da Camara dêem ajuda e favor . . . . . tudo o que por direito lhe fôr pedido para o dito effeito, e dependente das ditas minas, tambem porque conforme o regimento . . . . . destacamentos da Fazenda, e quintos reaes . . . . . e mandamos ao Administrador das minas Governador Duarte Corrêa Vasquez-Annes amostras de outro da mesma consideração . . . . . que havendo minas nesta terra e intentem os inimigos evadila que a Camara requeira a Sua Magestade faça ordenar a sua defesa e que o Capitão da Ordenança com o mais que necessario fôr ponha este porto e barra com a necessaria precaução . . . . .»

— Este Officio de Eliodoro d'Ebano a Gabriel de Lara foi copiado pelo infatigavel historiador Antonio Vieira dos Santos, do proprio original, já em grande parte destruido pela acção do tempo, e corroido pelas traças, e constam de suas «Memorias historicas» de Paranaguá, base sobre a qual assentam, os trabalhos dos nossos historiadores sobre factos paranaenses.

A elle devemos ainda o conhecimento do importante Officio infra, em que Salvador Corrêa de Sá e Benavides, Governador do Rio de Janeiro, dá instrucções a Eliodoro d'Ebano relativamente á sua missão:

. . . . . «Salvador Corrêa de Sá e Benavides, Senhor da Villa de . . . . . Commendador das Commendas de São Sebastião da Lagôa; e de S. João de Cassia, Alcaide mór da Cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, do Conselho de Guerra; e partes maritimas, superintendente e Administrador Geral das minas neste Estado por Sua Magestade etc.

« — Mando ao Capitão Eliodoro d'Ebano, que com poderes está administrando as minas de ouro da Capitania de Paranaguá e das minas desta repartição, ao Prove-

dor das minas, e ao Thesoureiro d'ellas, que logo que lhe for apresentado este meu mandado, entregue ao Ajudante João Rodrigues Morales todo o Ouro dos quintos que houver procedido, do que se tirou das minas; esteja no Cofre da Caixa delles, pertencente a Sua Magestade, que foi servido, concedello á Rainha Nossa Senhora; a quem pertendo leva-lo na minha companhia, na armada em que estou embarcado, e como o conhecimento feito pelo Escrivão das minas, ou a que fôr dos quintos na Capitania de Paranaguá, mandará pelo Ajudante João Rodrigues, para ser levado em conta do Thesoureiro . . . . . a Thomé Pereira, Provedor da Fazenda Real nesta Capitania do Rio de Janeiro para o remetter á Rainha Nossa Senhora, a quem pertence o dito ouro; dito conhecimento, servirá de descarga ao dito Thesoureiro e ao Capitão Eliodoro d'Ebano, de quem espero lhe dê todo o devido comprimento, com summa brevidade pelo pedir a urgencia com que a Armada está para partir deste porto, onde vae com segurança o dito rendimento das minas.

«Passado no Rio de Janeiro sob meu signal e sinete de minhas armas, aos 5 de Maio de 1652 (assignado) Salvador Corrêa de Sá e Benavides.»

Nasceu em 1594, sendo em 1634 nomeado Vice-Almirante da costa e mares do sul.

Em 21 de Fevereiro de 1637 foi nomeado Governador e Capitão general do Rio de Janeiro, onde nesse mesmo anno se casou.

Depois em 1640, veio a Santos e S. Vicente onde examinou minas, explorou rios, cujos cursos estudou; tratou do desenvolvimento pratico da riqueza do Sul. Seguiu para a Europa onde apresentou a El-Rey D. João IV, as noticias que obtivera a respeito da existencia de minas auríferas na Capitania de S. Paulo, e os mappas das localidades em que se persuadia ser encontradas. Complicações politicas com a Hollanda, que se havia apossado de Loanda e Benguela na Africa, obrigaram a El-Rey a despachar Benavides para o Rio de Janeiro com a missão de, com elementos ahi reunidos, tratar de restituir á Corôa portugueza os seus dominios na Africa.

Salvador Corrêa, assumindo pela segunda vez o lugar



de Governador do Rio de Janeiro, reuniu força sufficiente, e em sua armada, partiu para os dominios africanos a 13 de Maio de 1648, d'onde voltou coberto de glorias das victorias colhidas e de titulos honorificos, em 1651, quando reassumio o Governo do Rio de Janeiro, que administrou até 1653, quando novamente partiu para Lisbôa, d'onde só regressou ao Brasil a 17 de Setembro de 1658, sendo pela terceira vez nomeado Governador do Sul do Brasil, com séde no Rio de Janeiro (porem já sujeito ao Governo do Vice-Rei) conservando-se no governo até Novembro de 1661, e regressando então á Lisbôa, onde falleceu aos 94 annos de idade, a 1.º de Janeiro de 1668.

Foi no segundo governo de Benavides, que se fundou a villa de Paranaguá, para onde mandou elle grande numero de trabalhadores para os serviços de descobertas nas minas do littoral.

(Varões illustres do Brasil. — Pereira da Silva.)

2 — Não ha um unico indício, da passagem de Eliodoro d'Ebano pelo planalto paranaiense.

Não ha uma carta de sesmaria, ou qualquer outro documento official ou semi-official que denote, mesmo vagamente, a estada d'elle em Curityba ou em serra acima.

Este facto demonstra que, como Capitão de Canôas de guerra que era, nunca se aventurou pelo interior do Paiz, limitando sua esphera de acção somente á costa maritima dos mares meridionaes da Capitania.

Isto posto, não ficará elle desmerecido por essa circumstancia. Prestou outros serviços que o recommendam á posteridade; o ter sido ou não povoador e o descobridor de minas, não lhe augmenta ou diminue o merito.

3 — Não póde mais restar duvida alguma depois das recentes investigações nos archivos, e das publicações feitas das actas das vereanças das Camaras Municipaes das antigas Villas componentes das Capitancias de S. Vicente e S. Amaro, que a passagem de Eliodoro d'Ebano, em sua missão de inspecção das minas dos mares do Sul, occorreu em 1649.

Alem das provas dessa verdade, já por nós apontadas com a transcrição do seu officio apresentado ao Capitão-mór Gabriel de Lara e datado de 4 de Março de 1649,

ha as referencias feitas a sua passagem por Iguape no anno de 1654, pelo que alguns historiadores o dão como fundador da povoação, ao passo que outros remontam esse povoamento a 1567, segundo uns, a 1579 segundo outros, e a 1611 segundo varios outros, no dizer de Azevedo Marques nos seus preciosos «Apontamentos historicos da Provincia de S. Paulo».

Agora ainda vem corroborar essa verdade a publicação official feita pela Prefeitura Municipal de S. Paulo, das actas da Camara da Villa de S. Paulo. No volume V, sahido á luz da publicação em 1915, vêm as actas dos annos de 1640 a 1652; ahi, á pagina 389 se lê uma representação de Bartholomeu Fernandes de Faria, datada de 31 de Outubro de 1649, de que —

«Avia algumas barretas de ouro que vinhão com a marca de Sua Magestade que fôra posta em Pernaguá a qual marca hera mais diferente da que avia nesta Villa na caza da fundição que nella está e que pedia ao Juiz e vereadores fossem ver as ditas marcas e vistas provessem na materia o que lhe parecesse justiça, e tãbem pello dito Cappitam mor foi requerido que pello que convinha ao serviço de sua magestade e ao bem comum dos povos e pelo que resulta ao donatario desta Cappitania e o S.ºr marques de cascaes que avizem a sua magestade o descaminho que na villa de pernaguá se fazem em o ouro que nella ha fundindo e fazendo barretas e marcando-o com sello real como consta pellas que se virão e ha noticia vem da dita villa e tãbem avisem o Senhor governador geral e a duarte corea vasqueanes acudão tãbem sobre o dito descaminho fogindo da casa da moeda desta dita villa de que protestavam etc.»

Em vereança de 27 de Novembro de 1649, perante a Camara, compareceu o Provedor das minas, Pascoal Afonso e requereu e declarou que: — «a elle lhe tinha vindo a noticia em como na villa de pernaguá nas minas descobertas que vêo o cappitão gabriel de lara registrar a casa da moeda e quintos reais desta villa de são paullo assiste e esta de morada — liodoro ebano — onde dizem que tem feito caza da fundição e quinta e manda marcar ouro por officiaes que para isso lá tem feito sendo que não tem ordem para o poder fazer e ser contra o regi-



mento de sua magestade pello que requeria aos ditos officiaes da camara da parte do dito senhor lhe dessem toda ajuda e favor e indios para irem em sua companhia a dita villa de pernaguá para onde está de partida a impedir e atalhar ao dito — leodoro ebano — a que não va por diante com seu intento e outrosim requereo mais que lhe mandassem elles ditos officiaes da camara passar precatorias ás justças das villas de cananéa e de pernaguá e bem assim ao Cappitão gabriel de lara, da dita villa . . . . . lhe dê toda ajuda e favor necessaria para o dito e que toda pessoa que tiver que quintar ouro o venha fazer a esta villa de são paullo aonde sua magestade tem casa de moeda e quintos reaes . . . . . requereu mais em como as ditas minas de pernaguá adonde se quinta o dito ouro e marca está em porto de mar adonde tem o inimigo ollandez noticia della lhe será mui fasil ir com seus navios e fazersse senhor dellas com o que dará muita perda a sua magestade e que acudissem a isso por se escusar o mal que daqui podia resultar. . .»

Foram expedidos os precatorios referidos e mandado que lhe fossem fornecidos os indios necesarios a acompanharem-n'o na deligencia á Paranaguá. (Vol. V das referidas actas da Camara de S. Paulo pag. 389 a 392.)

4 — A administração das Minas de Paranaguá, por autoridades nomeadas pelo Governo do Rio de Janeiro, não era bem vista pelo Governo de S. Paulo. Alem disso, a competição de dominação por parte dos descendentes dos donatarios das Capitania de S. Vicente e de S. Amaro, respectivamente doadas em 1531 a Martim Affonso de Souza e a seu irmão Pedro Lopes de Souza, veio estabelecer grande tumulto e confusão.

A revolução triumphante de 1640, que rebentou em Portugal, restabelecendo a sua independencia e pondo fim ao jugo castelhano (1580 a 1640), agitou fortemente o Brasil; os descendentes de Portugal procuraram hostilizar aos de Hespanha que dominavam nas Capitania, estabelecendo-se competições de mando.

Por outro lado, a Corôa lusitana, sempre ávida de ouro, procurou organizar o serviço da administração das minas, até então descuidado pelos reis castelhanos.

5 — Salvador Corrêa de Sá e Benavides, foi nomeado Superintendente e Administrador geral das Minas do Estado do Brasil e Almirante das armadas de guerra e partes maritimas do mesmo Estado e Africa do Sul. Duarte Corrêa Vasqueannes foi nomeado commandante e Governador militar da Fortaleza de S. João da barra do Rio de Janeiro.

Achava-se Salvador Corrêa de Sá na campanha da Africa em 1648, expulsando os Hollandezes que se haviam apossado de Loanda, quando occorreu a vacancia do Governo do Rio de Janeiro, já desmembrado do da Bahia, pelo que foi nomeado Governador o Commandante da Praça de S. João, Duarte Corrêa Vasqueannes, cujo Governo, si bem de pequena duração, por ter sido substituído por Salvador Corrêa de Sá e Benavides, que havia regressado triumphante das guerras na Africa em 1651, foi comtudo proveitoso ao Brasil. Nessa época, voltou Vasqueannes a reassumir o seu posto militar em S. João, assumindo Benavides as redeas do Governo do Rio de Janeiro, que comprehendia as partes do Espirito Santo até os confins das possessões portuguezas dos mares do sul.

6 — Por essa forma ficou o Brasil com dous Governos: um ao Norte, com séde na Bahia, e outro ao Sul, com séde no Rio de Janeiro, sem que com isso houvesse solução de continuidade á dominação dos donatarios, cujos direitos foram respeitados sempre.

O ouro, porem, pertencia á Corôa, e os Governadores e Administradores geraes se encarregavam do regimen e administração das minas, sem intervenção dos donatarios ou de seus Logares-Tenentes e Procuradores.

Algumas vezes, é certo, foram esses Logares-Tenentes, que então exerciam as funções de Capitão-mór, encarregados pela Corôa da Provedoria das Minas, mas constituia esse um encargo á parte de suas funções proprias.

Salvador Corrêa de Sá e Benavides, tendo noticia da existencia de minas de ouro em S. Paulo, resolveu emprender uma viagem a Portugal no anno de 1643. Ahi informou a El-Rei e propoz o descobrimento das minas da Capitania. El-Rei aceitou a proposta e offereceu-lhe o titulo de Marquez e 4000 cruzados annuaes, si ellas



rendessem até 500.000 cruzados á Corôa; e 5% do producto de todo o ouro que dellas fosse retirado. (Memoria historica de A. V. Santos.)

7 — Em 1655, o Capitão-mór e Ouvidor de S. Vicente Diogo Vaz de Escobar, veio tomar posse da Capitania de Paranaguá, em virtude da escriptura de Dote, arras e obrigação que se passou em Lisboa, em 5 de Janeiro de 1654, — «nos aposentos de D. Affonso de Faro, estando presente Luiz Carneiro, Senhor da Ilha de S. Helena, S. Antonio, e do Principe e Conde della e da outra parte D. Diogo de Faro e Souza, filho de D. Sancho de Faro e por isso herdeiros e successores de sua caza e Morgado de Vimieiro, e Alcoantre, e de D. Izabel da Cunha, sua mãe; e bem assim D. Affonso de Faro como Tutor de D. Marianna de Faro e Souza, sua irmã, e de seus sobrinhos menores e em seu nome e no de cada um d'elles e outros que estavam presentes o Dr. Pedro Paulo de Souza, Desembargador dos Aggravos e Caza da Supplicação; e Dr. Francisco Ferreira Encerrabodes, Juiz de Orphãos, da cidade de Lisboa, e com o alvará de S. Magestade de 17 de Setembro de 1651 que concede a D. Diogo de Faro o poder dotar sua irmã D. Marianna de Faro e Souza, que estava contractada a cazar com o Conde da Ilha do Principe, das 100 leguas de terras que tinham das Costas do Brasil, conforme a informação que havia dado o Desembargador Pedro Paulo de Souza e que tambem tem o Alvará de sua Mãe de supprimento da idade para este dote e Cazamento e bens de trato que vão adiante no traslado da sua Capitania, de 100 leguas de terras na Costa do Brasil do Districto do Rio de Janeiro, que he de Capitania dita, Governador perpetuo, e a de sua jurisdição, direitos e rendas, assim e damaneira que tem e lhe pertence e a Doação orça na avaliação de 20 mil crusados».

Esta escriptura foi encontrada pelo historiographo Vieira dos Santos, registrada nos livros do Conselho de Paranaguá, já com letra apagada e com palavras carcomidas.

8 — Em 25 de Fevereiro de 1655, na Camara Municipal de Paranaguá, recebeu-se o Alvará que mandou reconhecer ao Conde da Ilha do Principe, representado por

seus procuradores em missão especial Manoel de Lemos Conde, João Maciel Antão, Manoel Lopes e João Rodrigues Ribeiro, que vieram de S. Paulo á Paranaguá, a tomar posse da Villa de Paranaguá. Sendo reunido para tal fim o povo, este em sessão do Conselho de 5 de Março de 1655, fez auto de posse que se deu ao Capitão-mór e Ouvidor Diogo Vaz Escobar, como Procurador do dito Conde da Ilha do Principe. Posse que a Camara deu pacifica e sem contradição.

Em 1656, o Marquez de Cascaes intentou repellar ao Conde da Ilha do Principe do dominio da Capitania. Para isso separou o Termo de Paranaguá, das Capitancias de Itanhaen e S. Vicente, elevando-o a Capitania.

9 — Em vereança da Camara de Paranaguá de 15 de Maio de 1660, foi lavrado o auto de posse de Capitão-mór, Ouvidor e Alcaide mór, a Gabriel de Lara, nomeado por D. Alvaro Pires de Castro e Souza — Marquez de Cascaes, pelo direito que a este foi reconhecido ao dominio da Capitania de Paranaguá. A Camara incorporada foi á casa de residencia de Gabriel de Lara onde lhe deu a dita posse, sendo elle investido das insignias de Capitão-mór.

Esses factos deram logar ás reclamações dos Procuradores do Administrador da Casa da Moeda e officina de fundição de S. Paulo, receiosos de descaminhos do ouro das minas de Paranaguá, Cananéa e de outras Villas, sem se lembrarem que não estavam ellas sujeitas ás autoridades das capitancias de S. Vicente e de S. Amaro, e sim ao Governador do Rio de Janeiro.

10 — Até 1637 as povoações portuguezas só se estendiam até Cananéa sendo despovoada toda a costa meridional do Brasil. Vejamos o testemunho dos historiadores contemporaneos a essa epoca:

Diz Simão de Vasconcellos na sua «Chronica da Companhia de Jesus»:

«Do Rio de Janeiro, correndo avante 42 leguas, descobre-se a barra do rio S. Vicente. Está em altura de 24º grãos e meio, navega-se a ella Lesnordeste Oessudueste, desde a Ilha Grande: E' porto capaz de todas as náos.

«Aqui se edificou a villa que hoje chamamos S. Vicente, cabeça da Capitania de Martim Affonso de Souza.



«Divide-se esta da de S. Amaro (que foi de seu irmão Pedro Lopes de Souza) mediante o esteiro da villa de Santos. Ha nesta costa muitas ilhas de conta: 30 rios de aguas puras, das melhores do mundo; por que vêm muitos d'elles despenhados de altas serras, por entre espessos arvoredos, sempre frias. Affirmão os indios que os mais dos rios d'este districto, erão copiosos em mineraes: — ouro, prata, ferro, calaim e salitre, — até o rio Cananéa — e dista este do de S. Vicente 30 leguas, quasi Nordeste Sudoeste. Está em altura de 25º e meio: E' abundante todo seu districto de copiosas lagôas, e rios ferteis de pescado, e a terra de caça, e de todo o genero de mantimento Brasilico. Tem grande bocca e d'ella para dentro uma formosa abra capaz de toda sorte de navios; e — até, aqui chegam hoje as povoações dos Portuguezes. —

«Do Rio Cananéa ao Rio da Prata, vai outra formosa parte da terra do Brasil, com 200 leguas pela costa . . . é povoada de indios Carijós, a melhor nação do Brasil.

«O Rio dos Patos, fertilissimo e abundantissimas suas terras e por isso requestadas dos indios. Este rio fica sendo o termo do districto dos Carijós que, corre desde o rio Cananéa, onde tem principio, e traz em guerras intestinas com os Goyanás.»

Frei Vicente do Salvador, em sua «Historia do Brasil», narra que:

— «El-Rei Catholico fez aprestar contra corsarios inglezes que crusavam o Atlantico, não só forças do Vizo Reinado do Perú, como da península Hiberica que, com 23 náus de alto bordo, com 5000 homens de mar e guerra, com petrechos para a fabrica de fortes, capazes para 300 homens de guerra, e alguns povoadores para facilitar mais sua conservação. Nomeou para general d'essa Armada a Diogo Flores de Valdêz e por piloto mór a Antão Paulo Corso e a Pedro Sarmiento por Governador dos fortes e povoações. Sahiu de S. Lucas esta Armada a 25 de Setembro de 1581, com tão máo tempo, pela pressa que o duque de Medina dava, que depois de 3 dias arribou com tormenta, á bahia de Cadiz, com perda de 3 navios, havendo-se afogado a maior parte da gente, e tão destroçada, que para reparar-se teve de deter-se mais de 40 dias, tor-

nando a sahir com 17 navios que chegaram ao Brasil no Porto do Rio de Janeiro onde invernarão 6 mezes e meio, porque ainda que chegassem a 25 de Março, que em Hespanha he a primavera, em estas partes he o principio do inverno, em que se não pôde navegar para o estreito de Magalhães . . . . . á 2 de Outubro, com 16 navios, deixando um por inutil e tomando a derrota do estreito, que está a 700 leguas d'este porto, chegaram ao Rio da Prata, donde se levantou hum temporal de vento tão forte que estiveram 22 dias mar em travéz, sem poder pôr um palmo de vellas e havendo-se perdido em vespera de S. André, a náu do capitão Palomar com 236 pessoas, sem poder os remediar; aos 2 de Dezembro applacou alguma couza o vento, e com accôrdo dos capitães e pilotos, tornou Diogo Flôres atraz, buscando o porto pera reparar as náus, porque estavam 5 d'ellas abertas da tormenta e as mais em perigo de fazerem o mesmo. Foram a ilha de S. Catharina, 300 leguas d'alli — «a qual ainda que despovoada, por ser de portuguezes, que não sabem povoar, nem aproveitar-se das terras que conquistão — he terra de muita agua, pescado, caça, lenha e outras couzas. . . . .

Refere-se ainda Frei Vicente do Salvador, que ha «— muitos annos que voava fama de haver minas de ouro e outros metaes em a terra da Capitania de S. Vicente, que El-Rei D. João o 3.º, doou a Martim Affonso de Souza, (note-se bem, o autor refere-se claramente á Capitania de Martim Affonso de Souza e não a de S. Amaro, doada na mesma occasião a Pedro Lopes de Souza) e já por algumas partes voava com azas douradas, e havia mostras de ouro, o que visto pelo Governador, D. Francisco de Souza, que avisou a Sua Magestade, offerecendo-se pera essa empreza, e elle a encarregou, e mandou pera ficar governando a cidade da Bahia, a Alvaro de Carvalho; o Governador se partiu pera baixo em o mez de Outubro de 1598 . . . . . em poucos dias chegou á Capitania do Espirito Santo, por lhe dizerem que havia metaes, na serra de mestre Alvaro, e em outras partes, as tentou e mandou cavar e fazer ensaios de que se tirou alguma prata.

«Tambem mandou que fossem ás esmeraldas, a que já da Bahia havia mandado por Diogo Martins Cão, e as



tinha descobertas; fez um forte pequeno de pedra e cal em que pôs 2 peças de artilharia, para defender a entrada da Villa e feito isto, se partiu para o Rio de Janeiro, onde foi recebido do Capitão Mór, que então era Francisco de Mendonça, e do povo todo, com muito applauso, por ser parte onde nunca vão os Governadores geraes. . . . .

«Chegado que foi o Governador á São Vicente, fez aprisionar uma nau hollandeza que alli aportára, na qual arrecadou mais de 100.000 cruzados, que applicou nas despesas de sua expedição. De S. Vicente passou a S. Paulo, que é mais chegado ás minas . . . . . entretinha o tempo que lhe restava do trabalho das minas, que era mui grande, e — muito maior por não ser sempre de proveito, porque como é ouro de lavagem, umas vezes se levava pouco ou nenhum, mas outras se achava grãos de pezo e de preço e de que elle enfiou um rosario, assim como sahião, redondos, quadrados ou cumpridos, que mandou á Sua Magestade, com outras mostras de perolas, que se acharam no esparçel de Cananéa, e em outras partes; mandando-lhe pedir provisão para fazer descer gentio do sertão, que trabalhasse n'esse misterio, a que lhe não deferiram por morrer n'esse tempo (1598) El-Rei Philippe 1.<sup>o</sup> que o havia enviado, e succeder seu filho Philippe 2.<sup>o</sup>, que o mandou ir para o reino . . . . . e porque elle não pediu mais que o marquizado de minas de S. Vicente, o tornou a mandar á ellas com o governo do Espirito Santo, Rio de Janeiro e mais Capitánias do Sul, ficando nas do Norte governando D. Diogo de Menezes.

«Trouxe D. Francisco consigo seu filho D. Antonio de Souza, que tambem já cá havia estado, para capitão mór da costa.

«D. Francisco foi para as minas e D. Antonio para o Reino, com as amostras do ouro d'ellas, de que levou feita uma cruz e uma espada, á sua Magestade, o que tudo os corsarios no mar o tomaram, nem o Governador teve lugar de mandar outra, com uma enfermidade grande que teve na villa de S. Paulo, da qual morreu, estando tão pobre que me affirmou um padre da Companhia, que se achava com elle á sua morte, que nem vella tinha para lhe metterem na mão, se não mandára levar do seu convento

. . . . . e assim cessou o negocio das minas, posto que não deixam alguns particulares de ir á ellas, cada vez que querem, a tirar ouro.»

11 — D. Francisco de Souza falleceu no anno de 1610, por onde se vê que as investigações officiaes das minas da Capitania de S. Vicente, n'essa época apenas se achavam em inicio e não tiveram feliz resultado.

Quanto ás minas da Capitania de Paranaguá, por essa época, não eram ainda exploradas, pois, — as terras ao sul de Cananéa, se achavam despovoadas e habitadas apenas pelos indios Carijós, até a Lagôa dos Patos, «por serem pertencentes a portuguezes, que não sabiam povoar nem aproveitar-se das terras que conquistavam.»

12 — Dos Annaes do Rio de Janeiro, manuscripto datado de 1663, transcripto pelo Dr. Mello Moraes, no seu Brasil Historico, transladamos o seguinte:

— «Logo que á Madrid chegou a certeza da morte de D. Francisco de Souza, foi despachado para succeder-lhe, no lugar de Administrador Geral das tres Capitánias — do Rio, S. Vicente e Espirito Santo — Salvador Correia de Sá, por alvará de 4 de Novembro de 1613, com ordenado de 600\$000 por anno, que venceria desde o dia que sahisse de Lisboa, em virtude do alvará de 27 de Dezembro do mesmo anno, passando-se-lhe alvará para averiguação das minas, do theor seguinte:

«Eu El-Rei, faço saber á vos Salvador Corrêa de Sá, fidalgo de minha casa, que por se me representar que na Capitania de São Vicente ha minas de ouro e outras, que beneficiando-se poderão ser de grande utilidade á minha fazenda e vassallos, encarreguei a D. Francisco de Souza, do meu conselho, da averiguação e beneficio d'ellas, em que não pode fazer cousa alguma de consideração, por succeder fallecer em breve tempo; e por que pelos ditos respeitos, e outros do meu serviço, convem muito — averiguar-se a verdade e certeza d'ellas — confiando de vós pela muita experiencia que tendes das cousas d'aquellas partes, e pelas muitas da vossa pessoa, verdade e zelo, que tendes do meu serviço, me servireis muito á minha satisfação, hei por bem de vos encarregar da averiguação,



deixando em vossa prudencia o modo que n'isto deveis ter, etc.»

— Chegou com effeito, ao Rio de Janeiro, Salvador Correia, e enviou á seu filho Martim Correia por Administrador das minas de S. Paulo, por provisão datada no mesmo Rio, de 20 de Julho de 1615; nesta administração permaneceu até o anno de 1621, em cujo tempo lhe succedeu seu irmão Gonçalo Correia de Sá, e a este succedeu em 1624, Manoel João Branco, com o mesmo character de Administrador das minas de S. Paulo e Superintendente dos índios das aldeias do real padroado, o qual exercendo o seu ministerio, concedeu datas mineraes aos mineiros de Santa Fé, a Pedro da Silva e Gaspar Sardinha, que lh'as pediram por não terem mais em que trabalhar nas que tinham sido facultadas.

Naquelle tempo fez El-Rei mercê aos povos das terras mineraes, para as beneficiarem á sua custa, contentando-se que lhe pagassem o quinto do ouro que extrahissem, e lhe deu novo regimento de terras mineraes, de 18 de Agosto de 1612.

Esta providencia era admiravel, não só porque poupava a real fazenda mui grandes despezas, como porque animava aos vassallos a se entregarem a novos e importantes descobrimentos, tendo mostrado a experiencia que nunca foi util ao interesse da real fazenda o minerar-se por conta do Rei; e ainda que no tempo dos referidos administradores não produzirão as minas os interesses que erão de desejar, nem apparecerão descobertas, cuja importancia engrossasse os direitos da real fazenda e o interesse dos povos: elles comtudo se manifestarão na serie dos tempos. . . . .»

Pela Collectanea de Mappas da Cartographia Paulista antiga, reproduzida da Collecção do Museu Paulista, publicada por occasião da commemoração do primeiro centenario da Independencia Nacional se vê um mappa datado de 1612, com as seguintes legendas: «Copia do mappa de fls. 4 do Livro Qve. Da Rezão Do Estado Do Brasil. Feito em 1612» (sic). — «Descripção da Costa q' vai do Rio de Janeiro até o Porto de São Vicente que he aultima povoação que temos na Costa do Brasil pera a

parte do Sul na qual a muy bons portos esurgidouros Como se mostra» (sic).

## II

### O Governador do Rio de Janeiro em visita as minas de Paranaguá.

1 — Salvador Corrêa de Sá e Benavides, Governador do Rio de Janeiro, desejando averiguar dos motivos do pouco rendimento das minas, empreendeu penosissima viagem, e a 30 de Novembro de 1660 aportou a Paranaguá.

«Impressionava-o o pouco resultado dellas e talvez que a sua presença em visita de inspecção podesse dar algum resultado pratico.» Demorada foi sua inspecção, pois não queria voltar ao Rio, «sem findar o intento, para com o desengano della fazer aviso a Sua Magestade», conforme declarou em carta de 10 de Abril de 1661, em que relatava essa viagem e as graves occurrencias havidas em sua ausencia no Rio de Janeiro, com o levante do povo e deposição das autoridades constituidas, cujo epilogo foi a morte no pelourinho do chefe da revolta, Jeronymo Barbalho.

Agostinho Barboza Bezerra foi, por provisão Regia de 7 de Setembro de 1663, nomeado administrador das minas de Paranaguá e das serras das Esmeraldas e, ajudado pelos paulistas nas descobertas dessas pedras, arrojou-se pelos sertões do Espirito Santo, onde falleceu em 1667, sem ter assumido o seu logar em Paranaguá.

2 — Ao provedor Matheus de Leão succedeu o Capitão-mór Diogo Vaz Escobar, que accumulou as duas funcções, visto como «pelo precario resultado das Minas de Paranaguá que nada ou pouco produziam», as funcções de provedor foram exercidas pelos proprios Capitães-móres até o anno de 1670. Por morte de Diogo Vaz Escobar, occorrida em 1656, succedeu-lhe Matheus Vaz e a este o Capitão-mór Thomaz Fernandes de Oliveira, que teve por seu successor o Capitão Manoel de Lemos Conde, nomeado provedor por provisão de 26 de Março de 1674.



### III

#### As Minas de Prata de Paranaguá.

1 — Manoel de Lemos Conde era, em 1656, Almotacé da Camara de S. Paulo, eleito por 2 mezes, como se verifica da acta de 4 de Novembro de 1656, publicada no tomo annexo ao vol. VI das Actas da Camara. Foi Lemos Conde o descobridor das minas de Paranaguá, do que deu conhecimento a El-Rey e a D. Affonso Furtado de Mendonça, Governador Geral na Bahia.

A Carta Regia de 23 de Novembro de 1674, providenciando a respeito, manda que se forneçam as armas e munições julgadas necessarias ao serviço e determina sobre o seu regular estabelecimento e entabolamento. O Capitão-mór de S. Vicente, Agostinho de Figueiredo, recebendo ordem de ir á Paranaguá, como já o tinha feito em 1660, ahi já encontrou Lemos Conde, com seus filhos e escravatura, em explorações com recursos de sua fazenda particular, e tal actividade e zelo, que o recommendou ao Governador Geral. Este, por patente de 27 de Novembro de 1684, passada na Bahia, o nomeou para o lugar de Provedor das Minas de ouro de Paranaguá, em reconhecimento tambem pelos seus serviços na descoberta das minas de prata, no districto da villa. Lemos Conde recebeu tambem a seguinte Carta:

«Manoel de Lemos Conde. — Eu o Principe vos envio saudar. — Pelas vossas Cartas e pelas do Governador do Estado, Affonso Furtado, se me fez presente o zelo que tendes do meu serviço no descobrimento das minas de prata de Paranaguá, e fico com lembrança para vos fazer as mercês que houver por bem, tendo effeito seu entabolamento e ao Governo do Estado mando escrever vos deixe continuar no exercicio do cargo que tendes; mandando-vos assistir com ajuda de custo que parecer conveniente em quanto ahi estiverdes nessa occupação. Lisboa, 30 de Novembro de 1674. Principe. Conde de Val Reis.»

2 — Procurando Lemos Conde pôr termo aos descaminhos do ouro extrahido, cujos quintos não eram pagos

á Fazenda Real, desaveio-se com os poderosos da terra, que, machinando a sua ruina, o depuzeram do cargo e o prenderam, com ameaças de morte. Pela inclusa Carta Regia, que copiamos em 1918 do proprio original existente no Archivo Publico Nacional do Rio de Janeiro, se verão as providencias tomadas a respeito:

Carta Regia de 19 de Março de 1676.

«Mathias da Cunha. — Eu o Principe vos envio muito saudar. — Com esta vos mando remetter duas Cartas minhas para Thomé de Souza Corrêa e Pedro de Unhão de Castello Branco, ouvidor geral da Capitania para que façais entregar a cada um delles, declarando ao Ouvidor vá logo dar comprimento ao que lhe mando executar sobre ir a sua custa á Paranaguá repor o Administrador das Minas de Prata e aos officiaes que com excesso e contra minhas ordens tirou e prendeo, e me avisareis de como se derão as cartas e se lhe fez assim executar.

«Escripta em Lix.<sup>a</sup> a 19 de Março de 1676. — Principe.»

— O Ouvidor Geral Castello Branco fez immediatamente cumprir a ordem regia, por meio de uma commissão, da qual fez parte o seu parente D. Rodrigo de Castello Branco e o Sargento-mór Antonio Affonso Vidal, aos quaes foi tambem delegada a missão de averiguar desses acontecimentos para narrar a El-Rey e o encargo de fiscalizar as arrecadações dos quintos, de accordo com a denuncia de Lemos Conde.

D. Rodrigo percorreu todo o «hinterland» aurifero do Paraná, e por Carta Regia de 29 de Novembro de 1677 foi nomeado Administrador Geral das minas, com o encargo de verificar as de prata de Paranaguá, sendo autorizado a applicar parte do imposto de 200.000 crusados lançados no Brasil para o ajuste de paz com a Hollanda e Inglaterra.

Em 1679 nomeou elle a Antonio de Lemos Conde, filho do descobridor da prata, Capitão-mór das gentes que deviam partir para a descoberta das minas.

3 — Em 1680 achava-se D. Rodrigo em Curityba, examinando as minas da «Campina de Botiatuva» — proximo ao Rio Passauna, tendo nesse mesmo anno exami-



nado as minas de Itambé, depois do que se recolheu a S. Paulo. Foi ajudado nessa empresa pelo mineiro pratico da missão, João Alves Coutinho.

4 — Ao Provedor Manoel de Lemos Conde, succedeu o Capitão-mór Gaspar Teixeira de Azevedo, nomeado por patente de 4 de Outubro de 1690, confirmada a 12 de Fevereiro de 1691, pelo Provedor Geral da Fazenda Real, Domingos Pereira Fontes. Contra Gaspar Teixeira manifestaram-se ainda os interessados pelo descaminho do ouro. Veio elle a soffrer as mesmas accusações que soffrera seu antecessor. Suppunham aquelles que o fariam amenizar as medidas de rigor estabelecidas na arrecadação dos quintos por Lemos Conde. Não conseguindo seu intento, planejaram a sua deposição.

5 — Gaspar Teixeira mandou, em Abril de 1697, abrir uma devassa contra os descaminhadores do ouro, fazendo assim chegar o fogo ao rastilho da pólvora. A sua deposição e prisão não se fizeram esperar.

A Carta Regia infra elucida o assumpto:

«Arthur de Sá e Menezes.

«Amigo.

«Eu, El-Rey, vos envio mt.<sup>o</sup> saudar. Vio-se a vossa Carta de 28 de Maio deste anno, em resposta a que se nos havia escripto sobre os culpados na devassa que Gaspar Teixeira de Azevedo, como Provedor das minas de Paranaguá, havia tirado dos descaminhos dos quintos do ouro das minas novamente descobertas em S. Paulo, o haverem tomado contra elle armas e pondo-o em cerco com grande risco da sua vida e suposto insinuteis tinheis mandado restituir assim no Posto de Capitão-mór, como dito cargo de Provedor das minas, por achar ser bem procedido, e sem razão expulso e que no tirante aos culpados na devassa dos descaminhos ellegereis meyo com que eu ficasse mais bem servido, quando passardes aquellas partes.

«Me parece dizer-vos que a ordem que se vos mandou não respeitava só a culpa que cometerão os Paulistas no descaminho do ouro; mas tambem a que fizeram em privarem do seu posto de Capitão-mór a Gaspar Teixeira, e como esta seja materia grave e de mui prejudi-

ciaes consequencias e faltaçe com o castigo em um delito dessa qualidade, porque a sua imitação poderão outros vassallos romper em outros mais perniciosos; neste caso deveis fazer toda a deligencia porque se castigue os culpados como merecem suas culpas, obrando sempre nesse particular com aquella cautella e prudencia que entenderdes he conveniente.

«Escripto em Lisbôa, a 20 de Outubro de 1698. — Rey.»

«Para o Governador Capitão-mór General do Rio de Janeiro.»

6 — A tarefa commettida a D. Rodrigo, de descobrir minas de ouro em Paranaguá tivera máu exito, pois, alem de não dar incremento algum á real fazenda, foi a sua administração feita com enorme dispendio do real erario.

Era D. Rodrigo natural da Hespanha, e fôra nomeado Administrador Geral das Minas da Serra do Sabarabucu (hoje Sabará — Estado de Minas), de Tabaiana, nos sertões da Bahia, e das de Paranaguá, com o ordenado annual de 600\$000, e o titulo de fidalgo da casa real. Da Bahia sahio D. Rodrigo acompanhado do Capitão Jorge Soares de Macedo (mais tarde Governador da praça de Santos), com uma companhia de 30 soldados de sua guarda, que já o havia acompanhado aos sertões do sul, e do Capitão Manoel de Souza Pereira, tomando no Rio de Janeiro mais 20 homens.

Em Santos fez o Capitão Jorge Soares subir a S. Paulo, afim de obter recursos, e esse, com mais 200 indios guerreiros, que levou de reforço, seguiu em direcção ao sul, levando como Capitão-mór dessa gente a Braz Rodrigues de Arzão e a Antonio Affonso Vidal como Sargento-mór.

7 — Em Março de 1678, embarcaram os homens da expedição, em sete embarcações, as quaes logo ao sahirem de Santos, tiveram de arribar ao porto, pelas tormentas e ventos contrarios que encontraram. Refeita a expedição, seguiu viagem em direcção ao sertão do Rio S. Francisco, d'ahi até a Ilha de Santa Catharina, onde por solicitação do Governador do Rio de Janeiro, D. Manoel Lobo, que se achava na Ilha de S. Gabriel, fortificando a povoação



da Colonia do Sacramento, embarcou sua força, que foi reforçar a Colonia, seriamente ameaçada pelos Castelhanos, deixando na guarnição em Santa Catharina os 200 indios.

Ao passo que essas peripecias se davam com a columna de Jorge Soares de Macedo, a de D. Rodrigo seguia de Santos para Paranaguá por terra, sem que, apesar de grandes dispendios de dinheiro, nada adeantasse no descobrimento das minas, visto que as de Peruna e Itambé foram descobertas, a primeira pelo Capitão-mór Gabriel de Lara, e a segunda por João de Araujo, ambos paulistas, e assim as de N. S. da Conceição da Cachoeira, proximas a Curityba, posteriormente a estas, em 1678 ou 1680, por Salvador Jorge Velho, tambem paulista. Todas estas descobertas foram feitas sem despesas para a real fazenda.

Em 1680 voltou a S. Paulo D. Rodrigo, em busca dos sertões das Esmeraldas, descobertos por Fernão Dias Paes. (Pedro Taques — Nobiliarchia Paulistana.)

8 — D. Rodrigo nomeado nessa epoca administrador geral das minas, partiu de S. Paulo com uma bandeira composta de 240 indios e tres companhias de paulistas a caminho do Sumidouro, pelas noticias das descobertas das esmeraldas de Fernão Dias Paes. As noticias que corriam sobre D. Rodrigo eram más; acusavam-n'o de arrogante e libertino, censurando a sua empafia e fidalguia. A sua bandeira era composta de bohemios e devassos, que enchiam as selvas de scenas ruidosas de bebedeiras e lascivias, a que pagavam largo tributo as virgens selvagens.

No Sumidouro, ou antes, no Rio das Velhas encontraram-se as bandeiras de D. Rodrigo com a de Manoel de Borba Gato, genro e herdeiro de Fernão Dias Paes Leme, que obtivera as honras de Governador das minas das esmeraldas. Houve profiada disputa entre ambos, provocada pelo conflicto de jurisdição nas attribuições que cada qual pretendia ter sobre as minas. No entrechoque D. Rodrigo cae fulminado por um tiro certo de um partidario de Borba Gato. Esse facto passou-se em meiado de Outubro de 1681.

Conforme o Bando mandado publicar em S. Paulo e nas mais villas da Capitania, foi concedido perdão aos criminosos foragidos, que se apresentassem para fazer parte

da força com que D. Rodrigo tinha de entrar para o sertão em descoberta das Minas.

#### IV

##### Officina de fundição de ouro.

1 — Em 7 de Setembro de 1702 foram creadas diversas Casas de moedas e Officinas de fundição do ouro no Brasil, sendo em Paranaguá creada uma Casa dos Quintos, onde era fundido o ouro em pó e em folhetas, formando-se barras, que eram enviadas á Casa da Moeda do Rio de Janeiro, que as amoedava.

2 — Em 1720 o Ouvidor Pardinho encontrou fechadas as officinas de fundição de Paranaguá, pelo que providenciou sobre a arrecadação dos cunhos, e nomeou a Diogo da Paz Caria, para Provedor, e ao Capitão-mór André Gonçalves Pinheiro, para Thesoureiro e para Escrivão a Antonio Esteves Freire, recommendando-lhes que «tratassem da arrecadação de algum ouro, ainda que pouco, que se tirava das minas e lavras velhas».

3 — Em 1730 o Capitão-mór André Gonçalves Pinheiro, já Provedor das Minas, demonstrava a El-Rey a esperança de novas descobertas de ouro, esperanças que não foram confirmadas, tanto que o ouvidor Antonio dos Santos Soares, por Provisão de 1733, declarou — «livre a qualquer pessoa minerar nas cattas e faisqueiras velhas que houverem no termo e comarca de Paranaguá, visto se acharem ellas abandonadas.»

Por Carta Regia de 16 de Novembro de 1734, D. João pede informações a respeito deste provimento ao Conde de Sarzedas, ordenando-lhe que ouça o Guardamór das referidas minas.

#### V

##### As Minas de Curityba.

1 — Salvador Jorge Velho, a 23 de Fevereiro de 1680, segundo narra o saudoso e eminente Barão do Rio Bran-



da Colonia do Sacramento, embarcou sua força, que foi reforçar a Colonia, seriamente ameaçada pelos Castelhanos, deixando na guarnição em Santa Catharina os 200 indios.

Ao passo que essas peripecias se davam com a columna de Jorge Soares de Macedo, a de D. Rodrigo seguia de Santos para Paranaguá por terra, sem que, apesar de grandes dispendios de dinheiro, nada adeantasse no descobrimento das minas, visto que as de Peruna e Itambé foram descobertas, a primeira pelo Capitão-mór Gabriel de Lara, e a segunda por João de Araujo, ambos paulistas, e assim as de N. S. da Conceição da Cachoeira, proximas a Curityba, posteriormente a estas, em 1678 ou 1680, por Salvador Jorge Velho, tambem paulista. Todas estas descobertas foram feitas sem despesas para a real fazenda.

Em 1680 voltou a S. Paulo D. Rodrigo, em busca dos sertões das Esmeraldas, descobertos por Fernão Dias Paes. (Pedro Taques — Nobiliarchia Paulistana.)

8 — D. Rodrigo nomeado nessa epoca administrador geral das minas, partiu de S. Paulo com uma bandeira composta de 240 indios e tres companhias de paulistas a caminho do Sumidouro, pelas noticias das descobertas das esmeraldas de Fernão Dias Paes. As noticias que corriam sobre D. Rodrigo eram más; acusavam-n'o de arrogante e libertino, censurando a sua empafia e fidalguia. A sua bandeira era composta de bohemios e devassos, que enchiam as selvas de scenas ruidosas de bebedeiras e lascivias, a que pagavam largo tributo as virgens selvagens.

No Sumidouro, ou antes, no Rio das Velhas encontraram-se as bandeiras de D. Rodrigo com a de Manoel de Borba Gato, genro e herdeiro de Fernão Dias Paes Leme, que obtivéra as honras de Governador das minas das esmeraldas. Houve profiada disputa entre ambos, provocada pelo conflicto de jurisdição nas attribuições que cada qual pretendia ter sobre as minas. No entrechoque D. Rodrigo cae fulminado por um tiro certo de um partidario de Borba Gato. Esse facto passou-se em meiado de Outubro de 1681.

Conforme o Bando mandado publicar em S. Paulo e nas mais villas da Capitania, foi concedido perdão aos criminosos foragidos, que se apresentassem para fazer parte

da força com que D. Rodrigo tinha de entrar para o sertão em descoberta das Minas.

#### IV

##### Officina de fundição de ouro.

1 — Em 7 de Setembro de 1702 foram creadas diversas Casas de moedas e Officinas de fundição do ouro no Brasil, sendo em Paranaguá creada uma Casa dos Quintos, onde era fundido o ouro em pó e em folhetas, formando-se barras, que eram enviadas á Casa da Moeda do Rio de Janeiro, que as amoedava.

2 — Em 1720 o Ouvidor Pardinho encontrou fechadas as officinas de fundição de Paranaguá, pelo que providenciou sobre a arrecadação dos cunhos, e nomeou a Diogo da Paz Caria, para Provedor, e ao Capitão-mór André Gonçalves Pinheiro, para Thesoureiro e para Escrivão a Antonio Esteves Freire, recommendando-lhes que «tratassem da arrecadação de algum ouro, ainda que pouco, que se tirava das minas e lavras velhas».

3 — Em 1730 o Capitão-mór André Gonçalves Pinheiro, já Provedor das Minas, demonstrava a El-Rey a esperança de novas descobertas de ouro, esperanças que não foram confirmadas, tanto que o ouvidor Antonio dos Santos Soares, por Provisão de 1733, declarou — «livre a qualquer pessoa minerar nas cattas e faisqueiras velhas que houverem no termo e comarca de Paranaguá, visto se acharem ellas abandonadas.»

Por Carta Regia de 16 de Novembro de 1734, D. João pede informações a respeito deste provimento ao Conde de Sarzedas, ordenando-lhe que ouça o Guardamór das referidas minas.

#### V

##### As Minas de Curityba.

1 — Salvador Jorge Velho, a 23 de Fevereiro de 1680, segundo narra o saudoso e eminente Barão do Rio Bran-



co, em suas — Ephemerides Brasileiras — descobriu as Minas de Ouro de lavagem, no Ribeirão, em Curityba.

Em 1708 o Capitão-mór Gaspar Teixeira de Azevedo nomeou a seu filho Domingos Teixeira de Azevedo, — o pai de Frei Gaspar da Madre de Deus —, para Guarda-mór das Minas de Curityba, por possuir elle as qualidades necessarias e ter a experiencia de tal mister, adquerida nas minas de Cataguazes.

O Capitão Manoel Gonçalves Carreira possuia, em 1720, as lavras de Uvaporanduva e as de Canguiry.

O Padre Dr. José Rodrigues de França e Paulo da Rocha Dantas, obtiveram, em 1743, a concessão de terras mineraes no veio novo descoberto no Ribeirão de Arassatuba, districto de Curityba, e a exploração do serviço de Aguas a talho aberto, da cachoeira grande até a segunda cachoeira.

Igual direito foi concedido em partilha a todos os mineiros que se achavam presentes.

O Capitão-mór João Rodrigues de França possuia, em 1712, lavras de ouro em S. José dos Pinhaes, d'onde remetteu amostras a El-Rey.

2 — As lavras do Arrayal Grande foram vendidas em 13 de Setembro de 1729 pelo Capitão João Carvalho de Assumpção aos Padres, irmãos, Christóvão de Oliveira e Estevão de Oliveira Rosa, com os seus serviços de aguas e terras mineraes.

As minas do «Arrayal Grande», «Botiatuva» e «Morro Azul» pertenciam em 1741 a Balthazar Vellozo e Silva, Gaspar Carrasco dos Reis, Salvador de Albuquerque e José de Souto, sendo que este ultimo vendeu sua parte a Salvador de Albuquerque e Fabiano de Azevedo, que associaram as suas explorações Sebastião dos Santos Pereira e Miguel Gonçalves de Lima. Este ultimo vendeu em 1753 a sua parte ao Capitão Gaspar Gonçalves de Moraes.

Os negocios não lhes correram folgadamente, pois que todos morreram pobres e de seus inventarios não se poudo inferir prosperidade em ouro.

O Capitão Antonio da Veiga foi o unico que demonstrou possuir ouro em abundancia, tanto que em 23 de Junho de 1719, estando para fazer casar sua filha Es-

colastica com Manoel Corrêa de Castro, por escriptura publica prometteu dar a seu genro, no prazo de um anno do casamento, mil oitavas de ouro, como dote nupcial, importancia essa que seria levada a conta de sua terça. Sómente em 25 de Maio de 1725 é que se poudo desobrigar desse compromisso. Em 1739 era elle associado ao Capitão Pedro de Carvalho Pinto, na exploração de ouro do «Arraial Grande», no Ribeirão.

3 — O Guarda-mór, Francisco Martins Lustoza, o intemorato sertanista que descobriu as minas de S. Anna de Sapucahy, no seculo XVIII, e que com tanta energia se portou nas lutas de demarcação de Fronteira na Serra de Mantiqueira, limites de S. Paulo com Minas Geraes, ao retirar-se para o Paraná, onde prestou tão assignalados serviços, ao mando do Tenente-Coronel Affonso Botelho de Sampaio e Souza, sahiu de Sapucahy a dever a Lourenço Ribeiro de Brito quantia superior a 3000 oitavas de ouro. No periodo comprehendido entre 4 de Agosto de 1742 a 23 de Setembro de 1744, conforme os seis recibos passados por seu credor e transcriptos no Livro de notas do Tabellionato de Curityba, hoje a cargo do Snr. Manoel José Gonçalves, effectuou o pagamento dessa divida n'um total de 3000  $\frac{3}{4}$  de oitavas de ouro.

São essas as maiores quantias de ouro em mãos de particulares, de que temos noticia.

## VI

### As minas de Morretes

1 — A mais antiga sesmaria do Cubatão de Morretes, de que nos dá noticia o benemerito historiador Antonio Vieira dos Santos em sua preciosa — «Memoria historica da Villa de Morretes e do Porto Real ou Porto de Cima» —, infelizmente ainda inedita, foi a que Gabriel de Lara, na qualidade de Capitão-mór e povoador da Capitania de Paranaguá, passou a 11 de Outubro de 1665 ao Capitão Manoel Dias Velho, no rio «Sambaqui», pelo Cubatão do Porto do inferno acima, de meia legua, em quadra da qual tomou posse por mandado do Juiz Doutor Sebastião Car-



doso Sampaio; é provavel que nessa epocha fossem essas terras, já em parte povoadas, e talvez, o serviço de explorações dos rios Cubatão, Marumby, rio do Pinto e outros, já se tivesse iniciado.

Se assim foi, não teve resultado pratico, pois, só no meiado do seculo XVIII é que as minas de «Penajoia» floresceram, assim como as do «Arraial grande», «Pau vermelho», «Uvaporanduva» e outras.

O «Arraial grande» era situado no actual Municipio de Morretes, junto a povoação do «Rio do Pinto» do Anhaya, tambem conhecida pelo nome de «Porto do Padre Veiga», onde foram demarcadas 300 braças de terras para rocio da futura Villa, em 2 de Novembro de 1733, pelo Juiz ordinario de Paranaguá, João Mourato de Lemos, Vereadores Manoel Moreira e Antonio João de Mendonça e Procurador do Conselho Miguel Alves Pedroso. Serviu de agrimensor Francisco de Araujo, — «experiente em agulhão» —, de que de tudo lavrou termo o tabellião Gaspar Gonçalves de Moraes, servindo de escrivão da diligencia. Nessa mesma occasião foram medidas outras 300 braças em cada um dos portos de Morretes e Porto de Cima, de accordo com o provimento 106, deixado pelo Ouvidor Pardiniho, em Paranaguá, em 1721 afim de que as terras assim demarcadas para futuras povoações, se podessem dar a pessoas que quizessem povoal-as, «por convir n'isso o bem commum e commercio». Segundo o mesmo provimento, todos os referidos logares (Morretes, Porto de Cima e Porto do Padre Veiga) «— estavam com suas terras devolutas e despovoadas» —.

A povoação do «Rio do Pinto» ou «Porto do Padre Veiga», confinava a noroeste com o rio «Guarumbi» hoje rio «Marumby» e era o porto de embarque e desembarque das mercadorias vindas de serra acima ou que se destinavam ao planalto de Curityba e que transitavam pela «Estrada do Arraial Grande».

Ahi ficavam os armazens e depositos onde eram armazenadas as cargas a espera de transportes, quer as destinadas a Curityba, por terra, quer as destinadas a Paranaguá, via fluvial e maritima.

No «Arraial grande» haviam varios armazens de sec-

cos e molhados, vendas de comestiveis e negocios de fazendas, armarinhos e ferragens, o que demonstra a quantidade de moradores e trabalhadores existentes n'esse arraial, cujas minas eram as mais prosperas e lucrativas.

Com a decadencia das minas foi a povoação do «Rio do Pinto» abandonada, resurgindo em seu lugar a de «Morretes», entre os annos de 1769 a 1777. Em 1780 já nada mais existia no arraial, sinão tapéras em ruinas, e uma unica propriedade — a de Theodoro da Costa, que cultivava a terra.

Si bem que Morretes fosse povoada desde 1725 por João de Almeida e sua familia, composta de filhos e genros que obtiveram concessões de terras, comtudo, só com a decadencia do «Rio do Pinto» é que alcançou a sua prosperidade e pouco tempo depois se tornou o maior emporio commercial do Paraná. João de Almeida ou João de Chaves de Almeida era filho de Paulo de Anhaya Bicudo e de Ignez de Chaves de Siqueira, naturaes de Itú; residiram em Paranaguá e quiçá em Morretes, dando por essa forma o seu nome a actual freguezia de S. Pedro do Anhaya.

Ignez de Chaves falleceu em Curityba aos 90 annos de idade em 27 de Dezembro de 1744, já em estado de viuva de Paulo de Anhaya Bicudo. Em 18 de Agosto de 1735 falleceu em Curityba um filho de Paulo de Anhaya, sendo declarado no registro de obitos que este era natural de Paranaguá.

João de Chaves de Almeida era casado com Barbara Rodrigues da Cunha, dos quaes descendem entre outros, os filhos Paulo de Chaves de Almeida, que já em estado de viuvo de Leonor Moreira Paes, passou a segundas nupcias em 20 de Abril de 1758, em Curityba, com Joanna Cardoso Esteves, filha de Salvador Cardoso e sua mulher Maria Esteves e Francisco de Anhaya de Almeida, casado com Maria Martins de Ramos que foram paes de Izabel de Chaves de Almeida, casada em Curityba, a 12 de Dezembro de 1759 com José da Veiga Godoy, filho natural de Jeronymo da Veiga.

Este casamento de Paulo de Chaves de Almeida com Joanna Cardoso Esteves, foi por nós encontrado no livro



de assentamentos da Cathedral do Bispado de Curityba; por elle se vê os ascendentes do casal como acima mencionamos. Do mesmo livro extrahimos um casamento effectuado a 17 de Outubro de 1764 entre Antonia da Costa Ferreira (filha de José da Costa Ferreira e sua mulher Maria de Assumpção, elle de Curityba e ella de Itú) com Paulo de Anhaya Bicudo, filho de João de Siqueira Chaves, natural de Itú e sua mulher Joanna Garcia das Neves, natural de Curityba; neto pela parte paterna de Paulo de Anhaya Bicudo e sua mulher Ignez de Chaves das Neves, neto pela parte materna de Guilherme Dias e sua mulher Maria das Neves. Teria Paulo de Anhaya Bicudo de seu matrimonio referido dous filhos com o nome de João? Parece-nos que sim, pois um —: João de Chaves de Almeida era casado com Barbara Rodrigues da Cunha, ao passo que João de Siqueira Chaves era casado com Joanna Garcia das Neves.

Que os dous João eram filhos de Paulo de Anhaya e Ignez de Chaves, não resta duvida; como tambem que João de Siqueira Chaves como João de Chaves de Almeida tiveram filhos com o nome de Paulo, não resta duvida. Si ha engano, é de quem fez o registro do casamento d'onde copiamos os dados acima referidos.

Vieira dos Santos assim se refere as minas de Morretes:

#### MINAS

«1.º — A do «Penajoia», lavras que foram muito abundantes e de grande nomeada, d'onde foi extrahido immenso oiro, em cascalho azul, erão pertencentes ao Sargento-mór Domingos Cardoso Lima, abastado de bens e possuidor de muita escravatura e tendo enriquecido com as lavras do Açongui, veio estabelecer sua moradia no rio do Pinto, no sitio que hoje he pertencente aos Marinhos; sua casa era adornada de damasco e seda; sua mesa servida de baixella de prata; suas mocambas ou as mulatas pagens de sua familia, adornadas de grossos cordões de oiro de mais de cem oitavas de pezo; e té tinha hua completa banda de muzica de instrumentos de sopro; que seus escravos tocavam principalmente quando elle hia a Villa de Paranaguá,

fazendo hua entrada pomposa ao som de trompa e de clarins; era possuidor das grandes cazas de sobrado que estão proximas á Igreja de S. Benedicto.

«2.º — As do «Pantanal», lavras pertencentes ao Capitão Manoel Correia Mathozo, dellas foi extrahido oiro muito fino e de hum subido quilate, este morava no lugar chamado Pau Vermelho, onde tinha seu estabelecimento.

«3.º — As da «Carioca», que pertenceram ao Capitão Antonio da Silva Braga, morador no Pau Vermelho, onde tinha muita escravatura, mas afinal lhe foi a sorte adversa, morrendo-lhe a maior parte destes, veio a morrer pobremente e cego em 17 de Setembro de 1809; foi casado com D. Maria Pinheira dos Santos, filha de Affonso Manoel Domingos dos Santos, hua das principaes familias de Paranaguá.

«4.º — As do «Limoeiro», pertencentes a Luiz de Chaves, onde trabalhava com muita escravatura, situadas no caminho da Estrada, por onde então se tranzitava para o Arraial.

«5.º — As do «Pau Vermelho», pertencentes a Domingos Botelho que nas mesmas trabalhava com seus Escravos.

«6.º — Diversas lavras no mesmo bairro do Pau Vermelho, em diversos lugares onde trabalhavão Antonio Pinto, João Pinto e José Pinto e as de Raymundo José Sanabio que morava no Sitio Grande aonde tinha a sua caza de residencia e a familia; este famoso mineiro foi hum dos que veio de minas geraes estabelecer-se neste municipio com aquelle nome supposto, quando seu verdadeiro foi o de José Machado, como o declarou em seu testamento, ser natural da Ilha da Madeira, vindo a este paiz em 1760 até 1765 e foi casado com D. Eufrozina da Silva Freire, filha do Tenente Francisco da Silva Freire e ramo das principaes familias de Paranaguá.

«7.º — As do «Ribeirão», nos morros da Carreira, pertencentes ao mestre de campo Antonio Gomes Setubal, depois a André Gonçalves Pinheiro, capitão-mór da Villa de Paranaguá e Provedor das Minas e por ultimo ao Capitão Antonio Rodrigues de Carvalho, casado com D. Maria Gomes Setubal, da mais illustre familia paranaguense.



Foi este o fundador da primeira Capella de Morretes, homem abastado de bens e com muita escravatura; sua meza servida com baixella de prata e alfaia de damasco, em sua casa havia hum altar portatil, onde seu filho o Padre Antonio Rodrigues de Carvalho, dizia Missa e foi um patriótico Morretense, que mais prestou serviços no seu magisterio sacerdotal ao seu proprio paiz, fallecendo no anno de 1845 a 20 de Agosto e seu Pai, o fundador da Capella, no de 1801, no dia 1.º de Agosto.

«8.º — As de «Uvaporanduva», no lugar do Canguiri, pertencente ao Capitão Manoel Gonçalves Carreira, hum dos principaes figurões de Paranaguá, e que a sua custa fez grande parte das Obras do Collegio dos antigos Jesuitas, gastando nellas mais de 8000 cruzados, segundo consta pela tradição vulgar, e tão abastado em bens que té fez hua deixa a Irmandade de Nossa Senhora do Rosario da Cidade de Paranaguá no anno de 1757 de hum cordão de oiro e hum crucifixo de oiro com o peso de 163 oitavas! . . . Observa-se mesmo o gozo de felicidade que então havia entre os habitantes deste municipio e o de Paranaguá, a riqueza que havia, pelos legados que faziam ás Irmandades nos seus fallecimentos; o Sargento-mór Damião Carvalho da Cunha deu hua corôa de oiro a Nossa Senhora do Rosario e outra ao Menino, com o pezo de 3 marcos, 2 onças e 4 oitavas; o fallecido Padre Antonio Gonçalves Pereira Cordeiro e sua irmã D. Rosa Anna Maria quantas joias não deixaram á mesma Irmandade, de prata e oiro, herdado de seus fallecidos Pais? Quanto não deixou á Irmandade do S.S. Sacramento, o Sargento mór Christovão Pinheiro de França, legando á Irmandade duas lampadas de prata, um ornamento riquissimo, que só este importou em 1:207\$330?! D. Maria Pinheiro, mulher do fallecido Sargento mór Damião Carvalho da Cunha deu as 4 lanternas de prata á Irmandade, D. Antonia da Cruz França, mulher do Sargento-mór Francisco José Monteiro e Castro, foi quem deu a grande bacia de prata do lavapés da Semana Santa e outros muitos objectos que deixou de exarar, não fazendo fastidiosa a leitura, somente mostrando a riqueza que havia naquelles tempos venturosos, entre as principaes familias que ellas

ou seus antepassados tinham adquirido, principalmente nas minerações que haviam neste municipio onde a maior parte tinham seus estabelecimentos.

«Não deixará de haver no Municipio alem do oiro, outros diversos metaes, como: ferro, cobre, estanho, zinco, chumbo, antimonio, platina, prata, arsenico, mercurio ou azougue, este ultimo, ha certeza, por ter apparecido alguns globulos delle entre os padrões que havia no porto proximo a ponte do Ribeirão e que presentemente serve de porto as casas do Commendador Araujo e se alguns mineralogistas empregassem seus trabalhos nestas escavações, certamente encontrariam alguns destes metaes, bem como dos combustiveis como são o enxofre, petroleo ou mesmo carvão de pedra ou ainda alguns saes, como: pedra hume, salitre, sal gemma, barros argilosos; entre essas massas encontra-se camadas de terras, que servem de tinturarias excellentes de côr roxa, encarnada e amarella, que he igual a chamada — Occa — não fallando na finissima tabatinga branca que diz um mineralogista o Dr. Rates, he igual a porcellana chinesa.

«Finalmente, alem de immensas lavras de mineração de menor nomeada, cattas, faisqueiras diversas, inda havia outra lavra no «Uvaporanduva» em Canguiri de alguma nomeada, de hum inglez de nome Guilherme Paulo, onde trabalhava com seus escravos.

«As de «Capituva» pertencentes ao Alferes José Mendes de Azevedo.

«As do «Guarumbê», do Alferes Thomaz Corrêa Pimentel e outros.

«Alem das familias já referidas, outras pessoas de distincção alli moravão, taes como: o Capitão-mór Antonio Ferreira Mathozo no rio Guarumbi; Francisco Taveira de Mesquita, Capitão Aniceto Borges, Manoel Lourenço Pontes, todos genros do Sargento-mór Domingos Cardoso de Lima e moradores do Rio Marumbi e o ultimo delles era mineiro, com muita escravatura, bem como Domingos Cardoso de Lima Filho, Thomaz Corrêa Pimentel, casado com D. Isabel de França e o Alferes Antonio Lopes Vaz, casado com D. Margarida de França; e no Rio do Pinto o Capitão-mór José Carneiro dos Santos, o Capitão Miguel



Nunes no sitio que depois foi de hum Fulano Duquinha e era genro do Sargento-mór Domingos Cardoso de Lima e este morava no sitio e campo que depois foi dos Marinheiros.»

2 — O Capitão Manoel Dias Velho, a quem acima nos referimos, era filho do notavel sertanista Francisco Dias, opulento em arcos, cujos indios conquistou com armas no sertão do Paraná e Rio Grande do Sul, onde falleceu em 1645.

Era irmão do celebre bandeirante Francisco Dias Velho, fundador e Capitão-mór da Ilha de S. Catharina, onde prestou relevantes serviços, entre os quaes se salientou a defeza da costa e sertões meridionaes do Brasil, impedindo que os castelhanos ahi se podessem estabelecer.

3 — O Sargento-mór Domingos Cardoso de Lima, foi homem de merito e valor; exerceu os cargos da Republica, em Paranaguá.

Em 1765 foi o seu nome incluído na lista triplice para o lugar de Capitão-mór, conjunctamente com o de seu genro Manoel Nunes de Lima, que foi escolhido para o lugar.

Era de nobreza pelo nascimento e por ter servido todos os honrosos cargos da governança da Villa.

Falleceu em 1772 em estado de casado com Felicia Xavier Barbosa, sua testamenteira, fallecida a 30 de Abril de 1781, com seu solemne testamento, no qual declarou ser natural de Parnahiba e ser filha de Francisco Xavier e de sua mulher Maria Leme da Silva.

Julgamos não errar identificando este ultimo, com o Capitão Francisco Pedroso Xavier — o heroe de Villa Rica — que em 1676, a frente de numerosa bandeira, destruiu a redução de Villa Rica, situada junto ao Rio Paraná, d'onde voltou trazendo innumerables e ricos despojos e grande numero de indios alli aldeados, que escravizou.

Si assim fôr, sua esposa Maria Leme da Silva ou Maria Cardoso era filha de Christovão da Cunha de Unhates e de sua mulher Mecia Vaz Cardoso.

O Capitão Francisco Pedroso falleceu em 1680 e sua mulher em 1716.

E' uma supposição fundada em solidos elementos e

que nos dá a quasi certeza. Mas, como só costumamos nos basear em factos positivos, não podemos deixar de formular unicamente a hypothese.

## VII

### O descaminho do ouro.

1 — Rodrigo Cezar de Menezes, tendo sciencia de que moradores de Curityba extrahiam ouro no Arraial Grande, sem o pagamento dos quintos reaes, por Carta de 30 de Junho de 1725 ordenou aos Officiaes da Camara que perante o Juiz Ordinario intimasse-os a, sob juramento aos Santos Evangelhos e por suas consciencias, declarassem qual o ouro que extrahiram das minas e quaes os quintos devidos á Fazenda Real.

João Vellozo da Costa e Zacharias Dias Cortes declararam ter extrahido 200 oitavas de ouro cada um e que deviam de quintos quarenta oitavas; Manoel Soares da Silva confessou que devia doze oitavas; Manoel Duarte de Camargo declarou dever cinco oitavas; Francisco Xavier dos Reis declarou dever dez oitavas, e todos elles por não terem com que pagar, passaram titulos de dividas a prazo de 10 mezes.

Bento Soares de Oliveira, que havia andado á cata de ouro em Catanduva, nas lavras de S. Anna e nas de S. Rosa Maria Sorat, em 1755, foi intimado a manifestar o ouro tirado, declarando só ter extrahido 17 oitavas.

Marcellino Rodrigues, Angelo Pedroso e outros, por terem andado a explorar 12 ribeirões das Minas do Tibagy, sem ordens legaes, viram-se processados e perderam o premio — que lhes pertencia como descobridores.

## VIII

### O ouro é escasso.

1 — Desde 1640 impressionavam-se as autoridades regias com o diminuto resultado das minas de Paranaguá.



Succederam-se inspecções. Em 1649 Eleodoro d'Ebano veio entabolar negociações para que as explorações das minas fossem de resultados mais vantajosos á Corôa.

Em 1660 o Governador do Rio de Janeiro, Salvador Corrêa de Sá, deixava sua commodidade para vir á Paranaguá, «desejoso de averiguar das minas della e levar o desengano do valor dellas á S. Magestade.»

Logo depois o Capitão-mór de S. Vicente, Agostinho de Figueiredo, recebeu igual encargo, como também D. Rodrigo Castello Branco. Em 1734 foi mandado extinguir definitivamente a officina de fundição de Paranaguá; o cunho foi mandado recolher ao cofre de 3 chaves, das quaes uma ficou com André Gonçalves Pinheiro, nomeado Fiscal e Intendente da arrecadação da nova Capitação, outra com o Thesoureiro e a terceira com o Ouvidor.

2 — O ouro dos quintos existente em Paranaguá foi enviado por intermedio da Camara de Cananéa, que passou recibo a 5 de Outubro de 1737, de «duas borrachas cosidas e lacradas com as Armas Reaes em que diziam: vão dentro dellas 2518  $\frac{1}{4}$  de oitavas de ouro.»

Não convinha continuar a exploração de minas cujos quintos eram — «tenue e o pouco ouro que havia, mal chegava para delle se aproveitarem alguns pobres moradores, pois nos ultimos 4 annos não excederam a 240 oitavas, inclusive as da Serra Negra» — donde acabava de regressar o Capitão-mór de Curityba Francisco Xavier Pissarro, que, pela grande pratica que possuia por sua experiencia em Minas Geraes, fora enviado a Paranaguá para averiguar esse facto. Esteve o Capitão-mór Pissarro em Serra Negra, Serra da Prata e em outros logares, onde antes se explorava ouro, e d'onde «regressou desesperançado dos resultados».

O Capitão-mór Pissarro, apesar de seus conhecimentos praticos de mineração, não foi — diga-se de passagem — muito afortunado nos negocios de sua profissão, tanto assim que a 2 de Fevereiro de 1726 assignava um credito de 208\$000 em favor do Capitão Antonio Luiz Tigre, por compra de gado vaccum que a este fizera.

## IX

### Imposto de Capitação.

1 — O systema de arrecadação dos impostos, estabelecido a 18 de Agosto de 1612, já não produzia os resultados que a Corôa esperava tirar pela cobrança dos quintos.

Si a exploração feita por conta da Fazenda Real fallira em 1612 com os máus resultados advindos dos fabulosos gastos e pequenos lucros, o regime da livre exploração feita pelo povo com o pagamento dos quintos á real fazenda também fallira em 1734.

Por Carta Regia de 1.º de Junho desse anno, D. João V decretava o imposto de capitação, de autoria de Alexandre de Gusmão.

Si o regime tributario de 1612 foi desvantajoso á Corôa, o regime de 1735 foi fatal e funesto ao Brasil e ao povo brasileiro. Os senhores de escravos foram collectados, á razão de 4  $\frac{1}{2}$  oitavas de ouro annualmente, pelo numero de servos que possuíam; os officiaes de officio tiveram igual tributação; as casas de negocios foram lançadas: as grandes a 16 oitavas, as medias, as tendas, tavernas, boticas e açougues — em 12 oitavas; as casas pequenas e os mascates, em 8 oitavas annuaes. Este imposto, no exercicio de 1742, produziu na Capitania de S. Paulo 130 arrobas de ouro, e em 1743, 129 arrobas.

A Corôa Portugueza triumphou, vendo o seu erario repleto de ouro, mas, em compensação, os brasileiros passaram á indigencia. Mas que importava isso, si a Monarchia Lusitana deslumbrava o Mundo?!

2 — Data de 22 de Março de 1734 o Decreto Real pelo qual foi — «S. M.<sup>de</sup> servido tomar novo expediente sobre o modo com que se deve arrecadar os Reaes Quintos».

3 — Foram extinctos os logares de Provedores e creados os de Superintendente, mais importantes, e os de Fiscaes, de menor importancia. Para as minas de Paranaguá foi nomeado Fiscal André Glz. Pinheiro. O novo expediente consistia na Matricula dos commerciantes e logistas, dos escravos e officiaes de officios etc.



Si as minas nada produziam, devia-se exigir ouro do povo. Era esta a politica. — Por portaria do Conde de Sarzedas de 15 de Agosto de 1735 communicou-se esta resolução a André Pinheiro, que suspendeu logo a officina de que era provedor. Os cunhos foram postos na caixa ou cofre de tres chaves que entregou-se com a fabrica a um «Thezoureiro de suposição» — remettendo-se uma certidão de como assim se procedera, ao mesmo Conde.

X

**Os chapins da Rainha.**

1 — Não satisfeitos os governantes com essa tributação, estabeleceu-se ainda um novo imposto sobre o povo, denominado — Real donativo dos chapins da Rainha — que deveria durar por espaço de 6 annos.

Consistia na tributação de 2 oitavas de ouro por cada batêa ou escravo bateador em cada anno, e de 4 vintens por pessoa.

A agricultura foi abandonada, pela necessidade que havia de se procurar o ouro para pagamento dos impostos. Os homens vallidos abandonavam o lar, em busca do metal necessario.

Nas lavras e faisqueiras de Paranapanema e Apiahy, haviam 947 batêas que deveriam pagar 1894 oitavas de ouro annuaes, durante 6 annos, para os donativos de casamento dos Principes do Brasil e Asturias. O imposto produziu, porem, no 1.º anno, 1453 oitavas; no 2.º anno, 707 ½ oitavas; no 3.º anno, produziu 358 oitavas; no 4.º anno, 374 oitavas; no 5.º anno, 376 e no 6.º e ultimo sómente produziu 286 oitavas. Haviam os tributados sido compellidos a prometter a contribuição, nesse prazo, de 2 ½ arrobas de ouro. Houve protestos e agitações.

2 — O exodo das populações foi grande. Em Curityba chegou a tal ponto o seu despovoamento masculino, que em 1750 os enterramentos eram feitos por mulheres na falta de homens, pois estes ou estavam nos sertões, nas terras auríferas, ou se achavam no serviço militar, que era por demais pesado, pela obrigação de accorrerem aos chamados para paradas militares e exercicios constantes, alem

das diligencias costumadas, muitas vezes em distancias de 60, 80 e mais leguas, com transportes e despesas a sua custa. Era tal a situação que chegavam as mulheres a vender as ferramentas da lavoura, e algumas a dispôr de seus vestuarios para poderem auxiliar seus maridos a pagar os impostos.

Isso tudo, sem contar com os serviços de guerra e as expedições militares de explorações de sertões etc., representava o flagello que a todos atormentava.

Tyrannia por toda a parte!

3 — Taes factos conspiravam gravemente contra o progresso da terra, em que não existia industria, por não convir á metropole ter concurrentes em suas colonias. A liberdade de commercio não existia. Os portos se achavam fechados á navegação mundial. A liberdade individual era um mytho. A liberdade de locomoção não existia. Os bens de fortuna individual estavam sempre ao serviço da Corôa. Nada de escolas, nada de instrucção.

4 — O povo era obrigado a abrir estradas, concertar pontes, edificar egrejas, concorrer com recursos a construção de fortificações, de navios de guerra, etc.

Era extrema a miseria por toda a parte.

5 — A Camara de Paranaguá, a 28 de Janeiro de 1766, representou contra a Ordem de D. Luiz Antonio de Souza, mandando que o povo concorresse para a construção da Fortaleza da Barra, visto o «miseravel estado da terra», e por limitada que fosse a quantia que se lhe pedisse, não podia concorrer, pois os habitantes a «não serem 60 ou 70 com algum tratamento, os demais erão — gente de pés descalços»; que o ouro que produzia toda a Comarca, comprehendendo Iguape, Curityba, S. Francisco e Paranaguá — «não excedia, um anno por outro, a 100 libras pouco mais ou menos» — e que conforme havia communicado o Ouvidor Jeronymo Ribeiro de Magalhães a S. Magestade, «no espaço de 2 annos a arrecadação dos quintos não chegou para o pagamento das despezas e custas.»

Era este o estado geral da Comarca de Paranaguá e, na generalidade, o do Brasil. E foi tal situação que, levando o povo ao desespero, fez rolar a cabeça de Tiradentes do cadafalso a posteridade.



6 — Logo que assumiu o Governo da Capitania de S. Paulo o Capitão General Martim Lopes Lobo de Saldanha (este odiento e rancoroso Governador), procurou elle indagar dos motivos pelos quaes cessaram as investigações e descobertas das minas de ouro na Capitania, e para isso officiou ao Ouvidor de Paranaguá, Antonio Barbosa de Mattos Coutinho, extranhando o «pouco ouro vindo d'aquella comarca». Aproveitando-se disso, o Sargento-mór de Auxiliares de Paranaguá Francisco José Monteiro denunciou o referido Ouvidor como responsavel pelo extravio de ouro, em connivencia com o Mestre de embarcação Manoel Francisco Paredes, natural de Cascaes, que navegava em embarcação propria, e um seu companheiro José Romão.

O Governador levou o facto, a 20 de Outubro de 1776, ao Governo da Metropole, visto a denuncia envolver a um Ouvidor Geral.

Em officio de 2 de Abril de 1776, o Capitão General de S. Paulo, levava ao conhecimento do Governo da Metropole que o Marquez do Lavradio pretendia que o ouro em pó extrahido das faisqueiras da Comarca de Paranaguá fosse remettido para a Real Casa da Moeda do Rio de Janeiro, ao que elle se oppunha, por haver em S. Paulo Casa de Fundição, onde devia ser fundido em barras, antes de ter outro destino, o ouro extrahido na Capitania.

## XI

### Regime das aguas mineraes a talho aberto.

1 — Esgotadas as minas, iniciaram-se as explorações dos correjos e rios, ao que se denominou — «Regime das aguas e terras mineraes a talho aberto». Este regime foi largamente generalisado. Muitas concessões de cartas de data foram passadas, como innumeras permissões de explorações de rios e correjos.

2 — O Coronel Manoel Gonçalves Guimarães foi nomeado Capitão-mór das Terras e aguas mineraes da Comarca e, ainda em 1739, passava cartas de data aos Capitães Francisco de Paula Teixeira e a Antonio Teixeira de

Oliveira Cardoso, com o direito de talho aberto nas suas terras do Portão e Ribeirão da Areia, onde havia limitadas faisqueiras em lavras velhas junto ao Rio do Registro ou Iguassú.

## XII

### Intendentes da Capitação.

1 — Por provisão do Conde de Sarzedas, Capitão General Governador da Capitania de S. Paulo, de 15 de Agosto de 1735, passada na villa e praça de Santos, foi criado o logar de Intendente da Capitação do ouro das minas de Paranaguá, cargo que ficou affecto aos Ouvidores da Comarca, sendo o primeiro Intendente o Ouvidor Dr. Manoel dos Santos Lobato.

Pelo que se viu, as decantadas e faustosas minas de Paranaguá nada mais foram que uma grande miragem dourada: — a enganosa lenda de ouro acenada á cobiça do Reino e dos aventureiros. . .

E por detraz do disfarce de honras illusorias e titulos retumbantes, distribuidos aos seus descobridores, provedores e guarda-móres: — havia apenas a escassez do ouro, insufficiente, as vezes, para cobrir as despesas de exploração!





QUARTA PARTE

Extincção da Capitania de  
Paranaguá

I

Sua incorporação á Corôa.

*Capitães-môres triennaes.*

1—



M 1709 o Marquez de Cascaes, herdeiro do donatario da Capitania de S. Amaro, requereu a El-Rei permissão para vender ao Capitão-mór e Governador de S. Vicente, José de Góes e Moraes, as 50 leguas de costa que possuia no Brasil, sendo 40 leguas que começavam a 12 leguas ao sul de Cananéa e acabavam na altura de  $28\frac{1}{3}^{\circ}$ , e as 10 restantes, que principiavam no Rio Cuparé e acabavam no de S. Vicente, tudo pela importância de quarenta e quatro mil cruzados, sendo destes, 4.000 cruzados de luvas.

Esta Capitania fora doada em 1531 a Pedro Lopes de Souza e a parte do sul de Cananéa até as proximidades de Laguna era denominada — as terras dos Carijós e mais tarde — Capitania de Paranaguá, a que foi elevada em 1646 pelo Marquez de Cascaes.

El-Rei, não approvando as intenções do Marquez, resolveu mandal-a incorporar á Corôa e indemnizar o donatario da quantia pela qual pretendia vendel-a, e pelo Alvará de 22 de Outubro de 1709 mandou que se lavrasse



a escriptura respectiva, que foi feita e assignada a 22 de Outubro de 1711.

2 — Foi esta a ultima Capitania hereditaria que se incorporou á Corôa.

Extincta a Capitania de Paranaguá, os Capitães-móres passaram a ser nomeados triennialmente, governando as suas milicias em nome de El-Rei, com diminuição de grande parte dos predicamentos de que até então gozavam como Logares-Tenentes dos donatarios, e profundo abalo do antigo poderio que fruiam.

A duração triennial da gestão dos Capitães-móres — tornou o cargo accessivel a muitos cidadãos e diminuido em seu prestigio, pois que estes, ao terminarem o seu mandato, voltavam ás suas antigas profissões.

3 — Com a extincção da Capitania de Paranaguá ficou o seu territorio annexado a S. Paulo, cujo governo, por sua vez, fôra em 1709 separado do do Rio de Janeiro, por Carta Patente de 23 de Novembro de 1709, e nomeado para o logar de seu governador e das minas de ouro de todo o seu districto, por espaço de 3 annos, com o soldo de 8.000 cruzados annuaes, Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho.

O povo paranaense ficou, portanto, sujeito á jurisdição do Governo de S. Paulo e disso muitos beneficios lhe adveio.

Ficando a sede do Governo mais proxima, mais rapidos lhe viriam os soccorros contra ataques de inimigos e os recursos e aggravos á prepotencia dos governantes.

4 — Pouco tempo, porem, durou esse estado de cousas, pois por provisão Regia de 9 de Maio de 1748 fôra novamente extincto o Governo de S. Paulo, e o Tenente General D. Luiz de Mascarenhas, que exercia as funcções de Governador, recebia ordem de se recolher a Lisbôa, na proxima frota, e as duas Comarcas — a de S. Paulo e a de Paranaguá — eram annexados á Capitania do Rio de Janeiro, a cujo Governo ficavam sujeitas, excepto na parte militar, em que permaneceu subordinado ao Governador da praça de Santos.

Dahi os constantes conflictos de jurisdição que se estabeleceram; pois mal se podia saber, naquelles tempos,

quando terminava a alçada civil e começava a militar, o que, ainda hoje, em certos casos, motiva identicos conflictos.

A anarchia invadiu a administração e a justiça entrou a perecer, retardada pela distancia em que ficava da séde do Governo. Entorpecido o progresso da antiga Capitania de Paranaguá, as energias de seus habitantes começaram a desfallecer.

5 — Por Carta Regia de 17 de Janeiro de 1765 foi restaurado o Governo de S. Paulo, «na mesma forma e com a mesma jurisdição que já anteriormente o houve nella», ficando restabelecida a Capitania no seu antigo estado e nomeado para Governador e Capitão General D. Luiz Antonio de Souza Botelho Mourão — Morgado de Matheus.

Este facto veio, em parte, reparar o grave erro politico do Governo portuguez, ao extinguir o Governo de S. Paulo, o mais meridional do Brasil, sabido quão grande era o desejo do Governo castelhano em se apossar dessa região.

A Capitania de S. Paulo, que tinha a sua vasta fronteira meridional confinante com as dos castelhanos do Prata, dos hespanhóes do Paraguay e parte das antigas reduções jesuiticas, ficara em completo abandono.

Desse erro, habil e geitosamente se aproveitaram os nossos visinhos, que acabaram occupando grande parte do novo territorio.

O Governo militar da praça de Santos, que mal podia cuidar dos negocios peculiares á sua sede, muito menos poderia defender a costa até o rio da Prata, e ainda menos o vastissimo sertão que comprehendia os territorios que hoje compõem os Estados de S. Paulo, Paraná, S. Catharina e Matto Grosso!

Só ao ouro dava a Metropole importancia; extinctas as minas de S. Paulo e de Paranaguá, e descobertas as de Minas Geraes e Cuyabá, extinguiu-se o Governo daquellas Capitancias e creou-se o destas ultimas.

Era este o criterio politico do Governo lusitano, criterio prejudicial ao Brasil, e de que se soube aproveitar a Corôa castelhana com visivel habilidade.



6 — Felizmente a ascensão ao poder do grande ministro de D. João I — o marquez de Pombal — veio modificar completamente a norma politica até então seguida pela metropole.

Ao restabelecer o Governo de S. Paulo, foi recomendado ao novo Governador nomeado — o Morgado de Matheus, que insuflasse a vaidade dos paulistas e se appellasse para o seu nunca desmentido patriotismo, afim de que viessem prestar a sua Patria os serviços que sempre lhe haviam prestado os seus antepassados, os intrepidos — bandeirantes.

Em carta que dirigiu a seu preposto dizia o marquez de Pombal:

«A experiencia tem demonstrado que por toda parte em que ha inimigos a combater e onde se tem combatido, em todas as fronteiras, quer do Pará, Maranhão, Cuyabá, Goyaz, Piahy e mais partes ao sul, inimigos têm sido sempre o jesuita, servindo-se dos indios por elles doutrinados nas armas e criados no odio e horror contra nós, com a falsa persuasão de que somos barbaros e tyrannos.

«Os jesuitas e o seu chefe D. Pedro de Cevallos, já demonstraram o seu intento contra nós em 1764 com suas expedições partidas do Rio da Prata, contra as fronteiras de Matto Grosso, com as quaes receberam bem merecida e proveitosa licção e experiencia.»

«Convem que seja estimulada a vaidade dos Paulistas. Para isso deve o Governador convidar as principaes pessoas da Capitania de S. Paulo, mostrando-lhes os serviços prestados por seus antepassados, nos sertões, nas lutas contra os jesuitas castelhanos, senhores dos indigenas.»

«Convem que os inspire para fazerem renascer a Gloria de seus progenitores, convidando-os a levantarem Terços de Melicias ou de Ordenanças, das armas de Infantaria e Cavallaria, para o que o Governador deve gradual-os nos Postos dessas milicias. Como estímulo de suas vaidades, deve declarar que um desses Regimentos se deve denominar — Regimento do General — do qual será Coronel o Governador de S. Paulo, a exemplo do que se pratica na Allemanha e já se fez em Portugal por occasião da Acclamação de D. João IV; convirá que o Gover-

nador appareça algumas vezes montado a cavallo diante de suas forças quando em Paradas ou exercicios.

«Convem que o commandante de um dos Regimentos seja o Capitão-mór de Sorocaba José de Almeida Leme ou outro como elle considerado e com autoridade por seus cabedaes e sequito. O mesmo deve proceder quanto a nomeação de Sargento-mór e Ajudante; e o Commandante e o Coronel do outro Regimento deve ser o Coronel Francisco Pinto do Rego, que já exerce esse posto.

«Convem declarar que S. Magestade fará mercê de senhorios das Terras que se forem descobrindo e restaurando das invasões dos jesuitas castelhanos, na proporção dos serviços prestados por cada um.

«Convem fundar villas e povoados pelo sertão e applicar os indios nossos aliados em convencer aos que estavam as ordens dos jesuitas castelhanos «que os escravizavam, que entre nós serão livres e obterão as terras que necessitem.»

A historia do Brasil tem ensinado que foram sempre os Paulistas os flagellos dos castelhanos. O offerecimento das principaes pessoas da nobreza paulista para organizarem expedições em direcção aos sertões de Guarapuava, Tibagy e Serra da Apucarana, logo que feito, foi acceito com satisfação por Pombal, que fez chegar-o ao conhecimento de El-Rei.

O Coronel Francisco Pinto do Rego foi um dos primeiros a offerecer os seus serviços e a organizar a força que devia commandar a sua custa, mas por motivos ignorados o commando da expedição a Guarapuava foi entregue ao tenente-coronel Affonso Botelho de Sampaio e Souza, primo de D. Luiz de Souza Botelho Mourão, cujos relevantes serviços se relatam em outra parte.

## II

### A Ouvidoria de Paranaguá.

1 — O grande estadista lusitano, Dezembargador Raphael Pires Pardiniho, Ouvidor da Capitania de S. Paulo e mais partes do sul, quando, em 1720, andou em cor-



reição ás villas de sua jurisdição, reconheceu a necessidade de dividir a Ouvidoria em duas, — ficando uma em S. Paulo e outra em Paranaguá, e propoz ao Governo da metropole esse desmembramento, o que foi acceito.

Por Carta Regia de 17 de Junho de 1723 foi comunicado ao Governador da Capitania a criação da Ouvidoria de Paranaguá, com séde na villa desse nome.

Em 12 de Novembro de 1725 foi feita a divisão das duas Capitancias, ficando a de Paranaguá com jurisdição sobre as villas da costa do mar — de Iguape, Cananéa, São Francisco, ilha de S. Catharina, Laguna, e até o Rio da Prata, e as villas da serra acima de N. Senhora dos Pinhães de Curityba até o logar das Furnas.

Para essa Ouvidoria foi nomeado o Dr. Antonio Alves Lanhas Peixoto, — o primeiro na ordem chronologica — empossado a 24 de Agosto de 1724, percebendo o ordenado annual de 400\$000.

Antes dessa epoca eram os Ouvidores nomeados por um anno, por provisões dos Tenentes Generaes Governadores Geraes, e as nomeações interinas feitas pelos Capitães-móres.

Por provisão de 22 de Junho de 1671, passada na Bahia pelo Capitão General Antonio Furtado de Mendonça, foi nomeado Ouvidor pelo tempo de um anno João Nunes Bicudo de Mendonça.

Gabriel de Lara que entre os pomposos titulos que encabeçavam os seus actos, se dizia: Alcaide-mór, Capitão-mór, Ouvidor e Provedor da villa de N. Senhora do Rosario etc., nomeou Ouvidor de Paranaguá, por lei, em Junho de 1682, o Capitão Francisco da Silva Magalhães, que mais tarde foi Capitão-mór da villa.

O Ouvidor Antonio Alves Lanhas Peixoto pouco tempo esteve á testa de sua Ouvidoria.

O interesse das minas descobertas em Cuyabá obrigou o Governo a mandar em visita de inspecção áquellas terras o Governador de S. Paulo e Capitão General Rodrigo Cezar de Menezes, com grande comitiva, inclusive o Ouvidor de Paranaguá, Lanhas Peixoto, os quaes partiram a 6 de Julho de 1726, chegando a 16 de Novembro do mesmo anno a seu destino.

Em Maio de 1730 uma forte expedição conduzindo 80 arrobas de ouro, a cargo do Ouvidor Lanhas Peixoto, ao regressar de Cuyabá, foi atacada e desbaratada em caminho pelos indios. O ouro todo foi roubado e quasi todos os homens da expedição, inclusive o Ouvidor, foram mortos.

Em sua substituição foi nomeado Ouvidor o dr. Antonio dos Santos Soares, que tomou posse do cargo a 7 de Julho de 1730. Era elle casado em Paranaguá, com Joanna Rodrigues de França, filha do Capitão-mór dessa villa João Rodrigues de França.

O Ouvidor Soares era natural de Portugal, tendo sido Juiz de Fóra de Olivença. Serviu até 1734.

Em sua successão foi nomeado o dr. Manoel dos Santos Lobato, por provisão regia de 4 de Maio de 1734. Era portuguez e foi Juiz de Fóra em sua patria. Foi casado em Paranaguá com Antonia da Cruz França, neta do Capitão-mór João Rodrigues de França, e enteada do Ouvidor Antonio dos Santos Soares.

O quarto Ouvidor de Paranaguá foi o Dr. Gaspar da Rocha Pereira que serviu de 1741 a 1743, seguindo-se-lhe o Dr. Manoel Tavares de Siqueira, que serviu de 1744 a 1748.

Em 1755 era Ouvidor o Dr. Antonio da Silva Pires Mello Porto Carreiro.

Entre os annos de 1756 a 1760 serviu de Ouvidor o Dr. Jeronymo Ribeiro de Magalhães, que se tornou despotico e vingativo, pelo que soffreu forte accusação do povo e Camaras Municipaes.

Preso, foi mandado para Lisboa, morrendo nas prisões de Limoeiro. De 1776 a 1783 exerceu as funcções de Ouvidor o Dr. Antonio Barbosa de Mattos Coutinho.

De 1785 a 1798 exerceu essas funcções o Dr. Francisco Leandro de Tolledo Rendon.

Por provisão regia de 12 de Outubro de 1789 foi nomeado o Dr. Manoel Lopes Branco e Silva, natural de Portugal, onde foi casado em primeiras nupcias com Bibiana Perpetua Branco e Silva e em segundas nupcias com Maria Lucia de Menezes. Do seu primeiro matrimonio teve alem de outros filhos, Maria Joanna, ca-



sada com o Capitão José Francisco Cardoso de Menezes; Isabel Branco, casada com o Coronel Luciano Carneiro Lobo; do seu segundo matrimonio teve o filho Capitão Joaquim Matheus Branco. Foi Dezembargador.

Por ocasião da independência do Brasil, por suas idéas favoráveis a Portugal, tornou-se suspeito e foi arreado da magistratura.

Retirou-se para a cidade de Castro onde falleceu em 1830. Era grande criador de gado vaccum.

Em 1799 foi nomeado Ouvidor o Dr. João Baptista Guimarães Peixoto, pernambucano. Fez uma pessima administração da justiça, sendo denunciado e suspenso do cargo em 1802. Foragiu-se para não ser preso.

De 1804 a 1807 serviu o Dr. Antonio de Carvalho Fontes Henriques Pereira, sendo neste ultimo anno nomeado o Dr. Antonio Ribeiro de Carvalho que serviu até 1810, quando foi nomeado o Dr. João de Medeiros Gomes, mais tarde Dezembargador e Cavalleiro da Ordem de Christo. Este, por carta regia de 19 de Fevereiro de 1812, transferiu a séde da Ouvidoria para Curityba. Em 1822 era Ouvidor em Itú.

Seguiu-se-lhe o Dr. José Carlos Pereira de Almeida Torres, depois Visconde de Macahé — natural da Bahia. Em virtude de representação do povo contra elle, foi suspenso do cargo em 1822. Foi presidente de S. Paulo e Ministro de Estado.

O ultimo Ouvidor da Comarca foi o Dr. José Wernech Ribeiro de Aquillar, que tomou posse a 26 de Julho de 1824, servindo até 1826. Em Curityba casou com Anna Euphrasia de Sá Sotto Maior, a 21 de Julho de 1825, filha do Coronel Ignacio de Sá Sotto Maior, o velho.

Foi nomeado Dezembargador da Relação da Bahia, por decreto de 26 de Julho de 1826. Era Cavalleiro Professo da Ordem de Christo.

Com a extincção das Ouvidorias, foi a antiga Capitania elevada á 5.<sup>a</sup> Comarca de S. Paulo, sendo nomeado seu primeiro Juiz de Direito, em 20 de Abril de 1833, o Dr. José Antonio Pimenta Bueno, que mais tarde foi Marquez de S. Vicente.

Ao Dr. Pimenta Bueno succedeu o Dr. Agostinho

Ermelino de Leão, nomeado por Carta Regia de 21 de Novembro de 1833. Serviu até 1842, quando foi nomeado Dezembargador da Relação do Maranhão, seguindo-se-lhe o Dr. José Alves dos Santos, nomeado por decreto de 21 de Maio de 1843.

O ultimo Juiz de Direito da 5.<sup>a</sup> Comarca de S. Paulo foi o Dr. Antonio Francisco de Azevedo, nomeado por decreto de 6 de Agosto de 1847, servindo até 1853, quando se deu a emancipação politica da 5.<sup>a</sup> Comarca, que passou a constituir a Provincia do Paraná.

### III

#### Os provimentos do Ouvidor Pardinho.

##### *Inicio da organização judicial-politico-social.*

1 — Em o anno de 1720 o benemerito estadista e magistrado Dr. Raphael Pires Pardinho, Ouvidor Geral, percorreu em correição as villas do sul do Brasil, até então sem organização official e sem normas por que se devessem governar os povos, obedientes aos Capitães-móres e Logares-Tenentes dos Donatarios.

Os celebres provimentos que deixou nas diversas villas que percorreu, falam eloquentemente sobre a competencia e espirito de organização desse grande vulto da magistratura portugueza, do começo do seculo XVII. Tudo foi previsto, de tudo cogitou, nessa primeira correição que até então se fazia.

Os provimentos estabelecem regras sobre o culto divino, sobre as procissões e os deveres dos povos com relação a ellas, como tambem — sobre os deveres dos membros do Conselho e dos homens da Governança por ocasião das solemnidades religiosas e o logar que deveriam occupar nos templos, etc.

Preceituam sobre as irmandades, confrarias e sacerdotes e sobre dizimos a Deus. Regulou os limites dos municipios, sobre as organizações militares, direitos e deveres dos militares.

Cogitam da organização municipal, da tributação e



arrecadações dos impostos e das despesas pelos cofres do município, das concessões de terras dentro dos municípios e fóra delles.

Versam sobre edificações, fontes d'agua, mattas reservados para o povo, edificações de cadeias, da casa da Camara, de pontes sobre os rios, largura das ruas, etc.

Provêu sobre a abertura da estrada da Graciosa e outras para a marinha; sobre aferições de pesos e medidas por padrões estabelecidos. Estabelece regras sobre a criação do gado, a compra e venda do ouro em pó, sobre os gentios, sobre a prohibição da caçada de perdizes nos mezes em que as aves estão criando. Estipula sobre a eleição, sobre os corpos de delicto, sobre os crimes, nas suas diversas modalidades.

Regulamentam sobre os tabelliães, sobre as autoridades judiciais, sobre testamentos e inventarios, regimento de custas, etc. etc.

Por ahi se vê da ampla visão e grande competencia de que era dotado este benemerito Ouvidor, que ficou conhecido na Historia pelo nome de Ouvidor Pardinho.

O Paraná deve-lhe a erecção de um monumento que condignamente lembre o seu nome á posteridade. Certo, essa divida de gratidão um dia será paga.

Chegado a Paranaguá e ali encontrando esparsas as folhas do livro de sua fundação, fez transcrever tudo em livros novos e determinou que d'ahi por diante se procurasse relatar os principaes acontecimentos do anno.

Atravez dessas transcripções é que se póde hoje escrever a brilhante — Historia Paranaense.

Reuniu em 1720 as principaes pessoas da villa de Paranaguá e os mais antigos moradores, e por elles certificou-se do local preciso onde a povoação teve inicio.

Foi ao proprio local — ilha da Cottinga — e ali ainda verificou a existencia das ruinas das antigas edificações e a de arvores fructiferas dessa epoca. Chegou á conclusão que haveriam então decorridos 80 annos da fundação da povoação, isto é, que o facto deveria ter-se dado pelo anno de 1640, approximadamente.

Em como essas investigações foram verdadeira e logicamente interpretadas, vieram provar os factos futuros,

trazidos a luz por actos officiaes só agora conhecidos, por só agora terem sido publicados.

Referimo-nos aos livros de — «Inventarios e testamentos» — publicação official do Archivo de S. Paulo, extrahidos dos papeis e autos que pertenciam ao 1.º Cartorio de Orphãos d'aquella Capital.

No inventario de Maria de Oliveira, fallecida com testamento em 1628, em Santa Anna da Parnahyba, ha um requerimento de Gabriel de Lara, irmão da fallecida, em que o mesmo se declára morador da villa de N. Senhora das Neves de Iguape e no qual elle solicita a entrega de «algumas peças» (refere-se a indios) que se achavam em poder da sua dita irmã, e «as quaes descera do sertão».

Por um termo de «concerto de amigavel composição» com seu padraсто, o Capitão André Fernandes de Varoja, que foi o 3.º marido de D. Antonia de Oliveira, mãe de Gabriel de Lara, aquelle mandou entregar a este «duas peças que estavam mencionadas na verba testamentaria.»

Em 1632 perante o Juiz Ordinario de S. Anna da Parnahyba, onde se estava procedendo o inventario do fallecido Sebastião Mendes Gordinho, compareceu Gabriel de Lara, e se declarou morador da villa de Nossa Senhora das Neves de Iguape, accrescentando que estava na villa de Parnahyba e viêra em busca de sua herança materna, e que se tinha «concertado com seu padraсто André Fernandes, para escusarem os gastos, declarando estar pago e satisfeito de tudo o que lhe pertencia da dita herança de sua mãe.»

Por esses termos vê-se que, Gabriel de Lara antes de 1628 havia «descido diversos indios do sertão», dos quaes dera alguns a sua irmã Maria de Oliveira; que de 1628 até 1632 residia na villa de Nossa Senhora das Neves de Iguape.

Logo, o Capitão-mór povoador de Paranaguá Gabriel de Lara só poderia ter fundado a povoação em annos proximos a 1640, como repetidamente vimos affirmando.

Não deve haver estranheza na insistencia dessa affirmacão, pois é facto basico da nossa historia a data da povoação de Paranaguá.



### Conclusão.

Terminando este exórdio, com o qual procuramos explicar certos factos que se prendem aos personagens dos quaes teremos de tratar, passamos á materia principal desta obra.

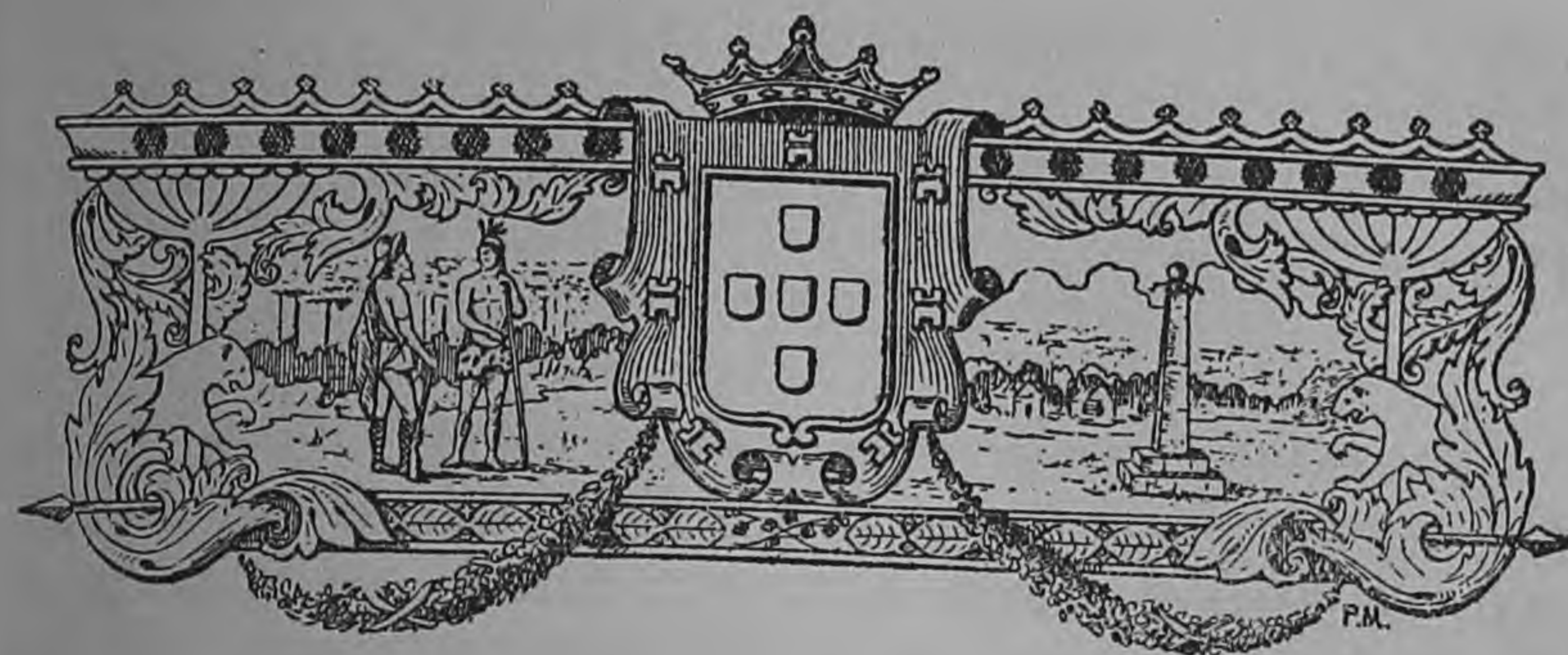
O leitor, que já percorreu as 150 paginas desta «Memoria historica», naturalmente terá o juizo formado sobre o nosso deslustre litterario, portanto estará preparado para ler sem surpresas a nossa «Genealogia Paranaense».

Podemos garantir, comtudo, a exactidão da ascendencia das familias por nós descriptas. Não nos valemos de conjecturas, e sim, tão somente dos dados que extrahimos dos registros civis e ecclesiasticos; dos autos de inventarios, testamentos e documentos existentes nos diversos cartorios do Estado.

Na parte porem, dos contemporaneos, em que nos vimos na contingencia de recorrer a informações, por falta de dados nos cartorios, haverá naturalmente enganos e lacunas que poderão ser facilmente corrigidos. Só então valemo-nos das noticias informativas. Com o nosso ensaio genealogico despertamos a attenção dos paranaenses pelo conhecimento dos seus avoengos e pelas intrincadas ligações de familias, cujas vidas, costumes e serviços salientamos. Vida: — cheia de labutas, de canceiras e de attribulações; costumes: — pautados pela mais pura moral e severa honestidade; e serviços: — desinteressados e ungi-dos do mais acrisolado patriotismo.

Si, salientando esses factos, conseguirmos fazer com que as gerações do futuro sigam esses salutaes e dignificantes exemplos, estaremos, só com isso, recompensados dos nossos esforços.

Que os mortos possam sempre guiar os vivos, para a grandeza de nossa Patria, felicidade geral e elevação dos nossos costumes.



## GENEALOGIA PARANAENSE

### Titulo Carrascos dos Reis

Incllyta geração, altos infantes.  
Camões — Lusíadas — Canto IV, L.



NICIAMOS a publicação desta Genealogia com o «Titulo Carrascos dos Reis», — já em parte publicada na importante obra «Genealogia Paulistana» do Dr. Luiz Gonzaga da Silva Leme, de saudosissima memoria, da qual tivemos a honra de ser assiduos collaboradores na parte relativa aos ramos Paranaenses. A elle devemos grande parte d'este trabalho.

Encontramo-nos no caminho das investigações, e caminhamos irmanados em assidua correspondencia epistolar, que guardamos com carinhoso desvanecimento.

Prevalecemo-nos do ensejo para manifestar a nossa profunda admiração e saudade por esse illustrado amigo e



douto Paulista, que tão assinalados serviços prestou á Historia Patria.

\* \*

A familia Carrascos teve a sua origem, no Paraná, no Capitão Balthazar Carrasco dos Reis, natural de S. Paulo, filho de Miguel Garcia Carrasco, natural de S. Lucas de Canna Verde, tronco da familia desse appellido, em São Paulo, e que foi um dos signatarios da aclamação a Rei do Brasil, em 1641, de Amador Bueno da Ribeira, promovida pelos fidalgos hespanhóes. («Genealogia Paulistana» do Dr. Silva Leme, volume 6, pagina 469.)

Dada a restauração de Portugal, pela revolução triumpante, que em 1640 emancipou o velho Reino da dominação hespanhola, que datava de 1580, procuraram os fidalgos castelhanos proclamar a independencia do Brasil. Para isso promoveram varias reuniões em que se trataram da escolha de um cidadão de prestigio e que pelo seu valor moral contasse com o apoio unanime dos Brasileiros, para acclamal-o Rei do Brasil.

A escolha recahiu em Amador Bueno da Ribeira, natural de Sevilha, que fiél aos seus juramentos de leal vasallo, ao ter sciencia do occorrido, exasperou-se, e ruman-do ao mosteiro da rua de S. Bento, ao passo que os populares o acclamavam «Viva Amador Bueno, nosso Rei», de espada em punho retrucava elle repetidamente: «Viva D. João IV, nosso Rei, pelo qual darei a vida!» Falhára por essa forma o golpe que os seus promotores pretendiam dar contra Portugal e que traria a Independencia do Brasil desde 1641.

Dous dias depois Miguel Garcia Carrasco assignou a solemne aclamação de D. João IV, de que se fez auto em S. Paulo, a 3 de Abril de 1641. Miguel Garcia em 1638 requereu a concessão de uma sesmaria para si e seus filhos Balthazar Carrasco dos Reis e Martim Carrasco, allegando perante o Governador de S. Vicente, que elles ajudaram nas guerras da Capitania.

O Dr. Luiz Gonzaga da Silva Leme, na sua preciosa — «Genealogia Paulistana» — dá Miguel Garcia Carrasco, como natural de S. Lucas de Canna Verde, e numa carta,

em resposta a que lhe dirigimos, salientando a extranheza que tivemos relativamente ao appellido — Carrascos — cuja origem procuravamos conhecer, diz o mesmo provir do lugar de origem da familia em — Carrascal — (matto pequeno), na Hespanha. Sem querermos negar a origem hespanhóla dos Carrascos, devemos comtudo declarar que acreditamos provir a alcunha da moradia, talvez transitoria, em — Carrascos —, conselho de Pombal, — Portugal. A afinidade de idéas e as intimas relações de amizade desta familia com os fidalgos hespanhóes que promoveram a aclamação de Amador Bueno em 1640, são provas seguras da descendencia hespanhola della, pois não se comprehende que no proprio anno em que Portugal rompia as cadeias que o ligavam ao jugo Castelhana, proclamando sua independencia politica, viessem portuguezes se alliar aos inimigos de sua Patria, conhecendo-se a intensidade do patriotismo lusitano.

O Capitão Balthazar Carrasco era filho de Margarida Fernandes, primeira mulher de seu pai, fallecida em S. Paulo em 1629. Neto, pela parte materna, de Balthazar Gonçalves Malio e sua mulher Jeronyma Fernandes, fallecida em 1630; por esta, bisneto de André Fernandes, fallecido em 1588 e sua mulher Maria Paes, fallecida em 1616. Já em 1645 tinha o Capitão Balthazar Carrasco dos Reis feito entrada no sertão, onde aprisionou muitos indios, que administrou; era casado em Parnahyba com Izabel Antunes da Silva, filha de João de Pinha, natural de Itanhaen, e de Domingas Antunes, de S. Paulo; neta pelo lado paterno de Braz de Pinha e de sua mulher Izabel Lopes; neto pela parte materna de Bartholomeu Rodrigues, fallecido com testamento, em S. Paulo em 1610 e de sua mulher Maria Lucas; por esta, bisneta de Gaspar Fernandes, fallecido em 1600 e de sua mulher Domingas Antunes; por esta, tetraneta de Antonio Preto, natural de Portugal, que veio para S. Vicente em 1562, e que depois de haver prestado grandes serviços voltou á Portugal d'onde trouxe sua mulher e filhos: João Preto, Manoel Preto, José, Sebastião, Innocencio Preto e Domingas Antunes.

Antonio Preto era de nobreza provada, sendo as suas armas de familia «esquarteladas, o primeiro e quarto compos-



tos de seis palas de ouro e azul, o segundo e terceiro xadresado de ouro e azul de seis peças em faixa e outras seis em pala. Elmo de prata aberto, guarnecido de ouro, paquife dos metaes e cores das armas; timbre, um braço nú de negro, com um bastão de ouro na mão».

O Capitão Balthazar Carrasco residiu por muitos annos em a Villa de Parnahyba, onde foi Juiz de Orphãos, mudando-se no meiado do seculo XVII para Curityba, com sua familia, onde foi um dos povoadores como se verifica da carta de Sesmaria que a seu pedido lhe foi passada pelo Capitão-mór Governador do Rio de Janeiro, Salvador Correia de Sá e Benavides, em data de 29 de Junho de 1661, como abaixo se vê:

#### CARTA

Salvador Corrêa de Sá e Benavides, Capitão-mór, Governador do Rio de Janeiro, com poderes jurisdicção e alçada nas Repartições do Sul e Capitanias d'ellas, Almirante das ditas Repartições, Administrador das Minas de S. Paulo, etc. em nome de Sua Magestade, que Deus guarde:

Aos que a presente minha carta de sesmaria de terras e matos maninhos virem e conhecimento dellas lhe pertencer: Faço saber que attendendo aos serviços allegados em sua petição retro, pelo Capitão Balthazar Carrasco dos Reys, que tem ajudado nas guerras da capitania com sua pessoa e seus administrados nos varios ataques a que os inimigos . . . . . tendendo que ha alguns annos reside com sua familia na paragem chamada Mariguy, *nos campos do novo povo* de Nossa Senhora da Luz dos Pinhaes. . . . .

Hei por bem de lhe dar as terras que pede na sua petição, partindo do Rio Mariguy, onde tem sua fazenda, a começar onde acabão as terras de Matheus Leme fazendo meia legua de testada por uma legua de sertão, resalvados direitos de terceiros . . . . . com suas aguas e bebedores . . . . . entradas . . . . . doação . . . . . sem pagarem . . . . . somente dezimos a Deus Nosso Senhor. . . . .

Dada nesta . . . . . de Janeir . . . . . aos 29 de Junho de 1661. — Salvador Corrêa de Sá, G.<sup>r</sup>

Notamos nesta carta de sesmaria, a circumstancia de que já se achando creada a Justiça de Paranaguá, e sendo o Capitão-mór Gabriel de Lara, Logar-Tenente e sismeiro do donatario, o Marquez de Cascaes, na Capitania de Paranaguá e todo o seu termo, e que tendo elle a exclusiva competencia de dar as terras em sesmaria, aos que a quizessem cultivar, viesse o Capitão-mór Governador do Rio de Janeiro conceder sesmaria de terras em Curityba. Teria Salvador Correia de Sá e Benavides poderes, em 1661, para conceder essas terras em nome de Sua Magestade, sabendo-se que pertenciam ao Marquez de Cascaes? E' um facto a elucidar. Seria devido a confusão dos direitos dos Donatarios das Capitanias, de S. Vicente e de S. Amaro, na parte das 40 leguas ao sul de Cananéa?

Salvador Correia de Sá, em começos de 1661, visitou a Capitania, onde veiu «averiguar das Minas de Paranaguá», e se demorou, pois — «não quiz vir-me sem findar o intento para com o desengano dellas fazer aviso a Vossa Magestade», conforme Carta que a 10 de Abril de 1661, datada do Rio de Janeiro, dirigiu á Sua Magestade. Teria subido a Serra do Mar, chegando á Curityba, aonde se iniciava a povoação e o serviço das Minas?

Talvez assim fosse, e n'esse caso, provavelmente aqui tivesse feito relações com Balthazar Carrasco dos Reis, homem cheio de serviços á Patria, não só na defeza de Santos, dos ataques dos inimigos, como tambem como Bandeirante destimido, ao lado de seu pai, irmãos e filhos.

O Capitão Balthazar Carrasco em seu testamento feito em Curityba a 22 de Julho de 1697, e aberto a 8 de Outubro desse mesmo anno, por occasião de sua morte, declarou entre outras cousas mais, que «quero que levando-me Deus, seja meu corpo enterrado defronte do altar de N. Senhora de Guadalupe, na sepultura de minha mulher, na Igreja Matriz desta Villa e me acompanhará o Vigario com os sacerdotes que se acharem, com todas as cruces das confrarias que houver na dita Matriz e se lhe dará a esmola costumada.

«Declaro que sou natural da Villa de S. Paulo, filho legitimo de Miguel Garcia Carrasco e de sua mulher Mar-



garida Fernandes; que fui casado com Izabel Antunes, já defunta e tivemos legitimamente os filhos seguintes:

«André Fernandes, Gaspar Carrasco dos Reis, Belchior Carrasco, filhas: Margarida Fernandes, Maria Paes, Izabel Gracia, Maria das Neves e Domingas Antunes já defunta, os quaes todos são meus legítimos herdeiros.

«Possuo as seguintes terras: Meia legua de terras no Cubatam, do qual tem a escriptura meu filho André Fernandes; meia legua de terras na borda do Campo, cujo titulo tem o mesmo meu filho; um sitio em que assisto na paragem de Mariguy, cujas terras houve por sesmaria como da Carta se vê; meia legua de terras no bairro de S. Amaro que parte com as do defunto meu Pai na paragem chamada Brimiri (?); deixo mais, que me deu meu sogro, em dote, em Parnahyba umas terras que constam do inventario do meu sogro João de Pinã.

«Declaro que meu filho André Fernandes levou de minha caza dous negros do gentio da terra, os quaes entram em sua folha de partilha, declaro mais que meu filho Belchior Carrasco dos Reis seguiu viagem para o sertão com as armas que levou de minha caza e o mais que levou para seus gastos foi tudo de minha fazenda e dizem trouxera do sertão tres pessas das quaes se fará menção em meu inventario. Declaro que deixo algum gado assim vaccum como ovelhas, e cavalgadas, o que tudo declarará meu filho Gaspar porque sua verdade desencarrego minha consciencia pela muita confiança que delle faço e sempre fiz e por assim ser lhe deixo encarregado o Cuidado que deve ter na Administração da Capella de N. Senhora de Guadalupe, de que sou Protector, para que o dito meu filho mande dizer seis missas todos os annos no altar da dita senhora por minha intenção procurando sempre pelo augmento da dita Capella como eu fazia, para o que depois de pagos os meus legados deixo o remanescente ao mesmo meu filho para que tenha cuidado da Capella.»

— O testamento foi assignado pelo testador e pelo Capitão-mór Agostinho de Figueiredo, João Alves Martins, Manoel de Souto, Nicolau de Miranda Franco, Manoel Gomes. De seu matrimonio teve os seguintes filhos: (C. O. de Curityba.)

- |                                |   |              |
|--------------------------------|---|--------------|
| 1.º André Fernandes dos Reis   | — | Capitulo 1.º |
| 2.º Gaspar Carrasco dos Reis   | — | Capitulo 2.º |
| 3.º Belchior Carrasco dos Reis | — | Capitulo 3.º |
| 4.º Margarida Fernandes        | — | Capitulo 4.º |
| 5.º Maria Paes                 | — | Capitulo 5.º |
| 6.º Izabel Garcia Antunes      | — | Capitulo 6.º |
| 7.º Maria Garcia dos Reis      | — | Capitulo 7.º |
| 8.º Domingas Antunes           | — | Capitulo 8.º |

### CAPITULO 1.º

- 1.º André Fernandes dos Reis, casado com Maria Rodrigues.

Com seu irmão Gaspar Carrasco assignou a 4 de Novembro de 1668 o termo de levantamento do Pelourinho da Villa de Curityba, em cuja governança figuraram.

De seu matrimonio teve, que descobrimos, a filha:

- 1-1 Izabel Rodrigues — § Unico.

### § Unico.

- 1-1 Izabel Rodrigues, casada com Manoel Pereira dos Passos.

### CAPITULO 2.º

- 2.º Gaspar Carrasco dos Reis, alferes, foi homem da Governança da Villa de Curityba, e seu pae em seu testamento o elogia pela sua verdade, pelo que manifesta muita confiança nelle, e o deixou como Protector da Capella de Nossa Senhora de Guadalupe, que era um dos Altares da Matriz de Curityba. Era homem abastado, tendo servido de fiador a José Cardoso foi intimado a pagar a elevada quantia de um conto e cem mil reis.

Era casado com Anna da Silva Leme, filha do Capitão Antonio da Costa Velloso e de sua mulher Anna Maria da Silva; por esta, neta do Capitão Povoador de Curityba Matheus Martins Leme e sua mulher Antonia de Góes. — Gaspar Carrasco em 24 de Outu-



bro de 1725, fizera doação, por escriptura publica, a seu genro, o Capitão Salvador de Albuquerque, já viuvo de sua filha Izabel Antunes, de umas terras que possuía «pelo muito que o queria»; — Salvador de Albuquerque por sua vez fez doação a seus sogros de uma fazenda de gado na paragem chamada — «Caapucú».

Teve os seguintes filhos: (C. O. de Curityba.)

- |                                   |       |
|-----------------------------------|-------|
| 1-1 Izabel Antunes da Silva       | § 1.º |
| 1-2 Capitão Antonio da Silva Leme | § 2.º |
| 1-3 Francisca Velloso e Silva     | § 3.º |
| 1-4 Victoria de Jesus Velloso     | § 4.º |
| 1-5 Joanna Leme da Silva          | § 5.º |
| 1-6 Maria Velloso                 | § 6.º |
| 1-7 Francisco Xavier dos Reis     | § 7.º |
| 1-8 Balthazar Velloso e Silva     | § 8.º |

### § 1.º

- 1-1 Izabel Antunes da Silva, nascida em 1698 em Curityba, casada com o Capitão Salvador de Albuquerque, natural de S. Paulo, da governança da Villa, homem de grande prestigio e valor. Foi o primeiro Juiz de Orphãos triennial de Curityba, lugar creado pela reorganisação administrativa e judicial de 1735. Foi empossado pela Camara em 1.º de Janeiro de 1736, depois de confirmada a eleição pelo Desembargador e Ouvidor Geral da Comarca Manoel dos Santos Lobato. O Capitão Salvador de Albuquerque foi casado em segundas nupcias com Maria do Carmo Valle, filha do Sargento-mór Manoel do Valle Porto e sua mulher Maria de Cacere; casado em terceiras nupcias com Maria Ferreira de Almeida. Era elle filho de Manoel Pacheco de Albuquerque e sua mulher Catharina Moreira Godoy. Falleceu em Paranaguá a 24 de Setembro de 1756 com 70 annos.

Teve (C. O. de Curityba) uma filha unica que falleceu ainda creança.

### § 2.º

- 1-2 Capitão Antonio da Silva Leme, era solteiro e com

55 annos de idade em 1755 quando falleceu seu pai. (C. O. de Curityba.)

Pertenceu a governança de Curityba.

### § 3.º

- 1-3 Francisca Velloso e Silva, era solteira e com 51 annos de idade em 1755.

### § 4.º

- 1-4 Victoria de Jesus Velloso, era solteira e com 47 annos de idade em 1755.

### § 5.º

- 1-5 Joanna Leme da Silva, casada em 1734 em Curityba, com o licenciado José de Albuquerque, fallecido em 1738, irmão do Capitão Salvador de Albuquerque de 1-1 do § 1.º

Teve dous filhos:

- 2-1 Tenente Pedro Alexandrino de Albuquerque.  
2-2 Paulo Moreira de Albuquerque.

### § 6.º

- 1-6 Maria Velloso, fallecida em 1721, casada com o Sargento-mór José de Faria Paes, fallecido em Sorocaba em 1730.

Teve a filha unica: (C. O. de Curityba.)

- 2-1 Ignez de Faria Paes com 7 mezes em 1721, recebeu sua herança materna em 1738; casada com Domingos Cardozo de Leão, fallecido em Curityba a 29 de Janeiro de 1783, filho de Fructuoso de Laya Leão e de Anna Siqueira.

Teve os seguintes filhos: (C. O. de Curityba.)

- 3-1 José Cardozo de Leão, com 42 annos em 1783.

- 3-2 Maria Cardozo Faria, casada a 13 de Fevereiro de 1759 com Jorge de Souza Pedroso, filho de Manoel de Souza Pedroso, natural de Calhetas, e de Maria Leal Valença.



3-3 Antonio Cardozo de Leão, com 38 annos de idade, casado a 9 de Outubro de 1775, com o nome de Antonio José Pinheiro, com Maria Cortes de Oliveira, filha de Manoel Gomes de Oliveira e de Quiteria de Siqueira Cortes.

3-4 Ignacio Cardoso de Leão, com 39 annos de idade.

3-5 João Cardoso de Leão, com 34 annos, casado com Thereza (ou Luiza?) Corrêa Guedes de Britto, fallecida a 8 de Novembro de 1768.

Teve:

4-1 João Cardoso, solteiro.

4-2 Luzia Cardoso, natural de São José dos Pinhães, casada com Ignacio Preto, filho de Lourenço Preto e de Joanna de França, naturaes de São Paulo.

Teve, que descobrimos: (C. E. Curityba.)

5-1 Manoel Preto Bueno, natural de Curityba, casado com Luiza de Chaves, filha de João de Chaves Siqueira, natural de Itú e sua mulher Barbara Rodrigues da Cunha, de Curityba.

Teve:

6-1 Pedro Celestino Bueno, natural de São José, casado em Curityba a 16 de Outubro de 1792 com Mariana Leme de Jesus, filha de Francisco Rodrigues Barboza e sua mulher Victoria Rodrigues de França. Neta pela parte paterna de Antonio Rodrigues Coura, natural de Couras-Portugal, e sua mulher Lucrecia Leme do Rosario, de Guaratinguetá. Neta pela parte materna de Domingos Gonçalves Padilha e

de sua mulher Anna de Mello Coutinho.

5-2 Antonio de Oliveira Preto, casado a 2 de Maio de 1758 em Tamanduá, com Izabel Rodrigues Coutinho, filha de Domingos Gonçalves Padilha e de sua mulher Anna de Mello Coutinho; neta pela parte paterna de Manoel Gonçalves de Siqueira e de sua mulher Paula Rodrigues de França, ambos naturaes de Paranaguá; neta pela parte materna de Francisco de Mello Coutinho, natural de S. Paulo e de sua mulher Izabel Luiz Tigre, de Curityba.

Teve: (C. E. de Curityba.)

6-1 José, nascido em 1772.

6-2 Margarida de Oliveira Bueno, casada em Curityba a 8 de Julho de 1794 com Pedro Corrêa Leme, natural de Taubaté, filho de Salvador Corrêa Leme e de sua mulher Ignacia Vieira da Silva; neto pela parte paterna de Salvador Corrêa Leme e sua mulher Leonor da Silva.

4-3 Izabel Cardoso, viuva de João França de Moraes.

4-4 Rosa Maria, viuva de Felipe Pereira de Magalhães.

4-5 Maria Cardoso, viuva de Manoel Alves Fontes.

4-6 Antonio Cardoso de Leão, com 48 annos de idade em 1768.

4-7 José Nunes Cardoso, solteiro, com 46 annos.

4-8 Christovão da Rosa, casado, com 44 annos.



- 4-9 Margarida de Oliveira, casada com Bernardo Martins Ferreira.
- 3-6 Manoel Antonio de Siqueira, casado a 10 de Outubro de 1775 com Luzia de Oliveira Cortes, filha de Manoel Gomes de Oliveira, natural de Barcellos e sua mulher Quiteria de Siqueira Cortes.
- 3-7 Francisco Cardoso, com 23 annos.
- 3-8 Anna Cardoso, com 28 annos.
- 3-9 Francisca Cardoso, com 26 annos.
- 3-10 Angela Cardoso, com 18 annos.
- 3-11 Josepha Cardoso, casada com Antonio Gomes.
- 3-12 Gertrudes Cardoso, com 14 annos.

## § 7.º

- 1-7 Capitão Francisco Xavier dos Reis, solteiro, com 51 annos em 1755.

Em 18 de Junho de 1736 compareceu perante a Camara Municipal de Curityba e declarou que seu pai recebera uma carta do Conde de Sarzedas, communicando que fora elle Francisco Xavier nomeado para o posto de Capitão de Cavallos para a conquista e soccorros da Colonia do Sacramento, e como era chegado o tempo de seguir sua viagem, requeria aos officiaes da Camara que lhe dessem soldados para sua companhia, que pertencia ao Regimento de que era Commandante o Coronel Christovam Pereira.

O Capitão Francisco Xavier dos Reis prestou bons serviços no Sul, havendo os Curitybanos desempenhado papel de destaque. O Coronel Antonio Pereira de Vasconcellos, Commandante da Nova Colonia do Sacramento, em carta que dirigiu ao Conde de Sarzedas, Governador de S. Paulo, fez honrosas referencias aos Curitybanos, aos quaes classificou de — «homens fortes, resolutos e destemidos.»

Tendo o Capitão Francisco Xavier assassinado a Antonio Ribeiro Bayam, foi condemnado pela relação da Bahia a pagar 100\$000 das despesas de custa á Relação. Em 3 de Setembro de 1743 Manoel da Silva

e Souza, procurador das despesas da Relação, requereu ao Capitão Veríssimo Gomes da Silva, ouvidor geral pela lei, em Paranaguá, que fosse intimado o pai do criminoso, visto conservar em seu poder os bens d'elle, por morte de sua mãe. Da decisão foi intimado Antonio da Silva Leme, irmão do criminoso.

## § 8.º

- 1-8 Balthazar Velloso e Silva, ultimo filho do Alferes Gaspar Carrasco dos Reis, do Capitulo 2.º, falleceu a 17 de Novembro de 1785 com 88 annos, casado a 20 de Abril de 1739 com Antonia de Souza Valle, natural de Paranaguá, filha do Sargento-mór Manoel do Valle Porto, o fundador da freguezia do Pilar da Graciosa, mais tarde elevada a Villa com o nome de Antonina; fundou a sua custa uma pequena Capella sob a invocação de Nossa Senhora do Pilar de Antonina, que em 15 de Agosto de 1720, foi elevada a categoria de Curato. Prestou relevantes serviços e foi homem de grande valor.

Teve:

- 2-1 João Velloso da Silva.
- 2-2 Francisco de Salles.
- 2-3 Maria Joaquina.
- 2-4 Bernardo José da Silva.
- 2-5 Matheus da Silva Leme.
- 2-6 Maria de Cacere.
- 2-7 José Nery de S. Maria.
- 2-8 Agostinho da Silva Valle.

\* \*

- 2-1 João Velloso da Silva.
- 2-2 Francisco de Salles, casado com Catharina Pereira.
- 2-3 Maria Joaquina de S. José, era solteira em 1775.
- 2-4 Bernardo José da Silva, teve um sitio na Costeira de Ponta Grossa, que vendeu ao Conego Joaquim da Costa Rezende.
- 2-5 Matheus da Silva Leme, nasceu em 1745 e falleceu em 1801; foi casado com Rosa Delfina de Jesus.



- 2-6 Maria de Cacere, era solteira em 1798.
- 2-7 José Nery de S. Maria, casada com Maria do O' do Nascimento, natural de Paranaguá, filha de Manoel Pereira da Silva, de Paranaguá, e sua mulher Catharina de Souza, de Antonina. Foram proprietarios do sitio da Bôa Vista. Teve, segundo informações:
- 3-1 Mathilde Maria do Pilar (ou de Jesus), nascida em 1787, casada com Manoel José de Souza.
- 3-2 Francisco, nascido em 1790.
- 3-3 Manoel.
- 3-4 José Nery da Silva, nascido em 1798.
- 3-5 Ignacio José Diniz, fallecido em 1849, casado com Catharina Maria Xavier, filha do Alferes Candido Xavier dos Anjos e Catharina Maria do Espirito Santo, fallecida a 21 de Janeiro de 1838; foi casado em segundas nupcias com Maria Antonia de Jesus. Teve do primeiro matrimonio:
- 4-1 Catharina Luiza da Silva.
- 4-2 Maria Candida de Assumpção, casada com Joaquim José de Carvalho.
- 4-3 Anna Clara de Assumpção, casada com Bento José de Carvalho.
- 4-4 Francisco Xavier Nepomuceno (ou Denis). Teve do segundo matrimonio:
- 4-5 Thereza Maria Rosa, casada com Elisiario José da Rosa, do Rio Grande do Sul.
- 3-6 Iria Maria dos Prazeres, casada com o Alferes Polydoro José dos Santos, que passou a segundas nupcias com Maria Rita do Rosario; filho do Tenente Antonio dos Santos Pinheiro, que foi Escrivão da Ouvidoria Geral de Paranaguá por muitos annos, e tabellião do publico judicial e notas, natural da praça de Chaves — Setubal — e de sua mulher Anna Gonçalves Cordeiro, natural de Paranaguá.

Neto pela parte paterna de Manoel dos Santos Chaves e de sua mulher Maria Josepha do Nascimento, naturaes de Setubal; neto pela parte materna do Capitão Gaspar Gonçalves de Moraes, homem de grande valor e importancia, descendente das principaes familias da Capitania, e de sua mulher Catharina de Senne, tambem de distincta descendencia, que descrevemos em outro Titulo desta obra e na Arvore genealogica de ascendentes.

Teve:

- 4-1 Major Vicente Ferreira da Luz, nascido em 1812 em Antonina, e fallecido em Curityba a 17 de Junho de 1880. Era adiantado industrial. Possuia engenho de soque de herva matte em Curityba e olaria em Bariguy. Possuindo boas propriedades a rua Commendador Araujo, que foram partilhadas por 45 contos de reis. Casou em 1844 com Florencia do Amaral Luz, natural de Paranaguá, filha de José Antonio do Amaral e de sua mulher Anna Hyppolita do Amaral.

Teve:

- 5-1 Primeiro Tenente Vicente Polydoro Ferreira, official do exercito, morto na campanha do Paraguay.
- 5-2 Iria Narciza Ferreira da Luz Muricy, foi casada em primeiras nupcias com o Dr. José Candido da Silva Muricy, nascido a 31 de Dezembro de 1827, na cidade de S. Salvador da Bahia; filho de Joaquim Ignacio da Silva Pereira e sua mulher Joanna Francisca Pereira.
- «Excellent estudante, intelligente, e bastante assiduo, gozou sempre de optimo nome entre seus collegas.



«Rodeado de todo aquelle prestigio de que dispõem academicos cumpridores de seus deveres, seguia elle os estudos, coroando-os com o mais feliz e merecido successo. «Em 1852 ia receber, em retribuição ao prolongado e afanoso trabalho de seis annos, o titulo mais nobre e desejado por quem comprehende a quanto está sujeita a humanidade: — doutor em medicina.

«Em 1852, no duodecimo mez, justamente no primeiro dia, recebia o premio a que tinha incontestavel direito.

«A 8 de Novembro de 1853 chegava o distincto medico a Curityba, onde fixou sua residencia.

Provincia a ser installada, ia o Paraná ser o theatro de seus feitos humanitarios.

« — Bem moço ainda, pois só contava 26 annos, nessa idade das illusões, nessa idade em que o coração custa refrear a impetuosidade das paixões, já o Dr. Muricy possuia a cabeça de um sabio velho. Pugnar pela humanidade era o seu unico, porem ardente desejo.

«Em 27 de Abril de 1854 o governo provincial nomeou-o vaccinator, começando a população de Curityba a viver debaixo da benefica acção do mais caritativo facultativo que até então pisára as plagas paranaenses.

«Alegre pela confiança que lhe depositavam, corria onde ouvia o gemido, voava onde era chamado.

«Eil-o accudindo aos enfermos! Eil-o distribuindo soccorros, cuidados e desvellos! Quem appellava para tão magnanimos sentimentos, que não se afastasse servido?! . . .

«O merecido renome corria e a clientella augmentava a olhos vistos. Elle já não era simplesmente o medico de todos, não; era um membro de cada familia.

« — Em 1857 teve de prestar um grande e relevante serviço. Reinára no começo desse anno a variola em S. José dos Pinhaes e aos seus esforços deveu-se o desaparecimento, sem que tão cruel flagello, tivesse feito uma só victima.

« — Posteriormente fôra Paranaguá invadida pela febre. Entre os medicos que se occuparam no tratamento dos enfermos contava-se o Dr. Muricy, que depois de vêr um collega morto e outro acommettido da horriavel enfermidade, teve de lutar sosinho contra o formidavel inimigo.

«O muito illustrado ex-presidente da provincia, Francisco Liberato de Mattos, em seu relatorio apresentado por occasião da abertura da Assembléa provincial, em 7 de Janeiro de 1858, disse:

« — O Dr. Muricy foi quem mais serviu, como me informou meu digno antecessor, nenhuma retribuição quiz receber, contentando-se com os vencimentos que percebe como Tenente-cirurgião do corpo da guarnição fixa.»

«Desinteressado em toda a accepção



da palavra, regeitava indemnisações, ou por outra, enquanto o governo despendia grossas sommas com medicos, etc., o Dr. Muricy satisfazia-se em prestar seus soccorros. «Quatro annos havia que por tão distincto cavalheiro era habitada a cidade de Curityba. Estudal-a debaixo de todos os pontos de vista, conhecel-a a fundo, constituia uma nova e aprazível empreza.

«A botanica era um dos ramos da sciencia mais communs ao Dr. Muricy. Della incumbido, ora consultava a posição topographica do lugar, o poder vegetativo do solo, as condicções athmosphericas, as mudanças bruscas da temperatura; ora embrenhando-se nas mattas, que circumdavam Curityba, procurava, no meio da esplendorosa vegetação, com a atilada perspicacia de profundo botanico, a herva, a casca, o lenho, a raiz, enfim, que eram agentes medicos.

«Quantas vezes não voltava elle de suas instructivas excursões satisfeito por ter descoberto a planta util, cuja classificação lhe cabia.

«Quantas vezes não era elle portador de desconhecidas raizes para em casa, no socego de seu gabinete, quando a população descuidosa se entregasse ao descanso, estudal-a e após sujeital-a ao processo necessario, descobrindo-lhes as therapeuticas propriedades?...

«Mal, porem, tivera tempo de encetar a serie de tão uteis estudos, o governo imperial ordenava-

lhe marchasse para Matto Grosso em companhia de 100 praças que deviam passar por esta provincia. «Preso ao Paraná pela estima de seus habitantes, que correspondia condignamente, tratou de ligar-se por laços ainda mais indissoluveis. «Era, então, solteiro; viva estima dedicava a uma jovem; solicitar sua mão, emprazando o digno progenitor para, em breve regresso, concedel-a por esposa, foi o expediente tomado.

«Corria o anno de 1858; e Curityba que havia cinco annos passára de 5.<sup>a</sup> comarca de provincia para capital, soffrera o impulso que é bem facil de imaginar-se. Com o augmento progressivo da população crescia o affecto ao amigo do povo.

«A ordem dimanada do governo geral, que tolhia o povo de seu mais dedicado medico, foi encarada com maus olhos, pois, consideravam-na como verdadeiro castigo imposto.

«A 12 de Janeiro abandonava saudoso a Curityba, onde deixava amigos, e, sobretudo, quem era objecto de seus mais felizes sonhos, acompanhando, na qualidade de medico de corpo de saude do exercito, as praças que se dirigiam á Matto Grosso.

«Foi para toda a grata população, dia de provança esse em que o Dr. Muricy dizia o adeus de despedida; a consternação tocou á meta.



«Se a separação do conhecido, com quem entretivemos relação, choca-nos; a de amigo e medico que ouviu-nos os gemidos, e assistiu-nos com lenitivo ás dores, deve magoar-nos immenso.

«Cumpridor severo de suas obrigações, servidor leal do Estado, era forçoso attender ao chamado superior.

«Elle seguiu, pois.

«O que dizer sobre essa jornada, sobre a longa e penosa viagem por invios e infernaes caminhos, senão que o Dr. Muricy fêl-a com aquella heroica resignação que tanto distinguu os martyres pela religião do Crucificado?! . . .

«Foi nessa jornada que elle pôz em pratica os seus conhecimentos scientificos, humanitarios e quiçá militares.

«No atravessar desses sertões, dominio de feras; na vadeação desses immensos rios, onde habitam as febres de máo character, occupava elle todas as posições.

«Aqui, era o botanico guiando o medico a valer-se da planta para salvar uma, duas, dez praças acommettidas de enfermidades.

«Ali, era o arriscado caçador, empunhando a pistola, refle ou lança para matar a audaz e aterradora fêra que, impavida, chegava á sua barraca.

«Mais além, era o corajoso nautico que, vendo enorme corredeira ante a qual commandantes e commandados como que esmoreciam, a

força de seus brados de animação conseguia fortalecer os espiritos abatidos, transpondo assim o perigo.

«Era tambem o commandante severo nas criticas occasiões; e era a viva imagem de uma resignação inexcedivel.

«Quantas vezes não teve elle um pedaço de carne para matar a fome?

« . . . Muitas, elle o dizia; porem, prasenteiro e satisfeito, não proferia um queixume sequer.

«Era um genio!

«Após continuados martyrios e sofrimentos chegou o Dr. Muricy ao ponto terminal de sua derrota.

«O estado sanitario de Miranda, Albuquerque e outros povoados nada tinha de lisongeiro; as febres intermittentes e outras molestias assolavam pouco a pouco a população. Sem ambulancia, recorria elle á natureza, e transformava a luxuriosa floresta de tão longinquas paragens em vasto laboratorio pharmaceutico.

«Já Corumbá, Miranda e Albuquerque tinham sido theatro de seus fastos humanitarios, e tanta e tal influencia angariára pelo bem feito, que não só as populações civilisadas como tambem a aborigene, dedicavam-lhe a mais decidida estima e viva sympathia.

«Fervorosas eram as preces que os Paranaenses erguiam ao Altissimo para lhes ser restituído o medico dos pobres.

«O aviso do ministerio da guerra



de 25 de Maio desse mesmo anno, determinava a sua vinda ao Paraná.

«Para Matto Grosso foi uma má nova essa, recebida com natural sentimento.

«Considerado em extremo, encestava elle nova viagem, deixando verdadeiros amigos, d'entre os quaes se destacava o Barão de Villa Maria, a quem tributava particular estima, sendo sobremodo correspondido.

«Ia ser restituído ao Paraná o amigo commum.

«A população anciosa esperava a occasião de vêr tornado a seus lares o dedicado medico.

«A 2 de Dezembro de 1858 baixava o decreto pelo qual o governo imperial condecorava-o com o habito de Cavalheiro da Ordem da Rosa, em attenção aos serviços prestados durante a epidemia da febre amarella em Paranaguá.

«A 10 de Janeiro de 1860 apresentava Curityba aspecto bem differente do que o dominava em 1858: tudo eram galas!

«Chegára, pois, o Dr. José Candido da Silva Muricy; avisinhava-se o tempo de cumprir o anterior pedido, realisando assim o seu maior anheló.

«A 22 de Setembro d'esse anno, aos pés de Christo e ante uma esplendida assembléa de amigos, recebia por esposa a Exma. Snra. D. Iria Ferreira da Luz, filha do Major Vicente Ferreira da Luz e

da Exma. Snra. D. Florencia do Amaral Luz.

«A 16 de Janeiro de 1860, foi elle nomeado medico dos presos da Capital.

«Em 2 de Dezembro do mesmo anno, foi nomeado 1.º cirurgião do corpo de saude do exercito.

«Em 1863, as urnas elegiam-no deputado provincial.

«A 15 de Fevereiro de 1864 tomava assento no parlamento provincial na qualidade de seu legitimo representante.

«Durante os biennios de 1866 á 1867 e de 1868 á 1869 foi ainda eleito deputado, trabalhando sempre com vivo interesse pelo bem geral da provincia, e correspondendo dess'arte á expectativa do povo.

«As pugnas politicas não o roubaram ás pela caridade; nestas como naquellas trabalhava elle com invejavel denodo.

«Obediente em extremo ás ordens dimanadas do poder superior, desempenhava-as com zelo, de forma que até 1865 deu elle cumprimento a diversas commissões, já no sentido de debellar epidemias, já no de exhumar cadaveres, etc., etc.

«O anno de 1866 estava reservado para o Dr. Muricy prestar grandes serviços ao paiz, que já considerava-o como um dos seus mais conspicuos servidores.

«Ia ter logar na provincia a primeira exposiçáo de productos; ia



o Paraná participar do certamen do trabalho e da civilização.

«A 7 de Março recebia elle comunicação de ter sido nomeado membro da Commissão central da Exposição provincial, e a 15 de Abril esta commissão nomeava-o, na sua primeira reunião, membro encarregado de confeccionar o catalogo.

«Se sempre o vimos dedicado ao Paraná, então, que se procurava apresental-o á apreciação extranha, redobrava elle em dedicação.

«A exposição ficou sendo uma criação sua, e della era, não sómente o encarregado do catalogo, mas agenciador de productos, classificador, tudo, enfim!

Em boa hora fôra seu nome lembrado; e isso augurava, se não completo e brilhante exito, ao menos resultado muito superior ao que jamais se conseguiria se á margem fosse collocado.

«O grande conhecimento do Dr. Muricy com cidadãos e rusticos que podiam prestar valiosos serviços na consecução de productos, as suas estreitas relações com moradores do centro, muito concorreram para o verdadeiro esplendor de nossa primeira exposição.

«Corria o mez de Maio. A casa do Dr. Muricy era um vasto celeiro, enorme e bem abastecido de deposito de objectos de todas as classes.

«Era ahi que tinha lugar a recepção e a classificação de tudo

quanto devia figurar na exposição. O dia era dedicado á sua clinica e ao desempenho de varias comissões a seu cargo; a noite pertencia á exposição.

«E os trabalhos a progredirem sempre.

«A 29 de Julho abriram-se as portas do edificio, onde achavam-se expostos os productos da provincia á admiração e apreciação publica.

«A 24 de Novembro atirava elle á critica o catalogo dessa exposição, filho robusto do incessante trabalho, de innumerables vigílias e dedicação inexcedivel.

«O que disse na apresentação dessa verdadeira obra prima ás comissões nacional e provincial, por si chega para approximadamente fazer-se idéa do vivo interesse que tomava pela prosperidade da nação.

«O catalogo da exposição provincial do Paraná figurou na Côte, em primeiro lugar. E assim devia ser. As regras observadas na sua confecção, a optima classificação, a minuciosidade no historico de muitos dos seus productos principaes — são recommendações á intelligencia e altos conhecimentos do illustre confeccionador.

«Eis o que se encontra a folhas 50 do alludido catalogo:

« — Todos os productos expostos pelo Dr. José Candido da Silva Muricy podem ser vendidos, applicando-se o resultado em favor do Azylo de Invalidos da Patria.»



«Apreciar, ainda que devidamente a eloquencia de taes palavras, é empanar-lhes o brilho.

«Elle expoz oitenta objectos, entre os quaes conta-se uma collecção de milho de 30 qualidades e uma outra de feijão de 73 qualidades. «A 14 de Outubro de 1866 era o Dr. Muricy eleito provedor da Santa Casa de Misericordia da Capital, irmandade que, comquanto não dormisse sob o somno da indifferença de sua direcção, entretanto, não prosperava como era de desejar.

«Reorganisal-a, dirigil-a afim de attingir ao ponto em que devem tocar instituições taes, foi o seu trabalho inaugural, de sorte que a pia irmandade dentro em pouco apresentava uma nova phase.

«O compromisso começou a ser observado á risca, não passando um anno que na epoca propria não tivessem lugar as diversas ceremonias de missas, visitaçào do hospital, eleição e leitura dos competentes relatorios do estado da instituição.

«Nestas exposições, que, aliás, correm impressas, vê-se a somma de dedicação que o Dr. Muricy votava ao assumpto.

«Doptado de um espirito altamente religioso e com o pensamento volvido para a caridade, dizia elle a seus irmãos, reunidos em assembléa geral:

« — A virtude é essa escada de Jacob de que nos fallam as Sa-

gradas Escripturas, pela qual chegamos á Divindade.

«Embalde a historia atira-nos desdenhosa a imprecação de Brutus, depois de um revez da fortuna, como uma sabia lição de experiencia.

«Não, senhores, a virtude não é um nome vão!»

«Era assim que se expressava o moralista, quando appellava para seus irmãos, afim de proseguirem na nobre e sublime missão.

«Com aquella convicção e ardor dos que trabalham, exclusivamente, pelo bem da grande familia que se denomina a humanidade; nessa mesma reunião, dizia elle:

« — Riqueza, sciencia, sentimentos e a força, tudo isso não passa de um thesouro de que o homem é simples depositario neste mundo de provanças; e é na distribuição dos bens pelos que necessitam, que a alma santifica-se e approxima-se do Creador.

.....  
« — Não basta ao homem amar a sua familia, vai nisso, é verdade, um principio de virtude, cuja negação importaria a subversão completa da sociedade, mas o exclusivismo pela familia é o egoismo apurado que pouco aproveitaria a humanidade. . . . .»

«A prosperidade da irmandade merecia-lhe todo o seu cuidado, e para alcançal-a o Dr. Muricy não trepidava em superar toda a sorte de obstaculos.



«Os reaes serviços prestados á causa da pobreza ahi ficaram bem patentes; e senão que digam a respeito os que para o hospital de caridade entraram doentes e sahiram curados; que fallem os que, em paiz estranho, acommettidos de enfermidades, e victimas de uma desgraça na perda de um membro do corpo, sem meios, acharam a prompta cura e o amparo preciso debaixo daquelle modesto tecto onde se abrigava a mais sublime das virtudes.

«Ao governo imperial não tinham passado despercebidos os serviços de real merito prestados á todas as causas por tão patriótico cidadão, e a sua magnificencia não se fez esperar.

«A 9 de Março de 1867 baixava o decreto pelo qual era nomeado Official da Ordem da Rosa, em attenção aos relevantes serviços prestados á bem da integridade do imperio e da honra nacional.

«Anteriormente o jury geral da exposição nacional conferia-lhe quatro menções honrosas, em diferentes classes, pelos productos expostos em 1866; e o jury da exposição de Paris, pelo mesmo motivo, conferia-lhe mais duas.

«Além de outros, ia-lhe a provincia dever mais um importante trabalho.

«Em 28 de Setembro desse anno encetava elle a publicação de uma serie de artigos, nos quaes descreveu-a debaixo de todos os pontos de vista.

«Trabalho de um incontestavel valor — A noticia sobre a provincia do Paraná —, tal a sua denominação, é uma dessas obras que dão nome a seu autor.

«O Dr. Muricy também escrevia. Nas horas que seus urgentes trabalhos davam-lhe treguas, occupava-se em apreciar detidamente a provincia da qual era filho adoptivo.

«Em 11 de Dezembro desse anno recebia do governo geral a nomeação de Cavalheiro da Ordem de Christo, em attenção aos serviços prestados por ocasião da exposição de 1866, — insignificante retribuição á tanta dedicação, seja dito de passagem.

«Como se não bastassem para perpetuar a memoria de um homem os feitos que temos descripto, o Dr. Muricy, no nobre intento de só edificar sobre a virtude, cogitava o meio de mais prender-se á gratidão publica.

«A idéa da construcção de um edificio destinado ao hospital, começou a assomar-lhe ao pensamento, e tornal-o em realidade foi o objecto dos seus mais dourados sonhos.

«Como conseguil-o? Onde os meios para levar ao cabo seus desejos?

«Como superar os embaraços que a pobreza da irmandade antepunha á realisação da util idéa da construcção de um hospital?

«Comquanto difficeis de solver fos-



sem as questões que se lhe suscitavam, o Dr. Muricy não esmorecia. «O seu objectivo era insignificante, não queria um edificio, queria os alicerces de um edificio; e tantos esforços empregou que, não sem custo, a 8 de Março de 1868 collocava elle a primeira pedra de um futuro hospital.

«O que fez, as difficuldades com que lutou e venceu-as, os obstaculos que deparou e transpol-os, para conseguir o *desideratum*, são cabaes provas de seus caritativos sentimentos e de quanta verdade encerra a antiga parabola — querer é poder.

«Apoucados eram os recursos de que dispunha a irmandade. Sem fonte de receita propria, sem meios, a não ser a parca subvenção da provincia, claro estava que enorme ia ser o trabalho d'elle.

«Pedir aqui uma esmola; solicitar d'alli um donativo; obter de mais além uma dadiva, mesmo em materiaes; trabalhar, enfim, pela obtenção de moeda para não estacionarem as obras encetadas, era todo o seu empenho.

«Geria a não do estado o partido conservador, e o Dr. Muricy, apesar de ter idéas oppostas em politica, por sua consideração e geral estima, alcançava do governo provincial, sem a minima reluctancia, varias sommas para attender ás necessidades da construcção a seu cargo.

«No anno de 1871 a irmandade

de misericordia attingia a um prospero estado e o jornal «Dezenove de Dezembro» em seu numero 1258, assim se expressava a respeito:

«Esta pia instituição, ainda ha bem poucos annos, nem sequer tinha acção para fazer parar a sua decadencia. Já no seu ultimo termo de declinação o Snr. Dr. José Candido da Silva Muricy foi eleito provedor, e com a sua infatigabilidade no exercicio de actos caritativos, com a influencia de que merecidamente gosa, poudes tiral-a da inercia e collocar-a no lisongeiro estado que a vemos actualmente, satisfazendo os fins de sua criação.»

«Dedicado em extremo aos nacionaes, não o era elle menos aos estrangeiros que habitam o Paraná.

«Respeitado e considerado por todos, interessando-se vivamente pela colonia allemã, á qual prodigalisava soccorros medicos, não podiam estes ficarem em olvido; de sorte que, em 3 de Junho de 1872, Sua Magestade o Imperador da Allemanha fazia baixar o decreto que o condecorava com a Ordem da Corôa de 4.<sup>a</sup> classe, pelos relevantissimos serviços prestados aos subditos de sua nação.

«Devia-se realizar em 1.<sup>o</sup> de Março de 1871 a exposição de Cordova, e convidada a provincia a se fazer representar naquella banquete de civilisação, e transmittido o convite ao Dr. Muricy, não tardou



elle em trabalhar no sentido de angariar productos; de sorte que, pelo catalogo publicado a 24 de Agosto, concorreu com uma terça parte dos productos que foram remettidos.

«Em 1872, preparava-se uma nova festa do trabalho, á qual tinha de comparecer o Paraná com todas as riquezas de seu sólo e as preciosidades de suas incommensuraveis florestas, sendo a 12 de Junho de 1872, elle nomeado pela presidencia para compôr a commissão incumbida de angariar productos, sendo posteriormente designado para confeccionar o catalogo.

«A 19 de Outubro publicava elle o catalogo, cuja confecção lhe coubera. Trabalho de summa importancia, nada deixava a desejar.

«A' colonia portugueza dedicava elle extremo affecto, correspondido com estima e muita consideração.

«Sua Magestade Fidelissima, não alheio aos serviços medicos dispensados aos subditos de sua nação por espaço de 18 annos, condecorou-o, por carta real de 3 de Setembro desse mesmo anno de 1872, com o Habito de Cavalheiro de Christo de Portugal.

«Mais uma exposição vinha chamal-o ao trabalho, — a dos Estados Unidos.

«Incumbido, ainda essa vez, de confeccionar o catalogo, apresentou uma obra digna da mais severa apreciação.

«Por ter já completado 20 annos de bons e inestimaveis serviços ao corpo de saude, foi nomeado a 31 de Julho de 1874 Cavalheiro da Ordem de S. Bento de Aviz, distincção conferida ao official sem macula na vida militar.

«O governo imperial, tomando na consideração devida o muito que fizera o Dr. Muricy na exposição de Vienna d'Austria, em 13 de Agosto de 1875 baixava o decreto nomeando-o Commendador da Imperial Ordem da Rosa.

«A 16 desse mesmo mez, era considerado membro correspondente da Associação de Acclimação, sendo eleito seu Vice-presidente em 23 de Setembro.

«Em 22 de Dezembro era nomeado para fazer parte da commissão encarregada de promover uma subscrição para a construcção de um templo na capital.

«Em 4 de Março de 1876 o jury geral de qualificação conferia-lhe nada menos que uma medalha e quatro menções honrosas pelos productos expostos em 1875, e, posteriormente, o jury geral de Philadelphia distinguia-o com uma medalha, quatro diplomas e tres certificados.

Em 1877 foi o Dr. Muricy alvo de uma viva manifestação de apreço que se perpetuará na memoria de todos que assistiram-na.

«Um grupo de mães, esposas e filhas, abandonou por momentos as attribuições domesticas, para



demonstrarem o reconhecimento da família paranaense aos valiosíssimos serviços á causa da caridade prestados pelo benemerito medico. «Em 1.º de Abril uma commissão da mais selecta sociedade feminil, indo buscal-o á casa, conduziram-no a um local escolhido e ahi das mãos de outra não menos distincta sociedade recebia elle seu retrato a oleo, meio corpo e tamanho natural, ricamente emmoldurado. «Uma intelligente e veneranda senhora, como interprete dos sentimentos de suas concidadãs, entregando-lhe a offerta, patenteou em phrases cheias de effusão de jubilo os serviços prestados por tão digno facultativo á mulher curitybana, affeita á contemplal-o ha 23 annos como emissario da Providencia para amparal-a nos doloridos transes da vida.

«Depois, desdobrando á curiosidade do auditorio as differentes e melindrosas phases da vida da mulher, apresentou o Dr. Muricy como o anjo suavizador de todas as dôres que acabrunhavam-na; terminando por lembrar os valiosos serviços prestados á civilisação nas differentes exposições e á humanidade na construcção do edificio do hospital.

«Agradecendo commovidissimo as expressões dimanadas dos labios de uma senhora, elle disse:

« . . . que não recebia taes demonstrações senão como filhas desse affecto e desse enthusiasmo,

que caracterisavam a alma da mulher, em tudo o que ha de nobre e generoso. Que ante ellas curvava-se vexado aos impulsos do mais sincero reconhecimento. Que mães e esposas extremosas, davam-lhe uma prova solemne do angelico coração com que aquilatavam seus merecimentos; que desejava correspondessem á apreciação que delles faziam. . . .»

« . . . . que, quanto aos serviços medicos prestados, foram demais benignas na apreciação, porquanto tinha cumprido nos estreitos laços de suas forças o dever sagrado que prende-nos a nossos semelhantes, e que tal dever era tão grato, que o proprio prazer de cumpril-o é uma sobeja recompensa . . .»

«Proseguindo, ao referir-se ás exposições, disse:

«Que, paranaense de coração, não podia ser indifferente ao desenvolvimento da provincia e que por simples dever imitou a seus companheiros de commissão.»

«Tratando do hospital, cuja fundação lhe coube, não negou ser um grande serviço á causa da humanidade; mas, dizia elle, devia ser attribuido antes á philantropia dos fieis, ao zelo dos poderes publicos provinciaes, que auxiliava a instituição, do que a si, simples provedor de uma pobre irmandade.»

«Terminava aceitando o retrato, não como um tributo a seu merecimento, mas como recordação da generosidade das senhoras curitybanas.



«A mulher curitybana tinha sobeja razão para protestar reconhecimento ao seu velho medico, que, já pela idade e já por outros tantos titulos, grangeara uma confiança illimitada.

«Dedicado desde 1853, quando a provincia luctava com falta de medicos, ao estudo dos partos, conseguira tornar-se especialista nesse ramo da sciencia; de sorte que até essa data recommendára-se por innumeras operações, adquirindo assim uma justa nomeada.

«Além disso, todas as molestias das senhoras foram sempre objecto de profundos estudos, sendo de preferencia a outros collegas, chamado para assistil-as.

«A camara municipal da capital, tendo em attenção os nunca esquecidos trabalhos de tão conspicuo municipe á todas as causas das quaes dependia a prosperidade do Paraná, mandou que se denominasse de — Muricy — o largo em frente ao hospital em construcção.

«Por portaria do ministerio da guerra de 31 de Agosto desse mesmo anno de 1877 era nomeado delegado do cirurgião-mór do corpo de saude do exercito, chefe portanto do corpo medico militar na provincia.

«Em consideração ainda ao vivo interesse que tomava pelo adiantamento da provincia, o conselheiro Jesuino Marcondes, que era então presidente, mandava que se deno-

minasse *Muricy* um dos nucleos estrangeiros ha pouco creado.

«A 21 de Maio recebia elle das mãos do Exm.<sup>o</sup> Snr. Dr. Rodrigo Octavio, presidente, os premios conferidos pelo jury da exposição nacional e pelo da universal de Philadelphia, e dos quaes já fallamos.

«S. Ex. entregando-lhe semelhantes distincções pediu licença para abraçar — um dos mais incansaveis brasileiros, a quem devia esta provincia inequivocas provas do seu amor pela humanidade e pelo progresso.

«Convidado pelo chefe de policia de então a apresentar os motivos das epidemias que, em determinadas estações, flagellavam a capital, e o meio de debellal-as, com os grandes conhecimentos que possuia sobre o clima e a localidade do lugar, a 20 de Novembro enviou um luminoso relatorio a respeito.

«A 30 de Novembro, o Dr. Muricy, que sentia a sua saude bastante abalada, ao attender o chamado de um amigo, em caminho foi acommettido de um ataque apopletico, voltando em braços para casa.

«Fatal prenuncio do que mais tarde, infelizmente, realizou-se, esse acontecimento abalou profundamente a familia, amigos, a população enfim.

«Soccorrido pelo seu estimavel genro e distincto medico Dr. Antonio



Carlos Pires de Carvalho e Albuquerque, e varios facultativos, experimentou melhoras sensiveis, chegando-se a visar um proximo e completo restabelecimento. Mas, qual! O physico, bastante estragado, e o moral abatido com as apprehensões que lhe deviam occorrer com esse primeiro ataque, estas duas circumstancias reunidas concorriam para que os accessos fossem amiudados.

«Entretanto, apezar de lutar com a cruel enfermidade, que, de momento a momento, exauria-lhe as forças, o Dr. Muricy trabalhava.

«No leito da dôr era avidamente procurado não só pelos amigos e pela indigencia, a quem receitava, como pelos estrangeiros, que tanto o estimavam; e, nesse mesmo leito, dava o seu enorme expediente. «Intelligente e sem o abandono das faculdades, conhecedor, portanto, da molestia que o devia roubar aos seus, devia ser horrivel a longanimidade dos seus soffrimentos.

«A familia, oh! esse conjuncto de seres, — esposa e ternos filhos — como não se lhe escaldaria o cerebro ao vir-lhe ao pensamento a idéa da morte! . . .

«O hospital, o hospital de suas maiores apprehensões, trucidava-lhe o espirito o não poder visital-o!

«E a enfermidade seguia o seu curso assustador.

«E no horizonte d'aquella vida tão necessaria, nem um raio de espe-

rança, que indicasse uma existencia prolongada.

«E a sciencia, a medicina tão cultivada por elle, a medicina, que tantos prodigios fizera, esgotára seus recursos. . .

«Seus dias estavam contados. Pronunciara-se uma encephalite, e ante a sua mortal consequencia ia baquear um prototypo de virtudes. «A's 4 e meia horas da manhã do dia 20 de Março de 1879, uma lagrima deslisou-se pela face do Dr. Muricy; era a viva expressão de dôr pela separação da familia paranaense; transpunha elle os humbraes da eternidade. . .

.....  
«Honrado em extremo, morreu pobre, deixando na terra — a viuva com 32 annos e seis filhos menores, dos quaes um com seis mezes apenas!

«Ao saber-se a noticia de tão infausta morte, geral foi a consternação: o commercio cerrou suas portas; a camara municipal suspendeu as sessões por oito dias; seus patricios tomaram luto; quasi todas as casas fecharam-se.

«Dir-se-hia que em cada habitação finára um ente! . . .

«O funeral, que teve lugar as 10 horas da manhã do dia immediato, foi o mais concorrido que se viu em Curityba, que soube assim prestar a ultima homenagem ao corpo do seu mais prestimoso cidadão.

«A camara municipal, encorporada,



a elle compareceu, bem como a congregação do Instituto Paranaense, e a associação allemã — Germania — além da irmandade da Misericórdia, da qual era elle digno provedor.

«O prestito, partindo da casa da família do finado, seguiu em direcção á matriz, onde tiveram logar as ceremonias religiosas, seguidas de um cantico funebre, pela — Germania.

«O Rev. vigario Agostinho Lima, em palavras transidas de verdadeira magua, memorou os reaes serviços prestados por tão illustre quão benemerito e caritativo varão, typo de virtudes.

«Da igreja foi o feretro acompanhado pela mesma massa de povo, que o tomára em casa, até o cemiterio, onde uma força de linha prestou as honras funebres a que o finado tinha direito por muitos titulos.

«Ao descer ao tumulo a preciosa reliquia, a associação allemã entouo novo cantico funebre, tomando assim essa triste scena o mais lugubre dos aspectos.

.....  
«Estava tudo consummado!

«Perdera a humanidade muito, é verdade, porém, ganhára um nome para a sua historia!

«O Dr. Muricy succumbira, apenas!

«Mas, se, ainda assim, o historiographo esquecer tão caro nome, mais tarde, quando a mão do homem ou a malefica acção do tem-

po derribar as elegantes ameias do hospital de caridade, quando desaparecerem aquellas gigantescas paredes, nas profundezas do solo achar-se-ha uma tosca pedra; e, lendo-se o nome de — Muricy — nella esculpido, dir-se-ha com a veneração com que foram traçadas estas linhas:

*«Foi o maior apostolo da caridade da época em que viveu!»*

— Esta biographia foi extrahida do opusculo publicado e distribuido em 1879 pelo benemerito cidadão Candido Martins Lopes, introductor da imprensa no Paraná, como justa homenagem ao Dr. José Candido da Silva Muricy.

A imprensa do Estado, registrando o doloroso passamento do eminente paranaense, teceu-lhe, nessa occasião, os mais sentidos panegyricos.

Assim é que o «Dezenove de Dezembro», em seu numero de 20 de Março de 1879, affirmava que «o Estado perdeu um dos mais distinctos e honrados de seus servidores, a provincia o mais infatigavel dos obreiros do seu progresso, a humanidade um fervoroso apostolo da Caridade.»

«O Echo do Paraná», de Paranguá, na mesma data noticiava o luctuoso facto, assim como «O Paranaense», de 23 do mesmo mez, em longo e sentidissimo necrologio, finalizado com as seguintes expressões:

«Morreu o primeiro cidadão de



Curitiba. Não é mais do mundo o medico sabio e compassivo, o amigo estremo, o servidor do paiz, que desce ao tumulto pranteado por uma população inteira.» O «Noticiario da Provincia do Paraná», da mesma data, publicando minuciosa noticia a respeito, narra:

«E' indiscrepivel a dôr, a consternação que este funesto acontecimento derramou sobre toda a população desta capital, sem distincção de nacionalidades, nem de partidos.

«Nunca a cidade de Curitiba cobriu-se de tão pesado luto.

«E' que o Dr. Muricy, por sua extrema bondade, proverbial modestia e edificante caridade, exercida no longo lapso de 25 annos nesta terra, havia ganho o coração de todos; e por seus serviços em prol da prosperidade desta provincia, que amava mais que a propria vida, fez jus a maxima gratidão de todos os seus habitantes.

«Apenas divulgada tão infausta noticia, as casas commerciaes desta cidade fecharam suas portas.

«Na camara municipal foi apresentada e unanimemente votada a seguinte moção:

«E' hoje um dia de luto para o municipio desta capital, pelo fallecimento do benemerito cidadão e humanitario medico Dr. José Candido da Silva Muricy. Em manifestação do profundo pesar de que se acha possuida esta corporação

por tão lamentavel acontecimento, indicamos que esta camara suspenda as suas sessões por oito dias e vá encorporada acompanhar o feretro do illustre finado. «Sala das sessões da camara municipal, em sessão extraordinaria de 20 de Março de 1879. — Ferreira de Moura. — Ennes Bandeira. — Ventura Torres. — Florindo da Motta. — Marçal de Oliveira. — Izaías Alves. — Santos Biscaia. — Dr. Valle.»

«A congregação do — Instituto Paranaense — resolveu que hontem não houvesse aulas, e os respectivos lentes, após o enterro, foram encorporados dar os pezames ao seu collega Dr. Pires de Carvalho, genro do finado.

«O sahimento foi o mais concorrido que se tem presenciado nesta capital: calcula-se em 1000 pessoas.

«Depois da encommendação solemne na igreja matriz, o Rev. Vigario Agostinho Machado Lima proferiu uma tocante allocução, memorando as preclaras virtudes e os numerosos serviços do Dr. Muricy, e a sociedade allemã — Germania — entoou um côro funebre.

«Da igreja matriz quasi todo o sequito acompanhou o feretro até o cemiterio, onde uma guarda do contingente de infantaria fez ao illustre finado as honras devidas ao seu posto de Capitão do corpo de saude.»

O «Echo do Paraná», no seu numero de 27 de Março, renova as



suas eloquentes expressões de pesar, sendo que «O Povo», de Morretes, em 26 de Março, acompanhando a dor geral, conclue o necrologio do extraordinario brasileiro affirmando:

«Cubra-se de crepe o Paraná. Começa a posteridade para o Dr. Muricy.»

— O Presidente da Provincia em seu Relatorio de 1880 a proposito da reorganisação da Santa Casa, diz, referindo-se a acção do Dr. José Candido da Silva Muricy:

«Dedicado incansavelmente a tão elevado pensamento, que foi sua preocupação de muitos annos, parece que ainda hoje o estímulo de seu exemplo paira sobre nós, e quando a humanidade afflicta deparar ahi com o allivio a seus padecimentos, repetirá entre suas orações e suas lagrimas, o nome benemerito do Dr. Muricy.»

— Curityba deu o seu nome a uma das suas mais bellas ruas, como justa homenagem a esse benemerito apostolo da sciencia, da caridade e da excelsa bondade de seu bem formado coração.

5-2 Iria Narcisa Ferreira da Luz, de pag. 165, foi casada em segundas nupcias com o Dr. Luiz Antonio Pires de Carvalho e Albuquerque, magistrado e advogado.

Teve do primeiro matrimonio:

6-1 Josephina Candido da Silva Muricy e Albuquerque, casada a 2 de Setembro de 1876 com o General Dr. Antonio

Carlos Pires de Carvalho e Albuquerque, viuvo de Ermelina Gitahy. Foi medico, chefe do Serviço Sanitario do Exercito. Teve:

7-1 Leonor de Carvalho e Albuquerque, casada em 1904 com o engenheiro militar Coronel Emydio de Castro e Silva.

Teve:

8-1 Antonio Carlos.

8-2 Josepha.

8-3 João Luiz.

8-4 Emydio.

7-2 José Pires de Carvalho e Albuquerque, capitão do exercito, casado em primeiras nupcias com Alvacelle de Castro, e em segundas nupcias com sua prima Odilia Luz.

Teve do 1.º matrimonio:

8-1

8-2

8-3

8-4

Sem filhos do 2.º matrimonio.

7-3 Heitor Pires de Carvalho e Albuquerque, casado com Aline Loyola, filha do Coronel Joaquim Antonio de Loyola e de Guilhermina Loyola.

Teve:

8-1 Walther.

8-2 Yollanda, fallecida.

8-3 Nelson.

8-4 Ieda.



7-4 Oscar Pires de Carvalho e Albuquerque.

7-5 Clotilde de Carvalho e Albuquerque, casada com o Dr. Antonio Pereira.

Teve:

8-1 Maria José.

6-2 Tenente Coronel José Candido da Silva Muricy, nascido em Curityba, a 30 de Julho de 1863.

Assentou praça no 1.º Batalhão de Engenheiros, a 5 de Março de 1883, matriculando-se nesse mesmo anno na Escola Militar da Praia Vermelha, tirando os cursos de Cavallaria e Infantaria.

Foi promovido a 2.º tenente de Artilharia em 4 de Janeiro de 1890, sendo então nomeado Auxiliar Technico da Comissão Estrategica do Paraná. Em 7 de Abril de 1892, foi promovido a 1.º tenente.

Durante a campanha federalista de 1893, fez parte das forças legaes de Santa Catharina ao mando do Coronel Julião Serra Martins, as quaes, sitiadas pelos revoltosos, tiveram de capitular. Logo em seguida serviu em Ambrosios, nas Tijucas-Paraná, onde defendeu com denodo a praça de guerra, que também capitulou ante a superioridade das forças inimigas. Em 1895 foi eleito deputado ao Congresso Legislativo do

Paraná, cujo mandato desempenhou até 1905.

A 15 de Novembro de 1897 foi promovido a capitão, sendo, em 11 de Maio de 1911, promovido a major.

Por decreto de 29 de Janeiro de 1913 foi-lhe concedida a medalha de ouro, por contar mais de 30 annos de serviços prestados a Patria.

Em 1818 foi compulsoriamente reformado, com 36 annos de relevantes serviços, no posto de Tenente Coronel.

E' socio fundador do Instituto Historico e Geographico do Paraná.

Publicou diversos trabalhos, sendo de se notar o livro «A Fóz do Iguassú», no qual fez um estudo abalizado sobre as bellezas extraordinarias dos Saltos do Iguassú.

Casou-se em 1893 com Hecilda Santos Andrade, filha do Dr. José Pereira Santos Andrade e de Anna Martins Andrade; casou-se, a 9 de Maio de 1903, em segundas nupcias, com Josephina Costa Carneiro, filha do capitalista David Antonio da Silva Carneiro e de Olympia Carneiro.

Teve do primeiro matrimonio:

7-1 Iria, fallecida em criança.

7-2 Dr. José Candido de Andrade Muricy, nascido no Barriguy (arredores de



Curitiba), a 4 de Dezembro de 1895.

Em 1913 matriculou-se na Universidade do Paraná, terminando seu curso de Direito na Faculdade de Sciencias Juridicas e Sociaes do Rio de Janeiro, em 14 de Janeiro de 1919.

Escriptor de merito, apesar de jovem já é uma figura de relevo na literatura brasileira.

Publicou os seguintes trabalhos: «Literatura nacional» (ensaio 1916); «Alguns Poetas Novos» (critica 1918); «Emiliano Pernetta» (estudo critico 1919); «O Suave Convivio» (ensaios criticos 1922). Trabalhos ineditos para entrarem ao prelo: «O Parnasianismo no Brasil» (estudo historico critico); «Elogios do Romantismo Brasileiro e outros estudos» (critica); «Os trabalhos de Hercules» (chronica de emoções).

7-3 Gilberto Candido da Silva Muricy.

Teve do segundo matrimonio:

7-4 Antonio Carlos.

7-5 Iria.

7-6 Josephina.

7-7 José Candido.

7-8 David.

7-9 Olympia.

7-10 Marina.

7-11 Anna Maria.

7-12 Raul, fallecido.

7-13 Eurico.

7-14 Marcello.

6-3 Coronel João Candido da Silva Muricy, nascido em Curitiba, a 15 de Dezembro de 1865.

Assentou praça na Escola Militar da Praia Vermelha, a 22 de Março de 1886, sendo desligado da mesma em 1895, por motivos de ordem politica. Voltando ao Paraná, foi nomeado em Novembro de 1899, para o cargo de Commissario de Terras do Jacaré-zinho.

Em 8 de Fevereiro de 1908, exerceu o cargo de Coronel Commandante do Regimento de Segurança Publica do Paraná. No governo do Dr. Xavier da Silva, foi nomeado para fiscal do serviço de colonização e discriminação de terras concedidas á companhia da Estrada de Ferro S. Paulo-Rio Grande, cargo que deixou em 1909, por ter sido nomeado inspector Agricola Federal.

Em 1917 foi nomeado director da Escola de Aprendizes Artifices de Goyaz e logo após para igual cargo de Santa Catharina. Casou-se, em 4 de Janeiro de 1902, com Iphygenia Bittencourt Muricy, filha do Coro-



nel Joaquim José Bellarmino de Bittencourt e de Libania Carneiro Guimarães Bittencourt.

Filhos:

7-1 José Joaquim Bittencourt Muricy.

7-2 Alilat.

7-3 Ruth.

7-4 Ivette.

6-4 Julio, falecido na infancia.

6-5 Julia Muricy Sebrão, casada com o Dr. Arthur de Almeida Sebrão, medico da armada. Sem descendentes.

6-6 Capitão Jayme Muricy, casado com Angelica von Meien, filha de Oscar von Meien e de sua mulher Rosa Stellfeld von Meien.

Teve:

7-1 José Muricy.

7-2 Mercedes Muricy.

7-3 Jayme Muricy Filho.

7-4 Ellinor Muricy.

7-5 Milton Muricy.

7-6 Ivonne Muricy.

7-7 Ivette.

7-8 Nice.

7-9 Ionne.

6-7 Joaquim Muricy, falecido, casado com Odila Belford.

Teve:

7-1 José Joaquim.

Do segundo matrimonio, Iria Narcisa Ferreira da Luz — 5-2 de 4-1, teve:

6-8 Maria Clara, casada com José Corrêa de Souza Pinto, distincto funcionario da Fazenda, com exercicio na Conta-

doria Geral da Republica, filho do Coronel Constante de Souza Pinto e de sua primeira mulher Francisca Corrêa de Souza Pinto.

5-3 Maria da Luz Amaral, casada com o Dr. Joaquim José do Amaral, magistrado.

Teve:

6-1 Dr. Aureliano Ferreira do Amaral, bacharel, casado com Jenny Monteiro.

Teve:

7-1 Flavio.

6-2 Anna da Luz Amaral e Souza, casada com Ernesto de Souza, pharmaceutico, com descendentes.

6-3 Rita de Cassia do Amaral, casada com o Dr. Sylvio Pellico Portella.

6-4 Joaquim da Luz Amaral.

5-4 Eugenio Ferreira da Luz, casado com Carolina Munhoz da Luz, filha do Coronel Caetano José Munhoz 4-1 de 3-9 adiante.

Teve o filho:

6-1 Eugenio, falecido.

5-5 Julia da Luz Santos, casada com Horacio Ricardo dos Santos, importante industrial e capitalista, em Morretes, filho do Commendador Antonio Ricardo dos Santos e de Cordula Martins dos Santos. Neto pelo lado paterno do sargento-mór Antonio Ricardo dos Santos e de sua segunda mulher Maria da Luz Paraizo. Com ascendentes descriptos em Titulo Rodrigues de França.



Teve:

6-1 Julia da Luz Santos, nascida em Buenos Ayres, a 20 de Agosto de 1872, falecida em Curityba a 9 de Abril de 1912, casada no dia 24 de Janeiro de 1889 com o Coronel Antonio Leopoldo dos Santos, nascido em Morretes a 12 de Maio de 1867 e falecido em Curityba a 3 de Dezembro de 1918, filho do Coronel José Antonio dos Santos e sua mulher Francisca da Luz Santos. Com ascendentes descriptos em Título Rodrigues de França.

Filhos:

7-1 Sarah dos Santos Almeida, casada no dia 4 de Fevereiro de 1914 com Arthur Penteado de Almeida.

Filhos:

8-1 Maria.

8-2 Arthur.

8-3 Alceu.

8-4 Annete.

7-2 Julia dos Santos Carneiro de Quadros, casada em primeiras nupcias a 4 de Janeiro de 1913, com Francisco Ferreira da Costa, falecido a 4 de Agosto do mesmo anno. Casada em segundas nupcias com Alfredo Carneiro de Quadros.

Teve do primeiro matrimonio:

8-1 Francisco, nascido a 15 de Novembro de 1913.

Do segundo matrimonio teve:

8-2 Acyr.

7-3 Dr. Antonio Leopoldo dos Santos, nascido a 3 de Novembro de 1895. Formado em sciencias juridicas e sociaes em 1917, pela Faculdade de Direito do Paraná. Exerceu os cargos de Promotor Publico das Comarcas de Serro Azul, Araucaria e S. José dos Pinhães. Foi Juiz Municipal do Termo de Morretes, Comarca de Antonina. Foi Juiz de Direito de Palmas, Imbituva e actualmente da Comarca de Campo Largo.

Casado, a 20 de Maio de 1920, com Andyra Carvalho de Oliveira Santos, filha de Viriato Carvalho de Oliveira e sua primeira mulher Aristida Rocha; neta pela parte paterna do Coronel João Carvalho de Oliveira e de sua segunda mulher Maria da Luz e Oliveira; neta pela parte materna do Capitão Florencio Munhoz da Rocha e sua mulher Maria da Luz Ferreira Bello.



Teve:

8-1 Antonio, nascido em Curityba a 15 de Agosto de 1924.

7-4 José Antonio dos Santos, nasceu no Bariguy a 26 de Outubro de 1897. Foi academico de engenharia. Dedicou-se ao commercio. Casado com Maria da Luz Santos.

Teve:

8-1 Newton.

7-5 Horacio dos Santos, nascido a 5 de Abril de 1900, industrial no Iraty. Casado com Carolina Cunico dos Santos.

7-6 Francisca dos Santos Miranda, casada com Gilberto Xavier de Miranda, filho do capitalista Guilherme Xavier de Miranda e sua segunda mulher Maria Thereza Bitencourt de Miranda.

Filhos:

8-1 Maria Thereza.

8-2 Mercedes.

7-7 Cordula dos Santos Araujo, casada com José Carvalho de Araujo.

Filho:

8-1 Hamilton.

6-2 Antonio, fallecido.

6-3 Sarah da Luz Santos Romagueira, nasceu em Buenos Ayres a 4 de Julho de 1875, casada a 4 de Janeiro de 1893 com Luiz Romagueira, nasci-

do a 1.º de Julho de 1860 na Freguezia do Engenho Velho, Estado do Rio de Janeiro. Filho de Dom Jayme Romagueira, natural da Hespanha, de S. Felix do Quixolo, e de sua mulher Luiza Aguiar Romagueira, natural do Rio de Janeiro. Dom Jayme chegou ao Rio em 1835, onde se estabeleceu com casa commercial. O activo industrial Luiz Romagueira tem sido no Estado um dos mais importantes factores do progresso da industria da madeira, da qual foi um dos primeiros exportadores.

Homem activo e emprehendedor, procurou novas fontes commerciaes para a introdução do Pinho do Paraná, que até ha pouco tempo, tinha pequena aceitação fóra do Paraná. Triumphou a custa de tenacidade e firme orientação e honestidade commercial e individual.

Teve:

7-1 Lucia dos Santos Romagueira.

7-2 Julia dos Santos Romagueira.

7-3 Maria Luiza Romagueira de Macedo, casada com o bacharel James Portugal de Macedo, filho do Dr. Francisco Ribeiro de Azevedo Macedo e de sua mulher Clotilde Portugal de Macedo.



7-4 Luiz dos Santos Romagueira, nascido a 4 de Março de 1907.

5-6 Coronel João Ferreira da Luz, casado com Maria da Cunha Luz, filha do Dr. João Manoel da Cunha e de sua segunda mulher Maria Elisa Deslandes da Cunha, falecida a 6 de Setembro de 1870; neta pela parte paterna do Tenente Coronel da 1.<sup>a</sup> Linha João Manoel da Cunha e de sua mulher Gertrudes Maria da Cunha; neta pela parte materna de Simão José Henriques Deslandes, natural de Marselha, e de sua mulher Edwigem Marcília de França, por esta, bisneta do Capitão Francisco Carneiro dos Santos e de sua mulher Anna Maria de Jesus.

Teve:

6-1 Dr. Vicente Ferreira da Luz, medico, nascido a 28 de Janeiro de 1886, casado com Nerina do Amaral Souza, filha de Ernesto Souza e de Anna do Amaral.

Teve:

7-1 Helio.

7-2 Yêda.

7-3 Haroldo.

6-2 Odilia Ferreira da Cunha Luz, casada em primeiras nupcias com o Dr. Miguel Severo de Santiago, filho de Francisco Januario de Santiago e de sua primeira mulher. Sem descendentes.

Casou-se em segundas nupcias com o Capitão do Exército

José Pires de Carvalho e Albuquerque, filho do Dr. Antonio Carlos Pires de Carvalho e Albuquerque e de sua mulher Josephina Muricy.

6-3 Dr. Brásilio Ferreira da Cunha Luz, engenheiro civil, nascido em 17 de Maio de 1896.

5-7 Dr. Brásilio Ferreira da Luz, nascido nos arredores de Curitiba a 29 de Setembro de 1858.

Formou-se em medicina, no dia 30 de Dezembro de 1885, pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

Em 1877 foi eleito, pelo Partido Conservador do Paraná, para o lugar de Deputado á Assembléa Legislativa Provincial.

Iniciado que foi o regimen republicano, retirou-se o Dr. Brásilio Luz do scenario politico, para se preocupar inteiramente com os seus misteres de clinico.

Em Março de 1890, entrou como capitão, para o corpo de Saúde do Exército.

Foi eleito, em 1893, Deputado ao Congresso Legislativo do Paraná. Durante a revolução federalista e a revolta da Armada (1893-1894) o Dr. Brásilio Ferreira da Luz serviu nas hostes da legalidade.

Findo que foi o periodo revolucionario, em 1894, reoccupou a sua cadeira no Congresso Estadual. Em 30 de Dezembro de 1894, foi eleito para o cargo de Deputado Federal, sendo reeleito no anno



de 1897. Quando terminou este mandato, foi eleito Senador da Republica pelo Paraná.

Em 1914, terminados que foram os seus poderes politicos na Capital da Republica e no Paraná, reformou-se como Coronel medico do Exercito.

Casado com Maria Pereira de Souza Barros, filha do Barão da Vista Alegre; já falecida.

Teve:

6-1 Maria.

6-2 Brasílio Ferreira da Luz, casado com Nair Madureira Bittencourt, filha de Fernando de Bittencourt e Paula Madureira Bittencourt.

Teve:

7-1 Mary.

7-2 Brasílio.

7-3 Fernando.

7-4

6-3 Dr. Fausto Ferreira da Luz, casado com Eloisa Ferreira da Luz, filha do Coronel José Ferreira da Luz, 5-9 abaixo.

Teve:

7-1 Nelson, nascido a 6 de Abril de 1915.

7-2 Maria José.

6-4 Carmen.

6-5 Esther, falecida.

5-8 Florencia da Luz Azambuja, casada a 16 de Novembro de 1868, com o Dr. Laurentino Argêo de Azambuja, viuvo de Amenayde Monteiro. Foi director do importante e modelar estabelecimento de ensino secundario «Parthenon Pa-

ranaense». Faleceu em 1922, sendo lente cathedratico de francez do Gymnasio Paranaense. Era medico. Foi do corpo de saúde do exercito.

Teve:

6-1 Rachel, falecida.

6-2 Esther, solteira.

5-9 Coronel José Ferreira da Luz, ex-tabellião de Curityba; homem de prestigio politico. Casou-se com Bertholina Pereira da Luz, nascida em 16 de Março de 1864, filha do Coronel Francisco da Silva Pereira e de Constança Bertholina Ribas.

Teve:

6-1 Dr. Flavio Ferreira da Luz, nascido a 18 de Agosto de 1887, casado com sua prima Sarah Lopes, filha do Coronel Jesuino da Silva Lopes e de Amelia da Silva Pereira Lopes.

Fez os seus estudos preparativos em Curityba, matriculando-se em 1904 na Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, onde recebeu o grande Bacharel em 27 de Dezembro de 1908. Voltou á sua terra natal tendo occupado logo em seguida o cargo de Secretario do Superior Tribunal de Justiça. Redactoriou por essa occasião a Revista de Direito do Paraná. Em 14 de Abril de 1909 contrahio casamento. Em Dezembro desse anno foi nomeado official interino do Registro de Im-



moveis e Titulos da Capital, no impedimento de seu pae, licenciado. Por essa occasião dedicou-se ao magisterio, leccionando particulamente, até que em Fevereiro de 1912 adquiriu por compra ao Dr. Marins de Camargo o «Gymnasio Curitybano», que dirigiu até fins de 1916.

Em Janeiro de 1913, tendo-se dimittido do seu cargo o serventuario effectivo, seu pae, habilitou-se em concurso e a 11 de Abril do mesmo anno foi promovido vitaliciamente no cargo de official do Registro de Immoveis, Titulos e Documentos da Comarca da Capital. Em Junho de 1915 fundou a «Revista de Espiritualismo», que vem dirigindo ininterruptamente até esta data. Como adepto e defensor dos ideaes pregados pelo Espiritismo; desde aquella data vem collaborando na imprensa da Capital sobre esses assumptos e sobre assumptos sociaes, tendo mantido varias polemicas com adeptos do romanismo e do protestantismo. E' casado com sua prima Sarah Lopes, filha do Coronel Jesuino da Silva Lopes e de sua mulher Amelia da Silva Pereira Lopes.

Filhos:

7-1 Cid, nascido a 10 de Janeiro de 1910.

7-2 Clotilde, nascida a 16 de Dezembro de 1912.

7-3 José, nascido a 8 de Março de 1914.

7-4 Ruy, nascido a 23 de Julho de 1915.

7-5 Laura, nascida a 21 de Setembro de 1920.

6-2 Eloisa, nascida a 22 de Junho de 1892, casada com o Dr. Fausto Ferreira da Luz, seu primo, 6-3 de 5-7 retro. Filhos:

7-1 Nelson, nascido a 6 de Abril de 1915.

7-2 Maria José, nascida a 18 de Dezembro de 1917.

6-3 Eloyna, nascida a 21 de Setembro de 1894.

6-4 Stella, nascida a 4 de Maio de 1896, casada com Alcides Madureira Bittencourt, filho do Coronel Fernando Bittencourt e de Paula Madureira Bittencourt.

Filhos:

7-1 Edgard, nascido a 24 de Agosto de 1921.

7-2 Eleonora, nascida a 20 de Setembro de 1924.

6-5 Eurico Dulce.

4-2 Manoel Polydoro, filho de 3-5, casado com Anna Maria Gomes da Silva.

Teve (por informações):

5-1 Iria Polydoro Bühler, casada com Conrado Bühler.

Teve:

6-1 Conrado Bühler Filho, casado com Rosa Prohmann.

Teve:



- 7-1 Julieta Bühler.
- 7-2 Harmen Bühler.
- 7-3 Leonor Bühler.
- 7-4 Waldivio Bühler.
- 7-5 Adalvina Bühler.
- 7-6 Carmen Bühler.
- 7-7 Oscar Bühler.
- 7-8 Odemar Bühler.
- 7-9 Milton Bühler.
- 6-2 Ludovico Bühler, casado com Athalia Cunha.  
Teve:
  - 7-1 Olavina Bühler.
  - 7-2 Octacilio Bühler.
- 6-3 Maria Lydia Coimbra, casada com Horacio de Bastos Coimbra.  
Teve:
  - 7-1 Heraclides de Bastos Coimbra.
  - 7-2 Dr. Felinto de Bastos Coimbra.
  - 7-3 Dr. Decio de Bastos Coimbra.
  - 7-4 Moacyr de Bastos Coimbra.
  - 7-5 Lourival de Bastos Coimbra.
  - 7-6 Venina de Bastos Coimbra.
  - 7-7 Olvidia de Bastos Coimbra.
  - 7-8 Anna de Bastos Coimbra.
  - 7-9 Edelvira de Bastos Coimbra.
  - 7-10 Ondina de Bastos Coimbra.
- 5-2 Januaria Polydoro Müller, casada com João José Pedro Müller.  
Teve:

- 6-1 Maria Müller Rohn, casada com Emilio Carlos Rohn.  
Teve:
  - 7-1 Gustavo Müller Rohn, empregado na Administração dos Correios do Paraná, casado com Honorina Tobias Müller.  
Teve:
    - 8-1 Adolpho Antonio Müller.
    - 8-2 Estella Müller de Campos, casada com Waldemar de Campos.
    - 8-3 Irene.
  - 7-2 Alfredo Rohn, casado com Adelaide de Azevedo, filha de Ildefonso de Azevedo e de Izabel Ventura.  
Teve:
    - 8-1 Alfredo Rohn.
    - 8-2 Adolpho Rohn.
    - 8-3 Alba Rohn.
    - 8-4 Alice Rohn.
    - 8-5 Olga Rohn.
    - 8-6 Maria Rohn.
    - 8-7 Isabel Rohn.
  - 7-3 Margarida Rohn da Cunha, casada com Cezar Cunha, filho de Manoel Cunha e de Maria Caetano Cunha.
  - 7-4 Antonio Rohn, casado com Francisca Candida Pereira Rohn, filha de Antonio Arlindo Pereira e de Rosa Pereira.  
Teve:
    - 8-1 Acyr Rohn.



- 8-2 Maria Rohn.
- 8-3 Rosa Rohn.
- 8-4 Deleuza Rohn.
- 8-5 Augusta Rohn.
- 8-6 Zely Rohn.
- 7-5 Emilio Rohn, casado com Anna Martins Gomes, professora normalista, filha de Manoel Gomes e de Joaquina Mendes Gomes.
- Filhos:
  - 8-1 Herzondina.
  - 8-2 Wilson.
  - 8-3 Norma.
- 7-6 Augusto Rohn, casado com Augusta de Oliveira, filha de Euclides de Oliveira e de Maria Azevedo. Augusta de Oliveira faleceu em Morretes em Dezembro de 1925 em consequencia de um parto de quatro crianças, nascidas a termo, dos quaes falleceram tres, quinze dias após o nascimento, e um filho faleceu algum tempo depois.
- Teve:
  - 8-1 Newton.
- 7-7 Thereza, solteira.
- 7-8 Francisco, fallecido.
- 7-9 Manoel, fallecido.
- 6-2 Augusta Müller, casada com Francisco do Rosario, filho do Major Zeferino José do Rosario e sua mulher Carmelina Monteiro do Rosario.

- Sem geração.
- 6-3 Iria Müller Ayrosa, fallecida, foi casada com João Antonio Ayrosa.
- Teve:
  - 7-1 Benedicto.
- 6-4 Euclides Müller, fallecido, foi casado com Maria de Azevedo.
- Teve:
  - 7-1 Augusta.
  - 7-2 Thereza.
  - 7-3 Maria da Luz.
- 6-5 Antonio Müller, falleceu solteiro.
- 6-6 Brasiliano Müller, falleceu solteiro.
- 4-3 Benedicta dos Prazeres Loyola, filha de 3-5, foi casada com o Capitão João de Loyola e Silva.
- Teve:
  - 5-1 Major Vicente Ferreira de Loyola, fallecido. Foi importante industrial no municipio de Morretes, homem de grandes dotes moraes, bondoso e philantropico. Era estimadissimo. Casado com Luiza do Nascimento Loyola, filha de Manoel Ricardo do Nascimento e de sua primeira mulher Maria Caetano de França, fallecida.
- Casado em segundas nupcias com Maria Narciza de Loyola, viuva de João Ricardo Guimarães. Titulo Rodrigues Freire. 5-6 de 4-5 de 3-2, filha do Coronel José Antonio dos Santos e de sua mulher Francisca da Luz Santos.
- Teve do primeiro matrimonio:
  - 6-1 Brasilio de Loyola, fallecido.
  - 6-2 Guilhermina de Loyola Mar-



condes, foi a primeira esposa do Coronel Amazonas de Araujo Marcondes, importante chefe político em União da Victoria, falecido em 1924, não deixando geração desse matrimonio.

6-3 Argemiro de Loyola, casado com Targina Celestina de Oliveira Loyola; falecido, não deixou descendencia.

6-4 Maria Luiza de Loyola, falecida. Foi casada com seu tio Major Agostinho Ferreira de Loyola, de quem foi primeira mulher.

Com descendentes descriptos em 5-2 que se segue.

6-5 Professora Julia de Loyola, foi a segunda mulher do Major Agostinho Ferreira de Loyola, viuvo de sua irmã 6-4.

Com descendentes descriptos em 5-2 adiante.

6-6 Ottilia Loyola.

6-7 Joaquim Loyola.

O Major Vicente Ferreira de Loyola, 5-1 retro, teve de seu segundo matrimonio os seguintes filhos:

6-8 Brasilia Loyola de Oliveira, casada com José Secundino de Oliveira, teve:

7-1 Hilda Loyola de Oliveira Carneiro, casada com o Tenente Antonio Carlos Carneiro, filho do Capitão Antonio Carlos Carneiro e sua mulher Catharina de Souza Carneiro.

Com descendentes em Titulo Rodrigues de França.

7-2 Moyses Loyola de Oliveira.

7-3 Laura Loyola de Oliveira Grein, casada com o professor normalista Victor Grein, falecida em consequencia de seu primeiro parto.

7-4 José Loyola de Oliveira.

6-9 Henrique Ferreira de Loyola, casado com Anizia Gomes de Loyola, filha do coronel e importante industrial Antonio Gomes e sua mulher Maria das Dores Lacerda. Neta pela parte paterna do tenente coronel Francisco Gonçalves Cordeiro Gomes e sua mulher Joaquina da Cruz Gomes; neta pela parte materna do tenente coronel José Bento de Lacerda e sua mulher Lydia Josepha de França. Com descendentes em Titulo Rodrigues de França.

6-10 José Loyola.

6-11 Vicente Loyola.

6-12 Narciza Loyola.

6-13 Humberto Loyola.

6-14 Euclides Loyola.

6-15 Francisco Loyola.

6-16 Maria Julia de Loyola Abreu, falecida em Curityba em Dezembro de 1923, foi casada com o coronel Leopoldino de Abreu, abastado negociante e prestigioso chefe político em Antonina; de quem foi a segunda mulher.



Com descendentes em Título Rodrigues de França.

- 5-2 Major Agostinho Ferreira de Loyola, nascido a 21 de Dezembro de 1849, falecido a 19 de Agosto de 1899. Prestou bons serviços militares a legalidade durante a revolta de 1893. Era empregado do serviço da fiscalização das rendas do Estado. Foi casado em primeiras nupcias com sua sobrinha Maria Luiza de Loyola, 6-4 retro, e em segundas nupcias a 13 de Janeiro de 1888 com sua cunhada professora Julia de Loyola, irmã da precedente.

Teve do primeiro matrimonio:

- 6-1 Professora Julia Alice de Loyola Monteiro, formada pela Escola Normal de Curityba, casada a 12 de Junho de 1909 com Oliverio Monteiro Junior, filho do Major Oliverio de Oliveira Monteiro e de sua mulher Beliza da Silva Monteiro.

Sem filhos.

- 6-2 Leoncio Laurentino de Loyola, falecido a 30 de Novembro de 1918, foi casado a 12 de Setembro de 1908 com Maria Julia Monteiro de Loyola, filha do Major Oliverio de Oliveira Monteiro e de sua mulher Beliza da Silva Monteiro.

Filhos:

7-1 Maria de Lourdes.

7-2 Francisco.

- 6-3 Vicente de Loyola, casado a

7 de Novembro de 1901 com Carmella Bevilacqua de Loyola, filha de Miguel Bevilacqua e de sua mulher Carmella Bevilacqua.

Filhos:

7-1 Maria Luiza de Loyola Antunes, casada a 28 de Fevereiro de 1923 com Mario Antunes.

7-2 Nair de Loyola Alice, casada a 30 de Janeiro de 1926 com Armando Alice.

7-3 Dinah Loyola.

Filhos do segundo matrimonio:

- 6-4 João Argemiro de Loyola, casado a 30 de Abril de 1919 com Maria da Gloria Saldanha de Loyola, filha de Pedro da Costa Saldanha e de sua mulher Dulce da Costa Saldanha.

Filhos:

7-1 Agostinho.

7-2 Acyr.

- 6-5 Tenente Humberto Agostinho de Loyola, official da 2.<sup>a</sup> linha do exercito, empregado ferroviario, casado a 20 de Abril de 1915 com Romilda Azevedo de Loyola, filha do Major Manoel de Souza Azevedo Junior e de sua mulher Zulmira Andrade de Azevedo.

Teve:

7-1 Diva, nascida a 11 de Dezembro de 1918.

- 5-3 Coronel Joaquim Antonio de Loyola, foi importante chefe politico em



Antonina e acreditado industrial de herva matte.

Nos ultimos annos de sua vida exerceu o cargo de collecter das rendas estadoaes de Curityba. Casado com Guilhermina dos Santos Loyola, filha do coronel José Antonio dos Santos, importante capitalista e industrial e de sua mulher Francisca Maria da Luz.

Teve:

6-1 Tenente Coronel Lauro do Brasil Loyola, commerciante, foi Prefeito Municipal de Antonina, deputado estadual, casado com Anna Emilia Soares Gomes, filha do Coronel Antonio Soares Gomes e de sua mulher Maria Julia Soares, com ascendentes no titulo — Rodrigues de França.

Teve:

7-1 Ismenia.

7-2 Raul.

7-3 Ruth.

7-4 Ruy.

7-5 Rachel.

7-6 José Guilherme.

6-2 Dr. José Guilherme de Loyola, nascido em São João da Graciosa, municipio do Porto de Cima, a 16 de Janeiro de 1874. Matriculou-se em 1893 na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, completando seus estudos em 1899.

Em 1908 foi nomeado director do serviço de hygiene do Estado, exercendo esse cargo até 1912.

Em 1917 foi nomeado medico da Força Publica do Estado com o posto de major, cargo em que se acha até hoje. E' director do Hospicio de N. S. da Luz, desde a época da sua inauguração.

Occupou uma cadeira no Congresso Legislativo do Estado, em duas legislaturas, 1902—1906, havendo-se com grande independencia.

E' lente cathedratico da cadeira de clinica neurologica e psiquiatrica da Faculdade de Medicina da Universidade do Paraná.

Casou-se em 7 de Maio de 1903 com Maria Augusta Carneiro de Loyola, filha do Coronel David Antonio da Silva Carneiro, abastado capitalista e de sua mulher Olympia da Costa Carneiro, ambos já fallecidos.

Teve:

7-1 Maria José.

7-2 Dr. José Maria Carneiro de Loyola, engenheiro civil pela Universidade do Paraná, formado em Dezembro de 1925.

7-3 Lauro Carneiro de Loyola, funcionario bancario.

7-4 Odette.

6-3 Helena de Loyola, casada em primeiras nupcias com o Dr. Vicente Machado da Silva Lima, filho de José Machado da Silva Lima e sua segunda



mulher Anna Guilhermina Pinheiro Lima, de cujos traços biographicos e ascendentes trataremos neste mesmo titulo. Foi casada em segundas nupcias com o Dr. Bento Lamenha Lins, que foi deputado federal e secretario do interior do Estado do Paraná; era filho do illustre pernambucano Dr. Adolpho Lamenha Lins, um dos mais competentes homens de governo da antiga Provincia, que muito lhe deve, principalmente na parte relativa ao serviço de colonização, que com grande criterio localizou nos arredores de Curityba e no littoral, e de sua mulher Candida Corrêa Benevides Lins, natural de Pernambuco. Teve, do seu primeiro matrimonio:

7-1 Laura Loyola Machado Lima.

7-2 Vicente, fallecido.

7-3 Sarah Machado Cavalcanti, casada com o tenente do Exercito Léo Cavalcanti, filho do General Carlos Cavalcanti de Albuquerque e de sua mulher Francisca Munhoz Cavalcanti, adiante.

Ahi os descendentes.

7-4 Gastão de Loyola Machado Lima.

7-5 José, fallecido.

Teve do seu segundo matrimonio:

7-6 Helena.

7-7 Adolpho.

6-4 Joaquim dos Santos Loyola, fallecido.

6-5 Aline dos Santos Loyola, casada com o capitão do exercito Heitor Pires de Carvalho e Albuquerque.

Filhos:

7-1 Walter.

7-2 Yolanda, fallecida.

7-3 Nelson.

7-4 Yeda.

6-6 Dr. Joaquim Antonio dos Santos Loyola Filho, medico, residente em Ponta Grossa, casado com Haydée Fonseca de Loyola.

Filhos:

7-1 Renée.

7-2 Arlete.

7-3 Wilson.

5-4 Antonio Ferreira de Loyola, casado com Rosa Luiza de Bittencourt Loyola.

Teve:

6-1 Joaquim de Bittencourt Loyola.

6-2 Castorina Loyola Silva, fallecida, casada com Bernardo Silva.

6-3 Leocadia Loyola, casada com Bernardo Silva, viuvo de 6-2.

Teve:

7-1 Emilia Loyola, casada com Joaquim Duarte de Camargo.

Teve:

8-1 Maria Candida.

8-2 José.

8-3 Antonio.



5-5 José Ferreira de Loyola, casado com Maria Rosa de Bittencourt Loyola, 5-5 de 4-3, de 3-5 de 2-7, § 1.º do Cap. 2.º do Título Rodrigues de França.

Teve:

6-1 Professor Arthur Ferreira de Loyola, nascido em Morretes no dia 17 de Outubro de 1862.

Vindo para Curityba, fundou um importante e acreditado internato e externato que, tomou grande impulso, tornando-se desde logo um estabelecimento modelar de instrução secundaria. Annos depois deixou o collegio para gerir um estabelecimento commercial nesta cidade.

Occupou varios cargos de eleição na capital.

Trabalhador incansavel, de grande honestidade.

Em 29 de Março de 1916 foi nomeado Lente cathedratico da cadeira de Pedagogia, moral, Direito Patrio e Economia Politica da Escola Normal.

A 2 de Junho permutou a referida cadeira com a de Portuguez do Gymnasio Paranaense, então regida pelo Dr. Francisco Ribeiro de Azevedo Macedo, conservando-se até hoje nesse laborioso e nobilitante encargo. Pedagogo notavel e illustrado, vem prestando ao Paraná relevantes

serviços, com modestia e bondade.

Casado com Domitila Moura de Loyola, filha do capitão Antonio Augusto Ferreira de Moura e de sua mulher Porcina Borges de Moura.

Teve:

7-1 Dr. Leonidas de Loyola, advogado, casado com Edith do Nascimento Loyola.

Teve:

8-1 Carlos Eduardo, fallecido.

8-2 José Antonio.

7-2 Dr. Levy de Loyola, medico, fallecido a 2 de Julho de 1922.

7-3 Marilia, fallecida na infancia.

6-2 Major João Pedro de Loyola, casado com Maria Rosa de Loyola.

Teve (por informações):

7-1 Ocraina de Loyola, casada com Ascendino Ferreira do Nascimento, filho do Coronel Ascendino Ferreira e de sua mulher Emilia Alves do Nascimento.

Teve:

8-1 Boabidil Ferreira do Nascimento.

8-2 Fernando Ferreira do Nascimento.

7-2 Percival Loyola, casado no dia 31 de Julho de 1924 com Annita Romero Loyola, filha de



João Pedro Romero e de  
sua mulher Hyppolita  
Alves Vieira Romero.

Filhos:

8-1 João.

8-2 Eraylde.

7-3 Marina.

7-4 Nelma.

6-3 Honorina Loyola, casada com  
Victoriano Bacellar Filho.

Teve (por informações):

7-1 Zeneida.

7-2 Maria Rosa.

7-3 Zeno Bacellar.

7-4 Aroldo.

7-5 Cecília.

7-6 Moacyr Bacellar.

7-7 Manoel.

7-8 José.

6-4 Maria Clara Loyola da Sil-  
veira, nascida a 5 de Julho  
de 1865, casada a 20 de Mar-  
ço de 1880, em Morretes, com  
Cassiano da Silveira, nascido  
a 13 de Agosto de 1850, fi-  
lho de Manoel Lopes Trigo\* e  
de sua mulher Maria Correia  
Silveira, naturaes de Iguape,  
residentes na cidade de San-  
tos, Estado de São Paulo.

Teve (por informações):

7-1 Izaú Silveira, casado com  
Alice Breyne, filha de Af-  
fonso de Breyne e de sua  
mulher Alzira de Breyne.

Filhos:

8-1 Oswaldo.

8-2 Ivette.

8-3 Paulo.

8-4 Maria de Lourdes.

8-5 Roberto.

8-6 Ilza.

8-7 Gilberto.

7-2 Abimael Silveira, casado  
com Albertina Neves da  
Silveira, filha da viuva  
Fausta de Andrade Neves.

7-3 Sarah Silveira.

7-4 Laura Silveira Cyrne, ca-  
sada com José Alcides  
Cyrne, filho de José Cyr-  
ne e de sua mulher Anna  
Adelia Cyrne.

Teve:

8-1 Helio.

7-5 Apollo Silveira, falecido,  
foi casado com Dora Sal-  
tine Silveira, filha do Dr.  
João Saltine e de sua  
mulher Eliza Saltine.

Teve:

8-1 Dory.

7-6 Rachel Silveira da Costa,  
casada com Antonio Ro-  
drigues da Costa, filho  
de Antonio Rodrigues da  
Costa e de sua mulher  
Maria Luiza Rodrigues  
da Costa.

Teve:

8-1 Aroldo.

8-2 Alberto.

7-7 Maria José Silveira.

7-8 Honorina Silveira.

7-9 Esther Silveira.

6-5 Lucio de Loyola, casado com  
Augusta Martins de Loyola,  
filha de Bento Martins Coe-  
lho e de sua mulher Maria  
Francisca Martins.



Filhos (por informações):

7-1 Eudoxia.

7-2 Nathalia.

7-3 Marietta Loyola, casada com Francisco Soares Raposo.

Teve:

8-1 Neuza.

7-4 Lucio.

7-5 José.

7-6 Sylvia, falecida.

7-7 Maria de Lourdes.

7-8 Luiz Felipe.

6-6 Theophilo Loyola, casado com Francisca de Oliveira Ribas Loyola, filha de Francisco de Oliveira Sá Ribas e de sua mulher Maria do Carmo Ribas.

Filhos (por informações):

7-1 Maria do Carmo Loyola Guimarães, casada com Clovis Baptista Guimarães.

7-2 Cecilia Loyola.

7-3 José Ribas de Loyola.

7-4 Maria Francisca Ribas de Loyola.

7-5 Maria Christina Ribas de Loyola.

7-6 João Ribas de Loyola.

7-7 Maria Rosa Ribas de Loyola.

7-8 Maria de Lourdes Loyola.

7-9 Maria da Aparecida Loyola.

Teve mais 3 filhos falecidos em criança.

5-6 Maria Benedicta de Loyola, casada com José Celestino de Oliveira. Teve (por informações):

6-1 Targina Loyola de Oliveira, falecida, foi casada em primeiras nupcias com seu primo Argemiro Ferreira de Loyola, 6-3 de 5-1, e em segundas nupcias com Olavo Guimarães Corrêa.

Sem descendentes.

6-2 José Celestino de Oliveira Junior, falecido, foi director e redactor chefe do «Diario da Tarde», jornal que se publica n'esta capital, logo após a sua fundação. Espirito organisador e pratico, ficou com a parte material do jornal entregando a Euclides Bandeira a direcção mental e intellectual do mesmo. Ambos deram ao jornal uma criteriosa e intelligente orientação, apreciando os factos com imparcialidade, analysando-os desapassionadamente e servindo, em todos os transes, de arauto decisivo do direito do povo.

Foi casado com Augusta Rodrigues de Oliveira, filha de Antonio José Rodrigues, importante capitalista desta praça, falecido em sua patria, Portugal, e de sua mulher Maria da Gloria Tinoco.

Filhos:

7-1 Aracy de Oliveira Riedel, nascida a 29 de Setembro de 1892, casada a 8 de Outubro de 1910 com o professor Hugo Oswaldo Riedel, Lente



da Faculdade de Pharmacia da Universidade do Paraná e da Escola Agronomica, filho de Hugo Riedel, natural da Alemanha, de onde veio para o Brasil com 4 annos de idade. Foi tabellião vitalicio em Blumenau, onde representou papel saliente, sendo professor de portuguez da escola allemã e dentista. Amante fervoroso do Brasil; e de sua mulher Anna Hesse, natural de Santa Catharina, que pela sua parte materna pertencia á nobreza allemã.

Teve:

8-1 Diva de Oliveira Riedel, nascida a 1.º de Dezembro de 1911.

8-2 Oswaldo de Oliveira Riedel, nascido a 20 de Julho de 1913.

8-3 Juracy de Oliveira Riedel, nascida a 14 de Novembro de 1918.

7-2 Argemiro Celestino de Oliveira, negociante, estabelecido no Rio de Janeiro, nascido a 23 de Maio de 1893, casado em Maio de 1925 com Laura Capelline.

7-3 Maria da Gloria, nascida em 8 de Agosto de 1894,

viuva de Alcebiades da Penha Lima.

Teve:

8-1 Cilly, com 4 annos.

8-2 Orlando, com 2 annos.

6-3 Capitão João Celestino de Oliveira, fallecido a 30 de Junho de 1924, casado com Celmira Freitas de Oliveira, filha de Antonio do Valle e de sua mulher Marcia Paim de Oliveira.

Filhos:

7-1 Geny de Oliveira Piffero, nascida a 31 de Dezembro de 1890, casada a 17 de Junho de 1907 com o Dr. Bernardo Piffero.

Sem filhos.

7-2 Cecy Freitas de Oliveira, solteira.

7-3 Edgard Freitas de Oliveira, nascido a 24 de Novembro de 1896, casado a 19 de Setembro de 1922 com Laura Souza e Mello de Oliveira.

Filhos:

8-1 Geysa Mello de Oliveira.

8-2 Antonio Carlos Mello de Oliveira.

7-4 Suely de Oliveira Assis Bandeira, nascida a 3 de Novembro de 1898, casada a 13 de Julho de 1925 com Henrique de Assis Bandeira.



- 7-5 Parminio Freitas de Oliveira, nascido em 9 de Agosto de 1903.
- 7-6 Maria da Conceição Freitas de Oliveira, solteira.
- 6-4 Major Brasílio Celestino de Oliveira, casado a 4 de Julho de 1904 com Maria José de Oliveira, filha de José Antonio de Oliveira e de sua mulher Emilia Nobrega de Oliveira.
- Filhos (6):
- 7-1 Fany Celestino de Oliveira, solteira.
- 7-2 Targina Celestino de Oliveira, solteira.
- 7-3 Brasílio Celestino de Oliveira Junior, nascido a 10 de Março de 1911.
- 7-4 Alceu Celestino de Oliveira, nascido a 15 de Maio de 1913.
- 7-5 Maria da Graça.
- 7-6 Odette Celestino de Oliveira.
- Além dos filhos do casal acima referidos, teve o Major Brasílio Celestino de Oliveira mais o filho:
- 7-7 Celso Celestino de Oliveira, nascido a 5 de Janeiro de 1905.
- 6-5 Maria Francisca Celestino de Oliveira, solteira.
- 6-6 Capitão Victor Celestino de Oliveira, casado a 17 de Junho de 1897 com Rita Gomes de Oliveira, filha de João Gomes de Oliveira e de

- sua mulher Rosa Gomes de Oliveira.
- Filhos:
- 7-1 Aracy Celestino de Oliveira, solteira.
- 7-2 Ernani Celestino de Oliveira, solteiro, nascido a 29 de Novembro de 1905.
- 7-3 Avany Celestino de Oliveira, solteira.
- 6-7 Carmen Celestino de Oliveira, casada a 3 de Setembro de 1898 com o Dezenbargador Dr. Augusto Leonardo Salgado Guarita.
- Teve:
- 7-1 Ernani de Oliveira Guarita, solteiro, nascido a 8 de Setembro de 1899.
- 7-2 Raif de Oliveira Guarita.
- 7-3 Orville de Oliveira Guarita.
- 7-4 Jandyra de Oliveira Guarita.
- 7-5 Stella de Oliveira Guarita.
- 5-7 Manoel Ferreira Cordeiro de Loyola, casado com Candida de Souza Loyola, filha de Luiz Maria de Souza e de sua mulher Dulce Luiza Gomes; neta pela parte materna de Antonio Luiz Gomes e de sua mulher Maria Rosa do Sacramento.
- Filhos:
- 6-1 Maria Rosa, falecida.
- 6-2 João Saturnino, falecido.
- 6-3 João Luiz, falecido.
- 6-4 Dulce de Loyola, diplomada pela Escola Normal de Curitiba, onde é professora de prendas e trabalhos.



- 6-5 Maria Guilhermina, falecida.
- 6-6 Zulmira, falecida.
- 6-7 Francisco, falecido.
- 6-8 Manoel José, falecido.
- 2-8 Capitão Agostinho da Silva Valle (ultimo filho de 1-8 do Capitulo 2.º) foi casado em primeiras nupcias com Maria da Rocha Ferreira, filha de José da Rocha Ferreira, natural de S. Miguel de Gandra-Porto, e de sua mulher Sebastiana Marques da Cunha, descendentes do Brigadeiro Silvestre Marques da Cunha. Casado em segundas nupcias em Curityba a 1.º de Outubro de 1786 com Maria Angela de Lima, filha do Alferes José Nabo de Medeiros e de sua mulher Maria Francisca de Lima, de Curityba; neta pela parte paterna de Luiz Gomes da Silva, natural da Ilha da Madeira, e de sua mulher Angela Corrêa de Mendonça, de Paranaguá; neta pela parte materna do Sargento-mór Miguel Gonçalves de Lima, natural de S. Christovão de Ponte de Lima, Braga e de sua mulher Maria Paes dos Santos, de Curityba; por esta, bisneta de Sebastião dos Santos Pereira, de Vizeu, e de sua mulher Joanna Garcia, de Curityba, de cujos ascendentes em seguida trataremos neste mesmo Titulo no Capitulo 5.º. O Capitão Agostinho da Silva Valle e o Alferes José da Costa Pinto eram, em 1785, os arrematantes do contracto da arrecadação das passagens e cargas dos portos do rio do Cubatão e dos rios situados entre este rio e o rio S. Francisco. Em 1778 exercendo elles essa mesma função de arrematantes desse contracto, foram multados pela Camara em 50\$000 cada um delles; e porque julgassem essa multa injusta requereram, em 1784, a restituição respectiva. Em 1786 o Doutor Ouvidor e Corregedor da Comarca Francisco Leandro de Toledo Rondon officiou ao Presidente da Camara communicando que resolveu mandar «proceder a factura do caminho da serra para Curityba», designando os cabos e trabalhadores que ficarão sob a inspecção de Agostinho da Silva Valle, que — «levado sómente do interesse publico, tomou sobre si todo o trabalho e asistencia de toda a despeza».—

Era proprietario de terras em Piraquara e em S. José dos Pinhães.

Do primeiro matrimonio teve:

- 3-1 Ignacia Esmeriana do Valle, nascida em 1768.
- 3-2 José Candido do Valle, nascido em 1770.
- 3-3 Maria Cacere, nascida em 1772.
- 3-4 Atanagildo do Valle, falleceu em 1788 aos 14 annos.
- 3-5 Anna Euphrasia, casada com Manoel José de Faria, filho de João Manoel da Fonseca e de sua mulher Rosa Maria.

Teve:

- 4-1 José de Faria, nascido em 1798.

- 3-6 Dorothea da Silva Valle, casada em 1795 com Francisco Rodrigues Pereira (ou Ferreira), falecido em 1802.

Teve:

- 4-1 Maria Thereza, nascida em 1797, casada com Domingos Rodrigues da Costa.

- 4-2 Sebastiana.

- 4-3 Francisco.

- 3-7 Boaventura, nascida em 1782.

Do segundo matrimonio 2-8 teve (C. O. Curityba):

- 3-8 José, falecido solteiro.

- 3-9 Balbina, falecida solteira.

- 3-10 Luiza Licia de Lima Munhoz, casada com o Tenente de milicia Florencio José Munhoz, natural da Cidade de Paranaguá, filho de Bento Antonio Munhoz e de sua mulher Michelina de Assumpção, naturaes de Cadiz. Neto pela parte paterna de Bernardo Munhoz e de sua mulher Rosa Maria; neto pela parte materna de Manoel Ignacio do Valle e de sua mulher Lourença Maria. O Tenente Florencio José Munhoz, residiu por muitos annos em Paranaguá; era proprietario, no Itinga, de um grande campo de criação de gado, onde possuia mais de oitenta rezes, com muitas vaccas de crias; foi adiantado lavrador. Era irmão de Francisca Munhoz de Siqueira, casada com o Tenente Bento José de Siqueira, de Balbina Maria de Assumpção, casada com o Capitão Antonio José de Carvalho, de Maria Munhoz, casada com



Manoel de Oliveira Cercal e (na duvida) de Bernardo Antonio Munhoz, falecido em Paranaguá em 1809.

O illustrado paranaense Alcides Munhoz em suas preciosas «Folhas Cadentes» ou «Elogio do Patrono», lido perante a Academia de Letras do Paraná, por ocasião de tomar posse da cadeira que merecidamente tem por patrono Alfredo Munhoz, assim explica a origem da familia Munhoz:

«A familia Munhoz no Sul do Brasil e nas republicas platinas provem de um unico tronco de origem que teve o seu inicio em Tarancon, provincia hespanhola de Cuenca. «O seu primeiro representante foi um empregado regio de impostos, no seculo XVI. Um dos seus descendentes veio para a America pelo meiado do seculo XVIII. Viera, como militar, para as possessões hespanholas do sul, para a Banda Oriental, provavelmente, em serviço da corôa. A familia hespanhola Munhoz não possuia nobreza, nem sanguinea, nem argentaria. Era, todavia, de classe respeitavel. A indole altiva, porem, é que a enobreceu e a tornou conhecida na Hespanha e na França. Um dos descendentes do tronco, D. Fernando Munhoz, foi o segundo esposo da rainha Christina, regente da Hespanha. D. Fernando era apenas um gentil homem, um militar cheio de arrogancia e de fanfarrices.

«Conseguio aprisionar nas suas conquistas de amor o coração de Christina.

«Casou-se morganaticamente, ouzadia que lhe proporcionou a obtenção de um titulo ducal.

«A rainha Christina era uma quarentona cheia de belleza ainda.

«Victor Hugo a descreveu em uma das suas obras, depois de vel-a um dia nas Tulherias em passeio: «Vi-a passar, diz o escriptor, vestida de mousseline transparente, deixando ver uma saia interior de côr azul celeste. Trazia um chapéu de velludo violeta; delambia-se toda para o duque de Angoulême. Possuia uns olhos bellissimos e caminhava sempre de cabeça erguida. Ao passar proximo a mim, vendo-me n'uma attitudo de admiração, os olhos fixados em sua belleza, lançou-me um olhar altivo de rainha.

«Acompanhavam-na dois homens. O que ia a esquerda,

um homem grande, de alta estatura e de costelhetas, era Munhoz, seu marido.

«Este Munhoz era uma especie de Bergami!»

— «Com esta observação Victor Hugo comparou D. Fernando, não ao marido de uma rainha, mas a um favorito, como foi Bergami, de Carolina de Brunswick.

«Não foi, comtudo, muito feliz este Munhoz em sua morganatica aventura. Morreu obscuramente em França onde Luiz Philippe o havia feito duque de Montmorot.»

Teve (C. O. Curityba):

4-1 Tenente Coronel Caetano José Munhoz, nascido em Paranaguá em 17 de Junho de 1817, era homem energico e luctador, de caracter firme e principios severos e inabalaveis. Ainda moço transferiu a sua residencia para Curityba, onde iniciou a sua vida industrial no commercio da exportação de herva matte. Foi um dos primeiros a montar engenho a vapor de soque de herva matte, em Curityba. Homem honesto e laborioso deu grande incremento á industria. Suas marcas eram das mais acreditadas e a marca «Caetano» alcançou grande popularidade, e após a sua morte foi vendida por alto preço. Foi abastado capitalista e homem de grande valor moral. Deu solida educação a seus filhos.

Casou-se em primeiras nupcias em Novembro de 1840 com Francisca de Assis de Oliveira Munhoz, ou Francisca Candida de Assis, falecida em Paranaguá a 3 de Julho de 1861, filha do Ajudante de milicia João Gonçalves Franco, natural de Villa Nova de Cóvos de Cerveira, Braga, Portugal, nascido em 1777 e falecido em 19 de Junho de 1853 e de sua mulher Escholastica Angelica Bernardina, nascida em Lages, a 28 de Outubro de 1790, casada em Curityba a 29 de Novembro de 1807. Neta pela parte paterna do tenente Luiz Antonio Gonçalves Franco e de sua mulher Ignacia Maria da Cruz, naturaes da Villa Nova de Cóvos de Cerveira; neta pela parte materna do tenente coronel Manoel Teixeira de Oliveira Cardoso, natural do Porto, Portugal, onde nasceu a 5 de Março de 1765, e de sua mulher Anna Maria do Sacra-



mento, nascida em Lages, então pertencente a São Paulo, a 12 de Setembro de 1768, casada a 27 de Agosto de 1789 e falecida a 5 de Maio de 1813 no abarracamento da expedição de Guarapuava.

O Tenente Coronel Caetano José Munhoz, 4-1, casou em segundas nupcias com Narciza de Paula Xavier, filha do major Antonio de Paula Xavier e de sua mulher Leocadia Ubaldina de Jesus, 5-11 de 4-1 de 3-7 de 2-2 do § VI do capítulo V, deste título.

Teve do primeiro matrimonio:

5-1 Commendador Alfredo Caetano Munhoz, dotado de uma vasta e culta intelligencia, conhecendo profundamente varias linguas. Escrevia o francez correntemente; traduzia o inglez, o allemão, o latim, o italiano; manejava admiravelmente o hespanhol e não lhe eram estranhos o grego, o hebraico e o sanscrito.

Era profundo conhecedor da lingua portugueza.

Castro Lopes, incontestavelmente um dos melhores mestres do vernaculo, mantinha com Alfredo Munhoz as mais intimas relações sobre este assumpto.

Redigindo revistas e jornaes, de propaganda e litterarios, não se sabia o que mais admirar, se a belleza da forma, se a elevação dos conceitos.

Combativista terrivel, mas cavalheiroso.

Durante 14 annos redigiu a revista espirita «A Luz», que foi incontestavelmente a primeira revista no genero, no Brasil, sendo grandemente acatada no estrangeiro. Nessa revista, que era orgão do Centro Espirita de Curityba, Alfredo Munhoz apostolava de tal maneira que scientistas como Aksakoff, conselheiro privado do Czar Alexandre III da Russia; Max Hecran, Zöllner, William Crookes, Lombroso, Ernesto Volpi, William Steward e muitos outros traduziam os seus artigos e apresentavam-nos como verdadeiros ensinamentos. Esses grandes sabios, em sua maioria, haviam offerecido suas photographias ao venerando paranaense com as mais expressivas dedicatorias, sendo que muitos o tratavam de veneravel Mestre.

Não foi só, porém, na propaganda espirita que Alfredo Munhoz se salientou.

Na litteratura, nas sciencias, nas artes, patenteava uma admirável intelligencia.

A grandeza de sua alma era tão grande, que no amor pelo proximo, procurava os pobres, para levar-lhes o conforto espirital e material.

Satisfazendo sua ultima vontade, a Federação Espirita do Paraná, de que o extincto fôra um dos sustentaculos, convidou um dos seus associados para fazer a prece de despedida que foi religiosamente ouvida pelos assistentes.

Occupou todos os lugares de accesso de Fazenda.

Foi nomeado collaborador em 1863, quando ainda estavam reunidas as Thesourarias geral e provincial, por occasião da separação. Mediante concurso na Thesouraria de Fazenda, foi nomeado praticante da mesma por Portaria do Ministerio da Fazenda de 26 de Janeiro de 1864. Por titulo do mesmo Ministerio de 19 de Junho de 1865, foi promovido a 2.º escriptuario; por decreto de 16 de Fevereiro de 1870 foi promovido a official da Secretaria; por decreto de 6 de Fevereiro de 1872 foi promovido a chefe de secção; por decreto de 5 de Abril de 1873, tendo sido extinctos os lugares de chefes de Secções, foi nomeado contador; e, finalmente, por decreto de 8 de Junho de 1878, foi nomeado inspector effectivo, tudo da mesma Thesouraria de Fazenda do Paraná. Por decreto de 6 de Setembro de 1878, foi nomeado inspector em commissão da Thesouraria de Fazenda de Matto Grosso, cargo que exerceu até fins do anno de 1879, voltando a occupar o seu lugar de inspector effectivo da Thesouraria de Fazenda do Paraná, sendo aposentado, a seu pedido, nesse cargo, por decreto de 11 de Agosto de 1891.

Exerceu diversas commissões dentro e fóra do Estado, por nomeação dos governos provincial e geral. Em Setembro de 1890, foi em commissão ao Estado de Santa Catharina, como delegado do governador do Paraná, o dr. Serzedello Correia, afim de entrar em accordo com o governador daquelle Estado sobre questão de herva-matte, sendo elogiado pelo modo por que desempenhou essa commissão. Foi homem de idéas emancipadas e liberaes. Era socio honorario de diversas associações dentro e fóra do Estado. Foi um Maçon convencido e cheio de serviços á instituição.



Era commendador da Ordem da Rosa, por serviços prestados ao Estado, agraciado por carta imperial de 4 de Setembro de 1880.

Foi relator dos debates do Congresso Legislativo deste Estado.

Nasceu em Curityba a 4 de Fevereiro de 1845. Falleceu a 1.º de Fevereiro de 1921.

Foi casado em primeiras nupcias com Ritta de Assis de Oliveira Munhoz, filha de José Teixeira de Oliveira e de sua mulher Cezarina Francisca de Assis; neta pela parte paterna do Tenente Coronel Manoel Teixeira de Oliveira Cardoso e de sua segunda mulher Anna Joaquina da Paixão; neta pela parte materna de Francisco de Paula Teixeira Cardoso e de sua mulher Ritta Maria de Jesus; e em segundas nupcias com Annalia de Oliveira.

Teve do primeiro matrimonio:

6-1 Francisca Munhoz Cavalcanti, senhora possuidora de esmerada educação artistica; pintora e pianista; casada com o General reformado do exercito dr. Carlos Cavalcanti de Albuquerque, que foi deputado federal, presidente do Estado do Paraná e actualmente é senador da Republica. E' engenheiro militar. Politico de grande illustração e de honestidade pouco vulgar, o dr. Carlos Cavalcanti de Albuquerque, soube se manter n'uma atmospheria criteriosa, fóra dos preconceitos que empolgam os homens politicos.

Teve:

7-1 Tenente Guido Cavalcanti de Albuquerque, casado com Francisca de Souza Paula Albuquerque.  
Filhos:

8-1 Carlos.

8-2 Doris.

7-2 Léo Cavalcanti de Albuquerque, tenente do exercito nacional, casado com Sarah Machado Cavalcanti, filha do Dr. Vicente Machado da Silva Lima e de sua segunda mulher Helena de Loyola Machado Lima, 6-3 de 5-3 retro.

Teve:

8-1 Renato.

8-2 Rubens.

7-3 Rachel Cavalcanti, casada com o Capitão Julio Limeira. Sem geração.

6-2 Rachél Munhoz de Moraes, casada com o Capitão de cavallaria do exercito Leoncio Raphael de Moraes, fallecido, filho do agrimensor Evaristo Cicero de Moraes e de sua mulher Anna de Moraes.

Teve:

7-1 Raphael Munhoz de Moraes, solteiro.

7-2 Carlos Munhoz de Moraes, casado com Zilda Schimmelpheneg Pereira Munhoz.

Teve:

8-1 Dilza.

7-3 Alfredo Munhoz de Moraes, solteiro.

6-3 Major Raul Munhoz, do exercito nacional, casado com Haydée Pereira Munhoz.

Teve:

7-1 Saul Munhoz, casado com Zayde Fonseca de Almeida Munhoz.

Teve:

8-1 Nelson Nisan.

7-2 Rubens Munhoz, solteiro.

7-3 Inisilla Munhoz, casada com Emmanoel Vicente da Rocha, filho de Luciano Ignacio da Rocha e de sua mulher Francisca Lisbôa Rocha.

Teve:

8-1 Amaury.

8-2 Maria Olga.

7-4 Hariclée.

7-5 Darclée.

7-6 Myriam.

7-7 Ritta.

7-8 Evandro.

7-9 Maria Thereza.

6-4 Tarcilla Munhoz, casada com Carlos Franco de Souza.

Teve:

7-1 Milton.

7-2 Ritta.

7-3 Alfredo.

7-4 José.

7-5 Myriam.



- 7-6 Ernani.
- 6-5 Sylvia Munhoz Velloso, casada com Antonio Duarte Velloso.  
Sem descendentes.
- 6-6 Helvidia d'Arc Munhoz, falecida, foi casada com o Dr. Antonio Martins Franco.  
Sem descendentes.
- 6-7 Caetano José Munhoz, capitão do exercito nacional, falecido na campanha do Contestado.  
Era casado com Gertrudes Lopes Munhoz, filha do major Arthur Martins Lopes e de sua mulher Guilhermina da Cunha Lopes. Neta pelo lado paterno de Candido Martins Lopes e de sua mulher Gertrudes da Silva e pela parte materna do maestro Jacyntho Manoel da Cunha e de sua primeira mulher Joaquina Maria da Cunha, dos quaes trataremos n'esta obra.  
Teve:  
7-1 Marina.  
7-2 Raul.  
7-3 Dinorah.
- 5-1 O Commendador Alfredo Caetano Munhoz do seu segundo matrimonio teve tres filhos:  
6-8 Ritta.  
6-9 Alfredo.  
6-10 Maria da Luz.
- 5-2 Coronel Caetano Alberto Munhoz, nasceu em Curityba a 19 de Outubro de 1847 e falleceu a 2 de Maio de 1908. Como seu irmão Alfredo, era homem illustrado, tendo iniciado seus estudos no Collegio do Professor Kopeck, em Petropolis.  
Ainda muito moço dedicou-se á carreira burocratica, na qual muito se distinguuiu e soube honrar e elevar pela sua competencia, honestidade, zelo e dedicação. Em 29 de Novembro de 1870 foi nomeado 2.º Escriptuario da Thesouraria de Fazenda do Pará; a 1.º de Abril de 1873 foi nomeado 1.º Escriptuario da Thesouraria de Fazenda do Paraná, tomando posse a 14 de Maio desse anno. Por decreto de 29 de Janeiro de 1881 foi nomeado inspector da Thesouraria

de Fazenda de Matto Grosso, em Commissão; foi chefe de secção da Alfandega de Santos; por decreto de 1.º de Junho de 1890 foi nomeado inspector da Alfandega de Paranaguá, em Commissão, e por decreto de 24 de Setembro de 1892 foi aposentado, quando se achava exercendo o lugar de Inspector da Thesouraria de Fazenda de S. Paulo. Foi Sub-Director da Empresa «Docas de Santos». Pelo governo do Paraná foi honrado com a sua nomeação para o honroso cargo de Secretario do Interior e Justiça, cargo que desempenhou com rara competencia e zelo, durante um quatriennio. O governo da Republica procurou aproveitar os meritos incontestaveis do illustre Paranaense, e o fez reverter á classe de Fazenda que tanto soube honrar. Falleceu quando no exercicio do cargo de Delegado Fiscal do Thesouro Nacional em Curityba, depois de proveitoso tirocinio de perto de 40 annos de distinctos serviços.

Publicou diversos trabalhos seus, entre os quaes:

«Apontamentos sobre Inspectoria Commercial», opusculo publicado em Santos em 1887.

«Canhenho dos Conferentes e Despachantes das Alfandegas», precioso livro aduaneiro, em 1887, Santos.

«Processo Administrativo sobre contrabando», 1893.

«Serviço externo».

«Escripturação mercantil».

«Instrucções sobre Conferencia».

«Procurações».

Livros esses de grande utilidade; suas edições foram todas exgotadas; revelando seu talento e grande competencia. Na classe de Fazenda, ninguém levou-lhe a palma.

Casou em primeiras nupcias com Leonidia da Silva Pereira, falecida na flôr dos annos, a 6 de Novembro de 1882, filha de Francisco da Silva Pereira e de sua mulher Constança Bertholina de Sá Ribas, e em segundas nupcias com Maria da Conceição Lustoza Munhoz.

Teve do primeiro matrimonio:

- 6-1 Coronel Alcides Munhoz, nascido em Curityba, a 2 de Agosto de 1873. No anno de 1897 foi nomeado official da Secretaria de Finanças, Commercio e Industria, onde iniciou a vida publica, attingindo ao



alto cargo de Director Geral, em que se acha actualmente. Literato dos mais salientes, tem produzido e publicado diversas obras de valor:

«Pathmos»; «Mbá»; «O Grande Theatro»; «O Cerebro de um Duque»; «Esboço Politico do Dr. Vicente Machado»; «O Snr. Sylvio Romero e o Allemanismo no Sul do Brasil»; «A Teutophobia do Snr. Sylvio Romero»; «O Pão Brasileiro»; «O Paraná e o Trigo», etc.

Sua natural tendencia literaria é para o theatro, tendo já escripto diversos dramas e comedias, muitos dos quaes levados á scena. Dentre as suas muitas produções theatraes destacam-se:

«O Vigilado»; «As Meias de Seda»; «Castor e Pollux»; «Flôr do Campo»; «Estrella Polar»; «Dom Luxo». E' membro do Centro de Letras, do Instituto Historico Paranaense e da Academia de Letras do Paraná, da qual é Presidente.

Casou-se com Iphigenia de Macedo, filha do Coronel Manoel Ribeiro de Macedo Junior e sua primeira mulher Benedicta Rosa de França Macedo, casados a 19 de Janeiro de 1876. 6-8 de 5-3 de 4-9 de 3-1 de 2-1, § 1.º do Capitulo 2.º, titulo Rodrigues Seixas.

Teve:

7-1 Dr. Laertes Munhoz, advogado. Casou em 1925 com Eloyza de Souza Munhoz, filha de José Conrado de Souza, secretario da instrucção publica do Paraná, e de sua mulher Carlota de Quadros Souza, fallecida.

7-2 Dr. Milton Munhoz, medico, formado em 1925, pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

7-3 Alcides Munhoz Filho, destacado alumno da Escola de Guerra.

7-4 Lelia Munhoz.

7-5 Manoel Alberto Munhoz, gymnasiano.

6-2 Francisca Munhoz Pereira, casada com Lothario da Silva Pereira, industrial, filho de Tristão da Silva Pereira e de sua 2.ª mulher Benedicta do Carmo Brito.

Teve:

7-1 Leonidia Pereira de Lacerda, casada com Arthur Suppicy de Lacerda, commerciante na Lapa.

Teve:

8-1 Arthur.

8-2

7-2 Odette Pereira de Leão, casada com Agostinho de Leão, filho do capitalista Agostinho Ermelino de Leão e de sua mulher Maria Clara Abreu de Leão.

Teve:

8-1 Agostinho.

8-2

7-3 Carmen Pereira Cartaxo, casada com o Dr. Alcebiades Guarita Cartaxo, engenheiro, residente em S. Paulo, filho de José Joaquim do Couto Cartaxo, serventuario de Fazenda, já fallecido, e de sua mulher Maria Eulina Guarita Cartaxo, fallecida.

Teve:

8-1 Beatriz.

8-2 Dulce.

7-4 Lothario Pereira Filho.

7-5 Cecy.

7-6 Flavio Pereira.

6-3 Lucilla Munhoz Moreira, casada com Dr. Arthur Xavier Moreira, Coronel do exercito.

Teve:

7-1 Debhora.

7-2 Aristoteles Moreira.

7-3 Ernestina.

7-4 Archimedes Moreira.

7-5 Aristarco Moreira.

5-2 Coronel Caetano Alberto Munhoz, teve de seu segundo matrimonio:

6-4 Dr. Alberto Lustoza Munhoz, advogado, empregado da Fazenda.

6-5 Dr. Adhemaro Lustoza Munhoz, engenheiro civil, Director das Obras Publicas do Estado, casado com Ignez Colle, filha do Dr. Santiago M. Colle e de sua mulher Annita Colle.

6-6 Manoel, fallecido em criança.

6-7 Aristophanes, fallecido em criança.



5-3 Augusta Munhoz Negrão, casada com o Major Manoel de Souza Dias Negrão, 5-9 de 4-6 de 3-1 de 2-1, do § 1.º, capítulo 2.º, do título Rodrigues Seixas desta obra. Ahi a descendencia.

5-4 Luiza Munhoz, falecida solteira.

5-5 Maria Leocadia Munhoz, casada em primeiras nupcias com o seu primo Coronel Bento Munhoz da Rocha, importante industrial, já falecido, filho de Manoel Martins da Rocha e de sua mulher Maria Licia Munhoz, 4-2 adiante. Casou-se em segundas nupcias com o Coronel Manoel Bonifacio Carneiro, falecido.

Teve do primeiro matrimonio:

6-1 Dr. Caetano Munhoz da Rocha, nascido na cidade de Antonina no dia 14 de Maio de 1879.

Em 1896 matriculou-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, concluindo seu curso no anno de 1902; em 1.º de Dezembro de 1905 fundou em companhia de seu irmão Ildefonso Munhoz da Rocha a acreditada firma commercial «Munhoz da Rocha & Irmão», a qual teve logo grande incremento.

Em 1904 foi eleito deputado ao Congresso Legislativo Estadual, para o biennio de 1904—1905. Foi successivamente reeleito para as legislaturas de 1906—1907, 1908—1909 (na qual foi eleito 1.º Vice-Presidente), 1910—1911, 1912—1913, 1914—1915, 1916—1917, quando occupou o cargo de Presidente do Congresso por escolha de seus pares.

Em 21 de Junho de 1908 foi eleito Prefeito Municipal de Paranaguá, para o quadriennio de 1908—1912, e a 21 de Junho de 1912 foi reeleito para o de 1912—1916, tendo renunciado o mandato a 15 de Novembro de 1915, por haver transferido sua residencia para a Capital do Estado. A cidade de Paranaguá deve-lhe relevantes serviços, salientando-se entre outros o do abastecimento d'agua e construcção da rede de esgotos, a drenagem e aterro de grande parte da zona baixa da cidade; varias ruas foram recalçadas a

paralelepipedes e as praças ajardinadas, fazendo-se a abertura de novas ruas e de vastas avenidas, ligando a cidade ao porto de D. Pedro II.

O dr. Caetano Munhoz da Rocha, quando Prefeito de Paranaguá, reformou e saneou a cidade.

Para o quadriennio de 1916—1920 foi eleito 1.º Vice-Presidente do Estado, tendo exercido a administração publica durante o impedimento do Presidente Dr. Affonso Alves de Camargo.

Foi Secretario da Fazenda, e mais tarde Secretario da Fazenda, Agricultura e Obras Publicas, durante o exercicio governamental do referido Presidente.

Eleito Presidente do Estado do Paraná, para o quadriennio de 1920—1924, assumiu a gestão publica a 25 de Fevereiro de 1920, sendo reeleito para o mesmo cargo no quadriennio de 1924—1928.

O Dr. Caetano Munhoz da Rocha vem fazendo com largo descortínio politico uma administração honesta e inatacavel, pelo seu espirito clarividente de estadista compenetrado e forte.

Casou-se em primeiras nupcias, na cidade de Paranaguá, a 14 de Fevereiro de 1903, com Olga Souza Munhoz da Rocha, filha do Major Manoel Francisco de Souza e de sua mulher Francisca Carneiro de Souza. Falecida no dia 29 de Janeiro de 1921.

Casou-se em segundas nupcias, a 8 de Dezembro de 1921, com Domitilla Almeida Munhoz da Rocha, filha do Coronel Alfredo Xavier de Almeida e de sua mulher Maria Luiza Grein de Almeida.

Com o fallecimento de sua segunda esposa em Agosto de 1923, o Dr. Caetano Munhoz da Rocha contrahiui terceiras nupcias a 16 de Janeiro de 1924 com Sylvia Braga Munhoz da Rocha, filha do Coronel Manoel Antonio da Cunha Braga e de sua mulher Victoria de Lacerda Braga, já falecidos.

Neta pela parte paterna de João Manoel da Silva Braga e de sua mulher Francisca Luiza da Cunha; por esta, bisneta do Commendador Manoel Antonio da Cunha e de sua mulher Joaquina Teixeira Coelho, filha de Francisco Teixeira Coelho, tronco da familia desse appellido, e que



foi o primeiro capitão-mór e fundador da cidade da Lapa, casado com Gertrudes Maria dos Santos, falecida a 5 de Fevereiro de 1832.

Teve do primeiro matrimonio:

7-1 Zorah de Jesus, falecida.

7-2 Bento Munhoz da Rocha Netto, academico de engenharia.

7-3 Odah Cecilia da Rocha Ferreira, casada em 1923 com o Dr. Leonidas do Amaral Ferreira, medico oculista, filho do Dr. João Candido Ferreira e de sua mulher Josepha do Amaral Ferreira.

Teve:

8-1 Leonidas.

8-2 Olga.

7-4 Maria Zorah, solteira.

7-5 Olga, falecida.

7-6 Vera Maria.

7-7 Olga Maria, falecida.

7-8 Gabriel.

7-9 Dinorah Maria.

7-10 Maria José.

Teve do segundo matrimonio:

7-11 Caetano.

Teve do terceiro matrimonio:

7-12 Manoel Antonio.

6-2 Ildefonso Munhoz da Rocha, grande industrial e Socio da firma Munhoz da Rocha & Companhia, casado com Palmyra Pereira Alves Rocha, filha do Coronel Elysio de Siqueira Pereira Alves, acreditado negociante em Paranaguá, e de sua mulher Elfrida de Abreu Pereira Alves. Neta pelo lado paterno do Coronel Agostinho Pereira Alves e de sua mulher Balbina de Siqueira Pereira Alves, e neta pela parte materna do Dr. José Mathias Ferreira de Abreu e de sua mulher Joaquina Corrêa Guimarães.

Teve:

7-1 Maria de Lourdes Munhoz Zaina, casada em 1925 com o 1.º Tenente do Exercito Ernani Nogueira Zaina.

7-2 Diva.

7-3 Luiz.

6-3 Humberto Munhoz da Rocha, casado com Clotilde de Oliveira Rocha, filha do Major Luiz Marianno de Oliveira e de sua primeira mulher Noemia Neves de Oliveira. Neta pela parte paterna de José Marianno de Oliveira, natural do Rio de Janeiro, e de sua mulher Anna de Oliveira, e neta pela parte materna do Capitão Joaquim Xavier Neves e de sua mulher Adelaide de Amorim Neves.

Teve:

7-1 Bento de Oliveira Rocha.

7-2 José de Oliveira Rocha.

7-3 Neuza de Oliveira Rocha.

7-4 Maria de Oliveira Rocha.

7-5 Gastão de Oliveira Rocha.

7-6 Hilda de Oliveira Rocha.

6-4 Maria da Conceição, falecida com 11 annos.

6-5 Hilda Munhoz da Rocha Amaral, casada com Homero do Amaral, filho do Dr. Victor Ferreira do Amaral e Silva e de sua primeira mulher Paulina Braga do Amaral, filha de João Manoel da Silva Braga e de sua mulher Maria Antonia dos Santos, dos quaes trataremos n'esta obra.

Teve:

7-1 José.

7-2 Paulina.

7-3 Francisco.

7-4

7-5

5-6 Francisca Munhoz Vianna, casada com o major Francisco de Paula Ribeiro Vianna, que foi Thesoureiro da Delegacia Fiscal de Curityba, filho de Bernardo José Ribeiro Vianna, portuguez, e de sua mulher Rosa Maria Borges. Neto pela parte paterna de João Manoel Ribeiro Vianna e de sua mulher Gertrudes Rosa; neto pela parte materna do Ajudante José Borges de Macedo e de sua mulher Maria Rosa Lima.

Teve:



- 6-1 Ernestina Vianna Novaes, falecida, foi casada com o Coronel Dr. Americo Dias Novaes, engenheiro militar.  
Teve:  
7-1 Jurandyr Novaes, casado com Emilia Litz Novaes.  
7-2 Nahir.  
7-3 Ortegal.
- 6-2 Ernesto Ribeiro Vianna, casado com Ignacia de Mattos Vianna, filha de Manoel Luiz de Mattos, que foi importante commerciante em Curityba, e de sua mulher Anna Braga de Mattos.  
Teve:  
7-1 Luiz.  
7-2 Cid Ribeiro Vianna, casado.  
7-3 Acacia Vianna Bringer, casada com Jorge Bringer.  
Teve:  
8-1 Roberto.  
7-4 Oswaldo.  
7-5 Maria de Lourdes, casada com Luiz Izerns.  
Teve:  
8-1 Mario.  
7-6 Jahir.
- 6-3 Francisca Vianna de Araujo, casada com João Lourenço de Araujo.  
Teve:  
7-1 Odette de Araujo Bevilacqua, casada com Pedro Bevilacqua.  
7-2 Odilon.  
7-3 Olga.
- 6-4 Bernardo Ribeiro Vianna, casado com Maria do Pilar Aguiar Vianna.  
Teve:  
7-1 Mercedes.  
7-2 Aracy.  
7-3 Francisco.
- 6-5 Julio Ribeiro Vianna, casado com Sarah Tramujas, filha de Alfredo Tramujas e de sua primeira mulher Francisca de Azevedo Tramujas.  
Teve:  
7-1 Elza.  
7-2 Eurico.

- 7-3 Edgard.
- 6-6 Rosa Ribeiro Vianna, casada com João de Oliveira Vianna, filho de Bento de Oliveira Vianna e de sua mulher Barbara Teixeira Vianna. Neto pela parte paterna de Manoel Bento Vianna e de sua segunda mulher Francisca de Paula França; neto pela parte materna de Martinho Diogo Teixeira e de sua mulher Balbina Lopes.  
Teve:  
7-1 Milton.  
7-2 Acacilda.  
7-3 Wollaston.  
7-4 Wellington.  
7-5 Waltheno.
- 6-7 Cecy, solteira.
- 6-8 Jacy e mais 7 filhos falecidos na infancia.
- 5-7 Tenente-Coronel João Alberto Munhoz, falecido. Foi director da Secretaria do Interior, do Estado do Paraná. Como funcionario modelar, intelligente e zeloso, soube honrar as luminosas tradições de sua familia. Bondoso e justo, gosou sempre da consideração e respeito de seus chefes, assim como dos seus subordinados. Casou-se com Maria Eulalia Moreira Munhoz, filha de José Moreira de Freitas e de sua mulher Maria Moreira de Freitas.  
Teve:  
6-1 Valdivia Munhoz Gonçalves, casada com José Antonio Gonçalves Junior.  
Teve:  
7-1 João.  
7-2 Trajano.  
7-3 Belkiss.  
7-4 Delourdes, casada com Pedro Muzzillo, sem filhos.  
7-5 Anna.  
7-6 Jayme.
- 6-2 Alfredo Alberto Munhoz, telegraphista do Estado, casado com Herminia Lopes Munhoz, filha do Major Arthur Martins Lopes e de sua mulher Guilhermina da Cunha Lopes.



- Teve:  
 7-1 Oscar.  
 7-2 João.  
 7-3 Arthur.  
 7-4 Ilza.  
 7-5 Nilza.  
 7-6 Nilda.  
 7-7 Hilda.  
 7-8 Luiz.  
 7-9 Alfredo, falecido.
- 6-3 Francisca Munhoz, casada com Antonio Romualdo Ferreira.  
 Teve:  
 7-1 Alpheu.  
 7-2 Alfredo.  
 7-3
- 6-4 Maria da Luz Munhoz, casada com Carlos Furtado Santiago.  
 Filhos:  
 7-1 Myriam.  
 7-2 Maria Eulalia.  
 7-3 Florentina.
- 6-5 Carmen Munhoz, casada com Joaquim Góes de Mello.  
 Teve:  
 7-1 José.  
 7-2 Maria do Carmo.  
 7-3 Maria da Conceição.
- 6-6 Albertina Munhoz, casada com Arcenio Bonifacio Nogueira, ambos falecidos.  
 7-1 Com 3 filhos menores falecidos.
- 6-7 Lydia Munhoz, solteira.  
 6-8 João, falecido.
- 5-8 Florencio José Munhoz, foi guarda-mór da alfandega de Paranaguá, Alagoas e mais tarde de Santos, onde faleceu.  
 Casou com Julietta Soares, filha de Manoel Soares Gomes e de sua mulher
- Teve:

- 6-1 Herminia Munhoz Barros, casada com o capitão do exercito Fernando Nogueira de Barros.  
 Teve:  
 7-1 Yolanda.  
 7-2 Mary.  
 7-3 Rosina.  
 7-4 Mario.
- 6-2 Evelina Soares Munhoz, casada com Antonio Alves Ribeiro, que foi serventuario de Fazenda, já falecido.  
 Teve:  
 7-1 Alfredo.
- 6-3 Franklin Soares Munhoz, casado com Eliza Reis, falecidos.  
 Filhos:  
 7-1 Jandyra.  
 7-2 Odette.
- 6-4 Arabella Soares van Erven, casada com o Capitão Sylvio van Erven.  
 Teve:  
 7-1 Herbert.  
 7-2 Sylvio.  
 7-3 Dante.  
 7-4 Beatriz.
- 5-9 José Caetano Munhoz, falecido. Foi importante negociante em Santos, casado com Augusta Patusca Munhoz.  
 Teve:  
 6-1 Aracy Munhoz, falecida solteira.
- 6-2 José Caetano Munhoz Filho, casado com Anna Eliza Pacheco Munhoz.  
 Teve:  
 7-1 Beatriz Munhoz.
- 6-3 Maria Iracema Munhoz.  
 6-4 Hugo Munhoz.  
 6-5 Caetano Munhoz.
- 6-6 Carlota (Carlotinha) Munhoz, habil pianista, realizou um importante concerto musical em Curitiba em Dezembro de 1925.
- 5-10 Carolina Munhoz, casada em primeiras nupcias com



Eugenio Ferreira da Luz, filho de Vicente Ferreira da Luz e de sua mulher Florencia do Amaral, 4-1 de 3-5 de 2-7 do § 8.º, capítulo 2.º deste titulo. Casou em segundas nupcias com seu primo Manoel Martins Rocha, filho de Manoel Martins Rocha, portuguez, e de sua mulher Maria Licia Munhoz, 4-2 adeante.

Teve do primeiro matrimonio:

6-1 Eugenio, fallecido na infancia.

Teve do segundo matrimonio:

6-2 Bento Munhoz da Rocha Sobrinho, casado com Carlota Baptista da Rocha.

Teve:

7-1 Maria Bernadette, fallecida a 29 de Janeiro de 1926.

O tenente coronel Caetano José Munhoz, 4-1, teve do segundo matrimonio:

5-11 Narcizo Munhoz, fallecido. Foi inferior do exercito.

5-12 Adalberto Munhoz. Foi militar. Fallecido.

5-13 Olivia Munhoz Werneck, casada com o telegraphista de 1.ª classe Elpidio Werneck de Capistrano, filho do telegraphista João Werneck Sampaio de Capistrano e de sua mulher Maria Sorana Werneck de Capistrano.

Teve:

6-1 Edylde.

6-2 Alvir.

6-3 Evanina.

6-4 Ezilda.

6-5 Almir, fallecida.

6-6 Eraylde.

5-14 Capitão Amadeu Munhoz, fallecido solteiro. Foi capitão do Regimento de Segurança do Estado do Paraná. Official brioso e destemido que executou sempre as mais arriscadas commissões.

5-15 Maria Munhoz Mäder, casada com Jordão Mäder, importante industrial de herva-matte, filho de Martim Mäder e de sua mulher Maria Bley Mäder, ambos dos primeiros colonos allemães que em 1829 vieram colonisar o Rio Negro, onde se tornaram elementos de progresso, e adqueriram fortuna, valor e prestigio social e politico.

Teve:

6-1 Avany Mäder de Macedo, foi casada com José Ubaldino de Macedo, filho de Manoel de Macedo e de sua mulher Olga Fonseca de Macedo.

Teve:

7-1 Manoel, nascido em 1.º de Agosto de 1917.

7-2 Paulo, nascido em 1.º de Dezembro de 1918.

7-3 Maria Aparecida, nascida a 14 de Abril de 1920.

6-2 Zayde Mäder, casada com Carlos Machado Soares, natural do Rio de Janeiro, filho de José Machado de Vasconcellos e de sua mulher Marianna Soares de Vasconcellos. E' funcionario do Banco do Brasil. Sem filhos em 1925.

6-3 Dylah Mäder Nunes Pereira, casada com o Dr. Altamirano Nunes Pereira, official do exercito e engenheiro civil, formado pela faculdade de Engenharia da Universidade do Paraná, onde conquistou com brilhantismo o seu curso, pelo que a Prefeitura Municipal de Curityba, como premio que concede annualmnte aos mais distinctos doutorandos das 3 Academias de que se compõe a Universidade, o nomeou para Ajudante do Engenheiro da Camara. E' filho do Capitão do exercito Anaurelino Nunes Pereira e de sua mulher Generosa Gonçalves Pereira.

Teve:

7-1 Maria de Lourdes, nascida em 17 de Fevereiro de 1923.

7-2 Maria Bernadette, nascida em 16 de Junho de 1925.

6-4 Dr. Algacyr Mäder, engenheiro civil, nascido a 21 de Abril de 1903.

5-16 Leocadia, fallecida.

5-17 Lindolpho, fallecido.

5-18 Conrado, fallecido.

4-2 Maria Licia Munhoz, casada com Manoel Martins da Rocha, portuguez.



Teve:

5-1 Coronel Bento Munhoz da Rocha, casado com sua prima Maria Leocadia, 5-5 de 4-1, ahi os descendentes.

5-2 Manoel Martins da Rocha, casado com sua prima Carolina Munhoz, 5-10 de 4-1 retro.

Filho:

6-1 Bento Munhoz da Rocha Sobrinho.

5-3 Luiza Munhoz da Rocha, casada com João Ferreira.

Teve:

6-1 Melchiades Rocha Ferreira, casado com Lucilia Borba Rocha Ferreira, filha de Francisco Ferreira Borba e sua mulher Marianna Rolim Borba.

Filhos:

7-1 Luiza.

7-2 Helena.

7-3 João.

7-4 Pericles.

7-5 Edmée.

7-6 Euricles.

6-2 Euclides da Rocha Ferreira, falecido.

6-3 Temistocles da Rocha Ferreira, casado com Antonietta Peixoto da Rocha Ferreira.

Filhos:

7-1 Sylvia.

7-2 João.

7-3 Euclides.

7-4 Maria da Conceição.

6-4 Alcebiades da Rocha Ferreira, casado com Elvira Rocha Ferreira, filha de Francisco Ferreira Borba e de sua mulher Marianna Rolim.

Sem filhos.

6-5 Heraclito da Rocha Ferreira, falecido.

6-6 Alcides da Rocha Ferreira, falecido.

6-7 Orestes da Rocha Ferreira, falecido.

6-8 João da Rocha Ferreira, falecido.

5-4 Florencio Munhoz da Rocha, casado com Maria da Luz Ferreira Bello da Rocha.

Filhos:

6-1 Balbina da Rocha Bueno, casada com Salustiano

Bueno, filho de Marcellino Bueno e de sua mulher Balduina Bueno.

Teve:

7-1 Esther Bueno Fernandes, casada com João Manoel Fernandes.

Teve:

8-1 Anselmo.

8-2 Accacio.

8-3 Dilah.

7-2 Clodomira Bueno de Oliveira, casada com Benedicto de Oliveira.

Teve:

8-1 Dorilda.

8-2 Oswaldo.

8-3 Maria da Luz, falecida.

7-3 João da Rocha Bueno.

7-4 Manoel da Rocha Bueno.

6-2 Annalia da Rocha Chaves, casada com José Lourenço de Carvalho Chaves Filho.

Teve:

7-1 Arthur, falecido.

7-2 Maria Rocha Chaves, casada com

7-3 Oswaldo, falecido.

7-4 Joaquim.

7-5 Manoel.

7-6 Epaminondas.

7-7 Yollanda.

7-8 Lila.

7-9 Maria da Conceição.

7-10 Maria da Aparecida, falecida.

7-11 Sinhô.

6-3 Augusto da Rocha, casado com Cecilia Barros, filha do Commendador Antonio de Barros e de sua primeira mulher Thereza de Lima Barros.

Sem geração.

6-4 Dejanira Rocha, casada com Wenceslau Feliz da Silva, já falecido.

Teve:



- 7-1 Diva.
- 7-2 Maria da Luz, falecida.
- 7-3 Odette.
- 6-5 Aristida Rocha de Oliveira, casada com Viriato Carvalho de Oliveira, nascido a 5 de Março de 1874, falecido repentinamente em 1925, filho de João Carvalho de Oliveira e de sua mulher Maria da Luz Gonçalves de Oliveira.  
Teve:
  - 7-1 Aristides Carvalho de Oliveira, nascido a 21 de Janeiro de 1899, agrônomo, casado com Antonietta Costa, filha do Major Lufrido Costa e de sua mulher Celsa Costa.  
Filhos:
    - 8-1 Antonietta.
    - 8-2 Maria.
  - 7-2 Maria da Luz Rocha, casada com Benedicto Storach.  
Teve:
    - 8-1 Caio.
    - 8-2 Yeda.
  - 7-3 Andyra de Oliveira, casada com o Dr. Antonio Leopoldo dos Santos Filho, filho do Coronel Antonio Leopoldo dos Santos e de sua mulher Julia da Luz Santos, 6-1 de 5-3 retro.  
Teve:
    - 8-1 Antonio.
    - 8-2
  - 7-4 Acrisio.
  - 7-5 Admar.
- 6-6 Ercilia Rocha, falecida.
- 6-7 Ildefonso Ozorio da Rocha, abastado industrial, casado com Odemira Cunha, filha do capitalista e industrial Amando Cunha e de sua mulher Lydia Cunha. Sem filhos.
- 6-8 Osminda da Rocha Gonçalves, casada com Manoel da Gama Gonçalves, filho do Capitão José Euripedes Gonçalves e de sua mulher Almedina da Gama Gonçalves. Sem filhos.

- 6-9 Euclides Rocha, solteiro.
- 6-10 Achilles Rocha, falecido.
- 6-11 Aristida, falecida.
- 5-5 Balbina Munhoz da Rocha Küster, casada com o Coronel Antonio Carlos Küster, falecido. Foi industrial.  
Teve:
  - 6-1 Heraclito Rocha Küster, casado com Joanna Zarpellon Küster, falecida a 15 de Outubro de 1925.  
Teve:
    - 7-1 Balbina Küster, casada com José Weber.  
Teve:
      - 8-1 Maria de Lourdes.
    - 7-2 Helena Küster, casada com Cezar Castagalli.  
Teve:
      - 8-1 Hercules.
      - 8-2 Doracy.
    - 7-3 José Küster, casado com Alba Lima.
    - 7-4 Maria.
    - 7-5 Maria Magdalena.
    - 7-6 Carlos.
    - 7-7 Libania.
    - 7-8 João.
    - 7-9 Ayda.
    - 7-10 Edison.
    - 7-11 Wilson.
    - 7-12 Agostinho.
  - 6-2 Waldomiro Rocha Küster, casado com Julia Padilha Küster.  
Filhos:
    - 7-1 Antonio.
    - 7-2 Manoel.
    - 7-3 Celina.
    - 7-4 Guilhermina.
    - 7-5 Helia.
    - 7-6 Helena.
    - 7-7 Sebastião.
- 6-3 Alayde Rocha Küster Maranhão, casada em 1901, em Campo Largo, com o Dr. Luiz de Albuquerque Maranhão, Desembargador do Tribunal de Justiça do Paraná.



Nasceu na Capital do Estado de São Paulo a 15 de Maio de 1875. Nessa mesma Capital estudou humanidades no seminário episcopal e depois no antigo collegio Ivahy, fazendo os seus preparatorios no curso annexo á Faculdade de Direito, na qual se matriculou em 1893.

Terminou o curso e recebeu o grau de bacharel em sciencias juridicas e sociaes, no dia 8 de Dezembro de 1896. Até 1899 advogou nos auditorios daquelle Capital, manifestando grande actividade e não menor vocação para a carreira que abraçara.

Transferindo-se então para o Paraná, a 20 de Outubro daquelle anno, assumiu o exercicio do cargo de juiz municipal do Termo de Campo Largo, onde permaneceu até Agosto de 1901.

Em 1901 foi nomeado Promotor Publico de Curityba, cargo que exerceu com brilhantismo, prestando relevantes serviços á justiça publica até Fevereiro de 1904. Assumiu então a presidencia do Estado o illustre Dr. Vicente Machado da Silva Lima, que nomeou o Dr. Albuquerque Maranhão, Chefe de Policia do Estado, cujo cargo assumiu a 25 de Fevereiro daquelle anno, nelle permanecendo até 6 de Janeiro de 1906.

Quando Chefe de Policia fez concurso perante o Superior Tribunal de Justiça, para exercer o cargo de Juiz de Direito e sendo classificado em 1.º lugar, entre os sete candidatos á vaga existente na comarca de Rio Negro, foi nomeado Juiz de Direito dessa Comarca, da qual foi removido para a de Palmas, onde reinavam grandes dissidias e paralização no movimento forense.

Em 1907, ainda na Presidencia de Vicente Machado, foi removido para a Comarca de Antonina, onde permaneceu apenas 4 mezes, sendo removido ainda em Maio desse anno para a Comarca de Guarapuava, estando já na presidencia do Estado o eminente paranaense Dr. João Candido Ferreira que substituiu o Dr. Vicente Machado. Em Guarapuava o Dr. Albuquerque Maranhão, exerceu a judicatura até Julho de 1909, quando removido, a pedido, para a Comarca de União da Victoria, onde permaneceu até Novembro de 1910, quando foi novamente removido, a pedido, para a Comarca da Lapa. Nessa Comarca perma-

neceu durante o longo periodo de 8 annos e meio até que, tambem a pedido, foi mais uma vez removido em Maio de 1919, para a 1.ª Vara de Orphãos, Interdictos, Ausentes e Provedoria da Capital.

Em Outubro desse anno na administração do Presidente Dr. Affonso Alves de Camargo, foi nomeado Chefe de Policia interino do Estado, exercendo esse cargo até 3 de Novembro daquelle anno. A 25 de Fevereiro de 1920, assumindo a Presidencia do Estado o Dr. Caetano Munhoz da Rocha, nomeou o Dr. Albuquerque Maranhão, Chefe de Policia do Estado, em cujo cargo tem se mantido até a presente data, a contento e com proveito para o interesse publico.

Em 31 de Dezembro de 1922, o Dr. Albuquerque Maranhão, foi nomeado Desembargador do Superior Tribunal de Justiça do Estado, preenchendo, por merecimento, a vaga então existente naquella alta corporação judiciaria do Estado. Na convenção do Partido Republicano Paranaense, realisada nesta Capital no dia 30 de Agosto de 1925, foi escolhido para em companhia do Sr. Dr. Marins Alves de Camargo e Coronel Percy Withers, representar o Paraná na convenção nacional, reunida a 12 de Setembro na Capital Federal, para a escolha do Presidente e Vice-Presidente da Republica, como successores dos Drs. Arthur da Silva Bernardes e Estacio Coimbra.

Teve:

7-1 Eurico de Albuquerque Maranhão, serventuario publico estadual.

7-2 Carlos Luiz de Albuquerque Maranhão, funcionario do Banco do Brasil.

7-3 José Peres, estudante da Escola Militar.

7-4 Edgard Maranhão, gymnasiano.

7-5 Marina.

7-6 Marcello.

7-7 Maria Nazareth.

7-8 Luiz Maranhão, gymnasiano.

7-9 Zulmira.

6-4 Ercilia Rocha Küster, fallecida, foi casada com Candido Guedes Chagas.



- Sem filhos.
- 6-5 Dr. Manoel da Rocha Küster, engenheiro civil, solteiro.
- 6-6 Christiano da Rocha Küster, agrimensor, solteiro.
- 5-6 Maria da Rocha Miranda, falecida, foi casada com o Coronel Alexandre Gonçalves Cordeiro de Miranda, também falecido e que foi prestigioso chefe político na cidade de Campo Largo.
- Sem filhos.
- 5-7 Adolpho Rocha, casado com Maria Saldanha Rocha.
- Filhos:
- 6-1 Dr. Belmiro Saldanha da Rocha, medico e Inspector de saude do porto de Paranaguá, casado com Rosita Bastos da Rocha.
- Filhos:
- 7-1 Nelson.
- 7-2 Ruth.
- 7-3 Eurico.
- 7-4 Raul.
- 7-5 Hugo.
- 7-6 Adolpho.
- 6-2 Alberto Rocha, casado com Catharina Roncaglio da Rocha.
- Filhos:
- 7-1 Octavio Rocha, casado com Sylvia Alvim de Oliveira.
- 7-2 Amelia Rocha, casada com Francisco Ermelino.
- 7-3 Maria Rocha, viuva.
- Teve:
- 8-1 Eugenio.
- 8-2 Luiz, casado com Aureliana da Cruz.
- 8-3 Elvira, casada com Alvaro da Costa.
- Teve:
- 9-1 Alberto.
- 9-2 Maria de Lourdes.
- 6-3 Caetano Rocha, falecido solteiro.
- 4-3 Bento Florencio Munhoz, casado com Maria do Céu Taborda Ribas, filha do capitão Ricardo José Taborda

Ribas e de sua mulher Francisca Joaquina de Andrade, 4-7 de 3-1 de 2-1 do § 1.º, capitulo 2.º, titulo Rodrigues Seixas, desta obra.

Sem descendentes.

- 4-4 Balbina Licia Munhoz, casada com o Major Mathias Taborda Ribas, commendador e importante industrial. Filho do capitão Ricardo José Taborda Ribas e de sua mulher Francisca Joaquina de Andrade, já citados em 4-3.

Sem geração.

- 3-10 Maria Camilla de Lima, ultima filha de 2-8, casada com o capitão João Machado da Silva Lima, filho de Agostinho Machado Lima e de sua segunda mulher Maria Cardozo Pazes.

Neto pela parte paterna de Manoel Machado de Lima e de sua mulher Ursula da Cunha Pinto, de Mogy das Cruzes; neto pela parte materna de Trifonio Cardozo Pazes, falecido em Curityba a 13 de Outubro de 1775, em avançada idade, e de sua segunda mulher Escolastica Bento Telles, filha do Sargento-mór Francisco Dinis Pinheiro e de sua mulher Clara Pereira Telles; Trifonio Cardozo Pazes era filho de Simião Cardozo de Leão, falecido em Curityba em 1715, quando foram inventariados os seus bens por sua mulher Izabel Antunes Fernandes, de quem trataremos adiante neste titulo.

Manoel Machado de Lima era filho de João Machado de Lima, casado em 1680 com 28 annos, em Mogy das Cruzes, com Izabel da Cunha, filha de Alberto Nunes de Bulhões e de sua mulher Anna Maria da Cunha.

Neto pela parte paterna de Sebastião Machado de Lima e de sua mulher Catharina Ribeiro, falecida em 1665, filha de João Manoel Valente e de sua primeira mulher Maria Ribeiro.

Sebastião Machado Lima era filho de Braz Machado e de sua mulher Anna da Costa com quem já era casado em 1623.

Teve, 3-10 os seguintes filhos:

- 4-1 Capitão José Machado da Silva Lima, nascido em



1822, casou-se em primeiras nupcias com Maria Clara Pinheiro Lima, filha de Vicente Ferrer Pinheiro e de sua mulher Sebastiana Laynes Pinheiro; e em segundas nupcias com Anna Guilhermina Pinheiro Lima, irmã da primeira mulher.

Teve do primeiro matrimonio:

5-1 Dr. José Machado Pinheiro Lima, bacharel em direito, ministro do Tribunal de Justiça de São Paulo, casado com Maxima Moreira Lima, filha de Antonio Moreira Lima e de sua mulher Constança Alves. Neta pela parte paterna de Francisco Antunes de Lima e de sua mulher Gertrudes Cypriana de Camargo; neta pela parte materna de Joaquim Alves Cardozo e de sua segunda mulher Joaquina Maria de Oliveira.

(Genealogia Paulistana, volume I, pagina 499, 8-6.)

Teve:

6-1 Dr. José Maximo Pinheiro Lima, advogado, casado com Maria Euphrasia de Lima, natural de Franca.

6-2 Dr. Mario Graccho Pinheiro Lima, medico, casado com Adelina Barbosa, filha de Benedicto Augusto Vieira Barbosa, já falecido, e de sua mulher Carolina Martins Barbosa. Neta pela parte paterna de Antonio José Vieira Barbosa e de sua mulher Constança Adelina Vieira Barbosa; neta pela parte materna do Commendador Antonio Martins dos Santos Junior e de sua mulher Miquelina Augusta Vieira Barbosa.

Teve:

7-1 Maria de Lourdes.

6-3 Dr. Ranulpho da Motta Pinheiro Lima, engenheiro civil, casado com Carmen Pinto. Tem uma filha.

6-4 Octacilio Augusto Pinheiro Lima.

5-2 Maria Eugenia de Lima, falecida solteira em S. Paulo.

5-3 Coronel Benigno Augusto Pinheiro Lima, falecido em Antonina, a 8 de Outubro de 1920, onde foi Collector das Rendas, Deputado Estadual e Chefe Politico, casado com Maria Geraldina Rosa de Lima, filha de Joaquim José da Rosa e de sua primeira mulher Maria Geraldina Ferreira da Silva; neta pela parte paterna de Ma-

noel José da Rosa e de sua mulher Maria Francisca de Paula.

Teve:

6-1 Dr. Flavio Pinheiro Lima, fazendeiro e advogado, residente em Araraquara, São Paulo. Casado com Alice Monteiro, esta já falecida.

Filhos:

7-1 Noemia, casada.

7-2 Moacyr.

7-3 Rodolpho.

7-4 Alice, casada.

7-5 Ulysses.

7-6 Lauro.

6-2 Clovis Pinheiro Lima, falecido. Foi promotor publico em S. José dos Pinhães, casado com Francisca Paula Pereira.

Filhos:

7-1 Stael Pinheiro Lima, casada com o 1.º tenente do exercito Emmanuel da Graça Franco.

7-2 Maximo, academico de Medicina.

7-3 Benigno Ubyrajara.

7-4 Indio, falecido.

7-5 Ruy.

7-6 India.

7-7

6-3 Maria Clara, falecida solteira.

6-4 Tenente Coronel Benigno Augusto Pinheiro Lima, serventuario municipal, casado com Noemia de França, filha do coronel Ignacio de Paula França e de sua segunda mulher Izabel Portes de França.

Teve:

7-1 Maria de Lourdes de Lima.

7-2 Zair de Lima.

7-3 Izabel, falecida aos 2 annos.

6-5 Heitor Pinheiro Lima, falecido em Antonina. Casado com Parizina de Castro, filha de João Antonio de Castro e de sua mulher Victoria Coelho de Castro.

Teve:

7-1 Thessalia de Castro, casada com Joaquim Picanço. Teve uma filha.

8-1



- 7-2 Heitor de Lima Castro, casado.
- 7-3 Cacilda.
- 7-4 Maria Eugenia, casada.
- 7-5 Victoria.
- 7-6 João Eugenio.
- 6-6 Maria Eugenia, falecida solteira.
- 6-7 Dr. José Maria Pinheiro Lima, nascido em Antonina a 21 de Abril de 1879.  
Em 1899 matriculou-se na Faculdade de Direito de S. Paulo, completando seu curso a 28 de Dezembro de 1902. Em 28 de Janeiro de 1903 foi nomeado promotor publico da comarca da Lapa, cargo que occupou até 24 de Fevereiro de 1904, por ter sido removido para a promotoria da Capital. Foi nomeado em Julho de 1904 para juiz municipal da cidade da União da Victoria, deixando em 1905 esse cargo, para occupar o lugar de promotor publico da comarca de Curityba. Permaneceu até 10 de Outubro de 1916 nesse cargo, sendo removido em seguida para a comarca de Ponta Grossa, não o assumindo porem. E' lente cathedratico da cadeira de Theoria e Pratica do Processo criminal, da Faculdade de Direito da Universidade do Paraná. E' dotado de talento, illustração e altivez.  
Casou-se em 2 de Junho de 1907 com Maria Stella de Macedo, filha do capitalista Tobias de Macedo e de sua mulher Rosa Fonseca de Macedo, filha do capitalista José de Barros Fonseca e de sua mulher Maria da Luz Santos Fonseca, já falecidos.  
Teve:  
7-1 Rosa.  
7-2 Rosy.
- 6-8 Maximo Pinheiro Lima, falecido solteiro, era gêmeo com
- 6-9 Maxima Pinheiro Lima, solteira.
- 6-10 Joaquim Pinheiro Lima, falecido solteiro.
- 6-11 Plinio Pinheiro Lima, casado com Noemia Machado de Lima.  
Teve:  
7-1 Maria.

- 6-12 Anna Guilhermina Pinheiro Lima, falecida solteira.
- 6-13 Francisca Pinheiro Lima, falecida solteira.
- 6-14 José Pinheiro Lima, falecido solteiro.
- 6-15 Aracy Pinheiro Lima, solteira.
- 6-16 Hercilia Pinheiro Lima, casada com Manoel de Sá Sotto Maior, filho de João de Abreu Sotto Maior e de sua mulher Gertrudes Ferreira Sotto Maior.  
Teve:  
7-1 Manoel de Assis.  
7-2 Aracybilla.  
7-3 Leonidas.  
7-4 Hernani.  
7-5 Joel.  
7-6 Maria Gertrudes.  
7-7 Flóra.
- 6-17 Clotilde Pinheiro Lima, casada com o Capitão do Exercito Carlos Manoel de Lima; tem dois filhos.
- 6-18 Maria da Luz, falecida solteira.
- 6-19 Victoria, falecida.
- 4-1 Teve do seu segundo matrimonio:
- 5-4 Dr. Vicente Machado da Silva Lima, nascido no dia 9 de Agosto de 1850, na cidade de Castro. O Illustrado Dr. João Candido Ferreira, ao tomar assento na cadeira que lhe fôra confiada pela Academia de Letras do Paraná, fazendo o elogio de seu patrono o Dr. Vicente Machado, disse:  
«Desde a sua infancia, elle manifestou uma vontade firme e um espirito lucido.  
Narra um dos seus biographos que «já se constituia chefe resolutivo, persuasivo e pratico das reacções collegiaes e dos prelios infantis. . . . Os livros escolares, elle os devorava admiravelmente, interpretando com facilidade rara os seus assumptos, vencendo classes mais adiantadas nas pugnas estimulantes das sabbatinas, a férula. . . .»  
Aos 16 annos (1876) entrava para a Academia



de S. Paulo e aos 21 (1881) recebia o grau de bacharel em Direito.

Em todo esse lustro, escreveu o saudoso paranaense Domingos Nascimento, «elle foi: *primus inter-pares* — nas agitações ruidosas da vida bohemia e das correntes libertarias do seu tempo».

«Na Paulicéa, durante o seu curso, elle se impoz como um bohemio cheio de ousadia e de talento.

«Abolicionista entusiasta, elle não perdia occasião de manifestar o seu ardor pelas campanhas em prò da liberdade; democrata exaltado, elle estava sempre prompto para lutar pelo advento da Republica.

«Formado em 1881, regressa ao seu estado natal, occupando, successivamente, os seguintes cargos:

«Promotor Publico da Capital em 1881.

«Secretario do Governo em 1882.

«Lente de Philosophia, no Instituto Paranaense.

«Juiz Municipal da comarca de Ponta Grossa, em 1883.

«Agora que falle o illustre patricio dr. Sebastião Paraná, naquella estylo só seu, attrahente e bizarro, sobre esses varios estádios da carreira triumphal do grande paranaense.

«Diz o illustre confrade:

«Sua estréa na tribuna judiciaria foi importante, constituindo um verdadeiro triumpho. Lembramo-nos ainda da victoria extraordinaria alcançada então pelo jovem orgam da justiça social n'esse memoravel torneio da intelligencia.

«Velhos e distinctos advogados o escutaram com attenção, sentindo-se emocionados ao som do psalmo brilhantissimo pronunciado com fervor pelo inspirado tribuno.

«Deixando o cargo de Promotor Publico da Capital, em que tanto se distinguio pela sua intelligencia mascula e reconhecida competencia profissional, foi nomeado em 1882 Secretario do Governo do Dr. Carlos Augusto de Carvalho, prestando relevantes serviços áquella fecunda administração provincial. Da cadeira de Secretario do Governo passou para a de lente de Philosophia do Instituto Paranaense.

«N'este honroso posto vimoi-o por vezes prender a attenção de seus alumnos em luminosas dissertações scientificas.

«Em 1883 foi nomeado Juiz Municipal da Comarca de Ponta Grossa.

«Durante a curta permanência na sua cadeira de Juiz honesto e criterioso, soube honrar a magistratura nacional, applicando em suas decisões todas as normas da jurisprudencia.

«Espirito alevantado e superior, talhado para não viver submisso e ás voltas com velhos autos, deixou o cargo de Juiz e abriu banca de advogado naquella cidade do interior, onde iniciou com brilhantismo a sua carreira politica, filiando-se ao Partido Liberal. . . .»

«— Em 1884, durante a administração do Dr. Brazilio Machado, foi assiduo collaborador do «Dezenove de Dezembro» e «Provincia do Paraná», onde escreveu excellentes artigos sobre a causa publica, revelando-se ardoroso abolicionista.

«Sentindo necessidade de um ambiente mais amplo, mais agitado, onde as suas qualidades de luctador ousado e de orador eloquente pudessem expandir-se livremente, atirou-se aos braços seductores da politica.

«Ferindo-se em 1886 o pleito eleitoral para os cargos de Deputados á Assembléa Provincial, elle apresentou-se candidato dissidente do Partido Liberal, em que militava.

«A sua fama de moço intelligente, de orador primoroso, de patriota ardente e esforçado luctador, conquistou os suffragios sufficientes para sua victoria, n'esse pleito memoravel.

«Aos olhos avidos e pasmos dos seus pares, o deputado dissidente patenteou, n'esse biennio (1886—1887), toda a força pujante de seu talento, revelando ao mesmo tempo o seu accentuado espirito de politico previdente e mais que tudo o entranhado amor por esta terra que foi sempre o seu maior orgulho.» (Dr. J. Pernetta).

«Assim se foi constituindo o nucleo de um grupo de cor-religionarios que o cercavam com dedicação e o applaudiam com entusiasmo, attrahidos todos pela fascinação do seu valor pessoal e pela ascendencia que, naturalmente, elle ia exercendo em qualquer meio em que militasse. Taes qualidades revelou n'esse biennio, que já no seguinte o Partido Liberal o apresentou como candidato official.

«Era seu lemma a aspiração do poeta: «Sobe por teu valor, vale por teu trabalho».



«Para esmar o seu prestigio politico, conquistado em tão curto lapso de tempo, basta recordar que o Conselheiro Jesuino Marcondes, atilado a acatado chefe liberal, ao comunicar a escolha do jovem paranaense disse, em uma reunião de amigos intimos:

« — Eis aqui a esperança do partido.

«De facto, em 1888, em um notavel discurso, na Assembléa Provincial fez, com o ardor de um verdadeiro crente, a sua profissão de fé republicana.

«Na sessão de 22 de Agosto desse mesmo anno justificou uma indicação, em palavras ardentes, sobre a necessidade inadiavel de tornar-se effectiva a federação das Provincias por «uma descentralização completa, politica e administrativa».

«Essa indicação apresentada pelo moço republicano, teve larga repercussão, na Provincia e fóra della.

«Na sessão de 23 de Setembro de 1889, dois mezes antes da proclamação da Republica, pronunciou um discurso arrebatador, onde reafirmava as suas convicções republicanas.

«Após o advento da Republica, fez parte do Governo Provisorio, occupando o cargo de chefe de Policia.

«Depois foi Presidente da Camara de Curityba e mais tarde Superintendente da Instrucção Publica do Paraná.

«O facto de ter Vicente Machado occupado com raro brilho tantas e tão variadas posições durante um curto espaço de tempo e em todas ter manifestado inexcédível capacidade de trabalho e uma competencia assombrosa, é prova eloquente de que elle possuia um conjunto de dotes excepçionaes que o extremavam dos seus concidadãos.

«Com o grande predominio que já exercia n'este territorio e o afan que evidenciava de cercar o Estado de todas as garantias, promovendo seu progresso e assegurando todas as liberdades, elle não podia deixar de fazer parte do Congresso Constituinte Estadual, presidindo á confecção da nossa carta constitucional.

«Foi alem, superintendeu a organização do ensino, da força publica, da justiça, deixando em todos esses departamentos da administração o cunho de sua individualidade superior.

«Em 13 de Abril de 1893, na qualidade de Vice-Governador do Estado, assumiu a responsabilidade do Governo, justamente quando a revolução federalista, talando os campos do Rio Grande, se aprestava para invadir as fronteiras do Paraná acossada pelas forças legaes.

«Invadido o Paraná em Janeiro do anno seguinte, o Governador preparava-se para «assegurar a ordem publica e garantir a tranquillidade do Estado» conforme a moção votada pelo Poder Legislativo de 30 de Novembro de 1893.

«Não tendo encontrado apoio para uma resistencia efficaç á horda invasora, Vicente Machado foi obrigado a deixar a Capital a 18 de Janeiro, ficando suspenso no Estado o Governo Legal.

«Reassumiu as suas funções a 12 de Abril, em Castro, e entrando em Curityba a 5 de Maio de 1894, dirigiu ao Congresso Legislativo uma Mensagem, a 18 do mesmo mez, na qual affirmava: «Diz-me a consciencia, que, utilizando os poderes que me conferistes, tudo fiz para que o nosso querido Estado não fosse victimado pela invasão, o que infelizmente não pude lograr pelo desdobramento sinistro que aos acontecimentos imprimiu a fatalidade».

«Accusado de ter abandonado o Estado, deixando sem defeza os amigos e o territorio confiado á sua guarda, defendeu-se cabalmente.

«Eu não havia de ficar, disse elle no Senado, guardando sereno o posto que me confiára o voto popular, quando não tinha elementos para garantir a minha autoridade, nem forças para fazel-a respeitar; praticaria um sacrificio inutil, permanecendo na Capital, quando diante de mim eu via correr apavorado o Commandante do Districto, o chefe de todas as forças militares, e não seria com duas ordenanças, acompanhado de meia duzia de amigos desarmados, que poderia resistir á invasão; e quando se escrever a historia desapaixonada e desprevenida de todos esses factos, ha de se dizer que procedi com dignidade, civismo e patriotismo.»

«Decorridos alguns dias, após a sua chegada triumphal, eis que se propala, causando arrepios de terror, a noticia de uma carnificina na Serra.

«Levantou-se a mais formidavel e torva accusação ao chefe



do Governo Legal, sendo, entretanto, bastante a narrativa do monstruoso attentado para que se tenha a firme convicção de que um homem da estofa de Vicente Machado não seria capaz de tamanha covardia.

«Era o massacre de patricios bons e inoffensivos, autorizado pelo mais alto representante militar da legalidade.

«Vicente Machado, que era então Governador do Estado, foi accusado vehementemente como um dos responsaveis por essa innominavel carnificina e carregou por longo tempo, com o peso d'essa injusta accusação.

«Estranho a tudo que se referia áquelle acontecimento, publicou sem tardança, um manifesto eloquente, energico, rico de conceitos elevados, afastando de seus hombros qualquer co-participação e protestando contra os actos do representante do Governo Federal.

«Paranaense, diz elle, e amigo do meu Estado, cheio de cuidados pela união da familia paranaense jamais poderei concorrer para que á sombra do meu nome humilde, e com a responsabilidade do alto cargo que occupo, fructifique a semente do odio e da vingança, e todo o seu lugubre cortejo de horrores.

«A excellencia do regimen republicano está nisso: dentro da lei ha remedio para todos os males.

«Os meus patricios que por um motivo qualquer cahiram debaixo da acção da lei pela communhão com a revolta, podem se conservar tranquilllos quanto a perseguição e violencias por parte das auctoridades do Estado, assim como, estou certo, estarão por parte das auctoridades da União.

«Nada dignifica tanto a auctoridade como a severa applicação da lei.

«Dos effeitos d'esta não devem temer os que tiverem por si a justiça.»

«Discutia-se a mensagem em que Floriano Peixoto pedia approvação de seus actos durante a revolta (Sessão de 30 de Maio de 1895). Vicente Machado, depois de justificar o pedido de Floriano Peixoto, proferiu, com o desassombro de quem tem a consciencia pura e as mãos limpas, uma defeza de seus actos na vigencia do Estado de sitio no Paraná, que levou a convicção aos espiritos de seus pares.

«Referindo-se a esse facto, pronunciou estas palavras no Congresso do Estado (Sessão de Outubro de 1897):

«Outro dia, na tribuna do Senado, o orador ouviu a voz do patriotismo, do patriotismo substanciado na individualidade de um illustre servidor da Patria, que foi o primeiro que no dia em que punha os pés no recinto do Senado perguntou se podia cumprimentar aos representantes do Paraná, sem receio de que lhe ficasse pendente da mão uma gotta de sangue.

«O espirito nacional investigou ponto por ponto esse periodo negro da historia paranaense, e dias depois o orador teve a ventura incomparavel de ouvir d'esse benemérito servidor da Patria, cujo nome declino com veneração, o snr. Marechal Almeida Barreto, as seguintes palavras: «eu me orgulho de poder cumprimentar os dignos representantes do Paraná; elles não tiveram a minima responsabilidade das scenas sanguinolantes que se deram na Serra».

«— Vicente Machado era um luctador impetuoso, árdego, mas nunca despia a chlamyde de cavalheiro.

«Atacar de tacaia só o fazem os tarados ou os covardes, e Vicente Machado de tudo isso estava longe.

«De como procedeu Vicente Machado, como administrador e defensor da legalidade, dá a justa medida este telegramma em que Floriano Peixoto responde á comunicação que elle fez de deixar o governo, a 16 de Junho de 1894:

«Dr. Vicente Machado.

«Não posso deixar de confessar que fui surprehendido pelo vosso telegramma em que daes parte deixastes Governo do Estado, ao qual já tendes prestado e estaveis prestando relevantes serviços como administrador nos tempos mais difficeis esforçado batalhador pela consolidação da Republica.

«Sem offensa ao vosso substituto, acredite que sinto muito a vossa retirada n'esta quadra de sacrificios, dedicação, devotamento a esta Patria Republicana.

«Saudações. — Floriano Peixoto.»

«— Em 1895, foi eleito Senador, após um pleito dos mais renhidos, que já se feriu no Paraná e onde pôz em evidencia os recursos de um luctador indefeso, e de um chefe invencivel.



«Eleito Senador da Republica, diz o Dr. J. Pernetta, assim que attingiu a idade constitucional, a sua individualidade logo se destacou no seio da alta corporação legislativa, pela sua palavra insinuante e competente, nas discussões dos problemas mais complexos, pelo seu ardor cívico e pela sua inabalável fé republicana.

«Em franca opposição á politica trilhada pelo governo do Dr. Prudente de Moraes, na tribuna do Senado, os seus pares e os seus concidadãos pasmaram diante de sua energia, do seu talento e do seu vigor inexcedíveis.

«Elle exerceu tal predominio n'essa corporação, desenvolveu em todas as discussões tal fecundia e auctoridade, manifestou-se, em summa, tão brilhante e completo parlamentar, que o Dr. Campos Salles, na suprema magistratura do Paiz, sopitando recentes aggravos, chamou-o e confiou-lhe a «liderança» daquella Camara Alta.

«Tendo combatido com ardor a candidatura de Campos Salles á suprema magistratura da Republica e infligindo-lhe uma tremenda derrota, apesar da pressão indebita e escandalosa do Governo da União, que chegou ao extremo de mandar um vaso de Guerra ás aguas de Paranguá, o seu valor indiscutível fez olvidar todas as maguas, calar todos os resentimentos.

« — Em 1903, foi eleito Presidente do Estado sem competidor, tendo assumido o Governo a 25 de Fevereiro de 1904.

« — Quando estava na plenitude do seu vigor intellectual, quando mais amplos e bellos se descortinavam, á sua visão de estadista novos e seductores horizontes, eis que á 3 de Março de 1907, aos 46 annos e 7 mezes, a morte interrompeu aquella vida de escól.

«No dia seguinte ao do seu passamento, em sessão do Congresso Estadoal, o eminente «leader» da minoria Dr. Generoso Marques dos Santos, que era tambem o chefe da opposição, levantou-se commovido e pronunciou estas palavras eloquentes que bem evidenciam a elevada consideração em que era tido o preclaro paranaense: — «Snr. Presidente, com toda a sinceridade, profundamente consternada, a bancada opposicionista, desta casa, associa-se á moção de pezar que acaba de ser proposta pelo nobre

«leader» da maioria, pelo infausto e lamentavel fallecimento do eminente paranaense, a quem estavam confiadas as re-deas da suprema governação do Estado.

«O Dr. Vicente Machado da Silva Lima, durante um quarto de seculo, que tanto durou a sua vida publica, exerceu notavel, e nos ultimos 15 annos á esta parte, decisiva influencia nos negocios publicos do Paraná, prestando relevantes serviços á sua terra natal.

«Referindo-se á questão de limites, onde o povo paranaense, olvidando todas as dissensões partidarias, se levantou como um só homem, cheio de energia, de ardor, de votamento para defender a integridade do seu territorio e onde sublimou a acção de Vicente Machado, assim fallou o valoroso chefe da minoria:

«... é inquestionavel que o povo paranaense, sem distincção de partidos, deve-lhe um tributo de eterna gratidão pela attitude intelligente, altiva, resoluta, energica e abnegada, com que se manteve na occasião da mais dolorosa provação porque tem passado o nosso Estado, quando esteve ameaçado de pereclitar a integridade da patria paranaense.

«E isso basta, Snr. Presidente, para que o povo rodeie compungido, o corpo, hoje inanimado, d'esse homem, que hontem, na pujança da sua vitalidade, recebia d'esse mesmo povo os mais entusiasticos applausos.»

«Foi tão rapida a passagem de Vicente Machado pela terra que faz lembrar o aerolitho que risca a atmospheria em subita fulguração e já tomba no cadoz do seu destino.

«Mas, nesse rapido perlustrar por nosso ambiente, elle deixou uma obra de tal tomo e de tal vastidão, que o tempo não o conseguirá demolir, antes engrandecer.

«A morte de Vicente Machado abalou os fundamentos de sua obra e tudo transmudou.

«O tempo, em seu carro cheio de mysterios e surpresas, vae andando, vae correndo, sem breque que o detenha nem impulso que o accelere, deixando uns no pó da estrada e outros nos pinaculos da montanha, insensivel e indifferente a tudo e a todos; mas, a justiça que o acompanha em sua trajectoria sem fim, ora célere, ora tarda, vae sondando, vae pesando e vae medindo tudo para a sua-obra in-



exoravel de reparação, para a sua sentença inapelavel e eterna.

«A' medida que o tempo corre, a justiça implacavel vae penetrando mais fundo os arcanos da vida de Vicente Machado e mais saliente e mais fulgurante apparece na historia contemporanea, a sua figura inconfundivel.» (Excerpto do Discurso do Dr. João Candido.)

Foi casado em primeiras nupcias com Antonia Moreira Lima, filha de Antonio Moreira Lima e de sua mulher Constança Alves, já descripta em 5-1 retro.

Casado em segundas nupcias com Heiena de Loyola, filha do Coronel Joaquim Antonio de Loyola e de sua mulher Guilhermina dos Santos Loyola, 5-3 de 4-3 de 3-5 de 2-7, § 8.º, do capitulo 2.º deste titulo.

Teve do primeiro matrimonio:

6-1 Dr. Caio Graccho Machado Lima, advogado, redactor director do jornal «O Dia», casado com Ercilia Coelho, viuva de Armando Paiva, filha de Luiz Antonio da Silva Coelho e de sua mulher Maria Clara de Bittencourt. Sem geração.

6-2 Dr. Antonio Jorge da Silva Lima, advogado, consultor juridico da Delegacia Fiscal do Paraná; casado com Zayra de Abreu, filha do dr. Candido Ferreira de Abreu e de sua mulher Euphrosina Corrêa de Abreu. Filhos:

7-1 Risoleta.

7-2 Diva.

7-3 Gilvaneta.

7-4 Armando Jorge.

7-5 Regina Maria.

7-6 Candido Jorge.

6-3 Dr. Vicente Machado Filho, advogado, casado com Ondina Cordeiro Machado.

Filhos:

7-1 Eglé.

7-2 Edith.

7-3 Edilberto.

7-4 Edmar.

7-5 Eny.

6-4 Valentina Machado Lima, fallecida.

6-5 João Antonio Machado Lima, solteiro, fiscal dos Impostos de Consumo, no interior do Paraná.

Do segundo matrimonio teve os filhos já descriptos no capitulo 2.º deste titulo.

5-5 José Eugenio Machado Lima, fallecido, foi casado em Itatiba, Estado de S. Paulo com Veturia Lima.

Filhos:

6-1 Evangelina.

6-2 Anna Guilhermina.

6-3 José.

6-4 Clotario.

6-5 Luiz Napoleão.

5-6 Octavio Elpidio Machado Lima, fallecido, foi contador dos Correios do Paraná e Promotor Publico em Jacarézinho. Foi casado com Maria Elisa Leite.

Filhos:

6-1 Maria de Lourdes, casada.

6-2 Olga, casada.

6-3 Zilda, solteira.

6-4 Odette, solteira.

5-7 Maria Camilla de Lima Menezes, fallecida, foi a primeira mulher do Tenente-Coronel do Exercito, Commandante do 13.º Batalhão de Caçadores de Joinville Adalberto Gonçalves de Menezes, filho do Major Joaquim Antonio Gonçalves de Menezes e de sua mulher Catharina de Macedo Menezes.

Teve:

6-1 Francisca, fallecida.

6-2 Marina, casada com Edmundo Leitner.

6-3 Euthalia de Menezes Freitas, casada com Pedro de Freitas.

Teve:

7-1

7-2 Maria Camilla.

6-4 Catharina de Menezes, casada com Alcebiades Liberali, collector federal da Palmeira.

6-5 Daura.

5-8 Heitor, fallecido.

4-2 Joaquina Maria da Cunha, filha de 3-10.



Casada com o Maestro Jacintho Manoel da Cunha, natural do Rio Grande do Sul, cidade de Sant'Anna do Livramento; filho do Tenente-Coronel do Exercito de 1.<sup>a</sup> linha João Manoel da Cunha, commandante da fronteira, e de sua mulher Gertrudes Maria da Cunha, o qual depois de reformado passou a residir em Paranaguá com sua familia.

O Maestro Jacintho Manoel, desde logo revelou o seu talento musical e abraçou a profissão de professor de musica, piano, solfejo e canto, prestando por essa forma relevantes serviços a Paranaguá, pelo ensino que ministrava á mocidade, e pelo estímulo que lhe trouxe.

Tocava e cantava nas solemnidades religiosas, não só composições musicas de sua autoria como também composições de seu irmão o Tenente-Coronel Dr. João Manoel da Cunha, notavel musico e compositor, e as do seu parente Maestro Bento Menezes. A respeitavel familia Cunha era composta em sua quasi unanimidade, de musicos e musicistas de nomeada.

Alem dos irmãos Jacintho e Dr. João Manoel, salientou-se como grande musico e compositor o illustre Dr. Brasilio Itiberê da Cunha, filho deste ultimo; como musicistas os Snrs. Henrique Itiberê da Cunha e seu irmão João Itiberê da Cunha.

Teve:

5-1 Maria.

5-2 João Manoel da Cunha Sobrinho, casado com Maria

O Snr. Jacintho Manoel da Cunha, passou a segundo matrimonio com Maria Cardenes da Cunha.

Teve o filho unico:

1. Bernardino Cunha, serventuario municipal de Curityba, casado com Maria do Carmo Saldanha, filha de Pedro de Freitas Saldanha e de sua mulher Ursula Saldanha.

Teve:

a) Manoel, fallecido.

b) Tenente Ary Saldanha da Cunha, casado com Gilda Ravaglio filha de João Ravaglio e de sua mulher Dionizia Ravaglio.

c) Abdon Saldanha da Cunha.

d) Albano Saldanha da Cunha.

e) Alba Saldanha da Cunha.

f) Aracy Saldanha da Cunha.

g) Amandina, fallecida.

h) Aroldo Saldanha da Cunha.

i) Avany Saldanha da Cunha.

j) Amandina Saldanha da Cunha.

dos Anjos Cunha, em primeiras nupcias; e em segundas nupcias com Olivia Cunha.

Teve da primeira mulher:

6-1 Ottilia da Cunha Pinto, fallecida, casada com o professor Capitão Isidoro da Costa Pinto, de quem foi segunda mulher.

Teve:

7-1 Ottilia.

6-2 Sylvina da Cunha Pinto, casada com o seu cunhado Isidoro da Costa Pinto, de quem é a 4.<sup>a</sup> mulher.

Teve:

7-1 Leozil, fallecida.

7-2 Huldegrina.

6-3 Valdivia.

6-4 Guilhermina, fallecida.

6-5 Flavia.

6-6 Vicente.

6-7 Jacintho.

5-3 Augusta da Cunha Cezar, casada com João Severiano Cezar, natural de Itapetininga, S. Paulo, filho de Anselmo Cezar e de sua mulher Clotilde Cezar.

Teve:

6-1 Ottilia, viuva de

Teve:

7-1 Mario.

7-2 Ludovico.

7-3 Olga.

7-4 Cornelia.

6-2 Olivia Cezar Xavier, casada com Eudorico Xavier. Filho unico:

7-1 Aristides, nascido em 1907.

6-3 Hercilia Cezar da Cruz, casada em primeiras nupcias com Julio Justiniano de Oliveira e Cruz, e em segundas nupcias com Arthur Luiz de Vasconcellos Lopes.

Sem descendentes.

6-4 Capitão Herminio da Cunha Cezar, casado com Córa Paquete, filha de Antonio Justiniano Pa-



quete e de sua mulher Maria Candida Soares Paquete.

Filhos:

7-1 Hairton.

7-2 Hernani.

7-3 Heron.

7-4 Hilda.

- 6-5 Judith Cezar Monegaglia, casada com Henrique Monegaglia, filho de João Monegaglia e de sua mulher Elizabeth Monegaglia.

Teve:

7-1 Zilda.

7-2 Stella.

7-3 Celina.

7-4 Mario.

7-5 Gastão.

7-6 Henrique.

7-7 Nilda.

7-8 Ruth.

- 5-4 Joaquina Maria da Cunha, casada em primeiras nupcias, a 30 de Julho de 1870, na cidade de Curityba, com Felinho Elysio de Paula, nascido a 21 de Setembro de 1848 e falecido a 16 de Fevereiro de 1874, filho do Tenente João Manoel de Paula e de sua mulher Maria dos Anjos Paula.

Joaquina Maria da Cunha, casou-se em segundas nupcias com Alfredo Indio do Brasil.

Teve do primeiro matrimonio:

- 6-1 Agostinho de Paula, casado com Julieta Chaves de Paula, filha do Tenente José Lourenço de Vasconcellos Chaves e de sua mulher Francisca Franco de Vasconcellos Chaves.

Sem filhos.

- 6-2 Eurico, falecido na infancia.

- 6-3 Theodomi, falecido na infancia.

- 5-5 Guilhermina da Cunha Lopes, casada com o Major Arthur Martins Lopes, nascido em Curityba, a 20 de Outubro de 1859. Foi distincto serventuario de Fazenda, tendo feito toda a escala de accessos, desde praticante até o cargo de primeiro escriptuario, ser-

vindo varias vezes de contador e delegado Fiscal. Empregado intelligente, trabalhador e zeloso, procurou sempre harmonisar os interesses da Fazenda com os do publico, a quem attendia com devotada solitudine.

Era filho do benemerito cidadão Candido Martins Lopes e de sua mulher Gertrudes da Silva Lopes.

Ao ser installada, em 19 de Dezembro de 1853, a nova Provincia do Paraná, anteriormente 5.<sup>a</sup> Comarca de S. Paulo, animou-se o então typographo Candido Martins Lopes, a transportar do Rio de Janeiro para Curityba o material typographico com o qual montou o «Dezenove de Dezembro», primeiro jornal que se editou no Paraná, e cujo primeiro numero foi publicado no dia 1.<sup>o</sup> de Abril de 1854.

Este facto que a primeira vista parece natural e de pequeno valor, teve contudo grande importancia na vida politica e social da nova Provincia.

Foi como um pharol resplandecente que veio illuminar as trevas em que jazia a nascente Provincia, trazendo o influxo civilizador para um meio acanhado e por demais atrasado. As trevas deram lugar á luz. E o que é mais admiravel em tudo isso, é o espirito emprehendedor e forte de Candido Lopes, vindo, sem medir sacrificios, luctando com grandes difficuldades pecuniarias, atravez de obstaculos de toda a especie, trazer — em lombos de burros — a sua typographia, para montal-a n'uma pequena cidade do interior, como era Curityba em 1853.

Esse facto deve ser lembrado, para servir de exemplo, do quanto pode a força de uma vontade imperiosa e firme.

O «Dezenove de Dezembro», jornal de boa feição material e muito bem dirigido, tinha uma nitidez admiravel em sua composição typographica, optimo papel e com um brilhante corpo redactorial, podendo dessa forma bem orientar a opinião publica.

Curityba tornou-se então, como que uma sociedade nova e regenerada, alcançando a visão de novos horizontes e abrangendo novos ideaes politicos e sociaes.



Pela publicação dos actos officiaes, teve o «Dezenove de Dezembro» uma remuneração mensal de 60\$000. Mais tarde foi essa quantia elevada, pelo accrescimento da publicação das actas da Assembléa Provincial, publicação e encadernação das Leis e de objectos de expediente.

Exerceu, a par com os encargos de sua profissão, os cargos publicos de procurador fiscal interino da Thesouraria Provincial, em 1864. Foi sub-delegado de policia, juiz de paz e camarista municipal de Curityba.

Em 1661, pelo seu contracto de publicações dos actos officiaes, entendeu o Governo do presidente Dr. José Francisco Cardoso, fazer inserir no «Dezenove de Dezembro», nas sessões editoriaes, artigos elogiosos á sua administração, que era combatida por ambos os partidos: Liberal e Conservador.

Candido Lopes recusou terminantemente ceder ao Governo as duas columnas por elle exigidas, embora estivesse inteirado de que seria rescindido o contracto com o jornal. A reacção não se fez esperar; a subvenção foi retirada e o governo teve de montar uma typographia, para publicar seu expediente. Não esmoreceu, no entanto, o benemerito cidadão, continuando a publicar o seu jornal, embora que, luctando abnegadamente e com os maiores sacrificios. A sua tempera era de que: — *antes quebrar que torcer.*

Transmittiu á sua familia um nome honrado e respeitoso. Gosou de grande consideração e amizade e o seu nome acha-se gravado de forma indelevel, e merecidamente, em uma placa, que honra a uma das ruas de Curityba.

Ninguém, mais do que elle, fez juz á essa homenagem. O Capitão Arthur Martins Lopes, de seu matrimonio, teve:

6-1 Manoel, fallecido.

6-2 Candido, fallecido.

6-3 Iphigenia Lopes Rego Barros, casada com o Capitão da Força Militar do Estado do Paraná Augusto do Rego Barros, fallecido.

Teve:

7-1 Dinorah, fallecida.

7-2 Stella.

7-3 Augusto.

7-4 Eleonora.

7-5 Alfredo, fallecido.

7-6 Alfredo.

7-7 Lauro.

7-8 Carlos.

6-4 Luiz Napoleão Lopes, casado com Osmilda Barth Lopes.

Teve:

7-1 Luiza.

6-5 Herminia Lopes Munhoz, casada com Alfredo Alberto Munhoz, filho do coronel João Alberto Munhoz e de sua mulher Maria Eulalia Moreira. 5-7 de 4-1 de 3-5 de 2-7, § 9.º, capitulo 2.º deste titulo.

Ahi a descendencia.

6-6 Guilhermina Lopes Bezerril, casada com o Capitão Dr. Guilhermino Fontenelli Bezerril, engenheiro militar, dotado de talento. Fallecido.

Teve:

7-1 Araldo.

7-2 Aroldo.

7-3 Arilda.

7-4 Arina.

7-5 Armando.

7-6 Guilherme, fallecido.

6-7 Maria Antonietta Lopes Garcez, casada com o Dr. Euripedes Garcez do Nascimento, illustre medico, lente da Academia de Medicina do Paraná, filho de Francisco Gonçalves do Nascimento Rosa e de sua segunda mulher Olympia Garcez do Nascimento.

Teve:

7-1 Loth.

7-2 Aloah.

7-3 Lais.

7-4

6-8 Gertrudes Lopes Munhoz, casada com o Capitão Caetano José Munhoz, morto em combate contra os fanaticos do Contestado.

Filho do Commendador Alfredo Caetano Munhoz e de sua primeira mulher Rita Machado Lima. 5-1 de 4-1.

Teve:



- 7-1 Marina.
- 7-2 Raul.
- 7-3 Dinorah.
- 6-9 Arthur Lopes Filho, casado com Glaucia Muniz de Figueiredo, filha de José Muniz de Figueiredo e de sua mulher Maria da Luz Lisbôa de Figueiredo.  
Teve:
  - 7-1 Caetano.
  - 7-2 Nice.
  - 7-3 João.
- 6-10 Dulcidia Lopes Busse, casada com Olivio Busse, commerciante.  
Teve:
  - 7-1 Diaoli.
  - 7-2 Niedy.
  - 7-3 Roberto Claudio.
- 6-11 Candida Lopes Pereira, casada com Leocadio Pereira, filho de Lucio Leocadio Pereira e de sua mulher Esther Ferreira Pereira.  
Teve:
  - 7-1 Lucio Arthur.
  - 7-2 Levy.
  - 7-3 Leocadio.
- 6-12 Dr. Lauro da Silva Lopes, advogado, residente em Santa Catharina, casado com Poly Alves Lisbôa, filha de Honorio Lisbôa e de sua mulher Poly Pereira Alves Lisbôa.  
Filho:
  - 7-1 Maria de Lourdes.
- 6-13 José Martins Lopes, proprietario da pharmacia Correia, casado a 1.º de Julho de 1925 com Porcia Miró Lopes, filha do Dr. Joaquim Miró e de sua mulher Maria das Dôres Guimarães Miró.
- 4-3 Capitão João Machado de Lima, fallecido.
- 4-4 Padre Agostinho Machado da Silva Lima, foi por muitos annos vigario da parochia de Curityba, sempre respeitado e amado por seus parochianos.

- Sacerdote venerando, morreu com avançada idade, a 30 de Dezembro de 1882.  
Seus bens foram inventariados e partilhados entre seus irmãos.
- 4-5 Luiza Maria de Lima Coelho, casada com Domingos Affonso Coelho.  
Teve:
  - 5-1 Dr. Constante Affonso Coelho, distinctissimo engenheiro civil, casado com Eulalia de Carvalho, filha do Dr. Eulalio da Costa Carvalho, medico, e de sua mulher
  - 5-2 Domingos Affonso Coelho, casado com
  - 5-3 Maria Affonso Coelho, casada em Guarakessaba, a 3 de Junho de 1871, com José Alexandre Cardoso, filho de Antonio José Alexandre Cardoso e de sua mulher Porcina Maria das Dôres.
  - 5-4 Antonia Maria de Lima, casada a 12 de Outubro de 1871 com Antonio Manoel Cardoso, filho de Antonio José Alexandre Cardoso e de sua mulher Porcina Maria das Dôres.
  - 5-5 Victoria Coelho de Castro, casada com João Antonio de Castro, fallecidos, foi 1.º Escripturario da Alfandega de Paranaguá e mais tarde exerceu igual cargo na Alfandega de Macahé, onde se aposentou.  
Teve:
    - 6-1 Parisina de Castro Lima, casada com Heitor Pinheiro Lima, filho do Coronel Benigno Pinheiro Lima e de sua mulher Maria Geraldina Rosa Lima. 6-5 de 5-3 de pagina 264, deste.  
Ahi seus descendentes.
    - 6-2 João Antonio de Castro Junior, casado com Francisca de Souza Castro.
    - 6-3 Carlos, fallecido.
    - 6-4 Raul, fallecido.



- 5-6 Agostinho Affonso Coelho.
- 5-7 Virgílio Affonso Coelho.
- 5-8 José Affonso Coelho.
- 5-9 Beluca.

## CAPITULO 3.º

3 *B*elchior Carrasco dos Reis, andava em bandeiras pelos sertões, quando falleceu seu pai em 1697; foi casado em Sorocaba com Maria Domingues.

Teve (Genealogia Paulistana, Volume 6.º):

- 1-1 Gaspar Carrasco dos Reis. § 1.º
- 1-2 Salvador Domingues § 2.º

## § 1.º

1-1 Gaspar Carrasco dos Reis, casado em primeiras nupcias em 1737, em Sorocaba com Ignacia de Almeida, filha de Antonio Bicudo Furtado e de sua mulher Luiza Mendonça, com ascendentes em Titulo Almeidas Castanhos 4-5 de 3-6; casou-se em segundas nupcias em 1742 em Sorocaba com Anna Maria, filha de Nicolau Valente e de sua mulher Luzia Pereira, de Itú.

## § 2.º

1-2 Salvador Domingues, foi casado em Sorocaba com Francisca Maria, filha de José de Oliveira e de sua mulher Thereza de Jesus; neta pela parte paterna de Antonio de Oliveira Falcão e de sua mulher Izabel Ribeiro; neta pela parte materna de Salvador de Oliveira Gago e de sua mulher Izabel da Costa Sobrinho.

## CAPITULO 4.º

4 *M*argarida Fernandes dos Reis, em 1697 já era viuva de Antonio Martins Leme, filho do Capitão-mór povoador de Curityba Matheus Martins Leme e de sua mulher Anna de Góes; neto pela parte paterna de Thomé

Martins Bonilha e de sua mulher Leonor Leme, cuja vida e ascendentes descrevemos no titulo Martins Leme.

Teve 6 filhos:

- 1-1 Capitão José Martins Leme § 1.º
- 1-2 Antonia Leme da Silva § 2.º
- 1-3 Anna Maria da Silva § 3.º
- 1-4 Balthazar Fernandes de Leme § 4.º
- 1-5 João Martins Leme § 5.º
- 1-6 Izabel Antunes Cortes § 6.º

## § 1.º

1-1 Capitão José Martins Leme, casado com Antonia Ribeiro da Silva, filha do Capitão Antonio Ribeiro da Silva, fallecido em Curityba em 1725, e de sua mulher Maria de Siqueira de Almeida, fallecida em Curityba, a 28 de Abril de 1717, filha do Capitão Manoel da Cunha Gago e de sua mulher Anna de Siqueira. (C. O. de Curityba.)

Teve:

2-1 Maria de Almeida de Siqueira, casada com o Capitão Lourenço Castanho de Araujo, filho de Lourenço Castanho Taques e de sua mulher Anna de Arruda Castanho; neto pela parte paterna de Lourenço Castanho Taques e de sua mulher Maria de Araujo, fallecida em S. Paulo em 1683; neto pela parte materna de Francisco de Arruda e Sá e de sua mulher Maria de Quadros.

2-2 Maria de Almeida Siqueira.

Teve 7 filhos: (Genealogia Paulistana, Volume 4.º)

3-1 Antonio de Almeida Lara.

3-2 Luiz de Almeida.

3-3 Lourenço Castanho de Araujo, fallecido em 1794 na Parnahyba, casado com Anna de Brito Silva, filha do Capitão Francisco Corrêa da Fonseca Guedes e de sua mulher Maria Pinto da Silva.

Teve:

4-1 Maria Luiza de Almeida Pinto, casada com o Capitão Joaquim de Camargo



- Penteado, morador em S. Roque. Com ascendentes no Volume 1.º da Genealogia Paulistana, pagina 271, em 4-7 de 3-2.
- 4-2 José Joaquim.
- 4-3 Joaquim José.
- 4-4 Capitão José Manoel Castanho, casado em 1821 em S. Roque com Delphina Maria. Ver ascendentes em Volume 4.º da Genealogia Paulistana, folhas 234 em 5-4 de 4-3.
- 4-5 Gertrudes de Almeida Arruda, casada em 1801 em S. Roque com Pedro Ortiz Penteado.
- 4-6 Rita.
- 3-4 Guarda-mór Jorge de Almeida Lara, casado em 1760 em S. João de Atibaia, com Joanna Barbara.
- 3-5 Custodia.
- 3-6 José.
- 3-7 Salvador Martins Castanho, natural de Juquery, casado em 1788 na Cotia, com Thomazia da Rocha Camargo.
- 2-2 Margarida da Silva, casada em Curityba com o Capitão Ignacio Taques de Almeida, irmão de Lourenço Castanho de Araujo, do numero precedente.
- 2-3 Antonio da Silva Leme.
- 2-4 Joanna Leme de Jesus, casada em Curityba em 175... com Francisco da Silva, viuvo de Maria da Costa Rosa, filha de João Silva e de sua mulher Dionizia Francisca, naturales de Braga-Portugal.
- 2-5 Salvador Martins Leme, casado na Parnahyba em 1756 com Margarida de Siqueira, filha de José de Camargo e Siqueira e de sua mulher Domingas Franco de Brito.
- 2-6 José, com 8 annos em 1734.

## § 2.º

- 1-2 Antonia Leme da Silva, filha de Margarida Fernan-

des dos Reis, do Capitulo 4.º, falleceu em Curityba em 1754 com 70 annos de idade, sendo casada com o Capitão José Nicolau Lisbôa.

Teve: (C. E. de Curityba.)

- 2-1 Josepha Rodrigues Lisbôa, casada em Curityba em 1744 com José Rodrigues Teixeira, filho de João Rodrigues Teixeira e de sua mulher Francisca Ribeiro da Silva (ou de Siqueira).

Teve: (C. E. de Curityba.)

- 3-1 Francisca Ribeiro da Silva, casada em Curityba a 28 de Janeiro de 1776 com Miguel Domingues Teixeira, filho de Antonio José Teixeira e de sua mulher Maria Rodrigues Moreira.

Neto pela parte paterna de Francisco Teixeira Seixas e de sua mulher Rosa Maria de Carvalho.

- 3-2 Thereza Maria da Silva, casada em Curityba a 19 de Junho de 1782 com Salvador Fernandes de Siqueira, filho de Manoel Dias Collaço, natural de Itanhaen, e de sua mulher Maria Luiz de Góes, de Curityba; neto pela parte paterna de Francisco de Souza Aguiar e de sua mulher Felicia Dias Maria, naturales de Itanhaen; neto pela parte materna de Antonio Fernandes de Siqueira e de sua mulher Catharina de Siqueira Cortes.

- 3-3 Antonia Ribeiro da Silva, casada em Curityba em 1765 com Jeronymo Leme da Silva, filho de Pedro Leme da Silva e de sua mulher Maria de Siqueira; por esta, neto de Manoel Vaz dos Reis e de sua mulher Suzanna de Góes, de Mogy das Cruzes.

- 3-4 Lourenço Rodrigues Teixeira, casado a 14 de Janeiro de 1792 com Bernardina Saraiva do Espirito Santo, filha de Francisco Fernandes Saraiva e de sua mulher Rita da Conceição França, descriptos em 3-1 de 2-2, abaixo.

- 2-2 Manoel dos Santos Lisbôa, casado em Curityba em 1743 com Maria Rodrigues Ribeiro de Siqueira, filha de João Rodrigues Teixeira e de sua mulher Francisca Ribeiro de Siqueira.

Filhos:



- 3-1 Anna Maria do Espirito Santo, casada em Curityba a 14 de Outubro de 1788 com Ignacio Fernandes Saraiva, filho de Francisco Fernandes Saraiva, casado em Curityba a 7 de Dezembro de 1756 com Rita da Conceição França; neto pela parte paterna de Francisco Fernandes da Veiga e de sua mulher Joanna Fernandes Saraiva; neto pela parte materna de Manoel da Costa Filgueras e de sua mulher Custodia Rodrigues de França.  
Teve: (C. E. de Curityba.)
- 4-1 Maria Fernandes dos Santos, casada em 1804 com José de Souza Jorge, natural de Portugal, filho de Francisco de Souza e de sua mulher Anna Luiz dos Santos.
- 3-2 Francisco da Borja Lisbôa, casado em Curityba a 5 de Fevereiro de 1788 com Maria da Conceição França, filha de Francisco Fernandes Saraiva e de sua mulher Rita da Conceição França, já descriptos em 3-1 de 2-2 retro.  
Filhos:
- 4-1 Rita Maria dos Santos, casada em 1806 com José Cortes da Paixão, filho do Capitão Domingos José Cortes e de sua mulher Maria Francisca da Costa.
- 3-3 Sebastião dos Santos Lisbôa, casado em Curityba a 14 de Outubro de 1788 com Francisca de Paula Rosa, filha de Francisco Fernandes Saraiva e de sua mulher Rita da Conceição França. Já descriptos.
- 3-4 José dos Santos Lisbôa, casado em Curityba a 12 de Janeiro de 1776 com Rosa Maria de Carvalho, filha de Antonio José Teixeira e de sua mulher Maria Rodrigues Moreira; neta pela parte paterna de Francisco Teixeira Seixas e de sua mulher Rosa Maria de Carvalho; neta pela parte materna do Coronel Braz Domingues Velloso e de sua mulher Catharina Gonçalves Coutinho.
- 2-3 Antonio Martins Lisbôa, casado em Curityba em 1745 com Paula Rodrigues da Rocha, fallecida a 17 de

Junho de 1769, filha do Capitão Manoel da Rocha Carvalhaes e de sua mulher Josepha Rodrigues Coutinho; neta pela parte paterna de Antonio da Rocha e de sua mulher Maria João Carvalhaes, naturaes do Porto; neta pela parte materna de Manoel Gonçalves de Siqueira e de sua mulher Paula Rodrigues de França.

Filhos: (C. O. de Curityba.)

- 3-1 José Martins Lisbôa, com 21 annos de idade, em 1759, quando falleceu sua mãe.
- 3-2 Josepha Martins dos Santos Coutinho, casada em Curityba a 13 de Julho de 1773, aos 22 annos, com João da Silva Leite, natural de Sorocaba, filho de João Cardoso Leite e de sua mulher Maria da Silva.
- 3-3 Gertrudes Maria de Jesus (ou de França), casada em Curityba a 1.º de Agosto de 1772 com Manoel de Oliveira Assumpção, filho de paes incognitos.
- 3-4 Izabel de França, com 12 annos em 1769.
- 3-5 Maria de Jesus, com 7 annos em 1769.
- 2-4 João da Luz Lisbôa, casado em Curityba em 1757 com Izabel Pereira, filha do Alferes Francisco Diniz Pinheiro e de sua mulher Clara Pereira Telles.  
Filhos:
- 3-1 Maria da Luz, casada em 1785 em Curityba com José da Cunha Tavares, naturaes de Portugal.
- 2-5 Izabel Antunes Lisbôa, casada em Curityba em 1738 com Sebastião de Carvalho Pinto, filho de João de Carvalho Pinto, natural de Portugal, que em 1694 pertencia á governança de Curityba, onde foi Juiz de Orphãos, e de sua mulher Maria Rodrigues da Cunha.

### § 3.º

- 1-3 Anna Maria da Silva, casada em Curityba em 1698 com Francisco Nunes de Siqueira, filho de Christovão Pereira e de sua mulher Anna de Siqueira.



## § 4.º

- 1-4 Balthazar Fernandes de Leme, casado com Maria Candelaria.

## § 5.º

- 1-5 João Martins Leme, casado em Curityba com Catharina Rodrigues Pinto, filha de João Carvalho Pinto e de sua mulher Maria Rodrigues da Cunha, dos quaes já fallamos em 2-5 do § 2.º.

Teve 6 filhos:

- 2-1 Miguel Francisco Martins, casado em Curityba em 1748 com Maria Antonia de Siqueira, filha de Antonio Martins Pereira e de sua mulher Anna Maria de Jesus.

Filhos:

- 3-1 Francisco Martins Pereira do Nascimento, casado no anno de 1791, em Curityba, com Maria do Carmo, filha de Antonio da Costa Filgueira e de sua mulher Maria Vieira Pedroso; por esta, neta de Pedro Rodrigues Paes e de sua mulher Paula Fernandes de Oliveira; por esta, bisneta de José Teixeira de Azevedo e de sua mulher Maria da Fé Side.

- 2-2 Estevão Martins Leme, natural de Curityba, casou em Sorocaba, em 1737, com Escolastica de Godoy Moreira.

Filhos: (Genealogia Paulistana, Volume 7.º, folhas 262.)

- 3-1 Miguel.

- 3-2 José Martins de Camargo, casado em Sorocaba em 1780 com Anna Diniz Ponce. Com descendentes.

- 3-3 Estevão Martins Leme.

- 3-4 Francisca Martins de Camargo, casada com Caetano Ferraz de Almeida.

- 3-5 Maria.

- 2-3 Maria do Terço de Jesus, casada em Curityba em 1771 com João da Rocha Dantas, filho de

Paulo da Rocha Dantas e de sua mulher Catharina Cardoso, natural de Portugal; neto pela parte paterna do Dr. João da Rocha e de sua mulher Maria de Sá Barbosa; neto pela parte materna de Fructuoso de Laya de Leam e de sua mulher Antonia de Siqueira. Teve:

- 3-1 Catharina Ursula, casada em primeiras nupcias no anno de 1788, em Curityba, com o Alferes Francisco Pereira da Cruz, natural da Ilha Grande, viuvo de Barbara Rosa; casada em segundas nupcias no anno de 1794 em Curityba com Manoel da Costa Rosa, filho de Angelo da Costa Rosa, natural de Paranaguá, e de sua mulher Anna Vieira Pedroso; por esta, neto de Pedro Rodrigues Paes e de sua mulher Paula Fernandes de Oliveira.

- 2-4 Margarida Fernandes dos Reis, casou em primeiras nupcias no anno de 1749 em Curityba com Thomaz Leme do Prado, de Itú, filho de João do Prado Leme e de sua mulher Messia Nunes de Siqueira; casada em segundas nupcias em Curityba em 1772 com Domingos Dias Braga.

- 2-5 Pedro Rodrigues Pinto, casou com Maria de Siqueira de Almeida.

Filhos:

- 3-1 Maria Nazareth, casada em Curityba em 1790 com Antonio Corrêa de Almeida, natural de Baependy, viuvo de Maria Raposo de Almeida, filho de Antonio Corrêa Leme, de Pindamonhangaba, e de sua mulher Francisca de Almeida, de Taubaté; por esta, neto de Francisco Raphael e de sua mulher Maria de Lara, de S. Paulo.

- 2-6 Feliciano Fernandes dos Reis, casada em Curityba a 14 de Setembro de 1739 com o Capitão Estevão Ribeiro Bayão, natural de Curityba, fallecido a 30 de Dezembro de 1769. Era filho do Capitão Antonio Ribeiro da Silva e de sua mulher Maria de Siqueira de Almeida, elle fallecido em Curityba em 1725 e ella a 28 de Abril de 1717; por esta, neto materno do Capitão Manoel da Cunha Gago e de sua mu-



lher Antonia de Siqueira; pela parte paterna era neto do Capitão Antonio Ribeiro Bayão e de sua mulher Maria Leme.

O Capitão Estevão Ribeiro Bayão foi commandante da segunda expedição dos sertões de Guarapuava e Tibagy, fazendo a sua entrada a 20 de Junho de 1769, pelo porto de São Bento do Rio Tibagy, attingindo o Rio Ivahy, que descobriu e deu o nome de D. Luiz.

Tendo enfermado na margem do Rio Ivahy, das febres de mau character ali reinantes, e sentindo os seus incommodos aggravarem-se, recolheu-se a sua casa em S. José dos Pinhaes, onde falleceu no 3.º dia apóz o seu regresso. A expedição do Capitão Estevão Bayão era composta de 77 homens, gente forte, robusta e acostumada ao serviço do sertão, no caminho do Rio Grande, da freguezia de São José dos Pinhaes.

Teve 11 filhos legítimos: (Testamento de 1773 de Feliciano Fernandes dos Reis — C. O. de Curityba.)

3-1 Manoel da Cunha, casado com Maria de Freitas.

3-2 Maria Rodrigues Pinto, casada com Ignacio José Preto, filho de Ignacio Preto Bueno e de sua mulher Luiza Cardoso de Leão, fallecida em 1792, já em estado de viuva.

3-3 Maria Rodrigues da Luz, casada com Antonio Franco de Oliveira.

3-4 Maria Rodrigues da Conceição, casada em 1767 com Manoel Vicente de Moraes, filho de Manoel de Moraes Navarros e de sua mulher Escolastica Soares.

3-5 Josepha Maria da Silva, casada em Curityba a 25 de Junho de 1770 com Bento de Freitas, filho de Domingos de Freitas e de sua mulher Maria Pinto, filha de Manoel Pinto do Rego e de sua mulher Luzia Velloso.

3-6 Antonio Ribeiro Bayão, casado com Anna Rodrigues de França.

Teve:

4-1 Antonio Ribeiro Bayão.

3-7 Escolastica, era solteira em 1773, com 20 annos.

3-8 Francisca, era solteira em 1773, com 18 annos.

3-9 Anna, com 15 annos.

3-10 José Ribeiro Bayão, com 10 annos.

3-11 Luzia, com 7 annos.

### § 6.º

1-6 Izabel Antunes Cortes, ultima filha do Capitulo 4.º, casada com o Sargento-mór Simião Cardoso de Leão, ou Pazes. Foi homem de respeito da Governança de Curityba. Residiu em Antonina, tendo propriedades no Anhaya, onde se dedicou as explorações de minas de ouro.

Teve:

2-1 Trifonio Cardoso Pazes de Leão, natural de Curityba, fallecido a 13 de Outubro de 1775 com avançada idade, deixando testamento. Foi casado em primeiras nupcias com Rita Ribeiro de Magalhães, a 19 de Novembro de 1733, filha do Ajudante Manoel Pinto Ribeiro e de sua mulher Maria Leme Lima; casou em segundas nupcias com Escolastica Pereira Telles, a 30 de Julho de 1755, filha do Sargento-mór Francisco Diniz Pinheiro e de sua mulher Clara Pereira Telles.

Falleceu com testamento em 1748.

Teve do primeiro matrimonio:

3-1 Joaquim Cardoso Pazes, casado em S. Paulo, a 4 de Agosto de 1784. Residiu em Sorocaba, onde passou escriptura de venda de sua legitima paterna a seu cunhado Bernardino da Costa. A carta de venda era assignada por elle só e testemunhas. Dahi conclue-se que Joaquim Cardoso Pazes ou era viuvo e sem filhos, ou solteiro, apesar do inventario de seu pae, e o testamento de 1775 o darem como casado.

3-2 Tenente-Coronel Simeão Cardoso Pazes, nascido em S. José dos Pinhaes, casado em Paranaguá com Anna de Souza e Silva. O Tenente-Coronel Simeão Cardoso Pazes dedicou-se a afanosa vida da lavoura, onde adquiriu avantajada fortuna. Homem intelli-



gente e activo, foi forte factor do progresso de Antonina, onde residiu e exerceu os mais altos cargos da Republica, inclusive o de Sargento-mór de milicia, demonstrando a sua competencia e prestando relevantes serviços em prol da defeza militar da Capitania. Ali falleceu com testamento a 23 de Abril de 1806.

Filhos:

- 4-1 João Baptista Cardoso Pazes, falleceu solteiro, com 38 annos de idade e foi inventariante de seu pae.
- 4-2 Genoveva Maria Cardoso, falleceu solteira aos 27 annos de idade, em 1806.
- 4-3 Francisco Paes Cardoso, falleceu solteiro, com 23 annos de idade.
- 4-4 Manoela Cardoso, fallecida solteira.
- 4-5 Maria Ubaldina Cardoso, casada em primeiras nupcias com Domingos Adriano Menchaso Castelhana, e em segundas nupcias com Antonio José Gonçalves.
- 4-6 Rita Maria de Jesus Cardoso, casada com o Capitão Francisco de Paula Teixeira Cardoso, natural do Porto-Portugal, d'onde veio com seu irmão Tenente-Coronel Manoel Teixeira de Oliveira Cardoso, em 1785.

Teve:

- 5-1 Candido de Paula Teixeira, fallecido solteiro.
- 5-2 Antonia Rita Maria, casada com Patricio de Oliveira Cardoso. Falleceu em Palmeira.
- 5-3 Francisco, fallecido na infancia.
- 5-4 Micquelina Ubaldina da Silva, casada em primeiras nupcias com Luiz Gonzaga, e em segundas nupcias com o Major Clementino dos Santos Pacheco, que foi assassinado pelos bugres em Tres Serros, Passo Fundo, a 6 de Fevereiro de 1856. Era filho do Capitão Manoel dos Santos Pacheco e de sua mulher Maria Pereira da Silva.

Sem geração.

- 5-5 Francisco, fallecido solteiro.
- 5-6 Cezarina Francisca de Assis de Oliveira, casada com José Teixeira de Oliveira Cardoso, filho de Manoel Teixeira de Oliveira Cardoso e de sua segunda mulher Anna Joaquina da Paixão.

Teve:

- 6-1 Lydio Teixeira de Oliveira Cardoso, nascido em Boqueirão, casado com Anna Rita de Jesus, filha de Manoel de Paula Teixeira e de sua mulher Anna Carneiro de Paula.

Filho:

- 7-1 Maria Lydia, casada com João de Paula Teixeira, 6-3 de 5-9 adiante.

- 6-2 Manoel Teixeira de Oliveira, casado com Antonia Rita de Paula, filha de Manoel de Paula Teixeira e de sua mulher Anna Rita Carneiro de Paula.

Teve:

- 7-1 Cezarina.
- 7-2 Arlindo.
- 7-3 Alzira
- 7-4 Laudelina.
- 7-5 José.
- 7-6 Alfredo.

- 6-3 Rita de Assis de Oliveira Munhoz, casada com o Commendador Alfredo Caetano Munhoz, filho do Tenente-Coronel Caetano José Munhoz e de sua mulher Francisca de Assis de Oliveira Munhoz. 5-1 de 4-1 de pagina 238 deste Titulo. Ahi os descendentes.

- 5-7 Manoel de Paula Teixeira, casado com Anna Rita Carneiro de Paula, filha de Possydonio Antonio Carneiro e de sua mulher Anna Maria Carneiro.

Filhos:

- 6-1 Arminda, fallecida solteira.
- 6-2 Anna Rita de Paula Teixeira, casada com Alexandre Machado Lima, filho de Angelo Machado Lima e de sua mulher Ignacia de Miranda. Teve 9 filhos.

- 6-3 Abdorminio de Paula Teixeira, casado com Prescilliana da Conceição, filha de João de Paula Teixeira e de sua mulher Maria da Conceição. 6-5 de 5-5 adiante.

Sem geração.

- 6-4 Anna Rita de Paula, casada com Manoel Teixeira de Oliveira, filho de José Teixeira de Oli-



- veira e de sua mulher Cezarina Francisca de Assis de Oliveira.
- 6-5 Randolpho de Paula Teixeira, casado com Maria Rita de Paula, filha de João de Paula Teixeira e de sua mulher Maria Possydonia de Jesus.
- 6-6 Armada Rita de Paula, casada com João da Cruz Bastos, filho de Joaquim Antonio da Cruz Bastos e de sua mulher Maria Joanna.
- 6-7 José Carneiro de Paula, casado com Sebastiana Eulalia Carneiro, filha de Francisco Antonio Carneiro e de sua mulher Maria Rita Carneiro.
- 6-8 Abrahão Carneiro de Paula, falecido, casado com Deolinda da Annuniação Carneiro, filha de Francisco Antonio Carneiro e de sua mulher Maria Rita Carneiro.
- 6-9 Abdolmira, falecida na infancia.
- 6-10 Arminda, falecida na infancia.
- 5-8 Anna Rita de Paula, casada com Simião Cardoso Paes, filho de Possydonio Antonio Cardoso e de sua mulher Anna Maria Carneiro.
- 5-9 João de Paula Teixeira, falecido em 3 de Fevereiro de 1856. Foi casado com Maria Possydonio de Jesus, filha de Fossydonio Antonio Cardoso e de sua mulher Anna Maria Carneiro.
- Filhos:
- 6-1 Terencio de Paula Teixeira, nascido em 1838, casado com Mabella Rodebardo.
- 6-2 Job de Paula Teixeira, casado com Antonia de Oliveira Franco, filha de Francisco Rufino de Oliveira Franco e de sua mulher Maria Rita, filha de João Baptista Teixeira e de sua mulher Maria Rita da Purificação.
- 6-3 João de Paula Teixeira, casado com Maria Lydia de Oliveira, filha de Lydio Teixeira de Oliveira e de sua mulher Anna Rita de Jesus, 6-1 de 5-6 retro. Ahi a geração.
- 6-4 Ermelina Maria Carneiro, casada com João Climaco de Oliveira Nunes.
- 6-5 Priscilliana, falecida, casada com Abdormiro de Paula Teixeira. 6-3 de 5-6, retro.

- Sem geração.
- 6-6 Anna Rita de Jesus, casada com Lydio Teixeira de Oliveira. 6-1 de 5-6, retro.
- 6-7 Maria Rita de Paula, casada com Randolpho de Paula Teixeira. 6-5 de 5-7, retro.
- 4-7 Cezario Antonio Cardoso, casado com Maria de Souza.
- Filhos:
- 5-1 José Cezario Cardoso, casado com Manoela Delina Rosa.
- 5-2 Josepha Cezario Cardoso, casada com José Cardoso.
- 5-3 Anna Cezario Cardoso, casada com José Lopes.
- 5-4 Manoel Cezario, casado com filha de Antonio Ribeiro.
- 5-5 Ignacio Cezario, falecido solteiro.
- 4-8 Possydonio Antonio Cardoso, casado com Anna Maria Carneiro, filha de Francisco Mendes Carneiro.
- Teve 5 filhos:
- 5-1 José Cardoso Paes, casado em primeiras nupcias em São José dos Pinhaes com Umbelina Eulalia de Paula, e em segundas nupcias com Maria dos Passos Ferreira.
- Do primeiro matrimonio teve:
- 6-1 Francisco de Paula Carneiro, casado com Maria dos Santos.
- Filhos:
- 7-1 Horacio.
- 7-2 Micquelina.
- 6-2 Maria Rita Carneiro, casada com o seu tio Francisco Antonio Carneiro, filho de Possydonio Antonio Cardoso e de sua mulher Anna Maria Carneiro.
- Teve:
- 7-1 José Carneiro, casado com Cezarina Teixeira, filha de Manoel Teixeira.
- 7-2 Pedro Alexandre Carneiro, casado com Alzira Teixeira de Oliveira, filha de Manoel Teixeira de Oliveira.
- 7-3 Sebastiana Eulalia Carneiro, casada na Lapa com José de Paula Carneiro.



- 7-4 Deolinda Carneiro, casada em primeiras nupcias com Absalão Manoel de Paula, e em segundas nupcias com Carlos Cardoso de Mello.
- 7-5 Umbelina Carneiro, casada com Arlindo Teixeira de Oliveira.
- 7-6 Sophia, falecida.
- 7-7 Maria Carneiro de Oliveira Ribas, casada com Pedro de Oliveira Ribas.
- 7-8 Francisca Carneiro, casada com Joaquim Ferreira da Silva.
- 7-9 Abilio Carneiro, casado com Maria da Conceição Ferreira, filha de Miguel da Silva Ferreira.

Do seu segundo matrimonio, teve 5-1 os seguintes filhos:

- 6-3 Absalão Antonio Carneiro, casado com Clara dos Santos Carneiro, filha do Sargento-mór Simeão Cardoso Paes e de sua segunda mulher Anna Joaquina dos Santos.
  - 6-4 Elvira da Conceição Carneiro.
  - 6-5 Salomão Antonio Carneiro, casado com Umbelina dos Santos Carneiro, 6-5 de 5-3.
  - 6-6 Sanson Antonio Carneiro.
  - 6-7 Francisca dos Passos Carneiro, casada com Frederico Pimpão.
  - 6-8 José Antonio Carneiro.
  - 6-9 Maria dos Passos Carneiro.
  - 5-2 Anna Rita de Paula, casada com o Capitão Manoel de Paula Teixeira, filho de Manoel de Paula Teixeira.
  - 5-3 Simeão Cardoso Paes, casado em primeiras nupcias com Anna Rita de Paula. 5-8 de 4-6 de 3-3 de 2-1, retro. Casou em segundas nupcias com Anna Joaquina dos Santos, filha de Leandro de e de sua mulher Clara de de Lages.
- Teve do primeiro matrimonio:
- 6-1 Possydonio de Paula Carneiro, casado com Elvira da Conceição Carneiro.
- Teve:

- 7-1 Maria da Conceição, casada com João Simeão Carneiro.
- Teve do segundo matrimonio:
- 6-2 Maria Clara dos Santos, casada com Francisco de Paula Carneiro, filho de José Cardoso Paes.
  - 6-3 Clara dos Santos Carneiro, casada com Absalão Antonio Carneiro. 6-3 de 5-1, retro.
  - 6-4 Antonio dos Santos Carneiro, casado com Balbina dos Santos Carneiro, filha de José dos Santos Carneiro.
- Teve:
- 7-1 Lydio.
- 6-5 Umbelina dos Santos Carneiro, casada com Salomão Antonio Carneiro. 6-5 de 5-1.
- Teve:
- 7-1 Antonio.
  - 7-2 Maria.
  - 7-3 Deolinda.
  - 7-4 Davina.
- 6-6 Maria do Nascimento Carneiro, casada com João Ermelino de Oliveira, filho de João Climaco Nunes.
  - 6-7 João Simeão Carneiro, casado com sua sobrinha Maria da Conceição Carneiro, filha de Possydonio Antonio de Paula Carneiro e de sua mulher Elvira da Conceição.
  - 6-8 Manoel Simeão Carneiro, casado com Maria Luiz Cordeiro, filha de José dos Santos Cordeiro.
  - 5-4 Capitão Antonio Carneiro, casado com sua sobrinha Maria Rita Carneiro, filha de José Cardoso Paes. 5-1 de 4-8, retro.
- Ahi a geração.
- 5-5 Maria Possydonia de Jesus, casada com João de Paula Teixeira, filho de Francisco de Paula Teixeira Cardoso. 5-9 de 4-6, retro.
- Ahi a geração.
- 3-3 Margarida Cardoso de Jesus, casada em 5 de Agosto



de 1766 na villa de Curityba com Bernardino da Costa Filgueira. Nasceu em 1744 e era filho de Manoel Filgueira e de sua mulher Custodia Rodrigues de França. Capitulo 10.º do titulo Rodrigues de França.

3-4 Luiz Ribeiro de Magalhães, tinha 28 annos em 1775. Solteiro.

3-5 José Cardoso Pazes, com 18 annos em 1775. Casou-se no anno 1786 em Curityba com Luiza Maria, filha de Luiz de Souza Menezes e de sua mulher Maria do Rosario. Neta pela parte materna do Guardamór Francisco Martins Lustoza e de sua mulher Maria Soares.

Teve:

4-1 Jeronymo Cardoso Pazes, casado com Anna Ferreira Bueno.

Teve:

5-1 José Ferreira, casado em 1848.

5-2 Joaquim Ferreira, viuvo.

5-3 Carlos Cardoso, solteiro em 1848.

5-4 Maria Cardoso Labre, casada com Bento José Labre.

5-5 Luiza Cardoso Rodrigues, casada com Manoel da Luz Rodrigues.

5-6 Anna Cardoso Pedroso, casada com João Pedroso.

5-7 Gertrudes Cardoso Gonçalves, casada com Joaquim Gonçalves.

5-8 Francisca, solteira em 1848.

4-2 Vidal Cardoso de Menezes, casado em primeiras nupcias, a 4 de Abril de 1825 na villa de Curityba, com Esmeria Ferreira do Carmo. Casou em segundas nupcias com Manoela Taborda Ribas, filha do Capitão Manoel José Taborda Ribas e de sua mulher Maria Rita de Lima. Casou em terceiras nupcias, a 16 de Julho de 1834, com Balduino do Espirito Santo, filha de Francisco Rodrigues Seixas e de sua mulher Anna Barbara. Teve do 3.º matrimonio:

5-1 Clarinda Colleta de Moraes, casada em Curityba a 4 de Março de 1848, com Manoel

Cardoso Leal, filho de Vicente Cardoso Leal e de sua mulher Rosa Vicencia.

4-3 David Cardoso de Menezes, casado com Balduino de Siqueira. Falleceu no dia 20 de Agosto de 1867. Filhos:

5-1 José Cardoso de Menezes, solteiro e com 28 annos em 1867.

5-2 Levy Cardoso de Menezes, casado.

5-3 Manoel Cardoso de Menezes, casado.

Filhos:

6-1 José, com 8 annos em 1867.

6-2 Francisca, com 6 annos em 1867.

6-3 Anna, com 5 annos em 1867.

5-4 Clara Maria de Jesus, solteira.

4-4 Maria Cardoso de Menezes, casada.

4-5 Clara Maria de Jesus, casada com Bento José de Lara. Falleceu em 1839.

Teve:

5-1 Maria Joanna, casada com José de Lara, filho de João de Lara ou de João Rodrigues Antunes.

5-2 Maria Luiza, com 8 annos em 1839.

5-3 Francisca, com 2 annos em 1839.

4-6 Anna Cardoso de Menezes, casada com Antonio Vaz.

4-7 Gertrudes Maria da Conceição, casada em primeiras nupcias, a 6 de Julho de 1813, com Ignacio da Costa Pinto, filho de Felix da Costa Pinto e de sua mulher Antonia Maria Piedade, naturaes de São João da Fóz, bispado do Porto, e casada em segundas nupcias com o Sargento-mór Antonio José de Faria.

4-8 Josepha Cardoso de Menezes, casada com Joaquim de Siqueira.

3-6 Maria Cardoso Pazes, casada com Agostinho Machado Lima, que foi antes casado com Maria de Souza Lima; filho de Manoel Machado e de sua mulher Ursula Machado.<sup>(1)</sup>

<sup>(1)</sup> Agostinho Machado Lima foi casado anteriormente com Maria de Souza Lima, de cujo matrimonio teve os seguintes filhos, dos quaes trataremos em outro Titulo desta obra:

1. Manoel Machado, casado em São Francisco do Sul.

2. Jeronymo Machado.

3. Maria Machado Tavares, casada com Manoel Tavares de Miranda.

4. Anna Maria, casada com Ignacio Tavares de Miranda.



Teve:

- 4-1 Angelo Machado Lima, casado com Ignacia de Miranda, filha de Manoel Tavares de Miranda e de sua mulher Maria Machado Tavares Miranda.

Filhos:

- 5-1 Alexandre Machado Lima, casado com Anna Rita de Paula, 6-2 de 5-7, retro. Ahi a geração.

- 5-2 Padre Antonio Machado Lima. Foi vigário de Campo Largo. Escreveu precioso Memorial relativamente á Villa de Campo Largo, descrevendo o historico d'ella desde o seu povoamento até 31 de Janeiro de 1879.

- 4-2 João Machado Lima, casado com Maria Camilla de Lima, 3-10 de pagina 263; ahi a descendencia.

- 4-3 José Machado Lima.

- 4-4 Maria Machado Lima, casada com Vicente Ferreira.

- 4-5 Mathilde.

- 4-6 Ursula.

- 4-7 Luzia Maria de Jesus, natural de Paranaguá, onde falleceu com testamento a 14 de Março de 1857, declarando ser casada em primeiras nupcias com o Capitão Alexandre Corrêa de Freitas, e em segundas nupcias com Joaquim Antonio Alves Cordeiro.

Teve do primeiro matrimonio:

- 5-1 João Corrêa de Freitas, residente em São Francisco do Sul.

- 5-2 José Corrêa de Freitas, residente em Guaratuba.

- 5-3 Maria Ursula de Freitas, casada com Ignacio Gonçalves Bueno.

- 5-4 Carolina Maria do Carmo, casada com Antonio de Souza.

- 5-5 Geraldina de Freitas Norte, casada com Serafim dos Santos Norte.

Teve:

- 6-1 Helena.

Do seu segundo matrimonio, 4-7 não teve descendentes.

- 2-2 Luzia Cardoso de Carvalho, 1-6, § 6.º, capitulo 4.º desta obra, casada com Pedro de Carvalho Pinto.

- 2-3 Joaquim Cardoso de Leão.

- 2-4 Margarida Cardoso, casada com João de Laya Leão.

Teve:

- 3-1 Fructuoso de Laya Leão, casado com Anna de Siqueira.

Teve: (C. O. de Curityba.)

- 4-1 Domingos Cardoso de Leão, casado com Ignez de Faria, filha do Sargento-mór José Faria Paes e de sua mulher Maria Velloso, fallecidos. De 2-1 do § 6.º, do capitulo 2.º deste titulo.

Teve:

- 5-1 José, com 42 annos em 1783.

- 5-2 Maria Cardoso de Leão, casada com José de Souza.

- 5-3 Ignacio, com 39 annos.

- 5-4 Antonio José Pinheiro, casado a 9 de Outubro de 1775 com Maria Cortes de Oliveira, filha de Manoel Gomes de Oliveira e de sua mulher Quiteria de Siqueira Cortes.

- 5-5 João Cardoso de Leão, casado com Luiza Corrêa Guedes Brito (Luiza ou Thereza?).

Teve:

- 6-1 João Cardoso, solteiro, com 51 annos, ausente em Cuyabá, em 1783.

- 6-2 Luzia Cardoso de Leão, casada com Ignacio Preto Bueno; fallecida em 1792.

Teve:

- 7-1 Joanna França Moreira, casada com Pedro Antonio Moreira, fallecido.



Teve:

8-1 Gertrudes Moreira, casada com Manoel Bueno da Rocha.

Teve:

9-1 Manoel Lourenço Bueno, casado em Curitiba, no anno de 1798, com Isabel Teixeira.

9-2 Francisco.

9-3 Colleta.

8-2 Luzia Antonia de Jesus, casada com Ignacio Dias Camargo.

8-3 José Antonio Moreira, fallecido solteiro.

8-4 Manoel, fallecido solteiro.

8-5 Antonio Pedro de Oliveira.

8-6 Francisco Antonio Moreira.

8-7 Pedro Antonio Moreira, ou Pedro Lobo de Oliveira Preto.

8-8 Colleta Maria, casada com Antonio de Souza Pereira.

Teve:

9-1 Antonio de Souza Pereira.

9-2 Josepha.

9-3 Manoel de Souza Pereira.

7-2 Isabel Bueno, casada com o Alferes João Simões da Costa.

7-3 Manoel Preto, casado com Luzia Chaves.

7-4 Antonio de Oliveira Preto, casado com Isabel Rodrigues França.

7-5 Ignacio José Preto, casado com Maria Rodrigues Pinto, fallecida, filha de Estevão Ribeiro Bayão.

7-6 Maria de França, casada com João Coelho Borges.

7-7 João Preto de Oliveira, casado com Francisca Leme de Jesus.

7-8 Anna de Oliveira Preto, casada com Manoel Rodrigues Coura.

7-9 Escolastica Oliveira Preto, casada em 8 de Novembro de 1773 com José Rodrigues de França, filho de Francisco Rodrigues Barbosa e de sua mulher Victoria Rodrigues de França.

6-3 Isabel Cardoso, casada com João Franco de Moraes, fallecido.

6-4 Rosa Maria, casada com Felipe Pereira Magalhães, fallecido.

6-5 Maria Cardoso de Leão, casada com Manoel Alves Fontes, fallecido em Curityba no dia 16 de Junho de 1765.

Teve:

7-1 Maria da Rocha, casada com Nazario Ferreira de Oliveira.

7-2 Francisca Alvares, casada com Manoel Pinto Ribeiro.

7-3 Thereza Alvares de Jesus, casada com José Gabriel Leitão, filho de Manoel Correia de Magalhães e de sua mulher Leonor Leme de Siqueira. Falleceu em 1804.

Teve:

8-1 Alferes Francisco Thomaz, casado.

8-2 Isabel Alves de Jesus, casada com João Baptista Saldanha.

8-3 José Nabo, casado.

8-4 Manoel Alves, casado.

8-5 Antonio Cardoso, casado.

8-5 Anna, solteira em 1809.

8-7 Maria Angelica, solteira.

8-8 Leonor, casada e já fallecida.

Teve:

9-1 Francisco Alves Cardoso, casado.

9-2 José, solteiro em 1809.

9-3 Manoel, casado.

9-4 Cordula Alves Cardoso, casada com Antonio Joaquim de Carvalho.

8-9 Luiz Cardoso, casado, fallecido.

Filhos:

9-1 José, com 7 annos em 1809.

9-2 Isabel, com 5 annos em 1809.

7-4 Escolastica Alves Fontes.

7-5 Bento Alves Fontes, casado com Isabel Luiza Pereira.

6-6 Antonio Cardoso de Leão, com 48 annos.

6-7 José Nunes Cardoso, solteiro e com 46 annos em 1809.

6-8 Christovão da Rosa, casado e com 44 annos em 1809.



- 6-9 Margarida de Oliveira, casada com Bernardo Martins Ferreira.
- 5-6 Manoel Antonio de Siqueira, filho de Domingos Cardoso de Leão, 4-1 retro, casado a 10 de Outubro de 1775 com Luzia de Oliveira Cortes, filha de Manoel Gomes de Oliveira, natural de Barcellos e de sua mulher Quiteria de Siqueira Cortes. Neta pela parte paterna de Domingos Corrêa Pereira e de sua mulher Anna Gomes; neta pela parte materna de Antonio Fernandes de Siqueira e de sua mulher Catharina de Siqueira Cortes.
- 5-7 Francisco, com 33 annos em 1783.
- 5-8 Anna, com 28 annos em 1783.
- 5-9 Francisca, com 26 annos em 1783.
- 5-10 Angela, com 18 annos em 1783.
- 5-11 Josepha de Siqueira, casada com Antonio Gomes.
- 5-12 Gertrudes, com 14 annos em 1783.

## CAPITULO 5.º

5 Maria Paes, natural da Parnahyba, onde casou com Manoel Soares, nascido em Lisbôa, filho de Gonçalo Rodrigues Soares e de sua mulher Anna Gonçalves. Manoel Soares, assignou, em 1693, conjunctamente com os mais importantes habitantes da povoação de Nossa Senhora da Luz dos Pinhaes de Curityba, a petição solicitando do Capitão-povoador Matheus Martins Leme, a criação da Justiça. Devia ter sido um dos povoadores de Curityba, pois em 8 de Julho de 1684, baptizou sua filha Isabel, como se verifica no 1.º livro de baptizados, á pagina 27, existente no Archivo da Cathedral de Curityba. Na eleição feita a 29 de Março de 1693, das primeiras autoridades da villa de Curityba, que se acabava de crear, por autorisação do Capitão sismeiro Matheus Martins Le-

me, em nome do Donatario da Capitania, o Marquez de Cascaes, foi Manoel Soares eleito Juiz Ordinario.

Em petição de 15 de Fevereiro de 1683, requereu Manoel Soares a Thomaz Fernandes de Oliveira, Capitão-mór e Governador da Capitania de Nossa Senhora do Rosario de Paranaguá, uma sesmaria de terras no Butiatuba, entre as terras de seu sogro Capitão Balthazar Carrasco dos Reis, e o rio Passaúna.

Por carta de sesmaria d'esse mesmo dia, lhe foram dadas as mesmas terras, em vista de ter allegado o requerente possuir mulher e filhos e não ter ainda terras para criar o seu gado e edificar a sua casa de morada.

Serviu os cargos da governança e falleceu com solemne testamento na villa de Curityba, a 8 de Fevereiro de 1705.

Teve 9 filhos: (C. O. de Curityba.)

- |                                  |       |
|----------------------------------|-------|
| 1-1 Capitão Gonçalo Soares Paes  | § 1.º |
| 1-2 Capitão Domingos Soares Paes | § 2.º |
| 1-3 Maria Soares Paes            | § 3.º |
| 1-4 Anna Gonçalves Soares        | § 4.º |
| 1-5 Juliana Maria das Neves      | § 5.º |
| 1-6 Joanna Gracia Soares         | § 6.º |
| 1-7 Maria das Neves              | § 7.º |
| 1-8 Manoel Martins Soares        | § 8.º |
| 1-9 Izabel Soares                | § 9.º |

## § 1.º

- 1-1 Capitão Gonçalo Soares Paes, homem da governança de Curityba.

Em 1722 era Tabellião de notas; em 1727 e 1728 foi Procurador do Conselho, Almotacel e Juiz Ordinario e de Orphãos.

Foi n'este ultimo anno incumbido pela Camara de ir a S. Paulo, por ter o General Governador Caldeira Pimentel convidado todas as Camaras de sua Jurisdicção a se fazerem representar em uma reunião, em que, por ordem regia, se deveria tratar da construcção de estradas, principalmente da estrada da Matta. Era negociante estabelecido em São José dos Pinhaes em 1731, onde falleceu a 18 de Junho de 1749.



Foi casado em Curityba com Maria Leme da Silva, falecida em 21 de Junho de 1752.

Filhos:

2-1 Maria Soares Paes, casada a 14 de Novembro de 1753 com Marcellino Pires de Moraes, filho de Salvador de Lima Madureira e de sua mulher Maria do Rosario.

Teve:

3-1 Manoel, nascido em 1754.

2-2 Luzia Leme da Silva, casada em Curityba em 1756 com João Barbosa Calheiros, filho de Manoel Barbosa Calheiros e de sua mulher Izabel Francisca de Lemos.

2-3 Izabel, nascida em 1731 e falecida em 1738.

## § 2.º

1-2 Capitão Domingos Soares Paes, natural de Paranaguá, casado no anno de 1702, em Sorocaba, com Maria Leite da Silva, natural de Itú, filha de Jeronymo Ferraz de Araujo e de sua mulher Maria Riquelmo de Gusmão. Foi morador em Sorocaba, onde se casou e teve os seguintes filhos: (Genealogia Paulistana, Volume 6.º, pagina 472.)

2-1 Jeronymo Soares de Araujo, que se casou no anno de 1755, em Sorocaba com Francisca de Almeida, filha do Capitão Francisco de Almeida Falcão e de sua mulher Escolastica de Arruda.

2-2 Francisco Soares de Araujo, casado em 1757 em Sorocaba com Francisca de Moura, filha do Capitão Francisco Paes de Almeida e de sua mulher Josepha Paes de Moura.

2-3 Maria Paes de Jesus, foi a segunda mulher do Coronel João Antunes Maciel, provedor dos reaes quintos de Cuyabá, que foi antes o 1.º Juiz Ordinario de S. João d'El-Rey, e que por sua intervenção salvou os portuguezes cercados no fortim do Rio das Mortes, na guerra dos emboabas em 1710.

O Coronel João Antunes Maciel foi casado em

primeiras nupcias em 1700 com Luzia Leme, falecida em 1720, filha do Capitão-mór Thomé de Lara e de sua mulher Maria de Almeida Pimentel. (¹)

Maria Paes de seu matrimonio com o Coronel João Antunes Maciel teve 3 filhos:

3-1 Domingos Soares Maciel.

3-2 Luiz Soares Maciel.

3-3 Jeronymo Antunes Maciel, casado com Thereza Leite de Barros, filha de André da Rocha do Canto e de sua mulher Maria de Barros; por esta, neta de Domingos Rodrigues e de sua mulher Catharina de Almeida. Filhos:

4-1 João, nascido em 1745.

4-2 Maria Custodia de Barros, falecida em Curityba em 1812. Foi casada duas vezes: a 1.ª no anno de 1773, em Sorocaba, com Caetano José Prestes, viuvo de Gertrudes Ferreira, filho de Caetano Prestes, natural de Santos, e de sua mulher Felippa Rodrigues Carassa, de São Paulo; por esta, neto de João Rodrigues Carassa e de sua mulher Anna Rodrigues de Siqueira; a 2.ª vez com o Capitão Manoel de Andrade Pereira Telles, filho do Capitão Agostinho de Andrade e de sua mulher Gertrudes Pereira Telles.

Neto pela parte paterna de Lourenço de Andrade, da Governança de Curityba, e de sua mulher Izabel Rodrigues Seixas, dos quaes trataremos em o Titulo Rodrigues Seixas desta obra. Neto pela parte materna de Francisco Diniz Pynheiro, natural de Portugal, morador em Curityba, casado com Clara Pereira Telles e falecido em 1743, esta filha de Domingos Pereira de Avellar, casado em 1698 com Maria de Estrada.

(¹) O Coronel João Antunes Maciel de seu primeiro matrimonio, com Luiza Leme, teve 2 filhos:

1. Joanna Garcia Maciel, baptizada em Sorocaba em 1701, casada com José Vieira Castanho.

2. Miguel Antunes Carrasco, fallecido solteiro no caminho de Cuyabá, ás mãos dos indios Payaguás na mesma monção em que pereceu com muitos outros, o desembargador Antonio Alvares Lanhas Peixoto, que tendo terminado a commissão em que se achava na Ouvidoria de Cuyabá, se recolhia a São Paulo.



Do primeiro matrimonio teve:

5-1 Jeronymo José Prestes, casado.

5-2 João Baptista Prestes, casado em Curityba a 2 de Outubro de 1792 com Maria dos Passos Guedes, filha de Antonio Guedes de Carvalho, natural de Portugal, e de sua mulher Izabel Rodrigues de Andrade; por esta, neta de Agostinho de Andrade e de sua mulher Gertrudes Pereira de Andrade.

5-3 Maria Vicencia Prestes, natural de Sorocaba, casada em Curityba em 1796 com Miguel Rodrigues Seixas, filho de Manoel Rodrigues Seixas e de sua mulher Izabel Martins Valença, dos quaes trataremos n'este Capitulo.

Teve:

6-1 Caetano José Prestes, natural de Curityba, casado em 1830 com Anna Claudina de Almeida, filha de Antonio de Sampaio Góes e de sua mulher Izabel Maria de Oliveira.

5-4 Manoel Caetano Prestes, casado em Curityba a 20 de Janeiro de 1801 com Francisca de Paula Andrade, filha de Antonio José de Andrade e de sua mulher Anna Gertrudes do Espirito Santo.

5-5 Caetano Prestes, fallecido solteiro.

4-2 Maria Custodia de Barros, de seu segundo matrimonio teve 2 filhos: (C. O. de Curityba.)

5-6 Major José de Andrade Pereira, fallecido em Pinheirinho da Boa Vista a 26 de Agosto de 1851, casado em 11 de Fevereiro de 1813 com Anna de Paula Xavier Bueno, filha do Tenente Francisco de Paula Xavier e de sua mulher Victoriana Maria de Lima, natural de Nossa Senhora do Pilar da Graciosa (Antonina); neta pela parte paterna do Sargento-mór Francisco Xavier Pinto e de sua mulher Magdalena Pinto; neta pela parte materna de José Nabo Medeiros e de sua mulher Maria Francisca de Lima.

Teve: (C. O. de Curityba.)

6-1 Tenente-Coronel Manoel Antonio de Andrade, casado em primeiras nupcias com

Maria das Mercês Pinto Rebello, filha de Joaquim Pinto Rebello e de sua mulher Benedicta Francisca de Assis Lustosa de Andrade, com ascendentes e descendentes descriptos em 5-1 de 4-3 do Titulo Rodrigues Seixas, d'esta obra. Casado em segundas nupcias com Ubaldina Francisca de Assis, irmã da precedente com descendencia em 5-4 de 4-3 do Titulo Rodrigues Seixas.

6-2 Maria Luiza de Andrade, casada em primeiras nupcias em Curityba a 4 de Fevereiro de 1840 com Custodio Teixeira da Cruz, filho de Pedro Teixeira da Cruz e de sua mulher Maria Machado; e em segundas nupcias com José Teixeira (ou Francisco Franco Moraes?)

Sem filhos de seus dois matrimonios.

6-3 José de Andrade Pereira, casado em primeiras nupcias com Rosa Maria de Andrade, e em segundas nupcias a 25 de Julho de 1865 com Gertrudes Maria Gonçalves.

6-4 Mathias José de Andrade, casado na Lapa, onde residia.

6-5 Antonio de Andrade Pereira, casado com Victoriana de Andrade.

6-6 Gertrudes de Andrade, casada a 24 de Junho de 1835 com Isaac Teixeira Pinto Ribeiro, filho de Francisco Pinto Ribeiro e de sua mulher Izabel de França.

Teve: (C. O. de Curityba.)

7-1 Gabriela Pinto, casada com João de Sant' Anna Pinto.

7-2 Bellarmina de Andrade Teixeira, casada a 21 de Abril de 1857 com Custodio Ferreira da Cruz, viuvo de Francisca Romeira Machado.

7-3 Constantino Pinto, nascido em 1848.

7-4 Francisca de Andrade Teixeira, casada com Isaac Pereira da Rocha.

6-7 Anna Maria de Andrade, casada com Manoel da Rocha Loures, irmão do Brigadeiro Francisco Ferreira da Rocha Loures.



- 6-8 Francisca de Andrade, casada com José Teixeira Gaspar.
- 6-9 Francisco José de Andrade, solteiro.
- 6-10 Antonio de Andrade Pereira, casado com Victoriana de Paula Xavier. Sem descendentes.
- 6-11 Fidellis de Andrade Pereira, nascido em 1830. Residia na Lapa em 1851.
- 5-7 Gertrudes Maria de Andrade, casada com Antonio Ferreira Amado, natural de Sorocaba, filho de Antonio Ferreira Amado e de sua mulher Izabella da Silva.
- Antonio Ferreira Amado, faleceu com testamento, na Villa do Principe a 29 de Maio de 1826.
- Com descendentes descriptos em 2-1 de 1-2 do Titulo Rodrigues Seixas, desta obra.
- 2-4 Francisca Soares Paes, ou de Araujo, casada em 1730, com Luiz Castanho de Almeida, filho do Capitão José de Almeida Lara, falecido em 1737, em Parnahyba, aos 70 annos, casado em Jundiahy com Marianna de Siqueira Moraes; por esta, neto de Manoel Rodrigues de Moraes e de sua mulher Francisca de Siqueira. Neto pela parte paterna de Luiz Castanho de Almeida e de sua mulher Izabel de Lara.
- Teve:
- 3-1 Ajudante Salvador de Almeida Lara, foi casado em Sorocaba com Rita de Godoy, natural de Itú, filha de Francisco de Godoy Moreira e de sua mulher Maria Leite de Anhaya.
- Falleceu em Sorocaba em 1781 e sua mulher no mesmo lugar em 1795.
- Teve 6 filhos:
- 4-1 Euphrasia Maria, casada em 1783 em Sorocaba com Manoel Amado, filho de Antonio Fernandes Amado, de Portugal, e de sua mulher Izabel Maria, de Sorocaba.

- Teve:
- 5-1 Maria Leite Amado, casada em 1827 em Sorocaba com Joaquim de Almeida Penteado, viuvo de Maria Leite do Amaral.
- 4-2 Maria Leite, casada com Joaquim Antonio de Oliveira.
- 4-3 Francisca de Almeida, casada com Lourenço Leite de Sampaio.
- 4-4 Luiz Castanho, em 1795 estava ausente nos domínios de Castella.
- 4-5 Bento Soares de Almeida, com 24 annos em 1795.
- 4-6 Francisco de Paula, com 23 annos.
- 3-2 Maria Leite da Annunciação, casou em 1754 em Sorocaba com João Bicudo de Proença, filho de Sebastião Bicudo e de sua mulher Izabel Pedroso.
- Teve:
- 4-1 Maria de Almeida Leite, casada em 1774 em Sorocaba com seu parente Antonio Paes de Almeida, filho do Ajudante Francisco Paes de Mendonça e de sua mulher Izabel de Proença.
- 4-2 Anna Maria, casada em 1761 em Sorocaba com Domingos Soares de Abreu, filho de Antonio Pedroso de Abreu e de sua mulher Izabel Soares de Araujo.
- 4-3 Thereza Maria de Almeida, casada em 1794 em Sorocaba com Alexandre Leite de Barros, filho de Marcos Leite de Barros e de sua segunda mulher Maria de Goes Castanho.
- Teve:
- 5-1 Gertrudes.
- 5-2 Francisca.
- 5-3 Maria.
- 5-4 Francisco.
- 5-5 Thereza.
- 4-4 Marianna de Almeida, casada em 1797 em Sorocaba com Joaquim de Camargo Pontes, 4-3 de 3-3, adiante.
- Teve:
- 5-1 Antonio Joaquim de Camargo, casado em



- 1833 em Sorocaba com Prudenciana Maria Clara, filha de Bento José de Camargo e de sua mulher Reginalda Martins Clara.
- 4-5 João Bicudo de Almeida, casado em 1804 em Itapetininga com Maria Francisca, filha de Manoel Leite e de sua mulher Escolastica Maria Pacheco.
- 3-3 Marianna de Siqueira e Moraes, casou em 1761 em Sorocaba com o Alferes Francisco de Camargo Pontes, falecido em 1801 n'essa Villa, filho do Alferes José Munhoz de Camargo e de sua mulher Catharina Domingues de Siqueira; neto pela parte paterna de Fernando Munhoz e de sua mulher Victoria de Camargo, falecida em 1724; neto pela parte materna de Antonio Domingues de Pontes e de sua mulher Anna Vidal de Siqueira.
- Teve:
- 4-1 Custodia Maria de Camargo que foi casada com José Duarte de Freitas.
- 4-2 Salvador de Camargo, estava ausente nas minas de Cuyabá em 1801.
- 4-3 Joaquim de Camargo Pontes, casado em 1797 em Sorocaba com sua prima Marianna de Almeida, 4-4 de 3-2, retro.
- 4-4 Luiz José de Camargo, casado em 1798 em Sorocaba com Anna Francisca de Medeiros, filha do Alferes André de Medeiros Costa e de sua mulher Francisca de Siqueira.
- 4-5 Manoel de Camargo, casado em 1797 em Sorocaba com Maria de Mello Almada, natural de Itú, filha do Tenente Francisco José Pereira e de sua mulher Marianna de Mello Almada.
- 4-6 Maria de Camargo, casada em 1797 em Sorocaba com Custodio Felipe de Moraes, filho de Vicente de Moraes Pires e de sua mulher Thimotea de Oliveira.
- 4-7 Gertrudes Maria de Almeida, casada em 1799 em Sorocaba com José de Assumpção Pimentel, natural da Cotia, filho de José da Silva Costa e de sua mulher Custodia Duarte Cardoso.

- 4-8 Francisca Maria de Camargo, casou em 1803 em Sorocaba com André Castanho de Medeiros, irmão de Anna Francisca, de 4-4 retro.
- 4-9 Tenente Antonio Joaquim de Camargo, casado em 1807 em Sorocaba com Mathilde Umbelina da Gloria, filha do Tenente Manoel José de Araujo e de sua mulher Anna Maria da Conceição, 5-5 de 4-3 de 3-9 de 2-4 do § 3.º deste capitulo, adiante.
- Ahi os descendentes.
- 4-10 Francisco de Paula Camargo, ultimo filho de 3-3, casou em 1799, em Porto Feliz, com Marianna Antonia, filha de Antonio de Padua Botelho e de sua primeira mulher Anna Thereza Paes.
- Teve d'esse matrimonio:
- 5-1 Tenente Domingos de Almeida Campos, de Itú, casado em 1813 em Porto Feliz com Maria Ignacia Leite, filha de Francisco de Oliveira Setubal, natural de Portugal, e de sua mulher Izabel de Almeida Falcão.
- Teve:
- 6-1 Anna Thereza, que casou com seu tio materno Francisco de Oliveira Leite Setubal, filho de Francisco de Oliveira Setubal e de sua mulher Izabel de Almeida.
- 6-2 Felicissima de Almeida Campos, casou com o dignatario Luiz Antonio de Souza Barros.
- Teve:
- 7-1 Maria de Souza Barros, casada com o seu primo Coronel Antonio Paes de Barros, filho de Antonio Paes de Barros, barão de Piracicaba, e de sua mulher Gertrudes Euphrosina de Aguiar.
- Teve:
- 8-1 Antonio Paes de Barros Junior.
- 8-2 Maria Paes de Barros, casada com Edmundo Wright.
- 8-3 Luiz Paes de Barros.
- 8-4 Ottilia Paes de Barros.
- 8-5 Rosalina Paes de Barros.
- 8-6 Eduardo Paes de Barros.



- 8-7 Gustavo Paes de Barros.
- 8-8 Gertrudes Paes de Barros.
- 8-9 Raphael Paes de Barros.
- 7-2 Luiz de Souza Barros, formado na escola de minas, nos Estados Unidos, fazendeiro.
- 7-3 Eliza de Souza Barros Mesquita, viuva do Dr. Ignacio Xavier Paes de Campos Mesquita, falecido em 1899 em São Paulo, filho do Capitão José Manoel de Mesquita e de sua mulher Gertrudes de Campos Almeida.  
Teve:
  - 8-1 Ignacio Manoel, falecido.
  - 8-2 Dr. Luiz Antonio de Campos Mesquita, bacharel em direito.
  - 8-3 Eliza de Mesquita, casada com José Mauricio Higgins.
  - 8-4 Cecília Julia de Mesquita.
  - 8-5 Branca de Almeida, falecida.
  - 8-6 Jorge de Almeida.
  - 8-7 Angela Ribeiro.
  - 8-8 Beatriz de Barros.
  - 8-9 Felicissima de Campos.
  - 8-10 Ignacio Xavier.
  - 8-11 José Manoel de Mesquita.
- 7-4 Dr. Antonio de Souza Barros, casado com Augusta Loureiro de Souza Barros.  
Filhos:
  - 8-1 Augusto de Souza Barros.
  - 8-2 Eliza de Souza Barros.
  - 8-3 Luiz Antonio de Souza Barros.
  - 8-4 Felicissima de Souza Barros.
  - 8-5 Julia de Souza Barros.
- 7-5 Dr. Fernando de Souza Barros, casou-se com a sua prima Candida Paes de Barros, filha do Dr. Raphael de Aguiar Paes de Barros e de sua mulher Francisca de Azevedo Barros.  
Teve o filho unico:
  - 8-1 Fernando de Souza Barros Filho.
- 7-6 Adelina de Souza Barros.
- 7-7 Felicissima de Souza Barros.

- 7-8 Roberto de Souza Barros, casado com Maria de Camargo.
- 7-9 Eugenia de Souza Barros, casada com João Theen.  
Teve:
  - 8-1 Felix Ernesto.
  - 8-2 Luiza.
- 7-10 Antonia de Souza Barros, casada com Carlos Ralston, natural dos Estados Unidos.  
Teve:
  - 8-1 Guilherme, falecido.
  - 8-2 Roberto Carlos.
- 3-4 Manoel de Almeida e Moraes, solteiro em 1780.
- 3-5 Alexandre Pedroso de Moraes, casado com Maria Mello Rego, filha de Miguel de Mello Rego e de sua mulher Escolastica de Arruda.  
Teve:
  - 4-1 José Joaquim de Almeida Mello, casado em 1814 em Forto Feliz com Anna Gertrudes de Almeida, filha de Saturnino Paes Leite e de sua mulher Maria Francisca de Almeida.  
Filhos:
    - 5-1 Maria Carolina de Almeida, casada em 1846 em Porto Feliz com Manoel Joaquim de Padua e Mello, filho de Antonio de Padua Botelho e de sua segunda mulher Maria Izabel de Sampaio.
    - 5-2 José Joaquim de Almeida, casado em 1846 na Villa supra com Brasília Amalia, irmã de Manoel Joaquim de Padua e Mello, do numero precedente.
    - 5-3 (na duvida) Gertrudes de Arruda, que foi casada com Elias Manoel de Mello Taques.
  - 4-2 Joaquim de Almeida, casou com Manoela de Almeida (de quem foi o primeiro marido), filha do Guarda-mór Pedro Vaz Botelho e de sua mulher Beatriz da Candelaria.  
Teve o filho unico:
    - 5-1 Joaquim de Mello.



- 4-3 Alferes Luciano de Almeida Mello, casado em 1806 em Sorocaba com sua parente America Antonia de Barros, filha do Coronel Bento Manoel de Almeida Paes.

Teve:

- 5-1 Francisco Antonio de Almeida Mello, foi casado com Felizarda Joaquina Pinto, filha do Tenente-Coronel Caetano Pinto Homem, natural de Portugal, falecido em 1864 com testamento em São Paulo, e de sua mulher Maria Eugenia Alves Pinto, neta pela parte paterna de Diogo Pinto de Menezes e Mendonça e de sua mulher Felizarda Joaquina Pinto Castello Branco.

Teve o filho unico:

- 6-1 Dr. Americo Brasiliense de Almeida e Mello, natural de Sorocaba, já falecido, foi advogado em São Paulo, lente da faculdade de direito da mesma cidade; depois da proclamação da Republica foi o primeiro Governador do Estado de São Paulo por eleição popular. Foi casado com Marcellina Lopes Chaves de Mello, irmã de Francisco Lopes Chaves, segundo barão de Santa Branca, de Licinio Lopes Chaves, segundo barão de Jacarehy, do Dr. Joaquim Lopes Chaves, senador federal, filha do primeiro barão de Santa Branca.

Teve:

- 7-1 Americo Brasiliense de Almeida Mello Filho, doutor em medicina, casado com Francisca de Souza Rezende, filha do barão de Rezende.  
7-2 Alice, solteira.  
7-3 Eponina de Almeida Mello, casada com Joaquim Bayão, negociante em S. Paulo.  
7-4 Zuleika, solteira.  
7-5 Ruth de Camargo Aranha, casada com o dr. José Mariano de Camargo Aranha.  
7-6 Francisco Brasiliense de Almeida Mello.  
7-7 Perciano Brasiliense de Almeida Mello.

- 7-8 Lourival Brasiliense de Almeida Mello.

- 4-4 Anna de Mello, filha de 3-5, casou em 1800 em Sorocaba com seu tio Manoel Antonio de Mello Rego, filho de Miguel de Mello Rego.  
4-5 Maria de Mello, casada em 1809 em Sorocaba com o Alferes João Pires de Almeida Campos, filho do Capitão João Pires de Almeida Taques.  
4-6 Manoel Joaquim de Mello, casado em 1820 em Sorocaba com America Antonia de Barros, viuva do Alferes Luciano de Almeida Mello.  
3-6 Sargento-mór Luiz Castanho de Moraes Leite, casou com Gertrudes Maria Ferreira, filha do Capitão-mór José Dias Ferreira e de sua mulher Maria Leme do Prado, de Jundiahy. Falleceu com testamento em 1824 em Jundiahy, e teve 3 filhos vivos n'esse anno:  
4-1 Padre Pedro Dias Paes Leme.  
4-2 Capitão José Castanho de Moraes, casado em 1804 em Jundiahy com Mathilde Maria Jacintha, filha do Capitão Manoel Corrêa de Lemos e de sua mulher Gertrudes Maria Jacintha.  
4-3 Frei Luiz Gonzaga de Santa Gertrudes, religioso de S. Francisco.  
3-7 Izabel de Lara e Moraes, casou em 1767 em Sorocaba com o Sargento-mór Domingos Dias Leme, filho do Sargento-mór José Dias Ferreira e de sua mulher Maria Leme do Prado.  
Teve:  
4-1 Anna Dias Ferreira, casada com Domingos Pinheiro de Oliveira.  
4-2 Maria Leme, casada com José de Castro Pereira, filho de outro de igual nome e de sua mulher Veronica de Jesus.  
4-3 Francisca Soares de Araujo, casada com o Capitão Vicente de Sampaio Góes, filho de José de Sampaio Góes e de sua mulher Anna Ferraz.  
Teve 11 filhos:  
5-1 José de Góes Ferraz, natural de Jundiahy, falecido em 1817 com testamento, casado em 1810 em Itú com sua prima Anna Joa-



quina de Barros, filha de Antonio de Sampaio Góes e de sua mulher Anna Bueno de Barros Leite.

Filhos:

6-1 Francisco de Sampaio Barros, casado primeiro com \_\_\_\_\_, filha do Alferes Lourenço de Almeida Campos e de sua mulher \_\_\_\_\_; a segunda vez casou-se com Maria Rodrigues do Amaral, filha do Capitão Manoel José Vaz do Amaral e de sua segunda mulher Anna Rodrigues Leite. Residiu em Capivary.

Teve de seu segundo matrimonio:

7-1 Dr. Francisco de Sampaio Barros, casado com sua parente Izabel, filha de Francisco Domingos de Sampaio e de sua mulher Anna Micquelina.

6-2 Vicente de Sampaio Góes, foi casado em primeiras nupcias com sua prima, filha de Francisco de Sampaio Penteado e de sua mulher Anna Ferraz, 5-11 adiante.

Casou-se em segundas nupcias com Gertrudes, filha de José Rodrigues do Amaral Mello e de sua mulher Anna Euphrosina da Cunha.

Não teve filhos do 1.º matrimonio.

Do 2.º matrimonio teve.

5-2 Manoel Soares de Sampaio, casado em primeiras nupcias com Anna Leite Penteado, e em segundas nupcias com Antonia, ambas filhas do Tenente João Leite Penteado e de sua mulher Maria Euqueria de Campos.

Com grande descendencia em São Paulo.

5-3 Elias de Sampaio Góes, casado com Maria Dias de Almeida Prado, filha do Capitão Francisco de Almeida Prado e de sua primeira mulher Maria Dias Pacheco de Arruda.

Sem geração.

5-4 Capitão Francisco de Paula Ferraz de Sampaio, casado com Izabel de Almeida Prado, filha do Capitão-mór João de Almeida Prado e de sua primeira mulher Anna de Almeida.

Teve:

6-1 Capitão João de Almeida Sampaio, casou-se com Anna Maria Ferraz, filha de Manoel Leite de Barros e de sua mulher Candida Ferraz de Sampaio.

Filhos:

7-1 Manoel Leite de Barros Sampaio, bacharel em direito, casado com Hortencia de Medeiros, residentes na Capital Federal.

7-2 Candida de Barros Sampaio, já falecida, foi casada 1.º com Francisco Pereira Bueno e a 2.ª vez com William J. Sheldon, natural da Inglaterra, 1.º engenheiro da S. P. Ry. Cy.

Com um casal de filhos do segundo marido.

7-3 Albertina de Almeida Sampaio, casada com Antonio de Paula Leite de Barros, filho de outro de igual nome e de sua mulher Anna de Almeida Sampaio.

Teve:

8-1 João de Paula Leite de Barros.

8-2 Maria Carmelina.

8-3 Lauro de Paula Leite de Barros.

8-4 Albertina.

8-5 Brenno.

7-4 Lourenço de Almeida Sampaio, casado com Vitalina, natural de Campinas, residente em sua fazenda na Franca.

7-5 Ubaldina de Almeida Sampaio, casada com Jorge Vaz Guimarães, em Itú.

7-6 Izabel de Almeida Sampaio, casada com Luiz Levy.

7-7 João de Almeida Sampaio.

7-8 Antonio de Almeida Sampaio.

6-2 José de Almeida Sampaio, foi casado em Itú com Antonia Euphrosina, filha do Capitão José Manoel de Mesquita e de sua mulher Gertrudes de Campos de Almeida; neta pela parte paterna do Capitão José Manoel de Mesquita e de sua mulher Angela Ribeiro de Cerqueira; neta pela parte materna do Sargento-mór Ignacio Xavier Paes de Campos e de sua mulher Antonia Pacheco de Almeida.



Teve:

- 7-1 Rita de Mesquita Sampaio, solteira em 1899.
  - 7-2 Izabel de Sampaio, casada com seu primo o Dr. Francisco de Almeida Prado, filho de . . . . . e de sua mulher Anna Brandina, neto paterno do Capitão José de Almeida Prado.
  - 7-3 Dr. José Henrique Sampaio, casado com Leandra da Fonseca Sampaio, filha do bacharel em direito Francisco Emydio da Fonseca Pacheco, falecido em 1901 e de sua mulher Anna de Almeida Prado.
  - 7-4 Francisca Sampaio, foi a primeira mulher de Josué de Almeida Prado, irmão do Dr. Francisco de Almeida Prado.
  - 7-5 Geraldo de Mesquita Sampaio, casado com Ismalia de Souza Queiroz, filha de Luiz Antonio de Souza Queiroz e de sua mulher Antonia Pompeu de Camargo.
  - 7-6 João Baptista de Mesquita Sampaio, casado com Anna Candida Leite.
  - 7-7 Alfredo Sampaio, solteiro em 1899.
  - 7-8 Maria do Carmo de Mesquita Sampaio, solteira.
  - 7-9 Roberto de Mesquita Sampaio.
  - 7-10 Mathilde de Mesquita Sampaio.
  - 6-3 Francisco de Paula Ferraz de Sampaio, falecido solteiro, foi inteligente lavrador que viajou pela Europa com grande proveito.
  - 6-4 Antonio de Almeida Sampaio, morador em Cabreuva em sua lavoura, casado com Maria Guimarães, filha de Antonio Vaz Guimarães, natural de Portugal, e de sua mulher Maria Bueno de Camargo.
- Filhos:
- 7-1 Francisco de Paula Ferraz de Sampaio, casado com sua tia materna.
  - 7-2 Laura Sampaio, casada com Alvaro Rodrigues.
  - 7-3 Izabel Sampaio, casada com seu tio materno Francisco Vaz Guimarães.
- E mais 4 filhos.
- 6-5 Maria de Almeida Sampaio, casada com o Tenente-Coronel Francisco de Paula Leite de Barros, filho de

outro de igual nome e de sua mulher Leonor de Almeida Paes de Campos.

Com grande descendencia em São Paulo.

- 6-6 Anna de Almeida Sampaio, casada com Antonio de Paula Leite de Barros, irmão de Francisco de Paula, de 5-5 precedente.

Com grande geração em São Paulo.

- 6-7 Marianna de Almeida Prado, foi a primeira mulher do Major Salvador de Queiroz Telles, filho dos Barões de Jundiahy.

Com descendencia em São Paulo.

- 5-5 Vicente, falleceu solteiro.

- 5-6 Mathilde Soares Ferraz, filha de Vicente de Sampaio Góes, de 3-1, casou-se em Itú com Lourenço de Almeida Prado, filho do Capitão-mór João de Almeida Prado e de sua primeira mulher Anna de Almeida.
- Com geração em São Paulo.

- 5-7 Francisca de Sampaio, casada com Luiz Antonio Leite, irmão de Francisco de Sampaio Penteado, de 4-11 adiante.

- 5-8 Maria Leme de Sampaio, casou-se em 1832 em Itú com Elias Galvão de França, filho do Capitão José Galvão de França e de sua mulher Maria Josepha de Cerqueira.

Com 10 filhos residentes em Dous Corregos, S. Paulo.

- 5-9 Izabel Soares, se casou com seu primo José de Sampaio Bueno, filho de Antonio de Sampaio Góes e de sua mulher Anna Bueno de Barros.

- 5-10 Domingos Dias Leme de Sampaio, filho de Vicente de Sampaio Góes e de sua mulher Francisca Soares de Araujo, se casou com Izabel de Almeida Leite, filha de Antonio Leite de Sampaio e de sua primeira mulher Francisca de Paula Leite.

Filhos:

- 6-1 Francisca Sampaio, viuva de Antonio Ferraz de Camargo, filho do Capitão Manoel Ferraz de Camargo e de sua mulher Leocadia da Rocha Ferraz.

Sem geração.

- 6-2 Francisco Domingos de Sampaio, fazendeiro perto



da Estação da Colonia, municipio de S. Carlos do Pinhal, casado com Anna Miquelina, filha de José Ferraz de Arruda e de sua mulher Anna Miquelina Paes de Barros; por esta, neta do Tenente Fernando Paes de Barros e de sua mulher Maria Jorge; por elle, neto de Pedro Ferraz de Arruda e de sua mulher Flavia Domitilla de Barros Lima, de Sorocaba. Filhos:

7-1 Francisco de Sampaio, casado com \_\_\_\_\_, filha do Dr. \_\_\_\_\_ Lancia, medico, natural da Italia, e de sua mulher Antonia Botelho Lancia.

7-2 Domingos de Sampaio, casado com \_\_\_\_\_, filha do Dr. Francisco da Costa Carvalho, advogado em Campinas, já fallecido, e de sua mulher Carolina Alves de Lima.

7-3 Octaviano, solteiro.

7-4 Izabel Sampaio, casada com o Dr. Francisco de Sampaio Barros, filho de Francisco de Sampaio Barros e de sua segunda mulher Maria Rodrigues do Amaral.

7-5 Irene Sampaio, casada com o Dr. William Sheldon, viuvo de Candida de Barros Sampaio.

Em 1904 tinha um filho:

8-1 Eduardo de Sampaio Sheldon, nascido em 31 de Dezembro de 1903.

6-3 Antonia Sampaio, casada com Bento Ferreira da Silva, residente na Limeira.

Teve um filho:

7-1 Dr. Alberto Ferreira da Silva, casado com \_\_\_\_\_, filha de Luciano Esteves dos Santos, natural de Portugal, fazendeiro na Limeira, e de sua mulher Lydia de Barros Leite, já fallecida.

6-4 Maria de Sampaio, foi a segunda mulher do Capitão Antonio Olegario de Barros, viuvo de Lydia Vianna, filho do Capitão Antonio de Paula Leite de Barros e de sua mulher Maria Thereza Ferraz de Camargo.

Teve:

7-1 Olympia de Barros, casada com o bacharel em direito Fabio de Mendonça Uchôa.

7-2 Alzira Ferraz de Sampaio, casada com Fernando Pacheco Chaves, filho do bacharel em direito Elias Antonio Pacheco Chaves e de sua mulher Anezia Prado.

6-5 Anna de Sampaio, viuva de Francisco Ferraz de Camargo, irmão de Antonio Ferraz de Camargo, de 5-1 retro.

Com geração em São Paulo.

6-6 Antonio Domingos de Sampaio, fazendeiro em Rio Bonito, municipio de Tatuhy, casado com Maria Amalia, sua prima, filha de Vicente de Sampaio Góes e de sua mulher Gertrudes de Almeida Taques; neta pela parte paterna de José de Sampaio Bueno e de sua mulher Izabel Soares, de 5-9 retro, neta pela parte materna do Ouvidor João de Almeida Prado e de sua segunda mulher Anna Brandina.

Teve:

7-1 Oduvaldo de Sampaio, solteiro em 1902.

7-2 Flavio de Almeida Sampaio, com 18 annos em 1902.

7-3 Cnêe de Almeida Sampaio.

7-4 Domingos Dias Leme de Sampaio.

7-5 Mario de Sampaio.

7-6 Tacito de Sampaio.

7-7 Luiz de Sampaio.

7-8 Placidia de Sampaio, casada com João do Amaral Campos, filho de Theophilo do Amaral Campos e de sua mulher Anna Elisa do Amaral.

7-9 Maria Antonietta, com 9 annos de idade em 1902.

5-11 Anna Ferraz, ultima filha de Vicente de Sampaio Góes, de 6-2 retro, foi casada com Francisco de Sampaio Penteado, viuvo de Gertrudes, irmã d'esta segunda mulher. Francisco de Sampaio Penteado foi criado por seu tio o Vigario de Faxina.

Teve:

6-1 \_\_\_\_\_, fallecida, foi a primeira mulher de seu primo Vicente de Sampaio Góes. Sem geração.



6-2 Vicente de Sampaio Penteado, falecido, foi casado com Anna Candida de Arruda, filha de Marcellino José Pereira e de sua mulher Antonia Euphrosina de Oliveira.

Filhos:

7-1 Marcellino Penteado, residente em São Paulo, casado com Irene de Avellar Penteado, filha do Dr. Joaquim Eduardo Leite Brandão, medico, falecido em S. Paulo, e de sua mulher Francisca de Avellar Brandão.

Com geração em S. Paulo.

7-2 Antonia Penteado, casada com Cezario Galvão de Almeida.

7-3 Anna Penteado, viuva de Pedro de Castro.

6-3 Joaquim Ferraz de Arruda Penteado, já falecido, foi casado com Carolina, filha de Antonio Leite de Sampaio e de sua mulher Francisca de Paula Leite.

Com descendentes em Jundiahy e Amparo, São Paulo.

6-4 Gertrudes, já falecida, foi casada com Manoel Angelo Teixeira Nogueira, filho de Angelo Custodio Teixeira Nogueira <sup>(1)</sup> e de sua mulher Maria Ferraz de Camargo.

6-5 Maria Gertrudes, já falecida, foi casada com Fulano Corrêa.

4-4 Joaquim dos Santos Reis, de Jundiahy, casado em

<sup>(1)</sup> Angelo Custodio Teixeira Nogueira, de seu matrimonio com Maria Ferraz Camargo, teve mais os seguintes filhos:

1. Capitão Francisco Teixeira Nogueira de Barros, natural de Campinas, casado em Curityba a 2 de Novembro de 1846, com Izabel Maria Negrão Nogueira de Barros, filha do Capitão João de Souza Dias Negrão, natural de Portugal, e de sua primeira mulher Onistarda Maria do Rosario, filha de Angelo Custodio Sampaio e sua mulher Francisca. Com ascendentes e descendentes no segundo volume desta obra.
2. Manoel Angelo Teixeira Nogueira, casado com Gertrudes Ferraz Nogueira.
3. Maria Teixeira Nogueira de Campos, casada com Quirino do Amaral Campos.
4. Americana Nogueira Ferreira, casada com Sabino Ferreira.
5. Angela Brazilia, casada com o Dr. João Chrysostomo Pupo, que em 1839 foi Inspector da Alfandega de Paranaguá.
6. Nadalia Teixeira Nogueira.
7. Brasília.

1789 em Itú com Maria de Arruda, filha de Francisco Xavier Ferraz e de sua mulher Maria Bicudo.

Com geração em São Paulo.

4-5 Izabel, com 15 annos em 1792.

4-6 José.

4-7 Domingos, falecido em criança.

4-8 Luiz, falecido em criança.

3-8 Francisca de Siqueira e Moraes, casada em 1774, em Sorocaba, com o Alferes André de Medeiros da Costa, de Parnahyba, viuvo de Escolastica Maria Soares, filho de Fedro de Medeiros e de sua mulher Izabel dos Reis.

Falleceu Francisca de Siqueira em 1796, em Sorocaba.

Teve:

4-1 Luiz Castanho de Medeiros, casado com . . . . .

4-2 Anna Francisca de Medeiros, casada em 1798, em Sorocaba, com Luiz José de Camargo, seu primo, filho do Alferes Francisco de Camargo Pontes e de sua mulher Marianna de Siqueira e Moraes.

Teve:

5-1 José de Camargo Pontes, casado em 1831, em Sorocaba, com Maria de Barros Castanho, filha de Antonio de Almeida Barros e de sua mulher Izabel Maria.

4-3 Antonio Castanho de Medeiros, natural de Sorocaba, falleceu solteiro, em Santos, com testamento em 1815.

4-4 André Castanho de Medeiros, casado em 1803, em Sorocaba, com Francisca Maria de Camargo, irmã de Luiz José de Camargo.

Filhos:

5-1 Marianna de Almeida, casada em 1819, em Sorocaba, com Vicente Antonio de Camargo, filho de Custodio de Moraes e de sua mulher Maria de Camargo.

5-2 Maria do Patrocinio, casada em 1821, em Sorocaba, com Antonio de Oliveira Rosa.



- 4-5 Maria Castanho de Medeiros, casada em 1808, em Sorocaba, com Joaquim Luiz de Almeida, filho de Luiz Castanho de Almeida e Abreu.
- 3-9 Francisco de Almeida Moraes, casado em 1767, em Sorocaba, com Custodia Maria, filha de Manoel Vaz Domingues e de sua mulher Angela Machado; neta pela parte paterna de João Domingues e de sua mulher Thereza Pedroso, neta pela parte materna de Duarte Pacheco e de sua mulher Marianna Machado.
- 3-10 Gertrudes, solteira, com 30 annos em 1780.
- 3-11 José Maria Leite Moraes, era solteiro com 27 annos em 1780.
- 3-12 Joaquim Maria Leite Moraes, ou Joaquim José de Almeida, que é o mesmo, casou em 1782, em Itú, com Francisca de Salles, filha de Sebastião de Arruda e de sua mulher Ignacia de Lima; neta paterna de Miguel de Arruda e de sua mulher Maria de Almeida.
- 2-5 Izabel Soares de Araujo, casou em 1732, em Sorocaba, com Antonio Pedroso de Abreu, filho de Antonio de Proença de Abreu e de sua primeira mulher Francisca de Almeida.
- Teve:
- 3-1 Antonio.
- 3-2 Anna.
- 3-3 Izabel Soares, casada em 1769, em Sorocaba, com Vicente Nunes de Queiroz, filho de Antonio Nunes de Queiroz, natural do Porto, e de sua mulher Escolastica Leme Barbosa, natural de Itú.
- Teve:
- 4-1 Antonio Leite de Queiroz, casado em 1793, em Sorocaba, com Angela Rodrigues de Macedo, filha de Domingos Rodrigues de Macedo e de sua mulher Maria Paes de Oliveira.
- 4-2 José Soares de Queiroz, casado a primeira vez em 1797, em Sorocaba, com Maria Fogaça, filha de Lourenço de Almeida Ciebra

- e a segunda vez casou em 1833 na mesma Villa com Anna Francisca de Barros, filha de José de Barros Leite e de sua mulher Maria do Belem. Teve da primeira mulher:
- 5-1 Francisco Soares de Queiroz, casado em 1830, em Sorocaba, com Francisca Amalia do Amaral, filha do Tenente José do Amaral Gurgel.
- 5-2 Maria Jacintha, casada em 1819, em Sorocaba, com Christiano Holmes.
- 5-3 Bento Cypriano de Queiroz, casado em 1821 com Anna Gertrudes Ayres, filha de Demetrio José dos Santos e de sua mulher Theodora Leme.
- 5-4 Francisca de Almeida, casada em 1824, em Sorocaba, com Manoel Antonio dos Santos, filho do Alferes do mesmo nome e de sua mulher Felizarda Maria da Rosa.
- 4-3 Maria Leite, casada em 1795 com Francisco de Paula, filho de Valentim Paes de Almeida e de sua mulher Antonia Leite Furquim.
- 3-4 Maria.
- 3-5 José.
- 3-6 Bernardina Leite, casada em 1767, em Sorocaba, com Antonio Bicudo de Barros, filho de outro de igual nome e de sua mulher Josepha de Arruda.
- 3-7 Francisca de Almeida, casou em 1775, em Sorocaba, com o Alferes Francisco Feliciano de Oliveira Rosa, da Cotia, filho de Antonio da Rosa Pereira, de Portugal, e de sua mulher Luiza Joanna de Deus.
- Teve:
- 4-1 Maria Candida, casada em 1800, em Sorocaba, com Manoel de Almeida Falcão, seu primo, filho de Francisco Proença de Abreu e de sua mulher Gertrudes de Almeida.
- Teve:
- 5-1 Maria da Assumpção, casada em 1826 com Francisco Antonio Martins, natural de Vião, filho de Manoel Martins dos Santos e de sua mulher Maria do Espirito Santo.



- 5-2 Antonio de Oliveira Rosa, casado em 1827 com Maria do Patrocinio, filha de André Castanho de Medeiros.
- 4-2 Anna Mathilde, casada em 1800, em Sorocaba, com José de Almeida Falcão, irmão de Manoel de Almeida, do numero precedente.
- 4-3 Izabel de Oliveira, casada em 1800, em Itú, com Antonio Sampaio, viuvo de Anna de Barros.
- 4-4 Antonio da Rosa Pereira, casado em 1812, em Sorocaba, com Anna Gertrudes, filha de Manoel José Leite e de sua mulher Gertrudes Maria de Almeida.
- 3-8 Rita Maria de Almeida, filha de 2-5 retro, casou com Paulo João Damasceno, filho de Antonio da Rosa Pereira e de sua mulher Luiza Joanna de Deus, de 3-7.
- Teve:
- 4-1 José de Oliveira Rosa, casou com sua parenta Umbelina Mendes de Almeida, filha de José Mendes de Almeida e de sua primeira mulher Maria de Godoy.
- 3-9 Joaquim.
- 3-10 Domingos Soares de Moraes, se casou em 1781 com sua parenta Anna Maria de Almeida, filha de João Bicudo de Almeida e de sua mulher Maria Leite.
- 2-6 Veronica Dias Paes Leite, casou em 1742, em Sorocaba, com o Capitão Bernardo Bicudo Chassim, natural de Araçariguama, filho do Capitão Rodrigo Bicudo Chassim e de sua mulher Maria Pires de Barros.
- Teve:
- 3-1 Guarda-mór Rodrigo Pedroso de Barros, casado em 1783, em Araçariguama, com Anna Perpetua de Cerqueira, filha do Guarda-mór Calixto do Rego Souza e Mello e de sua mulher Maria Cerqueira Paes.
- Teve:
- 4-1 Helena Custodia de Cerqueira, casada em 1820, em Itú, com o Capitão Ignacio Leite

- Penteado, viuvo de Maria Furquim, filho de João Leite Penteado e de sua primeira mulher Anna de Arruda.
- Com grande geração em São Paulo.
- 4-2 José de Barros Penteado, casado em 1820, na Villa de São Carlos, com Luiza de Meira Cezar, filha de Francisco Corrêa de Macedo e de sua mulher Gertrudes de Almeida Cezar.
- 4-3 Anna Mathilde de Barros, casada em 1807, em Jundiahy, com Felix de Almeida Leite, filho do Capitão Ignacio Leite Penteado e de sua primeira mulher Maria Furquim Pacheco.
- Com descendentes em São Paulo.
- 4-4 Leocadia de Barros, foi casada com Roberto de Campos Paes, filho de Antonio Pompeu Paes (O Velho) e de sua mulher Rita de Campos.
- Teve:
- 5-1 Anna Joaquina, casada com Elias de Campos Bicudo, filho de Joaquim Gonçalves Bicudo e de sua mulher Anna Maria de Campos.
- 5-2 José de Campos Paes ou José de Campos Penteado, natural de Itú, casado em Sorocaba em 1837 com Gertrudes de Arruda, filha de Ignacio de Almeida Lara e de sua mulher Anna de Camargo Barros.
- 4-5 Manoel de Arruda, casado com . . .
- 3-2 Domingos Soares Paes, casado em 1796, em Sorocaba, com Joanna Paes de Camargo, viuva de Salvador do Amaral, filha de João Antunes Paes e de sua mulher Rita Maria de Camargo.
- 3-3 José Soares Paes.
- 3-4 Ignacio Soares Paes.
- 3-5 Jeronymo Pedroso de Barros, foi o primeiro marido de Gertrudes de Camargo Penteado, filha de José de Camargo Paes e de sua mulher Barbara Paes de Barros.
- Teve 6 filhos:
- 4-1 Indalecio de Camargo Penteado, casado em 1808, em Itú, com Antonia Pacheco de Almeida, filha



de Ignacio Xavier Paes de Campos e de sua mulher Antonia Pacheco de Almeida.

Falleceu Indalecio de Camargo Penteado em 1819 em S. Paulo e teve dois filhos:

5-1 Ignacio Xavier de Camargo (Gordo), se casou em 1837, em Itú, com Maria Candida de Almeida, filha do Alferes José Ribeiro da Silva e de sua mulher Gertrudes Antonia de Barros Bueno.

Teve 4 filhos:

6-1 Francisco de Paula Almeida Camargo, casado com Maria Joaquina da Silveira, filha de José Florencio da Silveira e de sua mulher Rita da Silveira Leite.

Teve 11 filhos:

7-1 Rosa da Silveira Camargo, casada com Pedro Florencio da Silveira, filho de outro de igual nome e de sua mulher Thereza Maria de Jesus.

7-2 Cezario de Almeida Camargo, casado com Petronilha da Silveira Castro, filha de Pedro Florencio da Silveira e de sua mulher Maria Corrêa de Castro.

7-3 Ignacio Xavier de Camargo Netto, casado com Thereza Maria de Jesus, filha de Antonio Leite de Camargo e de sua mulher Rita Leite de Camargo.

7-4 Joaquim de Almeida Camargo.

7-5 Francisco de Almeida Camargo.

7-6 João de Almeida Camargo.

7-7 Arminio de Almeida Camargo.

7-8 Maria de Almeida Camargo.

7-9 Porfirio de Almeida Camargo.

7-10 Avelino de Almeida Camargo.

7-11 Rita da Silveira Leite.

6-2 Indalecio de Camargo Penteado, filho de Ignacio Xavier, casou com Balbina Guilhermina de Castro, filha de Joaquim Octavio da Silveira e de sua mulher Francisca Carmelina de Castro.

Teve 7 filhos:

7-1 Maria Candida de Almeida, casada com Antonio Euzebio Ribeiro, de Angra dos Reis. Com filhos em Itú.

7-2 Francisca Carmelina de Castro, casada com Adolpho Bauer. Com filhos em Itú.

7-3 Ignacio de Camargo Penteado, casado com uma filha de Flaquer. Com filhos em Itú.

7-4 João Baptista de Camargo, fallecido solteiro.

7-5 Luiz da Silveira Camargo, solteiro, reside em Itú.

7-6 Ottilia de Camargo Penteado, casada com o Tenente Carlos de Paula Leite de Barros.

Teve:

8-1 Maria José.

8-2 Leonor.

8-3 José.

8-4 Carlos.

7-7 Anna Candida de Camargo.

6-3 Antonia de Almeida Pacheco, casada com Antonio Galvão de França Barros, filho do Capitão Candido de Barros França e de sua mulher Ignacia de Góes Pacheco.

Teve:

7-1 Ignacio Xavier de Camargo Galvão, casado e morador em Itatiba.

7-2 Candido de Barros França, casado no Jahú, com . . .  
filha de João de Almeida Prado Junior e de sua mulher Anna Gertrudes.

7-3 Maria Candida de Almeida.

7-4 Luiza de Almeida Pacheco.

7-5 Ignacia de Arruda Góes Pacheco.

6-4 Joaquim Pedroso de Almeida Gordo.

5-2 Conego da Sé de São Paulo — Jeronymo Pedroso de Barros Leite, com 5 annos de idade em 1819, falleceu em avançada idade em 1900 em São Paulo, cheio de virtudes e rodeado de veneração e geral estima.



- 4-2 Joaquim de Camargo Penteado, filho de 3-5.
- 4-3 José de Camargo Penteado.
- 4-4 Gentil Antonio de Camargo, casou em 1823, em Itú, com Umbelina Maria de Arruda, filha do Alferes Manoel Vieira Pinto e de sua mulher Maria de Arruda Leite.  
Teve 4 filhos:
  - 5-1 Maria de Camargo, com 12 annos em 1838, casou mais tarde com Francisco de Almeida Pires, filho de Manoel José de Almeida Leme e de sua mulher Maria da Annuniação Arruda:  
Teve:
    - 6-1 Joaquim de Almeida, casado com sua prima Laurinda Castanho, filha de Manoel de Arruda Castanho e de sua mulher Anna Jacintha do Amaral.
  - 5-2 Gertrudes.
  - 5-3 Escolastica.
  - 5-4 Anna, com 6 annos em 1838.
- 4-5 Salomeia de Camargo Penteado, foi a primeira mulher de Estanislau do Amaral Campos, com quem casou em 1807, em Itú, filho do Ajudante Estanislau José de Abreu e de sua mulher Anna do Amaral Campos.
- 4-6 Maria, ultima filha de 3-5.
- 3-6 Salvador Pires de Barros, filho do Capitão Bernardo Bicudo Chassim, casou em 1800, em Sorocaba, com Maria da Conceição, viuva do Alferes Antonio José Ferreira.
- 3-7 Gertrudes Maria de Barros Leite, casou em 1762, em Araçariguama, com o Capitão José de Camargo e Siqueira, natural de S. Amaro, filho de João de El-Rios Furtado e de sua mulher Maria do Nascimento de Camargo.  
Falleceu no primeiro parto, sem deixar geração.
- 3-8 Anna, ultima filha de 2-6.
- 2-7 Maria Paes de Araujo, casada em 1742, em Sorocaba, com Ignacio Xavier Bicudo de Barros.  
Com geração n'essa cidade.

- 2-8 José Soares, casado com Maria Freire, filha de Francisco Nabo Freire e de sua mulher Anna Pires de Barros Leite. Maria Freire era irmã do Mestre de Campo Agostinho Delgado e Arouche, da legião auxiliar de Paranaguá, casado em São Paulo no anno de 1746 com Maria Thereza de Araujo Rendon (filha do Capitão-mór Diogo de Toledo Lara e de sua mulher Angela de Siqueira Rendon); foram pais do Dr. Francisco Leandro Toledo Rendon, que em 1783 foi ouvidor de Paranaguá, e do Doutor desembargador Diogo Toledo de Lara Ordonhes, que foi alcaide-mór de Paranaguá.
- 2-9 Escolastica Soares, que foi casada com Manoel de Moraes Navarro, filho do Capitão José de Almeida Lara e de sua mulher Marianna de Siqueira de Moraes.  
Teve 10 filhos:
  - 3-1 Domingos de Moraes Navarro.
  - 3-2 José de Almeida Lara.
  - 3-3 Luiz Pedroso de Moraes Navarro.
  - 3-4 Manoel Vicente de Moraes, que em 1767 tirou dispensa de impedimento de consanguinidade para se casar com sua parenta em 4.º gráo Maria Rodrigues da Conceição, filha do Capitão Estevão Ribeiro Bayão e de sua mulher Feliciano Fernandes dos Reis.
  - 3-5 João Leite de Moraes.
  - 3-6 Maria Leite de Moraes.
  - 3-7 Marianna de Siqueira de Moraes.
  - 3-8 Anna de Almeida Moraes.
  - 3-9 Izabel de Lara de Moraes, casou em 1775, em Sorocaba, com Antonio José Coelho, natural da Villa de São Sebastião da Ilha Terceira, filho de Bernardo Coelho e de sua mulher Francisca de Jesus.
  - 3-10 Francisca de Almeida e Moraes.

## § 3.º

- 1-3 Maria Soares Paes, filha do Capitulo 5.º, foi casada



com o Capitão Antonio Rodrigues Seixas, natural de Cananéa, da Governança da Villa de Curityba, filho do Capitão João Rodrigues Seixas, falecido em Curityba, com testamento em 1700, e de sua mulher Maria Maciel Barbosa. Neto pela parte paterna de Antonio Rodrigues Seixas e de sua mulher Catharina Martins.

Teve: (C. O. de Curityba.)

2-1 Ignez Rodrigues, casada com o Tenente Manoel Rodrigues Lisbôa, filho de Manoel Rodrigues Lisbôa e de sua mulher . . .

naturaes de Lisbôa.

Filhos:

3-1 Antonio Rodrigues Lisbôa, casado em Curityba a 23 de Fevereiro de 1759 com Maria Luiz, filha do Capitão Antonio Fernandes de Siqueira e de sua mulher Catharina de Siqueira Cortes. Neta pela parte paterna de Miguel Fernandes de Siqueira e de sua mulher Maria Luiz; neta pela parte materna de Luiz de Góes e de sua mulher Maria de Siqueira Cortes.

2-2 Juliana Rodrigues, casada com o Capitão Alexandre de Moraes Franco, homem de prestigio e valor, que desempenhou todos os cargos da governança da Republica em Curityba.

2-3 João Rodrigues Seixas, o moço, falecido a 7 de Abril de 1737, casado a 19 de Julho de 1734 com Francisca Maciel Sampaio, de quem foi o primeiro marido; filha de Manoel Martins Valença e de sua mulher Joanna Maciel Sampaio.

Teve a filha unica:

3-1 Joanna Rodrigues Sampaio, nascida em 1737, e falecida a 20 de Julho de 1811, casada a 23 de Fevereiro de 1754 com o Capitão Manoel Gonçalves Sampaio, natural de Santos, falecido em Janeiro de 1794; foi escrivão em Curityba, a cuja governança pertenceu. Era viuvo de Maria Rodrigues Pinto.

Teve: (C. O. de Curityba.)

4-1 Manoel, com 38 annos em 1794.

4-2 Anna, com 36 annos em 1794.

4-3 Alferes Thomaz Gonçalves de Almeida, com 35 annos em 1794, se casou em Curityba em 1803 com Maria da Luz Muniz da Camara, filha de Matheus Correia Simões e de sua mulher Maria Muniz da Camara.

4-4 Ursula, com 33 annos.

4-5 Miguel, com 31 annos.

4-6 Maria, com 29 annos.

4-7 Izabel Gonçalves Sampaio, casada aos 24 annos de idade no anno de 1803, em Curityba com José da Silva dos Santos, natural de Portugal, filho de José Dias Coelho e de sua mulher Maria de Jesus.

4-8 Francisco, com 26 annos.

4-9 Gertrudes, com 25 annos.

4-10 Joaquim, com 18 annos.

4-11 Ursula, com 33 annos.

4-12 Francisco Pinto Teixeira, já era falecido em 1794.

2-4 Tenente Manoel Rodrigues Seixas, nascido em Curityba a 4 de Dezembro de 1704, onde falleceu a 20 de Junho de 1785, sendo casado a 2 de Julho de 1738 com Izabel Martins Valença, falecida a 28 de Fevereiro de 1808, filha de Manoel Martins Valença e de sua mulher Joanna Maciel Sampaio; por esta, neta de Gregorio Mendes Barbudo e de sua mulher Francisca Maciel Sampaio (\*).

Teve:

3-1 Escolastica Soares, casada em Curityba a 21 de Janeiro de 1765 com Salvador Baptista Diniz, filho do Capitão João Baptista Diniz e de sua mulher Luiza de Araujo; neto pela parte paterna do Sargento-mór Francisco Diniz Pinheiro e de

(\*) O Padre Gregorio Mendes Barbudo era natural de Algarve, villa de Al-Jesus, filho de Ignacio Mendes e de sua mulher Maria Luiza. Em seu testamento feito em Paranaguá a 30 de Novembro de 1739, declarou sua naturalidade e filiação; declarou tambem que antes de seguir a carreira sacerdotal fôra casado com Francisca Maciel Sampaio, de Paranaguá, de cujo matrimonio teve 3 filhos:

1. Joanna Maciel Sampaio, casada com Manoel Martins Valença.

2. Catharina Mendes da Cunha, casada com o Ajudante Francisco de Siqueira Cortes

3. Maria Mendes, casada com o Sargento-mór Pedro da Silva Pinto.



sua mulher Clara Pereira Telles; neto pela parte materna de Francisco de Araujo Monteiro e de sua mulher Izabel Barbosa. (C. E. de Curityba.)

Teve:

- 4-1 Maria Baptista Diniz, casada em Curityba a 9 Setembro de 1788 com Bernardo da Silva Abreu, filho de João da Silva Abreu e de sua mulher Maria Ribeiro; neto pela parte paterna de José de Aguiar e de sua mulher Izabel da Silva. Elle era de S. José e ella de Jacarehy; neto pela parte materna de Miguel Ribeiro Baptista, natural de Atibaia e de sua mulher Margarida de Oliveira, natural de Curityba. (C. E. de Curityba.)
- 4-2 Gertrudes Baptista Diniz, casada em Curityba, a 13 de Setembro de 1790 com Floriano Esmerio Guimarães, filho de Antonio Francisco Guimarães, natural de Guimarães, Portugal, e de sua mulher Margarida Correia de Jesus. Neto pela parte paterna de André Francisco, natural da Villa de Guimarães, arcebispado de Braga, e de sua mulher Catharina . . . ; neto pela parte materna de João Correia de Andrade e de sua mulher Maria Moreira dos Santos, naturaes de Santos.
- 3-2 Francisco Rodrigues Seixas, não encontramos o nome de sua mulher, apesar de ser elle casado e ter descendentes.
- 3-3 Miguel Rodrigues Seixas, casado com Maria Vicencia Prestes, filha de Caetano José Prestes e de sua mulher Maria Custodia de Barros, fallecida com testamento, em Curityba, em 1812.
- 3-4 Josepha do Espirito Santo, casada com José Ferreira de Lima, que se achava foragido em 1808, por ser criminoso, por morte de sua mulher, segundo se lê no inventario.
- 3-5 Maria de Jesus, solteira, com 60 annos em 1808.
- 3-6 Francisca da Conceição, solteira e com 58 annos.
- 3-7 Anna Maria, solteira e com 56 annos.
- 3-8 Antonio Rodrigues Seixas, fallecido em 13 de Janeiro de 1798, se casou na capella de Tamanduá, a 11 de

Junho de 1785 com Genoveva Soares, nascida em 1769, filha de Manoel Manso de Avellar e de sua mulher Anna Barbosa, fallecida em 1793. Neta pela parte paterna de Balthazar Soares, natural de Lisbôa, e de sua mulher Izabel Rodrigues, natural do Rio de Janeiro; neta pela parte materna de Francisco de Araujo Monteiro, natural de Ponte de Lima, e de sua mulher Izabel Rodrigues Barbosa. (C. E. de Curityba.) Teve 2 filhos:

- 4-1 Ricardo Rodrigues Seixas, casado em Tamanduá a 16 de Fevereiro de 1806 com Anna Maria Ferreira, filha de Manoel Ferreira e de sua mulher Luiza Antonia Pires.
  - 4-2 João Rodrigues Seixas, nascido em 1798, e que se achava em 1804 atacado de morphéa, segundo consta no inventario.
  - 3-9 Maria Soares Rodrigues Paes, casada com Francisco de Araujo Monteiro, natural de Santos, filho de Francisco de Araujo Monteiro e de sua mulher Izabel Rodrigues Barbosa.
- Teve:
- 4-1 Benedicto Ayres de Araujo, casado em Tamanduá, a 8 de Agosto de 1795, pelo Reverendo Frei José dos Santos Pinheiro, superior da Ordem dos Carmelitas, com Maria Rita de Jesus Prestes, filha de Marcolino Gomes da Costa, natural de Lisbôa, e de sua mulher Joanna Francisca de Abreu, natural de Curityba. Neta pela parte paterna de Leandro Gomes da Costa, de Lisbôa, e de sua mulher Dionizia Eleonor, de Lisbôa; neta pela parte materna de Antonio Ferreira Faria, natural de Braga, e de sua mulher Maria Prestes de Aguiar.
- Fallecido com testamento em 7 de Agosto de Agosto de 1840, em Curityba, deixando bens no valor de 25:517\$000. (C. O. de Curityba.) Teve 3 filhos:
- 5-1 João Ayres de Araujo, casado com sua sobrinha Iria Ayres de Araujo.
  - 5-2 Francisco Ayres de Araujo, era viuvo por



ocasião da morte de sua mãe, mas o inventário não mencionava o nome de sua mulher e nem de seus 5 filhos:

6-1 Joaquim Ayres de Araujo.

6-2 Candido Ayres de Araujo.

6-3 Antonio Ayres de Araujo.

6-4 Iria Ayres de Araujo, casada com seu tio João Ayres de Araujo, de 5-1.

6-5 Maria Rita de Araujo, casada com Antonio Carvalho Rocha.

5-3 Virissimo José Marcolino, casado com Querubina Rosa do Carmo, falecida antes de 1858, deixando a filha unica: (C. O. de Curityba.)

6-1 Querubina.

4-2 Lourenço Ayres de Araujo.

4-3 Anna Maria da Conceição, falecida a 20 de Setembro de 1816, casada em Curityba, d'onde era natural, a 21 de Janeiro de 1773 com o Tenente Manoel José de Araujo, natural de Santo Antonio do Val de Piedade, bispado de Marianna, Minas Geraes, filho de Domingos Araujo e de sua mulher Maria Caetana de Sá. Neto pela parte paterna de André de Araujo e de sua mulher Anna Francisca de Araujo, todos naturaes de S. Thomé das Lanhas, bispado de Braga, Portugal; neto pela parte materna de Athanasio de Sá, natural da Villa Nova de Famalicão, Braga, e de sua mulher Josepha Maria de Sá, de Nossa Senhora da Ajuda, patriarchado de Lisboa.

O illustre Paranaense Dr. Moysés Marcondes, no seu precioso Livro «Pai e Patrono — Jesuino Marcondes de Oliveira e Sá» assim se refere ao seu bisavô o Tenente Manoel José de Araujo:

«O Tenente Manoel José de Araujo era a bondade personificada. A sua maxima aspiração era ver irradiar esse sentimento, em volta de si e na sua familia. . . .

«Quando visitava as filhas casadas, cujas residencias eram mais proximas da sua, queria sempre ver a despenha da casa.

«Ajuizando assim das abundancias de uma e das ca-

rencias da outra, dizia á dona da mais abastecida: «Filha, mandae taes e taes provisões á vossa irmã que soffre falta d'ellas.»

«Por esse processo, a bemfeitora de um dia convertia-se na beneficiada do dia seguinte. O que mais importava, porém, era a licção creadora da solidariedade entre os irmãos.

«A bondade do Tenente Manoel José, porém, descomedida e alliada a uma boa fé sem limites, e a uma sensibilidade vibratil e viva, era o seu lado fraco.

«Se soffria resignadamente saudades e cuidados dos filhos Elias Ignacio, Anna Joaquina, Candida Flora e Manoel Mendes, os tres primeiros casados e residentes no longinquo continente de São Pedro do Rio Grande do Sul, e o ultimo nos remotos campos de Guarapuava, nunca teve o Tenente Manoel José igual conformidade com a paralyia que lhe invalidára o filho José Caetano, desde a infancia; e menos ainda com o fatal desaparecimento do filho Francisco José que, aos dezoito annos, seguira para o Rio Grande, em companhia de um de seus irmãos, e emprehendera d'alli viagem ao Paraguay, de onde nunca mais voltára, nem d'elle houvera noticia. Esforços continuados pela cura do filho invalido, e pela descoberta do desaparecido eram as preocupações constantes e amarguradas, com que ia encanecendo o fundador da Palmeira. . . .

«Nova provação lhe estava reservada, em acontecimento que veiu por-lhe em risco a solidez da casa e o patrimonio dos filhos. Seu principal ramo de actividade, além do pastoril e agricola, era o negocio de compra e venda de animaes cavallares, exercido, até allí, com a moderação e prudencia de quem não queria afoitar-se para além das possibilidades de seu capital disponivel. Appareceram-lhe, porem, uns suppostos amigos, a instar com elle para que alargasse as transacções, e promettendo-lhe grandes facilidades de credito, na venda mais avultada que se propunham fazer-lhe.

«A esposa aconselhava prudencia, mas as vantagens da proposta e a boa fé do fazendeiro seduziram-no.

«Nos animaes comprados já vinha o germe de mortifera



epizootia reinante na ocasião, e que ia converter o negocio no mais completo dos insucessos. Encontrou-se o fazendeiro, de um dia para outro, seriamente individado e, o que era mais grave, segundo lhe parecia, em absoluta impossibilidade de honrar o seu nome e de resgatar o seu credito. Nada poderia salva-lo. Só lhe restava entregar tudo quanto possuia aos credores, para não morrer des-honrado.

«Qualquer outro esforço seria inutil. Assim pensando, desanimou e immobilizou-se.

«A forte companheira da vida, D. Anna Maria da Conceição de Sá, alli estava, porem, ao seu lado, com os bellos dotes de resistencia que sempre a distinguiram. Viu o que a situação tinha de grave, mas, longe de desanimar, tomou a si a iniciativa da reacção necessaria e salvadora. «Aquella casa fôra sempre laboriosa e economica. Trabalho e economia repararam perdas soffridas. Intensificados temporariamente um e outro, todo o mal seria sanado, com a ajuda de Deus.

«D. Anna Maria, assim discorrendo, multiplicou-se.

«Já não eram apenas os labores domesticos que a occupavam.

«Entendeu-se com os credores e assumiu compromissos de reparação progressiva. Passou a dirigir a actividade da familia, em todos os sentidos; na criação dos gados, no plantio e colheita das roças, na lavoura do trigo, na fabricação dos lacticínios; e, alongando os serões, onde filhas e escravas fiavam e teciam pannos, fabricavam baixeiros, coxinilhos, rendas finas de bilro e até cigarros, foi rapidamente augmentado a produção rendosa da fazenda, destinada a ser vendida, em grande parte em São Paulo, por intermedio de um parente conego que lá vivia.

«Os esforços e sacrificios da dobrada actividade e da rigorosa economia prolongaram-se por alguns annos, mas as prestações da divida foram pagas, umas após outras, e sempre nos vencimentos; até que a casa se desempenhou por completo e recomeçou sua marcha para a prosperidade. Os annos da provação eram depois recordados, sob a denominação de — «tempo da divida» —, e, com esse nome, as tradições familiares transmittiram-lhes a lembrança,

como licção de honestidade, de energia, de nobre sacrificio e de prudencia.

«O Tenente Manoel José ainda sobreviveu nove annos á exemplar esposa, fallecida em 1816. Viveram casados trinta e dois annos, desde 1772. No intervallo dos fallecimentos dos conjugues, tambem falleceu o filho paralytico; e, em 1825, nas partilhas amigaveis, por fallecimento do pae, os herdeiros, por geral accôrdo, ainda assumiram entre si a responsabilidade da legitima do irmão desapparecido muitos annos antes, mas de quem nunca mais houve noticia.» —

— Foi o Tenente Manoel José de Araujo o fundador da Palmeira, cujas terras doou á freguezia, facultando ao primeiro Vigario a escolha do local como patrimonio perpetuo para a fundação da Igreja; offerecendo conjunctamente com outros moradores do local os meios precisos á essa fundação.

O patrimonio foi mais tarde augmentado pela doação feita pelo Capitão Domingos Ignacio de Araujo e sua mulher Josepha Joaquina de França.

Residiam na «Chacara da Palmeira» que mais tarde, por seus herdeiros, foi vendida ao Capitão Domingos Ignacio de Araujo.

A fazenda da Palmeira, por morte de seus donos, foi partilhada entre seus herdeiros, cabendo a D. Maria Caetana, casada com o Capitão Manoel Martins de Araujo a «Chacara da Palmeira».

A' D. Cherubina, mãe do Conselheiro Jesuino, coube o «Rincão do Sitio», antes chamado da «Cria».

A' D. Mathilde Umbelina da Gloria, casada com o Tenente Antonio Joaquim de Camargo, coube o «Rincão do Manhoso», mais tarde «Fazenda da Conceição».

Teve os seguintes filhos: (C. O. e C. E. de Curityba.)

5-1 Elias Ignacio de Araujo, casado com Lucrecia Maria da Silva, de Santo Amaro, filha de Joaquim José de Mello e de sua mulher Margarida da Silva.

Era estabelecido em Rio Pardo, do Rio Grande do Sul.

5-2 Anna Joaquina de Araujo, casada com Francisco de Oliveira Bueno.

Teve:



- 6-1 José de Oliveira Bueno.
- 5-3 José Caetano de Araujo, era solteiro e com 36 annos em 1816 quando se procedeu o inventario de sua mãe e já era fallecido no de seu pai em 1825.
- 5-4 Manoel Mendes de Araujo, casado com Anna Joaquina dos Santos, filha de José Joaquim dos Santos e de sua mulher Rufina Antonia de Sá, 5-11 adiante. Teve os dous filhos que ahi são descriptos:
- 6-1 Maria de Belem Virmond, casada com o Capitão Frederico Guilherme Virmond.
- 6-2 Major Manoel Ottoni de Araujo, casado com Braziliana Candida Bello e Araujo.
- 5-5 Mathilde Umbelina da Gloria, casada com o Tenente Antonio Joaquim de Camargo, naturaes de São Paulo e troncos da familia Camargo, do Paraná. Por morte do Tenente Manoel José de Araujo, em 1825, coube a sua filha Mathilde o Rincão do Manhoso, mais tarde denominado «Fazenda da Conceição», na Palmeira. Com ascendentes em 4-9 de pagina 317, deste volume. Teve:
- 6-1 Coronel Antonio de Sá Camargo, casado com Zeferina Marcondes de Sá, filha dos Barões de Tibagy, 6-6 de 5-10 adiante. O Coronel Antonio de Sá Camargo, nasceu na cidade da Palmeira no dia 25 de Abril de 1808. O benemerito Visconde de Guarapuava foi um paranaense venerando pelas suas altas virtudes cívicas. A caridade era a sua divisa maxima, fazendo-se nella o apostolo magnanimo do bem. Aos 30 annos de idade foi chamado por seus paes para administrar seus bens, compostos de fazendas de gado, em Guarapuava, onde, pela sua actividade, conseguiu ser em pouco tempo um dos mais poderosos fazendeiros. Ahi occupou todos os cargos de eleição popular; sagaz e intelligente como era, fez a felicidade do riquissimo territorio que escolheu para sua residencia

Foi nomeado, em Abril de 1864, Coronel Commandante Superior da Guarda Nacional de Guarapuava.

Foi membro proeminente do antigo Partido Liberal.

Foi varias vezes eleito Deputado Provincial, e em 1865 foi nomeado Vice-Presidente da Provincia do Paraná.

Concorreu, por occasião da guerra contra o Paraguay, com 3 contos de reis para as despesas bellicas e com 1 conto de reis para auxiliar as familias pobres dos militares que marcharam ao theatro da lucta, em defeza da Patria.

Auxiliou grandemente as diversas associações de caridade, igrejas, estabelecimentos de instrucção e as bibliothecas de clubs, procurando d'essa forma engrandecer o seu torrão natal.

Por seus relevantes serviços foi galardoado com o Titulo de Barão e depois Visconde de Guarapuava.

O saudoso Visconde de Taunay, quando presidente da Provincia do Paraná, referindo-se ao Visconde de Guarapuava, assim se manifestou:

— «Esse venerando ancião, morador na cidade de Guarapuava ha longuissimos annos, merece de toda a Provincia do Paraná o maior e mais justo respeito.

«Sempre que appellei para a sua generosidade, como Presidente d'aquella grande zona, encontrei-o prompto para concorrer com valiosos donativos á bem de beneficios Moraes e materiaes.

«Dei por isto á sala de honra da Bibliotheca Publica, assim como a uma das muitas sinuosidades do rio Iguaçu o seu nome.

«Conhecido por innumeros actos de virtude, modesto, retrahido e superior a todas as vaidades do mundo, tem sido esse illustre cidadão paranaense, incansavel em promover o adiantamento da cidade que habita e que deve ufanar-se de ter em seu seio tão distincta e nobre personalidade.

«Pois o Visconde de Guarapuava é um brasileiro que honra o Brasil inteiro.» —

Falleceu este varão illustre, em Guarapuava, a 12 de Novembro de 1896, cercado do respeito e da consideração geral do povo paranaense, que até hoje venera a sua memoria. Teve:



- 7-1 Firmino, falecido na infância.
- 6-2 Maria Francisca de Sá, casada na cidade da Palmeira com Francisco Moraes Camargo.
- Teve:
- 7-1 Maria Thereza de Jesus, casada com Lucio Mendes de Almeida Sampaio.
- Teve:
- 8-1 Damazo Mendes de Camargo, casado em Guarapuava com Maria das Dores de Oliveira.
- Sem geração.
- 8-2 Maria Francisca de Sá Camargo, casada em Palmas com seu primo o Coronel Francisco de Paula Camargo, hoje Collector das Rendias Estaduaes em Curityba, adiante descrito em 6-12 de 5-3.
- Ahi a descendencia.
- 8-3 Antonio Mendes de Camargo, casado em Guarapuava em primeiras nupcias com Etelvina Mendes de Almeida, filha de João Pedro de Souza e de sua mulher Balbina Mendes de Oliveira. Casado em segundas nupcias com . . .
- Filhos do primeiro matrimonio:
- 9-1 Lucio Mendes de Camargo, solteiro.
- 9-2 Balbina de Camargo Armstrong, casada com Brasilio Armstrong.
- Teve:
- 10-1 Hernani.
- 10-2 Haroldo.
- 9-3 Maria Thereza Camargo de Macedo, casada com Arthur Borges de Macedo Ribas.
- 9-4 Angela, solteira.
- 9-5 Trajano, solteiro.
- 9-6 João Mendes de Camargo, casado com Victoria Borgnhen de Camargo.
- Sem geração.
- 8-4 Manoel Mendes de Camargo, casado com Maria Luiza de Almeida, filha de Francisco

- de Almeida e de sua mulher Maria Luiza de Almeida.
- Sem descendentes.
- 8-5 José Mendes Sampaio, casado com Francisca de Oliveira Mendes.
- Filhos:
- 9-1 Alipio Sampaio.
- 9-2 Djalma Sampaio.
- 9-3 Moysés Sampaio.
- 9-4 Umbelina Sampaio.
- 9-5 Cherubina Sampaio.
- 8-6 Alferes Angelo Mendes de Almeida Sampaio, official do exercito, foi um dos bravos da campanha de Canudos, onde tombou heroicamente, combatendo os fanaticos de Antonio Conselheiro.
- Foi casado em Curityba com Magdalena de Almeida Sampaio, filha do capitalista José Rodrigues de Almeida e de sua primeira mulher Gertrudes da Silva de Almeida.
- Filhos:
- 9-1 Maria Thereza Sampaio, casada com o engenheiro Tenente Vedo Fiuza.
- Teve:
- 10-1 Angelo.
- 7-2 Antonio de Moraes Camargo, casado na Palmeira com Constantina Josephina de Moraes.
- Filhos:
- 8-1 José, falecido.
- 8-2 Salvina, falecida.
- 8-3 José Moraes de Camargo, falleceu solteiro.
- 8-4 Mathilde de Moraes Camargo Barbosa, casada com Aristides de Almeida Barbosa.
- Sem descendentes.
- 6-3 Francisco de Paula Camargo, casado em Curityba com Rita de França Camargo, filha do Capitão Simão José Gonçalves de Andrade e de sua mulher Rosa Alexandrina da Cruz França.
- Com ascendentes e descendentes descriptos em outro lugar d'esta obra.



- 6-4 Anna Maria, falecida solteira.
- 6-5 Marianna de Siqueira Moraes, casada com Seraphim de Oliveira Ribas.  
Teve:  
7-1 Eugenio, falecido em criança.  
7-2 Domingos Camargo Ribas, casado com Messias de Paula Camargo, ambos falecidos sem filhos.  
7-3 Joaquim Marianno de Sá Ribas, falecido, foi casado com Laurinda de Paula Ribas, com descendência em Guarapuava.
- 6-6 José Antonio de Camargo e Araujo.
- 6-7 Rufina Mauricia de Sá, falecida, foi casada com o Coronel Antonio de Oliveira Ribas, filho do Sargento-mór Joaquim Ribeiro Ribas e de sua mulher Maria Rita Ferreira Bueno, proprietários das terras de Santa Barbara e Cajuru, no municipio de Curitiba.  
Teve:  
7-1 Antonio de Sá Ribas, casado com Maria Josepha de Souza Ribas, filha do Capitão Manoel Mendes de Souza e de sua mulher Cezarina Mendes de Souza.  
Filhos:  
8-1 Antonia, falecida em criança.  
8-2 Maria, falecida em criança.  
8-3 Darwina Ribas Ferreira, casada com o Capitão José Ferreira dos Santos.  
Teve:  
9-1 Epaminondas Ferreira Ribas, casado com Julia Penteado Ribas.  
Sem geração.  
9-2 Geslinda Ferreira Ribas, já falecida, foi casada com Luiz Paim.  
Sem filhos.  
9-3 Luiza Ferreira Ribas.  
9-4 Dario Ferreira Ribas.  
8-4 Rita Ferreira Ribas Pimpão, casada com José Ferreira Pimpão.  
Teve:  
9-1 Maria Pimpão Franco, casada com José Aristides Franco, filho de Ignacio Franco.

- Teve:  
10-1 Izaura.  
10-2 Ary.
- 9-2 Malvina Ribas Pimpão Palhano, casada com Mabio Palhano.  
Teve:  
10-1 Dalbio.
- 9-3 Cyrilla Ribas Pimpão, casada com Alfredo Cirmello.  
Teve:  
10-1 Enize.
- 9-4 Dejanira Ribas Pimpão Ferreira, casada com Luiz Ferreira.  
Teve:  
10-1 Luiz.
- 9-5 José Ribas Pimpão.  
9-6 Antonio, falecido.  
9-7 Francisco Ribas Pimpão.
- 8-5 Rutilio Ribas, casado com Julia Baptista.  
Filhos:  
9-1 Nelson.  
9-2 Ulysses, falecido.  
9-3 Antonio.  
9-4 Rutilio, falecido.  
9-5 Maria Rosa.  
9-6 Cecilia.  
9-7 Nilson.  
9-8 Bonifacio.
- 8-6 Antonio de Sá Ribas, casado com Maria Rita Guimarães.  
Filhos:  
9-1 Antonio.  
9-2 João.  
9-3 Olyntho, gêmeo com  
9-4 Rutilio, falecido.  
9-5 Nabor.
- 7-2 Maria Rufina de França Ribas, casada com Manoel José de França Borges.  
Sem filhos.
- 7-3 João Baptista de Sá Ribas. solteiro.



- 7-4 Raphael Tobias de Sá Ribas, solteiro.
- 7-5 Cherubina Camargo do Nascimento e Souza, casada na Palmeira a 27 de Abril de 1870 com o Coronel Alipio José do Nascimento e Souza, 7-2 de 6-8, adiante. Sem filhos.
- 7-6 Major Pedro de Sá Ribas Nhonhô, casado com Maria Izabel de França Ribas.  
Teve:
- 8-1 Raphael Ribas, casado com Adelina Cavalheiro Ribas.  
Teve:
- 9-1 Alipio.  
9-2 Florencio.
- 8-2 Maria Rita Ribas de Albuquerque, casada com Antonio Marcondes de Albuquerque.  
Filhos:
- 9-1 Venina.  
9-2 Djanira.
- 8-3 Manoel, falecido em criança.
- 8-4 Alipio Ribas, casado com Alzira Cavalheiro Ribas. Sem filhos.
- 8-5 Antonio de Oliveira Ribas, casado com Lavinia de Camargo Ribas.  
Teve:
- 9-1 Rubens.
- 8-6 Francisco de Sá Ribas.
- 8-7 Magnos de Sá Ribas.
- 8-8 Epaminondas de Sá Ribas.
- 8-9 Nonezia Ribas de Souza, casada com Pedro Laurindo de Souza.  
Teve:
- 9-1 Benoni.  
9-2 Annibal.
- 8-10 Amilcar Ribas.
- 8-11 Dagomar Ribas.
- 8-12 Gumerindo Ribas.
- 8-13 Osminda Ribas.
- 8-14 Semiramis Ribas.
- 8-15 Mauro Ribas.
- 8-16 Persevanda Ribas.

- 6-8 Gertrudes Maria de Almeida e Sá, natural da Palmeira, falecida, foi casada com o Capitão Estevão Ribeiro do Nascimento, falecido, natural de Entre Rios, antigo Carrapatos, filho de Estevão Ribeiro de Almeida, de Santa Catharina, e de sua mulher Maria de Souza, de São Paulo.  
Teve:
- 7-1 Major Estevão Ribeiro do Nascimento, casado em primeiras nupcias com Maria das Dores Nascimento e em segundas nupcias com Amelia do Couto Nascimento, filha do Capitão João Moreira do Couto e de sua mulher Arminda Gonçalves do Couto.  
Do primeiro matrimonio não teve filhos.  
Do segundo matrimonio teve:
- 8-1 Palmyra do Nascimento Camargo, casada com Lauro Camargo, fazendeiro, residente em Clevelandia.
- 8-2 Nelly Lins, casada com o Dr. Trazibulo Lins, falecido, natural da Bahia.
- 8-3 Maria da Luz Nascimento, casada com . . .  
residente em Clevelandia.
- 8-4 Carmen Nascimento da Silva, casada com Laudelino Silva, negociante no Itararé.
- 8-5
- 8-6
- 8-7 Estevão Ribeiro do Nascimento Junior, fazendeiro em Clevelandia, casado com Dulce Martins.
- 8-8 Nice do Nascimento Cardoso, casada com Oscar Lourenço Cardoso, negociante em Clevelandia.
- 7-2 Coronel Alipio José do Nascimento e Souza, nascido em Palmas, na fazenda da «Floresta», no dia 27 de Outubro de 1845. Varão de grande enfiatura moral, gosou sempre de vasto prestigio social e politico. Foi abastado commerciante em Curityba. Hoje vive cercado de grande consideração, que sempre gosou, na cidade da Pal-



meira, onde reside e se casou, a 27 de Abril de 1870 com Cherubina Camargo do Nascimento e Souza, 7-5 de 6-7 acima.

Sem filhos.

- 5-6 Capitão Domingos Ignacio de Araujo, casado com Josepha Joaquina Pinheiro de França, 4-12 de 3-3 de 2-8 de 1-2, do § 2.º, Capitulo 2.º, do Titulo Rodrigues de França, 2.º Volume d'esta Obra.

Ahi a descendencia.

- 5-7 Francisco José de Sá e Araujo, ainda muito jovem seguiu para o Rio Grande do Sul em companhia de um dos seus irmãos e d'ali empreendeu viagem ao Paraguay, de onde nunca mais voltou, nem deu noticias, apesar dos esforços constantes de seu pai e irmãos, durante muitos annos.

- 5-8 Maria Caetana de Sá, casada em 1820 com seu primo o Capitão Manoel Martins de Araujo.

Em 1829 já o Capitão Martins estava casado em segundas nupcias com Maria Rita de França.

Teve o filho unico:

- 6-1 Capitão Domingos Martins de Araujo, casado com Maria dos Anjos Martins.

Filhos:

- 7-1 Maria, casada em São Paulo, em primeiras nupcias com o Dr. Rodrigo . . . de Camargo, de quem teve um filho unico, residente em São Paulo; e, em segundas nupcias, com o Dr. Domingos Nogueira Jaguaribe Filho, tambem residente em São Paulo.

Com geração.

- 7-2 Manoel Caetano Martins, casado com Maria da Conceição Ferreira, filha de José Ferreira Sobrinho.

Filhos:

- 8-1 Eurides Martins, casado com . . .

- 8-2 Abgail Martins, casada com Manoel Ignacio do Canto e Silva.

Teve:

- 9-1 Cassilda do Canto, casada com o Dr. Pedro . . .

- 8-3 Julieta Martins, solteira.

- 8-4 Solon Martins, casado com . . .

- 8-5 Nelson Martins, casado com . . .

- 8-6 Noemia Martins, casada com . . .

- 7-3 Euclydes Martins, casado com Maria da Conceição Correia.

Filhos:

- 8-1 José, fallecido.

- 8-2 Tito.

- 8-3 Eurico.

- 8-4 Sylvia.

- 8-5 Antonio.

- 8-6 Maria da Luz, fallecida.

- 8-7 Esther, fallecida.

- 8-8 Maria.

- 8-9 Anna.

- 7-4 Santa Barbara Martins.

- 7-5 Ambrosina Martins de Albuquerque, casada com Jorge Marcondes de Albuquerque, filho do Capitão Antonio José Xavier de Faria e Albuquerque, official do Exercito, que veio ao Paraná por ocasião da installação da Provincia. Foi Deputado Provincial no bienio de 1864—1865.

Teve:

- 8-1 Sezinando de Albuquerque, casado com sua prima Hermancia Martins de Araujo, filha de João Martins de Araujo França e de sua mulher Francisca Martins de Araujo, 5-7 de 4-11 de 3-3 de folhas . . . do Titulo — Rodrigues de França.

Filhos:

- 9-1 Francisca de Paula, fallecida.

- 9-2 Raul de Albuquerque.

- 9-3 Edgard de Albuquerque, fallecido aos 23 annos de idade.

- 9-4 Evangelina de Albuquerque, fallecida.



- 9-5 Tacito de Albuquerque.
- 9-6 Lucy.
- 9-7 Lauro.
- 9-8 Alceu.
- 9-9 Renato.
- 9-10 Helena.
- 9-11 Luiza.
- 8-2 Moysés Marcondes de Albuquerque, agrimensor, funcionario da Secretaria de Obras Publicas do Estado. Tem feito diversos trabalhos importantes de engenharia e traçados de Estradas de ferro e de rodagem. Bom desenhista e profissional muito reputado por seus chefes. Casado com Julieta Munhoz Negrão de Albuquerque (6-12 de 5-9 da pagina . . . do 3.º Volume, Titulo Rodrigues Seixas), filha do Major Manoel de Souza Dias Negrão, fallecido em 5 de Julho de 1895, e de sua mulher Augusta Candida Munhoz Negrão. Neta pela parte paterna do Capitão João de Souza Dias Negrão — O Velho — e de sua mulher Rita Maria Lustoza de Andrade Negrão; por esta, bisneta do Sargento-mór Ignacio Lustoza de Andrade e de sua mulher Maria Catharina de Moraes Cordeiro, dos quaes trataremos em outro Volume. Pela parte materna é neta do Coronel Caetano José Munhoz e de sua primeira mulher Francisca de Assis de Oliveira Munhoz, 4-1 de 3-10 de pagina 237, deste Volume.  
Filhos:
  - 9-1 Lilia.
  - 9-2 Cid.
  - 9-3 Mario.
  - 9-4 Francisco.
  - 9-5 João.
- 8-3 Maria dos Anjos de Albuquerque, casada com Themistocles Correia, filho do Dr. José Francisco Correia, da Lapa, e de sua mulher Maria da Conceição Marcondes.  
Teve:
  - 9-1 Maria da Conceição.
  - 9-2 Ruy.

- 9-3 Domingos.
- 8-4 Antonio Vespasiano de Albuquerque, casado com Maria Luiza de Albuquerque. Sem filhos.
- 8-5 Domingos Marcondes de Albuquerque, casado com Green Mayer. Pereceram no naufragio do vapor «Guasca», que abalroou com o vapor argentino «S. Lourenço», nas costas proximas á Cananéa, na praia da Juréa.
- 8-6 Paulo Marcondes de Albuquerque, casado com Carolina Albuquerque.  
Teve:
  - 9-1 Maria Lucia, solteira.
- 8-7 Cherubina Marcondes de Albuquerque Negrão, casada com Carlos Munhoz Negrão, irmão de Julieta Negrão, de 8-2 acima.  
Filhos:
  - 9-1 Gastão.
  - 9-2 Zilah.
  - 9-3 Ivette.
  - 9-4 Maria.
  - 9-5 Carlos.
  - 9-6 Beatriz.
  - 9-7 Clotilde.
- 8-8 Jorge Marcondes de Albuquerque, socio da firma Elysio Pereira & Cia., de Paranaguá, onde exerce tambem o cargo de Despachante Geral da Alfandega, casado com Elfrida Pereira Alves. Com os descendentes descriptos em Titulo — Rodrigues de França.
- 8-9 Maria da Luz Marcondes de Albuquerque, solteira.
- 8-10 Maria Izabel, fallecida.
- 8-11 Tito, fallecido.
- 8-12 Manoel, fallecido.
- 5-9 Candida Flora de Sá, casada com Joaquim Rodrigues Jacques. Ella já era fallecida em 1835.



Residiram no Rio Grande do Sul, em Alegrete. Teve:

6-1 Joaquim Rodrigues de Sá.

6-2 Jesuino Marcondes de Sá.

- 5-10 Cherubina Rosa Marcondes de Sá, nascida na Fazenda da Palmeira, nos Campos Geraes, em 1794, casada a 27 de Novembro de 1814, na Capella de Tamanduá com o Alferes José Caetano de Oliveira, depois Barão do Tibagy, nascido em Sorocaba, em Abril de 1794, e fallecido na Palmeira a 1.º de Outubro de 1889. Ella foi Baroneza e, depois de viuva, Viscondessa de Tibagy. O Barão de Tibagy era filho de Manoel Gonçalves de Oliveira e de sua mulher Anna Maria de Oliveira.

«Contava apenas dezenove annos de idade, ainda incompletos, quando transferiu a sua residencia para os Campos Geraes de Curityba, á procura de honesta independencia. Muito activo, intelligente, probo e serviçal, conquistou sem demora, a sympathia e estima do novo meio e foi-se encaminhando progressivamente para a prosperidade. . . .

«Em 27 de Novembro de 1814, nas proximidades dos vinte e um annos, casava-se elle, como já dissemos, na freguezia de Tamanduá, com D. Cherubina Rosa Marcondes de Sá, filha dos fazendeiros fundadores da actual cidade da Palmeira.

«D. Cherubina trazia para o seu casal as solidas virtudes que tanto distinguiram sua mãe, e que, mais tarde, transbordando do ambito da familia, cercaram de uma aureola de veneração e respeito, em todo o Paraná, a Baroneza de Tibagy.

«O «Sitio» no «Rincão da Cria», onde se estabeleceu o novo casal, começou modesto. Contava-se que o Capitão Domingos Ignacio de Araujo, quando ahi ia em visita ao cunhado e á irmã, ao transpôr a porta da entrada, collocava seu chapéu sobre o beiral do telhado. José Ca-

tano ria do gracejo do cunhado, mas commentava, com bom humor e atilamento: «Para crescer, é necessario começar por ser pequeno.» E, no caso da pequena e primitiva casa, foi propheta. O «Sitio» era o nucleo inicial, de onde a actividade e as virtudes constructoras iam irradiar para obras de maior vulto. Quando, mais tarde, o primitivo casinhoto de beiral baixo se foi convertendo na vasta casa, typo portuguez e solarengo, á qual nem faltaram leões de louça sobre as columnas do portão da entrada, era ainda d'alli que se diffundia a actividade propulsora de novos estabelecimentos pastoris, proximos e remotos. . . .

«A familia tambem ia crescendo, e o amor d'ella foi o mais vigoroso elemento da constante actividade d'aquella casa.

«Foram oito os filhos do casal, dos quaes tres varões. Durante a vida do chefe da familia, sómente uma menina falleceu, e de mal que, hoje seria classificado, talvez de appendicite; mas que, então, foi attribuido á ingestão de um pecego mal amadurecido. Citamos o caso como nota dos extremos paternaes de José Caetano. A perda da filhinha o abalou de tal maneira, que implorava a Deus que lhe dêsse quantos filhos quizesse, mas que, por misericordia, não lhe tirasse nenhum. Os pecegueiros do pomar foram todos sacrificados, e nunca mais se plantaram outros para que a desgraça, que lhes fôra attribuida, não se pudesse reproduzir. D. Cherubina, porem, vertendo lagrimas silenciosas, achava palavras de consolação para o marido, emquanto, por suas proprias mãos, ia pregando os galões do caixãozinho, em que ia ser encerrada a filha. E' patente aqui a influencia hereditaria de D. Anna Maria. . . .

«José Caetano, dotado de rarissima energia na execução de seus designios, nada o abalava tanto quanto os cuidados da familia e a geral com-



passividade humana. Desmontado, porém, pelos males sem remédio, a energia reassumia a ascendência, nos que imaginava remediáveis. O caso mais típico d'esta natureza, conservado pela tradição familiar, ocorreu quando, a família em crescimento, seu chefe atarefado com inúmeras ocupações de sua laboriosíssima vida, adoeceu gravemente a alma da casa, D. Cherubina. A família reunida considerou-a irremediavelmente perdida.

«Recursos de tratamento, de provável eficiência, não os havia na incipiente povoação. Paranaguá, Morretes, Villa Antonina, estavam ainda na dependência, para recursos médicos, de um — curioso — João Baptista Vieira Ramalho, a quem, ainda assim, pagavam as famílias uma contribuição fixa, para que lhes não faltasse com os socorros, no momento opportuno. Recursos a valer, embora os da época, só em S. Paulo, a mais de sessenta leguas de distancia.

«José Caetano, sem hesitação, communicou aos parentes reunidos que ia transportar sua doente, para onde pudesse ser tratada convenientemente e com esperanças de cura. Todos se mostraram contrários a tal resolução. Como se havia de transportar a doente naquelle estado, a tão grande distancia, por pessimas estradas, e com tantos outros embarços? Iria morrer mais depressa, em viagem, sem o conforto caseiro, sabia Deus onde e como?

«José Caetano não cedeu. Sua mulher morreria na estrada, se Deus fosse servido; mas morreria, quando se empregavam todos os esforços para que se restabelecesse. Deus não deixaria de secundar esses esforços. . . .

«Confessou-se, commungou, recebeu a extrema-uncção, como se marchasse seguramente para a morte. No momento opportuno foi recolhida ao banguê e, com o marido sempre cavalgando á portinhola, toda a comitiva se poz em marcha.

Ao fim de seis mezes, a doente, a quasi moribunda, voltou de S. Paulo curada; sobreviveu de trinta annos ao marido dedicado e, mais que no-nagenaria, era ainda o elo forte da união de uma grande família, o conforto dos que soffriam, o conselho sempre lucido e seguro dos que para ella appellavam, até que, em 1889, repousou na terra de seu berço.

«O regresso da mãe de família já curada, parece ter marcado um periodo de recrescida actividade e de prospero desenvolvimento da casa. José Caetano não parava. Administrava novos estabelecimentos pastoris, creados e desenvolvidos progressivamente nas immediações da Palmeira e, mais tarde, nos remotos campos de Palmas e até no Rio Grande do Sul. Viajava constantemente até Viamão, fronteiras do Uruguay ou Sorocaba, no negocio mais rendoso da época, de compra e venda de tropas muars que, adquiridas no extremo Sul, vinham ser engordadas nos campos da zona paranaense, para, vendidas nas feiras de Sorocaba, irem por fim abastecer os mercados de S. Paulo, Minas, Rio de Janeiro e Bahia.

«Nessas constantes viagens do marido, D. Cherubina empunhava o leme da casa, com aquella firmeza e segurança de que sua mãe — D. Anna Maria — deixára tão bons exemplos. Nada percia, na ausencia do chefe; pelo contrario, tudo se mantinha em curso activo e prospero. Roças, no Pinheiral, plantadas e colhidas em tempo proprio; gados convenientemente cuidados, produção constante de todo o necessario ao consumo domestico e ao abastecimento do pessoal das propriedades proximas, bem como tecidos e roupas para o das mais longinquas; a tudo isso se attendia, no «Sítio», sob a direcção da dona da casa. As cartas de Jesuino Marcondes deixaram notas pormenorizadas da sadia actividade da casa paterna, e que adiante se hão de ler.

«A actividade febril de José Caetano foi sempre



alimentada pelo ideal de conquistar independência para os seus filhos, não só materialmente, mas na elevação oriunda de attributos moraes, que a licção e o exemplo constantes devem originar e fixar. E' expressiva esta phrase, de seu leito de morte: «Quiz deixar um pão para cada um de meus filhos. Deixo-lhes o fermento.»

«A' par d'esse ideal de chefe de familia, outro, essencialmente christão, alimentou os seus esforços: — o da maior possibilidade de socorrer miserias alheias. E, por isso, se foi melhorando a casa do «Sitio», na medida do crescimento dos meios; se lhe introduziu o luxo, raro na epoca, de vidros nas janellas, em substituição das usuaes empannadas, e de mobilia completa de sala, transportada ás costas de carregadores, Itupava acima; construiu, ao mesmo tempo, fóra dos muros do pateo fronteiro, casa de telha, com camas e utensilios de cosinha e de mesa, para uso exclusivo dos lazaros que, de passagem, lhe batiam á porta.

«José Caetano tambem antecipava, sobre a sua epoca, em outros assumptos da direcção da familia. Não queria para ella a compressão da excessiva severidade que a ascendencia lusa e a ingênita desconfiança paulista haviam implantado nos costumes. Ensinava o justo recato das mulheres, sem os excessos do claustramento oriental. Suas filhas haviam de saber ler e escrever, e, para tal fim, manteve as mais velhas em casa de seus parentes, em Sorocaba, o tempo preciso para a aquisição d'esses conhecimentos. Já não praticava com os filhos aquelles rigores do excessivo patrio poder, tão em voga ainda no seu tempo. O respeito tributado aos paes, pensava elle, não devia sacrificar a confiança e cordura no trato de tão santo e doce affecto. Sua maxima aspiração era descobrir em algum d'elles disposições para estudos superiores, no ideal de lhe proporcionar facilidades e meios para uma edu-

cação completa. «Quero deixar uma luz para a minha familia», dizia elle. . . .

«José Caetano era intimo amigo e correligionario do Brigadeiro Raphael Tobias de Aguiar, cuja politica patrocinava nas villas de serra acima. Com o Dr. Gabriel Rodrigues dos Santos e sua familia mantinha elle tambem velhas relações de amizade.

«Quando foi da revolução de 1842, o Dr. Gabriel, em fuga para o Sul, esteve homiziado no «Sitio» de José Caetano, na Palmeira; e foi este quem lhe preparou a fuga para o Rio Grande, incorporando-o, sob disfarce de *camarada*, em sua comitiva de tropeiro; e assim o acompanhou até o fim da viagem. Tambem Raphael Tobias, como adiante se verá, parece que esteve no mesmo «Sitio», em transito para o Sul, por identico motivo.

«Em 24 de Janeiro de 1847, escrevia a seu filho Jesuino: «Já vos supponho em Olinda, e Deos permitta sejaes feliz na viagem e em vossos estudos, e que me deis gosto, se quereis conservar minha existencia, como presumo.» Os estímulos ao filho iam ao coração. Em carta de 1.º de Abril, o tom era o mesmo: «Só me restam esperanças que aproveitareis meus bons desejos, e que um dia dareis prazer a mim, á nossa familia e amigos. Vos peço que continuamente me deis noticias vossas, para sanar meus cuidados e saudades.»

«O tom dos cuidados e estímulos cordiaes intensificava-se, á medida que o tempo ia passando. Em Agosto, exprimia-se assim:

«Só o que vos peço é que me deis gosto de vos ver concluir vossa carreira; e, ao depois, se Deos me levar, não terei que sentir; porque deixo minha familia arranjada e terei cumprido os deveres de um pae amante.» O amor da familia e o sentimento do dever paterno ficam ahi bem expressos. D'este ultimo merece especial citação



o trecho que se vae ler. Respondendo a carta do filho, em que este se lhe queixava de falta de noticias, e dizia receiar que esse silencio pudessem significar descontentamento do pae para com elle, escrevia José Caetano: «Deus queira que esta vos vá ás mãos, para vos tranquilizades; e ficae certo que a vossa conducta me tem sido agradável; e quando por infelicidade tiveseis desviado da carreira que devem trilhar os homens honestos, é quando eu então vos devia escrever mais amiudo vos admoestando; pois esse é o dever de um pae amante e amigo de seu filho, e não, recolher-se ao silencio.»

« . . . . Ainda em carta de 20 de Dezembro de 1848, dizia elle á seu filho:

«Tenho á vista a vossa de 1.º do passado, deixando-me cheio de prazer, pela certeza de vossa saude e do bom resultado do vosso acto; e vejo as razões que me ponderaes para não pretenderes receber o gráu de doutor; e presumis que, com isto me desgosteis, e deixe por este motivo de vos mandar á Europa. Eu, meu filho, desde que em uma (carta) me dissestes que já andavas cansado de ser estudante, vi que esse dicto vinha a dar em não quererdes, por motivos que agora me ponderaes, receber esse gráu. Quando vos disse que, vos preparasseis para isso, não desconhecia que só servia esta dignidade para poderdes oppor-vos a uma cadeira de lente; porem, á vista do que soffrestes em S. Paulo, queria que voltasseis á nossa Provincia habilitado mesmo para isso, para que vossos antagonistas conhecessem que, se um dia vos tentasseis por uma cadeira d'essas, estarieis habilitado a obtel-a. As razões, porem, que me ponderaes são admissiveis, e por forma alguma desejo que vos sacrificueis; e por isso vos digo que vos deveis preparar para seguirdes vossas pretensões diplomaticas, logo que possaes obter esse emprego, visto que, por mim, não posso obtel-o, por te-

rem cahido os nossos amigos da politica que adoptamos, e estarem na politica presente homens que me são desaffectedos. . . . Se as despesas para a Europa não forem excessivas, heide podel-as fazer, se não forem para muitos annos; e por isso deveis entrar nesta indagação, de quanto podereis gastar annualmente, tratando-vos parcamente, porem decente.

«Eu de minha parte procurarei indagar, e conhecendo que minhas circumstancias permitem carregar com ellas, ficae certo que o farei; porque desejo muito que appareças na sociedade e que faças boa figura. . . .»

Um mez depois, escrevia de novo:

« . . . . sobre vossas pretensões á diplomacia já vos disse que approvava, e que vos devieis informar qual a despeza que devo fazer, para unida ao pequeno ordenado que têm os addidos possaes passar sem fausto; e, quando eu conheça que a posso fazer sem destruição de nossa casa, a farei; portanto deveis estudar as materias precisas; pois nada se perde se não alcançardes o emprego diplomatico; porque, mesmo assim acontecendo, haveis de viajar a Europa dois annos, e depois voltar ao nosso bello paiz e, então, mais habilitado com a lição do mundo, entrareis na politica de nosso paiz, occupando o emprego que a sorte vos deparar. . . .»

Porem, em carta posterior á seu filho, diz:

« . . . . na vossa ultima me dizeis que de certo não podereis estar cá pela Conceição, por terdes de vos demorar no Rio, a tratar de vossas pretensões á viagem da Europa. Agora vos vou communicar, com bem pezar, o estado de finanças em que me acho, que me priva de vos assistir com o necessario para essas despesas, e que só nestes (d'aqui a) dois annos vos poderei supprir; e deveis accreditar que, se a minhas circumstancias permittissem, com prazer cooperava para que acabasseis de cultivar vossos talentos,



que me asseveram serem pouco vulgares. Porem, meu filho, tenho de tres annos a esta parte, soffrido muito na saude e, por este motivo, em meus negocios; e, por isso, com trabalho (difficilmente) penso conseguirei concluir com os meus pagamentos este anno, até o inverno; isso mesmo em muita duvida estou, com varias dividas muito demoradas, e mesmo com pouca esperanza de cobral-as. E, tendo eu, até esta epoca, passado por homem honrado, e estando no fim dos meus dias, parece que approvareis que acabe a minha carreira com Honra; para isso effectuar-se é preciso que demoreis vossa viagem mais dois annos, tempo em que presumo heide poder fazer vossas despesas. Portanto não deveis tratar d'esse despacho (nomeação de addido), porque só com a mesquinha quota que dá o governo não podereis fazer essa viagem; esperae que os auxilios paternaes vos possam coadjuvar. Pedi ao Tobias (Raphael Tobias de Aguiar) que riscasse da chapa provincial o meu nome e que introduzisse o vosso.

«Elle annuo e me diz que não só hade correr o vosso nome, como mesmo hade recommendar-vos. O mesmo me diz Gabriel (Gabriel Rodrigues dos Santos) que tem mostrado muito interesse por vós, e não cessa de elogiar vossos talentos. Eu, para todos os collegios (com) que tenho relações, tenho recommendado vossa candidatura, e nesta comarca de serra acima, presumo tereis unanimidade, e conto certo sahireis deputado provincial (ainda por S. Paulo) e por este modo ireis entretendo estes dois annos, até se proporcionarem os meios para a viagem; e podereis praticar mesmo em S. Paulo. Não cesso de velar pelo vosso beneficio. Eu presumo que, se fizerdes acto em dias de Outubro, e vindo ao Rio e d'ali a Paranaguá, podereis estar aqui pela Conceição, cuja festa faz Antonio de Sá (Antonio de Sá Camargo, futuro Visconde de Guara-

puava, sobrinho e genro de José Caetano) e presumo estará reunida a nossa familia. . . .»

«O adiamento da viagem, como se verá não foi a final necessario; mas o receio, que lhe previra a possibilidade, foi mais uma nota da prudencia e escrupulosa honestidade de José Caetano.

«Effectivamente foi norma constante de sua conducta nunca pôr em risco o bom conceito, de que geralmente gosava, nem a paz de sua consciencia. Duas anedoctas de tradição familiar exemplificam bem este asserto, e merecem ser consignadas aqui.

«Em certa ocasião, devendo elle resgatar, em data determinada, em Ponta Grossa, um titulo de divida que havia firmado, chovia torrencialmente durante muitos dias. Não se offerecia portador seguro para a avultada quantia a transportar. Resolveu-se elle mesmo a ir pessoalmente desempenhar essa missão. A familia oppunha-lhe embaraços, lembrando-lhe seu mau estado de saude, estradas intransitaveis, enchentes de rios e tudo quanto o pudesse demover da empreza. José Caetano foi cedendo aos argumentos, mas, chegado o dia do vencimento do titulo, não houve mais demove-lo de sua resolução. A' esposa, que ainda insistia para que aguardasse melhor tempo, respondeu, em tom contrariado que lhe não era habitual: «Mas como, Senhora?! Quer então que eu deixe de honrar o meu credito?» E partiu. Ao cahir da noite, molhado até os ossos, enlameado dos pés á cabeça, entrava em Ponta Grossa e resgatava o seu credito, no proprio dia do vencimento.

«O outro caso ainda é mais interessante, pela variedade de suas notas. Era um caso de consciencia. Os curitybanos que commerciavam em tropas de bestas muares eram sempre forçados a recorrer, mais ou menos, ao credito; porque, effectuando as suas compras, no Rio Grande ou no Uruguay, á dinheiro de contado, realizavam



as vendas em Sorocaba, quasi sempre á prazos longos, contados, pelo menos, de uma feira á outra.

«José Caetano achava-se em vespas de partida para o Sul, já munido do capital proprio e do que tomára de emprestimo, a determinado juro, quando um amigo o procurou, para lhe pedir emprestada certa quantia, para negocio identico. Satisfez-lhe o pedido, ao mesmo juro que a outro pagava, e recorreu novamente ao credito para as necessidades do seu proprio negocio. Occorreu-lhe, porem, ao espirito a duvida se tal juro seria licito, se excedia ao estipulado pela lei. Se elle espontaneamente o acceitava para si, porque isso lhe convinha, seria tambem licito que estipulasse, para outrem, juro igual? Não seria usura, neste caso?

«A duvida lhe preocupava o espirito. Ia tirar tudo á limpo, para se pôr de bem com a sua consciencia.

«Achava-se por esse tempo, na nova freguezia de Guarapuava, o Padre Francisco das Chagas Lima, sacerdote da melhor fama e cujas virtudes irradiavam por toda a parte, e começavam mesmo a emprestar-lhe no conceito do publico, aureolas de santidade. José Caetano conhecia-o de perto e votava-lhe grande respeito. Não havia que hesitar; dirigiu uma consulta ao Padre Chagas sobre o seu caso de consciencia.

«A decisão não se fez esperar. O escrupulo do consulente era bem fundado; porque todo o juro que excede ao da lei é usura. E deante de tal sentença José Caetano só recebeu de seu devedor o juro da lei, embora pagasse ao seu credor juro mais alto.

«Onde vão esses tempos? . . .

« . . . O Conselheiro Jesuino formava o seguinte conceito sobre o caracter de seus Paes, segundo cartas suas a seu filho:

«Meu pae, foi talvez o homem mais digno de

respeito e veneração que tenho conhecido. Nossa familia lhe deve um culto especial. A elle todos devemos o que somos.»

«Já lá vão 28 annos que o perdemos; mas guardamos nosso culto de amor, gratidão e respeito á sua memoria. Meus netos já não conheceram esse grande e excellente homem. Quando meus filhos se extinguirem, d'elle não haverá mais memoria. Eis o que é esta vida cheia de vaidades e de maldades.»

« . . . Faz hoje 30 annos que perdemos o melhor dos paes. . . .

«Parece-me hontem. Vejo ainda vivo o quadro de desespero de nossa familia, então florescente, e, hoje pela maior parte extincta. . . .»

«Já em sua velhice, associava elle á lembrança da triste data outra ligada á infancia de seu proprio filho, talvez como mais um motivo de gratidão por seu pae. «Faz hoje 33 annos que perdi meu saudoso pae», escrevia elle ao filho. Seu ultimo sorriso foi para ti. Eu convocára, por proprios, meus irmãos ausentes.

« . . . Meu pae deitado em uma rede. . . . Chegaste de pala, bótas altas e esporinhas; quando te approximaste da rede, te disse elle: «Ora viva cavalheiro!» Tinhas então cinco annos incompletos. Na noite seguinte, teve elle o ataque que o privou da fale, e entrou em agonia.

«Quanto estava alquebrado meu pae, aos 69 annos!»

«Depois do fallecimento de meu saudoso pae e de meu irmão mais velho, foi meu principal empenho manter illesos o respeito, estima e geral consideração, de que gosava minha mãe em vida de seu espôso, tanto na familia como nos extranhos, estima e respeito de que era tão digna; e, ao mesmo tempo, de acatar a livre disposição de seu patrimonio, em bem de seu conforto e de sua familia.

«Tive a grande felicidade de ver satisfeitos estes



propositos, o primeiro muito além do que poderia esperar, graças ao prestígio da virtude e da peregrina respeitabilidade, que crescia com os annos d'aquella que foi um perfeito modelo de mãe brasileira.»

« . . . . Rendo graças a Deus, dizia elle em outra carta, por ter-me concedido o implorado favor de acompanhar minha mãe até o fim de sua vida, sem lhe faltarem nunca os confortos precisos e o respeito, veneração e amor de sua familia e de extranhos, que lhe deram sempre uma invejavel aureola moral.»

« — Só os que viram aquelle doce convivio, entre mãe e filho, poderão ajuizar com exactidão, do affecto, das respeitosas attensões, dos constantes cuidados e deferencias, de que este o rodeou, por tantos annos, sua idolatrada progenitora.

«Raro era o dia, em que lhe não fizesse duas prolongadas visitas.

«A da manhã, pelo menos, era infallivel. Vinha cedo, — a mãe, como o filho, tinha habitos matinaes. Quando a porta se abria e elle entrava, clareava-se o rosto materno, com sorriso de contentamento.

«O filho tambem risonho, approximava-se, e, curvado, beijava a mão á sua progenitora, pedindo-lhe a benção. Sentava-se a baroneza habitualmente, em uma d'essas cadeirinhas baixas que substituíram, para as senhoras, o antigo estrado. Ao lado da sua, havia outras de igual altura e, defronte, algumas mais altas e as de balanço, destinadas aos homens. Jesuino Marcondes, porém, apesar de dotado de estatura avantajada, installava-se, como podia, na cadeirinha baixa, ao lado da de sua mãe. Ficava assim mais conchegado a ella, mais filialmente, mais a contento de ambos. E as horas corriam celeres, na troca affectuosa de impressões. O filho informava a mãe de occorrencias da actualidade, lia-lhe as

cartas de parentes e amigos; e por tudo e todos ella se interessava, commentando sempre com apurado tino o que merecia ou pedia commentario.

«Por vezes tambem ella rememorava o passado, relatava factos e tradições, estabelecia confrontos, nem sempre favoraveis ao presente. «Esta gente de agora já não sabe trabalhar, dizia ella. Na casa de meus paes, sustentavam-se até os escravos com pão do trigo que ali mesmo se plantava; temperava-se a comida com manteiga fabricada em casa. Hoje, trigo e manteiga são coisas de luxo e vem de fóra.»

«Comprazia o filho em rememorar-lhe os meritos, como licção e exemplo para a familia. E' de uma carta á sua móra o seguinte trecho, onde apparecem minuciosas evocações d'esses meritos e de scenas do passado familiar: «Tivemos hontem a missa anniversaria por minha mãe. . . .

«Quantas recordações! Repassei, em meu espirito, aquella nobre vida, tão trabalhosa, tão violenta e tão cheia de dignidade em todas as suas phases. Quantos ensinamentos! Não conheceste minha mãe, senão em sua velhice, já viuva, gosando do respeitoso amor da familia e do bem estar relativo de uma situação, feita por incessantes esforços de seu marido e d'ella, em dezenas de annos de trabalho, de economia e de ordem.

«A parte mais interessante de sua vida é aquella em que foi Martha. Seu marido ausente quasi sempre, em viagens para o Rio Grande ou Sorocaba, passando em casa dous ou tres mezes por anno; e ella, tendo filhos de dous em dous annos, só, naquella «Sitio»; trabalhando com algumas escravas, fiando e tecendo a lã de suas ovelhas; cosendo para si e seus filhos; fazendo em casa o queijo, o sabão, as velas, o azeite e as torcidas para o grande candieiro de metal amarello que illuminava a varanda, e o da cozinha; fazendo a roupa e os ponchos dos escravos, a farinha, o polvilho, etc. . . .



«As filhas, logo que o puderam, faziam as rendas para os seus vestidos. A grande questão era viver sem despender, para não diminuir o pequeno capital com que girava meu pae. Todas as noites, filhos e creoulos repetiam, em torno d'ella, as orações que lhes ensinava.

«Aos sabbados, abria-se o grande oratorio e rezava-se o terço. Aos domingos, toda a familia ia á missa, seguindo do Sitio, ella, os filhos e uma escrava, á cavallo; as outras á pé, carregando creanças ou os balaies, onde ia o jantar que se fazia na freguezia.

«Na ida e na volta, passava-se na Chacara da Palmeira, onde se reunia o nosso rancho á familia de meu tio Domingos (Capitão Domingos Ignacio de Araujo). Na freguezia, confabulavamos com a familia dos tios Camargos e outros parentes. Que vida forte, saudavel e exemplar! Meu pae me dizia, ás vezes, em sua velhice: «Não sei se meus filhos devem mais a mim ou á sua mãe.»

« . . . . Meu pae veio em tempos asperros, teve que lutar contra todos os rigores da natureza virgem para, como fundador de dynastia, elevar-se e á sua numerosa familia, da pobreza d'aquelle tempo á respeitavel graduação social, em que a deixou. Dando-me uma educação superior aos seus meios, dizia: «Faço este sacrificio, para deixar uma luz na minha familia.» Com altivo sentimento de independencia, dizia, no fim da vida: «Vivi sempre sobre mim; nunca recebi salario de ninguem.»

«Em outra carta, refere-se a seu pae, nestes termos: « . . . . meu saudoso pae, meu bemfeitor e meu melhor amigo. . . . Até hoje, considero o dia 1.º de Novembro de 1863 o mais nefasto de minha vida, e nunca dormo, sem pedir a Deus o descanso eterno para meu pae.»

«Apreciando ver em seu proprio filho interesse por essas tradições, escrevia-lhe um dia: «O teu

amor de familia te dão tempo e gosto para excavações no archivo familiar, onde encontras, ás vezes, testemunhos preciosos do bom senso e nobre sentimento dos fundadores das nossas familias. . . . Que modêlos que foram meu pae e minha mãe. Pouco tempo antes de morrer dizia-me aquelle: «Muito deve a nossa casa á tua mãe. Eu trabalhava, ella zelava os fructos do meu trabalho.» Trabalhador, — mesmo demais, — até a morte; economico, no bom sentido; largo, nas occasiões; sempre franco e hospitaleiro, era progressista razoavel. A' medida que foi melhorando de fortuna, foi augmentando o bem estar da familia. . . . Zelava de seu credito, como da menina de seus olhos, apesar de pouco usar d'elle, e nunca pedir fiança, dando-a aliás, a outros. . . . Marido respeitoso e delicado, pae extremo, sem fraqueza. . . . Senhor bondoso e compassivo, para seus escravos; caridoso para pobres e doentes, a ponto de chorar, quando via um lazaro esmolando. Tal foi o fundador da nossa dynastia.» O Conselheiro Jesuino assim se refere as homenagens prestadas a sua veneranda mãe:

« . . . . chegaram os principes, escrevia elle; visitaram minha mãe. A princeza beijou-lhe a mão, depois abraçou-a e beijou-a, nas duas faces. O Conde d'Eu beijou-lhe a mão e, a exemplo d'elle, o presidente e o chefe de policia.

«Imaginarás quanto nos captivou esta mais que extraordinaria fineza, com que a princeza imperial deu um bello exemplo de respeito á velhice que se estima.»

« . . . . Por sua vez, dizia D. Cherubina: «Tudo quanto a mim me fazem, não é por mim, é por meu filho.»

(Excerptos do precioso livro: — «Pae e Patrono — Conselheiro Jesuino Marcondes de Oliveira e Sá» — apresentado na Academia de Letras do Paraná, pelo Dr. Moysés Marcondes, ao tomar assento na cadeira para a qual foi eleito.)



Teve:

6-1 Conselheiro Jesuino Marcondes de Oliveira e Sá; nasceu na cidade da Palmeira, a 1.º de Junho de 1827, no «Sitio», cercania da mesma cidade, onde habitavam seus paes.

«Era formado em sciencias sociaes e juridicas pela Faculdade de S. Paulo, havendo em seguida ao gráo que alli lhe fôra outorgado, seguido para a Europa, onde o seu espirito observador e devidamente preparado, solidamente se fortalecera em contacto com as manifestações de uma civilização mais apurada. De regresso, passou algum tempo na cidade de S. Paulo, fixando-se em seguida na sua provincia natal. Foi então que o seu espirito esclarecido, unido ao amor que dedicava ao progresso do Paraná, ostentára em toda a pujança os seus dotes excepcionaes. Trabalhando n'uma pequena provincia, de fraca população e rendas diminutas, concorreu por sua alta direcção para eleval-a ao gráo de progresso e bem estar, observados no momento em que deixára a sua presidencia.

«Chefe do partido liberal, soube impor-se ao respeito de todos, guiando-o pelo caminho da moralidade e dos grandes melhoramentos intellectuaes e materiaes.

«Membro da Assembléa Provincial, fazendo parte da primeira que aqui elegeu-se, sendo dos seus collegas o ultimo que sobrevivia, deputado á Assembléa Geral e seu vice-presidente, Ministro da agricultura, commercio e obras publicas do gabinete Furtado, (31 de Agosto) ultimo tambem de seus membros que existia, o benemerito brasileiro visando sempre o bem publico, deixa á sua Patria inolvidaveis melhoramentos e um exemplo de character que tanto ennobreceu a sua conducta nesta vida. Era ainda conse-

lheiro consciencioso e sensato quando procurado na vida civil e de familia, para compor as dissensões que as perturbavam.

«Ao seu influxo abriram-se para todos os pontos do Paraná estradas de cargueiros, transformadas mais tarde em vias de rodagem e finalmente em vias ferreas; as escolas multiplicaram-se indo até aos bairros, onde subvencionavam-se professores, dispensadas as exigencias dos definitivos; animava a navegação em nosso littoral e rios, por meio de subvenções; nomeava habéis engenheiros para a exploração das nossas matas e rios; activava a immigração; compulsava os merecimentos na distribuição dos cargos administrativos e delegações eleitoraes; era emfim a vida e o progresso que encaminhava por todos os departamentos do serviço publico, recolhendo-se tantas vezes ao isolamento, dedicado ao seu idolatrado lar, quando os seus amigos devidamente collocados, tendo n'elle o exemplo indefectivel, correspondiam por sua conducta e por seus serviços para o bem geral.

«Em um scenario mais vasto, na Assembléa Geral, pronunciára o Conselheiro Marcondes um discurso sobre estradas de ferro, em que o alto criterio que então demonstrou nas sensatas observações emittidas, justificaria a escolha que de seu nome fizera o eminente conselheiro Furtado, se tantos outros honrosos precedentes de sua vida politica não o lembrassem.

«No patriotico ministerio de que fez parte, muito salientou-se a sua intelligente actividade em dias tão difficeis para a Patria. Foi assim na tremenda quebra dos banqueiros, alguns dos quaes haviam recebido cem mil contos em deposito e encontravam-se em frente a uma população exigente do seu di-



nheiro, parecendo esboroar-se na convulsão de enormes prejuízos, o edificio financeiro da nação. Dinheiro consummido, depósitos não cobráveis, credito annullado; eis a situação do commercio na principal e nas grandes praças do imperio.

«A sua actividade como ministro do commercio, poz-se a par das exigencias da situação. Ministro em um governo representativo, destacava-se diariamente em conferencias ministeriaes com o Imperador, secção do conselho de Estado, altos membros do commercio, e á noite em seu gabinete esboçava as medidas que deviam prevenir a bancarrota geral, suspendendo disposições do codigo do commercio que regula a vida normal e não accidentada, quando as ondas de interesses prejudicadas tentavam tudo avassalar.

«Não bastavam medidas repressivas, em momentos de justificada exaltação; sem as providencias, tomadas, a pequenos intervallos, de pouca valia seria a intervenção do Coronel Drago e seu esquadrão guardando o Banco do Brasil, e de outros contingentes protegendo diversos bancos e casas commerciaes.

«O Conselheiro Marcondes não tardou a encampar a Estrada da União e industria, devedora do banqueiro Souto, no intuito de habilitar-o immediatamente, com oito mil e tantos contos, que animaram as cohortes dos reclamantes, agglomeradas nas visinhanças dos bancos, e que viam a entrega das primeiras sommas.

«Elle não perdia a calma, quando todo o mundo parecera haver perdido a cabeça; seu nome muito elevou-se no conceito de seus collegas, nos membros do conselho de Estado, com quem deliberava, em alguns dias, convocando-os de manhã e á noite, no

commercio que se encontrava com um homem pratico para occasiões difficeis, e no proprio Imperador que de perto apreciava o valor de seu ministro.

«Era o momento do *res non verba*, desde que no cataclysmo divisava-se a bancarrota geral, e para conjurar-a não bastariam os recursos do Thezouro; a immobilisação de capitaes constituia a vertiginosa cadeia que tentava arremessar-nos ao abysmo, em sua tremenda voragem.

«Mais outras provações ainda mais temerosas estavam reservadas a medir o pulso do ministerio Furtado.

«Inopinadamente surgia a traiçoeira guerra do Paraguay, e a justa colera do Brasil só se apaziguou com a morte do sanguinario tyranno, depois que tanta bravura e amor da patria fizeram desaparecer cerca de 100.000 vidas dos nossos compatriotas e 600.000:000\$000 do nosso Thezouro.

«O Conselheiro Marcondes, que dias antes propuzera pessoa, em quem muito confiava, para presidente da provincia de Matto Grosso, nome immediatamente acceito por seus collegas, d'elle desistiu, entretanto, apesar da impugnação do presidente do conselho, para ser nomeado o Coronel Carneiro de Campos, adherindo a opinião de seu collega, conselheiro C. de Campo, que mostrava a conveniencia de ser aquella provincia occupada por um militar. O aprisionamento do presidente, do vapor «Marquez de Olinda», dinheiro e armamento, assaz justificava a posição do poder publico. Sabia-se dos grandes armamentos do Paraguay, suas vastas fortalezas ericadas de canhões, sua veloz flotilha fluvial, consideraveis forças que cegamente obedeciam ao dictador, e a consideravel resistencia que seria opposta no rio e



suas margens á desforra do nosso patriotismo ultrajado.

«Por onde as nossas forças deveriam buscar o coração do Paraguay? A este respeito occupou o Conselheiro Marcondes a attenção do ministerio em varias conferencias, mostrando a superioridade que teriamos, invadindo pelo Paraná a bellicosa republica. «De Paranaguá ou Antonina, onde as tropas desembarcariam, com quarenta horas de viagem da Capital do Imperio, teriam ellas a linha recta, pelo valle do Iguassú para chegar á Assumpção. Attrahiu a si a opinião do ministro da guerra; mas isso não bastava para a adopção desse plano, que depois de 38 annos de reflexão, deve nos ter convencido que muitas vidas teriamos poupado, muito capital se economisaria, e teriamos em menor tempo, conseguido a definitiva victoria.

«Não é nosso intuito desvendar antigos reposteiros, mas tornar saliente as vistas largas e o alto patriotismo do Conselheiro Marcondes, que teria ainda o benefico resultado de espalhar em nosso paiz a ingente riqueza, origem do engrandecimento da Republica Argentina.

«Mostrou-se ainda um convencido dos grandiosos resultados que promoveria o decreto dos Voluntarios da Patria, e o numero superior a 40 batalhões, o esforço e valentia desses paisanos indomitos, nas provações e pelejas, demonstraram o acerto e a oportunidade da medida decretada nos opprimentes momentos, em que deviamos vingar a dignidade nacional ultrajada pelo despota do Paraguay.

(Excerptos de artigos publicados em Dezembro de 1903, pelo Conselheiro Manoel Alves de Araujo.)

— Espirito esclarecido, de rara perspicacia, devotado em extremo ao engrandecimento e prosperidade do Paraná, o venerando cidadão deixa uma tradição brillantissima. Foi talvez o vulto mais saliente da politica na ex-provincia, durante o extincto regimen. Chefe de incontestavel prestigio, filiado ao partido liberal, o antigo luctador reunia em torno de seu nome uma phalange dedicada e forte, guiando-a dignamente e fazendo-a colher successivos triumphos nos prelios eleitoraes.

E' sabido que no antigo 2.º districto, o Conselheiro Marcondes dispunha de extraordinaria influencia, não sendo nunca ahi vencido, estivesse embora em opposição ao governo.

«Como presidente da provincia, deu provas irrefragaveis de alto tino administrativo, prestando assignalados serviços em todos os departamentos publicos, onde se faziam sentir a sua intelligencia e actividade.

«Mas não foi só dentro do Paraná que o venerando brasileiro limitou a sua esphera de acção; no parlamento, como deputado e no governo como ministro, grangeou as mais sinceras admirações pela sua notavel qualidade de estadista.

«Dos paranaenses de real merecimento pelos talentos e valor civico, o extincto era um dos mais antigos.

«Exerceu importantes cargos de nomeação e de eleição popular, tendo sido inspector geral da instrucção publica quando presidente do Paraná o eminente brasileiro conselheiro Zacharias de Góes e Vasconcellos. Na qualidade de vice-presidente administrou sua terra natal em 1878 e 1879, tendo sido deputado provincial nos biennios de 1854 a 1855, 1856 a 1857, 1850 a 1861, e repre-



sentante do Paraná na Camara dos deputados em as 10.<sup>a</sup>, 12.<sup>a</sup> e 18.<sup>a</sup> legislaturas.

«Por decreto imperial de 8 de Agosto de 1864 foi nomeado ministro e secretario de Estado dos negocios de Agricultura, Commercio e Obras Publicas, prestando então reaes serviços ao Paraná, auctorisando as commissões Keller e Jardim, para as explorações de navegabilidade dos rios Iguassú, Paranapanema, Tibagy, Ivahy e para a abertura de uma estrada de Palmas a Corrientes; promovendo a immigração de numerosas familias allemães que vieram se estabelecer nesta cidade.

«Quando no governo da então provincia paranaense, impulsionou grandemente a feitura da estrada da Graciosa e ordenou a execução de uma outra, entre Curityba e o porto de São Francisco, cujas obras iniciou tendo sido sustadas pelo seu successor na governança.»

— O novo regimen veio encontral-o á testa da administração do Paraná, sendo, portanto, o ultimo presidente de provincia que tivemos. Tendo o marechal Deodoro da Fonseca, chefe do governo provisorio telegraphado ao então Coronel Cardoso Junior, communicando a proclamação da Republica e a constituição do Governo Provisorio, ordenando-lhe que mantivesse a ordem, entendeu o Conselheiro Jesuino dar por finda sua missão, passando a administração da provincia ao Coronel Cardoso Junior.

Um Boletim do «19 de Dezembro», órgão do partido liberal, convocava seus correligionarios para uma reunião a noite no salão do «Club dos Girondinos», o que se realizou sob a presidencia do Conselheiro Jesuino Marcondes que expoz o fim da reunião dizendo que: — «ante os acontecimentos

que acabavam de se desenrolar no Paiz, e que tiveram a immediata consequencia, a eliminação do Regimen monarchico e a retirada da familia Imperial, julgava acertado que o partido liberal da provincia tomasse a attitude que o patriotismo impõe aos Brasileiros nas emergencias actuaes. Entende que aos membros dos velhos partidos, nada mais cumpria senão acceitar os factos consummados, ter toda a calma e prudencia, prestar cada qual o concurso á Patria para a construcção do novo regimen. Assim se deve endereçar ao Chefe do Governo Provisorio uma Mensagem de adhesão.»

Tendo sido acceitas unanimemente as suas ideas, foram expedidos os seguintes telegrammas:

«General Deodoro Presidente Governo Provisorio, Rio. — Hontem dei por finda minha missão em vista telegramma de V. Ex.<sup>a</sup> ao Commandante Brigada, encarregando-o manutenção ordem. Partido Liberal Paraná adhire factos consummados e servirá nossa Patria com Governo Provisorio. Curityba, 17 de Novembro de 1889. — (Assignado) Jesuino Marcondes.»

Telegramma Circular á seus correligionarios: «Republica proclamada. Familia Imperial expatriada. Governo Provisorio geral e provincial organizado. Constituinte convocada. N'estas circumstancias finda minha missão official; annunciei ao Governo Provisorio adhesão do Partido Liberal do Paraná aos factos consummados e a sua dedicação á Patria. Conto ter assim interpretado os sentimentos do Paraná e a necessidade suprema de auxiliar a obra de reconstrucção da grande Patria Brasileira. — (Assignado) Jesuino Marcondes.»

— Concluida a tarefa do velho chefe libe-



ral do Paraná, começava a de sua família que era a de procurar os meios de resguardar a saúde de seu proprio e amado chefe. «Ao partir para S. Paulo, Jesuino Marcondes escrevia á pessoa de intimidade: «Os grandes abalos por que tenho passado, nestes cinco mezes, comprometteram-me a saúde e o socego. Quiz resistir á força da necessidade, mas a família obriga-me a resolver um passeio a S. Paulo, para me distrahir e recuperar a tranquilidade e forças perdidas. Logo que me ache melhor, estarei de volta.» «Jesuino Marcondes era, acima de tudo, um ardente patriota. Já no ultimo anno de sua vida, traçou esta phrase: «Ao ver desfaldada a bandeira de meu paiz, como velho soldado invalido, faço-lhe palpitante e respeitosa continencia.» Para elle, a Republica estava feita. O dever do patriota era amparar-lhe a consolidação. Se entendia que homens, encanecidos no serviço de um regimen, não eram os mais proprios para as demolições e reconstrucções exigidas por outro novo, tambem entendia que, embora sem renegar velhos principios e crenças, não deveriam elles suscitar embarços a seus successores; porque isso redundaria, em ultima analyse, em maus serviços feitos á Patria. Taes foram, aliás, o exemplo e a lição do proprio Imperador.

«Em uma de suas primeiras cartas, de S. Paulo, á pessoas da família no Paraná, assim se exprimia: «Vejam o — Correio Paulistano — que mando, onde vem cartas de Saraiva e Paulino, com opiniões iguaes ás nossas, isto é, que a monarchia está morta e cumpre ajudar a reconstrucção da patria.» «Por outro lado, nem se poderia dizer que o advento da republica tivesse sido grande e desnorteadora surpresa para elle.

«A perspicacia e tino do velho politico já de longe lhe annunciavam, nos alterados costumes e em sua repercussão nos espiritos, grandes mudanças.

«Seis annos antes da republica, escrevia elle ao filho: «Um sopro de anarchia percorre o paiz. A Camara Municipal da Côrte tem tido scenas degradantes. Ha um sentimento vago, porem geral, de que a actual ordem de cousas não irá longe.»

«Em 1887, escrevia de novo: «Vejo a integridade mental do Imperador lamentavelmente discutida na imprensa; a Regencia fraca, o governo fraco, os partidos fracos, o paiz descrente de suas instituições e agitado pelo abolicionismo, a disciplina militar nulla, as finanças periclitantes. Que virá de tudo isto?»

«Em 1.º de Junho de 1889, já previa mudanças proximas, e exprimia-se assim: «A politica, em nossa Patria, vai evoluindo vivamente para a democracia. Conservadores avançaram. Liberaes acabam de inscrever em sua bandeira, no congresso de delegados de todas as provincias: vóto a todos que saibam ler; federação das provincias, temporriedade do senado. A idéa republicana vai-se alastrando pelo paiz. Conservadores divididos, ministerio fraquissimo, nosso velho Imperador vendo, no fim do seu longo reinado, tudo no ar.»

«Para taes previsões, o advento da republica não seria grande surpresa.

«... Referindo-se ao seu *desterro*, imposto por sua família, por conveniencia de sua saúde, diz: «Quanto daria eu para estar uns tres dias ahi com Vocês, mesmo incognito! Não é possivel?! Pois não se fale mais nisso. Desterrado pela família! E' talvez a maior excentricidade da revolução!»



«Além das saudades, também os velhos amigos instavam pela sua volta. A família, porém, esforçava-se por conservá-lo afastado; porque, embora confiante no geral acatamento com que elle seria acolhido, no Paraná, receiava que repercutisse na sua sensibilidade qualquer mudança que affectasse aos seus amigos. Por isso escrevia elle: «Instam pela minha volta ao Paraná. . . . Meus amigos não conhecem o meu estado, como a minha família. Por isso instam pela minha volta, quando minha família me pede o contrario.» «Chegou, porém, o momento, em que a formal resolução de retirada definitiva se impôz. Communicou-a elle, e justificadamente, aos amigos que, embora penalizados, mas compreendendo-lhe os imperiosos motivos, conformaram-se. Sobre este assumpto, escrevia elle ao filho:

«Os meus velhos amigos Dr. Generoso e Dr. Manoel Alves, já estão conformados com a minha reforma. O ultimo escreveu-me: «Até que afinal Você se esclareceu, deixando-nos tristes por todos os motivos. Acho que fez bem. Quando lhe escrevi que viesse, temi vel-o de novo aqui, e quasi lhe escrevi que se deixasse ficar lá. E' tão ingrata a vida politica, e tão maçante a tarefa que aqui mantinha a sua actividade, são tão incertos os dias do futuro, que um repouso, depois de tantas lidas, é uma necessidade.»

«Ficam assim bem esclarecidos os motivos reaes da retirada de Jesuino Marcondes á vida privada, para desfazer a lenda de sua absoluta intransigencia monarchica.

« . . . . Recem-chegado a Lisbôa, já escrevia: «Nas circumstancias em que está o Brasil, a politica, que sempre foi má occupação, é um verdadeiro horror. Posso considerar-me dos felizes, em politica; mas della

só tirei real desgosto e ruina para a familia.»

Diversas cartas são mais explicitas do pensamento de Jesuino Marcondes, sobre as coisas da patria. Respondendo a alguém que lhe escrevera dizendo haver muito quem pensasse que, sem a retirada d'elle, tantos males não teriam cahido sobre o Paraná, dizia: «Muito grato sou aos que, pela antiga confiança, pensam que eu evitaria muitos males, se ahí estivesse. Não o conseguiria certamente, mas o meu esforço seria no sentido de desviar do Paraná as desgraças que trouxe a revolução.»

«Este trecho é de outra carta: «Resta-me a consciencia de ter feito tudo pelo bem de minha patria. O que sinto é vê-la ainda tão perturbada, e só desejo que recupere a paz, a liberdade, a justiça e a segurança que já teve. Quanto ao seu governo, qualquer que realize estes bens será bom. Desta distancia, só vejo a patria, sem preconceito algum.»

«Sobre o pensamento ahí insinuado, exprime-se positivamente quando diz: «Monarchia ou Republica, que importa? A dignidade da nação brasileira o que a não pôde dispensar é o governo que respeite as suas liberdades e lhe garanta a justiça.»

«N'esta outra, já traça um programma: «Se eu estivesse no Brasil, e pudesse influir, trabalharia hoje pela consolidação da Republica, sob o regimen parlamentar. O regimen presidencial só convem á America do Norte; na raça latina, degenera em despotismo. A monarchia, sempre pensei, só poderá voltar pelo descredito da republica, depois de grandes desgraças occasionadas por maus governos.»

«Nenhum outro documento é mais positivo, sobre as idéas de Jesuino Marcondes, e mais



probante de seu afastamento de qualquer actividade restauradora, do que a seguinte carta a seu filho: «Não tenho conhecimento de que exista na Europa centro algum de opposição ás cousas do Brasil, e em actividade. As pretensões monarchicas, quanto sou informado, são inteiramente platonicas, inactivas; fundando suas esperanças na força eventual dos acontecimentos, e, isto, por indole, pela estreiteza dos recursos, pela distancia e pela influencia das idéas do finado Imperador. Os que ainda conservam sentimentos monarchicos, o fazem mais por saudades da paz, ordem, liberdade, segurança e pausado progresso, de que gosou o Brasil durante a monarchia, do que por devotamento á dynastia ou ao principio monarchico. . . . A opposição, que vejo no Brasil, é quasi inteiramente passiva, inerte, sem organização, sem bandeira. E' talvez por falta de partidos organizados e fortes que medram os corrilhos de ambiciosos que se veem em campo.»

«Em 1900, já elle antevia possibilidades de melhores realizações, quando disse: «Apezar dos maus prognosticos de Ouro Preto (na Decada Republicana), parece que os peores dias estão passados; e que o Brasil, bem derreado pelos erros da Republica, entra em periodo de lenta reconstrucção. Affigura-se-me que os bons patriotas, que visam o bem da patria, sem preocupações partidarias, deveriam raciocinar assim: A monarchia não pode restaurar-se, senão por effeito da bancarrota, ou de nova revolução, que nada faz prever como possivel; o procedimento que as circumstancias indicam é o de auxiliar a republica, tratando de a melhorar. E' certo que a obsecação partidaria de uns e de outros difficulta, na pratica, este proposito sal-

vador, que só o influxo do tempo e de nova geração poderá realizar.»

« . . . . Do norte ao sul, todo o paiz está doente da crise geral economica, e da financeira de todos os Estados; mas o credito nacional está salvo e consolida-se constantemente. Não tardará que nos procure o capital estrangeiro, se perdurar a ordem interna. Uma revolução, em qualquer sentido, aggravaria os males actuaes e retardaria a acção reparadora.»

«Citemos ainda este trecho, datado do anno de seu fallecimento: «Tudo faz esperar que o Brasil, adoptando as instituições democratico-americanas, será governado pelos principios conservadores-progressistas, — os da monarchia liberal que perdemos.»

« . . . . Em cartas á familia, assim se refere ás saudades da Patria e ás recordações do passado: «Os velhos vivem do passado, mas não o refazem. . . . O coração não se despega do passado. N'elle vivem os que, como eu, já não têm futuro.» N'estes dous conceitos, e em outros de identico sentido, estampou Jesuino Marcondes um sentimento dos mais naturaes da velhice; e que, no seu caso particular, era tambem expressão das saudades do expatriado. Toda a vez, porém, que em suas locubrações perpassavam antevisões das futuras grandezas do Brasil, saltava-lhe da penna um como que desmentido d'aquellas vózes da natureza, como nesta phrase: «Os velhos preconizam o tempo *dantes*. Quanto a mim, me parece que vim cedo de mais.» Eram fulgores do antigo e sempre vivo patriotismo; mas, desgraçadamente, fulgores do occaso; radiantes de belleza, mas com a noite já proxima.

« . . . . Por entre commentarios das noticias que chegam, sôa frequentemente a vóz



da aspiração do regresso: «A Palmeira brevemente com estrada de ferro?!» Para mim, chega tarde. Quanto são morosos os nossos melhoramentos. Verei ainda a Palmeira, sequer uma vez? Deus o sabe!»

« . . . . Também o ambiente physico, nas semelhanças que apparenta, transporta o coração saudoso para os scenarios da natureza patricia; «Ha dias que parecem feitos para a nostalgia, escreve elle. Temos á vista das nossas janellas um monte rajado obliquamente pelas rochas e vegetação, com verde *plateau* em cima: o Saléve. Recorda-nos a subida da Serrinha, quando se avistam as primeiras tiras dos Campos Geraes, ou as Furnas, quando se começa a subir. Todos os nossos sonhos são com quadros do Paraná. Não fosse a idade e tanta coisa, eu não me soffreria de ir matar saudades. . . . «Quando estavamos fundeados na Bahia, veio a bordo do nosso paquete Silveira Martins, que voltava do exilio. — Que vem fazer ao Brasil? perguntei-lhe eu. — Como! respondeu espantado da pergunta, volto para a minha patria! A saudade de hoje faz-me comprehender bem aquella resposta.»

«Sentimento identico dictou-lhe tambem esta phrase: «E' duro viver em terra extranha, sem interesse pelo que nos cerca, e longe da patria que nos mereceu tantos desvelos.»

«O tom da saudade era mais resignado, quando o meio campestre o suavizava. Escrevia de Saboia: «E' triste viver no exilio, para quem ainda sente intenso no coração o amor da patria; nada, porem, mais propicio ao recolhimento, que se deve procurar em minha idade.»

«No sentido d'esse mesmo amor escrevia elle: «Correm os annos longe da patria. O amor por ella vive arraigado nos corações, como o amor por nossas mães.»

« . . . . Tua carta de 29 do passado avivou-me as saudades da patria como um sopro sobre as cinzas que guardam a brasa. Pungente e esteril saudade! Todos os meus, além da idade, me retém na terra estrangeira. Mais que o oceano separam-me da patria querida as ruínas de tudo quanto lá amei. Entretanto aquella natureza esplendida não muda. . . . Quem sabe?! Na impotencia de fazer mais, esforço-me por não deixar extinguir na familia o fogo sagrado.»

« . . . . Os ultimos mezes da vida pareciam intensificar-lhe a nostalgia. Multiplicavam-se as manifestações de saudade e as evocações da patria tornavam-se mais frequentes. «Ando soffrendo accessos de nostalgia, dizia elle. . . .»

«Um episodio da vida sentimental do expatriado adapta-se com tanta perfeição ao fecho d'este capitulo, que, apesar de seu character tão intimo, não hesito em lhe dar publicidade. Facto simples, apparentemente sem importancia, foi origem da mais terna manifestação de amor á terra do berço, e tambem de grande consolação para a familia, na provação final.

«Conhecedora dos habitos e preferencias do irmão ausente, lembrou-se um dia sua dilecta irmã de lhe mandar uma almofada de flores de macella do campo. Avisado da remessa e ainda antes de a receber, já escrevia o irmão: «Quanto apreciarei essas flores de nosso campo, cujo cheiro recorda a nossa terra e a nossa vida de familia! Ainda uso de duas almofadas trazidas de lá, mas as flores já estão muito moidas e sem perfumes. Aqui mesmo (em Vichy) tenho uma almofadinha, que sempre me acompanhou em viagem.»

«Algum tempo depois, ao receber a almo-



fada, escrevia á irmã nestes termos: «Recolhi-me com ella ao meu quarto, fechei a porta, eu mesmo descosi o encerado e a toalha marcada com as iniciaes de teu marido, e digo-te (entre nós) abracei, com olhos molhados, essas flores de nossos campos, nascidas na Palmeira, e que passaram por tuas mãos.

«Obrigado, por tão apreciado presente.»

«Não parecerá excessiva a commoção, quando se souber que o velho paranaense fez guardar cuidadosamente essa almofada, sem revelar a ninguém sua intenção, mas que tristes occorrencias da vida da familia haviam de denunciar. Quando, um anno mais tarde, perdia uma neta muito amada, pediu elle que lhe forrassem o caixão com algumas d'aquellas flores. Outro tanto fez, quando, em 1900, falleceu seu estremecido genro. Tres annos mais tarde, era elle mesmo que dormia, em terra extranha, envolvido nas flores seccas dos campos da Palmeira.

« . . . . O Dr. Generoso Marques dos Santos assim se exprimiu, em carta dirigida ao filho de seu finado amigo Conselheiro Jesuino Marcondes:

«Pela minha parte, individualmente, sabe o meu amigo, quanto eu presava, venerava e admirava aquelle meu bom amigo, respeitado chefe e sempre ouvido Conselheiro.

Não preciso, pois, dizer-lhe com quanta magua li o telegramma do nosso amigo C. Santos, que me transmittiu a dolorosa noticia na noite do mesmo dia do fallecimento do grande brasileiro e inolvidavel paranaense.

Em cartas que por vezes lhe escrevi, eu fiz sempre sentir a seu pranteado pai com quanto carinho afagavamos a

esperança de abraçal-o na terra patri-cia. Deus, porem, assim o não quiz. Não nos resta senão conformarmo-nos com a sua Soberana Vontade e pedir-lhe paz e repouso eterno para aquella alma, que foi uma das mais primorosas obras da sua Creação. Não o digo por lisonja, que não tinha razão de ser, nem jamais envileceu meus labios; não o digo porque lhe queira ser agradável nestes momentos de dor incomparavel. Digo-o porque, creia-me, conhecendo muito de perto o espirito elevadissimo de seu pae, o considerei sempre um dos homens mais completos deste paiz. Foi esse o juizo que sempre externei entre amigos, adversarios e indifferentes. E é para mim uma grande ventura poder affirmar que eu gosava da amizade e particular estima desse brasileiro benemerito, cuja ultima das cartas a mim dirigidas, muito me honra pelo elevado conceito que da minha lealdade e dedicação a meus amigos, até depois da morte, elle bondosamente enaltecera.»

O Dr. Vicente Machado da Silva Lima, cuja destacada actuação na politica republicana é bem conhecida, e que, como elle mesmo affirmou, andou por vezes separado de Jesuino Marcondes, «sob o dominio das paixões da lucta politica», além de cumular de manifestações summamente attenciosas e penhorantes a memoria do velho chefe liberal, por occasião de seu fallecimento, emittiu sobre elle, em carta de 9 de Outubro de 1903, dirigida para Lisbôa, ao Coronel José Antonio dos Santos, os seguintes honrosos conceitos:

«Ant'hontem, ás 10 horas da noite, recebi aqui (no Rio de Janeiro) sem as-



signatura, um telegramma d'ahi, dando-me a triste noticia do triste acontecimento occorrido na Suissa, da morte do Conselheiro Jesuino. Ainda sob a impressão do inesperado facto, telegraphiei de seguida para o Paraná, para pessoas da familia, Governador e imprensa.

Aqui, no Senado e na Camara, votaram-se moções de pesar pelo fallecimento do illustre brasileiro, morto, longe da patria que elle tanto amara. A imprensa do Paraná e d'aqui com sentidas phrases se occupou do facto.

Ao Dr. Moyses escrevo hoje dando pesames e transmittindo-os á familia, pois não sei para onde dirigir-me á desolada viuva.

Foi um bello espirito, captivante e esclarecido, esse que desapareceu. Conheci-o bem de perto para poder julgar do seu valor; — era um forte, nascido para guiar, conduzir e dirigir o rebanho humano. Grandes dotes de espirito e de coração o faziam um homem superior. Guardo com carinho a ultima carta que me dirigiu: — é um modelo de elevação que bem caracteriza a sua personalidade fóra do commum. Nunca formei d'elle outro juizo, mesmo sob o dominio das paixões da lucta politica, ás vezes, nós ambos collocados em posições oppostas. Homem educado, nunca collocou a lucta partidaria em terreno em que creasse-se incompatibilidade entre as pessoas. Confesso que, reavivada pela minha ultima viagem, a lembrança do meu preclaro patricio, foi-me agora golpe doloroso a noticia do seu fallecimento.»

«Estava nos designios da Providencia que o anno de 1903 seria o ultimo da jornada terrestre de Jesuino Marcondes.

«Ainda corria o longo inverno suiso, tão duro para os velhos, o que elle exprimia n'esta phrase: «Aqui vamos remando *penosamente* o mez de Fevereiro.» E já lhe atrahia filhos e netos ausentes, para a costumada reunião annual da familia, nos mezes quentes das férias. «Essas longas férias nos dão a esperanza de passarmos uma bôa temporada reunidos, na Suissa. Quanto essa temporada seria doce aos corações, e util ao repouso e reconstituição das forças!»

«A attração dos ausentes accentuava-se, tornava-se mais insistente, á medida que os mezes corriam; sem que, comtudo, qualquer aggravamento do estado de saude tornasse a reunião mais urgente.

«E o longo inverno ia correndo, e, na forçada reclusão domestica, o espirito do ancião evocava imagens da patria distante, revivia scenas passadas, rememorava affectos perdidos e ia deixando em suas cartas notas abundantes de crescente nostalgia. Abundaram n'esse periodo os projectos de repatriação já amplamente consignadas n'estas paginas.

« . . . . A tão desejada reunião da familia realisou-se, mas em condições bem diversas d'aquellas que se esperavam. E, comtudo, o incomparavel chefe de familia ainda experimentou o conforto de se ver rodeado por todos os seus. Reanimou-se e comprazia-se em alongar conversação com os recém-chegados. Queria o filho sempre ao seu lado. Pedía diariamente noticias do Brasil, especialmente do Paraná; e indagava se os jornaes ou o correio haviam trazido alguma coisa da nossa terra. As manifestações do santo



affecto davam, ás vezes, illusão confortativa de uma normalidade saudavel, que as circunstancias reaes desgraçadamente não podiam justificar.

«A resistencia do doente ia baixando progressivamente. Depois de receber, com commovida satisfação, os sacramentos de sua Igreja e de sua ardente Fé, um ar de serenidade apoderou-se da expressão de seu rosto.

«Em 7 de Outubro de 1903, Jesuino Marcondes entregou sua nobre alma ao Creador. A expressão de serenidade absoluta estava gravada nos traços de sua physionomia, emmoldurados pela brancura nevada de seus cabellos.

« . . . . E assim terminou a existencia do nobre varão a quem o Paraná tanto deve.»

— O Conselheiro Jesuino Marcondes foi casado na cidade de Morretes a 7 de Janeiro de 1855 com Domitilla Alves de Araujo Marcondes de Oliveira e Sá, natural de Morretes, onde nasceu em 1840 e falleceu em Genebra (Suissa) em 1905; filha do Capitão Hippolyto José Alves e de sua mulher Maria Rosa de Araujo; neta pela parte paterna do Capitão-mór Manoel José Alves e de sua mulher Seraphina Rodrigues Ferreira; neta pela parte materna do Comendador Antonio José de Araujo e de sua mulher Domitilla Ferreira de Oliveira; por Manoel José Alves era bisneta de Miguel Alvares de Azevedo e de sua mulher Marinha Antonia; por Seraphina Rodrigues Ferreira era bisneta de José Rodrigues Branco e de sua mulher Joanna Rodrigues Ferreira; por Antonio José de Araujo era bisneta de José de Araujo e de sua mulher Maria Rosa de Araujo; por Domitilla Ferreira de Oliveira era bisneta do Tenente João Ferreira de Oliveira e de sua mulher Anna Gonçalves Cor-

deiro; por Joanna Rodrigues Ferreira era terceira neta do Capitão-mór Antonio Ferreira Mathozo e de sua mulher Maria da Conceição; por João Ferreira de Oliveira era terceira neta de Manoel Ferreira de Oliveira e de sua mulher Maria da Conceição Ventura; por Anna Gonçalves Cordeiro era terceira neta de Raymundo José Sanabio e de sua mulher Euphrosina da Silva Freire; pelo Capitão-mór Antonio Ferreira Mathozo era quarta neta de Francisco Ferreira do Rego e de sua mulher Joanna Cordeiro Mathozo; por Maria da Conceição era quarta neta do Coronel Regente Anastacio de Freitas Trancozo e de sua mulher Maria de Assumpção; por Manoel Ferreira de Oliveira era quarta neta de Roque Ferreira e de sua mulher Appollonia Ferreira; pelo Capitão Raymundo José Sanabio era quarta neta de Domingos Gonçalves Sanabio e de sua mulher Barbara Machado; por Euphrosina da Silva Freire era quarta neta do Capitão Francisco da Silva Freire e de sua mulher Josepha Rodrigues de França; por Francisco Ferreira do Rego era quinta neta de Domingos Pinto do Rego e de sua mulher Maria Ferreira do Valle; por Joanna Cordeiro Mathozo era quinta neta do Capitão Antonio Luiz Mathozo e de sua mulher Catharina de Senne; pelo Capitão Francisco da Silva Freire era quinta neta do Tenente Antonio Esteves Freire e de sua mulher Isabel da Silva; por Josepha Rodrigues de França era quinta neta de Francisco Rodrigues Godinho e de sua mulher Maria de Ascenção França; por Maria de Assumpção era quinta neta do Provedor das minas Gaspar Teixeira de Azevedo e de sua mulher Catharina de Ramos; por Isabel da Silva era sexta neta do Capitão Domingos Rodri-



gues da Silva e de sua mulher Isabel dos Passos; por Maria de Ascensão França era sexta neta do Capitão-mór Governador João Rodrigues de França e de sua mulher Francisca Pinheiro; por Catharina de Ramos era sexta neta de Manoel da Cunha Gago e de sua mulher Anna de Siqueira de Almeida, filha de Lourenço de Amores e de sua mulher Ursula de Almeida; pelo Capitão-mór Gaspar Teixeira de Azevedo era sexta neta de Domingos de Carvalho e de sua mulher Maria Teixeira de Azevedo; por Domingos Pinto do Rego era sexta neta de André Cursino de Mattos e de sua mulher Anna Pinto da Silva, com ascendentes descriptos na «Genealogia Paulistana», volume 2.º, Título Lemes, pagina 188, em 4-1 de 3-3 de 2-1, onde se deve acrescentar o filho Domingos Pinto de Britto Rego ou da Silva, por nós encontrado em uma escriptura de doação feita por seu tio, Capitão-mór Francisco de Britto Peixoto, de umas terras nas bandas da Laguna. Por procuração passada em Santos a 17 de Setembro de 1738 por D. Maria Ferreira do Valle ao Capitão Gaspar Gonçalves de Moraes, sendo já fallecido seu marido Domingos Pinto, ficava elle auctorizado a vender as ditas terras que foram doadas a seu marido por seu tio avô Francisco de Britto Peixoto, que eram contiguas ás terras de seus cunhados Diogo Pinto do Rego, Francisco do Rego Pinto, Joaquim Pinto e João Baptista Saes, que as receberam por dote de seus paes André Cursino de Mattos e de sua mulher Anna Pinto da Silva. Este documento foi por nós encontrado no cartorio do Tabellião Gabriel Ribeiro, em Curityba.

Teve os seguintes filhos:

7-1 Emilia Marcondes Alves de Araujo, ca-

sada com seu tio Brigadeiro Commendador Hippolyto Alves de Araujo.

Com ascendentes descriptos em Titulo Rodrigues de França.

Teve:

8-1 Maria Rosa Marcondes de Souza Leão, casada com o Dr. Domingos Felipe de Souza Leão, ambos fallecidos.

Sem descendentes.

8-2 José Marcondes Alves de Araujo, fallecido na Suissa.

8-3 Jesuino, fallecido na infancia.

8-4 Domitilla, fallecida na infancia.

8-5 Domitilla Marcondes Alves de Araujo.

8-6 Hippolyto Marcondes Alves de Araujo, foi casado no Rio Grande do Sul com Branca Müller, e alli falleceu.

8-7 Isabel Marcondes Alves de Araujo.

8-8 Emilia Marcondes Alves de Araujo.

8-9 Antonio Marcondes Alves de Araujo.

7-2 Maria Rosa, fallecida em criança.

7-3 Dr. Moysés Marcondes de Oliveira e Sá, formado em medicina pela Universidade de Pensylvania, Estados Unidos, onde doutourou-se com distincção em 1881. Foi membro da «Stille's Medical Society» e deu algumas contribuições á imprensa.

Seguindo, então, para a Europa, foi completar seus estudos nos Hospitales de Paris. Por esse tempo foi mandado pelo governo imperial, servir como adjunto do Dr. Barão de Theresopolis, representante nomeado pelo Brasil no Congresso Internacional de Medicina, a reunir-se em Londres, nomeação que um e outro declinaram.

De regresso á Patria, em fins de 1882, foi, pelo Presidente da provincia do Paraná, Dr. Carlos Augusto de Carvalho, nomeado Director Geral da Instrucção Publica, entrando no exercicio do cargo a 1.º de Agosto d'aquelle anno. Serviu ainda á Provincia do Paraná em cargos da instrucção, nas administrações dos Presidentes Oliveira Bello e Escragnolle Taunay,



sendo agraciado com o officialato da Rosa, «por serviços relevantes prestados á instrucção publica.»

Transferindo, em 1890, sua residencia para o Rio Grande do Sul, onde, como um dos fundadores da firma Leal, Santos & Cia., tomou parte activa na criação e gerencia das fabricas da dita firma, na cidade do Rio Grande, passou, annos depois, a gerir a casa matriz, em Lisboa.

Ultimamente, na questão de limites entre o Paraná e S. Catharina, quando, com a maior intensidade defendiamos o nosso direito, infelizmente postergado pela suprema corte de justiça do Paiz, o Dr. Moysés Marcondes, correspondendo promptamente ao desejo do Paraná, pesquisou os archivos portuguezes e desentranhou delles documentos e mappas, que podiam interessar ao nosso Estado, na ultima phase do pleito.

Além de contribuições dispersas na imprensa do Paraná, S. Paulo, Rio Grande do Sul e Lisboa, publicou na metropole portugueza o — «Formulario Therapeutico Magistral».

Em 1908, já afastado da vida industrial, publicou os preciosos livros de poesias «Claro-escuro», «Telas do Paraná» e «Campo Santo». É socio correspondente do Instituto Historico e Geographico de Lisboa.

Publicou em 1923 um volumoso livro em que enfeixou e commentou importantes documentos relativos ao Paraná, com interesse para a sua historia, extrahidos do Archivo de Marinha e Ultra-Mar, de Lisboa, entre os quaes, os preciosos Provimentos do Ouvidor Pardinho, deixados quando esteve em correição em Paranaguá em 1721.

Nasceu na cidade da Palmeira em 1859, casou em 1884 com sua prima Zulmira Alves de Araujo Pancada, filha do capitalista portuguez Francisco Marques Leal Pancada e de sua mulher Maria Rosa Alves de Araujo Pancada. Este, natural de Cascaes, filho de Izidoro Leal e de sua mulher Maria Leal; neto pela parte paterna de Lourenço Marques Leal e de sua mulher Isabel Leal; por D. Maria Rosa de Araujo era neta do Capitão Hippolyto Alves de Araujo e de sua mulher Maria Rosa de Araujo, de cujos ascendentes já tratamos em 6-1, retro.

Tem uma filha:

#### 8-1 Estella Marcondes.

6-2 Commendador Antonio Caetano de Oliveira Nhozinho, fallecido em 1876, na Palmeira, casado com Maria da Luz França de Oliveira, filha do Major Manoel da Cruz Carneiro e de sua mulher Francisca de Oliveira; neta pela parte materna dos Barões do Tibagy. Teve a filha unica:

7-1 Cherubina Alves de Araujo, casada com o Commendador Henrique Alves de Araujo, 6-9 de 5-3 de 4-2 de 3-1 de 2-7 do § 1.º, Capitulo 2.º, do Titulo — Rodrigues de França —, 3.º Volume d'esta Obra. Ahi a descendencia.

6-3 Anna Marcondes de Oliveira Pacheco, fallecida em 1896, foi casada com o Tenente Coronel Joaquim Pacheco da Silva Rezende, filho do Capitão Manoel dos Santos Pacheco e de sua mulher Maria Coleta da Silva.

Sem descendentes.

6-4 José Marcondes ou José Mathias de Oliveira e Sá, fallecido em 1872, foi casado com Luiza Marcondes de Oliveira e Sá.

Filhos:

7-1 Francisca Marcondes Erichsen, casada com Caetano Erichsen.

Teve:

8-1 Emilia Marcondes Erichsen, casada com Alfredo Bley, nascido em 8 de Setembro de 1875, filho de João Bley, nascido a 23 de Maio de 1840 e fallecido a 31 de Outubro de 1905, e de sua mulher Maria Grein.

Teve:

9-1 Maria Emilia Bley, casada com Horacio Pereira.

Teve:

10-1 Omar.

10-2 Emilia.

10-3 Eunice.

10-4 Lenira.

9-2 Hilda Bley, casada com José Brito Bitencourt.



- Teve:  
 10-1 Cyro.  
 10-2 Elías, falecido.  
 10-3 José.
- 9-3 Avany Bley, casada com Oscar Cornelsen.  
 Filhos:  
 10-1 Emilia.  
 10-2 Eleonor.
- 9-4 Carmita.
- 9-5 Alfredo Bley, casado com Leontina Bompeixe.  
 Teve:  
 10-1 Leny.  
 10-2
- 9-6 Luiza, falecida.
- 8-2 Luiza Erichsen Pereira, casada com Ernesto Pereira, filho de José Pereira da Silva e de sua mulher Angela Motter da Silva.  
 Teve:  
 9-1 José Ernesto Pereira.  
 9-2 Maria José Pereira.  
 9-3 Sylvia José Pereira.  
 9-4 Milton Pereira.  
 9-5 Ernesto Pereira, falecido.  
 9-6 Ney Erichsen Pereira.  
 9-7 Luiza Erichsen Pereira.
- 8-3 Oscar Erichsen, casado com Francisca Ribas, filha de Avelino Ribas e de sua mulher Maria Caetana Ribas.  
 Filhos:  
 9-1 Maria Caetana Erichsen.  
 9-2 Luiza Erichsen.  
 9-3 Conrado Erichsen.  
 9-4 Oscar Erichsen.  
 9-5 Laura Erichsen.
- 8-4 Leonor Erichsen Freinzen, casada com Germano Freinzen.  
 Teve:  
 9-1 Maria Augusta.  
 9-2 Anna.  
 9-3 Lucia.  
 9-4 Sylvia.

- 8-5 Conrado Erichsen, casado com Margarida Freitas.  
 Sem filhos.
- 8-6 João Erichsen, casado com Izoete Vaz.  
 Teve:  
 9-1 Ayrton.
- 8-7 Manoel Erichsen, casado com Elisa Viante.  
 Sem filhos.
- 8-8 Flavio Erichsen.
- 8-9 Maria Amelia Erichsen de Souza, casada com o Dr. Raul Pericles de Souza, filho de José Primo de Souza Lima e de sua mulher Maria Adelina de Souza Lima.  
 Teve:  
 9-1 Maria Flora.  
 9-2 Irene.
- 8-10 Caetano Erichsen.
- 8-11 Sylvio, falecido em criança.
- 8-12 Querubina, falecida em criança.
- 8-13 Maria da Luz, falecida em criança.
- 8-14 Manoel, falecido em criança.
- 8-15 Aroldo, falecido em criança.
- 7-2 Maria Luiza, falecida na infancia.
- 7-3 Cherubina de Oliveira e Sá, casada com Pedro de Alcantara Zanardine.  
 Sem filhos.
- 6-5 Francisca Caetana Marcondes de Oliveira e Sá, falecida em 1864, casada com o Major Manoel da Cruz Carneiro, filho do Capitão Verissimo Carneiro dos Santos e de sua mulher Rita Maria do Nascimento, 3-3 de 2-8 do Titulo Rodrigues de França.  
 Teve:  
 7-1 Capitão Pedro Tibiriçá da Cruz Carneiro, falecido na Lapa, casado com Gabriella Cunha Braga Carneiro, filha de João Manoel da Silva Braga e de sua mulher Francisca Luiza da Cunha Braga.  
 Filhos:  
 8-1 Maria da Luz Carneiro Braga Martins, casada com Luziano Martins, fazendeiro em Castro (já falecido).



Teve:

9-1 Sarah.

9-2 Raul.

9-3 Alvaro.

9-4 Gabriel.

9-5 Maria.

9-6 Pedro.

8-2 João Braga Carneiro, Secretario da Camara Municipal da Lapa, casado com Aestina Montenegro.

Filhos:

9-1 Nivaldo.

9-2 Gabriella.

9-3 João.

8-3 Moysés Braga Carneiro, casado no Rio Grande do Sul, actualmente gerente da fabrica Leal Santos & Cia., Rio Grande do Sul.

7-2 Delphina de França Taques, já falecida, foi casada com o Capitão Francisco de Macedo Taques.

Teve:

8-1 Olympio de Macedo Taques, casado, com geração em Guarapuava.

8-2 Manoel da Cruz Taques, viuvo, com geração.

8-3 Maria da Annuniação, falecida, foi casada na Lapa com Torquato de Pinho Ribas, onde tem descendencia.

8-4 Caetano de Macedo Taques, casado, com descendencia em Guarapuava.

8-5 Theophilo de Macedo Taques, casado com sua sobrinha, filha de 9-3, residente na Palmeira.

8-6 Francisca de Macedo Taques, falecida.

7-3 Maria da Luz França e Oliveira, falecida em 1900, foi casada com seu tio Commendador Antonio Caetano de Oliveira Nhôsinho, 5-2 de 4-10.

Ahi a descendencia.

7-4 Maria Caetana França Pires, casada com o Dr. Filastro Nunes Pires, foi Promotor Publico e Juiz Municipal em Paranaguá.

Teve:

8-1 Olympio, falecido na infancia.

8-2 Feliciano Nunes Pires, casado com Antonia da

Cunha Braga Pires, filha de João Manoel da Cunha Braga e de sua mulher Francisca da Cunha Braga, da Lapa.

Teve:

9-1 Gabriel Nunes Pires, negociante e industrial, casado com Lydia de Abreu Pires, filha de Manoel Martins de Abreu e de sua primeira mulher Escolastica Gonçalves de Abreu.

Teve:

10-1 Guilherme.

10-2 Lucy.

9-2 Octavio Nunes Pires, negociante na Lapa, casado com Annita Elke.

Teve:

10-1 Trajano.

10-2 Antonia.

9-3 Francisca Pires Braga, casada com João Braga Netto.

9-4 Filastro Nunes Pires.

9-5 Trajano Nunes Pires.

7-5 Maria Olympia de Albuquerque, casada com o Dr. Gustavo Marcondes de Albuquerque.

Teve:

8-1 Antonio Marcondes de Albuquerque, casado com Maria Rita de Albuquerque, filha de Pedro Ribas.

Filhos:

9-1 Venina Ribas de Albuquerque, casada com Almanzor Gonçalves Ferreira.

Teve:

10-1 Gladys.

10-2 Haroldo.

9-2 Djanira Ribas de Albuquerque, solteira em 1925.

8-2 Paulo Marcondes de Albuquerque, natural de Guarapuava, casado com Amelia Malheiros de Albuquerque, natural de Morretes, filha de José Antonio Malheiros e de sua mulher Maria dos Anjos Santos Malheiros, que por morte de seu primeiro marido, passou a segundas nupcias com o Coronel Joaquim Ventura de Almeida Torres.



Teve:

- 9-1 Gustavo Marcondes de Albuquerque, natural da União da Victoria, casado com Paulina de Oliveira Marcondes, filha de José Alves de Oliveira e de sua mulher Izabel Alves de Oliveira.

Filhos:

- 10-1 Waldemiro.  
10-2 Maria da Conceição.

- 9-2 Maria da Conceição Marcondes Thiel, natural da União da Victoria, casada com Pio Thiel, natural do Rio Negro, filho de Gustavo Thiel e de sua mulher Maria Thiel.

Teve:

- 10-1 Affonso.  
10-2 Aray.  
10-3 Milton.  
10-4 Acyr.  
10-5 Maria.

- 9-3 Vespasiano Marcondes de Albuquerque, solteiro, natural de Curityba, empregado ferro-viario.

- 9-4 Abgahil Marcondes de Albuquerque Albach, natural de São Matheus, casada com Adolpho Albach, natural de Ponta Grossa, empregado ferro-viario.

Teve:

- 10-1 Arthur.  
10-2 Yone.  
10-3 Rachel, falecida.  
10-4 Rubens.  
10-5 Ruth.

- 9-5 Hamilton Marcondes de Albuquerque, solteiro, empregado ferro-viario.

- 8-3 Maria de Jesus Zanardine, casada a 8 de Setembro de 1889, com Juvenal Marcondes Zanardine, filho do Dr. Pedro Zanardine e de sua mulher Josepha Marcondes, filha de José Marcellino Carneiro e de sua mulher Anna Marcondes.

Teve:

- 9-1 Antonio Marcondes Zanardine, casado com Maria da Conceição Zanardine, filha de Raymundo

da Cruz Bastos e de sua mulher Adelaide Marcondes Zanardine.

Filhos:

- 10-1 Darcy.  
10-2 Dognor.  
10-3 Dirceu.  
10-4 Arany.  
10-5 Dirce.  
10-6 Eunice.  
10-7 Zilah.  
10-8 Dagmar.  
10-9 Ezoél.

- 9-2 Hogel Marcondes Zanardine, casado com Vidalvina Camargo Zanardine, filha de José Antonio Camargo e de sua mulher Maria das Dores Camargo.

Filhos:

- 10-1 Maria.  
10-2 Agnor.  
10-3 Meiga, falecida.  
10-4 Ernani.  
10-5 Maria Antonieta, falecida.

- 9-3 Maria Josepha Zanardine Camargo, casada com Francisco Camargo, filho de José Antonio Camargo e de sua mulher Maria das Dores Camargo.

Teve:

- 10-1 Zeneide.  
10-2 Maria de Lourdes.  
10-3 Glaucia.  
10-4 Yolanda.  
10-5 Neuza.  
10-6 Juvenal.

- 9-4 Pedro Marcondes Zanardine, falecido solteiro.

- 9-5 Ernesto Zanardine, casado com Maria de Paula Zanardine.

Filhos:

- 10-1 Dinah.  
10-2 Ney.

- 9-6 Gustavo Zanardine, casado com Mercedes Zanardine. Sem filhos.

- 9-7 Stella Zanardine Valente, casada com José Valente,



- filho de Lucio Antonio Valente e de sua mulher Laurinda Ribeiro.  
Teve:  
10-1 Paulo Mozart.  
10-2 Laiz.
- 9-8 Diahyr Zanardine Roskamp, viuva de Henrique Roskamp.  
Sem filhos.
- 9-9 Adelaide Zanardine, solteira.  
9-10 Léo Zanardine, solteiro.  
9-11 Juvenal Zanardine Filho.  
9-12 Clarita Zanardine.  
9-13 Nancy Zanardine, falecida.  
9-14 Alceu Laelis Zanardine.
- 8-4 Octavio Marcondes de Albuquerque, casado com Maria Joaquina Marcondes, filha de Candido Mendes de Almeida.  
Sem descendentes.
- 8-5 Manoel Marcondes de Albuquerque, faleceu em menoridade.
- 8-6 Francisca, faleceu em menoridade.
- 6-6 Maria das Dores, falecida na infancia.
- 6-7 Maria Clara de Oliveira Martins, falecida em 1867, foi a primeira mulher de seu primo Coronel Frederico Martins de Araujo.  
Teve:  
7-1 Maria da Conceição de Oliveira Martins Erichsen, foi casada com o Dr. Araldo Manoel Erichsen, já falecido.  
Teve:  
8-1 Eurico, falecido na infancia.  
8-2 Moysés Erichsen.  
8-3 Manoel, falecido na infancia.  
8-4 Frederico, falecido na infancia.
- 6-8 Zeferina Marcondes de Sá Camargo, casada com o Coronel Antonio de Sá Camargo, Viscondes de Guarapuava, 6-1 de 5-5, de folhas 346 deste.
- 5-11 Rufina Antonia de Sá, filha de 4-3 de folhas 342, casada com José Joaquim dos Santos, falecido na Palmeira em Julho de 1835.

Teve:

- 6-1 Francisco José dos Santos, casado com Maria Rosa dos Santos.

Filhos:

7-1

7-2

- 6-2 Soledade dos Santos Carneiro, casada com o Capitão João da Cruz Carneiro, foram residentes na Fazenda do Somno, na Palmeira, onde deixaram geração.

- 6-3 Anna Joaquina dos Santos, casada com Manoel Mendes de Araujo.

Teve dous filhos:

- 7-1 Maria do Belem Virmond, casada em Guarapuava com o Coronel Frederico Guilherme Virmond, filho de Frederico Guilherme Virmond e de sua mulher Maria Izabel de Quadros Andrade.

O Coronel Frederico Virmond foi abastado fazendeiro em Guarapuava. Era formado em Pharmacia, mas, nunca exerceu essa profissão.

Quanto a origem da familia Virmond, transcrevemos os seguintes dados que nos foram fornecidos pelo venerando Coronel Eduardo Alberto de Andrade Virmond, ha alguns annos atraz:

«Quando, no reinado de Luiz XIV em França, este, para se tornar agradavel ao Pontifice Romano, e tambem obedecendo á suggestões de parentes seus, revogou o Edito de Nantes, desenvolveu-se então tenaz perseguição a todos aquelles que não professavam o catholicismo. N'essa occasião emigraram para a Suissa, para a Allemanha e Inglaterra innumeras familias, não só para escapar a morte, como para exercer suas profissões e procurar meios de subsistencias. Um escriptor d'esses tempos diz que, a parte industrial da população franceza emigrou, formando no sul da Inglaterra povoações inteiras, e até a cidade de Berlim que então contava 5.000 almas, dobrou de tamanho. «Com tal medida de intolerancia, a França retrogradou em artes, sciencias e industrias. Foi por esse tempo que emigraram para a cidade da Co-



lonia-Westphalia os ascendentes paternos da família — Virmond — de origem franceza.

João Mauricio Virmond, era medico n'aquella cidade, (da Colonia) onde constituiu família e alli morreu.

Foram seus filhos:

Henrique Virmond, que foi se estabelecer em Paris, onde constituiu família.

Rodolpho Virmond, que foi para o Mexico, se casando alli, onde morreu sem descendentes.

*Frederico Guilherme Virmond*, que veio para o Brasil mais ou menos em 1818, e no Rio de Janeiro se estabeleceu com casa de ferragens, permanecendo naquella cidade por espaço de 11 annos, se casando com Maria Izabel Virmond, filha de Manoel Ferreira de Andrade e de sua mulher Edeltrudes de Andrade. Não gozava de bôa saúde, por cujo motivo teve de mudar-se para o Paraná.»

De Frederico Guilherme Virmond e sua mulher Maria Izabel Virmond, descendem:

- 1 — Maria Luiza Virmond Supplicity, casada com João Francisco Supplicity, natural de Toulouse — França, dos quaes trataremos em outro Capitulo.
- 2 — Carolina Amalia Virmond Marcondes, casada com Manoel Marcondes de Sá, filho de Domingos Ignacio de Araujo.
- 3 — Frederico Guilherme Virmond, casado com Maria do Belem, dos quaes estamos tratando.
- 4 — Marianna Virmond Queiroz, casada com João de Almeida Queiroz, de Sorocaba.
- 5 — Emilia Virmond Taques, casada com Francisco Xavier Taques.  
Sem geração.
- 6 — Eugenio E. Virmond, casado com Leonor Taques.
- 7 — Gustavo A. Virmond, casado com Luiza Schel.
- 8 — Eduardo Alberto de Andrade Virmond, casado com Lourença Francisca de Assis Virmond, 5-9 de 4-3 de 3-1 de 2-1, § 1.º, Capitulo 2.º, do Titulo Rodrigues Seixas, 2.º Volume, ahi a descendencia.

Teve Maria do Belem de seu matrimonio, os seguintes filhos:

- 8-1 Frederico Ernesto Virmond, casado com Nincia Bandeira Virmond.

Filhos:

- 9-1 Frederico Ventura Virmond, casado com Ocarlina Marcondes Virmond.

Filhos:

- 10-1 Nincia.
- 10-2 Anna.
- 10-3 Herculano.

- 9-2 Antonio Virmond, casado com Noemia Bastos Virmond.

- 9-3 Maria Virmond de Arruda, casada com o Dr. João José de Arruda, Juiz de Direito de Antonina.

Teve:

- 10-1 Oscar.
- 10-2 Nincia.
- 10-3 Margarida.
- 10-4 Edgard.

- 9-4 Dr. Eugenio Virmond, engenheiro, casado com Evangelina Virmond, 9-3 de 8-3, adiante.

- 9-5 Dr. Mario Virmond.

- 9-6 Alcebiades Virmond.

- 9-7 Gertrudes Virmond.

- 8-2 Carolina Virmond de Queiroz, casada com o Coronel Ernesto Frederico de Queiroz, importante capitalista e fazendeiro em Guarapuava.

Teve:

- 9-1 Ernestina Virmond Taques, viuva de Juvenal Taques.

Teve:

- 10-1 Selecta Virmond Taques Fonseca, casada com Odilon da Fonseca.

Teve:

- 11-1 Juvenal.

- 10-2 Dewett.

- 9-2 Ismael Virmond de Queiroz, casado com Mathilde Camargo de Queiroz.

- 9-3 Erminia Virmond de Queiroz Taques, casada com José de Macedo Taques.

Teve:

- 10-1 Ivonetta.



- 10-2 Yollanda.
- 10-3 Althair.
- 10-4 Déa.
- 10-5 Hildebrando.
- 9-4 Aristides Virmond de Queiroz.
- 9-5 Alcindo Virmond de Queiroz, casado com Angelica Virmond de Queiroz.  
Teve:
  - 10-1 Ada.
  - 10-2
- 9-6 Sophia Virmond de Mello e Silva, casada com o Dr. Candido de Mello e Silva, medico, filho do illustrado sergipano Dr. Justiniano de Mello e Silva e de sua mulher Thereza de Mello e Silva.  
Teve:
  - 10-1 Zulmira.
  - 10-2 Joffre.
- 8-3 Herculano Virmond, fallecido, foi casado com Thereza Ribas Virmond.  
Filhos:
  - 9-1 Maria Virmond de Abreu, casada com José de Abreu e Araujo.  
Teve:
    - 10-1 Sebastião.
    - 10-2 Céa.
    - 10-3 Eucharis.
    - 10-4 José.
    - 10-5 Maria.
    - 10-6 Thereza.
- 9-2 Cinira Virmond Marques, casada com o Dr. Brasílio Marques dos Santos, Juiz de Direito de Campo Largo, filho do Senador Dr. Generoso Marques dos Santos e de sua primeira mulher Anna Enéas Marques dos Santos.  
Teve:
  - 10-1 Ildefonso.
  - 10-2
  - 10-3
  - 10-4

- 9-3 Evangelina Virmond, casada com o Dr. Eugenio Virmond, 9-4 de 8-1, retro.  
Teve:
  - 10-1
  - 10-2
- 9-4 Cassio Virmond.
- 8-4 Annibal Virmond, casado com Narcinda Camargo Virmond.  
Filhos:
  - 9-1 Anna Virmond Vernech, casada com Frederico Vernech.
  - 9-2 Alcina Virmond.
  - 9-3 Esther Virmond.
  - 9-4 Annibal.
- 8-5 Epomina Virmond Vernech, viuva de Francisco Peixoto de Lacerda Vernech.  
Teve:
  - 9-1 Frederico Virmond de Lacerda Vernech, casado com Anna Virmond Vernech.  
Teve:
    - 10-1 Francisco.
- 7-2 Major Manoel Ottoni de Araujo, casado com Brasiliana Candida Bello de Araujo. Elle falleceu com testamento em Guarapuava em 1894.  
Sem filhos.
- 6-4 Ottoni de Araujo, fallecido, foi casado com Brasiliana Candida de Mello, filha de Manoel Baptista Bello Nhôzinho e de sua mulher Marinha Marcellina de Araujo.
- 5-12 Delphina Rosa, ultima filha de 4-3 de folhas 342 deste; fallecida solteira.

## § 4.º

- 1-4 Anna Gonçalves Soares, fallecida em Outubro de 1741, foi casada com o Capitão Francisco Teixeira de Azevedo, fallecido em Curityba no anno de 1726; filho de Luiz Palhano e de sua mulher Maria de Se-



vanos, moradores em Paranaguá. O Capitão Francisco Teixeira era irmão do Capitão José Teixeira de Azevedo, natural de Iguape, que em 1.º de Novembro de 1685 se casou em Curityba com Domingas Antunes Cortes, filha do Capitão Balthazar Carrasco e de sua mulher Izabel Antunes. Teve 7 filhos: (C. O. C. Testamento em 1741.)

2-1 Manoel Soares da Silva, casado com Catharina de Mello, filha de Balthazar Pacheco, natural da Ilha dos Açores e de sua mulher Maria de Lemos, natural de Paranaguá.

Filho:

3-1 Francisco Gonçalves Teixeira, casado em Curityba no anno de 1773 com Gertrudes Maria de Carvalho, filha de Antonio José Teixeira e de sua mulher Maria Rodrigues Moreira, com quem foi casado em 1748; neta pela parte paterna de Francisco Teixeira Seixas e de sua mulher Rosa Maria de Carvalho; neta pela parte materna de Bras Domingues Velloso e de sua mulher Catharina Gonçalves Coutinho.

2-2 Antonio Luiz da Costa, nascido em 1703 e baptizado em Curityba a 3 de Julho de 1707.

2-3 João Gonçalves Teixeira, nascido em 1709 e fallecido a 7 de Junho de 1777; foi homem de distincção, segundo justificação produzida por sua filha Anna, em 1798. Foi casado com Anna Maria da Silva, filha de João Cardoso de Assumpção e de sua mulher Maria Bueno da Rocha; por esta, neta pela parte materna de Manoel Bueno da Rocha e de sua mulher Gertrudes Antonia Moreira.

Teve 5 filhos: (C. O. de Curityba, inventario 1777.)

3-1 Maria Gonçalves, casada com José Ferreira de Camargo.

3-2 Anna Gonçalves Soares, casada com Diogo Bueno Barbosa, filho de José Barbosa Rego e de sua mulher Francisca Bueno da Silva.

Teve: (C. O. de Curityba, inventario 1797.)

4-1 José Barbosa Bueno, nascido em 1782.

4-2 Anna Bueno da Rocha, casada com João Evangelista de Siqueira.

4-3 João Gonçalves Teixeira, com 10 annos em 1797.

4-4 Francisca Bueno, casada com Thomaz Alves Bezerra.

4-5 Zeferina Bueno, com 5 annos.

4-6 Maria Bueno, com 3 annos.

3-3 Francisco Teixeira de Azevedo, nascido em 1758, filho de 2-3. Casou-se em Curityba no dia 7 de Outubro de 1806 com Francisca de Paula Lima, de Carambehy, filha do Coronel Manoel Gonçalves Guimarães, vulto de grande valor moral, natural de Portugal, possuidor de avultada fortuna e de muitas sesmarias de terras em Castro, Ponta Grossa, Curityba, entre as quaes as de Carambehy, Santa Cruz, Samambaya e Bariguy.

O Coronel Manoel Gonçalves Guimarães foi um dos signatarios do auto de erecção á villa, em 20 de Janeiro de 1789, da antiga povoação de Yapó, que recebeu o nome de Castro.

Foi contractador dos impostos de pedagio de Porto de Cima e do registro do Rio Negro. Fazia esses arrendamentos mais para prestar serviços a Corôa, que para fins de lucros pessoaes. Fez construir o altar de Nossa Senhora do Parto em sua fazenda de Santa Cruz, obtendo, por provimento de 10 de Setembro de 1798, do bispo D. Matheus, a faculdade de poder nella mandar rezar missa com indulgencia de cem dias aos que rezassem diante da virgem. Construiu, á sua custa, em 1811 a capella de São Francisco de Paula de Curityba, a qual foi benta em 13 de Abril de 1811, ás 4 horas da tarde, com grande pompa e solemnidade, estando a igreja revestida com os ornamentos e as quatro côres de que usa a igreja romana. O Coronel Manoel Gonçalves Guimarães era casado com Maria Magdalena de Lima, natural de Ponta Grossa, filha do Capitão-mór Manoel Nunes de Lima e de sua mulher Joanna Cardoso de Lima; por esta, neta do Sargento-mór Domingos Cardoso de Lima e de sua mulher Felicia Xavier Barbosa.

Teve:



- 4-1 Anna Placidina de Azevedo, natural de Castro, casada com Antonio José de Madureira e Souza, natural de Sorocaba. Residiu em Castro e teve posição de alto destaque social. Fundou com grandes sacrifícios pecuniários as colônias de S. Thomé, e se dedicou com apurado gosto aos estudos da Geographia. Era filho do jornalista e comediographo Claudio de Souza, residente no Rio de Janeiro, e por este, neto de Claudio de Madureira.

Teve:

- 5-1 Antonio José de Madureira.
- 5-2 Sebastião José de Madureira.
- 5-3 Anna Placidina de Madureira.
- 5-4 Claudio José de Madureira.

\* \*

- 5-1 Tenente Antonio José de Madureira, nascido na cidade de Castro, no dia 24 de Agosto de 1843 e baptizado no oratório de N. S. da Conceição, no bairro do Tronco no dia 14 de Janeiro de 1844. Foi homem de grande valor moral e muito contribuiu para a formação da villa de Ponta Grossa, hoje prospera cidade e por seus salutarres exemplos muito concorreu para o progresso moral e material da cidade.

Casou-se com Thereza de Carvalho Madureira, filha de José Pedro da Silva Carvalho, natural de Portugal, e de sua mulher Maria da Conceição Branco. De seus ascendentes trataremos em outro volume d'esta obra.

Teve:

- 6-1 Paula de Madureira Bittencourt, casada com Fernando de Bittencourt, do alto commercio de Ponta Grossa.

Teve:

- 7-1 Julio.
- 7-2 Alcides.
- 7-3 Nair.
- 7-4 Antonio, fallecido com 17 annos.

- 6-2 Coronel Trajano de Madureira, agrimensor, adiantado agricultor em Ponta Grossa, ca-

sado com sua prima irmã Ezilda Madureira, filha de 6-2 de 5-2, adiante.

Teve:

- 7-1 Paulo Rubens.
- 7-2 Lauro.
- 7-3 Javert, fallecido.

- 6-3 Capitão Heitor Madureira, foi proprietario de importante fabrica de tecidos de meias, em Ponta Grossa, casado com Ismenia Cordeiro Gomes de Madureira, filha do Capitão Manoel Cordeiro Gomes e de sua mulher Unistarda Nogueira de Barros Gomes.

Teve:

- 7-1 Ruth.
- 7-2 Heitor.
- 7-3 Levy.
- 7-4 Eurico, nascido em Curityba a 19 de Novembro de 1925.

- 6-4 Coronel Vespasiano Madureira, importante commerciante e fazendeiro em Ponta Grossa, casado com Maria Rita Martins, filha de Generoso Martins e de sua mulher Magdalena Branco. A este cavalheiro muito deve o auctor deste trabalho pelas preciosas informações que bondosamente enviou.

Filhos:

- 7-1 Maria Magdalena, fallecida.
- 7-2 Manoel, fallecido.
- 7-3 Caio, gemeo com
- 7-4 Cassio, fallecidos.
- 7-5 Maria Thereza, fallecida.
- 7-6 Vines.
- 7-7 Antonio.
- 7-8 Helena.
- 7-9 Raul.
- 7-10 Sylvia.
- 7-11 Ruy.

- 6-5 Claudio José de Madureira, solteiro, commerciante em Ponta Grossa.

- 5-2 Coronel Sebastião José de Madureira, casado com



Maria Josepha Ribas, filha do Coronel José Mariano Ribas e de sua mulher Maria Joanna de França; neta pela parte paterna de Victor Mariano Ribas e de sua mulher Mariana Prestes.

Sebastião José de Madureira, foi fazendeiro abastado e adiantadíssimo, proprietário da fazenda da «Bôa Vista». Foi um dos mais salientes criadores de gado, fazendo aquisição de reproductores puros no estrangeiro por preços elevados.

Teve:

6-1 Dr. Javert de Madureira, medico distinctissimo, de grande renome não só no Paraná como em S. Paulo, onde residia, fallecido em 1923. Foi secretario de finanças do Governo do Paraná. Importante fazendeiro e capitalista; o Dr. Javert Madureira, dotado de um espirito modernamente reformador, modelou suas propriedades ruraes sobre os moldes mais praticos e productivos.

Foi casado com Evangelina Prates Baptista, filha do Commendador Manoel Bonifacio Baptista e de sua mulher Julia Prates.

Sem descendentes.

6-2 Herminia Madureira, viuva de Salathiel Correia.

Teve:

7-1 Sebastião Correia Madureira.

7-2 José Madureira Correia.

7-3 Claudio Madureira Correia, casado com Rita de Almeida.

Sem descendentes.

7-4 Ossiam Madureira Correia, casado com Alcina Virmond Correia.

Sem descendentes.

7-5 Ezilda Madureira, casada com Trajano Madureira, 6-2 de 5-1, retro.

Ahi a descendencia.

6-3 Arthur Madureira, fallecido solteiro.

6-4 Manoel de Ataliba Madureira, fallecido.

6-5 Ernestina Madureira, casada com o Coronel Rodolpho Ribas, filho do Commendador Francisco de Assis Ribas e de sua mulher Maria Ubaldina Taques,

5-3 de 4-1 de 3-1 de 2-2 do § 2.º, capitulo 2.º do Titulo Rodrigues Seixas, 2.º volume d'esta Obra.

Teve:

7-1 Guilhermina Madureira, casada com Arthur Villela.

Teve:

8-1 Ivone Villela.

8-2 Iva Villela, casada com Benedicto Santos.

Teve:

9-1 Lygia Villela Santos.

8-3 Nelson, fallecido.

7-2 Maria Ubaldina, fallecida.

7-3 Maria Josepha.

7-4 Octaviano Ribas, casado com Lavinia Novaes.

Filhos:

8-1 Epaminondas.

8-2 Leoncio.

8-3 Octaviano.

8-4 Aida.

8-5 Edith.

8-6 Yeda.

7-5 Palmyra Ribas Brasil, casada com Virgolino Brasil, cirurgião-dentista, lente da Universidade do Paraná, filho do Major Joaquim Virgolino Gomes de Medeiros e de sua mulher Maria Rita da Purificação Braga; neto pela parte paterna de José Gomes de Medeiros e de sua mulher Brásilia Teixeira Gomes de Medeiros; neto pela parte materna do Tenente João Antonio da Silva Braga, natural de Portugal, e de sua mulher Zulmira da Purificação Braga, natural de Ponta Grossa.

Teve:

8-1 Eurico.

8-2 Marina.

8-3 Virgolino Brasil Filho.

8-4 Armando.

8-5 Irany.

8-6 Renato.

7-6 Epaminondas Ribas, fallecido.

7-7 Dinorah Ribas.



- 7-8 Dulvina Ribas, casada com J. W. Tücksch.  
Teve:  
8-1 Sydney Joel.
- 7-9 Rodolpho Ribas.  
7-10 Avany Ribas.  
7-11 Irany Ribas, falecido.  
7-12 Newton Ribas.
- 6-6 Placedina Madureira Novaes, viuva de Octavio Novaes.  
Teve:  
7-1 José Felix Novaes.  
7-2 Maria Candida, casada com José Maria dos Santos.  
Teve:  
8-1 Maria Augusta.
- 7-3 Octavio Novaes.  
7-4 Linneu.  
7-5 Eunice.  
7-6 Leoncia.  
7-7 Maria José.  
7-8 Paulo.
- 5-3 Anna Placidina Madureira, casada em Curityba a 14 de Dezembro de 1854 com Victor Azambuja Cidade, filho de Manoel de Azambuja Cidade e de sua mulher Antonia de Candia.
- 5-4 Claudio de Madureira, casado com Mariana Marques de Madureira.
- 3-4 Maria José de Jesus, casada com Salvador Correia Lacerda, filho de André Correia Lacerda e de sua mulher Maria Pires da Silva; neto pela parte paterna de Bernardo José Figueirôa e de sua mulher Maria Correia Lacerda.
- 3-5 Maria Bueno da Rocha, casada com Francisco Correia de Lacerda, em S. José dos Pinhães a 4 de Julho de 1780.
- 2-4 Felipe Teixeira.
- 2-5 Gertrudes Teixeira, baptisada em Curityba a 19 de Julho de 1705, casada com Manoel Duarte de Camargo.

- 2-6 Izabel Luiz da Costa, casada com José Cordeiro.
- 2-7 Maria Paes de Jesus, casada com o Tenente Coronel Braz Domingues Velloso, homem da Governança de Curityba e de muito valor social. Era filho do Capitão Antonio da Costa Velloso, também da Governança de Curityba, natural de Setubal, e de sua mulher Anna da Silva Leme, de S. Paulo.  
O Tenente Coronel Braz Domingues Velloso, quando se casou com Maria Paes, era viuvo de Catharina Gonçalves Coutinho.  
Teve a filha unica: (C. O. de Curityba.)
- 3-1 Francisca Velloso de Jesus, casada em Curityba a 5 de Abril de 1768 com o Capitão Francisco de Linhares, filho de Manoel Linhares e de sua mulher Francisca Gonçalves; neto pela parte paterna de José Dias e de sua mulher Ursula Dias; neto pela parte materna de Francisco Gonçalves e de sua mulher Maria Dias.  
Teve:  
4-1 Braz Domingues Velloso.  
4-2 Padre Francisco Linhares, foi Vigario da Matriz de Curityba.
- 3-2 João Velloso, nascido em 1762.  
3-3 Maria Velloso, nascida em 1766.  
3-4 Simão Velloso, nascido em 1768.  
3-5 Francisco Velloso, nascido em 1774.
- § 5.º
- 1-5 Juliana Maria das Neves, filha do Capitulo 5.º, casada com Thomaz Alves Fructuoso.
- § 6.º
- 1-6 Joanna Gracia das Neves ou Soares, nascida em Curityba a 25 de Julho de 1695, casada com o Capitão Sebastião dos Santos Pereira, natural de S. Martinho do Pecegueiro, Vizeu, falecido aos 70 annos de idade em Curityba, a 31 de Agosto de 1760; homem de valor que exerceu os elevados cargos da Republica da Villa. Era filho de Domingos Fernandes e de sua mulher Catharina Manoel.  
Teve 6 filhos: (C. O. de Curityba.)



- 2-1 Feliciano, falecida aos 10 annos de idade.  
 2-2 Maria Paes dos Santos, falleceu com testamento em 1791, no qual declarou sua filiação, naturalidade e nome de seus filhos.

Foi casada a 26 de Setembro de 1740 com o Sargento-mór Miguel Gonçalves de Lima, fallecido a 27 de Abril de 1766, natural de São Christovão de Labruya, da Villa de Ponte de Lima, Braga.

Era filho de Domingos Gonçalves Rolo e de sua mulher Maria Fernandes. Residiam em Ambrosios, São José dos Pinhães, onde possuíam optimas terras de criação. Foi homem abastado e de grande valor e pertenceu a governança de Curitiba. Fez ordenar na carreira ecclesiastica a tres dos seus filhos, que foram notaveis sacerdotes, como abaixo se verá.

Teve 9 filhos: (C. O. de Curitiba — Inventario e testamento de 1791.)

- 3-1 Conego Manoel da Cruz Lima, nasceu em 1741 em Curitiba, e falleceu no Rio de Janeiro. Fôra o progenitor do grande estadista o Padre Diogo Antonio Feijó, Regente do Imperio.

Em 1788 foi nomeado Conego do Cabido da Dioceze de S. Paulo, tomando posse a 26 de Março d'esse mesmo anno.

Foi vulto de notavel valor na politica nacional.

- 3-2 Padre João Gonçalves de Lima, nasceu em 1764. Ao ser creado, pela lei de 20 de Outubro de 1823, o Conselho do Governo de São Paulo, (cujas funcções eram semelhantes ás das assembleas provinciaes, ao mesmo tempo que tinham funcções de natureza de Conselho do Estado, instituição esta mais tarde creada), foi o Padre João Gonçalves de Lima eleito, por sua cidade natal, para supplente, na 1.<sup>a</sup> legislatura de 1826 a 1829. Fez parte do governo provisorio de São Paulo, do qual foi presidente o Marechal Candido Xavier de Almeida e Souza, de cujo cargo tomou posse a 9 de Janeiro de 1823. Sacerdote virtuoso e illustrado, foi vigario collado de Parnahyba e depois foi em missão catechista a Gua-

rapuava, onde ao lado de seu irmão, o Padre Francisco das Chagas Lima, prestou relevantes serviços. Escreveu uma memoria sobre Guarapuava, que foi publicada em 1842 na Revista do Instituto Historico Brasileiro.

- 3-3 Padre Francisco das Chagas Lima, nascido no anno de 1757, em Curitiba, onde foi Vigario, desde Julho de 1784 até Setembro de 1795. Era presbitero secular. Em 1800, o Governo de São Paulo o encarregou de catechisar e aldear o gentio, que andava errante pelos sertões de Mantiqueira, divisa de sua capitania. Nessa missão prestou relevantes serviços, como tambem em uma epidemia que reinou no Rio Parnahyba. Foi o fundador da Aldeia de São João de Queluz, de cuja igreja foi o administrador das obras.

Em Maio de 1804 era vigario de Guaratinguetá. Em 1809 foi provido no posto de primeiro Capellão da expedição á Guarapuava e Vigario collado da freguezia de Nossa Senhora do Belem de Guarapuava, com a missão de catechisar o gentio de Atalaia.

Em memorial ao Bispo D. Matheus, datado de 1818, mostrou a necessidade de uma igreja matriz em Guarapuava, onde já se havia chamado ao gremio da civilização mais de 200 indios que se achavam aldeados, a par de 20 casaes de nacionaes e portuguezes, que povoavam os campos com mais de 1500 animas. Allegou nessa representação o alquebramento de sua saude consumida em 61 annos de idade e 38 de sacerdocio, dos quaes, 13 annos em laboriosos exercicios de catechese de indios selvagens, a saber: 4 na Aldeia de Queluz e 9 em Guarapuava, e não pretende terminar seus dias sem ter completado a sua gloriosa missão civilisadora e a de ver erecta a igreja matriz de Guarapuava, como teve o consolo de ver a de Queluz. O bispo D. Matheus informando a El-Rey sobre a justiça da representação do Padre Chagas, diz:

«Os indios brutos hão de converter-se, com grande vantagem da nossa santa religião, com o zelo e gran-



de cuidado desse santo sacerdote, — o Padre Francisco das Chagas Lima, de uma virtude consummada, que tanto tem trabalhado em catechisar os indios, não poupando a sua saúde e vida, sujeitando-se a tantos perigos. . . .

«Para tão benemerito servidor pedi a congrua annual de 200\$000. . . .»

— O Conego Ildefonso Xavier Ferreira, illustre Curitybano, do qual logo em seguida trataremos, escreveu em São Paulo a 13 de Agosto de 1853, no Prologo a Constituição do Arcebispado da Bahia, ao referir-se a catechese dos aborigenes pelos jesuitas, diz:

«Não somos nem pró, nem contra os Jesuitas; se reconhecemos seu merito, não defendemos seu machiavelismo posterior. . . . Entretanto desde que se perdeu a arte e a maneira particular dos jesuitas na catechese dos indigenas, não se tem podido chamar com proveito os selvagens, nem ao gremio da igreja, nem mesmo a sociedade civil. «Alguns sacerdotes tem feito serviços, neste genero, dignos de consideração do Governo e da gratidão da posteridade. Mas tudo fica olvidado, tudo é desprezado, quando não é dirigido por mãos estrangeiras.

«No começo do presente seculo, appareceu nesta provincia um genio raro, um destes ornamentos do clero de S. Paulo, o virtuoso Curitybano Padre Francisco das Chagas Lima, que estando capellão da «Apparecida» (em Guaratínguetá) foi mandado a Queluz, hoje Villa Rica, bastante populosa, ao pé das Arêas, para catechisar os indios, que viviam n'aquelle lugar.

«Luctando com a penuria, com a fome e com a miseria (porque o Governo de então quasi nada lhe ministrava) conseguiu (graças aos benemeritos seus Amigos de Guaratínguetá) aldear os indios, reduzil-os a fé catholica e proporcionar aos fazendeiros aquelles ricos terrenos para a cultura do café. Ha passado meio seculo, e sabemos que ainda existem poucos descendentes dessa horda, ali subsistentes, e que a villa de Queluz é uma das mais florescentes da Provincia.

«Poucos annos depois foi mandado este Apostolo a Guaruava (ao sul da Provincia) e tendo outros recursos do Governo, porque já existia no Brasil a familia Real Por-

tugueza, conseguiu catechisar tres nações diversas, cujas linguas falava perfeitamente, contando já innumereáveis filhos, arrancados a idolatria; seus trabalhos foram destruidos pelo commandante da expedição, que contra a vontade do Padre Missionario queria misturar, e com effeito misturou, os soldados com os indigenas, facilitando assim a desenvoltura dos soldados e dos indigenas, tambem a ella propensos. Este passo foi bastante para que o Padre enlouquecesse, e assim findou seus tristes dias na Villa de Parnahyba, seis leguas da Cidade de S. Paulo, em companhia de seu irmão Padre João Gonçalves de Lima, pobre e sem a menor gratificação do Governo.»

- 3-4 José dos Santos Lima, nascido em Curityba em 1762, casado a 29 de Julho de 1779 com Gertrudes Maria do Rosario, filha de Luiz de Souza Menezes e de sua mulher Maria do Rosario da Conceição; neta pela parte paterna de Diogo de Souza Menezes e de sua mulher Luiza Maria, naturaes de Braga; neta pela parte materna do Guarda-mór Francisco Martins Lustoza e de sua mulher Maria Soares de Jesus, dos quaes trataremos no 2.º Volume.

Teve:

- 4-1 Maria Helena do Nascimento, casada em 1800, em Curityba com João Ferreira de Oliveira Bueno, filho do Sargento-mór Francisco Xavier Pinto e de sua mulher Rita Ferreira Bueno; neto pela parte paterna de André Esteves e de sua mulher Magdalena Pinto; neto pela parte materna do Sargento-mór João Ferreira de Oliveira e de sua mulher Maria Bueno. — Titulo Xavier Pinto, Volume 4.º desta Obra.

Teve:

- 5-1 Serafim Ferreira Bueno, casado em Curityba a 31 de Janeiro de 1826, em primeiras nupcias com Maria da Trindade, fallecida em Agosto de 1833, filha de Manoel Guedes e de sua mulher Maria Clara. Casou-se em segundas nupcias com Ignacia Maria dos Santos Pacheco, que era viuva de Sebastião



Vaz de Carvalho, filha do Capitão Manoel dos Santos Pacheco, natural de S. José dos Pinhães, onde nasceu em 1761, e de sua mulher Maria Coleta da Silva, natural da Lapa. Neta pela parte paterna de José dos Santos Pacheco Lima e de sua mulher Maria Pereira da Silva Pacheco.

Teve de seu primeiro matrimônio:

6-1 Claro Ferreira Bueno de Andrade.

6-2 Mathias Ferreira de Andrade.

6-3 João Guedes Ferreira, que residiu em São João do Triunfo, onde deixou numerosa prole.

6-4 Serafim Ferreira de Andrade, casado em primeiras nupcias com Maria Rita da Silveira, e em segundas nupcias com Narciza Cunha, filha de Francisco Teixeira da Cunha, da Lapa.

Teve do primeiro matrimônio:

7-1 Sebastião.

7-2 Messias.

7-3 Manoel.

7-4 Ignacia.

Teve do segundo matrimônio:

7-5 João.

7-6 Gabriel.

7-7 Miguel.

7-8 Guilhermina.

5-1 Serafim Ferreira Bueno, não teve descendentes de seu segundo matrimônio.

5-2 José Ferreira Bueno, casado em primeiras nupcias com Ignacia Maria da Silva, filha de Manoel José Barbosa e de sua mulher Anna Esmeria da Silva, e em segundas nupcias com Maria Bernarda de Ramos, filha de Manoel Pereira Ramos e de sua mulher Anna Jacintha Ramos.

Teve do primeiro matrimônio o filho único:

6-1 Capitão Serafim Ferreira de Oliveira e Silva, casado com Julia Moreira do Amaral e Silva, filha de Victor Antonio Moreira e de sua mulher Anna Maria do Amaral; por esta, neta do Major Athanagildo Pinto Martins, que em 1818 procurando explorar uma vereda para o Rio Grande

do Sul, descobriu os campos de Palmas, e de sua mulher Maria do Amaral Gurgel, natural de São Paulo, donde passaram a Cruz Alta, no Rio Grande.

Teve:

7-1 Ignacia do Amaral Marcondes, nascida em Cruz Alta, Fazenda Santa Barbara, casada com Brasileiro Marcondes Pimpão, natural de Palmas.

Teve a filha única:

8-1 Aurora Marcondes Loureiro, nascida a 6 de Maio de 1881, casada com Felipe Schell Loureiro, natural de Passo Fundo, Rio Grande do Sul, filho de José da Silva Loureiro, natural de Passo Fundo.

Felipe Schell Loureiro foi Juiz commissario de terras, sendo hoje em dia abastado fazendeiro em Palmas, onde é proprietario da «Fazenda Cruzeiro».

Teve:

9-1 Antonio Marcondes Loureiro, nascido a 22 de Dezembro de 1899, casado com Alda de Araujo Loureiro, filha de Antonio de Araujo Junior.

Teve:

10-1 Homero, nascido a 3 de Outubro de 1923.

9-2 Brasileiro, nascido a 12 de Janeiro de 1901.

9-3 Mario, nascido a 3 de Julho de 1902.

9-4 Ondina, nascida a 11 de Dezembro de 1903.

9-5 Sady, nascido a 21 de Agosto de 1905.

9-6 Felippina, nascida a 15 de Outubro de 1907.

9-7 Maria, nascida a 13 de Outubro de 1909.

9-8 Julio, nascido a 3 de Janeiro de 1912.

9-9 Ignacio, nascido a 10 de Março de 1914.

9-10 João, nascido a 26 de Junho de 1915.

9-11 Plinio, nascido a 17 de Fevereiro de 1917.

9-12 Augusto, nascido a 8 de Maio de 1920 e fallecido a 16 de Agosto d'esse mesmo anno.

9-13 Aurora, nascida a 10 de Novembro de 1924.



7-2 Dr. Victor Ferreira do Amaral e Silva, nascido na Villa Nova do Principe (Lapa) a 9 de Dezembro de 1862, fazendo os seus estudos preparatorios no «Collegio Abilio», dirigido pelo Barão de Macahubas, no Rio de Janeiro. Doutorou-se pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 22 de Dezembro de 1884, vindo residir em Curityba, onde exerce sua profissão. Foi lente de Francez do Gymnasio Paranaense. Propagandista da republica e da abolição desde o tempo da Monarchia. Foi eleito deputado a Constituinte Estadual, collaborando efficaamente na Constituição paranaense de 7 de Abril de 1892, da qual é um dos signatarios. Foi Superintendente Geral do Ensino Publico, Director Geral da Instrução Publica do Estado em 1900 e Director do Gymnasio Paranaense, tendo n'esta qualidade promovido a construcção do edificio d'esse estabelecimento de ensino secundario, cuja pedra fundamental foi por elle solemnemente lançada a 3 de Maio de 1903.

Foi um dos fundadores e primeiro presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Paraná, fundada em 1901, tendo sido tambem um dos redactores da «Gazeta Medica do Paraná», de cuja direcção era presidente. Na imprensa politica, foi em 1898 fundador e redactor chefe do «Diario do Paraná» e em 1912 fundou o «Commercio do Paraná», de cuja empresa foi presidente. Foi deputado federal de 1906 a 1909, tendo apresentado na Camara dos Deputados um importante projecto sobre ensino agricola. Escreveu um folheto de propaganda da Herva-Matte; e foi um dos mais ardorosos propugnadores dos direitos do Paraná na questão de limites com S. Catharina. Foi um dos principaes fundadores, em 1912, da Universidade do Paraná, da qual foi eleito Director, em sua inauguração, tendo dous annos depois sido reeleito para esse mesmo cargo.

A Universidade do Paraná foi fundada a 19 de Dezembro de 1912, no edificio do Congresso legislativo do Estado, sendo eleito reitor o Dr. Victor Ferreira do Amaral e Silva, que occupou esse cargo por

successivas reeleições biennaes, até 1918, quando a Universidade se dividiu em tres Faculdades: Direito, Medicina e Engenharia. Foi tambem professor de Clinica Obstetrica e Gynecologica do curso de Medicina. Installou-se a Universidade em um predio a rua Commendador Araujo n. 42, tendo por patrimonio inicial 80 contos de reis de doação do Governo do Estado.

A 19 de Dezembro de 1913 foi lançada a pedra fundamental do sumptuoso palacio da Universidade em terreno doado pela Municipalidade de Curityba. Presidiu o acto inaugural o Dr. Victor do Amaral, reitor da Universidade, sendo orador official o Dr. Pamphilo de Assumpção, então lente do curso de Direito.

No anno seguinte já era installada a Universidade no seu magestoso predio.

Exigencias regulamentares da Lei Federal e como condição de ser reconhecida, foi a Universidade, a 25 de Maio de 1918, dividida em trez Faculdades, que continuaram a funcionar no mesmo predio da Universidade, sendo então eleitos: Director da Faculdade de Medicina o Dr. Victor Ferreira do Amaral; Director da Faculdade de Direito o Dr. Manoel B. Vieira Cavalcante e Director da Faculdade de Engenharia o Dr. Affonso Augusto Teixeira de Freitas. As Faculdades de direito e de engenharia foram reconhecidas e equiparadas ás Faculdades officiaes por acto de 19 de Agosto de 1920 do Ministro da Justiça e Interior, que por fim por acto de 18 de Fevereiro de 1922 equiparou a Faculdade de Medicina do Paraná ás officiaes, graças aos herculeos esforços do Dr. Victor do Amaral e do Dr. Nilo Cairo da Silva, esforçado fundador da Universidade de que foi Secretario e Lente de Pathologia Geral. Com a equiparação das trez Faculdades em que se divide a antiga Universidade, em boa hora fundada em 1912, ficou integrado officialmente o ensino superior do Paraná, sendo consolidada a obra dos abnegados fundadores da Universidade.

E' actualmente Director do Serviço Sanitario do Estado. Casado em primeiras nupcias com Paulina Pacheco Braga do Amaral, filha de João Manoel da Silva Braga Junior e de sua mulher Maria Antonia Santos Pacheco; casado em se-



gundas nupcias com sua cunhada Anna Messias Pacheco do Amaral, filha do Dr. José dos Santos Pacheco Lima e de sua mulher Maria Antonia dos Santos Pacheco, de quem foi segundo marido.

Do primeiro matrimonio teve:

8-1 Noemia Ferreira do Amaral, casada com o Dr. Alexandre Gutierrez, filho do Dr. João Carlos Gutierrez e de sua mulher Maria Hartly Gutierrez, do qual foi a segunda mulher.

Teve:

9-1 Raul.

9-2 Ivonne.

9-3 Victor.

9-4 Mario, falecido.

9-5 Paulo.

8-2 Homero Ferreira do Amaral, nascido em 1891, casado com Hilda Munhoz da Rocha, filha do Coronel Bento Munhoz da Rocha e de sua mulher Maria Leocadia Munhoz da Rocha.

Filhos:

9-1 José.

9-2 Paulina.

9-3 Francisco.

9-4 Maria de Lourdes, falecida.

Do seu segundo matrimonio, 7-2 teve:

8-3 Paulina.

8-4 Estella.

8-5 Dr. Linneu Ferreira do Amaral, engenheiro civil, casado com Dulce Bley do Amaral.

Teve:

9-1 Dulce.

8-6 Serafim Ferreira do Amaral, falecido aos 18 annos.

8-7 Rosita Ferreira do Amaral, falecida aos 16 annos.

8-8 Victor Ferreira do Amaral Filho, academico de medicina, solteiro.

8-9 Moacyr Ferreira do Amaral.

8-10 Milton Ferreira do Amaral.

7-3 Anna do Amaral Westphalen, casada com João Westphalen, filho de Eugenio Westphalen e de sua mulher Joanna Francisca da Silva.

Teve:

8-1 Joannita.

8-2 Nelson.

7-4 Josepha do Amaral Ferreira, casada a 8 de Fevereiro de 1889 com seu primo o Dr. João Candido Ferreira, do qual tratamos em 7-1 de 6-1, adiante, dando sua biographia e ascendentes, filho do Alferes João Candido Ferreira e de sua mulher Anna Leocadia Ferreira.

Teve:

8-1 Dr. Leonidas do Amaral Ferreira, medico oculista, casado com Odah Cecilia Munhoz da Rocha, filha do Dr. Caetano Munhoz da Rocha e de sua primeira mulher Olga de Souza Munhoz da Rocha. 7-3 de 6-1 de pagina 248 d'este volume. E' lente da Faculdade de Medicina.

Teve:

9-1 Leonidas.

9-2 Olga.

8-2 Dr. Alceu do Amaral Ferreira, medico, casado em primeiras nupcias com Cecilia dos Santos Ferreira, e em segundas nupcias com Emilia dos Santos Ferreira, ambas filhas do Dr. Claudino dos Santos e de sua mulher Elvira Branco dos Santos. De seu primeiro matrimonio não teve descendentes. De seu segundo matrimonio teve:

9-1 Cecilia.

8-3 Dr. Agenor do Amaral Ferreira, engenheiro electricista, formado nos Estados Unidos da America do Norte. Casou-se com Nathalia Marques Ferreira, filha do Coronel Ennio Gonçalves Marques, falecido, e de sua mulher Nathalia Stolle Marques.

Teve:

9-1 Agenor.

9-2 Léa.

8-4 Dr. João Candido Ferreira Filho, engenheiro agronomo, diplomado pela Escola de Piracicaba, casado com Josephina Stolle Marques, filha do Coronel Ennio Gonçalves Marques e de sua mulher Nathalia Stolle Marques.



Teve:

9-1 João Candido Netto.

9-2 Ennio.

8-5 Dr. Celso do Amaral Ferreira, medico oculista, solteiro.

8-6 Julia do Amaral Ferreira Pereira, casada com o Dr. Francisco da Cunha Pereira, Juiz de direito de uma das varas de Curityba.

8-7 Murillo, academico de medicina.

7-5 Dr. Octavio Ferreira do Amaral e Silva, nascido em 11 de Dezembro de 1869, na Villa Nova do Principe (Lapa). Matriculou-se, em 1885, na Faculdade de Direito de São Paulo, onde se formou em ciencias sociaes e juridicas no dia 13 de Novembro de 1889. Foi um dos propagandistas da Republica e da Abolição. Foi eleito deputado ao Congresso Legislativo do Paraná, no biennio de 1893 a 1895. Nomeado mais tarde procurador geral do Estado, foi d'esse cargo retirado para occupar o de Secretario do Interior e Justiça, na administração do Dr. Francisco Xavier da Silva (1900—1904). Foi nomeado logo em seguida para o cargo de Juiz de Direito da 1.<sup>a</sup> vara da comarca da Capital, exercendo esse cargo até o anno de 1919. E' lente cathedratico de Direito Romano da Faculdade de Direito do Paraná, desde a fundação d'este estabelecimento de ensino superior. Casou-se em 1899 com Elisa de Almeida do Amaral, filha de José Rodrigues de Almeida, importante capitalista e proprietario, e de Gertrudes da Silva Almeida, sua primeira mulher.

Teve:

8-1 Serafim Amur Amaral, engenheiro agronomo, casado com Mercedes Colle, filha do Dr. Santiago Colle e de sua mulher Annita Colle.

8-2 Éros Amaral, casado com Zulmira Villela.

8-3 Circe Amaral.

8-4 Ariel Amaral.

8-5 Octavio Glauco.

7-6 José Ferreira do Amaral e Silva, casado com Emilia Ferreira do Amaral, filha do finado professor Pedro

Fortunato de Souza Magalhães e de sua mulher Luiza Maciel de Souza.

Teve:

8-1 Honorina.

7-7 Maria da Gloria Amaral, casada em 22 de Maio de 1897 com o Coronel Ottoni Ferreira Maciel, filho do Coronel Pedro Ferreira Maciel e de sua mulher Margarida Ferreira Maciel.

O Coronel Ottoni Maciel nasceu a 22 de Outubro de 1870, no Municipio da Palmeira.

Desempenhou diversos cargos publicos:

Promotor da comarca da Palmeira; presidente da Camara Municipal da Palmeira, tendo, em 1893 e 1894, exercido as funcções de delegado litterario da 3.<sup>a</sup> circumscripção escolar do Estado. Foi eleito deputado ao Congresso Constituinte do Paraná, assignando a Constituição Política de 7 de Abril de 1892.

Em diversas legislaturas exerceu ainda o mandato de Deputado Estadual. Em 20 de Outubro de 1907, foi eleito 1.<sup>o</sup> vice-presidente do Paraná. Foi membro efectivo do Directorio Central do Partido Republicano Paranaense.

Occupou uma cadeira na Camara Federal no triennio de 1918 a 1920. Collaborou na imprensa do Paraná, escrevendo bons artigos politicos. Acaba de dar a publicidade um livro: «Bastidores Politicos», no qual expõe factos da Política Paranaense.

Gosa de largo prestigio em Palmeira, principalmente em Papagaios Novos.

Teve:

8-1 Dr. Djalma Amaral Maciel, nascido a 23 de Maio de 1898, na cidade da Palmeira. E' engenheiro civil.

Casou-se com Sylvia Barbosa Maciel, filha do Dr. José Gonçalves Barbosa.

8-2 Margarida Jandyrá.

8-3 Lourival do Amaral Maciel, nascido a 9 de Junho de 1904. Academico de medicina, já no 5.<sup>o</sup> anno, pereceu afogado nas praias de banho do Rio de Janeiro a 13 de Maio de 1926. O seu



corpo foi transportado para Curityba, onde chegou a 17 do mesmo mez. Moço cheio de esperanças, muito bemquisto, a sua morte foi geralmente sentida.

8-4 Yvonne.

- 7-8 Dr. Joaquim Ferreira do Amaral e Silva, engenheiro civil e politico de valor. Foi Prefeito Municipal na cidade do Rio Negro, sendo um dos fortes defensores dos direitos do Paraná na malfadada questão de limites com S. Catharina. Foi vice-presidente do Estado. Casado com Elvira dos Santos, filha do Commendador Antonio Ricardo dos Santos e de sua mulher Elisa Romaguera dos Santos.

Teve:

8-1 Dr. Ovande do Amaral, medico.

8-2 Adaly Amaral Bravo, casada com Serafim de Magalhães Bravo, funcionario bancario.

8-3 Odin Ferreira do Amaral.

8-4 Julia Ferreira do Amaral.

8-5 Joaquim Ferreira do Amaral Filho.

8-6 Ivan Ferreira do Amaral.

8-7 Maria de Lourdes Amaral.

8-8 Argos Ferreira do Amaral.

8-9 Elvira Ferreira do Amaral.

8-10 Priamo.

- 7-9 Julia Ferreira do Amaral, professora, viuva de Carlos Di Lenna, agrimensor, natural da Italia.

Teve:

8-1 Lucy, fallecida.

8-2 Silene.

- 7-10 Natividade Ferreira do Amaral Sampaio, viuva de José Ferreira Sampaio.

Sem geração.

- 7-11 Serafim Ferreira do Amaral e Silva, casado com Aurora Suplicy do Amaral, filha de Arthur Suplicy e de sua mulher Eugenia Virmond Suplicy.

Filhos:

8-1 Cenira.

8-2 Arthur.

8-3 Yone.

8-4 Julia.

8-5 Levy.

8-6 Rubens.

8-7 Eugenio.

- 7-12 Antenor Ferreira do Amaral e Silva, exerceu com devotamento o cargo de auxiliar no campo de experiencias de Curityba, casado com Carlota von Meien, filha de Oscar von Meien e de sua mulher Rosa Stellfeld.

Já fallecidos e sem geração.

- 7-13 Cyro Ferreira do Amaral e Silva.

- 5-3 João Ferreira de Oliveira Bueno Filho, casado com Anna da Silva Bueno.

Filhos:

6-1 Manoel Ferreira Bueno, casado com Maria Clara Ribeiro.

6-2 Antonio Ferreira Bueno.

6-3 Cezarina Ferreira Bueno, casada com Francisco Affonso Martins.

6-4 Rita Ferreira Bueno, casada com Joaquim Affonso Martins.

6-5 Maria Rosa Ferreira Bueno, casada com João Guedes Ferreira.

- 5-4 Francisco Ferreira Bueno, casado com Maria da Silva, filha de Manoel José Barbosa e de sua mulher Anna Esmeria da Silva.

Filhos:

6-1 Alferes João Candido Ferreira, casado com Anna Leocadia Ferreira, filha do Commendador Gregorio Ferreira Maciel e de sua mulher Leocadia Ferreira Maciel.

Filho:

7-1 Dr. João Candido Ferreira, nascido na cidade da Lapa, no dia 21 de Abril de 1864. Encetando seus estudos superiores na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, concluiu-os brilhantemente em Dezembro de 1888.

Voltando ao Paraná, exerceu o cargo de



Prefeito Municipal da Lapa, de 1892 a 1896, sendo n'este mesmo anno, eleito Deputado ao Congresso Legislativo do Estado. Em 1907 foi eleito Deputado Federal pelo Paraná.

A Academia Nacional de Medicina, do Rio de Janeiro, em Novembro de 1899, o elegeo seu membro effectivo.

Foi em 1904 eleito para o cargo de 1.º Vice-presidente do Paraná, assumindo, por vezes, a administração publica do Estado, na ausencia do Presidente Dr. Vicente Machado.

Eleito Presidente do Estado para o quadriennio de 1908 a 1912, em eleição em que foi unanimemente suffragado o seu nome, por não haver lucta eleitoral e por falta de contendor; viu-se porem na necessidade de renunciar o mandato pelos motivos expostos em seu Manifesto politico.

Medico humanitario e um dos mais distinctos, gosa de vasto renome como cientista notavel, não só no Estado como em todo o Brasil. Como medico, prestou relevantes serviços ás forças do valoroso General Antonio Ernesto Gomes Carneiro, durante o memoravel cerco de 27 dias, que soffreu, em 1894, a legendaria cidade da Lapa. Escriptor brilhante de grande erudição e illustração. Tem publicado diversas obras, sobre assumptos medicos e politicos, notando-se entre elles:

«Feridas do coração»; «Prophylaxia da Tuberculose», conferencia; «Diagnosticos e tratamento das nevrites periphericas», these inaugural; «Retrospecto», etc., etc.

E' um dos mais eminentes membros do corpo docente da Faculdade de Medicina da Universidade do Paraná, sendo lente cathedratico da cadeira de Clinica Medica e presidente da referida Faculdade.

Casou-se na Lapa, a 8 de Fevereiro de 1889, com Josepha Ferreira do Amaral, filha do Capitão Serafim Ferreira de Oliveira e Silva e de

sua mulher Julia do Amaral, 7-4 de 6-4 de 5-2, retro.

Ahi a descendencia.

- 6-2 Joaquim Ferreira Bueno, casado em primeiras nupcias com Manoela Ferreira de Ramos, e em segundas nupcias com Leocadia Ferreira Pinto, filha de João José Pinto.

Teve do primeiro matrimonio:

7-1 Maria Manoela.

7-2 Antonio Amando Ferreira.

7-3 Francisco Ferreira Bueno Netto.

Teve do segundo matrimonio:

7-4 João Ferreira Bueno.

7-5 David Ferreira Bueno.

7-6 Amalia Ferreira Bueno.

7-7 Joaquina.

7-8 Jeremias.

7-9 Anna Maria.

7-10 Alfredo.

7-11 Etelvina.

7-12 Joaquim.

- 6-3 Francisco Ferreira da Silva, casado com Rosa de Paula Xavier, filha de Miguel de Paula Xavier.

Teve:

7-1 José Ferreira da Silva, casado com Balbina Branco.

7-2 Joaquim Ferreira da Silva, casado com Francisca Carneiro.

Teve:

8-1 Olyntho Carneiro Ferreira.

7-3 Paulino Ferreira da Silva, casado com Brasilina Ferreira Maciel.

7-4 Miguel Ferreira da Silva, casado com Francisca de Paula Xavier.

7-5 Victalina Ferreira da Silva Pedroso, casada com José Pedroso.

Teve:

8-1 Rosa Silva Pedroso.

8-2 Heitor da Silva Pedroso.

7-6 Jocelyn Ferreira da Silva, casado com Francisca Pinho Ribas.



- 7-7 Moyses Ferreira da Silva, casado com Cherubina de Siqueira.
- 7-8 Nestor Ferreira da Silva, falecido solteiro.
- 6-4 Salvador Ferreira da Silva, casado com Anna Ferreira Pinto, filha de João José Pinto.
- Teve:
- 7-1 Silvano.
- 7-2 Elisa.
- 7-3 Pedro, falecido.
- 7-4 Amelia.
- 7-5 Francisco.
- 6-5 José Ferreira da Silva, casado em primeiras nupcias com Gabriella da Cunha, filha do Coronel Francisco Teixeira da Cunha e de sua mulher Maria Augusta da Cunha. Casou-se em segundas nupcias com Delina Ferreira Alves.
- Teve do primeiro matrimonio:
- 7-1 Narcisa.
- 7-2 Epaminondas.
- 7-3 Anna Maria.
- 7-4 Josephina.
- Teve do seu segundo matrimonio:
- 7-5 Amalio.
- 7-6 João.
- 7-7 Antenor.
- 7-8 Jupira.
- 6-6 Maria Ferreira, casada com João Elias de Almeida.
- Teve:
- 7-1 José Odorico.
- 7-2 Procopio.
- 7-3 Rita.
- 7-4 Anna Maria.
- 7-5 Joaquina.
- 7-6 Francisca.
- 7-7 Nestor.
- 7-8 Aurora.
- 7-9 Maria Luiza.
- 6-7 Durcelina Ferreira, casada com Francisco Affonso Martins.
- Teve:

- 7-1 João Affonso.
- 7-2 Benedicto.
- 7-3 Anna.
- 7-4 Francisca.
- 7-5 Joaquina.
- 7-6 Adelaide.
- 5-5 Francisca das Chagas Bueno, casada em Curityba, a 31 de Janeiro de 1826, com Francisco Manoel Guimarães, filho de Gonçalo José Guimarães e de sua mulher Anna Alves de Araujo.
- Teve:
- 6-1 Simão Simplicio Guimarães, casado com Rosa de Paula Lima Xavier, (esta casou em segundas nupcias com Francisco Ferreira da Silva, filho de Francisco Ferreira Bueno, 6-3 de 5-4, retro).
- Ahi os descendentes de seu segundo matrimonio.
- Teve:
- 7-1 Ambrosina Rosa Guimarães, nasceu a 29 de Setembro de 1853 e falleceu a 16 de Fevereiro de 1916, foi casada com o Dr. Francisco Alves Guimarães, filho de João Francisco Guimarães e de sua mulher Francisca de Paula Santos; nasceu a 1.º de Abril de 1845 e falleceu a 3 de Setembro de 1890. Formado em Direito em 1867 pela Academia de Direito de São Paulo. Foi nomeado a 4 de Julho de 1878 para o lugar de Inspector da Thesouraria Provincial; foi Director da Instrução Publica, Deputado a Assembléa Provincial do Paraná em varias legislaturas. Promotor Publico da Lapa onde foi Juiz Municipal e Juiz de Direito, cargo este que exerceu tambem em Uruguayana, Rio Grande do Sul. Era cavalleiro da Ordem da Rosa. Maçon de gráu elevado. Ao regressar formado em Direito, á sua Provincia natal, foi logo eleito Deputado á Assembléa Legislativa da Provincia, onde em poucas palavras definiu a sua posição politica, com o seguinte discurso:



«Quem sou, donde vim e para onde vou?

Discurso proferido pelo Dr. Alves Guimarães em a sessão de 23 do mez de Março de 1868, na Assembléa Legislativa da Provincia do Paraná.

«Sr. presidente, obumbrado pelo brilhantismo de tantos oradores, cujas luminosas palavras tem hoje echoado neste augusto recinto, sobrecarregado pela magnitude do importante assumpto que occupa esta Assembléa, e sobrepujado pelo acanhamento que me caracteriza, não poderei senão fatigar a vossa attenção com as minhas palavras toscas e sem nexos.

«Hoje, porem, é a occasião azada para todos os membros, que pela primeira vez tomam assento n'esta casa, se definirem, exprimirem com franqueza as suas idéas, as opiniões politicas que adoptam; e pois, eu não posso prescindir d'esse dever, promettendo-vos que serei muitissimo breve.

«Para manifestar-vos a minha profissão de fé, não preciso mais do que succintamente responder a estas tres perguntas tão communs a respeito de um novo partido ou facção politica que appareceu e as quaes já diviso em vossos semblantes: — quem sois, donde vindes e para onde ides?

«Procurarei satisfazer a vossa curiosidade, e direi que, para resposta da primeira interrogação, creio sufficiente apontar-vos dois factos, que se ligam, e um como que se contem no outro, — a ser eu Paranaense, e ter um assento entre vós. Sim, como ainda ha pouco se disse, n'esta Provincia não ha partidos, aqui ha a homogeneidade de idéas, todos pertencem a um só partido — o liberal, porque o intitulado conservador ha muito desapareceu da urna.

«Entretanto, só isso não bastava, eu poderia ser um dos raros combatentes d'essas fileiras disimadas e em debandada, e portanto só o meu assento n'esta casa, irmanado com o primeiro facto, pôde cabalmente dizer quem sou, isto é, liberal de coração, e que não transije com outra idéa alguma.

«E d'onde venho? Terei eu por ventura um passado de tradições gloriosas que me habilite a occupar esta posição?

«Sem duvida que não; ha bem pouco sahido dos bancos

Academicos, não tenho outro passado que não a vida intima e tão saudosa d'essa mocidade entusiasta, em cujo centro pullulam as mais santas idéas, em cujas frentes brillam o talento e o saber, e cujos corações palpitam só e unicamente pela liberdade. Mas se quereis ainda outro passado não vos poderei dar mais do que o do sangue e do parentesco; portanto, pertencendo a uma mui grande familia d'esta Provincia posto que obscura, d'ella não se destaca um membro, que não tenha luctado e que não lucte ainda debaixo das bandeiras liberaes, não ha um só que tenha apostatado das suas opiniões politicas, embora tivesse supportado revezes e decepções.

«O Sr. Dr. Sergio de Castro: — A sua familia até conta martyres da carnificina de São José dos Pinhães.

«O Sr. Dr. Alves Guimarães: — E' a pura e triste verdade. Mas, sr. presidente, seriam bastantes essas tradições sem episodios pessoases, esse passado breve e circumscripto para me conceder um lugar tão distincto, n'esta casa? Não, indubitavelmente; para esse resultado só preponderou a bondade, a benignidade de muitos patricios e amigos que immerecidamente se lembraram do meu nome, esquecendo e pondo de parte o nihilismo que elle representa; a elles, d'este lugar, dirijo os meus cordiaes e sinceros agradecimentos, garantindo-lhes a minha bôa vontade de ser util á Provincia, e o proposito firme de deixar esta cadeira tão honrada, como a recebi.

«Finalmente ainda me perguntarão: — para onde ides?

«E o futuro do partido a que pertenço o responderá. Em toda a parte em que o partido assentar as suas tendas, tanto nos seus dias de gloria, como principalmente nos seus dias de luctas, eu serei um dos mais fracos, porem, dos seus maiores sustentadores; e convenço-me de que não haverá Paranaense que nos deixe de acompanhar, quando é certo que sob este céu abençoado ninguem pode fortalecer senão o sol radiante da Liberdade.

«Julgo ter dito quanto basta para me definir; o mais o procedimento futuro dirá.

«Tenho concluido.»

Teve os seguintes filhos:

8-1 Capitão Alberto Alves Guimarães, viuvo de Floris-



bella da Motta Bandeira Guimarães, filha do Coronel Carlos da Motta Bandeira e Silva e de sua mulher Thereza Correia da Silva, 7-1 de 6-2 de 5-2 de 4-2, adiante.

Teve:

9-1 Estella Bandeira Guimarães Camargo, viuva de Juvenal Camargo.

Teve:

10-1 Heliantho.

10-2 Lycia.

8-2 Etelvina Guimarães Cortes, casada com Euphrasio de Siqueira Cortes Filho.

Teve:

9-1 Olivio Guimarães Cortes, casado com Luzia Moreira Cortes, filha de Alvaro Jorge Moreira.

Teve:

10-1 Jorge.

10-2 Raul.

10-3 Armando.

10-4 Ovidio.

10-5 Ismael.

10-6 Alvaro.

9-2 Leticia Guimarães Xavier, casada com o Tenente Aristoteles Xavier, filho do Major João Baptista Xavier e de sua mulher Ernestina Loyola Xavier.

Teve:

10-1 Jeny.

10-2 Alcyone.

9-3 Saphira, solteira.

9-4 Augusto, bacharelado de Direito, solteiro.

9-5 Heitor, solteiro.

9-6 Jacy, solteiro.

8-3 Heitor Alves Guimarães, casado com Anna Guimarães, residentes em Araucaria.

Filhos:

9-1 Julieta, casada.

9-2 Rosa.

9-3 Honestalio.

9-4 Yolanda.

8-4 Julieta Guimarães Aguiar, casada com Nuno Aguiar,

filho de Joaquim Pinto de Amorim e de sua mulher Seraphica de Souza Guimarães.

Residem na Capital Federal.

Teve:

9-1 João Francisco.

9-2 Odette.

9-3 Yvette.

9-4 Nuno.

9-5 Yolanda.

8-5 Leonor Guimarães Machado, casada com Francisco Machado da Silva, residentes em Porto da União.

Teve:

9-1 Romeu Machado da Silva, casado com Renêe Pompeu Machado, residentes em Porto da União.

Filhos:

10-1 Renaut.

10-2 Ney.

9-2 Ary.

9-3 Jandyra Machado da Silva, casada com José Danguy Pacheco, filho do Coronel Elias Pacheco, fazendeiro em Guarapuava.

9-4 Julieta.

8-6 Honestalio Alves Guimarães, casado em primeiras nupcias com Carolina da Cunha Guimarães, filha de Francisco da Cunha e de sua mulher Maria Luiza Braga da Cunha, e em segundas nupcias com Augusta Westphalen, filha de Eugenio Westphalen.

Filhos do primeiro matrimonio:

9-1 Alice.

9-2 Ambrosina.

9-3 Raul.

9-4 Luiz.

9-5 Mario.

Teve do segundo matrimonio:

9-6 Augusto.

9-7 Eugenio.

9-8 Paulo.

9-9 Helena.

8-7 Olyntho Alves Guimarães, casado com Maria Druski Guimarães, filha de Francisco Druski.



Residem em Iraty.

Filhos:

9-1 João.

9-2 José.

8-8 Francisco Alves Guimarães, casado com Ida Seraphim Guimarães, filha de Salvador Seraphim.

Residem em Ponta Grossa.

Filhos:

9-1 Ivonette.

9-2 Milton.

9-3 Byron.

9-4 Ivonne.

9-5 Odilon.

9-6 Ambrosina.

7-2 Francisca Ferreira Maciel, casada com Domingos Ferreira Maciel.

Teve:

8-1 Brasilina Ferreira Maciel da Silva, casada com Paulino Ferreira da Silva.

8-2

8-3

8-4

7-3 Francisco Manoel Guimarães Netto, casou-se na Lapa, deixando muitos filhos, com Adelaide Pacheco dos Santos, 9-1 de 8-3 de 7-3, adiante.

5-6 Maria Joaquina de Assumpção, filha de 4-1 de 3-4, casada em Curityba a 31 de Janeiro de 1826 com Antonio Francisco Guimarães, filho de Gonçalo José Guimarães e de sua mulher Anna Alves de Araujo. Teve:

6-1 Firmino de Paula Ferreira, casado com Anna Alves Guimarães, filha de João Francisco Guimarães e de sua mulher Francisca de Paula Santos.

Filhos:

7-1 Antonio Pedro Guimarães, casado com Emilia Alves Guimarães.

Filhos:

8-1 Mauricio.

8-2 Mario.

8-3 Epaminondas.

8-4 Antonia.

8-5 Brasilio.

8-6 Nino.

8-7 Odilla.

8-8 Honorina.

8-9 Julio Cezar, falecido solteiro.

7-2 João Francisco Guimarães, casado com Horacia Cordeiro.

Filhos:

8-1 Cidalia Guimarães, casada com Eleuterio de Medeiros.

8-2 Francisco.

8-3 Maria Josephina.

8-4 Anna.

8-5 Ciloca.

7-3 Eduardo Ferreira Guimarães, casado com Clara Maria Therencio dos Reis.

Filhos:

8-1 Antenor.

8-2 Arnaldo.

8-3 Ary.

8-4 Jandyrá Guimarães, casada com José da Silva Fontoura.

8-5 Nahyr.

8-6 Clelia.

8-7 Antenor.

7-4 Rosalina Ferreira Guimarães, casada com João Luiz Gomes dos Santos.

Teve:

8-1 Annita Olinda Santos, casada com Brasilio de Almeida.

Teve:

9-1 Maria Neves.

9-2 Waldivia.

9-3 Rosalina.

9-4 Maria do Carmo.

9-5 Araceli.

8-2 Heitor, falecido.



- 8-3 Marcia dos Santos, casada com Paulino Pires Cordeiro.  
Teve:  
9-1 Heitor.  
9-2 Orlando.
- 8-4 Noemia Santos Brandão, casada com o professor Nilo Brandão.  
Teve:  
9-1 Eudes.  
9-2 Eros.
- 7-5 Maria Joaquina, casada com Lourenço de Sá Ribas.  
Teve:  
8-1 Hygino Ribas, casado com Amelia Teixeira, filha do Coronel José Teixeira Alves.  
8-2 Maurilio Ribas, casado com Olga Cordeiro, filha de Affonso Gonçalves Cordeiro.  
8-3 João Guimarães Ribas, casado com Francisca Therencio dos Reis Tacito.  
8-4 Adolphina Ribas, casada com Innocencia Prestes Maciel.  
8-5 Octavio Guimarães Ribas.
- 7-6 Rosa Guimarães, casada com o Tenente Coronel Theophilo Fabiano Cabral.  
Teve:  
8-1 Waldomiro Guimarães Cabral, nascido em 5 de Janeiro de 1900 e falecido a 30 de Abril de 1920.
- 7-7 Felicidade Guimarães, casada com José Correia da Silva.  
Teve:  
8-1 Orlando.  
8-2 Aurora da Silva, casada com João Christovam da Silva.  
8-3 Armando.  
8-4 Esther Pereira, casada com Cezar G. Pereira.  
8-5 Maria.
- 7-8 Adelaide, casada com Alfredo de Assis Pinheiro.  
Teve:  
8-1 Clotilde Guimarães, casada com João Guiss.  
8-2 João de Assis Pinheiro, casado com Comba de Carvalho.  
8-3 Lauro.

- 8-4 Dinorah.  
8-5 Leonor.  
8-6 Firmino.
- 7-9 Josephina Monteiro, casada com Pompeu Monteiro, funcionario da Secretaria da Fazenda.  
Teve:  
8-1 Nelson.  
8-2 Pedro.  
8-3 Rubens.  
8-4 Pompeu.  
8-5 Francisca.
- 4-2 José Reginato de Lima, filho de José dos Santos Lima, 3-4 de 2-2, retro, foi casado em Curityba a 23 de Novembro de 1819 com Senhorinha da Silva Ribas, filha do Alferes Manoel Alves Gusmão e de sua mulher Gertrudes Ribas; por esta, neta do Capitão Miguel Ribeiro Ribas e de sua mulher Clara Maria de Moraes. Foi Tabellião de notas de Curityba em 1832, e exerceu os cargos da governança da Republica.
- 4-3 Gertrudes Maria de Lima, foi casada em Curityba a 5 de Setembro de 1805 com Manoel Marques Pereira, filho de Bernardino Pereira e de sua mulher Rita de Assumpção.
- 4-4 Rosa Alexandrina de Lima, casada em Curityba a 2 de Agosto de 1802 com o Capitão Simão José Gonçalves de Andrade, filho de José Francisco Correia e de sua mulher Anna Maria da Conceição; por esta, neto do Sargento-mór Simão Gonçalves de Andrade, vulto de grande valor, do qual trataremos em outro lugar d'esta obra, e de sua mulher Escolastica Soares do Valle; por esta, bisneto de João Ribeiro do Valle, da governança de Curityba, e de sua mulher Izabel Soares; pelo Sargento-mór Simão Gonçalves de Andrade, é bisneto de Simão Gonçalves de Andrade, natural da Ilha do Pico de Madeira, cidade de Funchal, e de sua mulher Clara Muniz da Camara. O Capitão Simão José Gonçalves de Andrade propoz, em 1825, uma acção de embargos contra seu irmão Manoel José de França. (C. Gabriel Ribeiro.)



O seu casamento foi precedido de dispensa das 3 canônicas denúncias por legítima causa, e igualmente do impedimento de 4.º grau de consanguinidade em que se achavam ligados, por despacho do Bispo de São Paulo, datado de 2 de Julho de 1803. (C. E. de Curityba.)

Teve:

- 5-1 Rita Rosa de França, casada com o Capitão Francisco de Paula Camargo, filho do Tenente Antonio Joaquim de Camargo e de sua mulher Mathilde Umbelina da Gloria, casados em Sorocaba em 1807; neto pela parte paterna do Alferes Francisco de Camargo Pontes, casado em 1761 com Mariana de Siqueira e Moraes; neto pela parte materna de Manoel José de Araujo e de sua mulher Anna Maria da Conceição. O Alferes Francisco de Camargo Pontes era filho de José Munhoz de Camargo e de sua mulher Catharina Domingues de Siqueira; por esta, neto de Antonio Domingues Pontes e de sua mulher Anna Vidal de Siqueira. José Munhoz de Camargo era filho de Fernando Munhoz (filho de André Lopes Maciel e de sua mulher Catharina Paes) e de sua mulher Victoria de Camargo, filha de Fernando de Camargo Ortiz e de sua mulher Joanna Lopes, filha de Gonçalo Lopes e de sua mulher Catharina da Silva, filha de Cosme da Silva e de sua mulher Izabel Gonçalves. Gonçalo Lopes era filho de Pedro Lopes e de sua mulher Anna da Costa. Fernando de Camargo Ortiz era filho do Capitão Fernão Camargo, o Tigre, chefe do partido dos Camargos em luctas contra o dos Pires, em 1641, (que occasionou o assassinato de Pedro Taques na igreja da Sé em São Paulo) e de sua mulher Mariana do Prado, filha de João de Santa Maria, natural de Castella (que veio ao Brasil como Secretario de D. Francisco de Souza) e de sua mulher Felippa do Prado. O Capitão Fernão de Camargo, o Tigre, era filho de Joséph de Camargo, natural de Castella, que veio a São Paulo na ultima parte do século XVI. Era filho de Francisco de Camargo e de sua mulher Gabriella Ortiz, natural de Castella. Francisco de Camargo era filho de Luiz Dias de Camargo e de sua

mulher Beatriz de la Peña, natural de Sevilha e descendentes do celebre navegante hespanhol Affonso de Camargo, que em 1539 empreendeu viagem ao Perú, pelo estreito de Magalhães. Joséph de Camargo se casou em São Paulo com Leonor Domingues, fallecida com testamento em 1630, filha de Domingos Luiz, o Carvoeiro, e de sua mulher Anna Camacho, natural de Marinhota, freguezia de Santa Maria de Carvoeira.

Teve:

- 6-1 Maria Escolastica de Camargo Lemos, casada com Jeronymo Lemos.

Teve:

- 7-1 Eduardo de Camargo Lemos, casado em Palmas, com Eucalina Ferreira, filha de Antero Pacheco.

Filhos:

8-1 Moyses.

8-2 Landery.

8-3 Olyntho.

- 7-2 Paulino de Camargo Lemos.

- 7-3 Pedro de Camargo Lemos, casado em Palmas com Maria Luiza Diniz, filha de Jonas Diniz.

Filhos:

8-1 Palmendio.

8-2 Maria Luiza.

- 7-4 Petronilha de Camargo Lemos.

- 7-5 Amelia.

- 7-6 Maria de Camargo Arantes, viuva do Alferes do exercito Francisco de Paula Arantes, natural de Santa Catharina; é casada em segundas nupcias com Daniel Cleves.

Sem geração de seus matrimonios.

- 7-7 Maria Lemos Loyola, casada com Manoel Ignacio Loyola.

Teve:

8-1 Milton.

- 6-2 Manoel de França Camargo, casado em Guarapuava com Henriqueta Bandeira de Camargo.

Filhos:

- 7-1 Francisco Manoel de Camargo, casado com Laura da Rocha, filha de João da Rocha Soares.



- Filhos:
- 8-1 Djanira.
  - 8-2 Cenira.
  - 8-3 Oswaldo.
- 7-2 Nercinda de Camargo Virmond, casada com Annibal Virmond, fazendeiro em Guarapuava.
- Teve:
- 8-1 Anna Joaquina.
  - 8-2 Alcina.
  - 8-3 Esther.
  - 8-4 Ary.
- 7-3 Candido Bandeira Camargo.
- 7-4 Josephina de Camargo Lacerda, casada com Bernardino Roseira Lacerda, fazendeiro.
- Teve:
- 8-1 Judith.
- 7-5 Palmyra Camargo.
- 7-6 Carlinda Camargo.
- 7-7 Diva Camargo.
- 7-8 Waldomiro Camargo.
- 6-3 Ildefonso de Paula Camargo, fazendeiro em Guarapuava, casado com Mathilde Umbelina de Camargo.
- Filhos:
- 7-1 Francisco Sergio de Camargo, casado com Cecilia de Abreu Camargo.
- Filho:
- 8-1
- 7-2 Maria José de Camargo Mello, casada em Palmeira com Hortencio Martins Mello.
- Teve:
- 8-1 Elisiario.
  - 8-2 Erundinéa.
  - 8-3 Orminda.
  - 8-4 Eloina.
  - 8-5 Honorina.
- 7-3 José de Paula Camargo, casado com Laudelina Mendes de Camargo, filha de Ponciano Mendes de Araujo e de sua mulher Maria Mendes de Camargo.
- Teve:

- 8-1 Analdina.
- 7-4 Maria Rita de Camargo Mello, casada com Lincinio de Mello.
- Teve:
- 8-1 Ildefonso.
  - 8-2 João.
  - 8-3 Alipio.
- 7-5 Alipio de Camargo.
- 6-4 Etelvina de Paula Camargo, casou com Marciliano de Paula Marques, fazendeiro no districto de Condoy, em Guarapuava.
- 6-5 Francisca de Paula França, casou com Pedro Alves da Rocha Loures, filho de Francisco Alves da Rocha e de sua mulher Gertrudes Maria da Annuniação Rocha ou Certrudes Maria de Andrade, 6-1 de 5-1 de 4-5 de 3-5, adiante.
- Teve:
- 7-1 Lydia Alves da Rocha Soares, solteira.
- 7-2 Francisco Solano Alves de Camargo, casado com Porcina Mendes de Camargo, filha de Ponciano Mendes de Araujo e de sua mulher Maria Mendes de Camargo.
- Filhos:
- 8-1 Placido, falecido.
  - 8-2 Heraclio Mendes de Camargo.
  - 8-3 Evanira Mendes de Camargo Gomes, casada com o Dr. Antonio Gomes Junior, que foi Juiz de Direito de Guarapuava, e é hoje de São José dos Pinhães, filho do commerciante Antonio Gomes, já falecido, e de sua mulher Maria das Dores Lacerda Gomes. Com ascendentes no 3.º volume d'esta Obra.
- Teve:
- 9-1 Antonio Carlos.
  - 9-2 Maria de Lourdes.
- 8-4 Cenira Mendes de Camargo.
  - 8-5 Elzira, falecida.
  - 8-6 Maria de Jesus.
  - 8-7 Francisca.
  - 8-8 Antonietta.



8-9 Maria de Lourdes.

- 7-3 Dr. Affonso Alves de Camargo, advogado, nasceu em Guarapuava a 25 de Setembro de 1873. Em 1891 se matriculou na Faculdade de Direito de São Paulo onde se formou em sciencias juridicas e sociaes, em 1894. Occupou os seguintes cargos publicos: Promotor publico da Capital do Estado, no governo revolucionario de 1894; deputado ao Congresso Legislativo do Paraná, sendo eleito pela opposição em os biennios de 1898—1899, 1900—1901, e depois nos biennios de 1908—1909, 1912—1913, 1914—1915, sendo eleito Presidente do referido Congresso n'este ultimo biennio. Nos quatriennios de 1908—1912 e 1912—1916 foi eleito Vice-Presidente do Estado do Paraná. Em 25 de Fevereiro de 1916 tomou posse do cargo de Presidente do Estado, para o qual fôra eleito. Em 1921 foi eleito e reconhecido deputado federal, sendo escolhido para leader da bancada paranaense e eleito 1.º Vice-Presidente da Camara. Actualmente é figura de relevo e chefe de valor e prestigio do Partido Republicano Paranaense, exercendo o alto cargo de Senador da Republica. Homem de cultura e que desde muito moço vem prestando serviços á sua terra; é das individualidades do Paraná uma das de maior destaque, que reúne em volta de si solidas e dedicadas amizades. Espirito democrata, accessivel, attencioso e prestavel aos seus amigos, soube por essas qualidades de seu character, attrahir as mais amplas sympathias.

Casado em Curityba a 27 de Abril de 1899 com Etelvina Pinto Rebello de Camargo, filha do Coronel José Pinto Rebello e de sua mulher Francisca dos Santos Rebello, 5-3 de 4-3 de 3-1 de 2-1 do § 1.º, Capitulo 2.º do Titulo Rodrigues Seixas, desta Obra. Filhos:

- 8-1 Dr. Arnaldo Alves de Camargo, Promotor Publico da Capital, casado com Hyppolita Carneiro de Azambuja, filha do importante industrial Bento Martins de Azambuja e de sua mulher Annita Carneiro de Azambuja.

- 8-2 Eleonora Camargo da Veiga, casada com o Dr. Didimo Amaral Agapito da Veiga, filho do Dr. Didimo Fernandes Agapito da Veiga e de sua mulher Zulmira Amaral da Veiga.

Teve:

9-1 Didimo Affonso.

9-2 Affonso Didimo.

- 8-3 Emy, fallecida solteira.

- 8-4 Affonso Alves de Camargo Junior, academico de direito.

- 8-5 Pedro Alipio Alves de Camargo.

- 8-6 José Affonso.

- 8-7 Flóra.

- 8-8 Carlos Affonso, fallecido.

- 8-9 Paulo Affonso.

- 8-10 Fernando Affonso.

- 8-11 Mario Affonso.

- 7-4 Hercilia Alves de Oliveira, casada com Trajano Baptista de Oliveira Silverio, filho de João Baptista de Oliveira Silverio e de sua mulher Candida de Abreu, filha de João de Abreu e Araujo.

Teve:

- 8-1 Alcina, fallecida.

- 8-2 Orvalina Silverio de Mello, casada com José Fabricio de Mello.

- 8-3 Esther Silverio Ribas, casada com Francisco Ribas.

- 8-4 Marinho, fallecido.

- 8-5 Sarah Silverio, casada.

- 8-6 Marina Silverio, casada.

- 8-7 Alcino Silverio.

- 8-8 Pedro, fallecido.

- 8-9 Lauro.

- 8-10 Maria.

- 8-11 Isly.

- 8-12 Esmy.

- 8-13 Mario.

- 7-5 Marinho.

- 7-6 Maria de Jesus Alves Baraúna, casada com o Dr. Romualdo Antonio Baraúna, advogado, natural de Santo Amaro, Bahia, filho de Romualdo Baraúna e



de sua mulher Maria Joaquina Baraúna. Foi Prefeito de Guarapuava e actualmente é deputado estadual, sendo presidente do Congresso do Estado do Paraná. Teve:

8-1 Amerina Baraúna Virmond, casada com o Dr. Mario Virmond, advogado, filho do Coronel Frederico Ernesto Virmond e de sua mulher Nyn-cia Bandeira Virmond.

Teve:

9-1 Emy.

9-2 Frederico Carlos.

9-3 Isabel.

8-2 Clarisse Baraúna Seixas, casada com o Dr. Ernesto Seixas Netto, engenheiro civil.

8-3 Arminda Baraúna Araujo, casada com o Dr. José Mendes de Araujo, medico, filho de Ponciano Mendes de Araujo e de sua mulher Maria Mendes de Camargo.

Teve:

9-1 Ponciano Romualdo.

9-2 Maria Helena.

9-3 Maria Lucia.

8-4 Maria Joaquina Baraúna Moreira, casada com o Dr. Affonso Moreira, engenheiro civil, natural da Bahia.

Teve:

9-1 Fernando.

8-5 Antonio Baraúna.

8-6 Pedro.

7-7 Dr. Marins Alves de Camargo, advogado illustrado e considerado, politico de destaque, prestigio e descortinio. Homem de resoluções firmes. Nasceu na cidade de Guarapuava a 22 de Fevereiro de 1882. Fez seus estudos primarios com o digno professor Luiz Yank, a quem tanto devem as gerações de moços guarapuavanos. Em 1899 se matriculou na Faculdade de Direito de S. Paulo, bacharelando-se, em 1903 em sciencias juridicas e sociaes. Regressando ao Paraná, estabeleceu sua banca de advogado nesta Capital, trabalhando no escriptorio com seu irmão Dr. Af-

fonso Alves de Camargo, onde tem adquirido vantajosos bens de fortuna pela sua intelligente orientação e operosidade.

De Julho de 1904 a Abril de 1905 exerceu o cargo de promotor publico interino da Capital. Fundou em 1907, juntamente com o Dr. Claudino dos Santos, o Gymnasio Curitybano, instituto educacional que prestou salientes serviços á mocidade conterranea. Dirigiu com grande devotamento o referido Gymnasio até Fevereiro de 1912, quando foi nomeado Secretario de Estado dos Negocios do Interior, Justiça e Instrucção Publica, na administração do Dr. Carlos Cavalcanti de Albuquerque. Em 23 de Agosto de 1913 deixou esse cargo para exercer o de Secretario de Estado dos Negocios de Obras Publicas e Colonisação, até o termo daquella administração. Na legislatura de 1910 a 1911 occupou uma cadeira no Congresso Legislativo do Estado. Foi eleito novamente deputado estadual para os biennios de 1917-18 e 1919-20. No primeiro, exerceu as funcções de leader da maioria e no segundo foi eleito presidente do Congresso. Em 25 de Fevereiro de 1920 foi nomeado Secretario Geral de Estado, no primeiro governo do Dr. Caetano Munhoz da Rocha, sendo actualmente 1.º Vice-Presidente do Estado.

Casado com sua prima Alcina Alves de Camargo, filha do Coronel Francisco de Paula Camargo e de sua mulher Maria Francisca de Camargo. Neta pela parte paterna de Francisco de Paula Camargo e de sua mulher Maria Rosa França; pelo lado materno de Lucio Mendes de Almeida Sampaio e de sua mulher Maria Thereza Camargo.

Teve:

8-1 Ruy, solteiro.

8-2 Yone, fallecida em 1925 em plena mocidade.

8-3 Ivette.

8-4 Carlos.

8-5 José Luiz, fallecido.

7-7 Amasilia Colleta Alves Cavalcante, casada com o Dr. Eudoro Cavalcante de Albuquerque, advogado, natural da cidade de Victoria — Pernambuco.



Teve:

- 8-1 Henriquetta.
- 8-2 Manoel.
- 8-3 Pedro.
- 8-4 Eudoro.
- 8-5 Hebréa, falecida.
- 8-6 Althair.
- 8-7 Ruy.

6-6 Messia de Camargo Ribas, casada com Domingos de Camargo Ribas, filho de Seraphim de Oliveira Ribas. Sem geração.

6-7 Maria das Dôres Camargo França, casada com José de Almeida França.

Teve:

- 7-1 Euclydes de Camargo França.
- 7-2 Maria Luiza de França Lacerda, casada com Bernardino Tavares de Lacerda, filho de Francisco Tavares de Lacerda e de sua mulher Francisca Tavares da Rocha Loures.

Teve:

- 8-1 Dulcidio.
- 8-2 Diva.
- 8-3 Carmen.
- 8-4 Francisco.
- 8-5 Floriano.

7-3 Alice França.

7-4 Julieta França.

7-5 Antonio de Camargo França.

7-6 Ernesto de Camargo França.

7-7 Maria de Jesus França.

7-8 João de Camargo França.

6-8 Maria Izabel de Camargo Ribas, casada com Pedro de Sá Ribas Nhonhô, filho de Antonio de Oliveira Ribas. A descendencia deste casal que já foi descripta com omissões em 7-6 de pagina 352 deste volume, será descripta de forma completa no volume 2.º desta Obra em Título Rodrigues Seixas, Capitulo 2.º, § 2.º em 5-6 de 4-7 de 3-5 de 2-2.

6-9 José Antonio de Camargo, casado com Maria das Dôres Camargo.

Filhos:

- 7-1 Francisco Eugenio de Camargo.
- 7-2 Roselmira Celmira Camargo.
- 7-3 Lavinia Flavina Camargo.
- 7-4 Palmendio Camargo.

6-10 Antonio Joaquim de Camargo, casado com Augusta Natel de Paula Camargo, filha de Guilherme de Paula Xavier e de sua primeira mulher Francisca Natel de Paula, filha de Francisco Custodio Natel e de sua mulher Norberta Dulcia Natel. Com descendentes descriptos em 7-1 de 6-3 de 5-11 adiante.

6-11 Diogo de França Camargo, casado com Cezina de Paula Camargo, filha de Joaquim Mariano de Sá Ribas e de sua mulher Laurinda de Paula Ribas.

Filhos:

- 7-1 Olympio de Paula Camargo.
- 7-2 Ismael de Paula Camargo.
- 7-3 Cherubina de Paula Camargo.
- 7-4 Maria Rosa Camargo.
- 7-5 Maria Minervina Camargo.
- 7-6 Maria da Luz Camargo.
- 7-7 João de Paula Camargo.
- 7-8 Etelvina.
- 7-9 Erminia.

7-10 Antenor de Paula Camargo.

6-12 Coronel Francisco de Paula Camargo, Collector das Rendas Estaduaes em Curityba, casado com Maria Francisca de Sá Camargo, filha de Lucio Mendes de Almeida Sampaio e de sua mulher Maria Thereza de Jesus. Teve:

- 7-1 Cherubina Camargo, solteira.
- 7-2 Rita Camargo, solteira.
- 7-3 Alcina Camargo, casada com o Dr. Marins Alves de Camargo, 7-6 de 6-5 retro. Ahi os descendentes.
- 7-4 Moyses Camargo, casado com Enneh Guimarães Camargo, filha do Major Adolpho de Alencar Guimarães e de sua mulher Esmeralda Guimarães, ambos falecidos.



## Filhos:

8-1 Lucía.

8-2 Ivonne.

8-3 Regina.

8-4 Luiz Fernando.

- 7-5 Francisco Camargo Junior, casado com Adelaide de Amorim Camargo, filha do General reformado Antonio Feliz de Souza Amorim.

## Filhos:

8-1 Omar.

8-2 Murillo.

- 6-13 Mathilde de Camargo Branco, casada com Gabriel Lopes Branco, natural de Campinas, filho do Coronel Joaquim Matheus Branco e de sua mulher Maria das Dores de Araujo, 5-3 de 4-12 de 3-3 de 2-8, Capítulo 2.º do Título Rodrigues de França, 3.º volume d'esta obra.

## Teve:

- 7-1 Maria Rita Branco de Paula, casada com o Coronel José Armando Ribeiro de Paula, engenheiro militar.

- 7-2 Octaviana de Camargo Branco, casada com Romualdo de Moraes.

## Teve:

8-1 Carmen.

8-2 Nelson.

- 7-3 Domingos Lopes Branco, faleceu solteiro.

- 7-4 Frederico Lopes Branco, casado com Sebastiana V. Branco.

## Teve:

8-1 Leonor.

8-2 Irene.

8-3 Lauro.

8-4 Eugenio.

8-5 Inah.

- 7-5 Gabriella Branco de Azevedo, casada com José Narcizo de Azevedo, filho do Capitão Narcizo Pereira de Azevedo, já falecido, e de sua mulher Anna Vianna de Azevedo.

## Teve:

8-1 Sebastião.

8-2 José Maria.

- 7-6 Henriquetta Branco.

- 7-7 Ondina Branco, foi casada com Pedro Schamber.

## Teve:

8-1 Pedro Gabriel.

8-2 Maria de Lourdes.

- 7-8 Nair Branco de Araujo, casada com Ovidio Saldanha de Araujo.

- 7-9 Dalka Branco Conforto, casada com Julio Conforto.

## Teve:

8-1 Maria Jacy.

- 7-10 Jacyra Branco, faleceu em plena mocidade, solteira.

- 7-11 Maria da Luz.

- 5-2 Maria Mathilde de Andrade, casada em Curityba a 16 de Março de 1819 com José de Almeida Lara, filho de Jeronymo Paes de Almeida e de sua mulher Anna Maria de Oliveira Rosa, natural de Sorocaba.

- 3-5 Anna Maria dos Santos, nascida em 1864 em Penafiel, casada com Manoel José Barbosa, falecido aos 40 annos de idade, filho de Antonio Barbosa e de sua mulher Quiteria Maria de Azevedo, natural de Penafiel. Neto pela parte paterna de Manoel Barbosa, natural de Agilde, Braga, e de sua mulher Francisca Mendes; neto pela parte materna de Gabriel de Azevedo e de sua mulher Cecilia de Souza.

Teve 5 filhos: (C. O. de Curityba — Inventario de 1800.)

- 4-1 Libania Maria de Lima, baptisada a 4 de Setembro de 1798, casada com José Ferreira da Cruz.

- 4-2 Francisco dos Santos Barbosa, baptisado a 29 de Julho de 1795.

- 4-3 Anastacio dos Santos Barbosa, baptisado a 13 de Novembro de 1792.

- 4-4 Maria Angelica de Lima, baptisada a 24 de Fevereiro de 1788, casada em Curityba a 9 de Fe-



vereiro de 1803 com Joaquim Francisco Corrêa, filho de João Francisco Corrêa e de sua mulher Anna Maria da Luz; por esta, neto de Matheus Corrêa Simões e de sua mulher Maria Muniz da Camara; por esta, bisneto do Sargento-mór Simão Gonçalves de Andrade e de sua mulher Escolastica Soares do Valle.

- 4-5 Joanna Maria de Lima, baptisada a 1.º de Julho de 1785, casada com o Capitão Antonio da Rocha Loures, filho do Capitão João da Rocha Loures e de sua mulher Anna Ferreira de Oliveira. Neto pela parte paterna do Capitão Antonio João da Costa e de sua mulher Maria da Rocha de Jesus, falecida com testamento em São José dos Pinhães, em Agosto de 1783; por esta, bisneto de João Carvalho de Assumpção e de sua mulher Maria Bueno da Rocha.

Teve:

- 5-1 Maria Francisca da Rocha, casada com seu primo o Capitão João Carvalho de Assumpção, que supponho ser descendente, talvez neto de outro de igual nome, que, por escriptura de 13 de Setembro de 1729, vendeu ao Vigario de Paranguá, Reverendissimo Christovão da Costa Oliveira, e ao irmão deste, Padre Estevão de Oliveira Rosa, as lavras velhas do Arraial Grande com o serviço de aguas a talho aberto e terras de mineração de ouro, e que em 1750 vendeu as terras de «Goramiringuava», desde o Ribeirão de Goramiringuava-Mirim até o Saracura, ao Capitão Antonio João da Costa, que era casado com Maria da Rocha de Jesus, e falleceu a 26 de Março de 1761.

O Capitão João Carvalho de Assumpção, casado com Maria Francisca da Rocha, foi inventariante de seu sogro Capitão Antonio da Rocha Loures, fallecido a 20 de Fevereiro de 1849. Ha um interregno de 100 annos entre a existencia dos dous Capitães — João Carvalho de Assumpção. O casado com Maria Bueno da Rocha, irmã de Amador Bueno da Rocha, teve um filho

de nome João, porem, João Mathias; eis porque julgamos neto e não filho do precedente.

Teve:

- 6-1 Gertrudes Maria de Andrade, casada com Francisco Alves da Rocha, filho de Francisco Alves Cardoso, natural de São José dos Pinhães, onde possuía a fazenda da «Cotia», e de sua mulher Maria Carvalho da Rocha. Neto pela parte paterna de Francisco Antonio Moreira, natural de Portugal.

Teve:

- 7-1 Pedro Alves da Rocha Loures, casado com Francisca de Paula França, filha de Francisco de Paula Camargo e de sua mulher Rita Rosa de França; neta pela parte paterna do Tenente Antonio Joaquim de Camargo e de sua mulher Mathilde Umbelina da Gloria; neta pela parte materna do Capitão Simão José Gonçalves de Andrade e de sua mulher Rosa Alexandrina da Cruz Lima, 4-4 de 3-4 de 2-2, retro.

Ahi os ascendentes.

Filhos:

- 8-1 Lydia Alves da Rocha, solteira.

- 8-2 Francisco Solano Alves de Camargo, casado com Porcina Mendes de Camargo, filha de Ponciano Mendes de Araujo e de sua mulher Maria Mendes de Camargo, 7-2 de 6-5, § 6.º

Ahi a geração.

- 8-3 Dr. Affonso Alves de Camargo, casado com Etelvina Pinto Rebello, filha do Coronel José Pinto Rebello e de sua mulher Francisca da Luz Santos, 7-3 de 6-5, § 6.º, retro, desta obra.

Ahi os descendentes.

- 8-4 Marinho Alves de Camargo.

- 8-5 Hercilia Alves de Oliveira, casada com Trajano de Oliveira Silverio, filho de João Baptista de Oliveira Silverio e de sua mulher Claudina de Abreu, 7-4 de 6-5, § 6.º, retro, desta obra.



Ahi a geração.

- 8-6 Maria de Jesus Alves Baraúna, casada com o Dr. Romualdo Antonio Baraúna, filho de Antonio V. Baraúna e de sua mulher Maria Joaquina Baraúna, 7-5 de 6-5, § 6.º, retro, desta obra.

Ahi os descendentes.

- 8-7 Dr. Marins Alves de Camargo, casado com sua prima Alcina Alves de Camargo, filha de Francisco de Paula Camargo e de sua mulher Maria Francisca Camargo; neta pela parte paterna de Francisco de Paula Camargo e de sua mulher Maria Rosa França; neta pelo lado materno de Lucio Mendes de Almeida Sampaio e de sua mulher Maria Thereza de Sá Camargo, 7-6 de 6-5, § 6.º, retro, desta obra.

Ahi os seus descendentes.

- 8-8 Amasilia Coletta Alves Cavalcante, casada com o Dr. Eudoro Cavalcante de Albuquerque, advogado, 7-7 de 6-5, § 6.º, retro, desta obra.

Ahi a geração.

- 7-2 Joaquim Alves da Rocha Loures Jacques, casado com Maria Joaquina Ribas da Rocha Loures, falecida na cidade de Ponta Grossa.

Teve:

- 8-1 Osorio Alves da Rocha, casado com sua prima Ottilia Alves de Camargo, filha de Miguel de Camargo Ribas e de sua mulher Graciana Alves da Rocha Ribas.

Teve:

- 9-1 Maria da Conceição.  
9-2 Nair.  
9-3 Eleonora.  
9-4 Ondina.

- 8-2 Herminia.

- 8-3 Mathilde.

- 7-3 Diogo Alves da Rocha Loures, casado com Maria Theodora de Siqueira, filha de Domingos de Siqueira Cortes e de sua mulher Francisca de Siqueira Cortes. Sem geração.

- 7-4 Candido Alves da Rocha Loures, casado com Zefe-

rina de França Loures, filha do Coronel Domingos Ferreira da Rocha Loures e de sua mulher Laura de França Loures.

Filhos:

- 8-1 Francisco de França Loures, solteiro.

- 8-2 Manoel Alves da Rocha Loures, casado com Izabel Lacerda Loures, filha de José Tavares de Miranda Lacerda e de sua mulher Maria de Lacerda Roseira, filha do Major Firmino Roseira.

Filhos:

- 9-1 Maria Rosa.

- 9-2 Zeferina.

- 9-3 José.

- 9-4 João.

- 9-5 Sebastião.

- 9-6 Romualdo.

- 9-7 . . . .

- 8-3 José Alves Loures, casado com Alzira Saldanha Loures, filha de Francisco Loures de Almeida França e de sua mulher Mercedes Saldanha.

Filha:

- 9-1 Maria.

- 8-4 Abel Alves Loures, casado com Anna Pereira Loures, filha de Laurindo Pereira e de sua mulher Francisca de França Pereira.

Filha:

- 9-1 Zayra.

- 8-5 Sebastião Alves Loures, casada com Amalia Marcondes, filha de Manoel Norberto Cordeiro.

Filhos:

- 9-1 Duarte.

- 9-2 Odette.

- 9-3 . . . .

- 8-6 Maria Alves Loures, casada com Benedicto Carias.

- 8-7 Laura Alves Bastos, casada com Trajano de Paula Bastos, filho de Virgilio de Paula Bastos e de sua mulher Narciza Marcondes Bastos.

Teve:

- 9-1 Sebastião.

- 9-2 João Baptista.



- 9-3 . . . . .  
9-4 . . . . .
- 7-5 Lourenço de Carvalhaes da Rocha, casado com Candida Alves de Carvalho Rocha, falecida, filha de Antonio de Carvalho e de sua mulher Maria Rita Prestes de Carvalho.  
Filhos:  
8-1 Maria Alves da Rocha Taques, casada com seu primo Feliciano de Macedo Taques, filho de Olympio de Macedo Taques e de sua mulher Gertrudes Alves da Rocha Taques, 8-1 de 7-11, adiante.  
8-2 Rodolpho Prestes da Rocha, casado com Maria Prestes de Almeida, filha de Antonio Prestes de Carvalho.  
Teve:  
9-1 . . . . .  
9-2 . . . . .  
9-3 . . . . .
- 8-3 Porcina Alves da Rocha Taques, casada com Napoleão Pereira.  
Teve:  
9-1 Maria.  
9-2 Porcina.
- 8-4 Francisco Alves da Rocha Taques, casado com Maria Prestes de Almeida.
- 8-5 Dolores Alves da Rocha Taques, casada com Napoleão de França Pereira, filho de Laurindo Pereira e de sua mulher Francisca de França Pereira.  
Teve:  
9-1 Antonio.  
9-2 Palmira.  
9-3 Laurindo.
- 7-6 Francisco Alves da Rocha Loures, casado com sua tia Maria Rosa Alves da Rocha.  
Sem descendentes.
- 7-7 Maria Francisca das Chagas, casada com Antonio das Chagas e Oliveira, falecido.  
Sem geração.

- 7-8 Jesuino Alves da Rocha Loures, casado com Francisca Ferreira de Siqueira, filha de João Ferreira dos Santos e de sua mulher Emiliana Ferreira de Siqueira.  
Filhos:  
8-1 Dr. Sylvano Alves da Rocha, agrônomo, casado.  
8-2 Maria Alves da Rocha, casada.  
8-3 Dr. Annibal Alves da Rocha Loures, medico.  
8-4 Dr. João Alves da Rocha Loures, advogado.  
8-5 Aurora Alves da Rocha Loures, casada.  
8-6 Semiramis Alves da Rocha Loures.  
8-7 Josino Alves da Rocha Loures.  
8-8 Maria da Conceição Loures.
- 7-9 Francisca Alves Milla, casada com Vicente Antonio Milla, natural da Italia.  
Teve:  
8-1 Maria Angela Milla de Siqueira, casada com Luiz Lustoza de Siqueira, filho do Coronel Pedro Lustoza de Siqueira e de sua mulher Anna de Siqueira.  
Teve:  
9-1 Analia.  
9-2 Maria de Siqueira Cordeiro, casada com Alcides Cordeiro.  
9-3 Antonio.  
9-4 . . . . .
- 8-2 Josephina Milla de França, casada com Hilario de França, filho de . . . . .  
e de sua mulher Anna Rosa de França.  
Teve:  
9-1 Oswaldo.  
9-2 Antonio.  
9-3 José.
- 8-3 Helia Milla dos Santos, casada com Annibal Ferreira de Siqueira, filho de João Ferreira dos Santos e de sua mulher Emiliana de Siqueira.  
Teve:  
9-1 Ondina.  
9-2 Maria da Luz.  
9-3 Alceu.



- 9-4 Acyr.
- 8-4 Paschoalina Milla, casada com Henrique de Oliveira.  
Teve:  
9-1 Aroldo.
- 8-5 Vicente, falecido.
- 8-6 Gustavo Milla, casado com Izabel Fonseca.  
Teve:  
9-1 Rivadavia.  
9-2 Nair.  
9-3 Moacyr.
- 8-7 Angelica Milla, casada com Alcindo Virmond de Queiroz, filho do fazendeiro Ernesto de Queiroz.  
Teve:  
9-1 Alda.  
9-2 Alpheu.  
9-3 Heros.
- 8-8 Carlota, falecida.
- 7-10 Porcina Alves da Rocha Taques, falecida, casada com Manoel de Macedo Taques, filho do Capitão Francisco de Macedo Taques e de sua mulher Delfina da Cruz Taques, filha do Major Cruz.  
Teve:  
8-1 Francisco de Macedo Taques, casado com Balbina Ferreira Guimarães.  
Filhos:  
9-1 José.  
9-2 Orvalina.
- 8-2 Alcides de Macedo Taques.
- 8-3 Ubaldino de Macedo Taques, casado com Julia F. Guimarães.
- 7-11 Gertrudes Alves da Rocha Taques, casada com Olympio de Macedo Taques, filho do Capitão Francisco de Macedo Taques e de sua mulher Delfina da Cruz Taques, filha do Major Cruz.  
Teve:  
8-1 Feliciano Macedo Taques, casado com sua prima Maria Alves da Rocha Taques, 8-1 de 7-5, retro.  
8-2 Sergio de Oliveira Taques, casado com Anna Joaquina Loures Taques, filha de Antonio da

- Rocha Loures Villaça e de sua mulher Anna Luiza do Amaral Loures, filha do Coronel Zacharias Caetano do Amaral e de sua mulher Anna Joaquina do Amaral.  
Filhos:  
9-1 Anna Luiza.  
9-2 Ely.  
9-3 Maria de Jesus.  
9-4 Herminia.  
9-5 Antonio.  
9-6 Agnor.
- 8-3 Maria Taques Ferreira, casada com João Ferreira dos Santos, filho de João Ferreira dos Santos e de sua mulher Emiliana de Siqueira.  
Teve:  
9-1 Oswaldo.  
9-2 Sarah.  
9-3 Maria da Luz.  
9-4 Alcina.  
9-5 Antonio.  
9-6 Sebastiana.
- 8-4 Analia Taques Danguy, casada com Joaquim Danguy, filho de José Danguy.  
Teve:  
9-1 Maria da Luz.  
9-2 Antonio.
- 7-12 Graciliana Alves da Rocha Ribas, casada com Miguel de Camargo Ribas, natural de Ponta Grossa.  
Teve:  
8-1 Anna Candida Ribas Maciel, casada com Domingos Ferreira Maciel, filho de Domingos Ferreira Maciel e de sua mulher Gertrudes de Siqueira Maciel.  
Teve:  
9-1 Nincia.  
9-2 Ovidio.  
9-3 Dalwina.  
9-4 Sebastião.  
9-5 Evanira, gêmea com  
9-6 Antonio.



- 9-7 Lourival.  
 9-8 Lirina, gêmea com Lourival.  
 8-2 Dulcídio de Camargo Ribas, casado com Níncia da Conceição Maciel, filha de Domingos Ferreira Maciel e de sua mulher Gertrudes de Siqueira Maciel.  
 Teve:  
 9-1 Sylvio.  
 9-2 Rivadavia, falecido.  
 9-3 Domingos.  
 9-4 Leonidas.  
 9-5 Rivadavia.  
 9-6 Dalva.  
 9-7 Agenor.  
 9-8 Inah.  
 8-3 Zelinda Ribas Maciel, casada com Elias Ferreira Maciel, filho de Domingos Ferreira Maciel e de sua mulher Gertrudes de Siqueira Maciel.  
 Teve:  
 9-1 João.  
 9-2 Domingos.  
 9-3 Maria da Conceição.  
 9-4 Sebastião.  
 9-5 Tancredo.  
 9-6 Affonso.  
 8-4 Candido de Camargo Ribas, casado com Anna Lustoza de Siqueira, filha de Theodoro de Siqueira Cortes e de sua mulher Balbina Francisca Lustoza de Siqueira.  
 Filhos:  
 9-1 Ocalina.  
 9-2 Antenor.  
 9-3 Agenor.  
 9-4 Cenira.  
 8-5 Othília Ribas da Rocha, casada com seu primo Ozório Alves da Rocha, 8-1 de 7-2, retro.  
 Ahi a descendência.  
 8-6 Antonio Ribas da Rocha, casado com Maria Cecília, filha de Theodoro de Siqueira e de sua mulher Balbina Lustoza de Siqueira.  
 Filhos:

- 9-1 Balbina.  
 9-2 . . . . .  
 8-7 Maria da Luz Danguy, casada com Antonio Danguy, filho de José Danguy.  
 Teve:  
 9-1 João.  
 8-8 João Ribas da Rocha, casado com Francisca Siqueira da Rocha, filha de Theodoro de Siqueira e de sua mulher Balbina Lustoza de Siqueira.  
 Teve:  
 9-1 Jurema.  
 8-9 Raul Ribas da Rocha, casado com Francisca Santos da Rocha, filha de Diogo Ferreira dos Santos e de sua mulher Maria Lustoza Danguy, fazendeiros em Palmas.  
 Teve:  
 9-1 Francisca.  
 8-10 Francisco Ribas da Rocha, casado com Gertrudes Ferreira de Siqueira, filha de Antonio Honorato de Siqueira e de sua mulher Balbina Ferreira de Siqueira.  
 8-11 Oscar Ribas da Rocha.  
 8-12 Brásio Ribas da Rocha.  
 8-13 Domingos Ribas da Rocha.  
 5-2 Gertrudes Escolástica Ferreira.  
 5-3 Brigadeiro Francisco Ferreira da Rocha Loures, foi casado com Laura Rosa de França. Foi um dos sertanistas de mais intrepidez e valor da antiga Província. Desbravou os sertões Paranaenses em todas as direcções, principalmente nas terras das Comarcas de Guarapuava e Palmas.  
 Em Março de 1857, explorou os cursos dos



rios que desaguam no Rio Paraná, procurando a melhor via de navegabilidade para Matto Grosso, opinando pelo curso do rio Ivaíhy como o mais franco á navegação.

Já em 1842, a frente de 60 homens, procurou os sertões de Payquerê em procura de campos de criar, attingindo o Guahyra.

Apresentou ao Governo importante relatório de suas explorações, e da descoberta da maravilhosa — «Catadupa do Rio dos Patos» — já conhecida de seus antepassados.

Em 1857, dirigio os trabalhos de estradas de Guarapuava á Missões, á Palmas e á Goyo-En, tendo promovido as relações de amizade entre os Caciques Veri e Condá, com o fim de, por seus intermedios, attrahir os indigenas de Porto da União á civilização.

Em Officio de 5 de Novembro de 1856, o Presidente da Provincia solicitou do Brigadeiro Loures providencias no sentido de ser empregado os meios de attrahir aos aldeamentos de que se achava encarregado o Barão de Antonina, os indios Caiuás, que vagueavam pelas margens do Ivinheima.

Foi Collector das rendas de Guarapuava, onde foi Presidente da Camara em 1856.

Foi nomeado por Decreto Imperial de 9 de Maio de 1855, para Director Geral dos Indios do Paraná, (cargo que lhe deu as honras de Brigadeiro) em substituição ao Coronel Manoel Ignacio do Canto e Silva, que pedio exoneração.

O Brigadeiro Francisco Ferreira da Rocha Loures, na qualidade de Director Geral dos Indios, apresentou em 13 de Fevereiro de 1864, o seguinte plano da fundação do Aldeamento do Chagú e catechese de Guarapuava:

« . . . . acho que não se deve esperar para o povoamento dos nossos sertões pelo bra-

ço do estrangeiro, convindo antes a organização de solido systema de colonização e catechese. O indigena, é o braço desoccupado tornado util e proveitoso pela bôa orientação do Governo. Tendo a dupla vantagem de retirar-se de sua vida errante e indolente, que o leva ao crime, e de habilitar-os á cultura da terra, á educação de seus filhos, creando-os com amor ao solo e ao trabalho.

« . . . . propõe que se faça o aldeamento do indio sob a administração de um Director compenetrado dos seus deveres, e imbuido da idéa de que vai dirigir individuos ignorantes dos nossos progressos e da nossa civilização. Devendo suscitar entre elles a emulação, sem castigos. Bastará o conselho e a persuasão. Ha errante, uma população indigena de cerca de 400 indios catechizados. O Chagú é o local ideal para o primeiro nucleo, pela sua condição de fertilidade do solo, do clima admiravel e facilidade de vias de transportes terrestres e fluviaes.

« . . . . julgo que o Director deve ser um Official reformado do exercito, com uma guarnição militar composta de forças regulares e uma Companhia de naturaes do lugar, indios mansos, com seus officiaes proprios e commandada esta, pelo Cacique, ás ordens do Director da colonia. Deverão ter fardamentos vistosos. Os soldados se occuparão da abertura de estradas, percebendo soldos. Os indios aldeados se occuparão da lavoura e, diligencia de novas catecheses, em commum. O producto da lavoura e industria indigena, será vendido como indemnização ás despezas da colonia e o restante pertencerá ao colono. Escolas, officinas, diversões, muzicas, engenho, etc. O Governo



mandará medir e demarcar as terras e dividi-las aos colonos indigenas, edificando as casas á cada familia.»

Sendo Capitão, foi a 2 de Abril de 1864, nomeado Tenente Coronel Chefe do Estado Maior do Commando da Guarda Nacional de Guarapuava.

Em 1.º de Agosto de 1863, o Brigadeiro Loures em Officio dirigido ao Ministro da Agricultura mostrou o erro do abandono do serviço de catechese e extincção do Aldeamento do Chagú e outros, que vem atirar ao abandono mais de 300 indios que hoje vagueam sem direcção, depois de terem procurado a civilisação.

O Presidente da Provincia, em Officio de 23 de Maio de 1864, fez ver ao Governo Imperial que o Brigadeiro Loures ha muitos annos se achava dirigindo os trabalhos de abertura da estrada geral que de Ponta Grossa se dirige ao Rio Grande do Sul, sem remuneração de qualquer especie.

Faz ver os trabalhos, incommodos e serviços relevantes que elle presta nessa missão, na qual se vê na contingencia de fazer despesas de seu bolso.

Pede uma modica gratificação por esse motivo. Por Acto de 3 de Agosto de 1864, foi pelo Ministro da Agricultura fixada uma gratificação de 1:800\$000 para o Director Geral dos Indios, o Brigadeiro Loures.

Em Fevereiro de 1868, era Inspector da Estrada que de Ponta Grossa se dirigia para Guarapuava e d'ahi ao Rio Iguassú e deste a Goyo-En.

Falleceu o Brigadeiro Loures, em Guarapuava, a 16 de Janeiro de 1871, cercado sempre da consideração e respeito a que fez júz, pelas suas altas qualidades moraes e inestimaveis serviços prestados ao Paraná.

#### Filhos:

- 6-1 Antonio da Rocha de França Loures, casado com Alexandrina França da Rocha.
- 6-2 Maria de França Camargo Loures de Barros, casada com Bento de Camargo Barros, fallecido a 31 de Outubro de 1862, victimado por um raio.
- 6-3 Zeferina de França Loures, casada com Candido Alves da Rocha Loures.
- 6-4 Manoel da Rocha Loures, fallecido, foi casado com Gertrudes de Camargo Barros.
- 6-5 Francisca Ferreira de Lacerda, casada com o Coronel Joaquim Tavares de Lacerda.
- 5-4 Rosa Delfina Ferreira, casada com Benedicto M. Sampaio.
- 5-5 Escolastica Ferreira da Rocha.
- 5-6 Joaquina Ferreira da Rocha, casada com Benjamin Simões de Oliveira.
- 5-7 João Cypriano da Rocha Loures.
- 3-6 Gertrudes Maria Gonçalves dos Santos, casada em Curityba a 25 de Novembro de 1771 com José Bernardino de Souza, filho de Agostinho José de Souza e de sua mulher Maria de Jesus, naturaes de S. Martinho de Ladario.
- 3-7 Maria Francisca de Lima, casada em primeiras nupcias em Curityba a 5 de Julho de 1766 com José Nabo de Medeiros, natural de Nossa Senhora do Pilar, filho de Luiz Gomes da Silva, natural da Ilha da Madeira, e de sua mulher Angela Correia, natural de Paranaguá. Neto pela parte paterna de Luiz Gomes de Medeiros e de sua mulher Domingas da Silva; neto pela parte materna de Thomé Nabo de Medeiros, natural do Rio de Janeiro, e de sua mulher Maria Vaz de Castro, natural de São Paulo. Casada em segundas nupcias em Curityba a 7 de Outubro de 1781 com Miguel Quirino de Carvalho, natural de Portugal, fallecido a 23 de Julho de 1789,



filho de Manoel Carvalho de Corredor e de sua mulher Maria Benitta, naturaes de Portugal.

Teve do primeiro matrimonio:

- 4-1 Victoriana Maria de Lima, natural de Antonina, casada em Curityba a 19 de Fevereiro de 1787, com o Sargento-mór Francisco de Paula Xavier Bueno, natural de Curityba, filho do Sargento-mór Francisco Xavier Pinto, do qual trataremos em outro lugar desta obra, dando a biographia e ascendentes, e de sua mulher Rita Ferreira Bueno, natural de Santos.

Teve:

- 5-1 Francisco de Paula Lima Bueno, casado em Curityba a 10 de Fevereiro de 1813 com Gertrudes Alves de Araujo, filha de Antonio Alves de Araujo, fallecido a 3 de Janeiro de 1833 em Curityba, em estado de casado com Francisca Clara das Chagas. Neta pela parte paterna de Sebastião Alves de Araujo, nascido em Curityba a 20 de Novembro de 1725 e fallecido a 25 de Setembro de 1796, e de sua segunda mulher Quiteria da Silva Pinheiro, com quem casou em Curityba a 13 de Setembro de 1757; por esta, bisneta de João da Silva Pinheiro e de sua mulher Ignacia Gonçalves de Aguiar. Por seu avô Sebastião Alvares de Araujo era bisneta de Gabriel Alvares de Araujo, da governança de Curityba desde antes de 1706, fallecido em São José dos Pinhães a 24 de Dezembro de 1726, e de sua mulher Catharina Martins de Souto (ou de Faria), natural de Curityba, nascida em 1694 e fallecida a 14 de Abril de 1764, filha de João Alves Martins e de sua mulher Maria de Souto, filha de Manoel de Faria e de sua mulher Anna Martins, naturaes da Ilha de S. Sebastião. Com descendentes em Título Xavier Pinto, do 4.º volume desta obra.

- 5-2 Anna Xavier Bueno, casada a 11 de Fevereiro de 1813 com o Sargento-mór José de Andrade Pereira, filho de Manoel de Andrade Pereira e de sua mulher Maria Custodia de Barros, 4-2 de 3-3 de 2-2, do § 2.º, Capitulo 5.º, deste Título. Ahi a geração.

- 5-3 João de Paula Xavier, casado com Victoriana Xavier. Com descendentes no Título Xavier Pinto, 4.º volume desta obra.

- 5-4 Rosa de Paula Xavier, com 20 annos em 1826, casada a 24 de Abril de 1827 em S. José dos Pinhães com o Alferes Francisco Ignacio de Andrade, filho de Francisco Ignacio de Andrade e de sua mulher Francisca do Rosario Costa.

- 5-5 José de Paula Xavier, com 25 annos de idade em 1826.

- 5-6 Antonia da Trindade Bueno, casada a 29 de Abril de 1828 com João Pereira de Andrade, filho de Manoel Pereira de Andrade e de sua mulher Escolastica Maria de Lima. Neto pela parte paterna de José Pereira e de sua mulher Maria Vaz de Andrade, 3-1 de 2-2, do § 1.º, do Capitulo 2.º, do Título Rodrigues Seixas. Neto pela parte materna de Miguel Quirino de Carvalho e de sua mulher Maria Francisca de Lima, 3-7.

- 5-7 Dina de Paula Xavier, casada com 14 annos, a 9 de Abril de 1831, com Hermenegildo Alves de Araujo, filho de Antonio Alves de Araujo e de sua mulher Francisca Clara das Chagas.

Teve:

- 6-1 Maria Angelica, casada com o Coronel Domingos Ignacio de Araujo Marcondes, filho de Verissimo Ignacio de Araujo, 5-6 de 4-12 de 3-3 de 2-8 de 1-2, do Capitulo 2.º, do Título Rodrigues França.

Ahi a geração.

- 6-2 Lauriana de Paula Ribas, casada com Verissimo Marcondes, filho de 6-1 de 5-7, acima.

- 6-3 Laurinda de Paula Ribas, casada com Joaquim Mariano de Sá Ribas, filho de Serafim de Oliveira Ribas e de sua mulher Mariana de Siqueira Moraes.



Teve:

- 7-1 Cesina de Paula Xavier, casada com Diogo França de Camargo, filho de Francisco de Paula Camargo e de sua mulher Rita de França Camargo. Neto pela parte paterna de Antonio Joaquim de Camargo e de sua mulher Mathilde Umbelina; neto pela parte materna do Capitão Simão José Gonçalves de Andrade e de sua mulher Rosa Alexandrina da Cruz França. Teve 10 filhos já descriptos em 6-11 de 5-1, retro.
- 7-2 Deocleciano de Sá Ribas, casado em primeiras nupcias com Maria Joanna Faria, e em segundas nupcias com Francisca de Macedo Ribas. Do primeiro matrimonio teve:
- 8-1 Darwina.
  - 8-2 Edelmira.
  - 8-3 Araldina.
  - 8-4 Maria Joanna.
- Do segundo matrimonio teve só um filho, já falecido.
- 7-3 Domingos de Camargo Ribas, falecido.
- 7-4 Ignez de Paula Marcondes, casada com Hermenegildo Alves Marcondes, filho de Verissimo Ignacio Araujo. Teve:
- 8-1 Olegario Ribas de Paula Marcondes, casado com Rosa Lustoza de Barros, filha do Comendador Antonio de Barros e de sua mulher Escolastica Lustoza de Barros. Sem descendentes.
  - 8-2 Emilia Ribas Ramos, casada com Jacqueline Ferreira Ramos. Teve:
    - 9-1 Elpidio.
    - 9-2 Laurinda.
    - 9-3 Plinio.
    - 9-4 Alba Marcondes Wanderley, casada com Elzinio Mauricio Wanderley. Teve:

10-1 Alcidenira.

- 8-3 Ernesto Lacrose Marcondes, casado com Araldina de Faria Ribas. Filhos:
- 9-1 Mario.
  - 9-2 Maria.
  - 9-3 Marcia.
  - 9-4 Moacyr.
- 8-4 Garmendio de Paula Ribas, casado com Paulina Ribas. Sem geração.
- 8-5 Maria Rosa Marcondes Wischral, casada a 28 de Junho de 1925 com João Henrique Wischral.
- 8-6 João Maria Marcondes.
- 7-5 Maria da Gloria de Oliveira Ribas, casada com Jorge de Oliveira Silveira. Teve:
- 8-1 Laurinda.
  - 8-2 Mercedes.
  - 8-3 Magdalena.
- 7-6 Serafim de Oliveira Ribas, casado com Maria Belem Loures Ribas, filha de Antonio da Rocha Loures e de sua mulher Joanna Maria de Lima. Filhos:
- 8-1 Rutilio.
  - 8-2 Judith.
  - 8-3 Londina.
- 7-7 Coriolano de Sá Ribas, casado com Maria Rosa de Lacerda Ribas. Sem filhos.
- 5-8 Maria de Paula Xavier Bueno, casada com o Capitão Ricardo José Taborda, filho do Capitão Manoel José de Borba Ribas e de sua mulher Maria Rita de Lima. Teve:
- 6-1 Maria, nascida em 1825, falecida em criança.
- 5-9 Rita de Paula Xavier, casada em primeiras nupcias a 18 de Outubro de 1813, com Francisco Alves de Araujo, falecido em 30 de Maio de 1827, filho de



Antonio Alves de Araujo e de sua mulhe Francisca Clara das Chagas; por morte de seu marido, se casou segunda vez, antes de 17 de Outubro de 1827, com Francisco Telles do Prado. (C. O. de Curityba.) Teve do primeiro matrimonio:

6-1 Anna Joaquina de Araujo, casada em Curityba a 12 de Abril de 1842 com Jacintho Leme do Prado, filho de Fortunato Leme do Prado e de sua mulher Maria Gregoria da Silva. Com ascendentes e descendentes em outro volume desta Obra.

6-2 Iria de Paula Araujo, nascida em 1824 e casada em Curityba a 3 de Maio de 1842 com Joaquim José de Freitas Saldanha, filho de Antonio José de Freitas Saldanha e de sua mulher Anna Maria de Jesus. Com ascendentes e descendentes em outro volume desta Obra.

6-3 Maria, falecida com 2 annos, a 26 de Outubro de 1830.

Do segundo matrimonio não conhecemos a descendencia.

5-10 Miguel de Paula Xavier, casado na Lapa, a 31 de Janeiro de 1826 com Joaquina Antonia do Nascimento, filha de Joaquim Antonio de Albuquerque e de sua mulher Maria do Nascimento.

Filhos (por informações):

6-1 Rita de Paula, nascida a 31 de Agosto de 1837.

6-2 Luiza de Paula, nascida a 19 de Fevereiro de 1828.

6-3 Gertrudes de Paula Xavier de Almeida, casada com Fortunato José de Almeida <sup>(1)</sup>, de quem parece que foi a segunda mulher.

<sup>(1)</sup> Fortunato José de Almeida, com . . . . .

Teve os seguintes filhos:

1) Severo José de Almeida, casado com Francisca de Paula Xavier Frade.

Filhos:

a) Leopoldo de Almeida, casado com Raulina Pitta.

b) Cor-nel Alfredo de Almeida, casado com Maria Grein

c) Heleodoro de Almeida, casado com Guilhermina Bacellar.

d) Walfrido de Almeida, casado com Florisbella Machado.

e) Severo de Almeida, casado com Severiana Maia.

f) Nivaldo de Almeida, casado com Frida Didrich.

g) Argemiro de Almeida, casado com Cacilda Moreira.

Teve (por informações):

7-1 Francisca de Almeida, casada com Francisco Fidelis de Paula. Com ascendentes e descendentes em Titulo Xavier Pinto, no 4.º volume d'esta Obra.

7-2 Maria da Conceição, casada com seu tio Fidelis de Paula Xavier, 6-6 de 5-10, adiante. Com ascendentes e descendentes em Titulo Xavier Pinto, no 4.º volume desta Obra.

7-3 Adelia de Paula Almeida Correia, casada a 5 de Fevereiro de 1890 com o Coronel Antonio José Correia (Tóta Correia), filho do Tenente Coronel Miguel José Correia, nascido em 8 de Maio de 1823 e fallecido a 6 de Maio de 1893 e de sua primeira mulher Josepha Maria Pereira Correia, com quem foi casado em São Paulo a 1.º de Março de 1845. Com ascendencia e descendencia em Titulo Teixeira Coelho, no 4.º volume desta Obra.

7-4 Elisa de Paula Almeida, casada com Ernesto de Paula Xavier. Com ascendencia e descendencia em Titulo Xavier Pinto, no 4.º volume d'esta Obra.

6-4 Major Joaquim de Paula Xavier, fallecido em 1867, casado com Josepha Maria da Luz Xavier, filha de Francisco Therezio Porto e de Rita Therezio. Com

h) Francisca de Almeida, casada com Ermelino Becker.

i) Alice de Almeida, casada com Manoel Pacheco.

j) Analia de Almeida, casada com Joaquim Pinto Ribeiro.

k) Nabyr de Almeida, casada com Narcizo Jayme Braz

l) Maria Olivia de Almeida, solteira

m) Nathalia de Almeida, casada com Francisco Vian.

2) Fortunato de Almeida Filho, casado com Francelina Saboia de Almeida, fallecida em Abril de 1926.

Filhos:

a) José Saboia Cortes

b) Aldina Cordeiro Cortes.

c) Alcino Cordeiro Cortes

d) Afranio Cordeiro Cortes.

e) Napoleão Cortes.

f) Abigail Cortes.

g) Marieta Cortes

3) Lydia de Almeida, casada em primeiras nupcias com Victor Pinho Ribas e em segundas nupcias com José Pereira Linhares Filho.

4) Marinha de Almeida Linhares, casada com Antonio Pereira Linhares.



ascendentes em Título Pereira Braga, no 4.º volume desta Obra.

Teve:

7-1 Dr. Francisco Therezio Porto, nascido na Lapa a 9 de Agosto de 1849, engenheiro civil, formado em 1875. Foi director do serviço da colonização russa, engenheiro das obras publicas da Provincia e deputado provincial. Poeta e prosador primoroso, se casou a 2 de Fevereiro de 1877 com Rita Westphalen, filha de Eugenio Westphalen, natural de Berlim, onde nasceu a 3 de Janeiro de 1800. Este veio para o Brasil em 1824, embarcando em Hamburgo, a 17 de Outubro desse mesmo anno. A 4 de Abril aportou a Bahia, onde residiu até 1.º de Junho de 1830, quando embarcou para o Rio de Janeiro, passando d'ahi a residir na Lapa, onde veio a fallecer em 1891.

Filhos:

8-1 Euridice Westphalen Porto, casada com Mario Lopes.

8-2 Honorina Westphalen Porto.

8-3 Eurico Westphalen Porto.

8-4 Elvira Westphalen Porto.

8-5 Josepha Westphalen Porto Virmond, casada com Ovidio Virmond.

7-2 Dr. Joaquim de Paula Xavier, distinctissimo e humanitario medico de reputação firmada, residiu em Ponta Grossa, onde falleceu. Casou-se com Carolina Cunha Braga, filha do abastado commerciante da Lapa, João Manoel da Silva Braga e de sua mulher Francisca Luiza da Cunha; por esta, neta do Commendador Manoel Antonio da Cunha, natural de Portugal, e de sua mulher Joaquina Teixeira Coelho, dos quaes trataremos em outro Título desta obra.

Teve os seguintes filhos:

8-1 Raul Braga de Paula Xavier, fazendeiro em Ponta Grossa, casado com Leonysia Taques.  
Sem filhos.

8-2 Maria Luiza Xavier Machado, casada com o Pharmaceutico Ismael Machado.

Sem filhos.

8-3 João Braga de Paula Xavier, guarda-livros em Ponta Grossa, casado com Luzita Martins.  
Sem filhos.

8-4 Theresio Braga de Paula Xavier.

8-5 Palmyra Braga de Paula Xavier.

8-6 Miguel Braga de Paula Xavier.

8-7 Olympio Braga de Paula Xavier.

8-8 Joaquim Braga de Paula Xavier.

7-3 Miguel de Paula Xavier, casado com Josepha de Paula Almeida Xavier.

Filhos:

8-1 Ernesto de Paula Xavier, casado com Elisa de Paula Almeida, 7-4 de 6-1, retro.

8-2 Lucilia de Paula Xavier.

8-3 Francisca de Paula Xavier.

7-4 Joaquina de Paula Xavier, casada com o Dzembargador Emygdio Westphalen, (de quem foi a primeira mulher,) illustre lapeano, do qual trataremos no volume 4.º, desta Obra, em Título Pereira Braga, onde daremos a sua ascendencia e biographia.

Teve:

8-1 Eudoxia, fallecida.

8-2 Elvira, fallecida.

7-5 Maria Joanna de Paula Xavier, casada com o Capitão Francisco Manoel da Silva Braga, uma das victimas da revolução federalista, impiedosamente fuzilado pelas forças leaes, a 13 de Junho de 1894, no Cemiterio de Curityba, do qual daremos os ascendentes e traços biographicos em Título Teixeira Coelho, Volume 4.º desta Obra.

Teve:

8-1 João Braga Netto.

8-2 Dr. Joaquim de Paula Braga.

8-3 Luiz Francisco Braga.

8-4 Mario Braga.

8-5 Maria da Conceição Braga.

8-6 Aurora Braga.

8-7 Celina Braga.



- 6-5 Francisco de Paula Xavier Bueno.
- 6-6 Fidelis de Paula Xavier, casado com sua sobrinha Maria da Conceição, 7-2 de 6-1, retro.
- 6-7 João de Paula Xavier.
- 6-8 Rosa de Paula Bueno.
- 5-11 Major Antonio de Paula Xavier, ultimo filho de 4-1 de 3-7, casado com Leocadia Franco de Paula Xavier, filha do Brigadeiro Manoel de Oliveira Franco, Cavalleiro da Ordem de Christo, do qual trataremos em outro lugar desta Obra, e de sua mulher Escolastica Joaquina de Sá Ribas. Neta pela parte paterna do Ajudante de milicia, João Gonçalves Franco, nascido em 1777 e fallecido a 19 de Junho de 1853, e de sua mulher Escolastica Angelica Bernardina, casada a 29 de Novembro de 1807, nascida em Lages a 28 de Outubro de 1790. Elle era natural de Villa Nova de Covas de Serveira, filho de Luiz Gonçalves Franco e de sua mulher Ignacia Maria da Cruz; por sua avô Escolastica Angelica, era ella bisneta do Tenente Coronel Manoel Teixeira de Oliveira Cardoso, natural de Porto-Portugal, e de sua primeira mulher Anna Maria do Sacramento. Por parte materna era neta do Capitão Lourenço Pinto de Sá Ribas e de sua mulher Joaquina Francisca da Purificação, natural de São Paulo.
- Teve:
  - 6-1 Maria da Luz, casada com Manoel Francisco de Oliveira e Souza.
  - Teve:
    - 7-1 Coronel Arthur de Paula Xavier, casado. Com descendentes descriptos em Titulo Oliveira Cardoso, volume 4.º desta Obra.
    - 7-2 Leocadia de Paula Xavier, casada com Paulo Emilio Gaissler. Com descendentes em Titulo Oliveira Cardoso, 4.º volume desta Obra.
  - 6-2 Narciza de Paula Munhoz, foi a segunda mulher do Tenente Coronel Caetano José Munhoz, capitalista e grande industrial no commercio de herva matte em Curityba, do qual já tratamos neste volume.

- Com descendentes descriptos em 4-1 de pagina 254 deste volume.
- 6-3 Guilherme de Paula Xavier, foi casado em primeiras nupcias com Francisca Natel de Paula, filha de Francisco Custodio Natel e de sua mulher Norberta Dulcia Natel; casado em segundas nupcias com sua cunhada Galdina Natel; casado em terceiras nupcias com Rita Patricia de Paula e em quartas nupcias com Josephina de Paula. Teve do primeiro matrimonio:
  - 7-1 Augusta Natel de Paula Camargo, casada com Antonio Joaquim de Camargo, filho de Francisco Joaquim Alves de Camargo e de sua mulher Joaquina de Camargo.
  - Teve:
    - 8-1 Diamiro Natel de Camargo, casado com Estella de Camargo. Com filhos.
    - 8-2 Dr. Francisco Natel de Camargo, casado com Egypcialinda Bittencourt. Com filhos.
    - 8-3 Antonio Natel de Camargo, casado com . . . Blank.
    - 8-4 Ocalina Natel de Camargo.
    - 8-5 Ozima Natel de Camargo.
    - 8-6 Alvaro Natel de Camargo.
    - 8-7 Admar Natel de Camargo.
    - 8-8 Alcindo Natel de Camargo.
    - 8-9 Irundy Natel de Camargo.
    - 8-10 Maria Francisca Natel de Camargo.
    - 8-11 Aryval Natel de Camargo.
    - 8-12 Guilherme Natel de Camargo.
    - 8-13 Izolina Natel de Camargo, fallecida, foi casada com Antonio Lima. Com filhos.
    - 8-14 Leonidas, fallecido.
    - 8-15 Genezio, fallecido.
    - 8-16 Maria, fallecida.
  - 7-2 Alvaro Natel de Paula, casado com Donatilla Franco de Souza, filha de Carlos Franco de Souza e de sua mulher Rita Azevedo Souza.



Teve:

8-1 Carlos.

8-2 Francisca de Souza Natel, casada com o Tenente Guido Cavalcante, 7-1 de 6-1, de pagina 240 desta Obra.

8-3 Guilherme.

8-4 Rita.

8-5 Oswaldo, falecido.

7-3 Herminia Natel de Paula Cercal, casada com Abenél de Oliveira Cercal.

Com descendentes já descriptos neste titulo.

Do segundo matrimonio teve:

7-4 Antonio Natel de Paula, casado com Maria da Conceição Pedrosa, filha de Militão Pedrosa e de sua mulher Maria da Conceição Pedrosa.

Teve:

8-1 Sebastião Natel de Paula.

8-2 Alvaro Natel de Paula.

8-3 Guilherme Natel de Paula.

8-4 Octavio Natel de Paula.

8-5 Antonio Natel de Paula.

8-6 Maria Natel de Paula.

8-7 Francisco Natel de Paula.

8-8 Carlos Natel de Paula.

8-9 Affonso Natel de Paula.

8-10 Christina, falecida.

8-11 Emilia, falecida.

7-5 Francisco, falecido solteiro.

7-6 Izaias Natel de Paula, casado com Alcidia de Souza, filha do Coronel Carlos Franco de Souza e de sua mulher Rita Azevedo Souza.

Filhos:

8-1 Carlos.

8-2 Norberta.

8-3 Herculano.

8-4 Auta.

8-5 Rita, falecida.

Teve do terceiro matrimonio:

7-7 Debora de Paula Pereira, casada com Antonio de Paula Pereira, filho de João de Paula Pereira e de sua mulher Sylveria de Paula Pereira.

Teve:

8-1 Oswaldo.

8-2 Oscar, falecido.

8-3 Guilherme.

8-4 Antonio.

8-5 Oscar.

7-8 Déa de Paula Polinark, casada com Guilherme Polinark, filho de David Polinark e de sua mulher Catharina Polinark.

Teve:

8-1 João.

8-2 Divete.

8-3 Maria da Piedade.

Do quarto matrimonio teve:

7-9 Leocadia.

7-10 Carlos.

7-11 Alpheu.

7-12 Alcidia.

7-13 Alba.

7-14 Lauro.

7-15 Augusta.

7-16 Maria Francisca, falecida.

6-4 Rita Deocleciana de Paula Ramos, nascida em Curitiba a 1.º de Junho de 1852, casada em Campo Largo a 18 de Janeiro de 1874, com Rufino Ferreira Ramos, filho de José Ferreira Bueno e de sua segunda mulher Maria Bernardina de Ramos.

Teve:

7-1 Jacqueline Ramos, casado com Emilia Ribas Marcondes Ramos, filha de Hermenegildo Marcondes e de sua mulher Ignez de Paula Ribas Marcondes.

Filhos:

8-1 Elpidio Ramos.

8-2 Plinio Ramos:

8-3 Alda Ramos, casada com Elzinio Mauricio Wanderley.

Teve:

9-1 Alcidiomira.

8-4 Alba Ramos.



- 8-5 Olga Ramos.
- 8-6 Diva Ramos.
- 8-7 Lauro Ramos.
- 7-2 Maria da Trindade Ferreira Portugal, casada com Antonio Portugal, filho do Capitão Romualdo Ferreira de Azevedo Portugal e de sua mulher Laura de Azevedo Portugal. Teve:
  - 8-1 Abelardo Portugal, casado com Olga Mäder, filha de Jorge Mäder e de sua mulher Emma Mäder. Teve:
    - 9-1 Véra.
  - 8-2 Mauro Portugal, casado com Carolina Silva, filha de Antonio Manoel da Silva e de sua mulher Gabriella Ballão da Silva. Sem filhos.
  - 8-3 Cyra Ferreira Portugal.
  - 8-4 Hilda Ferreira Portugal, casada com Casemiro Mictzuk. Teve:
    - 9-1 Regina.
  - 8-5 Odyla Ferreira Portugal.
  - 8-6 Jovino Ferreira Portugal.
  - 8-7 Jahir Ferreira Portugal.
- 7-3 José Ferreira Ramos, casado com Agripina de Oliveira Ramos, filha de José Francisco de Oliveira e de sua mulher Carlota de Oliveira. Sem filhos.
- 7-4 Telesmar Ferreira Ramos, casado com Lydia Torres, filha do Coronel José Torres e de sua mulher Escolastica Torres. Sem filhos.
- 7-5 Leocadia Davina Ferreira, professora publica.
- 6-5 Coronel Zacharias de Paula Xavier, casado com Joaquina Ramira Macedo Xavier, dos quaes trataremos desenvolvidamente no Título Rodrigues Seixas, do 2.º volume desta Obra.
- 4-2 Maria Angela de Lima, casada com Agostinho da Silva Valle, 2-8 de pagina 234, deste volume.
- 4-3 Francisco, solteiro em 1789.

- 4-4 Maria Rita de Lima, casada em Curityba a 17 de Julho de 1786 com o Capitão Manoel José de Borba Ribas, vulgarmente chamado Capitão Nano, cujo nome, por corruptela foi alterado para Manoel José Taborda Ribas, que foi usado por seus descendentes.
 

Foi homem de grande fortuna, para o seu tempo, e de grande valor. Foi assassinado em pleno dia, ao passar um rio, apesar de estar acompanhado por 2 escravos bem armados e como elle bem montados. Era natural de Curityba, filho do Capitão-mór Lourenço Ribeiro de Andrade e de sua mulher Izabel de Borba Pontes. Neto pela parte paterna do Capitão Miguel Rodrigues Ribas, natural da Villa de França, junto a Vianna-Braga, e de sua mulher Maria Rodrigues das Neves Andrade, de Curityba; neto pela parte materna do Capitão Amaro Borba Pontes, natural de São Amaro-São Paulo, e de sua mulher Izabel Cardoso de Moraes, natural da Conceição-São Paulo.

Os descendentes serão descriptos em 3-6 de 2-3 do § 2.º, Capitulo 2.º, do Título Rodrigues Seixas, 2.º volume desta Obra.
- 3-7 Maria Francisca de Lima, de seu segundo matrimonio teve: (C. O. de Curityba.)
  - 4-5 Rosa Maria do Espirito Santo, com 7 annos por ocasião da morte de seu pai, como se vê no inventario feito em Julho de 1789. Casou-se a 27 de Setembro de 1795, em Curityba, com João Lopes Ribeiro, natural de S. Thomé de Travassos-Braga, filho de Manoel Lopes Rocha e de sua mulher Custodia Ribeiro. Neto pela parte paterna de Manoel Lopes Rocha e de sua mulher . . . . ; neto pela parte materna de Francisco Ribeiro e de sua mulher Anna Costa, de S. Thomé.
  - 4-6 Escolastica Maria de Lima, com 5 annos em 1789. Casada em Curityba, a 21 de Julho de 1807, com Manoel Pereira de Andrade, filho de João Pereira e de sua mulher Maria Vaz.



Com descendentes no Título Rodrigues Seixas desta Obra, em 4-7 de 3-1 de 2-2 do § 1.º, Capítulo 2.º

- 4-7 Bento José Nabo, ultimo filho de 3-7 e de sua segunda mulher, com 2 mezes por ocasião da morte de seu pai em 23 de Julho de 1789. Casado em Curityba a 16 de Janeiro de 1809, com Maria Vaz do Pilar, filha de João Pereira e de sua mulher Maria Vaz de Andrade.

Descriptos nesta Obra em Título Rodrigues Seixas em 3-1 de 2-2 do § 1.º do Capítulo 2.º

- 3-8 Joanna Maria de Jesus, nascida em 1738, casada com José de Andrade.

Descriptos em Título Rodrigues Seixas, 2.º volume desta Obra, em 1-5 do § 3.º, do Capítulo 2.º

Ahi os seus ascendentes e descendentes.

- 3-9 Antonia de Padua, ultima filha de 2-2 de 1-6 do § 6.º deste Título. Falleceu solteira aos 29 annos, em 20 de Abril de 1773.

- 2-3 Josepha dos Santos, filha de Joanna Garcia Soares, 1-6 do Capítulo 5.º. Foi casada em primeiras nupcias com Francisco Marques Lameira, natural de S. Maria da Varzea, Vizeu, filho de Francisco Marques e de sua mulher Domingas Fernandes; passou á segundas nupcias com . . . .

Teve do primeiro matrimonio: (C. E. de Curityba.)

- 3-1 José Sebastião Marques, pelo seu testamento aberto em Curityba a 21 de Setembro de 1825, (C. O. de Curityba) vê-se a sua filiação, ser natural de Curityba, viuvo de Ignacia Maria do Terço e casado em segundas nupcias, a 1.º de Maio de 1809, em Curityba com Maria Ursula Sampaio, cujos paes não foram declarados no assentamento de casamentos feito pelo Padre José Barbosa de Brito, como era de seu costume.

De seu primeiro matrimonio teve 3 filhos: (C. O. de Curityba.)

4-1 Antonio.

4-2 Fabiano.

4-3 Maria.

Do segundo matrimonio não deixou filhos.

- 3-2 Gertrudes Maria Marques (ou dos Santos), fallecida em Outubro de 1804, casada em primeiras nupcias com Manoel Joaquim de Jesus, filho de Simão João e de sua mulher Izabel Domingues, naturaes da Villa de Redinha; casada em segundas nupcias em Curityba a 11 de Junho de 1793 com Joaquim dos Anjos Pereira, que, por morte de Gertrudes Maria Marques (ou Santos), passou a segundas nupcias a 6 de Janeiro de 1805 com Ursula Maria da Silva, viuva de Felisberto de Toledo Piza.

Joaquim dos Anjos Pereira, era filho de Luiz Ribeiro Lopes, natural de Braga, e de sua mulher Angela Pereira Telles; por esta, neto de Francisco Diniz Pinheiro, da Governança de Curityba, e de sua mulher Clara Pereira Telles; por esta, bisneto de Domingos Pereira de Avellar e de sua mulher Maria da Estrada. (Genealogia Paulistana, volume 3.º, folhas 292 em 3-8 de 2-1.)

Ahi os ascendentes.

Teve do primeiro matrimonio: (C. O. de Curityba.)

- 4-1 Anna Joaquina de Jesus, fallecida com testamento em Curityba a 2 de Abril de 1831, casada com Joaquim Alvres de Araujo (viuvo de Maria Rosa Viterbo, filha de Manoel Vaz Torres e de sua mulher Catharina Borges), era filho de Sebastião Alvres de Araujo e de sua segunda mulher Quiteria Pinheiro da Silva. Sebastião Alvres de Araujo nasceu em Curityba a 20 de Novembro de 1725 e falleceu a 25 de Setembro de 1796; sua mulher Quiteria Pinheiro da Silva, com quem casou em Curityba a 13 de Setembro de 1757, era filha de João da Silva Pinheiro, fallecido a 30 de Dezembro de 1746, e de sua mulher Ignacia Gonçalves de Aguiar. Neto pela parte paterna de Gabriel Alvres de Araujo, da Governança da Villa de Curityba, onde foi Juiz Ordi-



nario e de Orphãos, e de sua mulher Catharina Martins de Souto (ou Faria), natural de Curityba, nascida em 1694 e falecida a 14 de Abril de 1764.

Teve: (C. O. de Curityba.)

5-1 Maria Alves de Araujo.

5-2 Manoel Alves de Araujo.

5-3 Gertrudes Alves.

5-4 Joaquina Alves.

5-5 Anna Joaquina Alves.

5-6 Maria Izabel Alves.

5-7 Maria Escolastica Alves de Araujo.

5-8 Bento Alves de Araujo.

5-9 Balbina Alves de Araujo.

5-10 Francisco Alves de Araujo.

5-11 Policena Alves de Araujo.

5-12 Joaquim Alves de Araujo.

5-13 Appolinaria Alves.

\* \*

5-1 Maria Alves de Araujo, falecida, casada com Francisco de Lara.

Teve:

6-1 Joaquim.

5-2 Manoel Joaquim Alves de Araujo, falecido solteiro com 50 annos de idade em 1851.

5-3 Gertrudes Alves, viuva de Francisco Domiciano.

5-4 Joaquina Alves, casada com Manoel Antonio Figueira.

Teve:

6-1 José Alves Figueira.

6-2 Manoel Alves Figueira.

6-3 Maria do Rosario Figueira, falecida a 5 de Julho de 1883, casada com Francisco Alves Salles.

Teve:

7-1 Joaquina Francisca Alves, casada com Francisco José Baptista.

7-2 Francisca Alves Figueira, viuva de . . . .

7-3 Prudencia Alves Figueira, casada em Lages com Francisco Luiz de Oliveira.

7-4 Appolinaria Alves de Jesus, casada com Francisco Pereira da Silva.

Teve:

8-1 Idalina Alves, casada com Ulysses Vieira Borba.

8-2 Guilhermina Alves Pereira.

8-3 João Alves Pereira.

7-5 Maria Alves Figueira, casada com o Capitão Custodio Alves Pires.

Teve:

8-1 Laurinda Alves Pires, casada com Pedro Baptista Affonso.

8-2 Theolinda Alves Pires, casada com Antonio Diniz Meirelles, industrial.

8-3 Reduzinda Alves Pires.

8-4 Francisca.

8-5 Manoel.

8-6 Julia.

8-7 Priscilliano.

8-8 Gustavo.

8-9 João.

5-5 Anna Joaquina Alves, falecida, casada com o Coronel Ricardo José dos Santos.

Teve:

6-1 Manoel Alves dos Santos, casado com sua prima Porcina Alves, filha de Bento Alves de Araujo.

6-2 João Alves de Araujo.

6-3 Olinda Mendes dos Santos, falecida a 5 de Dezembro de 1880, casada com José Alves de Araujo <sup>(1)</sup>.

Teve:

7-1 Anna Alves de Araujo, casada com Joaquim Manoel dos Santos.

Filhos:

8-1 João Alves dos Santos, casado com Domingas Lazaroto.

<sup>(1)</sup> José Alves de Araujo, foi casado em segundas nupcias com Gertrudes dos Santos Araujo.

Teve desse matrimonio:

1—Emilio Alves de Araujo, solteiro.

2—Jovita Alves de Araujo, casada com Athanagildo dos Santos.

3—Anna Alves de Araujo, casada com Manoel dos Santos.

4—Adelaide Alves de Araujo, casada com José Guimarães.

5—Lavino Alves de Araujo, casado com . . . .

6—Estaciano Alves de Araujo, solteiro.



- 8-2 Luiz Alves dos Santos, casado com Ernesta Alves dos Santos.
- 8-3 Miguel Alves dos Santos, solteiro.
- 8-4 Olinda Alves dos Santos, casada com Benjamim Constant Teixeira.
- 8-5 Maria Alves dos Santos, casada com Francisco Vicente Pereira.
- 8-6 Maria de Lourdes dos Santos.
- 7-2 Capitão Manoel Alves de Araujo, casado com Clara dos Santos.  
Teve:
  - 8-1 Neuza Alves dos Santos, casada com Manoel Bandeira.
  - 8-2 Ernesta Alves dos Santos, casada com Luiz Alves dos Santos, filho de 7-1 de 6-3, retro.
  - 8-3 Galliana Alves dos Santos, casada com Manoel Cardoso.
  - 8-4 Euthalia Alves dos Santos, casada com Alexandre Boava.
  - 8-5 Alice Alves dos Santos, casada com Gumerindo.
  - 8-6 Amantino Alves dos Santos, casado com Lucilia Bandeira.
  - 8-7 Salamita Alves dos Santos, casada com . . . .
  - 8-8 João Alves dos Santos.
  - 8-9 . . . . Alves dos Santos.
- 7-3 Bento Alves de Araujo, casado com Fausta Teixeira.  
Filhos:
  - 8-1 Conrado Alves de Araujo, casado com Maria Lompo.
  - 8-2 Olinda Alves de Araujo, casada com Julio Guimarães.
  - 8-3 Maria Alves de Araujo, casada com Juvenal Ramos.
  - 8-4 José Alves de Araujo, solteiro.
  - 8-5 Heleodoro Alves de Araujo, solteiro.
  - 8-6 Lourival Alves de Araujo, solteiro.
  - 8-7 Ubaldino Alves de Araujo, solteiro.
  - 8-8 Adelba Alves de Araujo, solteira.
- 7-4 Generoso Alves de Araujo, casado em primeiras nupcias com Anna Alves, e em segundas nupcias com Joanna Calali.

- Filhos do primeiro matrimonio:
  - 8-1 Dulcideo Alves de Araujo, casado com Helena dos Santos.
  - 8-2 Joaquim Alves de Araujo, solteiro.
  - 8-3 Nathalio Alves de Araujo, solteiro.
  - 8-4 Ozorio Alves de Araujo, solteiro.
  - 8-5 Olinda Alves de Araujo, solteira.
- Filhos do segundo matrimonio:
  - 8-6 Deomario Alves de Araujo, solteiro.
  - 8-7 Alzira Alves de Araujo, solteira.
- 7-5 João Alves de Araujo, casado com Benedicta de Araujo.  
Filhos:
  - 8-1 Joaquim Alves de Araujo, casado com . . .
  - 8-2 Maria Emma Alves de Araujo, casada com . . . .
  - 8-3 Eudoxia Alves de Araujo, casada com Adalberto Alves dos Santos.
  - 8-4 Manoel Alves dos Santos.
- 7-6 Quirina Alves de Araujo, casada com Antonio de Avellar.  
Teve:
  - 8-1 Estevão Alves de Avellar, casado com . . .
- 7-7 José Alves de Araujo, solteiro.
- 6-4 Joaquim Alves dos Santos, casado com Policena Alves Pires.
- 5-6 Maria Izabel, casada com Felisberto de Maia ou Francisco de Lara.
- 5-7 Maria Escolastica, casada com Gaspar Teixeira da Cruz.
- 5-8 Capitão Bento Alves de Araujo, filho de Joaquim Alves de Araujo e de sua segunda mulher Anna Joaquina de Jesus. Fallecido a 18 de Dezembro de 1869. Casou-se com Anna Pires Cordeiro, filha de Francisco Cordeiro.  
Filhos:
  - 6-1 Capitão Francisco Alves de Araujo, casado a 14 de Agosto de 1863 com sua prima Joaquina Alves de Araujo, filha de Francisco Alves de Araujo e de sua mulher Sebastiana Maria das Dôres.



- 7-1 Elisa Alves Cordeiro, casada com Marcos Araujo Cordeiro.  
Teve:  
8-1 Abilio Alves Cordeiro, casado com Isolina Franco. Sem descendentes.  
8-2 Hyppolito Alves Cordeiro, casado com Castorina Alves Cordeiro.  
Filhos:  
9-1 Odette.  
9-2 Diva.  
9-3 Dalila.  
9-4 Edith.
- 8-3 Francisca Alves Cordeiro, casada com Oliverio Alves Cordeiro.  
Teve:  
9-1 Eurico.  
9-2 Odette.
- 7-2 Capitão Faustino Alves de Araujo, pharmaceutico, fallecido, casado com Arminda dos Santos.  
Sem descendentes.
- 7-3 Hyppolito Alves de Araujo, pharmaceutico, fallecido, casado com Etelvina Alves de Araujo, 7-4 de pagina 497.  
Filho:  
8-1 Arnaldo Alves de Araujo, nascido em 1907, solteiro.
- 7-4 Albino Alves de Araujo, casado com Arlinda Gomes dos Santos.  
Filhos:  
8-1 Sergio de Oliveira Araujo, negociante, casado com Elisa de Araujo.  
Filho:  
9-1 . . . . .
- 8-2 Arlindo de Oliveira Araujo, casado com . . . .  
8-3 Heitor de Oliveira Araujo, solteiro.  
8-4 Hyppolito de Oliveira Araujo, solteiro.  
8-5 Maria da Gloria de Oliveira Araujo, casada com Eugenio Cordeiro de Paula.  
Teve:  
9-1 Gonçalo.

- 9-2 Ruy.
- 8-6 Carmita de Araujo Nascimento, casada com Affonso do Nascimento.  
Teve:  
9-1 Yvonne.
- 7-5 João Alves de Araujo, casado com Maria Martins dos Reis.  
Sem filhos.
- 7-6 Arminda Alves de Araujo, casada em primeiras nupcias com o Coronel Manoel Affonso Ennes, abastado capitalista e possuidor de grandes latifundios no «Atuba». Por sua morte em 1893, foi feito o inventario que attingio a 162 contos de reis. Casada em segundas nupcias com o Coronel Feliciano Ribeiro. Do primeiro matrimonio teve:  
8-1 Rosa Affonso Ennes Taborda, viuva de Durval Cortes Taborda.  
Teve:  
9-1 Durval Cortes Taborda.  
9-2 Affonso Cortes Taborda.  
9-3 Darcy Cortes Taborda, fallecido.  
9-4 Nair Cortes Taborda.  
9-5 Oliverio Cortes Taborda.
- 8-2 Manoel Affonso Ennes, casado com Maria Olympia de Mello.  
Filhos:  
9-1 Dalila Ennes.  
9-2 Delphina Ennes.  
9-3 Tila Ennes.
- 8-3 Francisco Affonso Ennes, casado com Emilia Augusta Meirelles.  
Tem 1 filho:  
9-1 Affonso.
- Do segundo matrimonio teve:  
8-4 Dolores Taborda Ribas, casada com Vasco Lourenço Taborda Ribas, socio da importante firma commercial de Curityba, França & Cia. Limitada, á qual pertence a «Livraria Mundial», com importantes officinas graphicas; filho do abastado capitalista Coronel João Lourenço Taborda Ri-



- bas e de sua mulher Maria Catharina Taborda Ribas.  
Teve:  
9-1 Eros.  
9-2 Maria Catharina.  
9-3 Leandrina Maria.  
9-4 Aglaée Maria.
- 8-5 Dr. Durval de Araujo Ribeiro, engenheiro civil, casado com Maria do Céu Taborda Ribas, irmã de Vasco Lourenço Taborda Ribas.  
Tem 1 filha:  
9-1 Delza.
- 8-6 Flavio Ribeiro, solteiro, pharmaceutico.  
8-7 Avelino Ribeiro, solteiro, engenheiro agronomo.  
8-8 Juvelina Ribeiro Laines, casada com Gastão Laines.  
Teve:  
9-1 Rones.
- 8-9 Antonio Ribeiro, casado com Alzira Esferolli.  
8-10 Dr. Agnello Ribeiro, engenheiro civil, casado com . . . .
- 8-11 Jorge Ribeiro.  
8-12 Mario Ribeiro.  
8-13 Esther Ribeiro.  
8-14 Eleonora Ribeiro.
- 7-7 Arlindo Alves de Araujo, casado em primeiras nupcias com Donaide Alves Cordeiro, e em segundas nupcias com Durvalina Alves Cordeiro.  
Teve do primeiro matrimonio:  
8-1 Eurico.  
8-2 Etelvina.  
8-3 Juvelina.  
8-4 Clotelvina.  
Teve do segundo matrimonio:  
8-5 Dumival.  
8-6 João.
- 7-8 Candido Alves de Araujo, casado com Julia Alves Cordeiro.  
Filhos:  
8-1 Fredolino Alves de Araujo, casado com Miquelina Creplivel.

- 8-2 Etelvina.  
8-3 Francisca.  
8-4 Dalzira.  
8-5 Dinarte.  
8-6 Antenor.  
8-7 Eloyna.
- 7-9 Eduardo Alves de Araujo, casado com Amelia Alves Cordeiro.  
Teve:  
8-1 Avelino Alves de Araujo.
- 7-10 Antonio Alves de Araujo, casado com Elvira Alves Cordeiro.  
Teve:  
8-1 Alzira.  
8-2 Elvina.  
8-3 Valdemira.  
8-4 Jarbas.  
8-5 Lauro.  
8-6 Altiva.
- 7-11 Olympio Alves Cordeiro, solteiro.  
7-12 Julio Alves de Araujo, pharmaceutico, casado com Rosa Grothmann.  
Teve:  
8-1 Nahir.
- 7-13 Francisco Alves de Araujo, solteiro.  
7-14 Joaquina Alves de Araujo, casada com Francisco Carvalho da Costa.  
Teve:  
8-1 Orlando.  
8-2 Leocadio.  
8-3 Yonne.  
8-4 Yvonne.
- 7-15 Sebastiana Alves de Araujo, casada com Athanagildo Alves Santos.  
Teve:  
8-1 Alzira de Araujo Costa, casada com Leonidas da Costa.  
Sem filhos.
- 6-2 Major Emygdio Alves de Araujo, casado com Francisca Alves Cordeiro, falecida a 9 de Outubro de 1897.



Filhos:

7-1 Capitão Hilario Alves Cordeiro, casado em 1883 com Guilhermina Alves Cordeiro.

Filhos:

8-1 Arlindo Alves Cordeiro, falecido.

8-2 Virgilina Alves Cordeiro, casada com Antonio Candido de Oliveira.

Teve:

9-1 Maria Alves de Oliveira.

9-2 João.

9-3 Valdemiro.

9-4 Arnaldo.

9-5 Aurora.

9-6 Albina.

9-7 Eurides.

8-3 Elvira Alves Ribeiro, casada com Severo Ribeiro de Camargo.

Teve:

9-1 João Alves Ribeiro.

9-2 Maria.

9-3 Aracy.

8-4 João Alves Cordeiro, casado com Anna Leal Fontoura.

Filhos:

9-1 Maria.

9-2 Leonor.

8-5 Durval Alves Cordeiro.

8-6 Dolores.

8-7 Leonidas, falecido.

8-8 Arlinda.

7-2 Joaquina Alves de Araujo, nascida em 1868 e casada com o Capitão Emygdio Alves de Jesus.

Teve:

8-1 Etelvina, falecida solteira.

8-2 Francisca, casada.

8-3 Durvalina Alves de Araujo, casada com Arlindo Alves de Araujo, de quem foi a segunda mulher, 7-7 de 6-1, retro.

Ahi a descendencia.

8-4 Emygdio, casado.

8-5 João.

7-3 Marcos Alves Cordeiro, nascido em 1864 e casado com Elisa Alves de Araujo, 7-1 de 6-1, retro. Ahi a descendencia.

7-4 Etelvina Alves Araujo, nascida em 1870 e casada com seu primo Hyppolito Alves de Araujo, 7-3 de pagina 472. Teve:

8-1 Arnaldo, nascido em 1907.

7-5 Analia Alves de Araujo, nascida em 1873 e casada com Arthur de Souza Baptista.

Teve:

8-1 Leonor.

8-2 Alcides Cordeiro Baptista, casado com Ismenia Gonçalves do Nascimento.

Teve:

9-1 Albary.

9-2 Enelér.

9-3 Adyr.

8-3 Clotelvina Baptista Lopes, casada com Casemiro Porto Lopes.

Teve:

9-1 Lucy.

8-4 Cassilda Baptista Pinto, casada com Amadeu Teixeira Pinto Filho.

Sem descendentes.

8-5 Alvaro.

8-6 Ildefonso.

8-7 Maria de Lourdes.

8-8 Etelvina.

8-9

8-10 } falecidos na infancia.

8-11

7-6 Augusto Alves Cordeiro, nascido em 1877 e casado com Augusta Schultz. Em Fevereiro de 1918, faleceu em consequencia de um tiro, que recebeu em uma disputa.

Filhos:

8-1 Julio, falecido.

8-2 Benigno Cordeiro, casado com Corina Vercesi.

8-3 Etelvina, solteira.



- 7-7 Oliverio Alves Cordeiro, nascido em 1879, casado com Francisca Alves Cordeiro, 8-3 de 7-1, retro.  
Ahi a descendencia.
- 7-8 Julia Alves Cordeiro, nascida em 1871, casada com Candido Alves de Araujo, 7-8 de 6-1, retrô.
- 6-3 Felisberto Alves Cordeiro, casado em Curityba, a 19 de Janeiro de 1858, com Escolastica Gomes de Oliveira, filha de Boaventura Luiz Gomes e de sua mulher Maria Rita dos Santos.  
Teve:
- 7-1 Alberto Alves Cordeiro, casado com Arminda Alves da Rocha, filha de João Rocha Loures e de sua mulher Maria Magdalena dos Santos.
- 7-2 Manoel.
- 7-3 Vitalina Alves Cordeiro, casada com Francisco Alves Pires, filho de Custodio Alves Pires e de sua mulher Angelica Alves Pires.
- 6-4 José Alves de Araujo, casado em Curityba, a 9 de Janeiro de 1864, com Olinda Mendes dos Santos, filha de Ricardo José dos Santos e de sua mulher Anna Roberta da Motta.  
Filhos:
- 7-1 Generoso.
- 7-2 Bento.
- 7-3 Anna Mendes dos Santos, casada com Joaquim Manoel dos Santos.
- 7-4 Manoel.
- 7-5 João.
- 7-6 Quirino.
- 6-5 Major Manoel Alves Procopio (vulgarmente conhecido por Maneco do Hotel, por ser a sua residencia no Rio do Meio, ponto habitual de parada das diligencias que transitavam pela estrada da Graciosa). Casado com Balduina Pires Cordeiro.  
Filhos:
- 7-1 Felix Alves Cordeiro.
- 7-2 Manoel Alves Pires.
- 7-3 Claudiana Alves Cordeiro, casada com Saturnino Alves Cordeiro.

- 7-4 Narcizo.
- 7-5 Deomedio Alves Cordeiro.
- 7-6 Zacharias Alves Cordeiro, casado com Anna Baptista dos Santos, filha de Manoel Baptista dos Santos e de sua mulher Maria Salomé dos Santos.  
Filhos:
- 8-1 Manoel Baptista Cordeiro.
- 8-2 Edylia.
- 8-3 Ozorio.
- 8-4 Julieta.
- 8-5 João.
- 8-6 Alzira.
- 7-7 Olinda Clara Alves Cordeiro.
- 7-8 Narcizo Alves Cordeiro.
- 7-9 Procopia Alves Cordeiro, casada com Domingos Luiz Gomes dos Santos.
- 7-10 Theolinda Alves Cordeiro, casada com João Teixeira da Cruz.
- 7-11 Geraldo Alves Cordeiro.
- 6-6 Capitão Bento Alves de Araujo, casado com Anna Fausta dos Santos, filha do Coronel Jeronymo Mendes dos Santos e de sua mulher Maria Candida dos Santos.  
Filha unica:
- 7-1 Augusta de Araujo, com 4 mezes em 1883, casada com Antonio Luiz Pereira de Andrade a 27 de Julho de 1901.  
Teve:
- 8-1 Adalberto Santos Andrade, casado com Eudoxia Alves de Andrade.  
Teve:
- 9-1 Alcindo.
- 8-2 Aracy dos Santos Andrade.
- 8-3 Antonio Andrade Junior.
- 8-4 Antenor Santos Andrade.
- 8-5 Arnaldo Santos Andrade.
- 8-6 Adalgiza Santos Andrade.
- 8-7 Annita Santos Andrade.
- 8-8 Alcindo Santos Andrade.
- 8-9 Augusta Santos Andrade.



8-10 Adelaide Santos Andrade.

- 6-7 Lucinda Alves Cordeiro, casada em Curityba, a 2 de Fevereiro de 1856, com José Xavier Mathoso, filho de Francisco Cordeiro e de sua mulher Maria Cordeiro.

Teve:

7-1 João Xavier Mathoso.

7-2 Ermelina Alves Cordeiro, casada com José Turibio de Assumpção, filho de Bento Gonçalves de Assumpção e de sua mulher Francisca Alves de Paula.

- 6-8 Porcina Alves Pires, casada a 7 de Setembro de 1850 com Joaquim Alves dos Santos, filho de Ricardo José dos Santos e de sua mulher Anna Joaquina.

Teve:

7-1 Petronilha Alves dos Santos, casada em Curityba a 22 de Maio de 1880 com Laurindo Alves Pires, filho de Custodio da Cruz Alves Pires e de Angelica Alves de Jesus, naturaes de Cruz Alta-Rio Grande do Sul.

7-2 Emydio Alves dos Santos.

7-3 Firmino Alves dos Santos, falecido solteiro a 1.º de Junho de 1888.

7-4 Leocadio Alves dos Santos, casado com Marcellina Alves da Rocha.

7-5 Eulalia dos Santos, falecida a 7 de Dezembro de 1887, casada com Jocelym Luiz Gomes.

Teve:

8-1 João.

8-2 Maria.

- 6-9 Arlinda Alves de Araujo, casada com Antonio José Ferreira, filho de João Antonio Ferreira e de sua mulher Anna Euphrasia de Oliveira Ribas.

6-10 Maria Alves Cordeiro, casada em Curityba, a 21 de Julho de 1872, com Vicente Borba Cordeiro, filho de João Bento Cordeiro e de sua mulher Porcina Morocine Borba.

- 5-9 Balbina Alves de Araujo, casada com Manoel Francisco Alves.

Teve:

6-1 Marciano.

6-2 Anna Joaquina.

6-3 Maria Ricarda, casada com João Baptista dos Santos.

6-4 Anna . . . . , casada.

6-5 Angelica Alves Pires, casada com Custodio Alves Pires, que se casou em segundas nupcias com Maria Alves Figueira.

Teve:

7-1 Custodio Alves Pires Figueira.

7-2 João.

7-3 Francisco.

7-4 Julia Alves Pires, casada com Amantino Alves Figueira.

6-6 Balbina Cordeiro, casada com Joaquim Gonçalves Cordeiro.

- 5-10 Francisco Alves de Araujo, casado com Sebastiana Maria das Dôres.

Filhos:

6-1 Joaquina Alves de Araujo, casada com seu primo Francisco Alves de Araujo, filho de Bento Alves de Araujo e de sua mulher Anna Pires Cordeiro.

6-1 de 5-8 de 4-1, retro.

Ahi a geração.

6-2 Amantino Alves de Araujo.

6-3 Saturnina Alves Cordeiro, casada com Carlos Cordeiro Mathoso, filho de João Cordeiro Mathoso e de sua mulher Maria Jacyntha da Silva.

Teve:

7-1 Abel Alves Cordeiro, casado.

- 5-11 Policena Alves dos Santos de Jesus, casada com Manoel Alves dos Santos, que por morte de sua mulher passou a segundas nupcias com Narciza Morocine Borba.

Teve:

6-1 Adelaide Alves de Jesus, casada em Curityba, a 20 de Setembro de 1860, com Sebastião Ribeiro Baptista, filho de Francisco Rodrigues Baptista e de sua mulher Maria Joaquina da Silva.



- 6-2 Policena, falecida.
  - 6-3 Candida Alves dos Santos.
  - 6-4 João Alves dos Santos.
  - 6-5 Miguel, falecido aos 10 annos de idade.
  - 6-6 Arlindo Alves dos Santos.
  - 6-7 Hyppolito.
  - 6-8 Narciza Pinto Macedo, casada com Leopoldo Pinto Macedo, que se casou em outro matrimonio com Anna Ferreira da Costa.
  - 5-12 Joaquim Alves de Araujo,
  - 5-13 Appolinaria Alves de Araujo, casada com Manoel Vaz Torres, filho natural de Manoel Vaz Torres e de Angela Gonçalves.
  - 4-2 Maria Joaquina de Jesus, casada em Curityba em 1785 com o Capitão Luiz Gomes da Silva, falecido a 2 de Julho de 1818, que por morte de sua mulher se casou em segundas nupcias com Maria Rosa da Paixão; elle era filho de Luiz Gomes de Medeiros, casado em Curityba a 7 de Janeiro de 1765 com Maria Peregrina da Conceição. Neto pela parte paterna de Luiz Gomes da Silva e de sua mulher Angela Correia de Mendonça, ella da Ilha da Madeira e elle de Paranaguá; neto pela parte materna de João Baptista Diniz (filho de Francisco Diniz Pinheiro, de 3-2, retro) e de sua mulher Luiza de Araujo (filha de Francisco de Araujo Monteiro e de sua mulher Izabel Mendes de Castro).
- Teve o filho unico:
- 5-1 Capitão Francisco de Paula e Silva Gomes, nascido em Curityba, a 4 de Fevereiro de 1802 e falecido em Cruz Alta, Rio Grande do Sul, em 9 de Abril de 1857.
- Foi um dos maiores e mais fervorosos paladinos da emancipação politica do Paraná, a cuja propaganda dedicou a maior parte de sua mocidade.
- Propugnou com infatigavel energia e competencia pela imprensa, dispendendo grandes quantias de sua propria bolsa, escrevendo artigos pelos jornaes de S. Paulo e Rio de Janeiro em pról

do desmembramento de seu Estado natal. Foi a incarnação da idéa da nossa emancipação politica. Em 1847 fez publicar no «Jornal do Commercio» do Rio de Janeiro, importantes artigos em defeza da idéa da separação da Comarca de Curityba e sua elevação a Provincia. Nesses artigos revelou sua competencia, demonstrando a necessidade proficua dessa separação. Nesse mesmo anno escreveu ao Capitão Floriano Bento Vianna, solicitando que o auxiliasse no intuito de levar avante as idéas por esse iniciadas em 1821. Recebeu esmerada educação. Fallava com facilidade o francez e o hespanhol.

Amante devotado da musica, aperfeiçoou seus estudos em Montevideo e Buenos Ayres, chegando a ser eximio flautista, de grande notoriedade.

Dotado de recursos, não quiz porem abandonar o meio de vida que adoptou desde a infancia: — o commercio de animaes, que comprava no Rio da Prata e Rio Grande do Sul para os vender em Sorocaba, São Paulo e Rio de Janeiro. A vida de tropeiro, com suas canceiras e contrariedades imprevistas, tinham para elle os maiores attractivos.

Foi traiçoeiramente assassinado por um sicario Corrientino, no intuito de roubar-o, na ocasião em que viajava conduzindo 600 animaes.

Exerceu salutar influencia social e politica no Paraná, e a sua morte foi considerada uma calamidade para a nascente Provincia, que ha pouco mais de 3 annos vinha de se emancipar, separando-se de São Paulo. A Camara Municipal de Curityba, honrando-lhe o nome, deu a denominação de — Paula Gomes — a uma das ruas da Capital. Seus bens inventariados em Curityba em 1857 se elevaram a mais de 36:000\$000 de reis.

Era solteiro e sem filhos, tocando por isso, a seus irmãos, filhos do segundo matrimonio de seu pai, todos os seus bens.

- 4-3 Manoel Joaquim, era casado por ocasião do inven-



tario de sua mãe, mas, não figura elle no inventario de sua mulher.

4-4 José Joaquim.

4-5 Gertrudes Maria, casada com Antonio José da Silva.

4-6 Antonio Joaquim, solteiro em 1804.

4-7 Francisco de Paula e Silva, baptisado em Curityba a 22 de Fevereiro de 1802.

3-2 Gertrudes Maria Marques, de seu segundo casamento, teve o filho unico:

4-8 Tenente Coronel Miguel Marques dos Santos, fallecido com testamento em Curityba a 25 de Junho de 1848, no qual declarou sua filiação e naturalidade. Era solteiro. Foi homem de valor e recursos. Alem de outros bens possuía uma sesmaria de terras no Palmital, Municipio de Curityba. Deixou grande prole, tendo reconhecido seus filhos.

3-3 Maria Marques dos Santos, casada em primeiras nupcias com Simão João Domingues. Casou-se em segundas nupcias em Curityba, no anno de 1772 com Francisco Teixeira Camello, negociante de fazendas, filho de Francisco Teixeira Ratto e de sua mulher Angela Camello, naturaes de São Miguel de Carvalho. (C. O. de Curityba, inventario de 1805.)

Teve do primeiro matrimonio:

4-1 Manoel João Domingues, ausente em 1805. Casou-se em Curityba em 1788 com Ursula Maria das Virgens, filha de Braz Alves Natel e de sua mulher Margarida Leme de Sant'Anna, casados em 1767. Neta pela parte paterna de João Lucas de Araujo e de sua mulher Margarida Pires; neta pela parte materna de Pedro Dias Cortes e de sua mulher Maria Leme de Siqueira.

4-2 Maria Domingues de Jesus, casada a 12 de Maio de 1790 com o Capitão Antonio José Pinto Bandeira, natural de São Mamede. Foi morador na Parnahyba, d'onde passou á Curityba; filho de José Alvares Pinto e de sua mulher Maria Ribeiro. Era possuidor da sesmaria de Potunã, que doou á seus filhos, por interessante escriptura, que abaixo transcrevemos:

*Carta de sesmaria de terras do Putunan.*

«Antonio José de França e Horta Profeço na ordem de Christo. Fidalgo da Caza de Sua Alteza Rial e de seu Conselho Governador e Capitão General da Capitania de Sam Paulo, etc.

Faço saber aos que esta minha carta de sismaria virem que atendendo ao que me representou Antonio José Pinto Bandeira da Villa de Curityba, que elle tinha cinco filhos, e alguns escravos para plantar e criar animaes vacuns, e no termo da mesma Villa se achão deixados e desocupados huns campos e faxinaes, ha mais de vinte annos a donde rezidio algum tempo o falecido Francisco Fernandes Saraiva, no serviço de tirar ouro cujos campos e faxinaes e matos principião do Putunã e outro o Rio dos Pactos fazendo testada no Rio Capivary me pedia lhe concedesse por sismaria as ditas terras que estão desaproveitadas e desocupadas para as possuir e nellas crear e trabalhar e de seus fructos pagará os Reaes dizimos e sendo visto o seu requerimento em que foi ouvida a Camara da Villa de Curityba a quem se não offereceu duvida nem ao Doutor Procurador da Corôa e Fazenda a quem se deu vista. Hey por bem dar de sesmaria em nome de sua Alteza Rial, em virtude de sua Rial ordem de quinze de Junho de mil setecentos e honze ao dito Antonio José Pinto Bandeira, as terras que pede na paragem mencionada com as confrontações asima indicadas não excedendo a quantidade das tres leguas na conformidade das Reais Ordens sem prejuizo de terceiro ou do direito que alguma pessoa tenha a ellas com declaração que as cultivará e mandará confirmar esta minha carta de sismaria por Sua Alteza Real, den-



tro de dois annos e não o fazendo se de-lhe-negará mais tempo e antes de tomar posse as fará medir e demarcar judicialmente sendo para esse effeito notificadas as pessoas com quem confrontar, e será obrigado fazer os caminhos de sua testada com pontes e estivas donde necessario forem e descobrindo nella rio caudaloso que necessite de barca para se atravessar, ficará reservada de huma das margens delle meya legoa de terras em quadra para a commodidade publica e nesta passarão, digo desta data não poderão succeder em tempo algum pessoa Ecclesiastica ou Religião, e se succeder pagará os Dizimos Riaes, ou outro qualquer que o dito Senhor lhe quizer impor de novo e não o fazendo se poderá dar a quem denunciar, como tambem sendo o mesmo Senhor servido, mandar fundar no districto della alguma Villa e poderá fazer ficando livre e sem encargo algum ou pensão para o sismeiro, e não comprehenderá nesta data veeiros ou minas de qualquer genero de metal que nella se descobrir reservando tambem os paus Reaes, e faltando a qualquer das ditas clausulas por serem conforme as ordens de sua Alteza Real, ao que dispoem a Ley e Foral das Sismarias, ficará privado desta, sendo outrosim obrigado o sismeiro a lavrar com arado cada anno nas terras que legitimamente lhe pertencer hum espaço de terreno de seis braças emfrente e seis de fundo por cada legoa quadrada conservando lavradas que for, digo que huma vês foram tratadas com arado na forma determinada pello avizo da Secretaria de Estado dos Negocios da Marinha dominios ultramarinos de dezoito de Mayo de mil oitocentos e hum com a comminação de que não cumprindo assim pagará cem mil reis por cada

braça que deixar de lavrar que serão applicadas para as Obras e mais despesas do Hospital Militar desta Cidade, cujo emcargos passará com as mesmas terras a todos os possuidores que forem dellas do futuro, e no cazo que ellas se subdividam será obrigado a lavrar a parte que lhe tocar proporcional a parte que qualquer outro possuir das referidas terras. Pelo que mando ao Ministro e mais pessoas a quem o conhecimento desta pertencer dem posse ao ditto Antonio José Pinto Bandeira das referidas terras com os fundos e confrontações na forma que pede e por firmeza de tudo lha mandei passar a presente por mim assignada e sellada com o sello de minhas Armas que se comprirá inteiramente como nella se contem e se registrará nos Livros da Secretaria do Governo e mais partes a que tocar e se passou por duas vias. Dada nesta Cidade de S. Paulo, Manoel Theotônio Rodrigues a fiz aos quatorze de Janeiro de mil oitocentos e cinco. Pagou de feito desta tres mil reis por ser a segunda via. Luiz Antonio Neves de Carvalho, Secretario do Governo a fez escrever. Antonio Manoel de França e Horta. — Lugar do sello. — Carta de sismaria porque V. Exa. ha por bem conceder a Antonio José Pinto Bandeira huma sorte de terras no termo da Villa de Curityba não excedendo a quantidade de treis legoas conforme as Reais ordens sem prejuizo de terceiro na forma nesta declarada. Para Vossa Excellencia ver. — Por despacho de Sua Excellencia de doze de Janeiro de mil oitocentos e cinco. — Luiz Antonio Neves de Carvalho. — Registrada no livro competente as folhas noventa e quatro verço nesta Secretaria do Governo de Sam Paulo. Catorze de Janeiro de mil



oitocentos e cinco. Manoel Theotonio Rodrigues de Carvalho. — Recebeo o recebedor Geral mil e seiscentos reis valor do sello da sismaria retro cuja quantia entregou a parte voluntariamente por não querer sujeitar-se a fiança do istillo e fica carregada no Livro competente a fls. 18. Sam Paulo dezoito de Janeiro de mil oitocentos e cinco. Vasconcellos. — Luz. — Registrada as fls. cento e secenta e treis do Livro de Registos nesta Villa de Curityba, a dez de Junho de mil oitocentos e cinco. O Escrivão da Camara, Francisco da Silva Leria.

*Escriptura de doação da Sesmaria das terras do Putunan.*

«Escriptura condicional de doação graciosa de huma Sismaria de terras, campos, mattos e faxinaes, que fazem Antonio José Pinto Bandeira e sua mulher Maria Domingues de Jesus a todos os seus filhos e descendentes. Saibão quantos este publico instrumento de escriptura condicional de doação graciosa de huma Sismaria de terras, campos, faxinaes, virem que sendo no anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oitocentos e vinte quatro. Terceiro da Independencia do Imperio aos vinte dias do mez de Agosto do dito anno nesta Villa de Curityba em cazas de moradas de Antonio José Pinto Bandeira e sua mulher Maria Domingues de Jesus onde eu Tabellião ao diante nomeado fuy vindo sendo chamado e sendo ahi por elles ditos Doadores Antonio José Pinto Bandeira e sua mulher Maria Domingues de Jesus, pessoas conhecidas de mim Tabellião pelas proprias de que dou fé, por elles marido e mulher me foi dito perante as testemunhas ao diante nomeadas e assignadas que elles entre os mais bens

que possuão hera bem assim — *huma sismaria de terras campos faxinaes e logradouros na paragem chamada o Putunan, comprehendidos entre o Morro deste nome, Rio Capivary, Rio dos Patos e Rio Putunan*, cujo terreno hera todo occupado desta propriedade como mostrava a medição e posse Judicial que tomarão e que possuíam livres e desembaraçadas sem pensão ou duvida alguma das quaes Terras, Campos e Faxinaes e Logradouros e Mattos faziam Dativa e Doação a todos os seus filhos Joaquim, Francisca, José, João e Manoel e seus descendentes legítimos de ditos seus filhos e seus presentes e futuros passando successivamente destes a outros sem nunca todavia poder qualquer vender, dar, Alienar, Hypothecar, ou fazer qualquer especie de negocio ou trato para o qual obrigue qualquer porção, ou parte do dito terreno, pois que não fica sendo seu senão o uzo e fructo delle durante sua vida passando só depois a seus filhos e assim progressivamente sem limite de sorte que venha conservar aquelle Terreno sempre indivisivel e sem partilha visto que elles doadores na sua terça farião a presente Dativa e doação na forma acima descripta e com as advertencias e determinações seguintes: — Que os genros e noras delles doadores, e de todos os seus descendentes não lhe será extensiva esta graça senão durante sua vida e por sua morte não passará a seus filhos aquelles que não descenderem delles doadores; que os aggregados que presentemente existem em sua casa João, Fidelis, Florindo, Prudente e Prudencia tão bem gozarão do uzo e fructo da referida propriedade durante suas vidas somente, e não passará a seus filhos senão o lugar de suas



moradas a aprazimento dos legítimos descendentes: Que qualquer de ditos seus descendentes tendo algum filho natural, reconhecido e habilitado que seja poderá este filho tão bem se utilizar da graça desta Escripura durante sua vida, somente nunca passando a seus filhos: Que enquanto houverem boas terras de planta entre os Rios Paraizo e Pactos ninguém poderá fazer seo arranchamento de morada nem criar ou envernar animaes neste logar. (A excessão de paioes) mas sim para fóra dos limites seguintes: — Da barra do Rio Paraizo por elle acima thé a barra do correço chamado Ribeirão da Roça e por este acima thé a indreitura de huma quebrada funda que — corre a desaguar em hum Ribeirão que se formando no Morro da Palmeira e correndo mais proxima ao Campo dos Pactos vae dezaguar no Rio dos Pactos, e por este quebrando abaixo thé o dito correço e por este abaixo thé a barra do dito Rio dos Pactos para não se damnificarem nem destruirem as terras de planta; Que todos aquelles dos beneficiados nesta Escripura e que tendo caza de morada e quizer mudar-se para outro lugar o poderá fazer mas dentro em Anno e dia deverá tão bem mudar suas bemfeitorias findo qual tempo qualquer dos outros poderá utilizar-se do que achar e do lugar e arranjar-se sem mais duvida alguma: Que qualquer dos ditos seus descendentes e beneficiados que botando roças no Espaço de seis annos não tornar a roçar no mesmo logar só com o fito de augmentar possesões poderá outro qualquer dos mesmos trabalhar e fazer suas plantações naquelle logar sem duvida nem embaraço: Que quando queirão quaesquer delles ditos fazerem Congonhas naquelles mattos deverão de

cortar as Arvores por sima afim de se tornarem perduraveis e não a extinguirem a excessão daquellas Arvores de reconhecida impossibilidade ou que estejam em mattos e logares de planta: Que a consentimento de todos os seus descendentes poderá qualquer pessoa de fóra fazer alli alguma roça por favor mais nunca por isso adquirindo em tempo algum titulo de posse, largando e deixando logar logo que algum delle lhe determine: Que intentando algum dos ditos seus descendentes ou beneficiados existentes ou fucturos fazer qualquer couza naquelle terreno que e de onde redunde em prejuizo geral ou quazi geral dos outros não convindo a maioria dos pareceres dos descendentes, deixará de ser feita a dita couza, para se evitarem desvio ou prejuizos, e contestações: Que querem elles doadores e hé sua vontade que seu filho José se lhe dê a prohemincia de escolha do logar situação em todo Terreno nos logares destinados para tal fim pelo — muito que tem trabalhado em beneficio deste dito logar e sem interesse algum: Que no cazo de Avaliação deste Terreno dita Fazenda de Putunan, Campos, Terras, Mattos e Faxinaes não caiba inteiramente em suas Terças que sempre fique valiosa a presente doação naquella parte cujo valor seja a Terça delles doadores designada com Marcos e confrontações esperando elles doadores de seus herdeiros neste cazo que do resto que partilhar fação iguaes doações a seus descendentes afim de que fique todo o Terreno comprehendido na dita Sismaria, indivisivel quando alguma duvida nesse cazo se lhe faça — seo quinhão unido ao Rio Putunan do Salto para baixo — para o Rio Capivary: Que finalmente todos os seus legítimos descendentes e mais beneficiados



nesta Escripura entrarão no desfrute desta propriedade por morte delles doadores tempo em que ficará a presente doação em seu inteiro vigor podendo comtudo desde já qualquer delles ditos utilizar-se de qualquer parte desta propriedade pela forma que mais conveniente lhe for com audiencia delles Doadores em quanto sua vida digo delles Doadores: E de como assim o disseram pediram que eu como pessoa publica estipulante e acceitante estipulasse e acceitasse nesta minha Nota e eu Tabellião por bem de meu officio extipulei e acceitei a dita Escripura em nome da pessoa ou pessoas auzentes a quem toca o direito della a beneficio dos quaes a presente dicerão mais elles outorgantes que se para maior validade desta faltassem algumas clausulas necessarias aqui as haviam todas propostas e declaradas como se de cada uma dellas fizessem especial menção e mais se dezaforavão elles Doadores a todos e qualquer privilegios que sendo em seo favor lhes privace de fazer a prezente doação. Em fé de que assim disseram e outorgarão pedirão lhe fizesse a presente a qual sendo-lhes lida disserão estava a seus contento na forma que me haviam outorgado e assignarão com as testemunhas presentes o Capitão Manoel José de França e o Alferes João da Silva Pereira todas desta Villa e pessoas reconhecidas de mim Tabellião pelos proprios de que dou fé, com os herdeiros presentes e assistentes assignados Capitão Domingos José da Motta como cabeça de sua mulher e herdeira Francisca e eu Joaquim José Ferreira Bello Tabellião que o escrevi. (Assignados): Antonio José Pinto Bandeira, Maria Domingues de Jesus, Manoel José de França, João da Silva Pereira. O herdeiro Joaquim

José Pinto Bandeira. O herdeiro Domingos José da Motta. O herdeiro José Joaquim Pinto Bandeira. O herdeiro João Nepomuceno Pinto Bandeira. O herdeiro Manoel Domingues Pinto Bandeira.»

\* \*

Teve os seguintes filhos:

5-1 Capitão Manoel Domingues Pinto Bandeira, solteiro. Em seu testamento declarou ter uma filha natural com Lia Leopoldina Gomes, chamada:

6-1 Maria da Luz Bandeira, falecida com testamento em Curityba, cujo inventario foi feito em 1896. No seu testamento declarou sua filiação e ser casada com Joaquim Marques dos Santos. Sem filhos.

5-2 Francisca de Paula Ribeiro, casada em Curityba a 15 de Novembro de 1810 com Domingos José da Motta Bastos, filho de Domingos José da Motta Bastos e de sua mulher Anna Maria Alves.

Teve:

6-1 Jacyntha Flora Bandeira, casada a 17 de Agosto de 1832 com Generoso Ferreira de Oliveira Bueno, filho de José Ferreira de Oliveira Bueno e de sua mulher Rosa Viterbo.

Teve:

7-1 Arcilio Ferreira da Motta.

7-2 Gabriel Ferreira da Motta.

6-2 Florisbella Morocines da Motta Bandeira, casada com o Capitão Francisco de Assis e Silva.

Teve:

7-1 Coronel Carlos da Motta Bandeira e Silva, casado em 19 de Setembro de 1868 com Thereza Maria da Silva, filha de José Correia de Faria e de sua mulher Maria Francisca de Faria. Foi Escrivão dos Auditorios e Secretario do Superior Tribunal de Justiça do Paraná. Foi homem inteligente e culto, sendo geralmente estimado pelos seus predicados Moraes.

Teve:



- 8-1 Florisbella da Motta Bandeira, casada com o Capitão Alberto Alves Guimarães, filho do Dr. Francisco Alves Guimarães, 7-1 de 6-1, de pagina 437, e de sua mulher Ambrosina Rosa Guimarães.

Teve:

- 9-1 Estella Bandeira Guimarães Camargo, viuva de Juvenal Camargo.

Teve:

10-1 Heliantho.

10-2 Lycia.

- 8-2 Tenente Coronel Euclides da Motta Bandeira e Silva, do Exercito de 2.<sup>a</sup> Linha. Nasceu em Curityba a 22 de Dezembro de 1876.

Depois de concluir seus estudos preparatorianos, aos 16 annos de idade, verificou praça no 8.<sup>o</sup> Regimento de Cavallaria com destino á Escola Militar do Brasil. Por ocasião da revolta da Armada de 6 de Setembro de 1893, tomou parte na expedição que a 13 de Março de 1894 occupou a Fortaleza de Villegaignon, embarcando em 23 do mesmo mez, no vapor de guerra «Itaipú», do qual desembarcou a 30 de Dezembro desse mesmo anno. Tomou parte na batalha naval que em 16 de Abril de 1894 se travou em aguas de S. Catharina, merecendo, em Ordem do dia, elogios do Almirante Jeronymo Gonçalves. Em 15 de Março de 1895, foi excluído do Exercito, juntamente com outros companheiros, por motivo de uma sedição de alumnos na Escola Militar. Voltando ao Paraná, dedicou-se ao jornalismo, começando a colaborar, em prosa e verso, nos jornaes «A Luz», «A Republica» e «A Tarde», então dirigida pelo Major Domingos Nascimento.

Foi redactor mental do «Diario da Tarde», quando sob a direcção do Coronel José Celestino de Oliveira Junior, demonstrando então, o seu grande talento jornalístico, orientando criteriosamente a opinião publica e discutindo com profundeza, todos os problemas sociais e politicos do Paiz. Como litterato primoroso e combativista de pulso forte e de vontade inquebrantavel, publicou varios opusculos, taes como: — «He-

reticos» (1901), soneto; «A Mulher e o romanesmo» e «Versos piegas» (1903), «Pamphleto anti-clerical»; «Velhas paginas» (1903), «Collec-taneas de versos»; «Dithyrambos» (1904); «Europeis» (1906) e «Traços e Troças», contos humoristicos, etc. Alem dos trabalhos citados, Euclides da Motta Bandeira e Silva, produziu outras obras que se conservam ineditas.

E' um dos espiritos mais esclarecidos da contemporanea geração paranaense, não só como jornalista, mas tambem como escriptor de idéas alevantadas e firmes. Nas suas polemicas nunca despio a luva de gentil-homem fidalgo e educado; nunca se subordinou as injuncções partidarias, quer politicas quer religiosas.

Casou-se em 1914 com Joannina Ferrante Bandeira.

Teve:

- 9-1 Glaucio Bandeira, gymnasiano.

- 7-2 Geraldina da Motta Bandeira Bello, casada com José Ferreira Bello, filho do Capitão Joaquim José Ferreira Bello <sup>(1)</sup>, fallecido em 21 de Fevereiro de 1865, e de sua mulher Balbina Maria do Nascimento Bello.

Teve:

- 8-1 Balbina Ferreira Bello.

- 8-2 Lourença Ferreira Bello.

- 8-3 Laurindo Ferreira Bello.

- 8-4 Godofredo Ferreira Bello, casado com Emilia Biscaia Bello.

Teve:

<sup>(1)</sup> O Capitão Joaquim José Ferreira Bello de seu matrimonio com Balbina Maria do Nascimento, teve os seguintes filhos:  
 1 — Padre Lourenço Justiniano Ferreira Bello.  
 2 — Padre João Baptista Bello.  
 3 — Constantino Ferreira Bello.  
 4 — José Ferreira Bello, acima descripto  
 5 — Joaquim Ferreira Bello.  
 6 — Rosa Bello de Sant'Anna, casada com João de Sant'Anna Pinto.  
 7 — Ludovina Ferreira Bello, casada com Felipe Sarty e em segundas nupcias com Julio Camello Belach.  
 8 — Anna Ferreira Bello Machado, casada com Manoel Joaquim Machado.  
 9 — Balbina Ferreira Bello, fallecida solteira.  
 Ver Titulo Rodrigues de França, 4-7 de 3-1 de 2-2 de 1-2 de Capitulo 2.<sup>o</sup>



- 9-1 Maria Francisca.
- 9-2 Maria José.
- 8-5 Lourenço Ferreira Bello.
- 8-6 Florisbella Ferreira Bello.
- 8-7 João Ferreira Bello, casado com Magdalena Conforto Bello.
- Filhos:
- 9-1 Aracy.
- 9-2 João.
- 9-3 Godofredo Ferreira Bello Sobrinho, casado com Rosa Calberg Bello.
- Teve:
- 10-1 João Bello Netto.
- 9-4 José Ferreira Bello Netto, casado com Leonidia Zanon Bello.
- Teve:
- 10-1 Dirce.
- 9-5 Maria Antonia.
- 9-6 Nydia.
- 9-7 Francisco.
- 9-8 Lauro.
- 8-8 Antonio Ferreira Bello, casado com Leonor Correia da Silva Bello.
- Filhos:
- 9-1 Nahir.
- 9-2 Laurindo.
- 9-3 Francisco.
- 9-4 Aristides.
- 9-5 Hamilton.
- 9-6 Odilia.
- 9-7 Florindo.
- 9-8 Acyndino.
- 9-9 Ulysses.
- 8-9 José Ferreira Bello Filho, casado com Hermenegilda Mattana Bello.
- Filhos:
- 9-1 Zahira.
- 9-2 Juventina.
- 9-3 Juventino.
- 9-4 Eurites.

- 9-5 Joaquim.
- 9-6 Zulmira.
- 9-7 Zelia.
- 9-8 Zilda.
- 9-9 Zenith.
- 9-10 Zenith.
- 9-11 Zilvira.
- 9-12 Maria de Lourdes.
- 7-3 Florindo da Motta Bandeira e Silva, solteiro.
- 7-4 Idalina da Motta Bandeira e Silva, casada com Bernardo de Oliveira Mendes, filho de João de Deus de Oliveira e de sua mulher Luiza de Oliveira Mendes; neto pela parte materna do Comendador Manoel Mendes Leitão e de sua mulher Francisca de Paula Ribas, 3-5 de 2-3 do § 3.º, Capitulo 2.º — Titulo Rodrigues Seixas.
- 7-5 Modesta da Motta Bandeira e Silva, falecida solteira.
- 6-3 Rosa Candida Laurinda, casada com Valentim Correia Leite.
- 6-4 Candida Jovina Bandeira, foi casada em primeiras nupcias com José Teixeira da Silva Pereira, falecido em 1849, quando foram inventariados os seus bens; e em segundas nupcias com João Baptista de Azevedo Coutinho.
- Teve do primeiro matrimonio:
- 7-1 Diamiro Ferreira da Motta Bandeira, um dos bravos da guerra do Paraguay. Assentou praça como Voluntario da Patria a 4 de Fevereiro de 1865, tendo desistido do premio de 300\$000 offerecido aos que fossem voluntarios. Fez parte do primeiro contingente de 80 voluntarios que, sob o commando do Alferes Antonio José Lyra Flores, seguiu a 2 de Março de 1865. Em consequencia de graves molestias, adquiridas no Paraguay, regressou á Curityba a 10 de Junho de 1868, com a Patente de Tenente de Voluntarios, onde falleceu a 28 de Março de 1871, devido á esses mesmos padecimentos. Muito se distinguio em todas as acções de campanha em que tomou parte.



Do segundo matrimonio teve:

- 7-2 Amazilia de Azeredo Coutinho, casada com o Coronel José Joaquim da Costa, nascido em 14 de Setembro de 1848 e casado em 22 de Setembro de 1883.

Teve:

- 8-1 Maria Candida da Costa Mello, casada com José Pinheiro de Mello, de cujo matrimonio tiveram os seguintes filhos:

- 9-1 Raul Pinheiro de Mello.
- 9-2 Macario Pinheiro de Mello.
- 9-3 Helena Pinheiro de Mello.
- 9-4 José Pinheiro de Mello.
- 9-5 Maria Morena Pinto de Mello.
- 9-6 Maria da Luz Pinto de Mello.
- 9-7 Luiz Pinto de Mello.
- 9-8 Gaspar Pinto de Mello.
- 9-9 Dalila Pinto de Mello.
- 9-10 Pedro Pinto de Mello.
- 9-11 Lauro Pinto de Mello.

- 8-2 Esther da Costa, se casou em primeiras nupcias com Euclides Ferreira de Mello e em segundas nupcias com José Soares de Gusmão.

Do primeiro matrimonio teve:

- 9-1 Euclides Ferreira de Mello.
- 9-2 Bráulio Carneiro de Mello.

Do segundo matrimonio teve:

- 9-3 Maria Judith de Gusmão.
- 9-4 Maria Erismam de Gusmão.
- 9-5 José Soares de Gusmão Filho.
- 9-6 Jovelina Soares de Gusmão.
- 9-7 Aurea Soares de Gusmão.
- 9-8 Fanny Soares de Gusmão.
- 9-9 Ruth Soares de Gusmão.

- 8-3 Maria Elisa da Costa, casada com Annibal Pereira Passos.

Teve:

- 9-1 Esther Pereira da Costa.
- 9-2 Luiza Pereira da Costa.
- 9-3 Delmiro Pereira da Costa.

- 9-4 Maria Pereira da Costa.

- 9-5 Ataliba Pereira da Costa.

- 9-6 Maria Pereira da Costa.

- 9-7 Julia Pereira da Costa.

- 9-8 Francisco Pereira da Costa.

- 9-9 Pedro Pereira da Costa.

- 8-4 Elizena Coutinho da Costa, casada com José de Camargo Bittencourt.

Teve:

- 9-1 Zenita Bittencourt.

- 9-2 Ophir Bittencourt.

- 9-3 Elzira Bittencourt.

- 9-4 Julia Bittencourt.

- 9-5 João Bittencourt.

- 8-5 Maria Judith da Costa, casada com Theodomiro Mendes Carneiro.

Teve:

- 9-1 Maria Mendes Carneiro.

- 9-2 Jacy Mendes Carneiro.

- 9-3 Alzira Mendes Carneiro.

- 9-4 José Mendes Carneiro.

- 9-5 Leoni Mendes Carneiro.

- 8-6 João Coutinho da Costa, solteiro.

- 8-7 Mercedes Coutinho da Costa, solteira.

- 8-8 Gaspar Coutinho da Costa, casado com Carmelita Guimarães Borba.

Filhos:

- 9-1 Maria José Costa.

- 9-2 Gaspar Coutinho Costa Filho.

- 9-3 Walter Coutinho Costa.

- 9-4 Moacyr Coutinho Costa.

- 8-9 Jeronymo Coutinho Costa, casado com Deolinda Pereira de Camargo.

Filhos:

- 9-1 Devoansir de Camargo Costa.

- 9-2 Jeronymo de Camargo Costa.

- 9-3 Pedro de Camargo Costa.

- 9-4 Lauro de Camargo Costa.

- 7-3 Eliza da Motta Bandeira, casada com o 2.º Tenente do Exercito Fortunato Leme do Prado que, transfe-



rido para a Guarnição de Matto Grosso, embarcou no paquete «Rio Apa» com sua família, naufragando nas costas do Rio Grande do Sul, devido á um forte temporal, tendo perecido todos os passageiros e a tripulação do mesmo vapor no dia 11 de Julho de 1887.

Teve o filho unico:

8-1 Octacilio Leme do Prado, que, conjuntamente com seus Pais, pereceu no no dia 11 de Julho de 1887, em o naufragio do «Rio Apa».

6-5 Francisco de Paula Motta Bandeira, solteiro.

6-6 Joaquina da Motta Bandeira, falecida solteira.

5-3 Coronel Joaquim José Pinto Bandeira, casado em Curityba a 9 de Julho de 1839 com Maria Rosa da Paixão, viuva de Luiz Gomes da Silva. Fez parte da primeira Assembléa provincial eleita a 15 de Maio de 1854, sendo eleito Presidente dessa mesma Assembléa em 15 de Julho do mesmo anno. Em 1835 foi eleito Deputado á primeira Assembléa provincial de S. Paulo, pelo circulo eleitoral da Comarca de Paranaguá-Curityba.

Em 21 de Abril de 1854, foi nomeado primeiro suplente do Juiz Municipal de Curityba. A 2 de Dezembro de 1854, foi agraciado com Habito de Official da Ordem da Rosa. Em Fevereiro de 1853, foi nomeado Coronel Commandante Superior da Guarda Nacional de Curityba, S. José e Lapa.

Explorou os nossos principaes rios, dos quaes deu em 1857 minuciosas informações ao Presidente Francisco Liberato de Mattos, demonstrando ser a navegabilidade do Rio Ivahy superior a do Rio Tibagy. Tratou da navegabilidade dos Rios Ivahy, Paranapá e Tibagy. Em sua informação ao Governo do Paraná, de 2 de Março de 1857, disse: «O rio Ivahy é formado pela junção dos rios dos Patos, Ponte Alta e Bom Successo, que cortam a estrada de Guaruapuava. Até sua fóz, no Paraná, corre o Ivahy por sertões incultos e desconhecidos. Em sua margem

esquerda formaram os Jesuitas a povoação hespanhola de Villa Rica do Espirito Santo. Não ha memoria a respeito. Ha 10 annos o Tenente Coronel Luiz Vergueiros com o mappista João Henriques Elliot, descendo embarcados pelo rio Paraná até a embocadura do rio Ivahy e subindo por este, desembarcaram no rio Ivahysinho, duas leguas acima da Colonia Theza, e mais avançariam se subissem até o grande salto que ha nas proximidades da estrada de Guaruapuava, logo após a junção dos rios que formam o Ivahy. Moradores de Ponta Grossa capitaneados por um Antonio Borges, tentaram uma exploração ao Paraná embarcando no rio Ivahy em companhia de Antonio Faxineiro e seu Pai.»

— Em seu relatorio, que é longo, opina pela superioridade do curso do rio Ivahy á navegação para Matto Grosso, não só pela menor distancia a percorrer, como tambem pela abundancia de aguas e menor numero de obstaculos, e além disso, por ser mais proximo do porto do mar. Explorou o sertão de Guaruapuava e Palmas, dos quaes foi um dos descobridores. Vulto de destaque, gozou sempre de vasto prestigio politico e social, desde o tempo em que o Paraná fazia parte da Provincia de S. Paulo.

Falleceu em Curityba a 10 de Maio de 1858.

Deixou os seguintes filhos:

6-1 Antonio Pinto Bandeira.

6-2 Jesuino Pinto Bandeira.

6-3 Gertrudes Placidia Bandeira, casada com Candido Ayres de Araujo, falecido.

Teve:

7-1 Candido.

7-2 Francisca.

7-3 Henriqueta.

5-4 Tenente João Nepomuceno Pinto Bandeira, falecido em 14 de Dezembro de 1858.

Casou-se em Curityba a 10 de Julho de 1824 com Maria Josepha Ferreira, viuva de José Victor de Abea e Ollabe.

Divorciou-se. Sem filhos desse matrimonio.



Teve naturaes que reconheceu:

6-1 Ursulina.

6-2 Dina Rosa Bandeira, foi casada com João Leme do Prado, filho de Francisco Leme do Prado, fallecido em Curityba a 11 de Janeiro de 1863.

Teve:

7-1 Maria Dina Bandeira, nascida em 1843.

7-2 Tenente Fidencio Leme do Prado, nascido em Curityba a 21 de Setembro de 1844.

A 25 de Janeiro de 1865, assentou praça voluntaria com destino ao Paraguay, sendo a 8 de Março incluído na 4.<sup>a</sup> Companhia do 27.<sup>o</sup> Corpo de Voluntarios da Patria. Desembarcou em S. Francisco do Uruguay; transpôz o rio Paraná, tomando parte nos combates de 16 de Julho de 1866. Tomou parte nos combates de 22 e 24 de Maio, onde foi ferido, e nos de 16 e 18 de Julho de 1866. Fez a marcha de Tuyuty para Tuyaqué e assistio ao combate de 20 de Julho desse anno. Tomou parte no assalto de Sauce, marchou de Curupaity para o Humaytá. Tomou parte nos combates de Lomas Valentinas e na rendição de Angustura. Acampou em Assumpção. Tomou parte no assalto de Peribebuy e na batalha de Nieguaçu. Foi elogiado em ordem do dia do Commandante das forças de Manduvirá, por haver com valor, abnegação e constancia, supportado as fadigas de 5 annos de campanha no Paraguay. Foi commissioned pelo Commandante em Chefe, sendo-lhe por Decreto de 7 de Maio de 1870 concedidas as honras do posto de Alferes do exercito em attenção aos relevantes serviços de guerra. A 16 de Maio desse anno, foi dispensado do serviço do exercito, por ter sido nesse dia dissolvido o 27.<sup>o</sup> Corpo de Voluntarios.

O bravo e patriótico curitybano, reside actualmente em Imbituva, neste Estado, onde goza de estima e respeito geral e, apesar de sua avançada idade, ainda se acha forte e conserva a viva-

cidade e ardor patriótico de sua mocidade, como demonstrou em sua viagem ao Rio de Janeiro, feita a 7 de Setembro de 1922, por ocasião da commemoração do centenario da Independencia do Brasil. Alli apresentou a Bandeira Brasileira do Imperio que pessoalmente retirou do Palacio do dictador Lopes em Assumpção, onde servia de tapete dos nossos inimigos.

O «Jornal do Commercio», do Rio de Janeiro, em sua edição de 13 de Setembro de 1922, narra pela seguinte maneira a origem desse sagrado emblema de nossa Patria, cuja historia lhe fôra contada pelo glorioso veterano do Paraguay:

«*Tenente Fidencio Leme do Prado.*

«Esse velho e dedicado servidor da Patria fez toda a campanha do Paraguay e está ainda forte e sadio, apesar de seus 78 annos de idade. A sua palestra é viva e interessante. Ama, ainda hoje o Brasil com o mesmo ardente entusiasmo dos seus tempos de moço. Veio ao Rio de proposito para assistir as festas de Sete de Setembro. Imaginando encontrar aqui o Conde d'Eu, trouxe para offerecer ao Marechal da Victoria uma preciosa reliquia historica, que desde 1869 guardava religiosamente em seu poder.

«Essa reliquia está encerrada numa caixa de madeira com esta inscripção em letras douradas: «A memoria de D. Pedro II — O Valor e a Constancia.»

«Trata-se de uma Bandeira Nacional do Imperio, e a historia desse sagrado pedaço de panno é curiosissima e altamente tocante. Vamos referil-a como nol-a contou o sympathico veterano:

«Quando o Exercito entrou na cidade de Assumpção, capital da Republica do Paraguay, no dia 5 de Janeiro de 1869 e commandado pelo General Osorio, não encontramos ninguem. A cidade estava deserta. Depois que aquartelamos, convidei o mestre de musica Clarimundo José da Silva e o corneteiro-mór Antonio Roberto e di-



rigimo-nos ao palacio do dictador Lopez. Ahi chegados, penetramos no interior, não com a idéa de saque, mas para apreciarmos a belleza do edificio que pela sua architectura nos attrahira a attenção.

«Encontramos, em um compartimento um grande archivo velho contendo muitos papeis de musica. O mestre de musica e o corneteiro-mór entre-tiveram-se em escolher papeis de musica, enquanto eu seguia em direcção ao ultimo andar, acabando por entrar em um gabinete que era o escriptorio do Dictador. Ahi encontrei uma bandeira brasileira estendida no soalho, na frente da cadeira do referido Dictador, servindo de tapete. Levantei-a e levei-a commigo. Seriam talvez quatro horas da tarde. A's 5 horas apresentaram-se tres paraguayos: Romão Braga, Occalino Banio e João Martins, que faziam parte do piquete que acompanhava o Dictador e tinham ficado refugiados num arrabalde da cidade. A esses tres paraguayos inqueri como foi que Lopez obtivera aquella bandeira e os tres me affirmaram que quando os paraguayos haviam aprisionado o vapor «Marquez de Olinda», que levava a bordo o coronel Carneiro de Campos para Matto Grosso, foram tiradas duas bandeiras do alludido vapor. Uma dellas ficára no Quartel General de Humaytá para tapete e a outra viera para o palacio de Lopez na capital e destinada á mesma serventia.

«Esta ultima por mim achada nas condicções que refiro guardei-a na minha muchilla e ninguem mais soube do facto, além do mestre da musica Clarimundo J. da Silva e o corneteiro Antonio Roberto.

«Quando regressei do Paraguay trouxe commigo a preciosa reliquia e conservei com carinho em minha casa, como recordação do tempo em que com meu sangue defendi a minha idolatrada Patria. O meu desejo era que esse sagrado pavi-

lhão me servisse de mortalha quando eu morresse, mas vindo agora ao Rio assistir ao Centenario, trouxe a bandeira no pensamento de offerecel-a ao Conde d'Eu. O Conde morreu antes de chegar ao Rio e eu, devendo regressar a Imbituva, onde resido, comprehendendo que o symbolo da Patria merece figurar n'algum logar onde todos possam vel-o e veneral-o. Aparto-me d'elle com infinita saudade e peço ao «Jornal do Commercio» que lhe dê o destino que achar melhor.

«A narrativa commoveu-nos profundamente como ha de commover a todos os brasileiros que a lerem. Tivemos impetos de beijar a mão do modesto e glorioso veterano que soubera guardar tantos annos com devoção aquelle abençoado pedaço de panno.

«A bandeira e a caixa em que está encerrada ficam nesta Redacção á disposição do Director do Museu Historico recentemente fundado, o Dr. Gustavo Barroso.»

7-3 Anna Dina Bandeira, nascida em 1849.

7-4 Isabel Dina Bandeira, nascida em 1852.

7-5 Francisco Leme do Prado, nascido em 1851.

7-6 Joaquina Dina Bandeira, nascida em 1854.

5-5 José Joaquim Pinto Bandeira, solteiro.

«Houve no Rio Grande do Sul um Raphael Pinto Bandeira, valoroso cabo de guerra, que prestou relevantes serviços, com maxima valentia, desde 1754 até depois de 1777, expulsando os hespanhões.

Nasceu em 1736 nas immediações da barra do Tramandahy ou no Rio Capivary, em logar não bem averiguado.

Era filho do Capitão Francisco Pinto Bandeira, natural da Laguna, e por este, neto de José Pinto Bandeira, natural de Portugal. (Traços biographicos de Raphael Pinto Bandeira, do Dr. José Zeferino da Cunha.)

Encontramos nos livros de notas de 1810, no Cartorio do Sr. Manoel José Gonçalves, uma escriptura de perdão á um Raphael Pinto Bandeira, morador em Principe (Lapa) por um ferimento feito por elle em outro cidadão. O offendido Adriano Pinto de Almeida declarou que «— havia tido um insignificante ferimento que lhe diziam tinha sido feito pelo assistente Raphael Pinto Bandeira, e que ainda no cazo de que fosse certo que elle com effeito o tivesse feito, elle outorgante lhe dava pleno e geral perdão.... como si nunca tivesse offensa d'elle.»



3-3 Maria Marques dos Santos de seu segundo matrimonio teve 3 filhos: (C. O. de Curityba.)

4-3 Anna Josepha, casada com Antonio Falcão.

4-4 Padre Antonio Teixeira Camello, que foi Vigario de Curityba. Por Provisão de 12 de Maio de 1826 do Vigario Capitular do Bispado de São Paulo, foi commissionado para benzer e visitar a Capella de Nossa Senhora da Piedade de Campo Largo, que se acabava de concluir. Em 24 de Janeiro de 1827 fez a visita e a benção na Capella e nesse mesmo dia foi collocada em o seu altar na referida Capella a virgem da Piedade, que fôra mandada vir da Bahia.

4-5 Rosa de Viterbo, casada em 1797 com o Capitão José Ferreira de Oliveira.

Teve:

5-1 Generoso Ferreira de Oliveira Bueno, casado em Curityba a 17 de Agosto de 1832 com Jacintha Flora Bandeira, filha do Capitão Domingos José da Motta Bastos e de sua mulher Francisca de Paula Bandeira; neta pela parte paterna de Domingos José da Motta Bastos e de sua mulher Anna Maria Alves; neta pela parte materna do Capitão Antonio José Pinto Bandeira e de sua mulher Maria Domingues de Jesus, 4-2 de 3-3.

Ahi a descendencia.

3-4 Anna Marques da Silva, fallecida em Curityba a 2 de Agosto de 1812, foi casada em primeiras nupcias em 2 de Outubro de 1775, na Villa de Curityba, com o Tenente Francisco Pinto Teixeira, filho do Capitão Manoel Gonçalves Sampaio e de sua mulher Maria Rodrigues Pinto; neto pela parte paterna de Manoel Gonçalves, natural de Almada-Portugal, e de sua mulher Rosa Maria Sampaio, natural de Santos; neto pela parte materna de Gaspar Teixeira, natural de Bastos-Portugal, e de sua mulher Maria Rodrigues do Rosario, natural de Curityba. Casou-se em segundas nupcias em Curityba em 1783 com Francisco Baptista

Diniz, filho do Sargento-mór João Baptista Diniz e de sua mulher Luiza de Araujo, de 4-2 de 3-2.

Do primeiro matrimonio teve: (C. O. de Curityba — Inventario de 1812.)

4-1 Maria Izabel, casada com Antonio José da Costa.

4-2 Francisca Teixeira dos Santos, casada com Francisco Guedes de Carvalho, que por morte de sua mulher passou a residir em Sorocaba.

Teve: (C. O. de Curityba.)

5-1 Delfina, nascida em 1796.

5-2 José Francisco dos Santos, nascido em 1798.

5-3 Maria, nascida em 1805.

5-4 Antonio Guedes, nascido em 1806.

Do segundo matrimonio teve:

4-3 João Baptista Diniz - o neto -, nascido em 1785.

4-4 Anna, nascida em 1790.

4-5 Joaquim, nascido em 1793.

2-4 Rosa dos Santos Pereira, filha de Joanna Garcia Soares, 1-6 do Capitulo 5.º, de pagina 419, falleceu em Curityba, d'onde era natural, com seu testamento, a 31 de Dezembro de 1810, em estado de viuva de Roque de Siqueira Cortes, fallecido em Curityba em 14 de Outubro de 1802; este era filho de Antonio Fernandes de Siqueira e de sua mulher Catharina de Siqueira Cortes; neto pela parte paterna de Miguel Fernandes de Siqueira, natural de S. Francisco, e de sua mulher Maria Luiz Tigre; neto pela parte materna de Luiz de Góes e de sua mulher Maria de Siqueira Cortes. Luiz de Góes obteve em 1668 uma sesmaria de terras, passada por Gabriel de Lara, por onde se vê, que foi elle um dos primeiros povoadores de Curityba. Catharina de Siqueira Cortes era viva em 1772, quando falleceu seu marido Antonio Fernandes de Siqueira, e segundo uma justificação feita em juizo por seu filho Roque, em nome de seus irmãos, tinha



ella - «mais de 100 annos de idade e era entrevada e caduca».

Teve 16 filhos: (C. O. de Curityba. - Inventario de 1813.)

3-1 Manoel da Paixão, solteiro, auzente e com 59 annos.

3-2 Francisco dos Santos, solteiro, com 57 annos.

3-3 José Francisco dos Santos, casado em Curityba a 9 de Abril de 1793 com Maria Cordeiro da Silva, filha de João Esteves dos Reis e de sua mulher Izabel Cordeiro da Silva; neta pela parte paterna de Antonio Esteves Nunes e de sua mulher Thereza Nunes; neta pela parte materna de Antonio Cordeiro Mathoso, natural de Paranaguá, e de sua mulher Maria Leme da Silva. Vêr 4-2 de 3-5 de 2-1, § 1.º do Capitulo 6.º.

3-4 Fortunato J. dos Santos.

3-5 Mathias dos Santos, solteiro, com 38 annos.

3-6 Antonio dos Santos Cortes, fallecido a 2 de Outubro de 1826, foi casado em Curityba a 29 de Janeiro de 1818 com Gertrudes Alves de Araujo, filha de Sebastião Alvres de Araujo e de sua mulher Quiteria Pinheiro.

Sem filhos.

3-7 João dos Santos Siqueira, com 28 annos, casado.

3-8 Maria dos Santos de Siqueira Cortes, casada a 12 de Setembro de 1774 com Sebastião Cordeiro da Silva, filho de Antonio Cordeiro Mathoso e de sua mulher Maria Leme da Silva; neto pela parte paterna de Manoel Cordeiro Mathoso e de sua mulher Romana Rodrigues da Cunha; neta pela parte materna de Manoel Lemos Bicudo e de sua mulher Maria da Silva.

Teve, que descobrimos:

4-1 Roque Cordeiro dos Santos, baptisado em Curityba a 2 de Agosto de 1789.

3-9 Anna dos Santos Cortes, casada a 29 de Junho de 1790 com Luiz de Souza Menezes, nascido em 1756, viuvo de Francisca Moreira, filho de Luiz de Souza Menezes, fallecido a 8 de Setembro de 1767 e de sua primeira mulher Maria do Rosario da Conceição, casados a 14 de Agosto de 1756; neto pela parte

paterna de Diogo de Souza Menezes e de sua mulher Luiza Maria; neto pela parte materna do Guardamór Francisco Martins Lustoza, do qual trataremos no 2.º volume desta Obra, e de sua mulher Maria Soares de Jesus.

Teve, que descobrimos:

4-1 João Lustoza de Menezes, casado com Gertrudes Maria de Siqueira, filha de Bento de Siqueira Cortes e de sua mulher Anna Maria de Jesus; neta pela parte paterna de Pedro de Siqueira Cortes e de sua primeira mulher Anna Gonçalves Coutinho, filha de Manoel Gonçalves Coutinho e de sua mulher Paula Rodrigues de França, do Capitulo 2.º, do Titulo Rodrigues de França, desta Obra; pela parte materna era neta de Ignacio Pires de Lima, casado em Curityba em 1765 com Clara Pereira Telles, 1-1 do Capitulo 2.º, do Titulo Rodrigues Seixas, desta Obra.

Com descendentes descriptos no volume 3.º desta Obra, em Titulo Rodrigues de França, em 3-6 de 2-3 de 1-4, § 4.º do Capitulo 11.º

3-10 Francisca dos Santos, casada em Curityba no anno de 1797 com Manoel José Ribeiro, filho de Antonio Ribeiro Baptista e de sua mulher Isabel Vaz Torres.

3-11 Angela Maria de Siqueira, casada em Curityba no anno de 1798 com Antonio Martins Pereira, natural de S. José dos Pinhaes, filho de Miguel Ribeiro Baptista e de sua mulher Anna Maria de Jesus

3-12 Joanna Maria de Siqueira, casada com Joaquim da Costa.

3-13 Rosa dos Santos Cortes, casada em Curityba no anno de 1802 com Antonio Garcia de Lima, filho de Manoel Rodrigues de Siqueira e de sua mulher Joanna Esteves de Araujo, 4-1 de 3-4 de 2-6, do § 1.º, do Titulo 6.º

3-14 Maria Joanna, casada com Joaquim da Costa Rosa.

3-15 Maria do Carmo, solteira, com 34 annos.

3-16 Gertrudes Maria dos Santos, casada em Curityba a 26 de Novembro de 1785 com Domingos Antonio Pimentel, natural de Paranaguá, filho de Caetano An-



tonio Pimentel, natural das Ilhas, Portugal, e de sua mulher Anna Maria da Silva; por esta, neto de Francisco Leme e de sua mulher Margarida Bicudo, de S. Paulo.

Teve os seguintes filhos: (C. O. de Curityba.)

4-1 Francisco, com 12 annos em 1810.

4-2 Maria, com 10 annos.

4-3 Anna, com 8 annos.

4-4 Manoel, com 6 annos.

4-5 Rita, com 5 annos.

2-5 Escolastica dos Santos Pereira, fallecida em 1818, em estado de viuva de Pedro de Souza Leal, natural da Ilha de S. Jorge, Portugal, filho de Manoel de Souza e de sua mulher Maria Leal.

Teve: (C. O. de Curityba — Inventario de 1836.)

3-1 Francisco dos Santos Leal, casado com Francisca Preta de Oliveira, natural da Ilha da Graciosa.

Teve:

4-1 Francisco.

3-2 Sebastião dos Santos Leal, casado com . . . .

3-3 Bento dos Santos Leal Pereira, viuvo, auzente.

Teve:

4-1 Joaquim dos Santos Pereira Leal.

3-4 Maria dos Santos Leal, casada a 13 de Janeiro de 1788, em Curityba, com Miguel Antunes de Oliveira, filho de Miguel Luiz de Oliveira e de sua mulher Maria Dias Theodosia; neto pela parte paterna de Felipe de S. Thiago e de sua mulher Maria Luiz de Siqueira; neto pela parte materna de Luiz Palhano de Azevedo e de sua mulher Maria Dias Domingues.

Teve 3 filhos: (C. O. de Curityba. — Testamento e Inventario de 1841.)

4-1 Francisco José dos Santos Leal, solteiro, com 60 annos em 1841.

4-2 Sebastião dos Santos Leal Sobrinho, casado com . . . .

4-3 Maria, casada com Theodoro Maldonado.

3-5 Maria da Luz Pereira, casada com . . . .

Teve:

4-1 José Custodio da Silva.

3-6 Antonia Maria dos Santos Leal, com 70 annos.

3-7 Antonio dos Santos Pereira, casado com . . . .

Teve:

4-1 Joaquim, viuvo.

4-2 Hermenegilda, casada.

4-3 Antonio.

4-4 João.

4-5 Senhorinha, casada com Antonio Francisco.

4-6 Maria, casada com Antonio Prudente.

4-7 Querubina, casada com Domingos Cardoso de Leão.

4-8 Justina, casada com Bento José.

4-9 Angelica, casada com José Francisco.

4-10 Jesuino, casado.

4-11 Felisbina, casada com José Joaquim das Chagas.

4-12 Mathilde, casada.

4-13 Bento, com 20 annos.

4-14 Antonio, com 12 annos.

4-15 Manoel, com 8 annos.

4-16 Euphrasia, com 18 annos.

4-17 Rosaria, com 14 annos.

4-18 . . . . , casada com Jesuino Tavares.

4-19 Manoel, fallecido, casado.

3-8 Manoel de Souza Pedroso, natural de Curityba, casado a 14 de Janeiro de 1787 com Maria Quiteria dos Seraphins, filha de Luiz de Souza Menezes, natural de Ponte de Lima, e de sua mulher Maria do Rosario, de Mogy das Cruzes; neta pela parte paterna de Diogo de Souza Menezes e de sua mulher Luiza Maria; neta pela parte materna do Guarda-mór Francisco Martins Lustoza e de sua mulher Maria Soares de Jesus. Manoel de Souza Pedroso não figura no inventario por morte de seus pais, talvez, por ser já fallecido. A parte em que descreve os herdeiros, está de tal forma descripta no inventario, que mal se pode perceber os nomes dos filhos e dos netos.

2-6 Capitão Bento dos Santos Pereira, nascido na Villa



de Curityba em 1737 e casado em Cotia em 1774 com Senhorinha Francisca de Camargo, filha do Capitão Ignacio Soares Barros e de sua mulher Martha de Camargo Lima. (Ver o volume 1.º da Genealogia Paulistana, pagina 220, 4-3, com grande geração no Estado de S. Paulo.)

### § 7.º

- 1-7 Maria das Neves, filha do Capitulo 5.º, foi casada em Curityba com Manoel Garcia da Costa.

### § 8.º

- 1-8 Manoel Soares ou Manoel Martins Soares, foi homem da Governança de Curityba. Casado com Maria Cardoso.

Teve: (C. E. de Curityba.)

- 2-1 Margarida, nascida em 19 de Outubro de 1743.  
2-2 Anna, nascida em 6 de Setembro de 1744.  
2-3 Maria, nascida em 17 de Setembro de 1746.  
2-4 Manoel, nascido em 17 de Setembro de 1749.  
2-5 Pedro, nascido em 21 de Junho de 1752.

### § 9.º

- 1-9 Izabel Soares, baptisada em 8 de Julho de 1684, como se vê do seguinte assentamento tirado do 1.º Livro de Baptismo de Curityba, a folhas 27, e existente na Cathedral do Bispado:

«Aos oito de Julho de mil seiscentos e oitenta e quatro (1684) baptisei e puz os Santos oleos a — Izabel — filha legitima de Manoel Soares e de sua mulher Maria Paes; foram Padrinhos Balthazar Carrasco dos Reis e sua mulher Izabel Antunes; era supra. (Assignado) O Padre João de Souto.»

Sendo esse assentamento feito no primeiro livro de Baptismos, á pagina 27, segue-se que bem poucos nascimentos teriam havido desde o povoamento de Curityba até 1684, e que esse povoamento não teria

sido em epoca muito afastada a de 1668 quando se levantou o Pelourinho da Villa de Curityba.

Falleceu Izabel Soares em Curityba a 11 de Maio de 1760, registrado no 1.º Livro de Obitos, a folhas 90, e que quer dizer, que desde 1668 até 1760, foram registrados obitos que occuparam 90 paginas do livro respectivo, o que dá menos de uma folha do livro por anno; sendo os assentamentos dos obitos bem desenvolvidos, não poderiam ter havido mais que 5 obitos por anno, ou 460 obitos em 92 annos.

Foi ella casada em Curityba, com João Ribeiro do Valle, natural de S. Mamede de Valongo, bispado do Porto, Portugal; filho de Domingos Francisco e de sua mulher Maria do Valle.

Falleceu João Ribeiro do Valle com testamento em Curityba a 5 de Abril de 1757, com 90 annos de idade. Foi da Governança da Villa, e possuia terras em Botiatuva, Tindiquera, nas bandas do Bariguy, Capão Grande, na Cachoeira, da outra banda do Passaúna, e possuia uma sesmaria na paragem da Ponta do Almeida e outra no Botiatuva, sendo que esta lhe foi concedida em 15 de Fevereiro de 1683, por Thomaz Fernandes de Oliveira, Capitão-mór e Governador da Capitania de Nossa Senhora do Rosario de Paranaguá.

Teve 9 filhos: (C. O. de Curityba. — Testamento de 1770.)

- 2-1 Maria do Valle, nascida em Curityba a 27 de Julho de 1705 e fallecida a 28 de Setembro de 1774, sendo casada a 25 de Outubro de 1734 com Antonio Rodrigues de Andrade, filho do Capitão Lourenço de Andrade e de sua mulher Izabel Rodrigues Seixas. Ambos foram pessoas de destaque e da Governança de Curityba. — Capitulo 2.º do Titulo Rodrigues Seixas, desta Obra.

Ahi a sua numerosa descendencia.

(Na parte historica deste volume, a pagina 70, sob o titulo — «A fundação de Curityba em face da tradição» — tratamos do Capitão Lourenço de Andrade, dando um capitulo de «Vieira dos Santos», para o qual chamamos a attenção do leitor.)



Teve:

3-1 Izabel Maria de Andrade, casada com o Tenente Antonio Martins Lustoza, filho do Guarda-mór Francisco Martins Lustoza e de sua mulher Maria Soares de Jesus, dos quaes trataremos no Titulo Rodrigues Seixas do Volume 2.º desta Obra, dando sua biographia e por onde se poderá aquilatar do valor extraordinario desse valoroso e insigne sertanista.

Teve o filho unico:

4-1 Sargento-mór Ignacio Lustoza de Andrade, do qual daremos os traços biographicos no Titulo Rodrigues Seixas, 2.º Volume desta Obra. Foi casado com Maria Catharina de Moraes Cordeiro, filha do Tenente Antonio dos Santos Pinheiro e de sua mulher Anna Gonçalves Cordeiro; neta pela parte paterna de Manoel dos Santos Chaves e de sua mulher Maria Josepha do Nascimento, elle natural da Praça de Chaves e ella de Setubal; neta pela parte materna do Capitão Gaspar Gonçalves de Moraes e de sua mulher Catharina de Senne. Pelo Capitão Gaspar Gonçalves de Moraes era bisneta do Capitão Pedro de Moraes Monforte, que assignou a acta da fundação da Villa de Curityba em 1693 e pertenceu a Governança de Paranaguá, e de sua mulher Catharina de Lemos; por esta, terceira neta do Capitão-mór Governador e descobridor das Minas de Paranaguá, Manoel de Lemos Conde, do qual trataremos n'outro volume, e de sua mulher Anna Mathoso Mourato; por esta, quarta neta de Valentim Cordeiro, que foi casado em 1634 com Anna Mourato; por esta, quinta neta do Capitão Manoel Mourato Coelho, fallecido em 1646, da Governança de S. Paulo, e de sua mulher Maria Rodrigues Alvarenga; por Valentim Cordeiro era quinta neta de Gaspar Cordeiro e de sua mulher Anna Mathoso; por Maria Rodrigues Alvarenga era sexta neta do Capitão Antonio Rodrigues Alvarenga e de sua mulher Anna Ribeiro; por esta, setima neta do nobre cidadão Ca-

pitão Estevão Ribeiro Bayão Parente e de sua mulher Magdalena Fernandes Feijó de Alvarenga (Volume 7.º, pagina 166, e volume 5.º, pagina 214 da Genealogia Paulistana). Por Antonio Rodrigues Alvarenga era septima neta de Balthazar Alvarenga e de sua mulher Messia Monteiro. Por sua avó Catharina de Senne era bisneta do Capitão Francisco Ferreira do Valle e de sua mulher Joanna Cordeiro Mathoso; por esta, terceira neta do Capitão Antonio Luiz Mathoso e de sua mulher Catharina de Senne; por seu bisavô Francisco Ferreira do Valle era terceira neta do Capitão Domingos Pinto do Rego e de sua mulher Maria Ferreira do Valle; por Domingos Pinto do Rego era terceira neta do nobre cidadão André Curcino de Mattos e de sua mulher Anna Pinto da Silva, com ascendentes no volume 2.º, pagina 188 — 4-1 de 3-3 da Genealogia Paulistana. Teve os seguintes filhos cujos descendentes virão mencionados desenvolvidamente no Titulo Rodrigues Seixas:

- 5-1 Tenente José Lustoza de Andrade, casado com Carolina José de Andrade.
- 5-2 Manoel de Ramos Lustoza de Andrade, fallecido solteiro.
- 5-3 Benedicta Francisca de Assis, casada em primeiras nupcias com o Capitão Joaquim Pinto Rebello, e em segundas nupcias com seu cunhado Capitão Tobias Pinto Rebello.
- 5-4 Ubaldina Francisca de Assis, casada em primeiras nupcias com o Capitão Manoel Ribeiro de Macedo Junior, e em segundas nupcias com o Coronel Manoel Antonio de Andrade.
- 5-5 Izabel Lustoza de Andrade Lobo, casada com Manoel Lobo da Silva Passos.
- 5-6 Balduina Lustoza de Andrade Lobo, casada com Manoel Lobo da Silva Passos, seu cunhado.
- 5-7 Rita Maria Lustoza de Andrade Negrão, ca-



sada com o Capitão João de Souza Dias Negrão, natural de Portugal, tronco da família de seu appellido, dos quaes trataremos no 2.º volume desta Obra em Titulo Rodrigues Seixas.

Avós paternos do Autor d'esta Genealogia.

5-8 Francisca Joaquina de Andrade Ribas, casada com o Capitão Ricardo José Taborda Ribas.

5-9 Anna Maria de Jesus, casada com o Tenente José Luiz Pereira. Troncos da respeitavel Família Macedo.

3-2 Pedro Ribeiro de Andrade, casado com Luiza Vaz Torres.

Com descendentes em Titulo Rodrigues Seixas.

3-3 Lourenço Ribeiro de Andrade, casado com Genoveva do Rosario Santos.

Com descendentes em Titulo Rodrigues Seixas.

3-4 Antonio José de Andrade, casado com Anna Gertrudes do Espirito Santo.

Com descendentes em Titulo Rodrigues Seixas.

2-2 Escolastica Soares do Valle, nascida a 8 de Julho de 1708, fallecida em 1783, foi casada a 15 de Julho de 1738 com o Sargento-mór Simão Gonçalves de Andrade, natural de Santa Maria Maior, da Ilha do Pico da Madeira, cidade de Funchal. Era filho de Simão Gonçalves de Andrade e de sua mulher Clara Muniz da Camara, naturaes da mesma ilha.

O Sargento-mór Simão Gonçalves de Andrade, foi homem de grande valor moral e exerceu os cargos da governança da Villa de Curityba.

Foi herdeiro de seus irmãos o Dr. João de França de Andrade, do Padre Dr. Francisco França de Andrade e Domingos Muniz da Camara, todos fallecidos solteiros na Ilha da Madeira.

Em seu testamento, feito na Villa de Jundiah, onde se achava a 14 de Novembro de 1771, declarou ser natural da Ilha do Pico da Madeira e a sua filiação; declarou mais, ser irmão da Ordem 3.ª de S. Fran-

cisco, cuja profissão fez no Convento de Itú. Em 1786, tendo sido nomeado tutor de seus sobrinhos, filhos de seu cunhado Manoel Soares do Valle, recusou aceitar a tutoria allegando -- «ser maior de 80 annos e impedido, por seus achaques, de montar a cavallo».

Em seu testamento aberto em Curityba a 4 de Maio de 1789, onde falleceu em estado de viuvo, declarou deixar 2 filhas:

3-1 Maria Muniz da Camara, fallecida em 1826, foi casada com Matheus Correia Simões, filho de Manoel Simões da Costa e de sua mulher Francisca Caetana. Teve 7 filhos: (C. O. de Curityba.)

4-1 Manoel Muniz Simões, não figura no rôl dos herdeiros no inventario de sua mãe, fallecida em 1827, porem, mais tarde apparece elle requerendo no inventario com suas irmãs Maria Escolastica, Maria do Sacramento, Anna Maria, Maria da Luz, Francisca de Assis e Simão Gonçalves de Andrade.

4-2 Anna Maria da Luz, casada a 21 de Fevereiro de 1773 com João Francisco Correia; viuva antes de 1827.

Teve:

5-1 Joaquim Francisco Correia, casado em Curityba a 9 de Fevereiro de 1803 com Maria Angelica de Lima, 4-4 de 3-5 de 2-2 do § 6.º do Capitulo 5.º d'este Titulo.

5-2 Anna Francisca da Camara, casada em Curityba a 30 de Janeiro de 1805 com o Capitão Francisco dos Santos Pacheco, filho de José dos Santos Pacheco e de sua mulher Maria Pereira da Silva.

Teve:

6-1 Francisco dos Santos Pacheco Lima, fallecido, foi casado com Anna Francisca da Camara, natural de Curityba, baptizada a 11 de Novembro de 1793, filha de João Correia e de sua mulher Anna Maria da Luz; neta pela parte paterna de Manoel Correia e de sua



mulher Catharina Francisca, natural da Ilha do Pico, na Madeira; neta pela parte materna de Matheus Correia Simões e de sua mulher Maria Muniz da Camara.

Filhos:

7-1 José Pedro dos Santos Pacheco, casado em primeiras nupcias com Emilia Rosa de Sant'Anna, e em segundas nupcias com Anna Joaquina.

Do primeiro matrimonio teve:

8-1 Maria Francisca, casada com Antonio Joaquim da Silva Guimarães.

8-2 Florisbella Rosa dos Santos, casada com Manoel Mendes dos Santos.

Teve:

9-1 Manoel Mendes dos Santos Filho, casado com . . . . .

9-2 Maria de Jesus, casada com . . . . .

9-3 Josepha Mendes, casada com . . . . .

9-4 Antonio Mendes.

9-5 Etelvina Mendes.

9-6 Laura Mendes.

9-7 Maria Mendes.

9-8 Emilia Rosa Mendes.

8-3 Francisca Rosa dos Santos, casada com Antonio Joaquim Martins.

Teve:

9-1 Irineo Martins, casado com Isabel dos Santos Pacheco, filha de João Francisco dos Santos Pacheco, falecido a 31 de Outubro de 1881, e de sua mulher Maria da Luz Camara.

9-2 João Martins, casado com . . . . .

9-3 Antonio Mathias Martins.

9-4 José Martins.

9-5 Maria Martins.

9-6 Anna Martins.

9-7 Mathias Martins.

9-8 Joaquina Martins.

9-9 Luiza Martins.

8-4 Anna Maria dos Santos, casada com João Manoel de Toledo.

Teve:

9-1 Amando de Toledo.

9-2 Pedro de Toledo.

9-3 Antonio de Toledo.

9-4 Maria de Toledo.

8-5 Lino dos Santos Pacheco, falecido, foi casado com Candida de Bethlem.

Teve:

9-1 Laurinda dos Santos.

9-2 Emilia Rosa dos Santos.

9-3 Rufino dos Santos Pacheco.

8-6 Joaquina Rosa dos Santos, casada com Manoel Athanagildo dos Santos.

Sem geração.

8-7 Francisco dos Santos Pacheco, casada com . . . . .

7-1 Do segundo matrimonio teve:

8-8 Pedro, falecido.

8-9 José Pedro.

8-10 Zeferina.

8-11 Celestina.

8-12 Zulmira.

7-2 Maria Luiza, falecida.

7-3 Firmino José dos Santos Lima, casado em primeiras nupcias com Maria Joaquina dos Santos Lima, natural de Curityba e já falecida; e em segundas nupcias com Ignacia dos Santos Pacheco Lima.

De seu primeiro matrimonio teve:

8-1 Maria Ezilda dos Santos Lima, nascida a 25 de Abril de 1834, solteira.

8-2 Joaquim Pacheco dos Santos Lima, casado com Florisbella Rosa dos Santos Lima.

Teve:

9-1 João Pacheco dos Santos Lima Sobrinho, nascido a 3 de Agosto de 1861.

9-2 Lydia Pacheco dos Santos Lima.

9-3 Avelino Pacheco dos Santos Lima, nascido em 10 de Novembro de 1864.

9-4 Celestino Pacheco dos Santos Lima, nascido a 17 de Julho de 1866.



- 9-5 Francisco Pacheco dos Santos Lima, nascido a 2 de Agosto de 1868.
- 9-6 Joaquina Pacheco dos Santos Lima.
- 9-7 Lucília Pacheco dos Santos Lima.
- 9-8 Firmino Pacheco dos Santos Lima, nascido a 8 de Julho de 1876.
- 8-3 Coronel João Pacheco dos Santos Lima, morreu assassinado no dia 27 de Julho de 1905. Foi Deputado estadual. Era casado com Leocadia Ferreira Maciel Pacheco, falecida com 64 annos de idade, em estado de viuva. Filhos:
- 9-1 Adelaide Pacheco dos Santos Lima, casada com Francisco Manoel Guimarães, filho de Simão Simplicio Guimarães e de sua mulher Rosa de Paula Lima Xavier, 6-1 de 5-5 de pagina 437. Teve:
- 10-1 Etelvina Pacheco Guimarães, casada com....
- 10-2 Simão Pacheco Guimarães, casado com....
- 9-2 João Pacheco dos Santos Lima, nascido a 2 de Outubro de 1868.
- 9-3 Maria da Conceição.
- 9-4 Bemvinda dos Santos Lima.
- 9-5 Bemvindo dos Santos Lima, nascido a 1.º de Outubro de 1874.
- 9-6 Francisco dos Santos Lima, nascido a 19 de Junho de 1876.
- 9-7 Leocadio dos Santos Lima, nascido a 3 de Abril de 1878.
- 9-8 Antonio dos Santos Lima.
- 8-4 Antonio dos Santos Pacheco Lima, casado com Francisca dos Santos Pacheco. Filhos:
- 9-1 Eugenio dos Santos Pacheco, nascido a 24 de Maio de 1864.
- 9-2 Luiza dos Santos Pacheco.
- 9-3 Emilia dos Santos Pacheco.
- 9-4 Firmino José dos Santos Lima, nascido a 5 de Novembro de 1874.
- 9-5 Francisco José dos Santos Lima, nascido a 25 de Março de 1877.

- 8-5 Firmino José dos Santos Lima Filho, casado com Benedicta dos Santos Pacheco. Filhos:
- 9-1 Maria Joaquina dos Santos Lima.
- 9-2 Luiz José dos Santos Lima Netto, nascido a 20 de Julho de 1877.
- 8-6 Francisco dos Santos Pacheco Lima, falecido solteiro a 14 de Julho de 1865, em Florianopolis, S. Catharina.
- 7-3 De seu segundo matrimonio teve:
- 8-7 Anna Francisca Pacheco Lima.
- 7-4 João Francisco dos Santos Pacheco, casado com Maria da Luz e Camara, falecida a 31 de Outubro de 1881. Filhos:
- 8-1 Francisco Pacheco dos Santos.
- 8-2 Lourenço Bento dos Santos, casado com Magdalena Maria. Sem filhos.
- 8-3 Manoel dos Santos Pacheco, casado com Escolastica Maria Pacheco. Teve:
- 9-1 Jesuino.
- 8-4 Rita dos Santos Pacheco, casada com João Antonio da Fonseca. Teve:
- 9-1 Antonio.
- 9-2 Francisca.
- 8-5 Isabel dos Santos Pacheco, casada com seu primo Irineu Martins, filho de Antonio Joaquim Martins e de sua mulher Francisca Rosa dos Santos, 8-3 de 7-1 de 6-1, retro.
- 8-6 José Valentim dos Santos Pacheco, casado com Maria Caetana da Conceição, filha de Jesuino Rodrigues de Jesus e de sua mulher Anna Joaquina de Jesus.
- 8-7 Anna dos Santos Pacheco, casada com Caetano Rodrigues. Teve:
- 9-1 Maria, nascida em 1879.



- 9-2 Bemvinda, nascida em 1880.  
 9-3 João, nascido em 1881.  
 7-5 Manoela Rosa dos Santos, casada com Francisco Pereira da Silva e Oliveira, natural de Portugal.  
 Teve:  
 8-1 Maria Rita de Oliveira, casada com Jorge Hermano Meyer, natural da Allemanha, residente em S. José, S. Catharina.  
 Teve:  
 9-1 Manoela Meyer de Oliveira, casada com seu tio o Coronel Antonio Pereira da Silva e Oliveira, natural da Lapa. Politico de grande prestigio em S. Catharina, onde exerceu os cargos de Deputado Estadual e Federal e actualmente é o Presidente do mesmo Estado. No 4.º volume desta obra em Titulo Pereira Braga, trataremos desenvolvidamente deste casal, dando a sua biographia e descendencia.  
 9-2 Luiza Meyer, solteira.  
 9-3 Rosa, solteira.  
 9-4 Germana, solteira.  
 9-5 Ernesto, casado.  
 9-6 Dr. Jorge Hermano Meyer, nascido em S. José, S. Catharina, a 8 de Maio de 1861, e fallecido em Curityba a 28 de Abril de 1925. Medico humanitario e distincto, residiu por muitos annos em Curityba, onde foi Prefeito Municipal e politico de prestigio e valor.  
 Era casado com Eduwiges Leitner Meyer, filha de João Leitner e de sua mulher Maria Leitner.  
 Filhos:  
 10-1 Dr. Jorge Meyer Filho, formado em medicina na Allemanha, casado com Elisabeth Meyer.  
 Filho:  
 11-1 Dowrotty.  
 10-2 Maria Eduwiges, casada com Paulo

- Petersen, sub-gerente do Banco Allemão Transatlantico de S. Paulo.  
 Teve:  
 11-1 Gerd.  
 10-3 Emy, solteira.  
 10-4 Olga Rosa, casada com Cezar Guimarães Correia, filho de Affonso Correia e de sua mulher Elvira Guimarães Correia.  
 Teve:  
 11-1 Ives.  
 9-7 Alberto Hermano Meyer, nascido a 17 de Setembro de 1862. Casado.  
 9-8 Christina Meyer, viuva de João Mauro.  
 9-9 Alexandre Meyer, dentista, casado, residente em S. Paulo.  
 8-2 Francisco Pereira da Silva e Oliveira, casado com . . . .  
 8-3 Anna Antonia de Oliveira Carvalho, casada com Abilio Esteves de Carvalho.  
 8-4 Coronel Antonio Pereira da Silva e Oliveira, nascido a 24 de Janeiro de 1840 na cidade da Lapa. E' chefe politico de grande influencia em S. Catharina, onde exerce o alto posto de Presidente do mesmo Estado.  
 Casou-se em primeiras nupcias com sua sobrinha Manoela de Oliveira Meyer, 9-1 de 8-1 de 7-5, retro. E' casado em segundas nupcias.  
 8-5 Joaquina Pereira, fallecida, foi casada com Oliverio José da Costa.  
 7-6 Tenente Coronel Luiz José dos Santos Lima, casado a 4 de Dezembro de 1859 com Rosa Francisca dos Santos. Ambos Lapeanos.  
 Teve:  
 8-1 Capitão Pedro dos Santos Pacheco, casado com Maria Rosa da Silva.  
 Teve:  
 9-1 Seraphim dos Santos Pacheco.  
 9-2 Florisbella Rosa.  
 9-3 Luiz dos Santos Lima.



- 9-4 Rosa.
- 9-5 Benedicto.
- 8-2 Francisca dos Santos Pacheco, casada com Antonio dos Santos Pacheco Lima.
- 8-3 Manoel dos Santos Pacheco, falleceu no Paraguay, solteiro.
- 8-4 Luiza dos Santos Pacheco, casada com Benedicto Eugenio da Silva.
- 8-5 Benedicta dos Santos Pacheco, casada com Firmino José dos Santos Lima Filho, filho de Firmino José dos Santos Lima e de sua primeira mulher Maria Joaquina dos Santos Lima, 8-5 de 7-3 de 6-1, retro. Ahi a geração.
- 8-6 Major Francisco dos Santos Pacheco, nasceu na Lapa a 16 de Julho de 1849, casado em 1879 com Anna Joaquina da Silveira, filha do Tenente Alexandre Luiz da Silveira e de sua mulher Leopoldina da Silveira. Com seu irmão Joaquim adquiriu as terras do Major João José Portes, de fertilissimos herveaes, pinheiraes e campos de cultura e criação de gado. Proprietario no «Cardoso e Cambará». Teve 7 filhos:
  - 9-1 Sophia dos Santos Pacheco, casada com Severo de Paula e Silva.
  - 9-2 Rosa Pacheco Maciel, casada com Felicio Domingues Maciel.
  - 9-3 Alexandre dos Santos Pacheco, casado com Rosa dos Santos Lima.
  - 9-4 Francisca Pacheco Lima, casada com Moyses dos Santos Lima.
  - 9-5 Luiz dos Santos Pacheco Lima, casado com Maria A. de Paula Santos.
  - 9-6 Maria dos Santos Lima, casada com seu primo Firmino José dos Santos Lima, 8-2 de 7-7, abaixo.
  - 9-7 David dos Santos Pacheco Lima, militar, fallecido em Curityba em 1919 no Hospital Militar.
- 8-7 Ignacia dos Santos Pacheco Lima, foi a segunda mulher de Firmino dos Santos Lima, 7-3 de 6-1, retro. Ahi a geração.
- 8-8 Tenente Coronel Joaquim dos Santos Pacheco Lima,

prestou relevantes serviços de guerra durante a revolução de 1894; adiantado lavrador e extractor de herva matte em Cambará e Antonio Olyntho; casado em 1882 na Lapa com Elisa dos Santos Pacheco. Teve 12 filhos:

- 9-1 Rosa Pacheco Lima, casada com o Coronel Luiz dos Santos Lima, Presidente da Camara de S. Matheus.
- 9-2 Francisco dos Santos Pacheco Lima, casado com Joaquina Pacheco Lima.
- 9-3 Sophia Pacheco Lima, casada com Moyses Damazo Silveira.
- 9-4 Ozorio Pacheco Lima, casado com Maria Azevedo de Oliveira.
- 9-5 Colleta Pacheco Lima, casada com Oscar Moreira.
- 9-6 Elvira Pacheco Lima, casada com Antonio Gomes Machado.
- 9-7 Avelino Pacheco Lima, casado com Jovita Peter.
- 9-8 Luiza Pacheco Lima, casada com Narcizo Marques da Silva.
- 9-9 Maria Rosa.
- 9-10 Anna Messia.
- 9-11 Pedro Pacheco Lima,
- 9-12 José Pacheco Lima, solteiro.
- 8-9 Fernando dos Santos Pacheco Lima.
- 7-7 Anna Dyonisia dos Santos, casada com Leopoldino José dos Santos. Teve:
  - 8-1 Lino José dos Santos, nascido na Lapa em Fevereiro de 1843. Casado com . . . .
  - 8-2 Firmino José dos Santos Lima, nascido em 30 de Novembro de 1844. Casado com sua prima Maria dos Santos Lima, 9-6 de 8-6, acima.
  - 8-3 Celestino José dos Santos.
  - 8-4 Maria dos Santos, casada com . . . .
  - 8-5 Rita dos Santos.
- 7-8 Francisca de Assis dos Santos, casada com Porfirio Cezar da Silva. Fallecida a 19 de Novembro de 1821.



Teve:

- 8-1 Francisco Cezar dos Santos, casado com . . . . .
- 8-2 Eduardo dos Santos e Silva.
- 8-3 Constante Cezar dos Santos, falecido na guerra do Paraguay.
- 8-4 Anna Cezar dos Santos.
- 8-5 Hortencia Cezar dos Santos.
- 8-6 Martinha Cezar dos Santos, casada com . . . . .
- 8-7 Joaquina Cezar dos Santos, casada com . . . . .
- 8-8 Clementina Cezar dos Santos.
- 8-9 Firmina Cezar dos Santos, casada com . . . . .
- 8-10 José Cezar dos Santos.
- 8-11 João Cezar dos Santos.

- 7-9 Maria Muniz dos Santos, casada com Joaquim Ferreira de Abreu, filho de Manoel Ferreira Alves e de sua mulher Anna Maria.

Teve:

- 8-1 Anna dos Santos, casada com João de Lima Ferreira.

Teve:

- 9-1 João.
- 9-2 Maria.
- 9-3 . . . . .
- 8-2 Antonio Ferreira Alves, casado com . . . . ., neta de Antonio de Mello.
- 8-3 Simão Ferreira Alves, falecido solteiro.
- 8-4 Delfina Ferreira Alves, casada com João Mathias Ferreira.
- 8-5 Francisco Ferreira Alves.
- 8-6 Antonia Ferreira Alves, falecida solteira.
- 8-7 Joaquina Ferreira Alves.
- 8-8 Maria Ferreira Alves.

- 7-10 Antonio Pacheco dos Santos Lima, falecido solteiro.

- 4-3 Maria Escolastica Muniz da Camara, se casou em Curitiba a 23 de Janeiro de 1800 com o Capitão Antonio Gonçalves de Moraes, filho do Capitão Gaspar Gonçalves de Moraes e de sua mulher Catharina de Senne.

Teve o filho unico:

- 5-1 Commendador Manoel Gonçalves de Moraes Roseira, natural do Paraná. Casou-se em Paranaguá a 23 de Dezembro de 1820 com Maria Rosa de Moraes Roseira, filha do Tenente José Luiz Pereira e de sua mulher Anna Maria de Jesus Lustoza de Andrade, 5-6 de 4-9 de 3-1 de 2-1 do § 1.º, Capitulo 2.º, do Titulo Rodrigues Seixas, desta Obra.

Ahi a descendencia.

O Commendador Manoel Gonçalves de Moraes Roseira, foi um dos vultos de maior destaque e prestigio na Provincia do Paraná, ao qual prestou relevantes serviços. Possuía uma fazenda de criação de gado que se denominava — Roseira — no municipio de Campo Largo de S. José, a qual foi comprada a 4 de Fevereiro de 1788 por seu Pai a Paulo da Rocha Dantas.

Essa fazenda, em 1737, fôra anteriormente vendida pelo Sargento-mór Jeronymo da Veiga e Cunha, ao licenciado Manoel da Silva Costa. Fez parte da lista triplice na eleição para Senadores do Imperio, realisada em 28 de Março de 1854, sendo essa eleição a primeira que se realisou depois da separação da nova Provincia do Paraná, na qual foi escolhido para Senador, o Barão de Antonina. Nesse mesmo anno foi eleito Deputado á Assembléa Legislativa, logo após a instalação da Provincia. A 2 de Dezembro de 1854, foi condecorado com a Commenda da Ordem de Christo, em attenção aos seus relevantes serviços. Por Decreto Imperial de 3 de Fevereiro de 1855 foi nomeado para o cargo de Thesoureiro da



Thesouraria Geral de Curityba. Em Janeiro de 1857, o Commendador Roseira foi eleito Vice-Presidente da Assembléa Provincial.

Com descendentes em Titulo Rodrigues Seixas, 2.º volume desta obra.

4-4 Maria do Sacramento, solteira.

4-5 Maria da Luz Muniz da Camara, casada em Curityba a 8 de Setembro de 1803 com o Alferes Thomaz Gonçalves de Almeida, filho do Capitão Manoel Gonçalves Sampaio e de sua mulher Joanna Rodrigues.

Teve:

5-1 Manoel Thomaz.

5-2 João da Cruz e Camara, casado com . . . .

5-3 Matheus de Assis.

4-6 Francisca de Assis.

4-7 Simão Gonçalves da Camara, casado com . . . .

3-2 Anna Maria da Conceição, casada com o Capitão José Francisco Correia.

Teve 5 filhos: (C. O. de Curityba.)

4-1 Padre Francisco José de França, foi coadjutor do Vigario de Curityba e Vigario da Villa de Lages, onde falleceu quando pregava do pulpito, a 1.º de Novembro de 1810.

Os autos de fechamento e os da abertura de sua casa, foram lavrados com a assistencia e assignatura do Capitão-mór Bento do Amaral Gurgel. Em carta que escreveu a 22 de Agosto d'esse anno ao Sargento-mór João da Costa, que transcrevemos do original existente nos autos, e da qual respeitamos e conservamos a orthographia, disse: «Muito meo Snr. a quem estimo e venero, muito respeito. Afinal xeguei a esta villa (de Lages) não com perfeita saude, porque na Curityba experimentei o furor de hua epidemia que inda lá ficou grassando, de toda a forma aqui me axo promptissimo as ordens de V. S. N'esta occasião escrevo ao Snr. Vicente de Moraes afim de ver se com elle negoceo huns bois e ver si elle fica com uma receitinha de fazenda que trouxe bem

vendavel e surtido, desejo merecer de V. S. o favor de tendo occasião oportuna de se avistar com o dito, queira por me fazer mercê de cotucal-o afim de que elle se resolva a negociar-mos. Eu fui a Sorocaba com a minha pequena quitanda de animaes que dei-me por feliz ver-me livre delles, vendendo parte fiado e algua couza por efeitos, que dinheiro isso hoje não se trata.

Bem servido ficou o homem das terras que V. S. me fez favor incumbir, pois entreguei a escriptura dellas e tão bem recebi o seo importe. Fiz toda a diligencia para trazer a encommenda do nosso trato, porem não me foi possivel conseguir porque todos tem tanto amor em algu crioulinho que tem, que por não venderem fazem presso despropositado, comtudo hade breve xegar aqui hu Mano meo, nestes dois mezes e hade trazer um molequinho de nação, cujo destino para V. S. e antes aqui mesmo talvez eu descubra outro com que xegado que seja heide fazer o que V. S. sobre este objecto me determinar. Si V. S. intentar tambem algua fazenda da que tenho, desejo, se queira servir de toda que está muito as suas ordens. O grande mulato Americo em Sorocaba quaze me poz louco, com roubos diarios, que desesperadamente o vendi, por mulas, para não o matar, que é só o que elle merecia.

Aqui fico como sempre esperando ter a fortuna, e distincta honra de empregar-me nos honrosos preceitos da sua estimavel pessoa que Deos guarde muitos annos.

Villa de Lages, 22 de Agosto de 1810.

De V. M.<sup>ce</sup>

Capelão e amigo e mais am.<sup>to</sup> e cr.<sup>o</sup> m.<sup>to</sup>  
obrigadissimo

Francisco José † de França.»

Os seus bens foram inventariados e tocaram á sua Mãe.



4-2 Alferes Manoel José de França era solteiro, mas teve filhos naturaes reconhecidos. Em petição dirigida ao Dr. Corregedor Medeiros, em Fevereiro de 1811, em seu nome e no de suas irmãs Catharina e Rita, das quaes era tutor, requereu que os bens de seu irmão o Reverendo Francisco José de França fossem partilhados entre elles, visto já ser fallecida sua Mãe.

No inventario não existe herdeira com o nome de Catharina e sim Caetana, não nos sendo possível verificar a razão dessa divergencia.

4-3 Rita, era de menor idade em 1811, sendo seu tutor o seu irmão Manoel José de França.

4-4 Caetana (ou Catharina).

4-5 Capitão Simão José Gonçalves de Andrade.

Em petição ao Ouvidor Geral e Corregedor, em 1805, fez a seguinte justificação, julgada por sentença:

«Illmo. Snr. Ouvidor e Corregedor.

Diz Simão José Gonçalves de Andrade desta Villa que para certos requerimentos que tem de fazer a seu beneficio lhe he preciso perante V. S. justificar os itens seguintes:

1.º

«Que o justificante he casado nesta Villa em face da Igreja com Rosa Alexandrina da Cruz Lima, com quem tem vivido honesta e honradamente sem nunca haver nota no seu credito.

2.º

«Que o justificante sempre viveu nesta Villa sem nunca ser intrigante, nem amigo de parcialidades, antes muito aceito e estimado de todos por nunca ter contendas ou duvidas com pessoa alguma.

3.º

«Que o justificante nunca cometeo absurdos, nem pendencias, antes sempre foi temente a Deos e as

justiças de S. Alteza Real, e prez.ºm.º exerceo o cargo de Juiz Almotacé, sem vechar a pessoa alguma.

4.º

«Que o justificante nunca teve mulher teúda e manteúda, e he de bom nascimento e das principaes familias desta Villa, servindo seus ascendentes os cargos honrosos da Governança, e tendo o just.º não só hum Irmão sacerdote como varios parentes (tambem sacerdotes).

5.º

«Que o fallecido Pai do Capitão Mór desta Villa, sempre vivêo indifferente com o fallecido Sargento Mór Simão Gonçalves de Andrade, avô do Sup.º e na mesma forma com o Pai do dito e suas familias.

6.º

«Que o actual Commandante dos milicianos Francisco de Paula Ribas he Irmão do Capitão Mór desta Villa, e do Capitão Manoel José Taborda, cunhado do Juiz João Antonio Pinto e sobrinho do outro Juiz Antonio José de Andrade.

7.º

«Que o Capitão Manoel José Taborda, nunca foi afeito a casa do sup.º e he homem soberbo, imperial e mal intencionado; pois estando este fazendo vezes de Commandante e estando o justif.º servindo de Juiz Almotacé foi o dito Capitão o auctor de que viesse a ser preso o justificante na enchovia da Cadeia desta Villa como assim aconteceu.

8.º

«Que a dita prisão do justificante foi tambem determinada pello Sargento Mór Diogo Pinto de Azevedo, e este pouco afeiçoado ao justificante, pois vindo o justificante prezo e estando com a insignia de Almotacé, o mandou parar na



sua porta, e o desauthorisou com palavras imperiosas, e he o dito Sargento Mór homem muito imperial e de más intenções.

## 9.º

«Que o dito Sargento Mór custuma a não ter atenção com os seus subditos quando servem na governança desta Villa, que não só assim aconteceo com a prizão do justificante como tambem em outro tempo com o Alferes Rafael Ribeiro Ribas, e o Alferes José Maria que estando estes ocupando o lugar de Juiz Almotacé os mandou prender sem atenção alguma ao cargo que ocupavão:

Pede a V. S.<sup>a</sup> seja servido mandar notificar testemunhas de probidade sem mais reserva de pessoa alguma exceptuando somente o Capitão Mór e seus irmãos, e justificado que seja lhe mande V. S. dar os proprios autos da justificação.

«Justifique perante mim, e justificado que seja, passe instrumento.»

«Carvalho Fontes Henriques.»

O Capitão Simão José Gonçalves de Andrade, foi casado, como se vê pela justificação acima, com Rosa Alexandrina da Cruz Lima, 4-4 de 3-4 de 2-2 do § 6.º, Capitulo 5.º deste Titulo, de paginas 349 e 445. Ahi a descendencia.

4-6 Maria Caetana de Jesus, ultima filha de 3-2, foi casada a 17 de Agosto de 1796 com o Sargento Mór Antonio José Ferreira, homem de valor e prestigio. Tinha regular fortuna e varias propriedades e terras em Curityba; era viuvo de Beatriz Anna de Oliveira Rosa, fallecida a 6 de Setembro de 1795, filha de João da Costa Rosa e de sua mulher Maria Cardoso de Assumpção.

O Sargento Mór Antonio José Ferreira, natural de

Braga, Portugal, falleceu em Curityba a 15 de Julho de 1810; era filho de José Fernandes e de sua mulher Maria Fernandes, naturaes de Braga; neto pela parte paterna de Lourenço Fernandes e de sua mulher Maria Fernandes, naturaes de Braga; neto pela parte materna de Bento Peixoto e de sua mulher Benta de Araujo, natural da Villa dos Arcos.

Teve: (C. O. de Curityba. — Inventario de 1810.)

5-1 Coronel Manoel Antonio Ferreira, homem de grande prestigio e valor moral, como seu Pai. Casou-se a 7 de Janeiro de 1832 com Florinda Mauricia de Sá Ribas, 5-8 de 4-1 de 3-1 de 2-3 do § 2.º do Capitulo 2.º do Titulo Rodrigues Seixas, 2.º Volume desta Obra. Ahi a descendencia.

5-2 Anna Antonia Ferreira, casada a 10 de Março de 1873, com o Dr. Francisco de França Miranda, Juiz de Direito em Juiz de Fóra, Minas Geraes.

5-3 José Antonio Ferreira, foi Escrivão de Orphãos em Curityba, onde falleceu em estado de solteiro.

5-4 Francisca.

5-5 Joaquim, ultimo filho de 4-6, nascido em 1808.

NOTA. — O Sargento Mór Antonio José Ferreira, do seu primeiro matrimonio com Beatriz Anna de Oliveira Rosa, 4-6 já descripta, teve os seguintes filhos:

- 1 — Alferes José Manoel Ferreira
- 2 — Reverendo Padre Joaquim José Ferreira.
- 3 — Reverendo Padre Candido José Ferreira.
- 4 — Antonio José Ferreira Filho.
- 5 — Anna Maria Ferreira, mais tarde Anna Joaquina
- 6 — Anna Joaquina Ferreira.

- 1 — Alferes José Manoel Ferreira, fazendeiro, residente em S. Cruz, municipio de Castro, casado em Curityba a 5 de Fevereiro de 1795 com Iria Balbina da Piedade Martins, filha do Capitão-mór Rodrigo Felix Martins e de sua mulher Anna Maria de Jesus, natural de S. José.
- 2 — Reverendo Padre Joaquim José Ferreira.
- 3 — Reverendo Padre Candido José Ferreira, nascido em 1781. Antes de se ordenar, se dedicou ao commercio de animaes, negociando nas feiras de Sorocaba, com animaes comprados nas campanhas do Sul, para vendel-os alli. Em 1824 residia em Minas Geraes, em sua fazenda da "Palmeirinha" no Itajubá, que depois vendeu ao Dr. João Rennow, seu cunhado.
- 4 — Antonio José Ferreira Filho, nascido em 1783.
- 5 — Anna Maria Ferreira, nascida em 1793, adoptou o nome de Anna Joaquina, depois da morte de sua irmã Anna Joaquina. Foi casada em Curityba em 1.º de Agosto de 1820 com o Dr.



2-3 Bento Ribeiro do Valle, filho de 1-9 do Capítulo 5.º, nascido a 6 de Agosto de 1711 em Curityba, onde se casou com Maria Antunes. Residiam em S. Paulo em 1788.

2-4 Tenente Manoel Soares do Valle, baptizado em Curityba a 30 de Setembro de 1714 e fallecido a 24 de Fevereiro de 1780. Foi casado com Maria Pires de Camargo, fallecida a 1.º de Outubro de 1787, filha do Capitão Bento da Gama Alvarenga e de sua mulher Escolastica Eugenia de Camargo. (Genealogia Paulistana, volume 6.º, pagina 539; ahi os ascendentes.)

Teve: (C. O. de Curityba.)

3-1 Anna Maria de Jesus, nascida no anno de 1768, casada em Curityba a 6 de Maio de 1783 com Bento Diniz Sampaio, filho de João Diniz Pinheiro e de sua mulher Francisca Maciel Sampaio.

Teve:

4-1 Manoel Carlos Diniz, casado em Curityba no anno de 1806 com sua prima Felicidade Perpetua do Céu, 3-3 de 2-1 do § 2.º, Capítulo 7.º.

Johann Rennow, filho legitimo de Conrad Rennow, natural de Ludwigs-lust, na Prussia, e de sua mulher Leonor Evert.

Era o Dr. Johann Rennow formado em medicina e veio para o Brasil em 1816. Converteu-se ao catholicismo com toda a solemnidade, em Curityba, em 25 de Julho de 1820, afim de poder se casar com Anna Joaquina.

O seu casamento foi celebrado no dia 1.º de Agosto de 1820 no Oratorio de D. Maria Caetana, na Villa de Curityba, pelo Padre José Barbosa de Britto, sendo testemunhas o Desembargador e Ouvidor Geral da Comarca João de Medeiros Gomes e o Capitão João Antonio da Costa. (C. E. de Curityba.)

Partio elle com sua esposa e uma filhinha por nome Maria Luiza, de Curityba para Minas Geraes, em Julho ou Agosto de 1824, tendo em viagem lhe nascido o seu segundo filho que se chamou Antonio José, em Campos Geraes. Chegando que foram a Minas, fixaram sua residencia no municipio de Itajubá, onde já morava seu cunhado o Reverendo Padre Candido José Ferreira, em sua fazenda denominada "Palmeirinha", a qual, o mesmo Padre Candido vendeu ao dito Dr. Johann Rennow, que nella ficou morando. O appellido de Rennow foi substituido pelo de Rennó, pelo Dr. João Rennow e seus descendentes.

Teve:

1-1 Maria Luiza Rennó, nascida em Curityba, fallecida em S. Bento do Sapucahy, onde foi casada com José Rodrigues de Miranda.

1-2 Antonio José Rennó, nascido nos Campos Geraes em meados de 1824, quando seus pais se achavam em viagem para Minas Geraes. Casou-se em Itajubá com Lucia Pereira dos Santos.

3-2 João Ribeiro de Camargo, nascido em 1755 e casado em Curityba a 23 de Outubro de 1792 com Anna de Jesus Teixeira, filha de Antonio Teixeira de Freitas e de sua mulher Maria Rodrigues das Neves.

3-3 Maria Archangela de Camargo, nascida em Curityba no anno de 1761 e casada com Gregorio Telles de Almeida.

3-4 Pedro José de Camargo, nascido em 1767, casado a 22 de Junho de 1789 com Maria da Silva, filha de Manoel da Silva, natural de S. Paulo, e de sua mulher Maria Diniz.

3-5 Antonio Ribeiro do Valle, fallecido solteiro em 1790, com 21 annos de idade, quando em serviço militar na expedição á Guarapuava.

3-6 Escolastica Eugenia de Camargo, nascida em 1772, casada a 12 de Agosto de 1789, em Curityba, com Francisco Diniz Sampaio, filho de João Diniz Pinheiro e de sua mulher Francisca Maciel Sampaio.

3-7 Francisco Ribeiro, nascido em 1776.

3-8 Sargento-mór Miguel Ribeiro de Camargo, nascido em Curityba no anno de 1772, casado com Querubina

Filhos:

2-1 João José Rennó, fallecido a 5 de Novembro de 1925, foi casado em primeiras nupcias com Marianna dos Guimarães Rennó e em segundas nupcias com Candida dos Guimarães Rennó.

Filhos do primeiro matrimonio:

3-1 João Candido Pereira Rennó, fiscal dos impostos de consumo no interior de Minas Geraes.

3-2 Luzia, casada com José Rennó Pereira.

3-3 Antonio Pereira Rennó, fiscal de Collectorias do Estado de Minas Geraes.

Filhos do segundo matrimonio:

3-4 Dr. Sebastião Rennó, medico.

3-5 Anna Rennó de Toledo, viuva de João de Toledo.

3-6 José Pereira Rennó, empregado no commercio.

3-7 Maria Rennó, solteira.

3-8 Francisca Rennó, solteira.

2-2 Antonio José Rennó Junior, fazendeiro em Minas, casado com Julia Gomes, filha do Coronel Francisco Braz Pereira Gomes e de sua mulher Isabel Pereira dos Santos, já fallecidos.

Filhos:

3-1 Evangelina Rennó Gomes, casada com José Alfredo Gomes, Collector federal.

Teve:

4-1 Mario.

4-2 Lucio.



Rosa de Azevedo e Castro, sobrinha e afilhada do Marechal Candido Xavier de Almeida e Souza, por quem foi criada e educada, visto ter sua mãe falecido em consequencia de um mau parto. Residiam em S. Carlos.

(Genealogia Paulistana, volume 6.º, de folhas 542, em 3-6. Ahi a geração.)

- 3-9 Manoel Soares do Valle, nascido em Curityba em 1763, onde se casou a 12 de Julho de 1791 com Thereza Maria de Jesus, falecida em 1824, filha de Antonio José da Silva, natural de Estambar, Algarves, e de sua mulher Gertrudes Maria Baptista, filha do Sargento-mór João Baptista Diniz e de sua mulher Luiza de Araujo. Neta pela parte paterna do Alferes Francisco Diniz Pinheiro e de sua mulher Clara Pereira Telles; neta pela parte materna de Francisco de Araujo Monteiro e de sua mulher Izabel Barbosa de Castro.

Teve 6 filhos:

- 4-1 Antonio da Trindade, casado em Curityba com...  
4-2 Manoel Carlos, auzente, casado com....

4-3 Maria.

4-4 José

- 3-2 Olindina Rennó Chaves, casada com o Dr. José de Mendonça Chaves, director do grupo escolar "Dr. Francisco Braz", de Brazopolis.

Teve:

4-1 Maria Antonia.

4-2 José de Nazareth.

- 2-3 Dr. Luiz Rennó, foi casado com Anna Carneiro Santiago, falecida em Itajubá; se casando em segundas nupcias com Maria Innocencia dos Santos Rennó.

E' Auditor no Tribunal de Contas do Rio de Janeiro.

Teve do primeiro matrimonio:

- 3-1 Maria do Carmo, casada com o Dr. Carlos Ribeiro, residentes em Jacarehy.

3-2 Lavinia, solteira.

3-3 Lucia, solteira.

3-4 Antonio.

3-5 João.

- 1-3 Virginia Rennó de Oliveira, casada com o Dr. Americo da Silva e Oliveira, medico. Falecidos em Itajubá.

1-4 Mathilde Rennó.

1-5 João Rennó.

1-6 Luiz Rennó.

1-7 Candido Rennó.

1-8 Anna Rennó.

- 6 — Anna Joaquina Ferreira, falecida em Curityba a 20 de Dezembro de

4-3 Francisca.

4-4 João.

4-5 Maria.

- 4-6 Anna Joaquina da Paixão, casada em Guarapuava a 10 de Outubro de 1813 com o Tenente Coronel Manoel Teixeira de Oliveira Cardoso (de quem foi a segunda mulher), natural do Porto, nascido a 5 de Março de 1765, vindo para o Brasil aos 20 annos de idade, se casou na cidade de Lages, então pertencente a S. Paulo, com Anna Maria do Sacramento, aos 27 de Agosto de 1789, filha do Capitão Bernardino da Costa Filgueiras e de sua mulher Margarida Cardoso de Jesus. Falleceu elle em Curityba a 5 de Abril de 1818. Segundo uma attestation passada em Vereança de Curityba a 1.º de Janeiro de 1807, — «exercitava como curioso o lugar de — cirurgia e medicina».

Por Provisão de 26 de Agosto de 1797, do Governador e Capitão General de S. Paulo, Antonio Manoel de Mello e Castro e Mendonça, que « — attendendo achar-se vaga a cadeira das 1.ªs letras da Villa de Curityba, pela deixar de continuar a mais de um anno, Antonio Xavier Ferreira, que a exercia e a necessidade que ha de se continuar sem interrupção a util e necessaria instrucção dos vasallos de Sua Magestade, e concorrendo na pessoa de Manoel Teixeira

1790 (C. E. de Curityba), foi casada em Curityba a 25 de Maio de 1785 com José de Freitas Saldanha, natural da Villa do Conde, termo de Barcellos-Braga-Portugal, filho de Domingos de Freitas Saldanha, natural de S. Simão de Novaes. termo de Barcellos-Braga, e de sua mulher Custodia de Souza Alvim, natural de Aguas Santas, do Porto. Neto pela parte paterna de Antonio de Freitas Saldanha e de sua mulher Maria Alvares, ambos naturaes de S. Simão de Novaes. Neto pela parte materna de Pedro de Souza Alvim e de sua mulher Maria Ferreira, naturaes de Aguas Santas. Foi José de Freitas Saldanha o tronco da respeitavel familia — Freitas Saldanha — do Paraná. (C. O. de Curityba.) Teve de seu matrimonio 4 filhos:

- 1-1 Antonio José de Freitas Saldanha, nascido em 1788, casado em Curityba a 4 de Janeiro de 1815 com Anna Maria de Jesus.

1-2 José de Freitas Saldanha, nascido em 1789.

1-3 Manoel de Freitas Saldanha, fallecido no continente do Sul.

1-4 Joaquina de Freitas Saldanha, nascida em 1790.

Em outro volume desta obra daremos a descendencia dos Freitas Saldanha.



de Oliveira Cardoso todas as circumstancias precisas e alem dellas achar-se examinado e approvado pelo Excellen-tissimo Bispo desta Diocese, para o referido Magisterio: Hei por bem de prover como por este faço na mencionada cadeira das primeiras letras da Villa de Curityba, etc.»

Fez parte da expedição a Guarapuava, da qual foi Thesoureiro.

Teve: (C. O. de Curityba.)

5-1 José Teixeira de Oliveira Cardoso, casado com Cezarina Francisca de Assis Oliveira, 5-6 de 4-6 de 3-3 de 2-1 do § 6.º do Capitulo 4.º deste Titulo, pagina 296.

Ahi a descendencia.

5-2 Maria Joaquina da Paixão, casada com o Tenente Coronel Francisco Pinto de Azevedo Portugal, do qual trataremos no Titulo Xavier Pinto, dando os seus ascendentes e descendentes.

#### CAPITULO 6.º

6 — Izabel Garcia Antunes, filha do Capitão Balthazar Carrasco dos Reis e de sua mulher Izabel Antunes da Silva, foi casada em Curityba com o Capitão Antonio Rodrigues Side, viuvo de Maria de Lara, filha do Capitão Mór Povoador Gabriel de Lara e de sua mulher Brigida Gonçalves, de cujo matrimonio não teve filhos.

O Capitão Antonio Rodrigues Side, natural de Itanhaen, era filho de Jeronymo Rodrigues e de sua mulher Luzia Maria de Side Cunha; elle fallecido em Curityba no anno de 1694 em estado de viuvo. Em seu testamento declarou deixar de seu casamento com Izabel Antunes, 5 filhos, sendo 3 homens e 2 mulheres: (C. O. de Curityba.)

1-1 Balthazar Carrasco dos Reis, o Neto. § 1.º

1-2 Antonio Rodrigues Side. § 2.º

1-3 Manoel Garcia Side. § 3.º  
1-4 Maria Rodrigues Antunes. § 4.º  
1-5 . . . . . § 5.º

#### § 1.º

1-1 Balthazar Carrasco dos Reis — o Neto —, natural de Curityba, onde falleceu com testamento a 6 de Março de 1733, declarando sua filiação, ser casado com Margarida Esteves dos Reis, natural de Sorocaba e deixar 10 filhos de legitimo matrimonio.

Margarida Esteves falleceu em Curityba aos 85 annos de idade a 25 de Abril de 1777. Residiu alguns annos em S. José dos Pinhães.

Teve:

2-1 Antonio Esteves dos Reis, fallecido com 83 annos de idade a 2 de Junho de 1790, casado com Thereza Nunes de Góes, filha de Placido de Góes e de sua mulher Maria Ribeiro Nunes, naturaes de Curityba.

Filhos:

3-1 Antonio Esteves Nunes, nascido em Curityba a 13 de Junho de 1735, casado a 15 de Fevereiro de 1763 com Antonia de Siqueira Cortes, filha de Bento Leme Bicudo e de sua mulher Marcellina de Siqueira; neta pela parte paterna de Sebastião Felix Bicudo e de sua mulher Maria Leme de Assucena; elle, natural de S. Paulo e esta de Curityba.

3-2 Maria Esteves de Abreu, casada em Curityba em 1752 com Marçal Luiz da Costa, filho de Manoel Homem da Costa e de sua mulher Maria Luiz Coutinho.

Teve:

4-1 Maria da Luz dos Pinhães, casada em Curityba no anno de 1789 com Miguel Alvares de Oliveira, filho de Miguel de Góes e Siqueira e de sua mulher Domingas Dias de Meira.



- 4-2 N . . . . ., casada com Bento Gonçalves de Chaves.
- 3-3 Thomé, nascido a 21 de Dezembro de 1744.
- 3-4 Joanna Esteves Nunes, casada em Curityba a 4 de Junho de 1759 com Luiz Fernandes de Santiago, viuvo de Maria Rodrigues de Assumpção, filho de Felipe de Santiago e de sua mulher Maria da Luz de Siqueira. Neto pela parte paterna de Luiz Sanches Maleppo e de sua mulher Maria de Siqueira Cortes; neto pela parte materna de Miguel Fernandes de Siqueira e de sua mulher Maria Luiz Tigre.
- 3-5 João Esteves dos Reis, casado em primeiras nupcias a 24 de Abril de 1765, em Curityba, com Quiteria Rodrigues de Assumpção, filha de Luiz Fernandes de Santiago e de sua mulher Maria Rodrigues de Assumpção, já descriptos em 3-4. Casado em segundas nupcias com Izabel Cordeiro.
- Teve da primeira mulher:
- 4-1 Maria Rodrigues, casada em Curityba no anno de 1785 com Sebastião Nunes Vareiro, filho de Caetano Nunes Vareiro, natural de Taubaté, e de sua mulher Antonia Maria de Oliveira. Neto pela parte paterna de Sebastião Nunes Vareiro e de sua mulher Antonia Nunes, de Taubaté; neto pela parte materna de Braz Palhano e de sua mulher Antonia de Souto, de Curityba.
- Da segunda mulher teve:
- 4-2 Maria Cordeiro da Silva, casada em Curityba a 9 de Abril de 1793 com José Francisco dos Santos, 3-3 de 2-4 do § 6.º do Capitulo 5.º
- 2-2 Miguel Garcia Esteves, nascido em 1709 e fallecido solteiro com 82 annos de idade a 23 de Novembro de 1790.
- 2-3 Nicolau Carrasco dos Reis, nascido em 1711, casado em Curityba a 1.º de Setembro de 1743 com Maria de Oliveira Cortes, filha de Felipe de Santiago e de

- sua mulher Maria Luiz de Siqueira, fallecida a 25 de Agosto de 1771.
- 2-4 Izabel Rodrigues, nascida em 1712, casada a 29 de Julho de 1749 com Francisco de Souza, filho de Bartholomeu de Souza e de sua mulher Barbara Rodrigues da Cunha.
- 2-5 Izabel Esteves, nascida a 17 de Maio de 1718 e casada a 23 de Fevereiro de 1740 com Thomé de Moura Dias, filho de Manoel Lopes Gonçalves de Azevedo e de sua mulher Sebastiana de Aguiar Alvres Dias.
- Teve:
- 3-1 Francisco de Moura Dias, casado em primeiras nupcias em Curityba a 19 de Fevereiro de 1765 com Maria Alvares Pedroso, filha de João Baptista de Castilho e de sua mulher Anna Maria de Góes, neta pela parte paterna de Mauricio de Castilho e de sua mulher Maria Ribeiro; neta pela parte materna de Placido de Góes Castanheira e de sua mulher Maria Ribeiro.
- Casou-se em segundas nupcias a 17 de Setembro de 1770 com Maria Rodrigues de Oliveira, filha de Luiz Fernandes de Santiago e de sua mulher Martha Rodrigues de Assumpção; neta pela parte paterna de Vicente de Góes e de sua mulher Luzia da Cunha; neta pela parte materna de Felipe de Santiago e de sua mulher Maria Luiza de Siqueira.
- 3-2 Sebastião Lopes de Siqueira, casado no anno de 1767, em Curityba, com Luiza Antonia de Góes, filha de Antonio Bonette Vareiro e de sua mulher Luiza Alvares de Góes.
- 2-6 Francisco Xavier Esteves, nascido em 8 de Dezembro de 1720, casado em 14 de Abril 1744 com Maria do Carmo de Araujo, filha de Bartholomeu de Souza e de sua mulher Barbara Rodrigues da Cunha.
- Teve:
- 3-1 Escolastica Esteves do Carmo, viuva de Salvador Nunes, casada em Curityba em segundas nupcias a 13 de Fevereiro de 1789 com Francisco Vi-



eira de Castro, viuvo de Maria Rodrigues Machado; filho de Francisco Vieira e de sua mulher Clara Dias.

- 3-2 Anna Esteves de Araujo, casada com Manoel Rodrigues de Siqueira, filho de Felipe Leme de Siqueira e de sua mulher Sebastiana Pedroso de Siqueira.

Teve:

- 4-1 Manoel Rodrigues da Luz, natural do Yapó, casado em Curityba a 16 de Outubro de 1788 com Anna Rodrigues da Rosa, filha de Antonio da Rosa, natural da Ilha de S. Jorge, e de sua mulher Joanna Rodrigues da Motta, filha do Tenente Coronel Manoel Rodrigues da Motta e de sua mulher Helena Rodrigues Coutinho.

- 3-3 Maria Esteves do Carmo, casada em Curityba a 7 de Abril de 1761 com Antonio Leme de Siqueira, filho de Bento Leme Bicudo e de sua mulher Marcellina de Siqueira.

- 3-4 Joanna Esteves de Araujo, casada em Curityba no anno de 1763 com Manoel Rodrigues de Siqueira, filho de Felipe Leme de Siqueira e de sua mulher Sebastiana Pedroso de Siqueira; neto pela parte paterna de Luiz de Siqueira e de sua mulher Anna de Leme, naturaes de S. Paulo; neto pela parte materna de Antonio Garcia Betin e de sua mulher Maria Nunes de Siqueira.

Teve:

- 4-1 Antonio Garcia de Lima, casado em Curityba em 1802 com Rosa dos Santos Cortes, 3-13 de 2-4 do § 6.º, Capitulo 5.º, deste Titulo.

- 2-7 Anna Maria Esteves, nascida em 1724, casada em Curityba a 3 de Julho de 1748 com Agostinho Fernandes, filho de José Fernandes Ferreira de França e de sua mulher Catharina Paes.

Teve:

- 3-1 José Rodrigues de França, casado em Curityba a 23 de Julho de 1793 com Rosa Maria de Cha-

ves, filha de José Gonçalves Chaves e de sua mulher Quiteria Teixeira das Neves.

- 2-8 Francisco Salles de Siqueira, casado em Curityba com 28 annos de idade, no dia 8 de Julho de 1754 com Antonia Alvares Marins, filha natural de Maria Alves de Assumpção.

- 2-9 Theodoro Esteves dos Reis, casado em Curityba a 26 de Julho de 1751 com Ignez de Chaves de Almeida, nascida a 11 de Abril de 1729, filha de João de Chaves de Almeida e de sua mulher Barbara Rodrigues da Cunha.

Teve:

- 3-1 Manoel de Chaves de Almeida, casado em Curityba a 13 de Abril de 1801 com Izabel Maria Cardoso, filha de Paulo de Chaves de Almeida e de sua mulher Joanna Cardoso, naturaes de Curityba.

- 2-10 Maria, nascida a 28 de Setembro de 1715, já era fallecida em 1733, porquanto, não foi mencionada no testamento de seu Pai, nem figura no rôl dos herdeiros, no inventario.

## § 2.º

- 1-2 Antonio Rodrigues Side, filho de Antonio Rodrigues Side; falleceu com 70 annos de idade em 29 de Fevereiro de 1769; foi casado em primeiras nupcias com Leonor Gonçalves, de quem não descobrimos descendencia.

Casado em segundas nupcias a 21 de Janeiro de 1732 com Maria Bonette Maciel, filha de Antonio Garcez Barreto e de sua mulher Juliana Antunes Cortes, todos naturaes de Curityba.

Teve do segundo matrimonio:

- 2-1 Izabel Rodrigues Side, nascida a 5 de Junho de 1738 e fallecida em estado de solteira.

- 2-2 Bernardo, nascido a 17 de Maio de 1741.

- 2-3 Juliana, nascida em 1746.

- 2-4 Margarida, nascida em 23 de Setembro de 1746.

- 2-5 Miguel Rodrigues Side, nascido em 1756.



2-6 Francisco, falecido solteiro aos 25 annos de idade.

2-7 Maria, falecida solteira com 30 annos em 1770.

### § 3.º

1-3 Manoel Rodrigues Side.

### § 4.º

1-4 Maria Rodrigues Antunes ou Maria Rodrigues da Santa Fé Side, foi casada em primeiras nupcias com o Sargento Mór Antonio Rodrigues de Lara, filho de Antonio de Lara e de sua mulher Antonia Luiz de Marins; neto pela parte paterna do Capitão-mór Gabriel de Lara e de sua mulher Brigida Gonçalves Lourenço; neto pela parte materna de Antonio da Motta e de sua mulher Maria de Pinha, Capitulo 2.º do Titulo Lara, desta Obra.

Com descendentes ahí descriptos.

O Sargento-mór Antonio Rodrigues de Lara foi, por Patente passada a 6 de Março de 1735 pelo Conde de Sarzedas, nomeado Sargento-mór das barras de Paranaguá — «para ter o cuidado das embarcações que por ellas entrassem».

Sua primitiva Patente de Sargento-mór era datada de 29 de Fevereiro de 1728 e foi passada pelo Governador Caldeira Pimentel, em attenção a seus serviços militares e por ter servido com honra os cargos da governança de Paranaguá, entre os quaes os de Juiz ordinario, Almotacel e Procurador da Camara, havendo-se sempre com grande rectidão na administração da justiça e grande zelo do Real serviço, principalmente quando em 9 de Fevereiro de 1718 aportou em Paranaguá um navio corsario francez que, por bater em uma pedra proxima a ilha da Cottinga, abriu agua. O então Capitão Antonio Rodrigues de Lara armou uma sumaca de sua propriedade e com gente de seu mando seguiu para dar caça ao navio pirata, aprisionando com sua gente o Commandante,

officiaes e tripulação do corsario, o que realisou com intrepidez e firme resolução.

Casada em segundas nupcias com o Capitão José Teixeira de Azevedo, falecido em 1715, viuvo de sua tia Domingas Antunes Cortes, Capitulo 8.º deste Titulo; filho de Luiz Palhano e de sua mulher Maria Sevena, moradores em Paranaguá.

O Capitão José Teixeira de Azevedo pertenceu a governança da Villa de Paranaguá e foi homem de respeito e consideração. Era possuidor de varias sesmarias de terras em Paranaguá e em Curityba, notadamente as do «Boqueirão» e do «Bariguy» entre os «Rios da Villa» e o «Juevê», na qual ficava comprehendida o «Capão da Buya». Do segundo matrimonio teve:

2-1 Izabel Palhano de Oliveira, casada em Curityba a 16 de Fevereiro de 1733, com Salvador de Mello Coutinho, falecido a 1.º de Outubro de 1736, filho de Francisco de Mello Coutinho e de sua mulher Izabel Luiz Tigre.

2-2 Capitão Victorino Teixeira de Azevedo, nascido em 1706, casado com Izabel Alves de Faria, falecida com 35 annos de idade a 23 de Janeiro de 1746, filha de João Alves Martins, falecido em 1732, e de sua mulher Maria de Souto.

Pertenceu sempre a governança de Curityba, onde exerceu todos os honrosos cargos da Republica. Homem de valor e respeito, prestou relevantes serviços á cauza publica. Com seu irmão Sebastião foi coproprietario de uma sesmaria no Juevê, herdada de seu pai, um dos povoadores de Curityba. Essa sesmaria abrangia o «Capão da Buya», junto ao «Rio da Villa».

Teve: (C. O. de Curityba.)

3-1 José Teixeira de Azevedo, casado a 3 de Novembro de 1754 com Thereza da Silva, filha de Antonio Furtado e de sua mulher Maria Dias de Freitas.

3-2 Antonio Teixeira de Azevedo.

3-3 João Teixeira de Azevedo.

3-4 Maria Alves Teixeira.



- 3-5 Luiza Maria de Jesus Teixeira.
- 2-3 Paula Teixeira Fernandes de Oliveira, baptisada a 2 de Março de 1708, casada com Pedro Rodrigues Paes. Teve: (Cartorio de Orphãos de Curityba.)
- 3-1 Anna Fernandes de Oliveira, casada em Curityba a 2 de Março de 1771 com Angelo da Costa Rosa, filho de Manoel da Costa Rosa e de sua mulher Maria do Carmo Correia.
- 3-2 Maria Vieira Pedroso, casada com Antonio da Costa Filgueira, com ascendentes e descendentes em Titulo Rodrigues França, 3.º volume desta obra. Teve:
- 4-1 Custodia Rodrigues de França, neta, casada com Manoel José de Oliveira.
- 4-2 Maria do Carmo, casada com Francisco Martins Pereira do Nascimento.
- 2-4 Capitão Sebastião Teixeira de Azevedo, casado a 22 de Novembro de 1740 com Ignez de Chaves das Neves, fallecida em Janeiro de 1783, filha de Manoel de Chaves de Almeida e de sua mulher Ignez de Chaves. Exerceu os cargos de Juiz ordinario, de orphãos, de Almotacel, Procurador e Thesoureiro da Camara de Curityba, por varias vezes. Foi homem de respeito e consideração. Em 1747 a Camara o fez — «hir a Cidade de S. Paulo, «por proprio», a fazer os requerimentos convenientes ao Exm.º e Rev.º. Snr. Bispo sobre a cauza que essa Camara e mais povo trasem contra o Reverendo Vigario desta Villa sobre as conhecenças, com o que despendeu 25\$600» (sic). — Nessa mesma occasião foi mandado á Paranaguá, Miguel de Góes — o moço — levar uma carta e documentos enviados pela Camara e destinados a S. Magestade, carta esta em que a Camara expunha — «a materia do Reverendo vigario desta Villa levar conhecenças a seus freguezes pela desobriga do preceito annual, com essa viagem dispendeo a Camara 3\$200» (sic). O Padre, a quem essas representações alludem, era o Reverendissimo Manoel Domingues Leitão, a quem rendemos publica homenagem pelo muito que fez em pról d'esta obra genealogica, com a clareza e extensão

de seus assentamentos, nos livros ecclesiasticos existentes na Cathedral do Bispado de Curityba.

Teve: (C. O. de Curityba.)

- 3-1 Maria de Oliveira Side, casada a 17 de Novembro de 1763 com Antonio de Meira Collaço, natural de Itanhaem e de sua mulher Maria Luiza de Góes.

Teve:

- 4-1 Izabel de Meira, casada com . . . .

Teve:

- 5-1 Antonio de Meira.

- 5-2 José de Meira.

- 5-3 Escolastica de Meira.

- 5-4 Maria de Meira, casada com Antonio Cortes.

- 4-2 Salvador de Meira.

- 3-2 Anna Martins de Oliveira, casada a 3 de Setembro de 1773 com Francisco Dias de Meira Collaço, filho de Manoel Dias Collaço e de sua mulher Maria Dias de Siqueira; neto pela parte paterna de Francisco de Souza Aguiar e de sua mulher Felicia Dias de Meira; neto pela parte materna de Antonio Fernandes de Siqueira e de sua mulher Catharina de Siqueira Cortes.

Teve:

- 4-1 Maria Rita Teixeira de Meira.

- 4-2 Gertrudes Teixeira de Meira.

- 4-3 Izabel Teixeira de Meira.

- 4-4 Anna Teixeira de Meira.

- 4-5 Francisco Teixeira de Meira, casado a 15 de Junho de 1795 com Rita Maria de Almeida, filha de Antonio Rodrigues e de sua mulher Maria Francisca de Almeida; por esta, neta de Antonio Pereira de Almeida e de sua mulher Quiteria Pedroso.

- 3-3 Manoel Teixeira de Azevedo, fallecido no Sul.

- 3-4 José Teixeira de Azevedo, fallecido na Borda do Campo, do Rio das Mortes-Minas Geraes, onde era casado.

- 3-5 Luiza de Oliveira, casada com João Baptista Ferreira.

Teve:

- 4-1 Maria Ignez.



2-5 Margarida Teixeira de Oliveira, casada em Curityba a 23 de Fevereiro de 1745 com Miguel Ribeiro Baptista, natural de Atibaya, Minas Geraes, filho de Antonio Martins Pereira e de sua mulher Maria Ribeiro Baptista.

Miguel Ribeiro Baptista por morte de sua mulher Margarida Teixeira de Oliveira, passou a segundas nupcias com Anna Maria de Jesus <sup>(1)</sup>. Falleceu a 1.º de Fevereiro de 1786.

Teve:

3-1 Antonio Ribeiro Baptista, foi casado com Izabel Vaz Torres, falecida em 1812, filha de Manoel Vaz Torres, natural de S. João Baptista de Romanones, Braga, e de sua mulher Josepha Alves de Araujo, de Curityba.

Manoel Vaz Torres n'um termo de declaração feito a 4 de Janeiro de 1790, no inventario por morte de sua mulher, disse que, seu genro Thomaz João Ferreira era patrocinado pelo Coronel Affonso Botelho de Sampaio e Souza, que — «como era constante, o dito Coronel no tempo que andou por esta Villa, mandava despoticamente». Filhos: (C. O. de Curityba.)

4-1 Firmiana, viuva de Manoel Joaquim.

4-2 Manoel José Ribeiro, casado em Curityba em 1797 com Francisca dos Santos Ribeiro.

4-3 Francisco Ribeiro Baptista, casado com ....

4-4 José Ribeiro Baptista, casado em Curityba a 4 de Fevereiro de 1835 com Francisca de Paula, filha de Marianna Mendes.

Encontramos este casamento no livro respectivo da Cathedral de Curityba, assim como encontramos um casamento de José

<sup>(1)</sup> Miguel Ribeiro Baptista, de seu segundo matrimonio com Anna Maria de Jesus, teve:

1 — Quiteria, casada com Joaquim dos Santos Lishôa.

2 — José Ribeiro Baptista, era desertor em 1786, casado com Esperança Perpetua Ribas.

3 — Appolinaria Maria da Luz, casada em 1794 com José Simões de Oliveira.

4 — Antonio Martins Pereira, casado com Angela de Siqueira.

5 — Manoel Ribeiro Baptista.

6 — Joaquim, já era falecido em 1786.

Joaquim Ribeiro, filho de Antonio Ribeiro Baptista e de sua mulher Izabel Vaz Torres, realizado em Curityba, a 28 de Abril de 1801, com Esperança Perpetua do Céu, filha de paes incognitos.

Ou Antonio Ribeiro Baptista teve 2 filhos chamados — José — ou foi este José casado duas vezes.

4-5 Miguel Ribeiro Baptista, nascido em 1786, casado com Anna Maria.

4-6 Capitão João Ribeiro Baptista, casado em primeiras nupcias com Catharina Baptista. Casado em segundas nupcias, a 3 de Março de 1835, com Rosa Maria de Jesus, filha de Vicente Cardoso Leal e de sua mulher Rosa Vicencia, natural da Ilha Terceira de Angra.

Teve do primeiro matrimonio:

5-1 Maria Ribeiro, casada a 3 de Março de 1835 com Francisco Cardoso Leal, irmão de sua madrastra Rosa Maria de Jesus.

5-2 Antonio Joaquim Ribeiro, falecido a 31 de Maio de 1856, foi casado em Curityba a 24 de Fevereiro de 1835 com sua parenta de 3.º gráu de consanguinidade, Anna Francisca dos Santos, filha de Manoel Rodrigues Biscaia <sup>(1)</sup>, falecido a

<sup>(1)</sup> O Capitão Manoel Rodrigues Biscaia, era morador no Capão Razo, districto de Curityba e falleceu em 4 de Fevereiro de 1852; era casado com Maria Francisca dos Santos, falecida em 18 de Dezembro de 1861.

Tinha os seguintes filhos que figuraram no inventario:

1 — José Rodrigues Biscaia, casado a 21 de Junho de 1864 com Umbelina Baptista, filha de João Ribeiro Baptista.

2 — Salvador Geraldino Biscaia, baptisado a 20 de Outubro de 1833, casado a 26 de Junho de 1855 com Josepha Maria Ferreira, filha de Francisco Emydio de Paula e de sua mulher Geraldina Maria dos Santos.

3 — Antonio dos Santos Biscaia, nascido em 1828, casado a 5 de Março de 1867 com Euphrasia Maria de Lima, viuva de David Pedro da Silva.

4 — Francisco dos Santos Biscaia, falleceu solteiro em 1863.

5 — João dos Santos Biscaia, nasceu a 4 de Junho de 1843, casou a 15 de Setembro de 1866 com Maria José Ribeiro, filha de João Ribeiro Baptista e de sua mulher Rosa Maria de Jesus.

6 — Anna Francisca dos Santos, casada a 24 de Fevereiro de 1835 com Antonio Joaquim Ribeiro, filho de João Ribeiro Baptista e de sua mulher Catharina Baptista, descriptos acima.

7 — Rita Maria dos Santos, casada a 14 de Junho de 1843 com Vicente José da Trindade, filho de João Paes de Moura e de sua mulher Maria Francisca de Camargo.

8 — Maria dos Santos Ribeiro, falecida a 16 de Abril de 1872, casada com José Ribeiro Baptista.



4 de Fevereiro de 1852, e de sua mulher Maria Francisca dos Santos, falecida a 18 de Dezembro de 1861.

Teve:

6-1 João Baptista Ribeiro, falecido em 1884, foi casado em Curityba a 18 de Junho de 1857 com Tibúrcia de Freitas Ferreira, filha de Antonio Vicente Ferreira e de sua mulher Maria de Freitas.

Filhos:

7-1 João Baptista Ribeiro Filho, falecido aos 19 annos de idade.

7-2 Maria da Luz Ribeiro Ribas, casada com Antonio Joaquim Paulo Cordeiro.

7-3 Amélia Augusta Ribeiro de Oliveira, casada em 20 de Novembro de 1885 com o Major Francisco Carvalho de Oliveira, filho do capitalista João Carvalho de Oliveira, natural de Portugal, e de sua mulher Francisca Rosa de Bittencourt. Neto pela parte paterna de José Carvalho de Oliveira, natural do Minho, Portugal, e de sua mulher Maria Rita de Oliveira. Por sua avó Francisca Rosa, era bisneto do Tenente Coronel Manoel José da Cunha Bittencourt (o velho) e de sua mulher Anna Maurícia; por esta, era terceiro neto de Manoel Dias da Costa e de sua mulher Anna Joaquina dos Santos; por esta, quarto neto de Manoel João dos Santos e de sua mulher Francisca dos Santos Almeida; pelo Tenente Coronel Manoel José da Cunha Bittencourt, era terceiro neto de José Correia de Bittencourt e de sua mulher Rosa Maria, naturaes de Nossa Senhora de Guadalupe, Ilha da Graciosa, Portugal.

9 — Gertrudes Maria dos Santos, casada a 18 de Agosto de 1857 com Francisco de Paula Cordeiro, filho de José Jacintho do Prado e de sua mulher Maria Cordeiro de Oliveira.

10 — Felizarda dos Santos Ribeiro, casada com João da Silva Ferreira.

11 — Maria Francisca da Cruz Biscaia, casada em Curityba a 20 de Novembro de 1866 com Antonio Francisco Correia de Bittencourt, filho de Francisco José Correia de Bittencourt e de sua mulher Euphrasia Maria de Jesus.

Teve:

a) Ephigenia de Bittencourt Garcez, falecida, foi casada com Gregorio Affonso Garcez, dos quaes trataremos em outro Titulo desta Obra.

O Major Francisco Carvalho de Oliveira, é pharmaceutico formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Cultor das lettras, produziu boas poesias que publicou em jornaes desta Capital.

Espirito liberal e adiantado, foi um dos propagandistas da abolição do elemento servil do Paraná. Fez parte do Club Republicano de Curityba, desde o tempo da propaganda, collaborando na imprensa republicana.

Teve:

8-1 João Baptista Carvalho de Oliveira (Rodrigo Junior), nascido em 10 de Setembro de 1887, pharmaceutico pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, proprietario de importante Pharmacia, nesta Capital; moço dotado de talento, poeta primoroso e fecundo, Rodrigo Junior enaltece e orgulha a Arte paranaense com seus innumerados trabalhos litterarios em prosa e verso, que ahi estão para attestar o seu talento. Trabalhou em numerosas revistas do Paraná, tendo cooperado para a fundação de algumas dellas. Collaborou assiduamente na imprensa do Paraná e fóra delle.

Foi um dos fortes companheiros de Euclides Bandeira, quando este redigiu o «Diario da Tarde».

Tem publicado as seguintes obras: Estrella d'Alva (versos — 1905); Torre de Babel (versos — 1906); Quando floresce o amor (Primeira serie — em 1908, segunda serie — em 1922); Canticos e Balladas (versos — 1913); Sonatinas morosas (Poesias lyricas — 1922); Um caso fatal (novella), livro primoroso publicado em Janeiro de 1926, da serie das — Novellas mensaes; Pela noite da vida (versos — 1923).

A entrar para o prelo: Flammulas ao vento (Poemas antigos); Sombras chinezas (contos humoristicos); O livro que perdeu o titulo (contos); Paginas do meu diario (chronicas); Colmeia do ultimo sonho (Poemas lyricos). Tendo em preparativos diversas outras obras, como: Aza de corvo (romance); A caça ao noivo (romance); Idyllios pastoris (Poesias lyricas); Como foi que eu venci (Novellas); De quéda em quéda (Novella).



Formou-se também em odontologia. Solteiro.

- 8-2 Ismenia Carvalho, casada com Epaminondas dos Santos, sócio da firma Santos, Bruck & Cia. com fábrica de Louças.

Teve:

- 9-1 Ruy, nascido a 10 de Outubro de 1912.

- 7-4 Julia Augusta Ribeiro, casada com Lourenço da Silva Pereira, filho do Coronel Francisco da Silva Pereira e de sua mulher Constança Bertolina Ribas.

Teve:

- 8-1 Aristides da Silva Pereira, casado com Judith Dacheux do Nascimento, filha de Henrique Dacheux do Nascimento e de sua mulher Thereza Christina Dacheux do Nascimento.

- 8-2 Lauro da Silva Pereira, falecido, foi casado com Lucia Grillo, filha de Sebastião Grillo e de sua mulher Lucia Silveira Grillo.

Filho:

- 9-1 Lauro, falecido.

- 8-3 Arnaldo da Silva Pereira.

- 8-4 Epaminondas Pereira, falecido.

- 8-5 Jayme da Silva Pereira.

- 8-6 Maria Candida da Silva Pereira.

- 8-7 Alcides da Silva Pereira.

- 8-8 Amelia da Silva Pereira.

- 8-9 Laura, falecida aos 12 annos de idade.

- 8-10 Olivia da Silva Pereira.

- 7-5 Anna Francisca Ribeiro Catta Preta, casada com Duarte Moreira Catta Preta, cirurgião dentista.

Teve:

- 8-1 Myriam Catta Preta.

- 8-2

- 8-3

- 7-6 Gabriel José Ribeiro, Tabellião de Publico Judicial e Notas da Capital. Musicista e litterato.

Casado com Etelvina Leal Nunes Ribeiro, de quem é o 3.º marido, filha de Joaquim Leal Nunes e de sua mulher Deolinda dos Santos Leal Nunes.

Com os descendentes descriptos em Titulo — Rodrigues de França — 3.º volume desta Obra.

- 6-2 Manoel Joaquim Ribeiro, casado com Quiteria Ribeiro.

- 6-3 Padre Antonio Joaquim Ribeiro, nasceu em 1851, se ordenou em Maio de 1873 e falleceu em 22 de Julho de 1895, sendo sepultado em Curityba.

- 6-4 Francisca Ribeiro, falecida com 13 annos em 18 de Outubro de 1861.

- 5-3 Maria José Ribeiro, casada em Curityba a 15 de Setembro de 1866 com João dos Santos Biscaia, nascido a 6 de Março de 1842 e fallecido a 16 de Agosto de 1891, filho de Manoel Rodrigues Biscaia e de sua mulher Maria Francisca dos Santos, acima. Teve por informações:

- 6-1 Bernardina Biscaia, nascida em 20 de Agosto de 1867, foi casada em primeiras nupcias com o Coronel Manoel Gonçalves dos Santos, que foi abastado capitalista, e em segundas nupcias a 27 de Dezembro de 1902 com o capitalista Alfredo Fernandes Loureiro.

Teve do primeiro matrimonio:

- 7-1 Sebastião Gonçalves dos Santos, solteiro. Do segundo matrimonio não houveram filhos.

- 6-2 Narcizo Theodoro Biscaia, nascido em 1872, falecido em 1902, foi casado com Maria de Jesus Nascimento.

Teve:

- 7-1 João Narcizo do Nascimento Biscaia, solteiro.

- 7-2 Laura do Nascimento Biscaia de Castro, casada com Augusto de Castro.

Teve:

- 8-1 Narcizo.

- 8-2 . . . . .

- 6-3 Emilia Candida Biscaia, nascida em 1873, já falecida, foi viuva de Godofredo Ferreira Bello. Sem descendentes.

- 6-4 Julio Militão Biscaia, nascido em 1874, casado com Maria dos Anjos Fernandes.

Teve:

- 7-1 Cezar Biscaia, casado com Olga Guimarães



- Bastos Biscaia, filha do Dr. Alderico Guimarães Bastos e de sua mulher Esther Guimarães Bastos. Sem filhos em 1926.
- 7-2 João Fernandes Biscaia, casado com sua prima Maria Izaura Carreira. Sem filhos.
- 7-3 Julio José Biscaia, gêmeo com José Julio Biscaia, casado. Sem filhos.
- 7-4 José Julio Biscaia, gêmeo com Julio José, solteiro.
- 7-5 Jayme, falecido.
- 6-5 Maria Francisca Biscaia, nascida a 4 de Março de 1880, falecida a 28 de Março de 1900, foi casada com o capitalista Alfredo Fernandes Loureiro, natural de Portugal, de quem foi a primeira mulher. Teve:
- 7-1 Hilda Loureiro, casada com o Capitão Francisco da Fontoura Barretto, oficial do exercito. Sem filhos.
- 7-2 Izaura Loureiro, casada com o Dr. José Pinto Rebello Junior, com ascendentes e descendentes descriptos em Titulo Rodrigues Seixas, segundo volume desta Obra.
- 7-3 João Alfredo Loureiro, casado com Maria Cysneiro Loureiro. Teve:
- 8-1
- 8-2
- 8-3
- 8-4
- 6-6 João dos Santos Biscaia, nascido a 23 de Setembro de 1881, casado com Josephina Chalbeaut. Filhos:
- 7-1 Antonio.
- 7-2 João.
- 7-3 Narcizo.
- 7-4 Evaristo.
- 7-5 Bernardina, falecida.
- 7-6 Maria José.
- 7-7 Frederico.

- 5-4 Umbelina Ribeiro Baptista, casada a 21 de Junho de 1864 com José Rodrigues Biscaia, falecido a 29 de Junho de 1873, era irmão de João dos Santos Biscaia. Teve por informações:
- 6-1 Antonio Francisco Biscaia, nascido em 1845, falecido em 1925.
- 6-2 Idalina Biscaia, falecida a 23 de Junho de 1917, casada com Pedro Gomes de Paula, falecido a 26 de Agosto de 1924. Sem filhos.
- 6-3 João Ribeiro Biscaia, casado com Augusta Calixto.
- 6-4 Francisco Ribeiro Biscaia, casado em S. José dos Pinhães, onde reside.
- 6-5 Manoel Ribeiro Biscaia, casado. Reside em S. José dos Pinhães.
- 6-6 Joaquim Ribeiro Biscaia, casado. Reside no Rio Preto.
- 6-7 Hygino Ribeiro Biscaia, viuvo. Reside em Curitiba.
- 6-8 Bento Ribeiro Biscaia, falecido.
- 6-9 Pedro Ribeiro Biscaia, casado. Reside em Mandirituba, S. José dos Pinhães.
- 5-5 Manoel Ribeiro Baptista, casado com Balduino Pinto de Oliveira. Filhos por informações:
- 6-1 Caetano Ribeiro Baptista, reside em Cachoeira, Araucaria.
- 6-2 Antonio Ribeiro Baptista, reside em Cachoeira.
- 6-3 Manoel Pinto Ribeiro, reside em Cachoeira.
- 6-4 Vicente Ribeiro Baptista, reside em Cachoeira.
- 6-5 José Pinto Ribeiro, viuvo, reside em Cachoeira.
- 6-6 Francisco Ribeiro Baptista, casado no Capão Razo, Curitiba.
- 6-7 Maria Ribeiro Baptista, falecida solteira.
- 6-8 Francisca Ribeiro Baptista, casada com Theresio Souza Lima. Falecida.
- 6-9 Candida Ribeiro Baptista, falecida, foi casada com Generoso Fernandes de Deus. Teve:



- 7-1 João Fernandes Ribeiro, falecido.  
 7-2 José Baptista Ribeiro, solteiro, reside no Capão Razo.
- 6-10 João Baptista Ribeiro, falecido, foi casado com Maria Joanna Gonçalves.  
 Filhos:  
 7-1 Pedro Baptista Ribeiro.  
 7-2 Francisca Ribeiro Gonçalves.  
 7-3 Porcina Maria Ribeiro.  
 7-4 João Baptista Ribeiro Filho.
- 6-11 Iphigenia Ribeiro Baptista, casada com seu cunhado Generoso Fernandes de Deus.  
 Teve:  
 7-1 Espirituosa Fernandes Ribeiro, casada com Francisco Ribeiro Baptista.  
 7-2 Balbina Fernandes Ribeiro, casada com Julio Gabardo.
- 5-6 José Ribeiro Baptista, casado com . . . .  
 5-7 Francisco Baptista, casado com Pocydonia de Santa Rosa.  
 Teve o Capitão João Ribeiro Baptista (4-5) de seu segundo matrimonio:
- 5-8 João Ribeiro Baptista Filho, casado com Escolastica Sant'Anna, filha de João Sant'Anna Pinto. Falecidos. Teve 18 filhos.
- 5-9 Joaquim Ribeiro Baptista, casado com Maria Ribeiro da Luz. Com 4 filhos.
- 5-10 Francisco Ribeiro Baptista, solteiro. Falecido a 18 de Julho de 1892.
- 5-11 Nicolau Ribeiro Baptista, solteiro. Reside no Portão.
- 5-12 Gertrudes Ribeiro, casada com José Solares Alegro. Falecidos. Deixaram 8 filhos.
- 5-13 Gabriella Ribeiro, casada com Laurindo Correia da Silva (viuvo de Maria da Luz, cujos descendentes daremos no volume 4.º desta obra), foi proprietario e capitalista. Já falecidos.  
 Teve:  
 6-1 Rita Correia da Silva, casada em primeiras nupcias com Firmino Negrão do Amaral, e em segundas nupcias com Francisco Pereira de Andrade.

- Teve do primeiro matrimonio:  
 7-1 Noemia da Silva Negrão, casada com Guilherme Schiler.  
 7-2 Firmina da Silva Negrão, viuva de seu tio Brasileiro Correia da Silva, 6-7 adiante.  
 Com descendencia.  
 Teve do segundo matrimonio:  
 7-3 Laurindo.  
 7-4 José.
- 6-2 José Correia da Silva, casado com Felicidade Guimarães.
- 6-3 João Gregorio Correia, solteiro.
- 6-4 Julia Correia da Silva Xisto, casada com Antonio de Souza Xisto.  
 Com descendencia.
- 6-5 Rosa Correia da Silva, solteira.
- 6-6 Agostinho Correia da Silva, casado com Maria Leme da Silva.
- 6-7 Brasileiro Correia da Silva, falecido, foi casado com sua sobrinha Firmina Negrão, 7-2 de 6-1, retro.
- 6-8 Maria da Graça Cordeiro, casada com Francisco de Paula Cordeiro.
- 6-9 Miguel Correia da Silva, casado com Carmella de Britto.
- 6-10 Leonor Correia da Silva, casada com Antonio Pereira Bello.
- 6-11 Benedicta Correia da Silva, viuva de Sylvio Alves de Britto.
- 5-14 Maria Ribeiro, casada com João dos Santos Biscaia, já descriptos.
- 5-15 Balbina Ribeiro da Costa, nascida a 22 de Dezembro de 1860, casada com o Capitão Militão José da Costa, que nasceu em 10 de Março de 1846 e faleceu em 31 de Maio de 1895, filho de José Joaquim da Costa e de sua mulher Maria Guimarães da Costa. Exerceu varios cargos publicos entre os quaes o de Fiscal Geral da Camara e Secretario da Instrucção Publica, em cujo lugar se aposentou.  
 Filhos:  
 6-1 Brasilio Ovidio da Costa, casado em primeiras



nupcias com Lavinia Nobrega de França Costa, filha do Coronel José Innocencio de França e de sua mulher Maria Clemencia Nobrega de França; falecida em 29 de Abril de 1918, e em segundas nupcias em 17 de Dezembro de 1921 com Nercindia Bittencourt da Costa, filha do Coronel Modesto Bittencourt e de sua mulher Maria Rosa de Lima Bittencourt.

Filhos do primeiro matrimonio:

7-1 Canrobert, falecido.

7-2 Myriam da Costa Straube, casada em 24 de Maio de 1919 com Guido Straube.

Filhos:

8-1 Rubens.

8-2 Guido.

7-3 Marina, falecida.

7-4 Marina da Costa Borelli, casada a 12 de Julho de 1923 com Januario Borelli.

Filhos:

8-1 Lavinia.

8-2 Lourdes.

7-5 Argentina da Costa Andrade, casada em 8 de Julho de 1919 com Isaias Ribeiro de Andrade.

Filhos:

8-1 Adyr, falecido.

8-2 Odayr.

8-3 Izail.

8-4 Luiz Eduardo.

7-6 Hamilton, falecido.

7-7 Manoel, falecido.

7-8 Brasílio de França Costa.

Do segundo matrimonio não houveram filhos.

6-2 Maria, falecida.

6-3 Alvaro José da Costa, falecido aos 22 anos, solteiro.

6-4 José, falecido.

6-5 Alcides, falecido.

6-6 Victoria, falecida.

6-7 Manoel, falecido.

4-7 Maria Vaz, nascida em 1785.

4-8 Manoel José Ribeiro, falecido em 1807, era casado com Francisca dos Santos Cortes a 10 de Outubro de 1789, filha de Roque de Siqueira Cortes e de sua mulher Rosa dos Santos.

Filhos:

5-1 Maria, com 8 annos em 1807.

5-2 Antonio, com 7 annos em 1807.

5-3 Francisco, com 6 annos em 1807.

5-4 José, com 5 annos em 1807.

5-5 João, com 4 annos em 1807.

5-6 Joaquim, com 3 annos em 1807.

4-9 Antonio Martins Pereira.

3-2 Maria Ribeiro, natural de Curityba, casada a 24 de Novembro de 1765 com João da Silva de Abreu, natural de S. José, filho de José de Aguiar, natural de S. Sebastião, e de sua mulher Izabel da Silva, de S. Paulo; neto pela parte paterna de Luiz Gomes Velho, natural da Bahia, e de sua mulher Maria de Aguiar, de S. Sebastião. Neto pela parte materna de Jeronymo da Veiga da Cunha e de sua mulher Anna da Cunha Alves, naturaes de S. Paulo.

João da Silva de Abreu, tinha um outro irmão chamado Antonio da Veiga Leme, ambos constantes do inventario e testamento de seu Pai, feito em 1776 em Curityba.

Era já viuvo de Luzia de Moraes, quando se casou com Maria Ribeiro e desse seu primeiro matrimonio teve o filho unico:

Francisco da Silva Abreu, nascido em 1762, casado com Lucaria Maria de Jesus.

Teve de seu matrimonio com Maria Ribeiro 2 filhos:

4-1 Bernardino da Silva de Abreu, nascido em 1766, casado em Curityba em 9 de Setembro de 1788 com Maria Baptista, filha de Salvador Baptista Diniz e de sua mulher Escolastica Soares, naturaes de Curityba. Neta pela parte paterna do Sargento-mór João Baptista Diniz e de sua mulher Luiza de Araujo dos Santos; neta pela parte



materna de Izabel Martins Valença. Foram testemunhas de seu casamento os Capitães José de Andrade e José de Freitas Saldanha.

4-2 Maria Pereira da Silva, nascida em 1769, casada a 29 de Agosto de 1782 com Francisco José de Sampaio, filho de Sebastião Sampaio e de sua mulher Maria José Pereira.

2-6 João Teixeira de Azevedo, falecido em 1739, casado com Francisca Ribeiro.

2-7 Antonio Teixeira de Azevedo, baptisado a 14 de Junho de 1695.

2-8 Maria Rodrigues de Oliveira, falecida antes de 1738, casada com Antonio Ribeiro Bayão, filho do Capitão Antonio Ribeiro da Silva, falecido em Curityba em 1725, e de sua mulher Maria de Siqueira de Almeida, falecida em 28 de Abril de 1717; por esta, neto do Capitão Manoel da Cunha Gago e de sua mulher Antonia de Siqueira.

### § 5.º

1-5 . . . . , filha de Izabel Garcia Antunes, Capitulo 6.º, cujo nome não foi mencionado em testamento, apesar de seu Pai ter declarado ter 3 filhos e 2 filhas, das quaes só mencionou uma, provavelmente por ser ella falecida antes de seu Pai, sem deixar descendentes.

### CAPITULO 7.º

7 — Maria das Neves, filha do Capitão Balthazar Carrasco dos Reis — o Velho — e de sua mulher Izabel Antunes, se casou em Curityba com Guilherme Dias Cortes, falecido com testamento a 26 de Outubro de 1714, natural da Parnahyba, S. Paulo; desde 1693, quando foi creada a Justiça da Villa de Curityba, figurou elle na administração da Republica e como official da Camara procedeu a medição das terras do Rocio da Villa em 1.º de Maio de 1693 e dias subsequentes. Em 7 de Agosto de 1714 assi-

gnou o termo de vereança de Curityba, ultima sessão em que compareceu, pois veio a fallecer a 26 de Outubro do mesmo anno. Em 8 de Setembro de 1695 o celebre Padre Belchior de Pontes, que falleceu com pretensões a Santidade, baptisou em Curityba uma criança, filho de uma escrava do Capitão Guilherme Dias Cortes.

Entre os seus bens inventariados, figura — «o sitio do Bariguy», onde residiam em uma casa de um lanço e duas *tacaniças* de pau a pique cobertos de telhas, com suas senzalas cobertas de palha e mais meia legua de terras entre os rios de Bariguy, que fica do lado do nascente, e do Passaúna que fica ao poente. Ambos esses rios servem de demarcação a essas terras.

A parte do norte principia no corrego que divide as terras de Antonio Garcia e na parte do sul, começa a sesmaria das terras de Belchior Carrasco, as quaes meia legua de terras, declarou a inventariante: — «as houvera por dote que o defunto seu Pai, Balthazar Carrasco dos Reis, lhe dera e que constituia uma carta de sesmaria de terras, que foram avaliadas em 57\$000».

«Foi ainda inventariada mais uma sesmaria de terras nos Campos Geraes, de uma legua de frente por duas de sertão, entre os rios Yapó e das Fortalezas, limitando ao norte com terrenos de Manoel de Lima Pereira, pelo ribeirão das Figueiras, e ao sul pelo rio Yapó. Da banda do nascente principia na paragem denominada «Furnas Pequenas», que fica distante legua e meia do caminho geral de S. Paulo, e da banda do poente, confina com a barra do Ribeirão das Fortalezas; foi avaliado tudo, em 40\$000.» Tendo o Alferes Gaspar Carrasco dos Reis, requerido ao Ouvidor Lobato, em 1737, para ficar desobrigado de zelar pela Capella de Nossa Senhora de Guadalupe, da qual seu Pai era instituidor e protector, e em testamento lhe transmittio esse encargo, bem como o de fazer rezar seis missas annuaes em sua intenção, o mesmo Ouvidor deferiu a sua supplica pelo motivo allegado e provado em juizo, de que o peticionario não tinha herdado bens, com que podesse ficar com o encargo preestabelecido por seu Pai. No final de seu despacho o Ouvidor Lobato ordenou que, os herdeiros das terras constantes no testamento do Ca-



pitão Balthazar Carrasco dos Reis, ficassem onerados de satisfazerem os desejos de seu Pai e Sogro, visto como eram as unicas pessoas favorecidas pelos bens inventariaes, e que, desta forma, poderiam cumprir fielmente as vontades do finado.

O Capitão Guilherme Dias Cortes, José Teixeira de Azevedo e Antonio Rodrigues Seixas, genros do Capitão Balthazar, na collação da partilha do inventario, declararam que não aceitavam nada da herança paterna de suas mulheres, prevendo talvez, o que se passaria em 1737.

Teve 11 filhos: (C. O. de Curityba.)

|                              |        |
|------------------------------|--------|
| 1-1 Zacarias Dias Cortes.    | § 1.º  |
| 1-2 Pedro Dias Cortes.       | § 2.º  |
| 1-3 Luzia Martins das Neves. | § 3.º  |
| 1-4 Catharina de Senne Dias. | § 4.º  |
| 1-5 José Dias Cortes.        | § 5.º  |
| 1-6 João Dias Cortes.        | § 6.º  |
| 1-7 Anna Martins das Neves.  | § 7.º  |
| 1-8 Joanna Garcia das Neves. | § 8.º  |
| 1-9 André Dias Cortes.       | § 9.º  |
| 1-10 Izabel das Neves.       | § 10.º |
| 1-11 Miguel Dias Cortes.     | § 11.º |

### § 1.º

1-1 Zacarias Dias Cortes, com a idade de 37 annos em 1714, foi casado com Maria Leme da Silva, filha de Manoel Picam de Carvalho e de sua mulher Maria Leme da Silva; neta pela parte paterna de Manoel Picam de Carvalho e de sua mulher Anna Maria Bicuado; neta pela parte materna do Capitão povoador Matheus Martins Leme e de sua mulher Anna de Góes. Sem descendentes.

Por ordem do General Rodrigo Cezar de Menezes de 30 de Junho de 1725 foram chamados á Camara de Curityba os mineiros do Arrayal Grande: Zacarias Dias Cortes, Manoel Soares da Silva, João Vellozo da Costa, Manoel Duarte de Camacho, Francisco Xavier dos Reis e Pedro Dias Cortes, para que em suas consciencias jurassem o que deviam aos Reaes quintos

desde o tempo em que começaram a minerar até o dia 30 de Dezembro de 1725. Depois do juramento aos Santos Evangelhos, João Vellozo e Zacarias Dias Cortes declararam que tiraram cada um, 200 oitavas de ouro e deviam aos Reaes quintos, cada um, 40 oitavas; Manoel Soares e Manoel Duarte declararam dever, o primeiro 12 oitavas e o segundo 5 oitavas; Francisco Xavier dos Reis declarou dever 10 oitavas e Pedro Dias Cortes 10 oitavas de ouro.

O Capitão Zacarias Dias Cortes vendeu em 29 de Maio de 1723, por escriptura publica, a Manoel Rodrigues Lopes, morador em Santos, uma sesmaria de 3 leguas de terras nas paragens chamadas as «Furnas Grandes», pelo preço de 100\$000; em 5 de Outubro de 1726 vendeu outra sesmaria nas Furnas ao Reverendo Padre Lucas Rodrigues de França, por 400\$000. Nessa escriptura figura elle precedido da palavra — Licenciado. Comprou em 1752 uma sesmaria de terras em Jaguacahem a Pedro de Siqueira Cortes e sua mulher Anna Gonçalves Coutinho.

A carta que em seguida se vê, do General e Governador de S. Paulo á Camara Municipal de Curityba, esclarece o valor do intrepido sertanista; o caminho a que essa carta se refere era o que do Rio Grande do Sul se dirigia a S. Paulo, passando pela Laguna e Curityba:

«Receby a carta de Vm.<sup>ce</sup> de doze de abril o termo que fizeram as pessoas que foram chamadas a presença de Vm.<sup>ces</sup> e do Sarg.<sup>to</sup> Mor Manoel Glz. da Costa pera se herem emcomtrar com o sarg.<sup>to</sup> Mór Francisco de Souza e faria que com seus companheiros vem abrindo o caminho e nam posso deixar de me admirar da p.<sup>te</sup> que respeita a elles dizerem que ignoram o certam quando muy pouca pratica he nesr.<sup>o</sup> delle pera se poder fazer esta expediçam porque se não nesecita de mais emteligencia que a de seguir o rumo de Sudueste carrengando (sic) sempre p.<sup>a</sup> a p.<sup>te</sup> do mar vem segundo o dito rumo emcostando sempre pera a p.<sup>te</sup> do mar se pode emcomtrar com o *gentio charrua* por que seg.<sup>do</sup> um mapa que tenho de toda a jornada que fes Zacarias Dias esta naçam de gentio tem a sua abitação pera a p.<sup>te</sup> do este que



vem a ficar muy afastado do Rumo que devem trazer os que vem abrindo o Cam.<sup>o</sup> a q.<sup>m</sup> supponho que Deos quer dar a glória de conseguir esta grande obra sem mais ajuda e favor que a da poderosa mão do mesmo S.<sup>or</sup> pera que se côfece e conheça que he desposição sua e nam dos homens. Nesta frota rece-by ordem de sua Mag.<sup>de</sup> assignada pella sua real mão em oito de fevreyro pella qual proibe que se faça descobrim.<sup>tos</sup> algum sem expressa licença sua em cujos termos não so devem Vm.<sup>ces</sup> mandar recolher logo a *Zacarias dias* mas empedir a toda a pessoa de qual quer condiçam que seja q' haya de fazer descobrim.<sup>tos</sup> algum de ouro, prata ou qualquer outro genero precioso sem expressa licença de Sua Magestade; porq' se obrarem o contrario ou noutros vereadores (sic) que de Annos a annos se forem susedendo satisfaram p.<sup>las</sup> suas pessoas e bens a mais leve desobediencia que obrarem neste particular de que lhes faço este aviso p.<sup>a</sup> que em nenhum tempo posam alegar ignorancia.

D.<sup>s</sup> g.<sup>de</sup> a Vm.<sup>ce</sup>

Sam Paulo 27 de Julho de 1730.

Antonio da Sylva Caldr.<sup>a</sup> Pimentel.»

— Este documento é uma prova da ignorancia litteraria e technica do General Governador. O General Caldeira Pimentel «não pode deixar de admirar . . . » o dizer a Camara ignorava o sertão onde deveria haver o encontro do caminho que de Laguna se dirigia a S. Paulo. Sem um traçado previamente organizado, sem recursos de especie algum, sem soldos ou ordenados, duas expedições deveriam partir: uma de Laguna e outra de Curityba, abrindo picadas, destocando o caminho, fazendo pontes e pontilhões a custa das expedições, pois — «a Fazenda Real não podia custear esse serviço que só interessava aos povos», além disso o caminho viria facilitar a conducção do — «gado do vento» — existente nas campanhas do sul, sem donos, e que tão necessario se tornava aos mineiros das Minas de Goyaz.

## § 2.<sup>o</sup>

1-2 Capitão Pedro Dias Cortes, nascido em Curityba a 9 de Julho de 1684, onde se casou em 1740 com Maria Leme de Jesus, viuva de Pedro Leme Barbosa, de Itú, de cujo matrimonio teve um filho que falleceu em criança. O Capitão Pedro Dias Cortes foi homem da governança de Curityba; exerceu o cargo de Procurador do Conselho da Camara, de Juiz ordinario e official da Camara. Por Patente passada por D. Braz Balthazar da Silveira, do Conselho de S. Magestade, mestre de Campo dos seus exercitos, Governador e Capitão general da Capitania de S. Paulo e minas della etc., foi provido no posto de Capitão dos solteiros da Villa de Curityba em data de 28 de Outubro de 1716, attendendo ao seu valor, e por seu merecimento e capacidade. Esta patente foi passada na Leal Villa de N. Senhora do Carmo. Foi um dos signatarios dos Provimentos do Ouvidor Raphael Pires Pardiniho, deixados em Curityba a 26 de Janeiro de 1720. Em 16 de Outubro de 1716 lhe foi passada carta de sesmaria de uma legua de terras e campos agrestes nas «Furnas grandes». Falleceu Maria Leme de Jesus em Curityba, a 28 de Agosto de 1754; era filha de João do Prado Leme e de sua mulher Messia Nunes de Siqueira, de Itú. Possuía terras no Bariguy, junto ao Passauna em 1742, junto as de Antonio de Siqueira Cortes.

Teve:

2-1 José Leme do Prado, nasceu em Curityba em 1744, onde se casou a 18 de Abril de 1765 com Izabel Diniz Sampaio, filha de João Diniz Pinheiro e de sua mulher Francisca Maciel Sampaio. Era neta pela parte paterna de Francisco Diniz Pinheiro e de sua mulher Clara Pereira; era neta pela parte materna de Manoel Martins Valença e de sua mulher Joanna Maciel Sampaio. Filhos:

3-1 Francisco Leme do Prado, casado em Curityba a 23 de Agosto de 1795 com Anna Maria do Espirito Santo.



3-2 Maria Bandeira de Jesus, casada em Curityba a 24 de Julho de 1787 com o Capitão Luciano José de Chaves. Filhos que descobrimos:

4-1 Generosa Luciana de Chaves.

4-2 Maria Rosa da Paixão, casada em Curityba a 30 de Maio de 1807 com o Capitão Luiz Gomes da Silva, viuvo de Maria Joaquina de Jesus, 4-2 de folhas 502, deste volume.

Teve:

5-1 Francisca de Paula Gomes, casada em Curityba a 6 de Agosto de 1843 com Manoel Narcizo Bello.

Teve:

6-1 João Ferreira Gomes.

5-2 João Baptista Gomes, morador em Sorocaba.

5-3 Luiz da Silva Gomes, era casado e morador em Guarapuava em 1857.

5-4 Lia Leopoldina Gomes, nascida em 1809, com uma filha:

6-1 Maria da Luz Bandeira, casada com o Capitão Joaquim Marques dos Santos.

5-5 Maria Benedicta do Nascimento, foi casada em primeiras nupcias com Francisco da Costa Pinto e em segundas nupcias com o Tenente Coronel Fidelis da Silva Carrão.

Teve do primeiro matrimonio:

6-1 Maria Citelina da Costa Pinto, casada em Curityba a 3 de Novembro de 1842 com Joaquim José Pedrosa, natural de S. Adrião, Arcebispado de Braga, filho de João José Pedrosa e de sua mulher Thomazia Maria Pinheiro.

Teve:

7-1 Joaquim José Pedrosa.

7-2 Dr. João José Pedrosa, um dos mais illustres e distintos filhos desta terra, do qual trataremos em outro volume desta obra.

7-3 Thomazia Pedrosa Alves, viuva do Coronel Izaias Augusto Alves, que

foi Escrivão de Orphãos de Curityba, a quem tanto devemos pelos relevantes serviços que nos prestou, franqueando inteiramente o seu precioso Cartorio ás nossas pesquisas genealogicas, durante muitos annos, do qual trataremos no 4.º volume desta Obra.

7-4 Rosa Pedrosa de Britto, viuva do Coronel Francisco de Paula Moura Britto, do qual trataremos no 4.º volume desta Obra.

7-5 Antonio José Pedrosa.

7-6 Paulino José Pedrosa.

7-7 Marcello José Pedrosa.

7-8 Carlos José Pedrosa.

Do segundo matrimonio teve:

6-2 Joaquim Lafayette de Paula, nascido a 7 de Setembro de 1838. Residia em Guarapuava.

6-3 Flaminio Silva Gomes, nascido a 17 de Agosto de 1839 e fallecido a 10 de Outubro de 1859.

5-6 Policena da Silva Gomes, era solteira com 45 annos em 1857, e como os demais irmãos foi herdeira do Capitão Francisco de Paula e Silva Gomes, seu irmão por parte paterna.

3-3 Felicidade Perpetua do Céu, casada em Curityba a 23 de Julho de 1806 com Manoel Carlos Diniz, filho de Bento Diniz e de sua mulher Anna Maria, 3-1 de 2-4 do § 9.º, Capitulo 5.º

2-2 Antonio José do Prado, nasceu em 1748; casado em 1765 com Anna Maciel Sampaio, filha de João Diniz Pinheiro e de sua mulher Francisca Maciel Sampaio, de numero 2-1, retro.

2-3 Margarida Leme de Sant'Anna, nasceu em 1751; casada em Curityba a 22 de Setembro de 1767 com Braz Alvares Natel, natural da Ilha de S. Sebastião,



filho de João Lucas de Araujo e de sua mulher Margarida Pires; neto pela parte paterna de Nicolau Lucas Natel, natural da Italia, e de sua mulher Barbara Maria; neto pela parte materna de João dos Santos e de sua mulher Anna Pires.

Teve:

- 3-1 Ursula Maria das Virgens, casada em Curityba a 26 de Agosto de 1788 com Manoel João Domingues, filho de Simão João Domingues e de sua mulher Maria Marques dos Santos, já descriptos neste Titulo.
- 3-2 Joanna Rodrigues do Prado, casada em Curityba a 14 de Fevereiro de 1792 com Pedro Teixeira da Cruz, filho de Nazario Teixeira da Cruz e de sua mulher Josepha Alvares Pereira; neto pela parte paterna de Antonio Correia da Cruz e de sua mulher Izabel Teixeira; neto pela parte materna de Manoel Pereira do Valle e de sua mulher Natharia Alvares de Araujo.
- 3-3 Maria do Rosario, casada em Curityba a 4 de Outubro de 1798 com Francisco Borja de Andrade, filho de Pedro Ribeiro de Andrade e de sua mulher Luzia Vaz Torres.
- 2-4 Maria Nascimento de Jesus, nasceu em 1741, casada em Curityba a 20 de Fevereiro de 1776 com José de Oliveira Sampaio, filho de Francisco de Siqueira Cortes e de sua mulher Catharina Mendes Barbuda; neto pela parte paterna de Luiz de Góes Sanchez e de sua mulher Maria de Siqueira Cortes; neto pela parte materna de Gregorio Mendes Barbudo, natural de Algarves, Portugal, (que depois de viuvo se fez ordenar Padre) e de sua mulher Francisca Maciel Sampaio, de Paranaguá. Por morte de seu marido José de Oliveira Sampaio, occorrida a 27 de Abril de 1762, Maria Nascimento de Jesus, justificou em juizo que não teve filhos.

## § 3.º

- 1-3 Luzia Martins das Neves, nascida em Curityba em 1683, casada com Manoel de Lima Pereira, fallecido em 5 de Maio de 1735. Eram possuidores de uma sesmaria de terras no Timbutuva, bairro do Tindiquera, e outras terras no Tijuco Grande, Passa Tres e Passauna. Obteve a 6 de Dezembro de 1718 uma sesmaria de 4 leguas de terras sobre o Rio Yapó, entre as Furnas Grandes e as Pequenas, onde residia ha 3 annos, em paragem deserta nos cercados formados por penedias e ribeiros, no caminho que vae para S. Paulo, entre o ribeirão da ponte de pedra, que desagua no Rio da Fortaleza, onde seu cunhado Zacarias tem outra sesmaria e fazenda de criação de gado vaccum e cavallar; essa sesmaria foi assignada na villa de Nossa Senhora do Carmo pelo Conde de Assumar. Foram elles os primeiros cultivadores dessas terras segundo os termos da carta. Pertenceu á governança da Villa. Foi Procurador do Conselho em 1722. Teve 3 filhos: (C. O. de Curityba.)
  - 2-1 Maria das Neves, com 31 annos em 1735.
  - 2-2 Guilherme Dias Cortes, casado em Curityba aos 40 annos de idade, a 8 de Fevereiro de 1755, com Maria Rodrigues Bicudo, filha de João Baptista de Castilho e de sua mulher Maria Bicudo Camacho.
- Filhos:
  - 3-1 Anna Maria de Jesus, casada em Curityba a 15 de Junho de 1789 com José Joaquim da Silva, filho de José Pereira da Silva e de sua mulher Clara Gonçalves.
  - 3-2 Maria Magdalena de Jesus, casada em Curityba a 19 de Junho de 1793 com José da Costa Rosa, filho de Jeronymo da Costa Rosa, natural de Paranaguá, e de sua mulher Rita Fernandes de Oliveira, de Curityba; neto pela parte paterna de Domingos Manoel da Costa Rosa e de sua mulher



Maria do Carmo Correia, ambos de Paranaguá; neto pela parte materna de Pedro Rodrigues Paes, natural de Piedade, e de sua mulher Paula Fernandes de Oliveira, de Curityba.

3-3 Luzia de Lima, casada em Curityba, a 22 de Julho de 1789 com Venancio José de Almeida, filho de Manoel Machado de Oliveira e de sua mulher Luzia Rodrigues da Silva.

2-3 João Pires de Santiago, baptisado a 5 de Janeiro de 1717 e casado em Curityba no anno de 1744 com Anna Maria do Prado, natural de Itú, filha de Manoel Gomes Escobar e de sua mulher Maria Leme do Prado; neta pela parte paterna de João Gomes Escobar e de sua mulher Sabastiana da Victoria; neta pela parte materna de João do Prado Leme e de sua mulher Anna Maria de Louveira. (Genealogia Paulistana, volume 2.º, folhas 211.)

Teve:

3-1 Ignacio Pires de Lima, casado em Curityba no anno de 1765 com Clara Pereira Telles, filha de Agostinho de Andrade, 2-1 do § 3.º, Capitulo 2.º, Titulo Rodrigues Seixas, desta Obra. Ahi os descendentes.

3-2 Messia Maria Angelica, casada em Curityba no anno de 1774 com Salvador Nunes de Aguiar, filho de Manoel de Siqueira e de sua mulher Domingas Dias de Meira; neto pela parte materna de Antonio Alvares de Oliveira e de sua mulher Maria da Meira, de Itanhaem; neto pela parte paterna de Miguel de Góes e de sua mulher Izabel da Silva.

3-3 José Pires de Lima, casado em Curityba no anno de 1787 com Francisca Mendes Sampaio, filha de Manoel Martins Valença e de sua mulher Maria de Araujo Monteiro.

3-4 João Pires de Lima, casado em Curityba no anno de 1794 com Rosalia Soares de Castro, filha de Manoel Manço de Avellar e de sua mulher Anna Barbosa de Castro.

3-5 Manoel de Lima Pereira, casado com Anna Maria.

Teve:

4-1 Antonia Maria, casada em Curityba em 1795 com Silverio Antonio de Oliveira, filho de Marcos Antonio de Moura e de sua mulher Margarida Rodrigues de Oliveira; elle, natural de Portugal e ella de Curityba; por esta, neto materno de Antonio José de Oliveira Rosa e de sua mulher Maria Rodrigues Pinto.

2-4 Zacarias Dias Cortes, nascido em 1718.

2-5 Thereza Martins das Neves, nascida em 1720.

2-6 Manoel, nascido em 1724.

2-7 Quiteria Pires de Santiago, nascida em 1726 e casada em Curityba em 1745 com João Ribeiro Maciel, filho do Capitão Antonio Ribeiro da Silva, que foi casado em 1691 com Maria de Siqueira de Almeida; neto pela parte paterna do Capitão Antonio Ribeiro Bayão, o velho, e de sua mulher Maria Leme; neto pela parte materna de Manoel da Cunha Gago e de sua mulher . . . . de Siqueira.

2-8 Pedro de Lima Pereira, nascido em 1731; casado em Curityba a 7 de Junho de 1759 com Luiza Dias de Meira, filha de Manoel Dias Collaço, de Itanhaem, e de sua mulher Maria Luiz de Góes, de Curityba.

Teve:

3-1 Manoel de Lima Pereira, casado em Curityba a 31 de Julho de 1790 com Cypriana Maria de Assumpção, filha de Francisco Fernandes Saraiva e de sua mulher Rita da Conceição; neta pela parte paterna de Francisco Fernandes da Veiga, natural de Rebordans, de Miranda, e de sua mulher Joanna Fernandes Saraiva; neta pela parte materna de Manoel da Costa Filgueiras e de sua mulher Custodia Rodrigues de França.

#### § 4.º

1-4 Catharina de Senne Dias, nascida a 2 de Outubro de



1689, casada em 1710 com o Alferes João Baptista de Oliveira, falecido em 1744 nas minas de Cuyabá; era natural de Santos. Pertenceu a governança de Curityba.

Teve 9 filhos: (C. O. de Curityba.)

2-1 Josepha Pereira, com 32 annos de idade, casada com Miguel Paes.

2-2 Manoel dos Santos Cardoso, nascido em 1714, casado com Gertrudes Maria Nunes, filha de João do Prado Leme e de sua mulher Messia Nunes de Siqueira.

Teve:

3-1 João Baptista dos Santos, casado em Curityba a 25 de Fevereiro de 1772 com Joanna Maciel Sampaio, filha de Manoel Martins Valença e de sua mulher Maria de Araujo; neta pela parte paterna de Francisco de Araujo Monteiro e de sua mulher Izabel Barbosa de Castro; neta pela parte materna de Manoel Martins Valença e de sua mulher Joanna Maciel Sampaio, filha do Padre Gregorio Mendes Barbudo e de sua mulher Francisca Maciel Sampaio.

2-3 João Baptista de Oliveira, nascido em 1716 e casado em Itú.

2-4 Maria de Assumpção, nascida em 1718 e casada com Jeronymo Machado.

2-5 Antonio Pereira, nascido em 1724 e casado com Antonia de Quadros, moradores em Itú.

2-6 Victoria de Assumpção (ou Pereira de Jesus), nascida em 1726 e casada em Curityba a 12 de Julho de 1767 com José Ribeiro da Cunha, filho de José Ribeiro da Cunha e de sua mulher Domingas Francisca, naturaes de S. Eulalia.

2-7 Antonio Pereira dos Santos, nascido no anno de 1728 e casado em Curityba a 17 de Outubro de 1769 com Joanna Bueno, filha de Ignacio de Sá e Arruda e de sua mulher Antonia de Almeida.

2-8 Guilherme (no inventario não menciona o sobrenome, figurando somente elle com a idade de 13 annos em 1744).

2-9 Pedro Pereira dos Santos, nascido em 1735 e casado em Curityba a 3 de Março de 1792 com Marianna

de Mello, filha do Dr. Manoel de Mello Rego e de sua mulher Anna Barbosa Leme; neta pela parte paterna de João de Mello Rego e de sua mulher Bernarda de Arruda; neta pela parte materna de Antonio Raposo Leme e de sua mulher Luiza Leme.

### § 5.º

1-5 José Dias Cortes, nascido a 1.º de Março de 1693, foi casado em primeiras nupcias com Maria de Chaves e em segundas nupcias com Ignacia Leme de Jesus. Vendeu em 1748 a José da Silva, 750 braças de terras que possuia no Tatuquara, junto as terras de Sebastião Gonçalves Lopes. Fez seu testamento em 1767, que foi aberto em 1773, no qual declarou não deixar filhos de seus 2 matrimonios. Fez parte da governança da Villa de Curityba e foi Procurador do Conselho de 1724 a 1730.

### § 6.º

1-6 João Dias Cortes, nascido a 17 de Dezembro de 1694, casado com Izabel Domingues, filha de Francisco Valente Ferreira e de sua mulher Antonia Domingues (ou das Neves), elle, natural de Itú e ella de Sorocaba. Eram possuidores de uma sesmaria de terras entre o Tindiquera e o Passaúna, das quaes venderam 450 braças de frente e meia legua de fundo ao Capitão João Ribeiro do Valle, por escripturas de 6 de Agosto e 2 de Outubro de 1745, junto as terras de Luiz Palhano de Azevedo, por menos de 100\$000.

Teve:

2-1 Antonia Dias Domingues, casada em Curityba a 22 de Janeiro de 1759 com Sebastião Bonette de Siqueira, filho de Martinho Bonette Vareiro e de sua mulher Helena de Siqueira; neto pela parte paterna de Manoel Bonette Vareiro, natural de S. Vicente, e de sua mulher Luiza de Souto, natural de S. Paulo; neto pela parte materna de



Lourenço de Siqueira e de sua mulher Paschoa de Pina Velloso, natural de Curityba.

- 2-2 Quiteria Dias Cortes, casada em Curityba a 14 de Julho de 1763 com Placido de Góes Ribeiro, filho de Francisco Cubas Ribeiro e de sua mulher Maria Magdalena de Assumpção.

Teve:

- 3-1 Agueda de Góes Ribeiro, casada em Curityba a 14 de Outubro de 1784 com Pedro de Marafigo, filho de Sebastião Marafigo, natural de Genova, e de sua mulher Juliana de Chaves; por esta, neto de Francisco de Anhaya de Almeida e de sua mulher Maria Martins.

### § 7.º

- 1-7 Anna Martins das Neves, nascida em 1691, viuva do Capitão Manoel de Chaves de Almeida. Vendeu, a 9 de Fevereiro e 24 de Junho de 1743, uma sesmaria de terras que possuía no Timbutuva, bairro de Tindiquera, Tijuco Preto, Passa Tres, até intestar com terras de João de Siqueira e Silva, e pela parte do Passaúna até terras dos herdeiros de seu cunhado Manoel de Lima Pereira. Maria das Neves fez doação, em 27 de Dezembro de 1720, a seu genro Manoel de Chaves de Almeida de uma sesmaria de terras na paragem chamada — Itacolomim, junto ao Rio Yapó, e outras terras no Bariguy, as quaes havia herdado em dote de seu Pai Balthazar Carrasco dos Reis.

### § 8.º

- 1-8 Joanna Garcia das Neves (ou Dias Cortes), nascida em 1695, casada com João de Siqueira Chaves de Almeida, filho de Paulo de Anhaya Bicudo, fallecido e inventariado em 1725 em Curityba, natural de Itú, e de sua mulher Ignez de Chaves das Neves e Silva.
- Teve:
- 2-1 Paulo de Anhaya Bicudo — o neto —, casado

em Curityba a 17 de Outubro de 1764 com Antonia da Costa Ferreira, filha de José da Costa Ferreira e de sua mulher Maria de Assumpção, de Itú; neta pela parte paterna de Manoel Cortes Ferreira e de sua mulher Anna Mendes Tenoria.

### § 9.º

- 1-9 André Dias Cortes, nascido em 1699, era solteiro em 1714.

### § 10.º

- 1-10 Izabel, fallecida com 5 annos.

### § 11.º

- 1-11 Miguel, fallecido com 8 annos.

## CAPITULO 8.º

- 8 — Domingas Antunes Cortes, ultima filha do Capitão Balthazar Carrasco dos Reis, foi casada em Curityba a 1.º de Novembro de 1685 com o Capitão José Teixeira de Azevedo, natural de Iguape e fallecido em Curityba no anno de 1715.
- Foi um dos primeiros povoadores de Curityba, a cuja governança pertenceu. Foi homem de valor e respeito. Era filho de Luiz Palhano e de sua mulher Maria Sevana.
- Por morte de sua mulher Domingas Antunes Cortes, casou José Teixeira de Azevedo em segundas nupcias com Maria Rodrigues de Santa Fé Side, § 4.º do Capitulo 6.º, de pagina 564 deste volume, cuja descendencia ahi descrevemos.
- Teve do primeiro matrimonio 2 filhos: (C. O. de Curityba.)
- |                              |       |
|------------------------------|-------|
| 1-1 José Palhano de Azevedo. | § 1.º |
| 1-2 Luiz Palhano de Azevedo. | § 2.º |



## § 1.º

1-1 Capitão José Palhano de Azevedo, falecido em 14 de Abril de 1746 com 60 annos de idade e casado com Joanna Side Rodrigues de Oliveira. Pertenceu a governança da Villa de Curityba. A Camara de Curityba por escriptura publica lavrada em 2 de Fevereiro de 1721, aceitou o lance e proposta em Praça publica de José Palhano de Azevedo e seu socio Diogo da Costa para a construcção da Cadeia e Camara mediante o pagamento de 150\$000 em dinheiro e mais a cobrança dos estanques da villa, por 6 annos, fornecendo a Camara as grades de ferro para as duas enchovias. As casas deveriam ter 42 palmos de frente e 30 de fundo; alicerce de 6 palmos abaixo da terra e 6 de grossura; paredes de 5 palmos de grossura exteriormente. Altura do pavimento 11 palmos até o vigamento. Uma parede pelo meio dividindo em dois. Duas janellas para o lado do pelourinho, com grades de ferro e uma porta ao meio. Um alçapão em cada uma das duas prisões.

Filhos:

2-1 Faustino, baptisado em Curityba a 20 de Fevereiro de 1707, sendo padrinhos seu avô José Teixeira de Azevedo e Leonor de Escudeiro.

2-2 Braz Palhano, baptisado a 2 de Setembro de 1709 e casado a 20 de Novembro de 1742 com Rosa de Souto, filha de José de Souto e de sua mulher Merencia (sic) Martins.

2-3 Domingas Rodrigues Antunes, casada em Curityba a 24 de Fevereiro de 1745 com Antonio de Araujo Miranda, filho de Manoel de Araujo e de sua mulher Feliciano Soares.

Teve:

3-1 Maria Antonia de Araujo, casada a 23 de Outubro de 1770 com Matheus Ayres de Moraes, natural do Rio das Mortes; filho de Thomé Ayres Correia e de sua mulher Izabel Maria de Jesus.

2-4 Pelonia (ou Appollonia?), nascida a 6 de De-

zembro de 1716. Casada com Manoel Gonçalves do Rosario.

Teve:

3-1 Miguel dos Anjos Lima, casado em Curityba a 24 de Janeiro de 1804 com Maria dos Passos, filha de Victorino Manso Pereira e de sua mulher Anna Pinto.

## § 2.º

1-2 Capitão Luiz Palhano de Azevedo, casado com Maria Dias Domingues, natural de Sorocaba. Exerceu todos os honrosos cargos da governança de Curityba, ininterruptamente, durante muitos annos. Em 25 de Junho de 1731 contractou com o Superintendente Manoel Rodrigues da Motta, Protector da Virgem de Nossa Senhora do Terço, a construcção da Capella, do vigamento para cima, por 60\$000.

Teve:

2-1 Maria Dias Palhano, casada com o Capitão Pedro de Siqueira Cortes, falecido a 22 de Dezembro de 1781, filho de Antonio de Siqueira Barroso (ou Cortes) e de sua mulher Maria das Neves.

Pedro de Siqueira Cortes foi casado em primeiras nupcias com Anna Gonçalves Coutinho, filha de Manoel Gonçalves Coutinho e de sua mulher Paula Rodrigues de França, dos quaes trataremos no volume 3.º desta obra em Titulo Rodrigues de França.

Teve: (C. O. de Curityba — Inventario de 1782.)

3-1 Manoel, com 20 annos.

3-2 Antonio, com 10 annos.

3-3 Maria dos Santos Martha, casada em 1786, no dia 8 de Junho, em Curityba, com Antonio Luiz de Souza Araujo, natural de Guimarães, filho de Custodio José de Souza e de sua mulher Maria Thereza de Araujo.

3-4 Luiz de Siqueira, casado em 6 de Julho de 1786, em Curityba, com Thereza Maria de



Jesus, filha de Euzebio Nunes de Siqueira e de sua mulher Helena Rodrigues Coutinho.

- 2-2 Antonio Palhano de Azevedo, casado em Curityba a 11 de Dezembro de 1735, com Izabel Leite Ferreira, filha de Salvador de Candia Ferreira e de sua mulher Anna Leite da Silva.

Filhos:

- 3-1 Pedro Leite Palhano, casado em Curityba a 16 de Novembro de 1757 com Anna Maria Cardoso de Siqueira, filha de Salvador Cardoso e de sua mulher Maria Esteves; neta pela parte paterna de Manoel Cardoso e de sua mulher Joanna de Siqueira; neta pela parte materna de Braz Esteves e de sua mulher Anna Maria Dias.

Filhos:

- 4-1 Pedro Palhano, casado em Curityba a 28 de Janeiro de 1804, com Thereza Teixeira, filha de Rita Nunes.

- 4-2 Manoel Palhano da Silva, casado em Curityba a 21 de Janeiro de 1804 com Maria Barbosa de Chaves, filha de Salvador Gonçalves de Chaves e de sua mulher Quiteria Esteves Luiz.

- 2-3 Domingas Antunes Cortes, casada em Curityba a 29 de Fevereiro de 1739 com Gaspar Pires Leme, filho de Bento Pires Leme e de sua mulher Maria de Siqueira Cortes.

Teve:

- 3-1 Maria Dias Cortes, casada em 11 de Julho de 1764, em Curityba, com José Ribeiro da Silva Siqueira, filho de Francisco Ribeiro Torres e de sua mulher Maria Cardoso de Siqueira; neto pela parte paterna de Domingos Ribeiro da Costa e de sua mulher Maria Leme, naturaes de S. Paulo; neto pela parte materna de Manoel Cardoso da Cunha e de sua mulher Joanna de Siqueira.

- 2-4 Thereza Dias Palhano, casada em Curityba, a 14 de Outubro de 1750 com Francisco Luiz de Oliveira, filho de Felipe de Santiago e de sua mulher Maria Luiz de Siqueira.

Teve:

- 3-1 Izabel Francisca de Oliveira, casada em Curityba no anno de 1793 com Manoel José da Costa, filho de João da Roza e de sua mulher Catharina Ignacia.

- 2-5 Francisco Dias Palhano, casado em Curityba a 16 de Setembro de 1754 com Maria da Conceição, filha de Antonio Fernandes de Siqueira e de sua mulher Catharina de Siqueira Cortes; neta pela parte paterna de Miguel Fernandes de Siqueira, natural de S. Francisco, e de sua mulher Maria Luiz Tigre; neta pela parte materna de Luiz de Góes e de sua mulher Maria de Siqueira Cortes.

Teve: (C. O. de Curityba — Inventario de 1800.)

- 3-1 Ignacio dos Santos Palhano, casado; no inventario não menciona com quem.

- 3-2 Salvador Palhano, com 44 annos em 1800, casado com Anna Joaquina dos Santos.

Filhos:

- 4-1 José Joaquim Palhano, casado a 15 de Maio de 1839 com Anna Maria de Jesus.

- 4-2 Salvador dos Santos Palhano, casado em Curityba a 7 de Junho de 1839 com Carolina Maria.

- 3-3 Capitão Francisco de Paula Teixeira, com 42 annos em 1800, casado a 26 de Junho de 1792 com Izabel Gonçalves, filha de Bento Gonçalves Moreira e de sua mulher Maria Ribeiro do Espirito Santo; neta pela parte paterna de Pedro Gonçalves Moreira e de sua mulher Sebastiana Arriola; neta pela parte materna de Antonio Bonnette Vareiro e de sua mulher Luzia Martins de Góes.

Os moradores da freguezia de S. Antonio da Lapa e do bairro de Tamanduá, representaram á Camara de Curityba em 31 de Maio de 1794, contra o contractador da arrecadação dos quintos dos animaes vindos do sul e que passavam no Rio do Registro, Capitão Francisco de Paula Teixeira, que os obrigava a pagar pedagogos nesse Registro,



quando se transportavam de uma para outra localidade, mesmo sendo moradores nas circumvisinhanças, o que nunca se havia feito. As próprias autoridades, officiaes de justiça etc. ficavam sujeitos ao imposto, quando em serviço do Real Erario, e até as próprias forças militares. Alem disso os contractadores se oppunham que houvesse negocios nessas localidades, por se julgarem com direito exclusivo, com grave prejuizo para o povo, pela distancia a percorrer e pelo exagerado preço porque o monopolizador vendia as suas mercadorias. A representação foi assignada por grande numero de pessoas.

Teve:

- 4-1 Francisco Gonçalves Palhano, nascido a 23 de Novembro de 1792, casado em Abril de 1828 com Izabel de Lima, filha de Luiz de Lima e de sua mulher Luzia Rodrigues.
  - 3-4 Catharina, com 38 annos de idade em 1800.
  - 3-5 Francisca, com 36 annos.
  - 3-6 Maria, com 28 annos.
  - 3-7 Antonia da Conceição, casada com Ignacio Gomes.
  - 3-8 Maria 2.<sup>a</sup>, casada, porém, o inventario não menciona o nome do marido, e sim, de uma filha:
    - 4-1 Maria, com 19 annos.
  - 2-6 João Baptista de Azevedo, casado em Curityba a 12 de Maio de 1750 com Margarida Rodrigues da Cunha, filha de Luiz de Góes Castanheda e de sua mulher Domingas Ferreira.
  - 2-7 Maria Dias Theodosia, casada em Curityba a 13 de Setembro de 1756 com Miguel Luiz de Oliveira, filho de Felipe de Santiago e de sua mulher Maria Luiz de Siqueira.
- Teve:
- 3-1 Miguel Antunes de Oliveira, casado com Maria dos Santos Leal.
  - 3-2 Appollonia de Oliveira Cortes, casada a 24 de Janeiro de 1797 com Ignacio Moreira Preto, filho de Antonio Moreira Preto e de sua mulher Izabel Rodrigues de França.

- 2-8 Manoel Domingues Palhano, casado a 3 de Agosto de 1765 com Josepha Fernandes de Siqueira, filha de Antonio Fernandes de Siqueira e de sua mulher Catharina de Siqueira Cortes, já descriptos em 2-4.

Teve:

- 3-1 Manoel Domingues Palhano, casado em Curityba a 27 de Janeiro de 1819 com Maria Rosa, filha de Maria Pires.

Teve:

- 4-1 José Vianna, casado em Curityba a 20 de Maio de 1840 com Maria Antonia, viuva de José Joaquim dos Santos.

- 2-9 José Eugenio Teixeira, casado com Anna Maria Gonçalves Coutinho, que foi inventariante de seu marido, fallecido em 1810.

Teve: (C. O. de Curityba — Inventario de 1816.)

- 3-1 Quiteria Gonçalves Coutinho, casada com Ignacio Pereira.
- 3-2 Maria, casada com Manoel Cypriano.
- 3-3 Francisco de Paula Melchior.
- 3-4 Maria Theodora, solteira, com 40 annos de idade.
- 3-5 Anna Maria, com 30 annos.
- 3-6 Izabel, com 27 annos.
- 3-7 Maria da Penha, com 25 annos.
- 3-8 José, com 23 annos.





## BIBLIOGRAPHIA

Relação das Obras consultadas na confecção da «Genealogia Paranaense»:

- Genealogia Paulistana, do Dr. Luiz Gonzaga da Silva Leme.  
Nobiliarchia Paulista, de Pedro Taques.  
Chronica da Companhia de Jesus, de Simão de Vasconcellos.  
Historia da Capitania de São Vicente, de Frei Gaspar da Madre de Deus.  
Brasil Historico, de Mello Moraes.  
Historia do Brasil, de Frei Vicente do Salvador.  
Memoria Historica de Paranaguá, de Antonio Vieira dos Santos.  
Memoria Historica de Morretes e Porto de Cima, de Antonio Vieira dos Santos.  
As duas Americas, de Candido Costa.  
Capitanias Paulistas, de Benedicto Calixto.  
Historia Geral das Bandeiras Paulistas, de Affonso Taunay.  
Varões Illustres do Brasil, de Pereira da Silva.  
Pai e Patrono, de Moysés Marcondes.  
Galeria Paranaense, de Sebastião Paraná.  
Chorographia do Paraná, de Sebastião Paraná.  
Ouvidoria de Paranaguá, de Ermelino de Leão.  
Paraná-S. Paulo, de Ermelino de Leão.  
Documentos Comprobatorios dos Direitos do Paraná, de Romario Martins.  
Retrospectos, do Dr. João Candido Ferreira.  
Bastidores Politicos, de Ottoni Maciel.  
Ephemerides Brasileiras, do Barão do Rio Branco.  
Historia do Brasil, de Rocha Pombo.  
Actas da Camara de S. Paulo, publicação official.  
Publicações do Archivo Nacional, publicação official.  
Documentos Interessantes do Archivo de S. Paulo, publicação official.  
Boletim do Archivo Municipal de Curityba, publicação official.  
Collectaneas de Mappas da Cartographia Paulista antiga, de Affonso de Taunay.



- As minas de ouro da Capitania de Paranaguá, de Francisco Negrão.  
 Archivo Publico Nacional.  
 Archivo da Camara Municipal de Curityba.  
 Archivo da Cathedral de Curityba.  
 Archivo do Tabellião Gabriel Ribeiro.  
 Archivo do Tabellião Manoel José Gonçalves.  
 Archivo do Cartorio de Orphãos de Curityba, de Izaías Augusto Alves.  
 Archivo Publico de Curityba.  
 Archivo Municipal de Paranaguá, de Antonina, Morretes, Porto de Cima, S. José dos Pinhaes, Lapa, Ponta Grossa, Castro, Guarapuava e Palmeira.  
 Archivo Ecclesiastico de Curityba, Paranaguá, Antonina, Morretes, Porto de Cima, Lapa, Ponta Grossa, Castro, Palmeira e Guarapuava.  
 Folhas Cadentes ou Elogio do Patrono, de Alcides Munhoz.  
 Biographia do Dr. José Candido da Silva Muricy, de Candido Martins Lopes.  
 Collecção do jornal «Dezenove de Dezembro», de Curityba.  
 Inventarios e Testamentos, publicação official do Estado de S. Paulo.  
 Documentos para a Historia do Paraná, de Moysés Marcondes.  
 Os filhos de D. João I, de Oliveira Martins.  
 Carta a D. Manoel I, relatando o descobrimento do Brasil, por Pedro Vaz Caminha.

E muitos outros trabalhos e estudos sobre o Paraná e seus Homens, que foram consultados pelo Autor.

## Resumo do indice

|   |     |
|---|-----|
| Dedicatorias. . . . .                                       | 3   |
| Introducção . . . . .                                       | 7   |
| Memoria Historica Paranaense:                               |     |
| 1. <sup>a</sup> parte — Dos bandeirantes aos colonisadores  | 9   |
| As Capitancias de S. Vicente e S. Amaro .                   | 16  |
| Os bandeirantes . . . . .                                   | 28  |
| A provincia de Guayra . . . . .                             | 39  |
| Litigios entre herdeiros dos Donatarios. .                  | 42  |
| Gabriel de Lara . . . . .                                   | 45  |
| 2. <sup>a</sup> parte — Povoadores e conquistadores. . .    | 49  |
| Paranaguá. . . . .  | 51  |
| Planalto Curitybano . . . . .                               | 63  |
| Curityba . . . . .  | 67  |
| Capitães-móres . . . . .                                    | 71  |
| Governadores militares . . . . .                            | 77  |
| Regimen administrativo . . . . .                            | 85  |
| Estado economico e financeiro. . . . .                      | 89  |
| Commercio e industria . . . . .                             | 91  |
| Estado ecclesiastico e religioso. . . . .                   | 93  |
| 3. <sup>a</sup> parte — As minas da Capitania de Paranaguá  | 101 |
| Eliodoro d'Ebano . . . . .                                  | 101 |
| Salvador Correia de Sá e Benevides. . .                     | 115 |
| As minas de prata . . . . .                                 | 116 |
| As minas de Curityba. . . . .                               | 121 |
| As minas de Morretes . . . . .                              | 123 |
| O imposto de capitação . . . . .                            | 133 |
| Os chapins da rainha. . . . .                               | 134 |
| 4. <sup>a</sup> parte — Extincção da Capitania de Paranaguá | 139 |
| Capitães-móres triennaes . . . . .                          | 139 |
| A ouvidoria de Paranaguá . . . . .                          | 143 |
| Os provimentos de Pardiniho . . . . .                       | 147 |
| Genealogia Paranaense:                                      |     |
| Titulo Carrascos dos Reis . . . . .                         | 151 |



## Indice alphabetico

| A  | Paginas     |
|--|-------------|
| Affonso Coelho (Domingos) . . . . .            | 285         |
| Agostinho de Andrade . . . . .                 | 311         |
| Agostinho Delgado Arouche . . . . .            | 337         |
| Agostinho Ferreira de Loyola . . . . .         | 218         |
| Agostinho Machado Lima . . . . .               | 263-284-303 |
| Agostinho da Silva Valle . . . . .             | 234         |
| Alexandre Correia de Freitas . . . . .         | 304         |
| Alexandre de Moraes Franco . . . . .           | 338         |
| Alexandre Pedroso de Moraes . . . . .          | 319         |
| Alfredo Bley . . . . .                         | 399         |
| Alfredo Caetano Munhoz . . . . .               | 238-297     |
| Alfredo Fernandes Loureiro . . . . .           | 574         |
| Alipio José do Nascimento . . . . .            | 352         |
| Alvares de Araujo . . . . .                    | 487         |
| Alves Cordeiro . . . . .                       | 492         |
| Alves dos Santos . . . . .                     | 489         |
| Alves Guimarães . . . . .                      | 437         |
| Amador Bueno da Ribeira . . . . .              | 152         |
| Amaral Gurgel . . . . .                        | 331         |
| Amazonas de Araujo Marcondes . . . . .         | 216         |
| Americo Brasiliense de Almeida Mello . . . . . | 320         |
| Anastacio de Freitas Trancozo . . . . .        | 395         |
| Andrade . . . . .                              | 312-485     |
| André Castanho de Medeiros . . . . .           | 317         |
| André Cursino de Mattos . . . . .              | 396         |
| André Fernandes . . . . .                      | 153         |
| André Fernandes dos Reis . . . . .             | 157         |
| Angelo Custodio Teixeira Nogueira . . . . .    | 328         |
| Anhaya . . . . .                               | 594         |
| Antonio de Araujo Miranda . . . . .            | 596         |
| Antonio Bicudo Furtado . . . . .               | 286         |
| Antonio Caetano de Oliveira Nhôzinho . . . . . | 399-402     |
| Antonio Cardoso de Leão . . . . .              | 160         |
| Antonio Carlos Küster . . . . .                | 259         |
| Antonio da Costa Velloso . . . . .             | 157         |
| Antonio Esteves dos Reis . . . . .             | 559         |
| Antonio Fernandes de Siqueira . . . . .        | 289-599     |

|  | Paginas     |
|--|-------------|
| Antonio Ferreira Amado . . . . .                     | 314         |
| Antonio Ferreira de Loyola . . . . .                 | 223         |
| Antonio Ferreira Mathozo . . . . .                   | 395         |
| Antonio Francisco Guimarães . . . . .                | 442         |
| Antonio Garcez Barretto . . . . .                    | 563         |
| Antonio Guedes de Carvalho . . . . .                 | 312         |
| Antonio João da Costa . . . . .                      | 458         |
| Antonio Joaquim de Camargo . . . . .                 | 317-345-446 |
| Antonio Joaquim Ribeiro . . . . .                    | 569         |
| Antonio José de Araujo . . . . .                     | 394         |
| Antonio José de Carvalho . . . . .                   | 235         |
| Antonio José de Faria . . . . .                      | 303         |
| Antonio José Ferreira . . . . .                      | 552         |
| Antonio José Pinheiro . . . . .                      | 160         |
| Antonio José Pinto Bandeira . . . . .                | 504         |
| Antonio José Xavier de Faria e Albuquerque . . . . . | 355         |
| Antonio Leme de Siqueira . . . . .                   | 562         |
| Antonio Luiz Mathozo . . . . .                       | 395         |
| Antonio Luiz de Souza Araujo . . . . .               | 597         |
| Antonio Machado Lima (Padre) . . . . .               | 304         |
| Antonio Martins Leme . . . . .                       | 286         |
| Antonio Martins Lisboa . . . . .                     | 290         |
| Antonio de Meira Collaço . . . . .                   | 567         |
| Antonio de Oliveira Preto . . . . .                  | 161         |
| Antonio de Oliveira Ribas . . . . .                  | 350         |
| Antonio de Padua Botelho . . . . .                   | 317         |
| Antonio Paes de Almeida . . . . .                    | 315         |
| Antonio Paes de Barros . . . . .                     | 317         |
| Antonio de Paula Xavier . . . . .                    | 480         |
| Antonio Pereira de Oliveira . . . . .                | 542         |
| Antonio Pires de Carvalho e Albuquerque . . . . .    | 195         |
| Antonio Preto . . . . .                              | 153         |
| Antonio Ribeiro Bayão . . . . .                      | 580         |
| Antonio Ribeiro da Silva . . . . .                   | 287-293     |
| Antonio Ricardo dos Santos . . . . .                 | 432         |
| Antonio da Rocha Loures . . . . .                    | 450         |
| Antonio Rodrigues de Andrade . . . . .               | 333         |
| Antonio Rodrigues Coura . . . . .                    | 160         |
| Antonio Rodrigues de Lara . . . . .                  | 564         |



|   | Paginas |
|---|---------|
| Antonio Rodrigues Seixas . . . . .        | 338     |
| Antonio Rodrigues Side . . . . .          | 558     |
| Antonio de Sá Camargo . . . . .           | 346     |
| Antonio de Sampaio Góes . . . . .         | 322     |
| Antonio dos Santos Pinheiro . . . . .     | 534-164 |
| Antonio da Silva Leme . . . . .           | 158-163 |
| Antonio Teixeira Camello (Padre). . . . . | 526     |
| Araldo Manoel Erichsen . . . . .          | 406     |
| Araujo (Manoel José) . . . . .            | 342     |
| Arthur de Almeida Sebrão . . . . .        | 200     |
| Arthur Martins Lopes . . . . .            | 280     |
| Arthur Xavier Moreira . . . . .           | 245     |

**B**

|  |         |
|--|---------|
| Balthazar Carrasco dos Reis . . . . .    | 152     |
| Balthazar Fernandes de Leme . . . . .    | 292     |
| Balthazar Gonçalves Malio . . . . .      | 153     |
| Balthazar Velloso e Silva . . . . .      | 163     |
| Bandeira . . . . .                       | 504     |
| Bandeirantes . . . . .                   | 28      |
| Baptista Diniz . . . . .                 | 339     |
| Barão de Tibagy . . . . .                | 358     |
| Barbosa (Manoel José) . . . . .          | 455     |
| Bartholomeu Rodrigues . . . . .          | 153     |
| Bayão . . . . .                          | 580     |
| Belchior Carrasco dos Reis . . . . .     | 157-286 |
| Benedicto Ayres de Araujo . . . . .      | 341     |
| Bento Alves Fontes . . . . .             | 307     |
| Bento Antonio Munhoz . . . . .           | 235     |
| Bento Florencio Munhoz . . . . .         | 262     |
| Bento José de Carvalho . . . . .         | 164     |
| Bento José de Lara . . . . .             | 303     |
| Bento José de Siqueira . . . . .         | 235     |
| Bento Munhoz da Rocha . . . . .          | 246     |
| Bento dos Santos Pereira . . . . .       | 531     |
| Bernardino da Costa Filgueiras . . . . . | 302     |
| Bernardo Antonio Munhoz . . . . .        | 236     |
| Bernardo José da Silva . . . . .         | 163     |
| Bernardo Martins Ferreira . . . . .      | 162     |

|                                    | Paginas |
|------------------------------------|---------|
| Bibliographia . . . . .            | 603     |
| Bicudo . . . . .                   | 594     |
| Bicudo de Proença . . . . .        | 315     |
| Biscaia . . . . .                  | 569     |
| Bittencourt . . . . .              | 223     |
| Bonette Vareiro . . . . .          | 593     |
| Braz Alvares Natel . . . . .       | 587     |
| Braz Domingues Velloso . . . . .   | 290-419 |
| Braz de Pinha . . . . .            | 153     |
| Brazilio Ferreira da Luz . . . . . | 207     |
| Britto . . . . .                   | 587     |
| Bührer . . . . .                   | 211     |

**C**

|  |         |
|--|---------|
| Caetano Erichsen . . . . .                 | 339     |
| Caetano José Munhoz . . . . .              | 237-480 |
| Caetano José Prestes . . . . .             | 311-340 |
| Camargo . . . . .                          | 316-346 |
| Camargo Penteado . . . . .                 | 334     |
| Camargo Pontes . . . . .                   | 329     |
| Candido José Ferreira (Padre) . . . . .    | 553     |
| Candido Mendes de Almeida . . . . .        | 406     |
| Candido Xavier dos Anjos . . . . .         | 164     |
| Capitania de Paranaguá . . . . .           | 49      |
| Cardoso Leal . . . . .                     | 569     |
| Cardoso de Leão . . . . .                  | 295     |
| Cardoso de Menezes . . . . .               | 302     |
| Cardoso Pazes . . . . .                    | 295     |
| Carlos Cavalcanti de Albuquerque . . . . . | 240     |
| Carlos Franco de Souza . . . . .           | 241     |
| Carlos da Motta Bandeira e Silva . . . . . | 440     |
| Castanheda . . . . .                       | 600     |
| Celestino de Oliveira . . . . .            | 229     |
| Chaves de Almeida . . . . .                | 594     |
| Christovão Pereira . . . . .               | 162     |
| Christovão da Rosa . . . . .               | 161     |
| Collaço . . . . .                          | 567     |
| Conrado Bührer . . . . .                   | 211     |
| Cordeiro Mathozo . . . . .                 | 528     |



|                                       | Paginas |
|---------------------------------------|---------|
| Constante Affonso Coelho . . . . .    | 285     |
| Constante de Souza Pinto . . . . .    | 201     |
| Correia — da Lapa. . . . .            | 477     |
| Correia de Freitas . . . . .          | 304     |
| Costa Pinto . . . . .                 | 303-586 |
| Costa Rosa . . . . .                  | 589     |
| Cruz Lima. . . . .                    | 420     |
| Cunha . . . . .                       | 278     |
| Custodio da Cruz Alves Pires. . . . . | 500     |
| Custodio Teixeira da Cruz . . . . .   | 313     |

**D**

|   |         |
|---|---------|
| David Antonio da Silva Carneiro. . . . .          | 197     |
| Dias Cortes . . . . .                             | 580     |
| Didimo Agapito da Veiga . . . . .                 | 451     |
| Diogo de Toledo Lara . . . . .                    | 337     |
| Domingos Adriano Menchosa de Castelhana . . . . . | 296     |
| Domingos Affonso Coelho . . . . .                 | 285     |
| Domingos Antonio Pimentel . . . . .               | 529     |
| Domingos Antunes. . . . .                         | 157     |
| Domingos Cardoso de Leão . . . . .                | 159     |
| Domingos Dias Leme. . . . .                       | 321     |
| Domingos Ferreira Maciel . . . . .                | 465     |
| Domingos Gonçalves Padilha . . . . .              | 160     |
| Domingos Ignacio de Araujo . . . . .              | 354     |
| Domingos Ignacio de Araujo Marcondes . . . . .    | 473     |
| Domingos Pinto do Rego . . . . .                  | 396     |
| Domingos Rodrigues da Costa . . . . .             | 235     |
| Domingos Soares de Abreu. . . . .                 | 315     |
| Domingos Soares Paes . . . . .                    | 310-333 |

**E**

|                                    |         |
|------------------------------------|---------|
| Elisario José da Rosa. . . . .     | 164     |
| Emydio de Castro e Silva . . . . . | 195     |
| Erichsen. . . . .                  | 399     |
| Ernesto de Queiroz . . . . .       | 409-464 |
| Errata . . . . .                   | 626     |
| Estevão Martins Leme. . . . .      | 292     |
| Estevão Ribeiro Bayão . . . . .    | 293     |

|  | Paginas |
|--|---------|
| Estevão Ribeiro do Nascimento . . . . .      | 353     |
| Eugenio Ferreira da Luz. . . . .             | 201     |
| Extinção da Capitania de Paranaguá . . . . . | 139     |

**F**

|   |         |
|---|---------|
| Felippe Pereira de Magalhães . . . . .        | 161-307 |
| Felippe de Santiago . . . . .                 | 560     |
| Felinho Elysio de Paula. . . . .              | 280     |
| Fernando Munhoz . . . . .                     | 235     |
| Fernando de Souza Barros . . . . .            | 318     |
| Ferreira . . . . .                            | 552     |
| Ferreira do Amaral. . . . .                   | 424     |
| Ferreira Bello. . . . .                       | 515     |
| Ferreira Bueno . . . . .                      | 423-433 |
| Ferreira da Luz . . . . .                     | 165     |
| Ferreira Maciel . . . . .                     | 431-465 |
| Ferreira Ramos . . . . .                      | 483     |
| Fidencio Leme do Prado . . . . .              | 522     |
| Filastro Nunes Pires . . . . .                | 402     |
| Firmino de Paula Ferreira . . . . .           | 442     |
| Florencio José Munhoz . . . . .               | 235     |
| Fortunato Leme do Prado . . . . .             | 519     |
| Fortunato José de Almeida . . . . .           | 476     |
| Francisco de Almeida Falcão . . . . .         | 310     |
| Francisco Alves Guimarães . . . . .           | 437     |
| Francisco de Araujo Monteiro. . . . .         | 341     |
| Francisco de Assis Ribas . . . . .            | 416     |
| Francisco de Borja Lisboa . . . . .           | 290     |
| Francisco de Camargo Pontes. . . . .          | 316     |
| Francisco Cardoso . . . . .                   | 162     |
| Francisco Carvalho de Oliveira . . . . .      | 570     |
| Francisco Correia da Fonseca Guedes . . . . . | 287     |
| Francisco Custodio Natel . . . . .            | 481     |
| Francisco Diniz Pinheiro. . . . .             | 263     |
| Francisco Fernandes Saraiva . . . . .         | 289     |
| Francisco Ferreira Bueno. . . . .             | 433     |
| Francisco Ferreira do Rego Valle. . . . .     | 395     |
| Francisco Ferreira da Rocha Loures. . . . .   | 467     |
| Francisco Guedes de Carvalho. . . . .         | 527     |



|   | Paginas     |
|---|-------------|
| Francisco José de França (Padre) . . . . .        | 548         |
| Francisco Leandro de Toledo Rendon . . . . .      | 337         |
| Francisco de Macedo Taques . . . . .              | 402         |
| Francisco Manoel Guimarães . . . . .              | 437-540     |
| Francisco Manoel da Silva Braga . . . . .         | 479         |
| Francisco Marques Lameira . . . . .               | 486         |
| Francisco Marques Leal Pancada . . . . .          | 398         |
| Francisco Martins Lustoza . . . . .               | 302-423-534 |
| Francisco Martins Pereira do Nascimento . . . . . | 292         |
| Francisco de Mello Coutinho . . . . .             | 161         |
| Francisco de Moraes Camargo . . . . .             | 348         |
| Francisco Nunes Siqueira . . . . .                | 291         |
| Francisco de Oliveira Bueno . . . . .             | 345         |
| Francisco Paes de Almeida . . . . .               | 310         |
| Francisco de Paula Camargo . . . . .              | 317-348-446 |
| Francisco de Paula Ribeiro Vianna . . . . .       | 249         |
| Francisco de Paula Silva Gomes . . . . .          | 502         |
| Francisco de Paula Teixeira . . . . .             | 599         |
| Francisco de Paula Teixeira Cardoso . . . . .     | 240         |
| Francisco de Paula Xavier . . . . .               | 312         |
| Francisco de Paula Xavier Bueno . . . . .         | 472         |
| Francisco Pereira da Cruz . . . . .               | 293         |
| Francisco Pereira da Silva e Oliveira . . . . .   | 542         |
| Francisco Rodrigues Barbosa . . . . .             | 160         |
| Francisco Rodrigues Godinho . . . . .             | 395         |
| Francisco Rodrigues Pereira . . . . .             | 235         |
| Francisco de Salles . . . . .                     | 163         |
| Francisco dos Santos Pacheco . . . . .            | 537         |
| Francisco da Silva Freire . . . . .               | 395         |
| Francisco Soares de Araujo . . . . .              | 310         |
| Francisco de Souza Aguiar . . . . .               | 289         |
| Francisco Teixeira de Azevedo . . . . .           | 411         |
| Francisco Teixeira Camello . . . . .              | 504         |
| Francisco Teixeira da Cunha . . . . .             | 436         |
| Francisco Therezio Porto . . . . .                | 478         |
| Francisco Xavier Esteves . . . . .                | 561         |
| Francisco Xavier Nepomuceno ou Diniz . . . . .    | 164         |
| Francisco Xavier Pinto . . . . .                  | 312-423     |
| Francisco Xavier dos Reis . . . . .               | 162         |

|                                       | Paginas |
|---------------------------------------|---------|
| Frederico Guilherme Virmond . . . . . | 407     |
| Frederico Martins de Araujo . . . . . | 406     |
| Freitas Saldanha . . . . .            | 476     |
| Fructuoso de Laya Leão . . . . .      | 159     |

## G

|  |             |
|--|-------------|
| Gabriel Alvres de Araujo . . . . .         | 487         |
| Gabriel de Lara . . . . .                  | 45-558-564  |
| Gabriel Lopes Branco . . . . .             | 456         |
| Gaspar Carrasco dos Reis . . . . .         | 157-286     |
| Gaspar Fernandes . . . . .                 | 153         |
| Gaspar Gonçalves de Moraes . . . . .       | 165-534-547 |
| Gaspar Pires Leme . . . . .                | 598         |
| Gaspar Teixeira de Azevedo . . . . .       | 395         |
| Gomes de Medeiros . . . . .                | 417         |
| Gonçalo José Guimarães . . . . .           | 442         |
| Gonçalo Soares Paes . . . . .              | 309         |
| Gonçalves Guimarães . . . . .              | 413         |
| Gonçalves de Lima . . . . .                | 420         |
| Gonçalves de Moraes . . . . .              | 547-534     |
| Gregorio Ferreira Maciel . . . . .         | 433         |
| Gregorio Mendes Barbudo (Padre) . . . . .  | 339         |
| Guilherme Dias Côrtes . . . . .            | 580         |
| Guilherme de Paula Xavier . . . . .        | 455-481     |
| Gustavo Marcondes de Albuquerque . . . . . | 403         |
| Gutierrez . . . . .                        | 428         |

## H

|  |     |
|--|-----|
| Hermenegildo Alves Marcondes . . . . . | 474 |
| Horacio Ricardo dos Santos . . . . .   | 201 |
| Hyppolito Alves de Araujo . . . . .    | 397 |
| Hyppolito José Alves . . . . .         | 394 |

## I

|                                     |         |
|-------------------------------------|---------|
| Ignacio Cardoso de Leão . . . . .   | 160     |
| Ignacio da Costa Pinto . . . . .    | 303     |
| Ignacio Fernandes Saraiva . . . . . | 290     |
| Ignacio José Diniz . . . . .        | 164     |
| Ignacio José Preto . . . . .        | 160-294 |



|                                      | Paginas |
|--------------------------------------|---------|
| Ignacio Lustoza de Andrade . . . . . | 534     |
| Ignacio Preto . . . . .              | 160     |
| Ignacio Preto Bueno . . . . .        | 294     |
| Ignacio Taques de Almeida . . . . .  | 288     |
| Innocencio Preto . . . . .           | 153     |
| Itiberê da Cunha . . . . .           | 278     |
| Izabel Garcia Antunes . . . . .      | 157     |

## J

|  |         |
|--|---------|
| Jacyntho Manoel da Cunha . . . . .           | 278     |
| Jeronymo Antunes Maciel . . . . .            | 311     |
| Jeronymo Leme da Silva . . . . .             | 289     |
| Jeronymo Mendes dos Santos . . . . .         | 499     |
| Jeronymo Soares de Araujo . . . . .          | 310     |
| Jesuino Marcondes de Oliveira e Sá . . . . . | 374     |
| João Antonio de Castro . . . . .             | 285     |
| João Antonio da Silva Braga . . . . .        | 417     |
| João Antunes Maciel . . . . .                | 310     |
| João Baptista de Azevedo . . . . .           | 600     |
| João Baptista de Oliveira . . . . .          | 592     |
| João Baptista Prestes . . . . .              | 312     |
| João Barbosa Calheiros . . . . .             | 310     |
| João Bicudo de Proença . . . . .             | 315     |
| João Candido Ferreira . . . . .              | 433     |
| João Cardoso . . . . .                       | 160     |
| João Cardoso de Leão . . . . .               | 160     |
| João Carvalho de Assumpção . . . . .         | 458     |
| João Carvalho Pinto . . . . .                | 291     |
| João de Chaves de Almeida . . . . .          | 563     |
| João de Chaves de Siqueira . . . . .         | 160     |
| João Chrisostomo Pupo . . . . .              | 328     |
| João da Cruz Carneiro . . . . .              | 407     |
| João Esteves dos Reis . . . . .              | 560     |
| João Ferreira . . . . .                      | 256     |
| João Ferreira da Luz . . . . .               | 206     |
| João Ferreira de Oliveira Bueno . . . . .    | 423     |
| João Ferreira dos Santos . . . . .           | 463     |
| João França de Moraes . . . . .              | 161     |
| João Francisco Correia . . . . .             | 458-537 |

|  | Paginas |
|--|---------|
| João Gonçalves Franco . . . . .                  | 237     |
| João de Laya Leão . . . . .                      | 305     |
| João Leitner . . . . .                           | 542     |
| João de Loyola e Silva . . . . .                 | 215     |
| João Lustoza de Menezes . . . . .                | 529     |
| João Machado da Silva Lima . . . . .             | 263     |
| João Manoel da Silva Braga . . . . .             | 401-478 |
| João Manoel de Toledo . . . . .                  | 538     |
| João Martins Leme . . . . .                      | 292     |
| João Moreira do Couto . . . . .                  | 353     |
| João de Pinha . . . . .                          | 153     |
| Johann Rennow . . . . .                          | 554     |
| João Ribeiro do Valle . . . . .                  | 533     |
| João da Rocha Dantas . . . . .                   | 293     |
| João Rodrigues de França . . . . .               | 396     |
| João de Sant'Anna Pinto . . . . .                | 313     |
| João Severiano Cezar . . . . .                   | 279     |
| João da Silva de Abreu . . . . .                 | 579     |
| João Simões da Costa . . . . .                   | 306     |
| João de Souza Dias Negrão (o velho) . . . . .    | 328-536 |
| João Teixeira de Azevedo . . . . .               | 580     |
| João Velloso da Silva . . . . .                  | 163     |
| Joaquim Alvares de Araujo . . . . .              | 487     |
| Joaquim Antonio de Loyola . . . . .              | 219     |
| Joaquim de Camargo Penteado . . . . .            | 288     |
| Joaquim de Camargo Pontes . . . . .              | 315     |
| Joaquim da Costa Rezende . . . . .               | 153     |
| Joaquim Ignacio da Silva Pereira . . . . .       | 165     |
| Joaquim José do Amaral . . . . .                 | 201     |
| Joaquim José Bellarmino de Bittencourt . . . . . | 200     |
| Joaquim José de Carvalho . . . . .               | 164     |
| Joaquim José Ferreira Bello . . . . .            | 515     |
| Joaquim José Pinto Bandeira . . . . .            | 520     |
| Joaquim Marianno de Sá Ribas . . . . .           | 350-455 |
| Joaquim Matheus Branco . . . . .                 | 456     |
| Joaquim Pacheco da Silva Rezende . . . . .       | 399     |
| Joaquim de Paula Xavier . . . . .                | 477     |
| Joaquim Pinto Rebello . . . . .                  | 313-535 |
| Joaquim Ribeiro Ribas . . . . .                  | 350     |



|   | Paginas |
|---|---------|
| Joaquim Virgolino Gomes de Medeiros . . . . . | 417     |
| Jorge Hermano Meyer . . . . .                 | 542     |
| Jorge Marcondes de Albuquerque. . . . .       | 355     |
| Jorge de Souza Pedroso . . . . .              | 159     |
| José de Albuquerque . . . . .                 | 159     |
| José de Andrade. . . . .                      | 486     |
| José de Andrade Pereira . . . . .             | 312-473 |
| José Antonio do Amaral. . . . .               | 165     |
| José Antonio de Camargo e Araujo. . . . .     | 350     |
| José Caetano de Araujo . . . . .              | 346     |
| José Caetano de Oliveira. . . . .             | 358     |
| José Candido da Silva Muricy. . . . .         | 165     |
| José Cardoso de Leão. . . . .                 | 159     |
| José Celestino de Oliveira . . . . .          | 228     |
| José da Cunha Tavares . . . . .               | 291     |
| José Eugenio Teixeira . . . . .               | 601     |
| José de Faria Paes . . . . .                  | 159-305 |
| José Ferreira Bueno . . . . .                 | 483     |
| José Ferreira de Loyola . . . . .             | 224     |
| José Ferreira da Luz . . . . .                | 209     |
| José Francisco Correia . . . . .              | 356-548 |
| José Gabriel Leitão. . . . .                  | 307     |
| José Innocencio de França . . . . .           | 578     |
| José Joaquim da Costa . . . . .               | 518     |
| José Joaquim dos Santos. . . . .              | 346-406 |
| José Luiz Pereira . . . . .                   | 547     |
| José Machado da Silva Lima . . . . .          | 263     |
| José Marcellino Carneiro. . . . .             | 404     |
| José Mathias de Oliveira e Sá. . . . .        | 399     |
| José Nabo de Medeiros . . . . .               | 234-471 |
| José Nery de Santa Maria . . . . .            | 164     |
| José Nery da Silva. . . . .                   | 164     |
| José Nicolau Lisboa . . . . .                 | 289     |
| José Nunes Cardoso . . . . .                  | 161     |
| José Pedro da Silva Carvalho . . . . .        | 414     |
| José Pereira dos Santos Andrade. . . . .      | 197     |
| José Pinto Rebello. . . . .                   | 450     |
| José Reginato de Lima . . . . .               | 445     |
| José da Rocha Ferreira . . . . .              | 234     |

|  | Paginas |
|--|---------|
| José Rodrigues de Almeida. . . . .     | 430     |
| José Rodrigues Branco . . . . .        | 394     |
| José Rodrigues de França . . . . .     | 306     |
| José Rodrigues Teixeira . . . . .      | 289     |
| José dos Santos Lisboa . . . . .       | 290     |
| José dos Santos Pacheco Lima . . . . . | 428     |
| José Secundino de Oliveira. . . . .    | 216     |
| José Teixeira de Azevedo . . . . .     | 565-595 |
| José Teixeira de Oliveira. . . . .     | 240     |
| José Xavier Mathoso . . . . .          | 500     |

## L

|  |                     |
|--|---------------------|
| Lara . . . . .   | 45-558-564          |
| Laurentino Argêo de Azambuja . . . . .                 | 208                 |
| Laurindo Correia da Silva . . . . .                    | 576                 |
| Laya de Leão . . . . .                                 | 305                 |
| Leite Penteado . . . . .                               | 333                 |
| Leme Bicudo. . . . .                                   | 559                 |
| Leme do Prado. . . . .                                 | 293-470-519-522-585 |
| Leoncio Raphael de Moraes . . . . .                    | 241                 |
| Lima Pereira . . . . .                                 | 580                 |
| Linhares . . . . .                                     | 419                 |
| Lothario da Silva Pereira . . . . .                    | 244                 |
| Lourenço de Andrade. . . . .                           | 70-533              |
| Lourenço Castanho de Araujo. . . . .                   | 287                 |
| Lourenço Castanho Taques . . . . .                     | 287                 |
| Lourenço Leite de Sampaio. . . . .                     | 315                 |
| Lourenço Preto . . . . .                               | 160                 |
| Lourenço Rodrigues Teixeira . . . . .                  | 289                 |
| Lourenço de Sá Ribas . . . . .                         | 444                 |
| Loures . . . . .                                       | 458                 |
| Loyola . . . . .                                       | 215                 |
| Luciano de Almeida Mello . . . . .                     | 320                 |
| Luciano José de Chaves . . . . .                       | 586                 |
| Lucio Mendes de Almeida Sampaio. . . . .               | 348-456             |
| Luiz Antonio Gonçalves Franco . . . . .                | 237                 |
| Luiz Antonio Pires de Carvalho e Albuquerque . . . . . | 194                 |
| Luiz Castanho de Almeida . . . . .                     | 314                 |
| Luiz Castanho de Mello Leite. . . . .                  | 321                 |



|                                   | Paginas |
|-----------------------------------|---------|
| Luiz Góes Castanheda . . . . .    | 600     |
| Luiz Gomes da Silva . . . . .     | 234-502 |
| Luiz Palhano de Azevedo . . . . . | 530     |
| Luiz Romaguera . . . . .          | 204     |
| Luiz de Siqueira . . . . .        | 597     |
| Luiz de Souza Menezes . . . . .   | 302-528 |
| Lustoza . . . . .                 | 528-534 |
| Lustoza de Andrade . . . . .      | 534     |
| Lustoza de Siqueira . . . . .     | 466     |

## M

|  |             |
|--|-------------|
| Macedo Taques . . . . .                        | 462         |
| Machado Lima . . . . .                         | 263-303     |
| Maciel Sampaio . . . . .                       | 339         |
| Madureira . . . . .                            | 414         |
| Manoel Affonso Ennes . . . . .                 | 493         |
| Manoel de Almeida e Moraes . . . . .           | 319         |
| Manoel Alves Fontes . . . . .                  | 161-307     |
| Manoel de Andrade Pereira Telles . . . . .     | 311         |
| Manoel Antonio de Andrade . . . . .            | 312-535     |
| Manoel Antonio da Cunha . . . . .              | 478         |
| Manoel Antonio Ferreira . . . . .              | 553         |
| Manoel Antonio de Siqueira . . . . .           | 162-308     |
| Manoel Bonifacio Baptista . . . . .            | 416         |
| Manoel Cordeiro Ferreira de Loyola . . . . .   | 233         |
| Manoel da Costa Rosa . . . . .                 | 293         |
| Manoel da Cruz Carneiro . . . . .              | 401         |
| Manoel da Cunha Gago . . . . .                 | 293-396-580 |
| Manoel Dias Collaço . . . . .                  | 289         |
| Manoel Duarte de Camargo . . . . .             | 418         |
| Manoel de França Camargo . . . . .             | 447         |
| Manoel Francisco de Oliveira e Souza . . . . . | 480         |
| Manoel Gomes de Escobar . . . . .              | 590         |
| Manoel Gomes de Oliveira . . . . .             | 162         |
| Manoel Gonçalves Guimarães . . . . .           | 413         |
| Manoel Gonçalves de Moraes Roseira . . . . .   | 547         |
| Manoel Gonçalves Sampaio . . . . .             | 338         |
| Manoel Gonçalves dos Santos . . . . .          | 573         |
| Manoel Gonçalves de Siqueira . . . . .         | 161-291     |

|   | Paginas |
|---|---------|
| Manoel Homem da Costa . . . . .               | 559     |
| Manoel Ignacio do Valle . . . . .             | 235     |
| Manoel Joaquim de Jesus . . . . .             | 487     |
| Manoel José de Araujo . . . . .               | 317-342 |
| Manoel José Alves . . . . .                   | 394     |
| Manoel José Barbosa . . . . .                 | 424-457 |
| Manoel José de Faria . . . . .                | 235     |
| Manoel José de França . . . . .               | 550     |
| Manoel José de Souza . . . . .                | 164     |
| Manoel José Taborda Ribas . . . . .           | 485     |
| Manoel de Lima Pereira . . . . .              | 589     |
| Manoel Manso de Avellar . . . . .             | 341-590 |
| Manoel Marques Pereira . . . . .              | 445     |
| Manoel Martins da Rocha . . . . .             | 255     |
| Manoel Martins Valença . . . . .              | 338-592 |
| Manoel Mendes de Araujo . . . . .             | 346-407 |
| Manoel Mendes de Camargo . . . . .            | 348     |
| Manoel de Oliveira Assumpção . . . . .        | 291     |
| Manoel de Oliveira Franco . . . . .           | 480     |
| Manoel Pacheco de Albuquerque . . . . .       | 158     |
| Manoel Pereira de Andrade . . . . .           | 485     |
| Manoel Pereira dos Passos . . . . .           | 157     |
| Manoel Pereira da Silva . . . . .             | 164     |
| Manoel Picam de Carvalho . . . . .            | 582     |
| Manoel Polydoro . . . . .                     | 211     |
| Manoel Preto Bueno . . . . .                  | 160     |
| Manoel Ribeiro de Macedo Junior . . . . .     | 535     |
| Manoel da Rocha Carvalhaes . . . . .          | 291     |
| Manoel da Rocha Loures . . . . .              | 313     |
| Manoel Rodrigues da Motta . . . . .           | 562     |
| Manoel dos Santos Chaves . . . . .            | 155     |
| Manoel dos Santos Lisboa . . . . .            | 289     |
| Manoel Soares . . . . .                       | 308-532 |
| Manoel de Souza Dias Negrão . . . . .         | 246     |
| Manoel de Souza Pedroso . . . . .             | 159-531 |
| Manoel Teixeira de Oliveira Cardoso . . . . . | 237-557 |
| Manoel do Valle Porto . . . . .               | 158-163 |
| Manoel Vaz Torres . . . . .                   | 502-568 |
| Manoel Vicente de Moraes . . . . .            | 294     |



|   | Paginas |
|---|---------|
| Manso de Avellar . . . . .                  | 341     |
| Marceliano de Paula Marques . . . . .       | 449     |
| Marcellino Pires de Moraes . . . . .        | 310     |
| Marcondes de Albuquerque . . . . .          | 354-403 |
| Marcondes de Oliveira . . . . .             | 401     |
| Margarida Fernandes . . . . .               | 157     |
| Maria Garcia dos Reis . . . . .             | 157     |
| Maria Paes . . . . .                        | 157     |
| Marques dos Santos . . . . .                | 504     |
| Martins Lisbôa . . . . .                    | 290     |
| Martins Lopes . . . . .                     | 280     |
| Martins Rocha . . . . .                     | 255     |
| Matheus Ayres de Moraes . . . . .           | 596     |
| Matheus Correia Simões . . . . .            | 458-537 |
| Matheus Martins Leme . . . . .              | 157-286 |
| Matheus da Silva Leme . . . . .             | 163     |
| Mathias Taborda Ribas . . . . .             | 263     |
| Mathozo . . . . .                           | 528     |
| Medeiros . . . . .                          | 329     |
| Meira Collaço . . . . .                     | 567     |
| Meyer . . . . .                             | 543     |
| Memoria Historica . . . . .                 | 9       |
| Mendes dos Santos . . . . .                 | 499     |
| Miguel Domingues Teixeira . . . . .         | 289     |
| Miguel Fernandes de Siqueira . . . . .      | 560     |
| Miguel Francisco Martins . . . . .          | 292     |
| Miguel de Góes e Siqueira . . . . .         | 559     |
| Miguel Gonçalves de Lima . . . . .          | 234-420 |
| Miguel Luiz de Oliveira . . . . .           | 600     |
| Miguel Marques dos Santos . . . . .         | 504     |
| Miguel de Paula Xavier . . . . .            | 476     |
| Miguel Ribeiro Baptista . . . . .           | 568     |
| Miguel Rodrigues Seixas . . . . .           | 312     |
| Militão José da Costa . . . . .             | 577     |
| Minas de Ouro de Paranaguá . . . . .        | 101     |
| Motta Bandeira . . . . .                    | 513     |
| Motta Bastos . . . . .                      | 513     |
| Moura Britto . . . . .                      | 587     |
| Moysés Marcondes de Oliveira e Sá . . . . . | 403     |

|  | Paginas     |
|--|-------------|
| Müller Röhn . . . . .                      | 213         |
| Munhoz . . . . .                           | 235         |
| Munhoz da Rocha . . . . .                  | 255         |
| Muricy . . . . .                           | 165         |
| <b>N</b>                                   |             |
| Nabo . . . . .                             | 337         |
| Natel . . . . .                            | 454         |
| Natel de Camargo . . . . .                 | 455-481     |
| Nazario Ferreira de Oliveira . . . . .     | 307         |
| Negrão . . . . .                           | 246-535-576 |
| Nicolau Carrasco dos Reis . . . . .        | 560         |
| Nunes Pires . . . . .                      | 402         |
| <b>O</b>                                   |             |
| Oliveira Bueno . . . . .                   | 423         |
| Oliveira Cardoso . . . . .                 | 296-557     |
| Oliveira Ribas . . . . .                   | 350         |
| Oliveira Vianna . . . . .                  | 251         |
| Oscar von Meien . . . . .                  | 200         |
| Ouvidor Pardinho . . . . .                 | 147         |
| Ouvidoria de Paranaguá . . . . .           | 143         |
| <b>P</b>                                   |             |
| Pacheco . . . . .                          | 399         |
| Pacheco Lima . . . . .                     | 537         |
| Palhano de Azevedo . . . . .               | 595         |
| Paula Gomes (Francisco) . . . . .          | 502         |
| Paulo de Anhaya Bicudo . . . . .           | 594         |
| Paulo de Chaves de Almeida . . . . .       | 563         |
| Paulo Moreira de Albuquerque . . . . .     | 159         |
| Paulo da Rocha Dantas . . . . .            | 293         |
| Paulo Teixeira . . . . .                   | 297         |
| Pazes ou Cardoso Pazes . . . . .           | 295         |
| Pedro Alexandrino de Albuquerque . . . . . | 159         |
| Pedro Alves da Rocha Loures . . . . .      | 449-459     |
| Pedro de Carvalho Pinto . . . . .          | 305         |
| Pedro Celestino Bueno . . . . .            | 160         |
| Pedro Correia Leme . . . . .               | 161         |



|  | Paginas |
|--|---------|
| Pedro Ferreira Maciel . . . . .              | 431     |
| Pedro Fortunato de Souza Magalhães . . . . . | 431     |
| Pedro Lustoza de Siqueira . . . . .          | 463     |
| Pedro Marafigo . . . . .                     | 594     |
| Pedro de Siqueira Cortes . . . . .           | 529-597 |
| Pedro de Sá Ribas Nhônô . . . . .            | 352-454 |
| Pedro de Souza Leal . . . . .                | 530     |
| Pedro Teixeira da Cruz . . . . .             | 313     |
| Pedro Tibiriçá da Cruz Carneiro . . . . .    | 401     |
| Pedrosa . . . . .                            | 586     |
| Pereira de Oliveira . . . . .                | 543     |
| Pinto Bandeira . . . . .                     | 504     |
| Pires de Albuquerque . . . . .               | 194     |
| Placido de Góes Castanhedo . . . . .         | 559-561 |
| Placido de Góes Ribeiro . . . . .            | 594     |
| Polydoro José dos Santos . . . . .           | 164     |
| Ponciano Mendes de Araujo . . . . .          | 448     |
| Portugal . . . . .                           | 484     |
| Povoadores e Conquistadores . . . . .        | 49      |
| Prestes . . . . .                            | 311     |
| Provincia do Guayra . . . . .                | 39      |

## Q

|                   |         |
|-------------------|---------|
| Queiroz . . . . . | 330-409 |
|-------------------|---------|

## R

|                                      |         |
|--------------------------------------|---------|
| Raymundo José Sanabio . . . . .      | 395     |
| Rennow ou Rennó . . . . .            | 554     |
| Ribas . . . . .                      | 416     |
| Ribeiro Bayão . . . . .              | 293     |
| Ribeiro Baptista . . . . .           | 568     |
| Ribeiro Nascimento . . . . .         | 353     |
| Ribeiro da Silva . . . . .           | 287     |
| Ribeiro Vianna . . . . .             | 249     |
| Ribeiro do Valle . . . . .           | 533     |
| Ricardo José dos Santos . . . . .    | 489     |
| Ricardo José Taborda Ribas . . . . . | 536     |
| Ricardo dos Santos . . . . .         | 201     |
| Rocha Loures . . . . .               | 313-458 |

|                                    | Paginas |
|------------------------------------|---------|
| Rodolpho Ribas . . . . .           | 416     |
| Rodrigues Lisbôa . . . . .         | 289     |
| Rodrigues Seixas . . . . .         | 338     |
| Rodrigues Side . . . . .           | 558     |
| Roque de Siqueira Cortes . . . . . | 527-579 |

## S

|   |             |
|---|-------------|
| Sá Araujo . . . . .                             | 354         |
| Sá Ribas . . . . .                              | 350         |
| Salvador de Almeida Lara . . . . .              | 314         |
| Salvador de Albuquerque . . . . .               | 158         |
| Salvador Baptista Diniz . . . . .               | 339         |
| Salvador Correia Leme . . . . .                 | 161         |
| Salvador Domingues . . . . .                    | 286         |
| Salvador Fernandes de Siqueira . . . . .        | 289         |
| Salvador Martins Leme . . . . .                 | 288         |
| Salvador de Oliveira Gago . . . . .             | 286         |
| Sampaio Góes . . . . .                          | 324         |
| Santos Leal . . . . .                           | 530         |
| Santos Lima . . . . .                           | 539         |
| Santos Pacheco . . . . .                        | 537         |
| Sebastião Bonette de Siqueira . . . . .         | 593         |
| Sebastião de Carvalho Pinto . . . . .           | 291         |
| Sebastião Felix Bicudo . . . . .                | 559         |
| Sebastião Nunes Vareiro . . . . .               | 560         |
| Sebastião dos Santos Lisbôa . . . . .           | 290         |
| Sebastião dos Santos Pereira . . . . .          | 234-419     |
| Seixas . . . . .                                | 338         |
| Seraphim Ferreira de Oliveira e Silva . . . . . | 424         |
| Seraphim de Oliveira Ribas . . . . .            | 350-454     |
| Severo José de Almeida . . . . .                | 475         |
| Silva Braga . . . . .                           | 479         |
| Silva Valle . . . . .                           | 234         |
| Simão João Domingues . . . . .                  | 504         |
| Simão José Gonçalves de Andrade . . . . .       | 349-445-550 |
| Simão Simplicio Guimarães . . . . .             | 437         |
| Simão Cardoso de Leão . . . . .                 | 263-295     |
| Simão Cardoso Pazes . . . . .                   | 295         |
| Simão Gonçalves de Andrade . . . . .            | 536         |



|                           | Paginas                 |
|---------------------------|-------------------------|
| Siqueira Cortes . . . . . | 339-466-527-539-579-597 |
| Soares Paes . . . . .     | 308                     |

**T**

|                                       |             |
|---------------------------------------|-------------|
| Taborda Ribas . . . . .               | 475-485     |
| Taques . . . . .                      | 402-467     |
| Tavares de Lacerda . . . . .          | 454         |
| Teixeira . . . . .                    | 411         |
| Teixeira de Azevedo . . . . .         | 411-565-595 |
| Teixeira Cardoso . . . . .            | 296         |
| Teixeira da Cruz . . . . .            | 588         |
| Teixeira Nogueira . . . . .           | 319         |
| Theodoro de Siqueira Cortes . . . . . | 466         |
| Theophilo Fabiano Cabral . . . . .    | 444         |
| Thomaz Leme do Prado . . . . .        | 293         |
| Thomé Martins Bonilha . . . . .       | 287         |
| Thomé de Moura Dias . . . . .         | 561         |
| Tobias Pinto Rebello . . . . .        | 535         |
| Trifonio Cardoso Pazes . . . . .      | 263-295     |

**V**

|   |         |
|---|---------|
| Vaz Torres . . . . .                    | 568     |
| Venancio José de Almeida . . . . .      | 590     |
| Vianna . . . . .                        | 249     |
| Vicente Cardoso Leal . . . . .          | 569     |
| Vicente Ferreira da Luz . . . . .       | 165     |
| Vicente Ferreira de Loyola . . . . .    | 215     |
| Vicente de Góes . . . . .               | 561     |
| Vicente Polydoro Ferreira . . . . .     | 165     |
| Victor Marianno Ribas . . . . .         | 416     |
| Virmond . . . . .                       | 407     |
| Virissimo Carneiro dos Santos . . . . . | 401     |
| Virissimo José Marcolino . . . . .      | 342     |
| Visconde de Guarapuava . . . . .        | 346-406 |

**W**

|                      |     |
|----------------------|-----|
| Westphalen . . . . . | 428 |
|----------------------|-----|

**X**

|                        |     |
|------------------------|-----|
| Xavier Bueno . . . . . | 472 |
| Xavier Pinto . . . . . | 473 |

**Z**

|                                     |     |
|-------------------------------------|-----|
| Zacharias de Paula Xavier . . . . . | 484 |
| Zanardine . . . . .                 | 404 |





## ERRATA

Na pagina 83, linha 20, onde diz:

8 Sargento-mór Antonio Rodrigues de Lara, filho do Capitão-mór Gabriel de Lara, casado em Curityba com Antonia Luiz Demarins, etc., leia-se:

8 Sargento-mór Antonio Rodrigues Lara, filho de Antonio de Lara e de sua mulher Antonia Luiz Demarins; neto pela parte paterna do Capitão-mór Gabriel de Lara e de sua mulher Brigida Gonçalves; neto pela parte materna de Antonio da Matta e de sua mulher Maria de Pinha.

Era casado com Maria Rodrigues Antunes, filha de Antonio Rodrigues Side e de sua mulher Maria Side da Cunha.

Na pagina 124, linha 9.<sup>a</sup>, onde diz: . . . Arrayal Grande, leia-se: Arrayal de Penajoia.

Na pagina 273, penultima linha, onde diz: . . . luctador indefeso, leia-se: luctador indefesso.

Na pagina 398, no final della, onde diz: . . . Capitão Hyppolito Alves de Araujo, leia-se: Capitão Hyppolito José Alves.

Na pagina 441, 1.<sup>a</sup> linha, onde diz: . . . filho de Joaquim Pinto de Amorim, etc., leia-se: filho de João de Aguiar e de sua mulher Maria de Aguiar.

Na pagina 503, 23.<sup>a</sup> linha, onde diz: . . . tinhão para elle, leia-se: tinha para elle, etc.

Provavelmente existirão outros pequenos erros que o benevolo leitor facilmente os corrigirá.

Com lealdade confessamos que, a não ser o erro typographico de pagina 273, todos os demais erros indicados são do original, tal a competencia artistica e profissional do habil compositor typographico Snr. Augusto Wekerlin, a quem rendemos esta homenagem.

Acabou de se imprimir nas officinas da

IMPRESSORA PARANAENSE

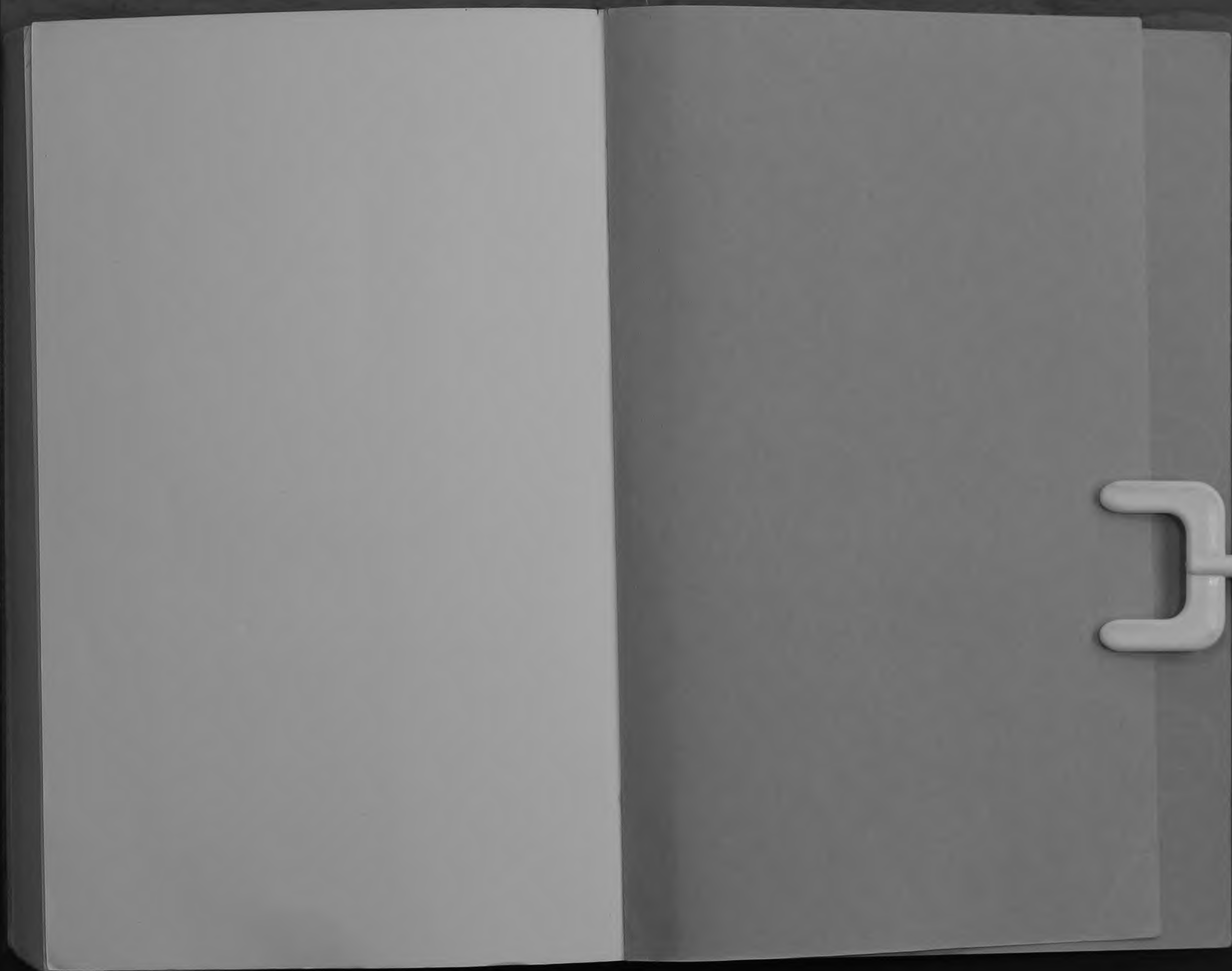
CURITYBA

aos 19 de Agosto de 1926.











**14 DAY USE**  
**RETURN TO DESK FROM WHICH BORROWED**  
**LOAN DEPT.**

This book is due on the last date stamped below,  
or on the date to which renewed. Renewals only:  
Tel. No. 642-3405  
Renewals may be made 4 days prior to date due.  
Renewed books are subject to immediate recall.

JAN 2 1974 '75

REC. CIR. JUN 20 '77

INTERLIBRARY LOAN

JUN 24 1977

UNIV. OF CALIF., BERK.

REC. CIR. JUN 14 '77

OCT 03 2014

SENT ON ILL

MAY 18 2015

U.C. BERKELEY

LD21A-30m-10,'73  
(R3728s10)476-A-30

General Library  
University of California  
Berkeley



